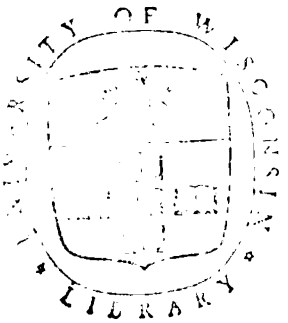
AP
.C835
1-33

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 1) Publica-se todos os Sabbados. (Janeiro 4, 1840.

O Cosmorama Litterario, como ja o publicámos em o nosso Prospecto, é o Jornal de uma sociedade de mancebos unicamente creada para progredir na carreira de sua illustração. — Quanto não é, porem, para admirar, que apezar de tantos obstaculos que facilmente se antevêem, podesse crescer até certo ponto uma arvore apparentemente tam debil de seu tronco, plantada em terreno tam desabrigado, sem outras mais que lhe possam servir de abrigo, quando contra ella se desatarem enfurecidos esses ventos devastadores, que tudo asolam e queimam com seu halito resequido; quando lhe vierem revolver a terra em que tem implantadas as raizes, para juntamente as levarem com os demais destroços de outras tantas cousas, que mais poderosas que ella lhes não poderam resistir: — Vento de morte, que tam formosas seáras tem consumido em nosso desventurado paiz, que aliás tam cheias de vida pareciam querer para o futuro ostentar-se com os primôres de sua agricultura. — Quanto não é para admirar, digamos nós, que os mesmos furacões ainda o não tenham desarreigado do sólo que a viu nascer, e aonde umas após d'outras teem saïdo malogradas tam formosas esperanças de futuro. — Será acaso porque nóvas circunstancias mais propicias lhe mudaram o terreno, e outra atmosphera o rodêa e vivifica com seu influxo regenerador? — Talvez: — Eis aqui a idéia que procuraremos desenvolver no curto espaço deste artigo, mostrando, que essa terra, que todos inculpam de sáfara, baldia e inteiramente esgotada, ainda o não está de todo, e só aguarda mais prosperos eventos para se ostentar qual em outros tempos foi já, tam rica e formosa com suas proprias gálas.

Rirão, talvêz, os que já em nada creem; mas para esses não é que nós escrevemos: — as nossas regras são traçadas por mão, que toda estremece ainda, quando no peito o coração nos pulsa com maior violencia; quando todos cheios ainda de esperanças, julgamos que o futuro nos chama, e nelle crêmos com todo o nosso crêr de mancebos. — A estes pois, que não aos outros que mal nos poderiam compreender, dirigimos as nossas paginas, e que a sua protecção nos venha, não de considerações particulares, mas d'esse amor fraternal, que pela uniformidade de ideias estabelece as sympathias.

Tal tem sido entre nós a revolução no modo de pensar: — circunstancias ha em que uma nação precisa de commoções fortes, e de violentos abálos, para que a deslocalisem (permitta-se-nos a expressão) d'esse ponto estacionario, aonde o seu intellectual parece estar adormecido: — porque, o querer já fazer-lhe seguir as suas antigas verêdas; o querer, animando-a, faze-la caminhar, qual outr'ora caminhou, é, senão extemporaneo e inutil, inteiramente prejudicial para o seu adiantamento civilisador e moral. — O fito das idéas de uma época, não é o mesmo que o das épocas devolutas, que se vão perdendo no progredir dos tempos: — os homens de hoje, não podem, nem devem ja caminhar como os homens do passado; e si os novos caminhos, que se lhes apresentam, são a principio de escabroso accesso, são todavia os uniços que Deus lhes tem marcado para os levar até á terra de sua promissão.

Terra de promissaõ lhe chamamos nós?... e que outra cousa melhor lhe poderiamos chamar?... qual outra ha hi que mais se lhe faça desejada, senão é a da sua regeneração? — Terra pois de promissão moral, aonde o seu pensamento adêja, e aonde infalivelmente terá de entrar. — Terra de promissão, que como um desejo de outra vida se insinúa no coração do homem vançado ja de vêr frustradas todas as suas esperanças no presente; e que olha para o futuro, como o unico ponto, d'onde lhe poderá vir esse horizonte de felicidade, por quem todo o seu coração almeja. — E este desejo não penseis, que seja só nosso, o dos mancebos d'esta época; como isto é de convicção pura, facilmente se apoderou de todos; e esses mesmos que bem calculam, que para

Digitized by Google

elles não terá de ser o meiodia d'essa luz propicia, todos se elegram e congratulam já pela ter visto nascer, e se contentarão, si ao cerrar-lhes os olhos a mão da morte, poderem, ao menos, entrever ao longe esta terra de promissão para seus filhos e netos.

Terra de promissão bafejada de melhor influxo, abraçada e aquecida por um céu mais risonho e protector; — terra, onde afinal, entraremos levados pelo nosso amor; mas que primeiro teremos de resgatar á custa de nossas passadas desgraças e de nossos sacrificios no presente. — Ali, depois que houvérmos plantado a nossa arvore da liberdade, então nos será dado repousar á sua sombra para morrer; felizes, com tudo, por podermos contar com o futuro de nossos filhos, a quem doctrinaremos com a historia de nossas disgraças, para que se não vejam accomettidos da mesma lepra do egoismo, que nos ia paralysando os movimentos, e quasi nos tinha mirrado até á medulla dos ossos. — Fortes então de nossos exemplos, estes se abalançarão no caminho da vida, e com o nome de seus pais na boca, com o livro de sua lei nas mãos, nada lhes poderá empecer, e a obra será feita e rematada tal, como a Deos prouvér, que o homem goze da felicidade perfeita, cá sobre a terra!...

Que horisonte, pois, tam risonho e dourado de esperanças se nos não descortina no futuro? — a vista que o vê, — o coração que o sente, todo se repassa de um sentimento religioso; e como o primeiro povo doctrinado pelos seus santos patriarchas, n'elle muitas vezes julgou distinguir as fórmas aëreas do seu Deus; do mesmo modo os filhos de sua época, em seu santo enthusiasmo, para elle erguerão os braços, e comsigo dirão tambem: = HIC DIGITUS DEI EST!

Quanto se não maravilharia o que houvesse agora de querer mergulhar no passado: para ahi seguir os passos que o espirito humano deu, primeiro que chegasse a esses resultados. — Que differença não encontraria entre estes tempos de agora, e os que já não são!.... entre este viver, e a vida quasi material dos outros seculos. Elle poderia então vêr como de dia para dia se foram quebrando os laços da antiga sociedade, em quanto que outros lhe ião sendo substituidos: — mas n'esta mesma substituição de cousas, quantas vezes, ao despedaçarem-se as antigas fórmas, não julgaria ouvir ainda um como prolongado gemido de dôr por lhe haverem levado tam profundamente ao coração o ferro, que o devia curar! Quantas vezes lhe não pareceria que tudo estava prestes a desfazer-se; que tudo se desorganisava, e perdia o equilibrio de suas forças?.... — Terriveis têem de ser sempre as transiçoens de um povo para outras fórmas de vida social, quando as antigas têem a seu favor a força do habito, e essa especie de prestigio religioso, que lhes dá o tempo cobrindo-as de sua crosta, como para attestar aos homens a ancianidade e sua duração!

Eis porque largo tempo, primeiro que os homens ataca-las, pesam os homens todas as considerações: porque largo espaço antes de as demolir, de dia para dia se vão alevantando mais fortes e em maior numero; até que a final ûa mão forte, um d'esses homens predestinados para o seu século ábre os diques á torrente, que tam de largo e longe lhe andava murmurando, e a espraia com esse impeto, que nada pode conter em quanto tem de durar o seu impulso.

Eis aqui o que é uma revolução: — Si lhe quizerdes saber a origem, tereis de andar desvairado, como o viajante que no meio do deserto procura descubrir as nascentes do Nilo — si lhe quizerdes saber os fins, tereis de prophetizar para o futuro. — Presente, passado e futuro, eis ahi o que encerra; e quem se gabará jamais de haver comprehendido todo o passado, de haver entendido todo o presente, e de ter descortinado todo o futuro!... — Temeroso é o nome de revolução; pois como em si traz a idéa de melhoramento, traz tambem a de morte e exterminio; como se a vida tivesse sempre de depender da morte, como se esta não fosse mais do que um passamento, mas um passamento terrivel para outra melhor existencia. —

Quando um povo, qualquer que seja no presente a sua situação, sente a necessidade de regenerar-se, que fôrças se lhe poderão jamais oppôr para o desviar dos novos caminhos que intenta seguir? — Si por algum tempo o julgardes adormecido, ou inteiramente deslembrado do seu primeiro intento; ponde o ouvido á escuta sobre o coração do homem, e ahi vereis, que lhe fermentam ainda com maior fôrça esses mesmos desejos, que para sempre julgastes desvanecidos. — Ide depois ás tribunas, ás praças publicas, aonde os sentimentos d'esse mesmo povo francamente se publicão; visitai o pobre na sua rustica choupana, como o rico nas suas moradas sumptuosas; elevai-vos depois sobre todos estes, e dizei alto o que vistes = destruição? = não, por certo; = vida e progresso intellectual. =

Tal é em resumo o nosso viver no presente, porque todos exestimos ja para o futuro: — porque bem conhecemos a alta missão, que os tempos nos mostraram dever ser a nossa, a dos filhos d'esta época. — Mas perguntar-nos-iam, se essa verdade é tal como dizeis, por que razão a sua luz não esclarece egualmente a todos os homens?... porque tereis de combater ainda para o provar?... — Homens ha que tam aferrados estão a seus antigos ha-

Digitized by Google

AP
C835

 101537

bitos, que pensam que tudo se destroe, se tudo se muda: — homens, para quem o viver material é tudo, e que se ligam ás sociedades, como esses arbustos que se pegam aos muros derrocados; que sem fôrças para se elevarem a descuberto, receam que, si o muro crescer, se lhes não despeguem as raizes: — outros que de tudo parecem escarnecer, e quando lhes falardes em melhoramento futuro, vos responderão = *impossibilidade* =: irão depois buscar argumentos fundados em mil circunstancias diversas, para com o passado quererem desmentir esse futuro, de que lhes fallais: finalmente, homens que não podendo compreender-vos, vos taxarão de espirito fraco, e visionario. — Para elles o presente é tudo o que pode ser; e em quanto lhes fallardes d'esses poucos restos de huma gloria nacional, já quasi extincta. que do passado se lhes reflecte, seu orgulho está satisfeito, e a sua nacionalidade tranquilla.

Mas não é essa gloria que actualmente só nos occupa; — nossas vistas se estendem mais longe, e na que ambicionamos se acham compreendidos os dezejos de todos os homens: — a nossa missão no presente é toda humanitaria. — Eis ahi qual deverá ser tambem a nossa revolução civilisadora; — uma tal idéa só nos poderia vir de huma origem divina; qual foi ella? a do christianismo: — mas o christianismo do seculo 19, que é todo moral e philosophico: já não ha medo de voltar aos antigos abusos e superstições: as doctrinas do Homem-Deus serão por todos conhecidas; e então a moral se abraçará com a philosophia, e os homens todos com a religião. — O christianismo não é para o pensamento, senão o que a liberdade é para as acções do homem; — Christianismo e Liberdade, eis pois o ahi caracter distinctivo do seculo presente, e a sua missão sublime, a de fundir estas duas idéas para não dar na mesma expressão, senão uma e a mesma cousa.

E então, para este sólo que tam productivo foi já, tornarão de voltar os mesmos influxos de vida: — não somos nós os que menos havemos soffrido; o que na historia de uma civilisação, é já alguma cousa em nosso favor: — o nosso sólo, manchado pelo sangue de seus filhos, será o sudário que de nossos padecimentos teremos de mostrar: mas sobre elle, segundo nos parece, a arvore da liberdade regada, e cimentada com o nosso sangue, terá de crescer mais bella e fastosa, e entre nós se elevará medeaneira, como a cruz do martyrio, entre o ceu e a terra!

NOTICIA SOBRE A VIDA DE

Schiller.

Escrever a biographia de um author tam accreditado na republica litteraria, e de tam subido quilate, como é Schiller, é cousa não só difficultosa, como impossivel nos curtos espaços de um artigo de Jornal, que nunca se deve arredar do = *variatio delectat*. Todavia, tendo de dar aos nossos leitores (como já n'este numero vamos cumprindo a promessa) algumas traducções de suas poesias, que por ventura não deixarão de agradar, pois d'elle são, insigne poeta, julgámos a proposito dizer algumas regras sobre sua vida, onde se pode vêr, (e oxalá o exemplo podesse servir,) como por mais que a educação queira mudar o genio do individuo, sempre elle segue a sua vocação cá na terra a despeito de de todos os obstaculos; e mostrando egualmente, que obras ha na apparencia innocentes, mas que produzem ás vezes resultados bem desaventurados e prejudiciaes, como foi a sua tragedia *Os Salteadores*.

João Christovão Frederico de Schiller, nasceu em Marbach, pequena cidade de Wurtemberg, a déz d'Agosto de 1759. — Diz-se que durante a guerra dos trinta annos, seu pai havia servido como cirurgião do exercito, e que as primeiras lições, que este mandara dar á seu filho, lhe foram ensinadas pelo sacerdote Moser. Contava apenas nove annos de edade, quando pela primeira vez o levaram a uma representação dramatiça em Ludwigsbourg; apezar porem da sua pouca edade, a impressão, que este spectaculo produziu sobre o joven poeta, foi tam profunda e duradoura, que para sempre pareceu decidir da sua vocação para o futuro. A contar d'este momento, em todos os brincos de sua infancia appareceram sempre, mais ou menos pronunciadas, as lembranças, que do theatro de Ludwigsbourg lhe haviam ficado: foi-lhe, comtudo, forçoso, apesar de sua decidida inclinação, sujeitar-se á vontade seu pai, que havia resolvido aplica-lo ao estudo, para que seguisse a vida ecclesiastica. — Mas bem prestes se desgostou da aridez e subtilesas de toda a theologia, e por isso se resolveu a estudar a jurisprudencia, que não tardou tambem a produzir-lhe o mesmo enojo: — a medecina foi depois o seu estudo; parecendo que percorrendo por este modo todas as sciencias, ia como em busca da que realmente deveria seguir, e para a qual tinha nascido. — Era assim, que entregando-se á leitura de Klopstock e de Shakspeare, seus authores favoritos, os livros da jurisprudencia,

Digitized by Google

sobre os quaes se via obrigado a passar parte do tempo, se iam involuntariamente carregando com os debeis ensaios do futuro poeta.

Entretanto, apezar de uma vida tam descuidosa, Schiller chegou a ser cirurgião, e como tal entrou no serviço de um corpo militar, como para se subtraïr ainda, por algum modo, ao desgosto que esta profissão lhe causaria. —

Foi por este tempo, que elle travou amisade com Dalberg, director do theatro de Manheim; e, em 1781, deu á luz a sua tragedia, intitulada = *Os Salteadores*, = que tam fervorosamente foi acolhida por toda a Allemanha. — E'cousa bem sabida o vivo enthusiasmo. que esta obra excitou em toda a mocidade de seu paiz, e os desastres que d'ahi se seguiram; pois não só contentes com o mostrarem-se publicamente seus zelosos partidarios, muitos mancebos de boa conta se foram pelas florestas e devêsas dos bosques, para imitarem em tudo completamente a vida aventureira e vagabunda dos heróes, que Schiller tinha creado em sua producção.

Então Schiller teve de expatriar-se, para se subtrahir ás perseguições, que contra elle se começavam a declarar, por essa especie de licença e liberdade, que nos seus escriptos havia manifestado, — *A conjuração de Fiesque*, *A intriga e o amor* foram ainda, apesar de todas estas alternativas de fortuna, e trabalho em que elle occupou o resto d'aquelle anno.

Finalmente elle houve de ceder ás instancias de seu amigo Dalberg, e no anno seguinte entrou para compositor do theatro de Manheim.

Querer agora enumerar os triunphos, que ahi alcançou, fôra por ventura, sobre fastidioso, inutil trabalho: baste dizer que a affeição publica lhe era toda a seu favor. — De Manheim se passou, em 1785, para Leipsig, aonde se encontrou com Goethe, e desde então a sua fortuna começou a mudar de face. — A instancias d'este ultimo poude obter uma cadeira de historia em IENA, e a este acontecimento de sua vida è que talvez são devidos os trabalhos em prosa, que existem d'este author: escreveu uma collecção de memorias sobre o seculo 12 até quasi aos tempos modernos, e a sua historia dos = trinta annos = — Como podia então contar com a certeza de sua subsistencia para o futuro, todo se deu ao estudo; e só p'alguns descanços que se permettia, os vinha passar para uma pequena casa de campo, que perto dos arrabaldes da cidade havia mandado construir. — A sua amisade com o celebre REINHOLD fez com que tambem se applicasse ao estudo da philosophia, e durante esse espaço de tempo publicou o tratado sobre a tragedia, e alguns ensaios sobre a poesia sentimental.

Finalmente, Schiller tinha tocado o apogêu de sua gloria, e tudo quanto d'elle então se esperava, ja não podiam ser senão obras primas: em 1803, para 1804, appareceram duas composições suas, — *a Desposada de Messines*, *e Guilherme Tell*, que foram seguidas de mais algumas outras, tanto originaes como imitações. — No fim da sua carreira, occupava-se ainda de uma nova tragedia; mas a morte veio dar mate a tam gloriosos trabalhos. —

Eis aqui como, depois de uma vida tam agitada, terminou seus dias um dos homens, que Allemanha contará sempre entre os de sua grande nomeada. — Abaixo damos a versão do seu — *Mergulhador* — que por ventura agradará a nossos leitores, tanto pela sua simplicidade, como pela poesia e frescôr que encerra.

O Mergulhador.

Pagens, ou Cavalheiros, qual de vòs ousará mergulhar n'este sorvedouro? A elle arremeço minha taça, ja o negro barathro a sumiu: aquelle que a fôr buscar, pode guarda-la, é sua, eu lh'a dou.

Assim fallou o rei; e do cimo do rochedo altissimo inclinado sobre o mar, havia já arremeçado a taça d'ouro ás bramidoras ondas de Carybdis. — Eu o repito, qual d'entre vós terá a coragem de ir soudar o abysmo?..

Pagens e Cavalleiros que o cercam ouviram suas palavras, mas nenhum respondeu; olhavam para as ondas indomaveis, mas nenhum queria ganhar a taça d'ouro: e pela terceira vez o rei exclamou: — não haverá ninguem que ouse mergulhar no abysmo?

Todos ficavam em silencio, como d'antes. — Então, um joven pagem com ár rosoluto sáe do meio de seus timidos companheiros; tira o cinto, arremeça o manto, e todos os espectadores, homens e mulheres, olhavam com admiração para o corajoso mancebo.

E como avançasse até á ponta do rochedo, olhando para o abysmo, vê as ondas, que ahi estavam encerradas serem arremeçadas com furioso estrepito por Carybdis; — ellas saltam, rugem e retumbam como o sôm do trovão.

As vágas fervem, remoinham, quebram-se e bramem como se fossem agitadas pelo fogo: uma poeira de espuma se eleva até ás nuvens: as ondas se succedem ás ondas, sem que o pégo pareça exhaurir-se, ou diminuir, como si o mar vomitasse um outro mar.

A final a impetuosidade das ondas se aplaca; e atravéz de sua branca espuma, o sor-

Digitized by Google

vedouro mostra sua fauce immensa e sombria, como si o abysmo penetrasse até aos infernos. — Veem-se as ondas ferver, e, violentamente agitadas, retirarem-se para o fundo do sorvedouro.

N'esse momento, antes que as vágas tornem a subir, o joven pagem se recommendou a Deus, e... um grito de horror resoou ao longe. — Já o negro turbilhão o arrastou comsigo, e a fauce do monstro se fechou misteriosamente sobre o audacioso mancebo.... — já se não vê.

E tudo ficou tranquillo, como d'antes, na superficie do barathro profundo; sómente um como surdo gemido se fez ouvir no fundo das aguas. — Adeus, corajoso mancebo, — eis as ultimas palavras, que de boca em boca resoáram: e o ruido cada vez se tornou mais surdo, e cada momento de demora redóbra a agonia e o terror.

Agora poderias arremeçar tua corôa, e dizer — o que a trouxer, poderá guarda-la, e ser rei; = não, a ninguem seduziria tam preciosa recompensa. O que o barathro horrivel occulta em suas profundezas, jamais mortal algum se gabará de o revelar na estancia dos vivos.

Ah! quantos baixeis não teem sido levados pelo turbilhão, e soçobrado debaixo do pezo de seus vagalhões! — Sempre prompto a devorar, o abysmo não vomitou senão destróços de mastros e quilhas. —

E a cada passo o rugido das vagas se torna mais espantoso, e parece que se aproxima mais e mais.

As vagas fervem, remoinham, quebram-se e bramem como se fossem agitadas pelo fogo; uma poeira de espuma se eleva até ás nuvens; as ondas se succedem ás ondas; os vagalhões se elevam da terrivel caverna; estalam e retumbam como o som do trovão.

Mas, eis que do seio das lividas aguas se veem sair dois braços nús, e alvas espadoas, como as da côr do cisne. — Quem é que combate com tanta coragem e perseverança? — O joven pagem: na mão esquerda elle traz a taça, que agita com demonstrações de alegria.

Arquejante e convulso, a largos sorvos seu peito respira o ár que o rodeia; e o pagem fitando os olhos no céu sauda com prazer a sua divina claridade. — Ei-lo, ei-lo ali, diziam todos, o sorvedouro o não engoliu; vivo saiu o heróe do túmulo, triumphante do abysmo, e de seus turbilhões!

Cercado pela alegre chusma, elle se adianta, e cahindo aos pés do rei, de joelhos lhe offerece a taça. — A um acceno d'este, sua filha a enche trasbordando de um vinho generoso; e o joven pagem assim lhes falia.

» Salve, ó Rei! — Que ventura não é o respirar á clarida de do dia! Como tudo é horrivel lá em baixo, nas profundezas do pégo! — Que nunca o homem ouse desafiar os deuses; que nunca, oh! nunca, cuse prescrutar o que a sabedoria dos immortáes occulta nas trévas, e no horrôr!

» Com a rapidez do relampago eu fui levado até ao fundo do abysmo; ahi, uma torrente impetuosa, saïndo pela fenda de um rochedo, caïu sobre mim; e o dobrado impulso de duas correntes furiosas me fez voltear, como entre as mãos de uma creança se agita o fragil objecto de seus caprichos: — já não podia resistir.

» Deus, que invoquei então, n'este perigo imminente e espantoso, me fez ver a ponta de um rochedo, que do fundo do mar se alevantava: com braço trémulo me agarrei a ella, e pude assim escapár á morte: e a taça estava ali, prêsa em um ramo de corál, que a havia suspendido sobre o fundo do abysmo.

» Porque, a uma immensa distancia, minha vista podia ainda mergulhar atravéz de uma obscuridade avermelhada; e posto que nada podesse ouvir no eterno silencio que ali reinava, meus olhos distinguiam, com horror, salamandras, reptis e drágos, que se revolviam n'aqnelle horrivel respiradouro dos infernos.

» Ali, se agitavam promiscuamente hediondos grupos e sórdidos montões de arráias, de cães marinhos, de monstruosos esturgeoens, e o crocodilo, essa terrivel hyêna dos máres, me espantava tambem, mostrando-me seus dentes ameaçadôres..

» E eu estava ali suspenso, com o triste sentimento dos perigos que corria; longe de todo o humano soccorro, unico ente sensivel no meio de tantos sêres disfórmes, abandonado n'uma horrorosa solidão, e a uma profundidade tal, onde não podia entrar a vóz de meus semelhantes, cercado dos monstruosos povoadôres d'aquella lúgubre região.

» Estremeci, quando vi milhares d'elles se approximarem, e cercarem-me repentinamente para me devorarem. — Convulso, e todo tomado de horror, larguei o ramo de corál com que me havia abraçado, e no mesmo instante o turbilhão furioso me arrebatou na sua impetuósa carreira: — foi a minha redempção, porque de novo me trouxe á superficie do abysmo. »

O rei se mostrou por alguns momentos surpreendido. — » é tua a taça, lhe diz elle, e teu será tambem este anél, aonde brilha o mais precioso diamante, si ousares, ainda outra vez, ir ao fundo da vorágem para me dáres outras noticias do que se passa lá em baixo nas profundezas do már. »

Sua filha, que o estivéra ouvindo com uma terna commoção, lhe supplica então dest'ar-

Digitized by Google

te, com uma voz enternecedora; — » Desisti, ó meu pai, desisti d'esse divertimento cruel: só para vos obdecer, elle ousou tentar o que ninguem ousaria; e si tanto vos custam a conter os desejos de vossa curiosidade, que os mais cavalleiros ousem mostrar, si excedem o ardimento do joven pagem. »

Então, o rei tomando arrebatadamente a taça a arremeça com impeto outra vez á vorágem: « — Si a trouxeres, lhe diz elle, eu te proclamarei o mais bravo dos cavalleiros, e, esposo feliz, poderás apertar em teus braços aquella que com sua terna supplica, tam francamente te mostrou a sua carinhósa affeição. »

Uma fôrça sobrenatural se apoderou do joven pagem ao ouvir estas palavras: a audacia brilhou em seus olhos: viu a joven belleza corar, empallidecer, e caïr desmaiada; quer ganhar tam nobre recompensa, e com risco de vida se arremeça novamente á vorágem. — O viu-se, ao caïr, o rugido das vágas, que novamente tórnam a subir, e se annunciam com o estrondo do trovão. — Inclinados sobre o abysmo, todos parecem sonda-lo com vista inquiridora: — o vagalhão sóbe, eleva-se ainda, e rebrâma depois no fundo do abysmo; mas já não trar comsigo o joven pagem. —

A Vida.

Oh, quando o homem foi lançado n'este mundo, se tezumisse a sua missão nas commodidades da vida: si o sublime pensamento do Creador *ab æterno*, quando ao sexto dia se realisou, depois de creada toda a natureza, em sua formação, podesse limitar-se a comprender um ente inteiramente material; não merecera o homem, por certo, o titulo de rei da natureza, nem o mais aventurado ainda de filho eleito de Deus. Animou-o porem, deu-lhe a vida e uma alma, e com ella a razão e a liberdade, inergicas potencias, faculdades divinas, com que raciocina, e delibera; com que pensa, ajuiza e deduz, escolhe prefere, e depois obra. D'ahi vem a sua missão de adorar a Deus em suas obras, de venerar o Creador no procreado, o Sempiterno Architecto em seu edificio infinito; e ahi teve tambem principio esse desejo innato de saber, sem o qual não fôra homem, nem houveram jamais sciencias.

Lançado, pois, no meio da natureza, e rodeado de seus encantos, houve de ceder a esse desejo, que dentro n'alma o convidava a prescrutar taes e tantas maravilhas; = a perceber e admirar: =

Então lançou os olhos em redor de si.... e que viu?

Viu materia formando e moldando corpos, e corpos dissolvendo-se e reduzidos a materia; = viu uns, que haviam por dotes, a sensibilidade, liberdade de movimentos, spontaneidade de acções, nutrição, e reproducção; = e a esses chamou animaes.

Viu outros, que tinham vida tambem, que se nutriam, e reproduziam, mas a quem faltava a sensibilidade (1), e que ligados ao sólo em que nasceram, não teem a faculdade do movimento spontaneo; = e a esses chamou vegetaes.

Viu finalmente outros, que não geravam, nem reproduziam, que não se nutriam, mas cresciam, que não se moviam, mas careciam de um impulso, para se deslocarem: — e a esses chamou mineraes.

D'ahi vem a grande divisão dos corpos da natureza em reino mineral, vegetal, e animal; ou melhor, em organico e inorganico; compreendendo aquelle os dous ultimos, e correspondendo este ao primeiro. —

Fundada foi esta divizão n'aquillo a que chamam vida, que ninguem ainda poude definir, mas cujos fenomenos sensiveis se manifestam claramente em uns, posto que em outros corpos são inteiramente occultos e imperceptiveis.

Ora é d'ahi, que deriva o admittirem-se duas naturezas; uma organica, viva e agente; — outra inorgânica morta e inerte: = é d'ahi que resulta o crer-se na existencia de um corpo, e chamar-se-lhe morto: em suas acções, e dizer-se inerte; e é d'essa mania de generalisações, que resultou o grande erro commettido nas sciencias.

Estamos nós persuadidos, que nada ha de inerte na natureza, que tudo tem vida, e é animado: por que tudo nasce, cresce, vive, morre, ou se dissolve. Elementos geraes distribuidos no globo egualmente, são os principios geradores dos corpos, porque estes ou simples ou compostos de um ou mais são formados.

Mas as operações intimas da natureza, quem ha ahi, que as descortinasse! Quantos filosofos se não teem abalançado á descuberta d'essa lei, que prezide á formação da materia, quantos naturalistas systematicos não hão avançado e expendido doctrinas, que expliquem a creação dos corpos da natureza! e qual é d'entre elles, que por mais seu namorado, que fosse, lhe alcançou roubar o segredo do seio, qual d'entre os milhares de systemas e doctrinas explica satisfactoriamente

(1) Note-se, que ha vegetaes que parecem gozar d'esta faculdade? — aqui voltaremos. —

Digitized by Google

os fenomenos naturaes?... ainda nenhum o obteve, ainda nenhuma teve esse resultado.

Exforços baldados, tentativas vãas, teem sido as d'esses homens, que nos maravilham com sua erudicção immensa, com seu genio innovador; mas nem essa erudicção lhes serviu, nem esse genio, por mais agudo, e profundo, que haja sido, resolveu a difficuldade: = O fenomeno primeiro, a cauza das cauzas, lá jaz no pensamento divino; que ao fraco espirito do homem só é dado conhecer os resultados, os efeitos d'essa cauza.

(Continuar-se-ha.)

CAP D'ESTOPA

— CHRONICA CATALÃA —

[1082]

Logo que Carlos Magno houve conquistado ao dominio Sarraceno a maior parte das terras, que medêam entre o Ebro e os Perinéos, immediatamente d'ellas fez mercê, a titulo de feudos e condados, aos seus irmãos d'armas, e companheiros de fadigas e glorias; mas, por infelicidade tambem, estes estados não estiveram por largo espaço sob o dominio de França.

Quando das mãos débeis e fracas dos successores de Carlos caïu o sceptro pezado d'aquella gloriosa nação, os feudatarios, que haviam recebido aquelles senhorios, tendo prestado juramento de preito e homenagem, se alevantaram successivamente por livres de toda a vassalage.

Em 885, o conde de Barcelona Vuifredo o Cabelludo, que os Catalães appellidam En Grifa Pélos, vendo o seu feudo invadido pelos mouros, reclamou os soccorros de El-Rei de França, seu Senhor. Mas a resposta d'este rei foi negativa, pois lhe tornou, que muito tinha então com que se haver para o ajudar em sua demanda. — Visto Vossa Suzerania (*a*) não poder proteger o meu condado, respondeu então Grifa Pélos, havei por bem, que o defenda só, e que toda a terra, que ganhar e conservar, seja, de hoje em diante, minha e livre de todo o preito. —

Não foi o Rei contra pedido tam justo, e consentiu, que possuisse então o seu feudo allodial, e desde essa época o condado de Barcelona se erigiu em estado independente.

Dois seculos haviam decorrido desde que a posteridade de Grifa Pélos reinava em Barcelona.

Por uma d'essas manhãas sombrias do mez de Dezembro, um de seus descendentes En Berenger Ramon, segundo filho do conde Ramon Berenger, e de Izabel, sua primeira mulher, sentado sobre o angulo de uma collina, que dava para as margens do Tardera, estava scismando em profundas meditações. Nem o vento furioso do meio dia, que rugindo curvava os ramos do Algorabá sempre vêrde, nem os gritos dos caimões, que se misturavam horrivelmente com o ruido da tempestade, o podiam arrancar das melancolicas reflexões, que lhe atribulavam o coração.

Si alguma vez voltava os olhos para a estrada de Hostalric, e San Celoni, procurando enxergar tam longe, quanto permittia a anfractuosidade do terreno, franzia as sobrancelhas, como si lhe carregasse uma esperança em balde; e depois escondia entre as mãos seu rosto pallido de dôr, onde as paixões e soffrimentos haviam deixado em numerosas rugas vestigios indeleveis e profundos.

" Meu senhor, lhe dizia um pagem, quanto hoje estais triste! não vos foi feliz a caçada, mas que importa, é isso culpa do tempo, — Vêde como o vento varre as folhas mortas e amarelentas da salva; como faz beijar o chão ás estêvas e giestas? Para caçar é mister um bom tempo, nem muito secco, nem humido de mais; porque os cães então perdem a pista á caça, e o veado desapparece. Não achou alvo a setta, não vos afflijais por isso. „

" Rapaz, respondeu Berenger, e pensas tu que derive minha tristeza de uma causa tam futil! não terá meu coração dores mais reaes? não vi eu desherdar-nos Ramon Berenger, a D. Pedro, e a mim, que somos seus filhos mais velhos? despojar-nos do condado de Barcelona, para o legar ao filho de sua segunda mulher, ao filho de Almodis nossa madrasta?

E' Cap d'Estopa quem reina! Cap d'Estopa, disse elle com ironia: nobre sobrenome, por certo, de um soberano, nobre sobrenome que dirva da ridicula mata de cabello que lhe cobre os olhos! — E pensa elle que lhe deixarei tranquillamente assentar a corôa na cabeça? julga que vivirei sem vingança? — Oh! que eu já vi En-Pedro lançar veneno na taça de nossa madrasta: sim, eu a vi com os labios queimados pela fôrça do licor, com as faces lividas e os musculos contrahidos, rojar-se pela terra, e orar perdão com as mãos erguidas. Minguára esta lembrança os meus soffrimentos, si me não trouxesse á memoria, que obrigado a fugir morrêra no desterro de desesperação e miseria.

Aqui, Berenger fez uma breve pauza, e depois continuou:

E' pois verdade que hajam familias marcadas pelo ceu ou pelo inferno para a dosolação

(*a*) Suzerania é qualidade de Senhor d'um feudo, que tem outros feudos dependentes.

Digitized by Google

e assassinio? — Para mim já não ha repouso; porque dormido ou acordado, sempre em todos os momentos vejo ũa mão que me offerece um licôr envenenado: vejo essa mão espremer os succos de ervas venenosas, pisar com as folhas do aconito as folhas verdes-negras da cicuta: e tambem então vejo uma corôa, mas no fundo de um mar de sangue. Porem que importa! disse elle, limpando com a mão o suor frio, que gota a gota lhe corria pela testa; lá a hei-de ir buscar; manchada ou não com sangue a quero cingir na fronte. Disseram que os filhos de Izabel são uma raça de serpentes; e disseram uma verdade porque eu justificarei a sentença. [b]

Como acabava estas palavras, avistou ao longe na estrada um grupo d'homens que vinham cavalgando: travou repentinamente da bésta e de um punhado de virotões; olhou si as pontas estavam bem aguçadas e egualmente ervadas no veneno do helleboro: depois se foi postar em um alto que dominava a estrada, junto da difficultosa passagem, então chamada Perxa-del-Estor; e ahi aguardou, escondido atraz de umas urzes.

Tinha Cap d'Estopa desposado Mahalta, filha de Roberto de Guiscard, chefe dos cavalleiros normandos, que na volta da Terra Santa conquistaram a Sicilia do jugo dos infieis, para alli se estabelecerem soberanos. Esta alliança havia redobrado o poderio do conde de Barcelona. Respeitado dos moiros, que lhe reconheciavam o valor, querido de seu povo que se esforçava por fazer feliz, só desejava então um herdeiro de seu nome e corôa. Preces publicas foram celebradas para esse effeito, e o ceu as tinha escutado. No dia de S. Martinho a condeça Mahalta deu á luz um filho. Havia vinte cinco dias que este venturoso acontecimento tinha enchido de alegria os catalães e o seu soberano, quando este se foi caminho de Gironna. Tendo-se demorado em San-Celoni para ouvir o officio de S. Nicoláu que se festejava n'este dia, continuava sua jornada unicamente acompanhado de alguns cavalleiros de sua sequito. Em Perxa-del-Estor, pela escabrosidade do caminho, foi obrigado a sofreiar a fugosa carreira do corsel.

De repente Cap d'Estopa lança um grito; e cáe sobre o pescoço do cavallo vomitando golfadas de sangue: já estava morto. Um virote arrojado por mão incognita, o tinha mortalmente ferido: o primeiro movimento dos que o acompanhavam foi prestar-lhe soccorros; mas quando pensáram em vingal-o, e em prender o assassino, já era muito tarde. Enxergaram ao longe um homem que fugia; era, porem, impossivel alcançal'o, e até reconhecel'o.

(*Continuar-se-ha.*)

[b] Nobillissimus, igitur, comes tres genuit filios: Petrum scilicet Raimundi, Berengarium Raimundi, et Raimundum Berengarii; illi vero duo primi fuerunt duo gemina viperum (Manuscripto anonymo do Mosteiro de Ripol.)

De la primera muller procrea dos fils, qui forem appelati to Hu Pere Ramon, e l'ostre Berenguer Ramon..... E los fils de la primera muller forem de natura de vibria (Tourich, Historias dels comtes de Barcelona.)

GEOLOGIA.

Conforme o Dr. Joung, a profundidade media do Oceano Atlantico é, pouco mais ou menos, de 3000 pés, e a do Oceano Pacifico de 4000. Parece que os mares da Europa são menos profundos. O Adriatico, entre a Dalmacia e a fóz do Póz tem a profundidade de 182 pés; a do Mediterraneo é mui desegual; entre Gibraltar e Ceuta tem 5700 pés, conforme o capitão Smith; em Nice, é, segundo Saussure, de 2000; M. Schoresby, nos mares austraes, desceu a sonda a 7700 pés sem achar fundo; e M. Parry, que escolheu o mesmo logar para as suas observações, o não poude egualmente achar; a experiencia de Schoresby é n'este genero a que se ha feito em mais vasta escalla. Pelo que se vé, a profundidade do mar é ainda desconhecida em muitas partes. A maior profundidade obtida até hoje eguala apenas a altura do Pico do meio dia, uma das mais pequenas montanhas do globo. —

Os senhores assignantes que não receberem agora o primeiro numero, tenham a bondade de remetter á Redacção do Jornal, ou ás lojas aonde se assigna para o mesmo, as listas com o nome e a morada, aonde o jornal deve ser dirigido; ficando, porem, na intelligencia que a falta de sua remessa só é proveniente de até agora se não terem recebido as ditas listas.

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas; Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos; Rua Augusta n.° 102; Rua do Ouro n.° 112; Rua da Prata n.° 109.

LISBOA

Na Typ. da Academia das Bellas Artes.
Rua de S. Jose N.° 8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 2) Publica-se todos os Sabbados. (Janeiro 11, 1840.

ORIGEM E FINS DA

Poesia.

1

Muito tempo antes de haver Arte, existiram obras; — muito tempo antes de se haverem estabelecido regras, haviam os homens composto e inventado, sem regras nem preceitos: — a poesia, sem dúvida alguma a mais antiga de todas ellas, nasceu livre e spontaneamente, porque em todos os tempos existiram poetas, e por consequencia as scenas da natureza foram tambem as primeiras a sêr cantadas e descriptas, sem que para as descrever houvessem os homens mister de outra cousa mais do que ceder ás inspirações que d'ella lhes vinham; de outra cousa mais do que sentir essa precisão [sem a qual em balde quererêis sêr poeta] de derramar uma parte das commoções que ella vos inspira, quando a contemplais na magnificencia de suas scenas.

Sentados ás margens dos rios, no cimo das montanhas, ou no fundo dos valles, elles víram sempre essa bélla fugitiva, a quem lhes aprouve de chamar Musa; óra simples e ingénua a mirar-se nas ondas fugitivas de um arrôio; — óra descorrendo pelos prados alcatifados de verdura; — óra, finalmente, sentáda sobre rochedos alpestres, e sempre e em toda a parte transfigurando-se em mil fórmas diversas, a rir-lhes, e a accenar-lhes para que a fossem seguindo.

Mas quem éra esta beldade errante a quem lhes aprouve de chamár Musa?... nada mais éra do que a imaginação do mesmo homem, levada do embevecimento e enthusiasmo, que naturalmente lhe devíam inspirár as scenas de um mundo, que de continuo se renovávam a seus ólhos cheios de admiração. — Eis ahi como a Musa da poesía se revelou aos primeiros poetas, e como a principio lhes appareceu simples e formósa, unicamente vestida de sua propria graça, porque toda pudôr e bellezas não tinha precisão de enfeites nem de atavíos para occultar desáires, que não possuía. — Eis ahi egualmente como estes lhe deveram as suas primeiras inspiraçoens, e, como forçósamente, estas terão de sêr sempre as primitivas de qualquer pôvo, de qualquer nação.

A ingenhosa Grecia, que, como nós, se não podia prezár de havêr devido a crença de seus pais a uma revelação toda divina do mesmo Deus, authôr de tantos prodigios, foi a ella, a quem deveu a sua primeira orígem; — foi dos fenómenos sensíveis de um mundo physico, que ella se elevou até á idéia de um poder desconhecido, e de uma fôrça extra-natural; mas falta da verdadeira luz, que unicamente lhe podia esclarecer o espirito, este se desvairou deixando-se ir após os caprichos de sua bella fascinadôra, que tudo lhe compôs de allegorías por mil modos divérsas, e complicádas, ás quaes os tempos déram a final, para o vulgo, o caracter de uma quasi revelação; — eis ahi qual foi sempre a sua influencia sobre a de todos os póvos, creando-lh'a sempre mais ou menos cheia de terrôres, mais ou menos aprazivel, segundo essa mesma natureza, d'onde tiráva orígem lhes falláva ao coração, e á fantasía com mais ou menos amenidade, com mais ou menos horrôres. —

Mas sem remontar tam longe, sem curarmos de cousa tam óbvia, como o de provár, que só ella creou a religião de todos os póvos da antiguidade, e em geral a de todos os outros do moderno mundo, que como elles a não devêram á fé de uma revelação, vejamos como poderósa se ostentou sempre para influir sobre todas as fórmas da vída social de qualquer povo.

Si a antiga Grecia lhe devêu a origem de todos os seus *Numes*, *Jupiters*, *Martes* e *Neptunos*, como ella todas as mais nações da terra lhe devêram os progressos sensiveis de sua illustração moral e positiva; isto é, o amansamento da fereza dos seus primitivos tempos; o amor de sociedade, que a todos os homens inspirou, e finalmente tudo quanto podia tornar o homem feliz n'esses tempos, em que sós, e dispersos pelos campos só ella os

Digitized by Google

podería fazer reunir, pelo amor do bêllo com que continuamente lhes falláva ao coração e á fantasía. — Era assim que para os vingár da aspereza dos trabalhos, a que durante o dia se haviam dado, e para lhes desviar a idéia para objectos mais rizonhos, e que mais lhes aprouvessem depois de havêr andado descorrendo pela assomáda dos montes, á noute os entretinha com os sons melodiósos de seus cantos e simpleza natural e encantadôra de suas primitivas harmonías: — éra assim, que insensivelmente lhes ía amansando a natural rusticidade dos costumes.

A liguágem foi sempre das primeiras cousas a que mais se ressentiu de sua influencia; como de instrumento que ella tinha de apurár e concertár, para ao depois se servir: — observai como a principio incorrecta e desflorída, se foi gradualmente aperfeiçoando e enriquecendo, ao passo que das frautas de seus poétas ía saíndo mais moduláda e composta, para que nélla podessem reproduzir não só os pensamentos e affectos, quaes dentro n'alma lhes existíam já, mas tambem com o sonóro das harmonías e toádas, quando nas vozes humanas os querían expressár. — Foi este o primeiro trabalho de todos elles; o de compôr e aperfeiçoár a harmonia das vozes, porque sem essa em báldé qnererêis achár poesia: — a alma do poéta é como um instrumento, que mais se compõe ainda de sensibilidade, que de intelligencia: — nada tam fórtemente a póde abalár e commovêr como a torrente deleitósa das harmonías, que bebída pelos ouvidos lhe sôa no coração, e lhe repássa os sêios mais interiôres,

Difficultosa emprêza, por certo, a de compôr a harmonía de uma linguagem rúde, e por sua índole propria, mais ou menos adptada a recebel'a, a moldar-se ás suas exigencias: — por isso não foi bastante que ella per si só o houvesse de querêr alcançar; houve de recorrêr a outra, que a ajudasse em simelhante emprêsa; e ahi veio a Musica, essa primitiva linguágem do homem, ajudar a expressão das palavras, para as corrigír de sua natural aspereza, para que, quanto aquella não podesse, ou se recuzasse exprimir, lá o fosse esta pela toáda dos sons encadeando, e de algum modo expressando ao ouvido, para que este o transmittisse ao coração. —

Foi assim que a Musica, ou a poesía dos sons, veio servir a poesía das vózes ou das palavras: — é por isso que nas primitivas composições de qualquer póvo se reconhece sensivelmente, que só para a Musica foram feitas, ou para fallar com mais propriedade, que juntamente com esta tinham nascido. — Cumpria, por certo, á mais formósa expressão humana o corrigir o caracter, e castigar a dureza da segunda: como sua irmãa mais velha cumpria-lhe doctrina-l'a e ensinar-lhe esse idióma mysterioso de sons, e toadas que pelo espaço andára recolhendo. —

Depois das fórmas desordenádas e sons ásperos, com que a principio se havia appresentado e fallado ao ouvido, suas fórmas, e suas harmonías se fôram gradualmente aperfeiçoando; de filha de má vida e vagabunda dos campos, como a principio foi, se tornou mais simples e reflectida; singéla, mas natural, sem gálas ou enfeites, que a contrafizessem jamais, ou que uma vêz só dessem áres de a quererem vexar em seus movimentos. — Diz-se que a Lyra dos poétas não tinha ainda remontado todas as suas cordas, nem que essas mesmas estavam bem afinadas: mas seja como fôr, a poesia narrativa, ou a da natureza, tinha nascido assim mesmo por entre toda essa rudêza, e n'ella se viam já os começos de uma arte inteiramente divina. —

Oh! quanto não são bellas e naturaes as cançôes de nossos primeiros poétas!.... Ha n'ellas um tal perfúme de antiguidade e melancolia, que repassa os seios d'alma, e que insensivelmente enternece a quem as lê com attenção e se aptaz em voltar com o pensamento até a esses tempos, que as viram nascêr: — um *não sei que* de profundamente sentido, que mostra já o espirito como querendo elevar-se a maiores alturas, e desprender-se das fórmas terréstres que revestira: — um *não sei que de sismadôra melancolía*, como tám bem lhe acertou de chamar um de nossos escriptôres modernos, que sempre mais aqui ou ali, revéla o saudoso sentir da alma do poeta.

Mas entretanto, qual havia sido o primeiro fim da poesia?.. cantar a naturêza em seus fenomenos sensiveis: cantar a felicidade do homem na sua contemplação; o que lhe faltava, era somente cantal'o nas relações mais intimas de seu espírito com o mesmo Architéto, authôr sublime de tantos prodigios.— E eis ahi o que mais tarde fizéram os primeiros Bárdos christãos em suas harpas crêntes, inspirádos pela fé e pela revelação do mesmo Deus. —

Não é isto porem dizer que os poétas da antiga Grecia e Roma, não tivessem tambem saido em suas composições do mundo material para o intelléctuál do pensamento; mas que, como esse era só o da imaginação, ráras vêzes fallaram por esse modo ao coração e ao sentimento, quando por ahi se lhe quizéram insinuar. — A mythología Grega, cheia de divindades tam viciosas, como os mesmos homens, e com attributos, que muitas vêzes se repugnávam, não podia fallar sem infundir terrôres á imaginação do homem que os temia, mas não os amava. — Eis porque, após a sua poesia primitiva, a da naturêza, a que mais lhe poderia convir, era, sem dúvida alguma, aquella que lhe fallasse das cousas em que

Digitized by Google

mais crêsse na vida social; e d'ahi tomáram origem as Epopeias, e mais poesías nacionáes, qne tinham por fim cantar as virtudes patrioticas, exalçar o nome dos guerreiros, as suas boas qualidades, e os seus deveres para com a patria. = Foi essa tambem a que adoptou uma sociedade nascente, que pelas fórmas da antiga se ja formando, adoptando egualmente com ella o maravilhôso de sua religião. — Largo tempo jazeu assim sugeita ao jugo caprichôso, que lhe imposéram as leis de uma Arte, á qual lhes aprouve chamar de *Imitação*.

Mas a verdadeira poesía, a que só lhes poderia convir, lá estava nos livros sagrados: — n'esses livros, qne ao homem revelaram a *unidade espiritnal*; mas por desgraça, o que a princípio havia, como todas as cousas, sido um bem, se tornou n'um mal; e a poesía, essa filha do espírito humano, revestindo-se então de trajos estranhos, se contentou com o reflectir as fórmas de outra época, esquecendo que para mais altos fins Deus a havia destinado.

Nós examinaremos mais de espaço como a final uma completa mudança no modo de pensar, a fêz seguir os seus verdadeiros fins.

Os Templarios.

[1]

Tempos havia já que altamente se murmurava contra a ordem militar e religiosa dos Templarios, cuja existencia datava de seculos, e cujo podèr e riquezas iam crescendo de dia para dia.

Os Cavalleiros do Templo, que com seu sangue tantas vezes tinham regado o campo das batalhas, tantas victorias haviam singularisado no mundo, e que a Palestina contava no numero de seus mais zelosos defensores; esses cavalleiros eram accusados pela opinião publica de se conspurcarem nas mais infames orgias, de viverem na idolatria e profanações, e finalmente de haverem blasfemado contra o sacro-sancto nome d'o CHRISTO!

Quando nós, filhos do seculo presente, recuamos a esses tempos remotos, em que as convicções religiosas exerciam todo o seu imperio no espirito dos homens; em que os reis davam de sobre o throno o exemplo das virtudes as mais christãas, e antes queriam morrer, do que quebrar os votos de castidade que haviam feito; n'esses tempos em que a simples voz de um eremita, coberto com seu pobre vestido de burel, carregado com uma cruz tosca e grosseira, mas abençoada sobre o tumulo do Redemptor, arrojava povos inteiros, como torrentes furiosas, para essas regiões aonde a morte de um homem, que só da humanidade revestira as humilhações e os soffrimentos, mas cujas virtudes sobre-naturaes bem attestavam sua celeste missão, havia mudado a face do globo, dirigindo todos os votos e esperanças para o infame suplicio, que com seu sangue deificára; nesses tempos, dizemos, não é para admirar a consternação em que caíram os povos, quando souberam tam estranha e horrorosa noticia. = Os Cavalleiros do Templo, os vingadores da fé, o raio dos infieis e descridos, os nobres defensores da Cruz e do Throno, haviam calcado aos pés a Cruz do Redemptor, e blasfemado contra o sacro-sancto nome d'o Christo!!!..... Occupava então Clemete V a séde Pontifical: — Apesar, porem, das amargas censuras, com que Napoleão des Ursins quiz escurecer a memoria d'este pontifice, não era seu caracter tal, que facilmente cedesse a boatos, que examinados bem a fundo talvez não fossem mais que calumnias e mentiras. — Recordava-se elle dos relevantes serviços que a Ordem dos Templarios tinha prestado á humanidade; lembrava-se d'os que ainda lhe poderia prestar; e principalmente attendia á necessidade que a religião ainda havia de seu valôr experimentado em tantos combates e triumphos: e por todas estas razões, quando Filippe o Bello, na entrevista que com elle teve em Leão no anno de 1305, lhe fallou nos rumores, que corriam ácerca d'essa antiga e intrepida milicia; o Soberano das tres corôas empenhou-se com o Rei de França para que se conduzisse com a maior circunspecção em negocio tam melindroso e que podia dar funestos resultados.

Aconteceu, que neste mesmo anno foram presos no castello real dos arredores de Tolosa por crimes que haviam commettido, um tal Squino de Florian, habitante de Besiero, e um outro Templario apostata, que ambos foram encarcerados em um estreito calabouço. Os remorsos que lhes atormentavam a consciencia, não lhes deixavam esperança alguma de escaparem ao castigo que mereciam. Sepultados naquella fetida masmorra, estendidos sobre a terra fria, durante aquellas longas noites, a morte lhes apparecia como um espectro ameaçadôr; e vendo apropinquar-se a hora fatal, que havia de pôr termo ás agonias que lhe eivavam o coração; confessaram-se mutuamente, conforme a uzança d'essas éras. A confissão do templario fez estremecer o proprio Squino; e as revelações que lhe segredou, o horrorisaram a ponto de mandar immediatamente chamar o Governador encarregado da guarda da fortaleza; dando-lhe a entender, que os segredos, de que o seu companheiro o fizera depozitario, eram taes, que interessavam muito de perto o Rei Filippe, e era mister lhe fossem communicados; porque a sorte de todo o reino dependia talvez desta

Digitized by Google

revelação importante. Fez quanto poude o nobre Castellão por tirar de seu prisioneiro alguns esclarecimentos; mas o astucioso Squino havia entrevisto uma taboa de salvação, e a ella se agarrara com todas as forças de sua alma, como o naufragante á prancha, que o pode arrancar do furor das ondas: e jurou que só ao Rei communicaria a confissão do Templario apostata.

Foi conduzido Squino a Paris, e introduzido em segredo á prezença de Filippe o Bello; este principe, apesar da prevenção em que estava contra a ordem dos templarios estremeceu de horrôr, ao ouvir a narração das impiedades, e excessos criminosos, que o cavalleiro tinha confessado. Mandou immediatamente prender alguns templarios, que estavam então em Paris; foram interrogados, e todos elles confirmaram com suas declarações a verdade dos factos que tinham sido denunciados.

Desenganado então Clemente V. escreveu a Messer d'Amauri, Regente do Reino de Chypre, ordenando-lhe que se apoderasse de todos os Templarios, que fossem encontrados n'aquelle reino: mas os cavalleiros, a tempo avizados, reuniram em uma fortaleza todas as tropas de seu soldo, determinados a defenderem-se até á ultima extremidade; menos felizes foram, porem, os que se achavam em França.

O Rei decretou a todos os Governadores das Provincias que estivessem promptos e prevenidos; e com esta ordem enviou a todos cartas selladas, que não podiam ser abertas, sob pena de morte, senão em dia certo, e hora determinada. —

(*Continuar-se-ha.*)

A Vida.

[CONTINUAÇÃO.]

O que é que vemos na universalidade dos corpos? materia e movimento; agente e acção: movimento porque ha materia, acção porque existe agente: mas tambem materia, porque ha movimento, tambem agente, porque existe acção. Não sei si nos fazemos entender.

A inercia dos corpos é uma couza impossivel, porque são duas idéas contradictorias; = logo que existe materia existiu o movimento, porque é este uma sua propriedade d'essencia, sem a qual jamais o houvera.

Não foi, porem, isto entendido em todos os tempos pela forma como o expomos. Não podendo entrar na structura intima da materia, na essencia de suas acções, diversos filosophos, observando superficialmente a natureza dita inorganica, e julgando-a impossivel de per si só se mover e obrar; imaginaram uma potencia fóra d'ella, e extranha á sua substancia, e a essa potencia chamaram *força activa*, que vinha animar a materia. Uma massa mineral, posta sobre o sólo aonde reposa, lhes fez declarar essencial a inercia da materia, e essa potencia externa a alma de suas acções: nos corpos vivos, porem, como spontaneamente se movem, havia essa força motôra, que os animava; ficando assim sua composição formada de duas entidades, = a materia inerte e o agente motor. =

Levantou-se então uma grande difficuldade, um problema intrincado de resolver: = qual era esse agente motôr?

Quizeram que fosse material; porem, si era material, era inerte por conseguinte; e ahi ficava destruido o systema. = Cançaram-se em raciocinios, examinaram melhor, e vendo o contraste da mobilidade dos gazes, com a immobilidade apparente da materia n'elles julgaram encontrar esse agente, essa causa, que tanto lhes dava que pensar.

Mas vieram as objecções, e ainda foi mistér de necessidade mudar d'hypothese; porque os gazes não davam plena satisfacção do fenomeno observado: fez-se precizo recorrer á imaginação, a essa inventora potencia d'abstrações, systemas, hypotheses, doctrinas e generalisações, que tantas vezes teem feito errar os homens no caminho da verdade; e a boa porta bateram, que logo lhes acudiu com sua costumada promptidão. Inventaram-se os espiritos, as almas, os pneumas, que ninguem via, ninguem sentia, mas que eram necessarios, porque sem elles como se houvera de explicar o fenomeno?.. D'esta arte foi que Thales inventou as suas almas, e uma foi collocar em cada astro, cada vegetal, cada animal, &c. = coizas todas, que por fim nada vinham a explicar.

Com tal modo de raciocinar, certo que muito não houveram adiantado as sciencias, nem mereceram desculpa os autores de taes invenções, si não fosse da ordem das couzas ter o espirito de passar por todas essas gradações, para alcançar finalmente o verdadeiro modo de raciocinar sobre os fenomenos da natureza.

Mas veiu finalmente a época da observação e analyse perfeita, e então se viu serem estas as fontes onde devia beber o espirito para depois raciocinar; para poder extrair inducções, conduccentes com os factos, d'elles dependentes, e não filhas puras e genuinas de uma imaginação forte e seductora, mas contraria e desleal aos fenomenos observados.

Esta época foi época de revolução, em que reconhecida a falsidade das hipotheses arbitrarias e gratuitas, houve a imaginação de ceder

Digitized by Google

throno, que occupava, á sua rival mais forte, que então e mais que nunca lh'o disputava com affinco, como certa da victoria. A razão com suas inducções, a bôa e sã filosofia, com o rigor na observação e experiencia, aballaram o edificio acerco dos systemas; e todo o qué n'estas bazes, solidas e firmes, não assentava, por mais visteso, alindado e persuasivo que fosse, caïu esmagado e em pedaços com todo o pezo de sua falsidade; provando as suas ruinas, como as da Torre de Babel, que só fabricas que taes póde crear a imaginação do homem. —

Foi do meio d'essas ruinas que surgiu a verdadeira luz, e foi sobre ellas, que viçosas começaram de medrar e florecer as sciencias.

Essa materia inerte houve então de ser viva e animada; esse movimento houve de ser propriedade dos corpos, grandes e pequenos, e de qualquer classe a que pertencessem: e deu-se como certo, e com demonstração de axioma, que as acções continuadas da materia d'ella eram dependentes; porque a natureza não é mais do que um acto, compreendendo os fenomenos passados, prezentes e futuros, cuja permanencia fórma a duração das coisas.

(Continuar-se-ha.)

A America Russa.

A America Russa, limitada pela Nova-Bretanha e regada pelo Oceano Glacial, pelo estreito de Béhring, e pelo Grande Oceano, se divide em duas partes: — ella compreende differentes archipelagos, os do Rei Jorje III, os do principe de Galles, os do duque de York, e as ilhas de Kodiack, e do Almirantado. — A parte continental, limitada pelos montes oceanicos, sempre cuberta de gelos, offerece sombrias e terriveis perspectivas: As collinas se veem cubertas de espessos arvoredos de pinheiros e de outras arvores, cuja cor verdenegra ainda mais augmenta a profunda tristeza que inspira a presença de um quadro tam espantoso. — A's vezes se despegam das montanhas massas enormes de gelo, que destruindo tudo quanto se lhe oppõe á passagem, produzem depois, ao caír sobre as aguas, um abalo e uma agitação taes capazes de atemorizar os mais audazes navegantes, que pela primeira vez as sentem e ignoram a sua causa. As costas são frequentadas por lontras, zebelinas e muitos outros animaes de rara estranheza, que fornecem de pelles preciosas uma Companhia de negociantes que se arrogou o senhorio d'esta parte da America, e por consequencia o privilegio exclusivo d'este commercio. — O logar principal, ou a Nova-Arkhangel, na ilha Sitka, não compreende ao todo mais de sessenta fogos e um milheiro de habitantes. A população d'estas ilhas foi com tudo em outros tempos assaz consideravel; porem o dominio barbaro dos Russos, que consideram os naturaes seus escravos e os obrigam a trabalhos violentissimos, como de pesca e caça, a tem sobre modo feito diminuir. — A nutrição destes indigenas consiste apenas em peixe e raizes; porque as batatas e mais legumes que cultivam são só para os colonos.

Como uma prova de completa desolação, não depara a vista n'estas extensas rigiões com rebanhos, ou pastagens; e por isso, apezar da sua incomensuravel extensão, cujo interior ainda não é conhecido, apenas se conta, fazendo abstracção de algumas povoações independentes que se não poderiam calcular, uma povoação de cincoenta mil almas, em que são compreendidos os de raça India, Esquimosa e Russa. — Os seus trajos simples e ligeiros consistem n'algumas pelles com que se cobrem, e comtudo parecem pouco sensiveis ao frio, porque a maior parte d'elles teem por habito o banhar-se no mar ainda mesmo n'uma temperatura quasi de gelo. — Pintam tambem o rosto de differentes côres e as mulheres trazem por enfeite, mettido n'uma abertura do labio inferior, um pedaço de pau circular, que pelo seu pezo faz com que esta parte ganhe um comprimento consideravel e horroroso, mas o que entretanto passa entre elles por ser o *nec plus ultra* da graça e da formosura.

A Ilha de Kodiack, aonde os Russos assentaram o seu primeiro estabelecimento para o commercio das pelles, apresenta differentes enseadas e portos de mar mui commodamente dispostos. A ilha é montanhosa, mas cortada por muitos valles, aonde ha pouca terra vegetal. Cultivam-se comtudo ahi algumas raizes, o que juntamente com a caça compoem a nutrição destes insulares. Em quanto ás suas habitações ou cabanas, estas são menos mettidas na terra que as de alguns povos, e com uma abertura superior para dar sahida ao fumo, o que indica ja um progresso de civilisação. — Os costumes d'estes povos são sobre modo relachados e dissolutos; a polygamia está em uso entre elles, e as mulheres, em geral, são pouco cuidadosas da sua honestidade.

O clima da America Russa é mui aspero e desabrido: nas ilhas Aleucianas, e durante o inverno, ahi se fazem sentir horriveis temporaes: o mar cobre-se então ordinariamente de grandes massas de gelo, sobre as quaes se veem andar correndo ursos brancos, que teem descido das cumiadas das montanhas, e mais outras feras, o que forma um espectaculo bem extraordinario á vista.

A grande abundancia de aves maritimas que

Digitized by Google

ali vem pôr seus ovos, fornece os habitantes de um augmento de provisões para todo o inverno. Logo que a primavera se começa a fazer sentir, alguns se fazem descer dentro de um cesto preso por uma corda ao longo dos rochedos escarpados, e a uma profundidade ás vezes de 150 pés, afim de apanharem alguns ovos que acham mettidos pelas fendas dos rochedos. — Depois de haverem recolhido uma quantidade sufficiente, os levam e os poem a secar; isto feito, mettem-os dentro de um barril com azeite de peixe: os ovos assim preparados se conservam durante todo o inverno frescos, como no momento em que os foram buscar.

CAP D'ESTOPA

— CHRONICA CATALÃA —

[1002]

[CONCLUSÃO.]

Fôra difficultoso exprimir com quanto sentimento foi recebida a noticia fatal da morte do Conde. Não havia por onde descubrir o perpetrador do crime; e si algumas suspeitas recaïam sobre En Berenger Ramon, era isso uma vaga desconfiança, e nem si quer uma voz se tinha alevantado para accusar um homem, que devia reger o condado. Porque, todos sentiam que um estado cotinuamente em guerra com inimigos tam poderosos, como os mouros, rodeado de ambiciosos visinhos, havia mister d'um chefe, que podesse combater. Uma longa tutella só promettia ao reino uma serie de desastres e infortunios; e o filho de Cap d'Estopa apenas contava vinte e cinco dias, quando o crime fôra commettido. Bem cerca estava pois a corôa da cabeça de Berenger. Si acaso houvessem provas, muitos animos se alevantaram para o denunciar; mas não as havendo, todos eram mudos.

Não podendo vingar-se a morte do Conde, em silencio se lhe preparavam magnificas exequias. Caminhava para Geronna quando foi ferido, e era na igreja de Geronna, que se lhe alevantava um tumulo. Quando nas andas levavam os cortezãos o corpo de Cap d'Estopa, o Clero, e o povo desfeito em lagrimas saïram em procissão para o accompanharem.

Um Sacerdote ao approximar-se do cadaver estava a ponto de proferir este versiculo: SUCCURITE, SANCTI DEI, OCCURRITE ANGELI: mas seus labios o não poderam pronunciar, todos os exforços foram baldados, e só poude repetir estas palavras do *Genesis*, que echoáram ao longe, e fizeram gelar o sangue a todos os assistentes =

UBI EST ABEL, FRATER TUUS? AIT DOMINUS AD CAIN.

Quiz tornar a si, e repetir o capitulo, que lhe indicava a liturgia: abriu a bôca, e segunda vez se ouviu esta fráse accusadora =

ONDE ESTA' TEU IRMÃO ABEL? PERGUNTOU O SENHOR A CAIN.

Deus accusa o criminoso! bradou o povo, testemunha desta maravilha; En Berenger Ramon é o fratricida como Cain.

Eis aqui o assassino exclamaram os barões, arredando-se com horror de Berenger, que caminhava no centro delles.

Apesar disso, este abalado ao principio por accusação tam inesperada, não se deixou intimidar; e para extinguir a impressão causada pelas palavras do Sacerdote, se lançou sobre elle, agarrou-o pela garganta, e sacudindo-o com violencia, lhe bradou com voz furiosa = Impostor, vil impostor, quem te pagou para me calumniares? por que preço são essas falsidades infames? Falla, falla, miseravel!

Mas sua mão vigorosa espremia com furor o gasnete do pobre frade, e lhe impedia de proferir o mais pequeno som.

Bem vêdes, disse então aos barões, bem vêdes que não ousa fallar! é um calumniador!!!... Por certo, nobres barões, que não dareis fé a este tonsurado; nem eu soffrerei similhantes injurias....

E sua mão continuava d'enforca-lo mais de rijo. Ja o rosto do miseravel monge estava soberbamente roxo; saltavam-lhe os olhos fóra das orbitas, e a lingua lhe pendia dos labios.

ANATHEMA SOBRE O SACRILEGO!.... bradou o côro dos Sacerdotes = ANATHEMA, QUE STRANGULA O SERVO DO SENHOR.....

Morra o sacrilego!... morra o fratricida..., vociferava em altas vozes a populaça, arrojando-se como uma onda furiosa, no meio do saïmento, para ali mesmo executar a sua cega justiça.

Foi forçoso a Berenger abandonar a prêza; e obrigado a defender-se, com a espada em punho tinha os inimigos arredados: mas as pedras, que lhe eram atiradas, voavam de todos os lados, e mais d'uma se havia partido na cimeira do capacete d'aço fino. Os barões e os nobres tentaram restabelecer a ordem, mas em balde; porque o povo gritava = o assassino do nobre Conde é um Senhor, e por isso os Senhores o protegem, = si fosse um do povo ja tinha expiado seus crimes...

E era assim que se revoltava para a vingança. Com tudo, depois de largo espaço o povo socegou, como se lhe promettesse que justiça seria feita. O saïmento poude continuar então. A chusma o seguia sem novas violencias; mas por seus modos, e pelo sussurro continuado que succedêra ás vociferações, era facil de

Digitized by Google

prevêr, que não estava tudo terminado. Por mais de uma vez as orações da igreja foram interrompidas pelos lamentos dos que accompanhavam o corpo morto de Cap d'Estopa. A final, no momento de depositarem o Conde no tumulo, novos clamores se alevantaram.

Não... não... esperai... diziam muitas vozes ao mesmo tempo, é mister que Berenger passe pela *prova de sangue*. Dizendo estas palavras o povo arrancou o cadaver das mãos dos clerigos, que o levavam; abriu o caixão; rompeu o suario; e os catalães poderam pela ultima vez admirar as inanimadas feições de seu Senhor. Assim como o collocaram sobre uma toalha alva de neve, e descubriram a ferida, obrigaram Berenger a comparecer.

Quem poderá imaginar tudo o que então se passava na alma do assassino. Sem esperança de ver satisfeita a sua ambição, atormentado com o dobrado remorso de um crime e de um crime inutil, via-se constrangido a olhar, cara a cara, a sua victima. Esse guerreiro tam atrevido tremia ao caminhar para o cadaver, ia com os olhos no chão, receiando encontrar os do irmão assassinado: estava tam palido como a morte, porque o sangue lhe tinha refluido todo para o centro do peito, onde o coração apenas latejava.

Approximou-se hesitando do cadaver; tomou-lhe a mão de gelo, e tocou na ferida, sem que esta se abrisse... nem uma gotta de sangue veiu manchar o alvor nevado da toalha.

Então Berenger recobrou audacia, tornou-lhe toda a esperança; subiu-lhe o sangue ao rosto até então côr de cera; e passando do terror á alegria, *bem o vedes!* exclamou: estou innocente; o sangue não correu quando me aproximei do morto: não correu quando lhe toquei na ferida; estou por conseguinte innocente.

Innocente! bradou o Sacerdote que primeiro o havia accusado no acto do saïmento: = *estás innocente! faz, pois, um sancto juramento em como o estás, amontôa o perjurio ao sacrilegio!* e, dizendo isto, lhe amostrava estendendo o braço uma cruz com o Redemptor pregado de pés e mãos.

Berenger sem hesitar, alçou a mão, e abriu a boca para dar o juramento que lhe pedira o sacerdote; porem Deus não quiz, que lhe pezasse mais na balança o crime do perjurio; e, quando estava para proferir o juramento, caïu, como finado, ao pé do tumulo de Cap d'Estopa.

Ninguem duvidou então de ser elle o fratricida.

Pouco espaço havia decorrido, desde que na igreja de Geronna tinha acontecido aquelle tragico successo. Era uma noite tempestuosa; e como tempo das peregrinações á terra sancta, muitos cavalleiros, entre os quaes se via um sacerdote, iam fazendo a jornada da Palestina.

" Certo que caso foi esse, que ainda o tenho gravado na memoria como si hontem succedera; = dizia um d'elles para o seu companheiro, que lhe ía ao lado = mas o que mais me maravilhou foi a pertinacia do sacerdote: e si não fôra christão, dissera que o tal padre tinha visto assassinar Cap d'Estopa!

"Não estou eu d'isso persuadido, antes creio, que mysterios ha do alto, que vos não he dado comprehender: respondeu o outro cavalleiro curvando a cabeça: e si fôra como dizeis, em verdade vos digo, que não escolhera elle tal hora para o accuzar, nem o fizera por tal modo. Pobre sacerdote! bem devia fazer uma peregrinação á terra sancta, e beijar o tumulo do Senhor, por o haver livrado das garras de Berenger.

" E assim acontece, lhes respondeu o Padre, que ouvira a conversa dos cavalleiros, que si hoje vos accompanho, voto foi que fiz n'esse mal aventurado dia.

Os cavalleiros reconheceram então nas feições e voz do sacerdote aquelle mesmo, que havia accusado Berenger no acto do saïmento e na igreja de Geronna.

" Pobre filho de Ramon Berenger! Deus lhe perdôe o fratricidio, como eu de todo o coração lhe perdôo as offenças e injurias; o que faz a ambição d'uma corôa! = continuou elle = esquecem-se, que Deus exalta os humildes e humilha os soberbos, e que a verdadeira corôa só se alcança nos ceus com a redempção da alma? ...disseram-me que os Barões o haviam banido, e que para expiar seus crimes, como pobre peregrino encetára a jornada da terra sancta: si assim é, o Senhor tenha em conta o seu arrependimento.

" E' verdade, bom padre; desterrado de sua Patria, disse um cavalleiro, contam, que vai pedindo esmola por as terras que caminha.

Estava aqui, quando seu cavallo tropeçou, e o fez caïr: mas um gemido, como de agonisante, obrigou a apearem-se todos os cavalleiros e mais o Sacerdote.

E' um homem! um moribundo!... exclamou o que havia caïdo: pobre homem! e no meio da estrada! Padre! padre! ajudai-o a bem morrer, que me parece não ter sua alma de penar muito tempo n'este mundo.

O Sacerdote chegou-se para onde o cavalleiro o chamára; ja este o havia levantado do chão, e sustentava nos braços: porem sem forças para se segurar, vestido com uma tunica d'estamenha era mais um cadaver que um ente animado....

" Dai-me agua = disse o agonisante = que morro de desesperação!.....

Deram-lhe logo de beber.

Digitized by Google

" Padre! padre, confessai-o para que se não perca sua alma por falta de absolvição!

E o sacerdote se approximou para lhe ouvir as ultimas palavras.

.....

.....

Ego te absolvo in nomine Patris, et Filii, et Spiriti Sancti: *Amen.*

Amen: responderam todos os cavalleiros.

" Meus irmãos, lhes disse o Sacerdote, orai por esta alma, que bem tormentosa foi sua vida na terra.

E todos os cavalleiros tiraram os capacetes, se ajoelharam, e oraram.

Ao outro dia, n'uma vizinha ermitagem um padre desfeito em lagrimas murmurava resas funebres, e espargia agua benta sobre um corpo que se dava á terra.

Esse padre era o Sacerdote de Geronna: e o corpo que se enterrava era o de um peregrino, que ia pedindo esmolla no caminho da Palestina, e morrera á fome e sede: chamava-se Berenger Ramon, e se dizia neto de Grifa Pelos, cujos descendentes reinavam em Barcelona.

Novas descubertas em Pompéia. — Muitas preciosidades teem encontrado os archeólogos nesta cidade arruinada: ultimamente acháram-se na rua dos Tumulos duas cabeças de divindades campestres, e outras duas, aonde éra ainda visivel a tinta alourada, que se lhe havia dado nos cabellos, assim como a côr negra das pupillas. A mais bella, porem, èra a cabeça de um Baccho, em mármore de Páros; é uma das figuras mais elegantes, que se conhecem deste deus. N'uma casa proxima a esta, em que se acháram as preciosidades, de que fallâmos, apenas se encontráram algumas âmphoras, cheias de cinzas, que tinham servido para conservar vinho. Na rua da Fortuna se andam fazendo escavações em que os archeólogos muito confiam, por já haverem descuberto coisas importantes. Parece que o ar produz grandes estragos nas pinturas de Pompéia; e a humidade não é menos perjudicial a estes velhos monumentos. A prova d'isto se póde vêr na famosa casa do Fauno, onde o grande e bello mosaico, que representava uma batalha de Alexandre, por tal modo foi alterado pela humidade, que apenas algumas partes se percebem. O mesmo succedeu a uma bella cabeça de leão, que estava junto d'este mosaico. — Finalmente a Academia Herculanea, apezar das grandes despezas que estas escavações exigem, não perde um só momento de desenterrar as bellezas que continha a formosa cidade Romana.

O Relogio funerario. — Depois da morte de Luiz XIII, Rei dos Francezes, se instituiu em Paris um relogio que prepetuamente estivesse marçando a hora, em que a morte do rei tinha succedido: este relogio, como facilmente se soppoem, é sem machinismo algum, e apenas tem um ponteiro, que designa a dita hora: assim perpetuamente se conserva, até que a morte de outro rei o faça mudar. Este costume foi constantemente observado até á morte de Luiz XVI, em que o relogio deixou de existir; sendo porem novamente instituido por morte de Luiz XVIII, cuja hora marca ainda o relogio funerario.

Inscripção curiósa — N'um antigo castello, que fica nas visinhanças de Bourbon Vendée, se lê, em uma lápida quadráda que está por cima da pórta, a seguinte inscripção, assáz curiósa pela sua originalidade e que bem caracterisa a época feudal a que o castello devia pertencer:

Sit domus hæc, donec fluctus formica marinos
Ebibat, et totum testudo perambulet orbem.

O que quer dizer: — Que este castello exista, em quanto a formiga não tiver bebido as ondas do mar, e a tartaruga feito a volta do globo.

Choram muitas vezes os bons á mesma hora, em que os máos estam folgando d'alegria: o mesmo momento vê praticar uma acção louvavel e uma acção criminosa. O vicio e a virtude são irmão e irmã; foram gerados pelo homem: Abel e Caïn eram filhos do mesmo pai.

Si vos contarem os vicios d'um homem, vos disserem: » todos o dizem, « não o acreditei: si vos fallarem porem de suas virtudes, e affirmarem que todos o dizem " podei acreditar.

Errata. — *Em alguns numeros vai por engano na pagina* 14, 2.ª *col. lin.* 1.ª *Tuis: deve ler Tuus?*

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas: Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.° 102: Rua do Ouro n.° 140. Rua da Prata n.° 109. Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs.; e avulço 80 rs.

LISBOA
Na Typ. da Academia das Bellas Artes.
Rua de S. Jose N.° 8.

Digitized by Google

O

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

96.3) Publica-se todos os Sabbados. (Janeiro 18, 1840.

A HISTORIA.

[APONTAMENTOS]

1.°

Disse o Burk: o homem, que não estudar o passado, não poderá ler no futuro: a que se podera accrescentar, nem regular o presente.

Esta verdade trivial encerra em si toda a necessidade da historia.

A missão regeneradôra, que tomou a seu cargo este seculo em que vivemos, não podia prescindir della, porque nenhum seculo tambem, fosse qual fosse a ideia que resumia, se esqueceu dos passados; porque n'elles via campo vasto e fecundo onde fosse colher amplamente exemplos nos actos da humanidade; e esses exemplos lhe eram precizos e necessarios. Mas mais que outro qualquer o conheceu o prezente e curou de o desenvolver.

A restauração litteraria actual, filha das revoluções e certamente da necessidade, por mal compreendida, tem sido desprezada por uns, como filha de imaginações esquentadas, e calumniada por outros, como couza inutil e até prejudicial: mas, homens sem reflexão, não attendem ao fim a que ella se propoz, não meditam o seu destino, e é por isso que a calumniam, ou desprezam e della não fazem cazo. Indifferentes e frios, como o gelo, são arrastados passivamente nas revoluções, chegam com ellas ao seu termo no mesmo indifferentismo, e como cegos e surdos de nascença não veem os elementos d'organisação, que se alevantam em roda delles, nem ouvem a construcção do edificio, que esses elementos vão compondo: são finalmente o typo da actualidade no correr dos seculos e das cousas.

Ora a historia está compreendida tambem nessa regeneração do seculo XIX. Hoje não é considerada como simples passatempo, nem objecto de curiosidade, mas sim como uma das mais fortes alavancas da civilisação, como uma das bazes mais solidas, em que esta se deve escorar. Chegou finalmente a era de crêr, que a vida dos povos e das nações merecia uma pagina que a revellasse ao porvir; e grande e nobre concepção foi essa, porque d'ahi dependerá o aperfeiçoamento e educação, d'onde teem de nascer a estabilidade e prosperidade das que existem e existirem.

Bem triste é a condição do homem em quanto a experiencia o não ensina, em quanto não póde ver no passado exemplos que o instruam; pois egual é a condição dos povos e das nações, egual é a condição de toda a humanidade.

Olhai para traz de vez em quando, si não quereis errar o caminho.

Não gostais vós de ir a um theatro ver representar algum drama d'esses que ordinariamente sóbem á Scena, de Schiller, Shakespeare, Dumas ou Victor Hugo? — que vos mostram a vida do homem luctando com o seu destino na terra; vêr o seu pensar, as suas paixões, e os actos que pratica; notar as scenas variadas, em que se colloca, e como estas lhe fazem modificar, tantas vezes contra o seu livre arbitrio, esse pensar que tinha, essas paixões que alimentava, e esses actos filhos do seu moral e intellectual; e finalmente conhecer e compreender essa ideia moral (pois sempre moral deve ser), esse pensamento intimo, que o poeta quiz realizar na peça, que imaginou e compoz?...

Pois ahi tendes a historia. E' um drama tambem, mas drama gigantesco e immenso, drama intelligente do humano pensamento e eterno como a vida da humanidade: é representado maravilhosamente no grande theatro do mundo; passam-se suas scenas nas differentes partes, que approuve aos homens chamar Norte, Sul, Oriente e Occidente; são seus actores os povos, e ve-los-heis tambem com suas paixões differentes, seu pensar diverso e seu obrar contradictorio, conforme as epochas que lhe dispartirem os actos: finalmente compreendereis tambem esse pensamento intimo que domina a humanidade, e que ella vai realisando.

Oh! e quanto não é mais para vêr este drama humanitario, que esses feitos pelas mãos

Digitized by Google

de homens, e que ides n'uma noute, por matar tempo, elogiar a um theatro! quanto vos não deverá mais servir, sabendo que todos estamos no grande palco representando aos olhos do futuro, e talvez um papel de bem amarga e curiosa critica!!!

Mas, assim como no theatro colheis um exemplo que vos serve na vida, na historia deparareis com milhares d'elles que vos instruirão e não deixarão errar. E' um livro amplo e encyclopedico, que podeis consultar em tudo, e onde bebereis saturada sciencia e salutares confortos; finalmente é um extenso curso de moral e philosofia, onde podeis ver no espelho do passado a imagem do futuro, e regular vossas acções por essa fórma que vos reflectir.

Quando a importancia dos estudos historicos fôr bem compreendida; quando em todas as partes em que se ama a sciencia, homens apparecerem como os que em França hoje existem, que dotados de genio e paciencia todos se votem a saber o passado, pois nem mais nem menos é a historia; então essa lei da humanidade, lei providencial que ha tantos seculos se executa, humanamente será estudada e calculada na historia; e então ouvireis um hymno de muitas vozes, que partirá dos quatros cantos do mundo, e será o hymno de reconhecimento que as nações entoarão agradecidas; porque só d'ahi lhes poderá vir o risco por onde hão-de frabicar o edificio sublime da sua civilisação.

A historia é pois, como se vê, uma necessidade para os povos, e só nella se encontrará a lei do desenvolvimento do espirito humano em suas phases successivas, estudando-se a influencia reciproca do mundo physico e do mundo moral: — é uma necessidade porque contará a vida das sociedades em suas differentes edades, e finalmente porque sendo innata a perfectibilidade, só d'ella poderá provir a perfeição, termo onde tanto se ancea acercar.

Os Templarios.

[continuado do numero antecedente]

Foi durante a noute do dia 13 de outubro de 1307, que a prisão dos Cavalleiros do Templo se effeituou em Paris por modo tão estranho e espantoso aos olhos do mundo admirado; e por tal forma tambem fora o plano desta prisão concertado e dirigido, que ninguem d'elle chegou a ter a mais leve suspeição: os proprios Cavalleiros, tranquillos e desapercebidos, mostravam que de nada se arreceiavam, e livremente se entretinham, como de ordinario, com suas praticas e reuniões costumadas. — — Tudo por consequencia se conservava no mais profundo socego: — a hora da noute, calada e serena, se adiantava vagarosamente, como si por ventura tão maravilhoso e importante successo não houvesse ella de produzir. — Os ultimos sons dos cantos religiosos se perdiam já indistinctos no meio do espaço, e após essas preces, tão cheias de unção e piedade christãa, que ao divino haviam dirigido, os cenobitas se recolhiam ao socego de seus claustros, para ahi se entregarem ao descanço, ou a exercicios ainda de santa piedade e meditação. — Bem differente, porem, deste manso e quieto repouso, era o que se estava passando no ponto aonde os Cavalleiros Templarios se achavam reunidos: alli, sob as vastas abobedas de suas moradas, echoavam os gritos da orgia e da impiedade: — mil taças ornadas de pedras preciosas e cheias de licores excitantes, giravam continuamente em roda das mezas dos festins, e com incrivel rapidez eram logo esgotadas: mas no meio de toda esta prevaricação de seus deveres, o que mais horrorisava ainda, era vêr os rostos destes mesmos cavalleiros, que se diziam de Christo, onde a par de tão gloriosas cicatrizes se debuxavam em ignobeis caracteres todos os vicios de seus coraçoes pervertidos!

Foi nessa mesma noute toda consagrada ás impiedades horrorosas a que se davam os Cavalleiros do Templo, e no momento mesmo em que o relogio da torre dava as doze horas, que todas as suas moradas foram repentinamente assaltadas e cercadas de soldados. — A admiração dos cavalleiros foi tão grande, por se verem tão inopinadamente acommettidos, que nenhum d'elles cuidou em aperceber-se para sua defesa; alem de que, a maior parte d'elles ebrios e cheios de espanto, estavam incapazes de poder resistir, e facil por isso se tornou o pode-los capturar todos a um tempo. — D'alli foram immediatamente conduzidos para differentes fortalezas seguras, não esquecendo a propria caza do Templo em Paris aonde mais alguns foram presos e entre elles, Jaques Molay, o Grão Mestre da Ordem.

O processo dos Cavalleiros do Templo, foi rapido, e logo começado depois deste primeiro procedimento: — Guilherme de Paris, Inquisidor e Confessor do Rei, instituio immediatamente o seu interrogatorio, que era feito na presença de muitas testemunhas, convocadas expressamente para aquelle grande acto. — O primeiro cavalleiro, que foi interrogado, chamava-se João de Fouilli, e eis aqui pouco mais ou menos, o que elle depoz perante aquelle tribunal. „ — Confessou que quando havia sido admittido na Ordem, o tinham feito passar por cousas muito extraordinarias; que

Digitized by Google

primeiramente o tinham levado a um certo logar muito occulto, e que alli lhe intimaram, sob pena de morte, que renegasse de Deus; que o haviam constrangido a proferir para esse acto certa formula, e que levado a final pelo temor, elle dissera, — eu te arrenego — „ Como este, muitos outros cavalleiros, confessaram que haviam renegado tambem; e o terem praticado mil outras impiedades, a que, segundo diziam, os tinham obrigado quando entraram para a Ordem.—Renier d'Archant, ajuntou ainda, que elle havia cuspido sobre as faces de um christo crucificado, e que muitas vezes nos Capitulos geraes vira uma cabeça com barba branca e espessa, a quem todos os mais se acurvavam, sem que elle soubesse quem ella representava. — Tal é, em resumo, tudo a que se reduz a rellação das impiedades confessadas pelos cavalleiros templarios, de que falla o seu processo. — De muitas outras cousas faz elle nota ácerca do Interrogatorio, de que não faremos nós completa mensão pela pouca fé que merecem para se acreditarem verdadeiras; o medo só das torturas as podião fazer proferir aos infelizes a quem por força obrigavam a confessarem-se criminosos. — Taes foram, por exemplo, o dizerem, que a uzança de reverenciarem a tal cabeça, fora introduzida por um Grão Mestre, que só com a condicção de a fazer observar entre os seus, podéra sair da prisão dos infieis. — Perto de 140 Templarios, que foram interrogados em Paris neste mez de outubro de 1307, fiseram quasi todos as mesmas declarações, accrescentando alguns ainda outras abominaveis infamias, que a pena se envergonha de reproduzir. —

O Papa, logo que soube das prisões dos Templarios, que tinham sido feitas sem que houvesse primeiro sido consultado, irritou-se sobre ponto, porque nesta acção do monarcha Francez sentia elle uma quebra de sua authoridade; e por isso, não só mandou suspender immediatamente os poderes de todos os inquizidores e prelados, que haviam procedido ao interrogatorio dos primeiros; mas até o proprio Rei foi amargamente censurado — N'aquelles tempos remotos estavam os Reis sujeitos á tutella da corte Pontificia; ja bem longe vão elles de nós, é certo que tinham seus abuzos, mas que epoca haverá que não tenha os seus?

Sendo, porem, mais bem informado Clemente V, tornou-se mais brando e reflectido; chamou a si o conhecimento deste grande processo, servindo-se para isso de todas as informações e cautellas que o podiam esclarecer para o concluir com toda a reflexão e justiça; teve varias conferencias para este fim, em Poitiers, em Tours e em Chinon; uma commissão de seis Bispos de Inglaterra foi convocada para assistir ao Concilio de Vienna, aonde este importante negocio devia ser decidido. Fiseram-se tambem indagações em todas as Provincias, e a final aos cavalleiros foi permittido o escolherem seus advogados, a cujo respeito houveram ainda muitos outros concilios provinciaes — Mas em quanto seus irmãos estavam gemendo sob o pezo das cadeias, o que admira, é a nobre resolução do Procurador Geral da Ordem, João de Bolonha; elle não só prostestou publicameute contra todas as perseguições de que elle e seus irmãos estavam sendo victimas, mas até ousou jurar que estavam innocentes.

Qual foi, porem, o resultado de todo este procedimento para com uma milicia que tão grandes serviços tinha prestado a toda a christandade? — Qual o fim de um processo cuja verdade e justiça, segundo parece, para sempre ficarão envoltas em profundos mysterios? — Muitos Templarios forão com effeito postos em liberdade, e desligados dos seus juramentos; outros foram condenados a uma prisão perpetua. Uns cincoenta e nove, em cujo numero entrava Jaques Molais, foram queimados ao pé da abadia de St.° Antonio, mas todos elles morreram protestando que estavam innocentes, e que todas as confissões lhe tinham sido arrancadas pelo medo das torturas. Outros nove Templarios foram queimados em Senlis, fazendo os mesmos protestos e juramentos. — Finalmente no dia 3 de Abril de 1312 o Papa pronunciou na segunda sessão do concilio de Vienna a abolição da Ordem dos Templarios, na presença de Filippe o Bello, de seu irmão e de seus tres filhos, Filippe, Carlos, e Luis Rei de Navarra.

Assim terminou este espantoso processo de que por tão diversos modos se tem fallado, e que de tantas contestações e conjecturas tem sido objecto. Seriam os cavalleiros culpados, ou estariam elles innocentes? .. Quem sabe. — Um celebre escriptor do seculo XVIII pretendeu restabelecer a sua memoria; e para isso pintou Filippe o Bello, como um rei sanguinario e cruel, e que só sacrificára aquella Ordem para se apoderar de suas immensas riquezas; concluindo depois que os Templarios não foram senão umas victimas do fanatismo e da politica insidiosa d'aquelles tempos — Nós, respeitando os grandes talentos e conhecimentos historicos deste illustre escriptor, não podemos todavia deixar de advertir, que talvez esse mesmo grande poder e influencia que as suas riquezas lhes tinham feito adquerir em todo o mundo christão, fossem a causa talvez de elles se arrojarem a muitos excessos criminosos que produzissem a sua total abolição.—Seja porem como for, o caso é que assim terminou uma milicia illustre, que por tantos annos encheu o mundo todo com a fama de suas grandes victorias. —

Digitized by Google

Modos de escrever dos antigos póvos.

Os Jeroglyphos.

Os homens inventaram dois systemas de escrita inteiramente distinctos : o systema jéroglyphico empregado pelos Chinezes , e o chamado systema alphabetico ou phonético , uzado actualmente por todos os outros povos.

Os Chinezes não teem lettras propriamente ditas ; os caracteres de que se servem para escrever são verdadeiros jéroglyphos , isto é , não reprezentam sons, nem articulações, mas idéias sómente. Elles exprimem *caza* , servindo-se de um caracter unico e especial, que nunca mudará, ainda mesmo quando todos os Chinezes chegassem a designar uma caza na sua lingua viva, com uma palavra totalmente differente da que hoje pronunciam. Não nos devemos admirar deste resultado lembrando-nos que os nossos algarismos não são outra couza mais do que simples jéroglyphos — O numero oito, isto é , a unidade augmentada sete vezes a si mesma, exprime-se em toda a parte, em Portugal, Hespanha, França &c. com dous circulos postos verticalmente um sobre o outro, e tocando-se por um só ponto [8] mas o Portuguez vendo este signal ideographico pronuncia *oito* o Hespanhol *ocho* o Francez *huit* , o Inglez *eight* &c. ora o mesmo acontece com os outros numeros compóstos.

Posto isto, podemos dizer, que, se em logar dos caracteres árabes tivessemos adoptado os jeroglyphos Chinezes , poderia cada um ler na sua propria linguagem todas as obras que se lhe apprezentassem, bem como qualquer póde ler e facilmente entender todos os algarismos sem que tenha necessidade de saber uma só palavra da lingua que fallava , aquelle que os escreveu — O principal defeito d'esta escrita seria o de não dar meio algum de exprimir nomes inteiramente novos.

A escrita Chineza ou jeroglyphica parece ser a infancia da arte, posto que para apprender a lêl'a não seja necessario mesmo na China [como muitos teem avançado] a longa vida de um Mandarim estudioso: a lingua Chineza apprende-se como outra qualquer. Nos jeroglyphos do antigo povo dos Pharaós vamos nós encontrar todos os artificios de que os Chinezes fazem uzo actualmente. De duas ou trez maneiras escreviam os Egypcios : uma dellas consistia principalmente em carecteres symbolicos ou reprezentativos de ideias; taes são por exemplo os seguintes = o *gavião* designava a alma ; o *ibis* o coração; a *pomba* o homem violento [singularidade notavel]; a *flauta* o homem alienado; uma *rãa* o homem imprudente; um *nó* corredio o *amor*; a *formiga* a sciencia , &c:

Estes signaes formavam apenas uma parte muito pequena dos 700 ou 900 caracteres que se haviam descoberto nas inscripções monumentaes ; mas a interpretação dos escritos egypcios era reputada desde muito tempo como um problema insoluvel quando em Agosto de 1799 o Official Francez Broussard descobriu nas excavações que mandára fazer ao pé de Rosetta uma pedra de granito preto, cuja superficie , que era muito liza , aprezentava trez series de caracteres inteiramente distinctas. — A inscripção superior , destruida e fracturada em grande parte, era escrita em jeroglyphicos ; o texto intermediario em caracteres egipcios uzuaes [enchoriaes ou demoticos] ; e a terceira e ultima divisão em lettras gregas ; a traducção deste ultimo texto mostrou que era um decreto do corpo sacerdotal do Egipto reunido em Memphis, que determinava as honras que se deviam tributar ao Rei Ptoloineu Epifanio ; ordenando tambem , como se lê nas ultimas linhas, que „ esta inscripção fosse gravada em uma » dura pedra e em tres caractéres diffe» rentes : jerolyphicos , enchoriaes ou do» moticos e em caracteres gregos.(1) A' vista do que fica dito havia uma certeza de que as duas inscripções superiores continham a expressão fiel do mesmo decreto, e deste modo possuiam os philologos um texto grego com a sua traducção em egypcio, tanto nos caracteres Jerogliphicos como nos enchoriaes. Silvestre de Sacy applicou-se a interpetrar o texto egypcio que estava escripto em caracteres uzuaes ou demoticos ; descobriu certas reuniões de letras que representam differentes nomes proprios e sua natureza phonetica, e em 1802 publicou o rezultado das suas indagações.

Akirblad, orientalista Suéco , aperfeiçoou a obra de Sacy , determinando o valor phonetico individual dos diversos caracteres empregados na transcripção dos nomes proprios, que o texto grego dava a conhecer.

Restava , porem , a parte puramente Jéroglyphica da inscripção ; estava ainda intacta pois ninguem se havia atrevido a interpretal'a.

M. de Champollion tentou a empreza , e em 1821 e 22 publicou elle duas Memorias , que foram lidas na Academia. — Os seus trabalhos , em quanto á descoberta do valor phonetico dos jeroglyphos, são simples, homogeneos,

(1) Esta pedra achada em Rosetta foi offerecida pelo Senhor Broussart ao Instituto do Cairo, e depois roubada a esta corporação na epoca em que o exercito francez evacuou o Egipto ; agora acha-se no Museu de Londres.

Digitized by Google

e não parecem deixar duvida alguma: cada signal he equivalente a uma só vogal ou a uma só consoante: o seu valor não he arbitratio; todo e qualquer jeroglypho phonetico dá a imagem de um objecto phisico, cujo nome em lingua egipcia começa pela vogal ou consoante que se quer reprezentar. — Deste modo, segundo o systema egipcio, poderemos tambem compôr jeroglyphos na nossa lingua Portugueza: — ahi vão alguns exemplos.

— A letra —a— póde ser reprezentada por uma *aguia*, por um *abano*, uma *anémona*, um *abutre* &c. &c.

— A letra —m— por um *machado*, um *martello*, um *marmelo*, uma *mascara* &c.

— A letra —o— por um *ovo*, *olho*, *oliveira*, *ovelha* &c.

— A letra —r— por uma *rede*, *rã*, por um *rato*, um *ramo*, uma *rosa* &c. E teriamos a palavra *amor* escripta em jerogliphos portuguezes, collocando por sua ordem as figuras, que escolhessemos, uma ovelha, e uma rosa, ou outras quaesquer. Eisaqui esse modo de escrever dos egipcios antigos e dos Chinezes, essa invenção tão gabada pela antiguidade, mas que hoje só póde servir para objecto de mera curiosidade.

Continuaremos a dar mais algumas noticias sobre os diversos modos de escrever dos antigos povos.

D. Sebastião.

O ENCUBERTO.

ROMANCE-POEMA.

Ha pouco que acabamos a leitura desta obra, e não podemos deixar de admirar como em annos tão verdes, como são os de seu author, cabe tão profunda e atilada erudicção dos nossos melhores escriptores: — o Poema, D. Sebastião o Encuberto, vale por ventura mais do que muitas outras obras, que modernamente se teem publicado, e cujos authores só lhe afiançaram a grande reputação, que no espirito de muitos teem merecido. — Quiseramos com gosto para aqui transcrever alguns dos bellos versos com que a cada passo deparamos em quasi todas as paginas d'esta obra; mas fora por ventura fazer injuria aos mais si os não copiassemos tambem. — Com effeito, esta obra, produzida por um poeta mancebo, nos veio dar uma prova, que na epoca actual ainda o bom gosto pelas lettras não tinha morrido de todo em nossa appoucada terra, como muitos escriptores de merito, tanto estranhos como nacionaes, o não tem duvidado apregoar á face de todo o mundo. —

Si a poezia consiste no bom gosto e na ardidez dos pensamentos e imagens; — ahi encontrareis em não pequeno numero bons pensamentos e bellas imagens poeticas, e, o que mais é, todas enrequecidas e aprimoradas com as galas que lhes podia prestar a nossa tão formosa linguagem portugueza: — ahi depararеis, com esse certo vago e saudoso sismar de poeta, que tão suavemente nos falla ao coração, e nos deixa enleiados os sentidos, a que propriamente são devidos os effeitos da poezia. — O seu author parece ter bem comprehendido qual é o gosto moderno: na leitura de La Martine, bebeu e sentio, o suavissimo mystico de sua expressão, que tão brandamente se insinua e nos revella á alma enternecida os egnotos pensamentos do poeta. — Romantico é, pois, o poema, em quanto ao vago e saudoso de seu ideal; mas classico na escolha da frase, e no descriptivo de alguma de suas partes.

Honra seja feita ao seu author: elle nos veio mimosear com um delicado pomo do seu jardim, que para nós tem mais que a valia de ser poetico e saboroso; — o de ser patrio, e ter nascido entre nós de arvore, que sem enxerto de alheios ramos, ainda nos promette mais sasonados fructos para o porvir. — Finalmente, si por fortuna este livro vos veio ás mãos, podeis lel'o sem receio algum de que a sua leitura fira, ainda de leve, a boa moral ou a delicadesa dos costumes. — Não é esse romantico feroz, filho de uma imaginação escaldada, que só parece fallar das virtudes mais nobres do coração humano para logo as lançar n'um pego de iniquidades, que vos fazem estremecer de horror: — aqui o romantico, não é mais do que a expressão poetica do author; a expressão desse mundo ideal, por onde lhe divaga a fantazia, e que em cada cousa vê mais do que aquillo que ella é no positivo, para se elevar depois até a essa methafisica sublime do pensamento, que todas suas edeias, volta para a origem unica d'onde ellas procederam. —

Cheio ainda de todo o frescor e fogo da mocidade, seu coração se penhourou do enthusiasmo que naturalmente lhe devia inspirar a natureza de similhante assumpto: — tinha a fallar-vos de um grande desastre nacional, e ahi vo-lo representou como seu coração o sentia: — tinha a fallar-vos de amargas saudates, e o joven poeta, vibrando as cordas do seu alaude romantico d'elle tira sentidas ténias, que vos envia como dolorosas reminiscencias d'essa grandesa passada e ja de quasi todo extincta. — Assim não duvidâmos dizer, sem entrarmos agora no exame apurado de cada uma de suas partes, que o Poema D. Sebastião, é digno de ser lido: e si por ventura entre as mãos d'aquelles a quem tiver de ir parar, algum se encontra, que ainda de todo não seja descrido, ou falto de patriotica fé

Digitized by Google

pela volta de tão desventurado principe, a esse sobre todos recomendamos a sua leitura. — O joven poeta egualmente d'elle se não esqueceu, e é d'essa crença publica que elle tira partido para o fecho do seu poema, que assim termina: —

.....
Esta voz, que voou á patria, esp'ranças,
Saudoso amor, desejos, lealdade
Em Seita numerosa a converteram:
E na cinerea bruma ha inda agora
Quem, affferrando as vistas anhelantes,
Espere, como o heróe da Caledonia,
Ver-lhe surgir do nebuloso alcaçar
A egregia magestade, apregoando:
SOU D. SEBASTIÃO O ENCUBERTO!

O JUDEU

HISTORIA DO TEMPO DAS CRUZADAS.

Um Judeu não tem olhos? um Judeu não tem mãos, orgãos, sentidos e paixões? não se sustenta elle com a mesma carne, que come o Christão?
[Shakspeare, the Merchand of Venice.]

Era tarde de um bello dia de verão, um guerreiro de estatura athletica, armado como o cavalleiro mais pobre do 12 seculo, e montado n'um cavallo todo coberto de espuma, seguia a grande galope a estrada empoeirada que vai ter á Cidade de Faversham. Diante d'elle distante um tiro de besta via-se um homem vestido miseravelmente, assentado em cima de uma mula, e que pela arreata conduzia uma outra muito carregada.

Dentro em poucos instantes o cavalleiro alcançou o viajante, que logo, pela sua tez morena, nariz aquilino e principalmente por um pedaço de pano vermelho atado ao barrête, conheceu ser um dos filhos d'Israël, que erão então perseguidos em todas as partes — Arreda-te, arreda-te, Judeu! — lhe gritou elle com uma voz de trovão; arreda-te, — ou juro pelas minhas barbas, de confundir a poeira dos teus óssos com a que cobre esta estrada: e isto dizendo metteu esporas ao cavallo que logo saltou, como quem tinha recuperado uma parte das forças que havia perdido. O humilde Israelita nada respondeu; e promptamente se desviou para o lado mais baixo do caminho; no mesmo instante passou o cavalleiro por junto delle correndo á rédea solta; apenas porem teria andado meio quarto de legua, que um assobio, que elle bem conhecia, lhe retiniu nos ouvidos: trez flechas, despedidas por mão inhabil, voaram-lhe por cima do capacete, e se forão cravar no tronco de uma arvore, que estava proxima delle, e ao mesmo tempo trez homens de uma figura terrivel, e armados dos pés até á cabeça lhe sahiram ao encontro: traziam as pernas cobertas com um pedaço de panno prezo com um cordão enrolado em spiral á moda dos antigos Gaulezes, e um cinturão de pelle de bufalo, do qual pendião atadas a umas cadeias pequenas, uma faca e adaga, o que fazia sobresahir seus membros gigantescos; finalmente rematava o vestuario um pequeno manto que apenas lhe chegava até aos rins: assim que viram, que tinham errado o tiro, largaram os arcos, que podiam embaraçallos e com os punhaes nas mãos cahiram sobre o cavalleiro, que os esperava a pé firme. — Taes erão então os uzos e costumes ordinarios dos *soudars* ou mercenarios inglezes: estes homens, entregues a si mesmos, disciplinados raras vezes, e muitas menos punidos, consideravam o roubo e o assassinio como accessorios naturaes da profissão a que se tinham dedicado: e a fallar a verdade não deixavam de ter alguma razão a este respeito, por isso que os serviços, que se reclamavam do seu zelo e intrepidez, não consistiam as mais das vezes senão em saquear e incendiar algumas póbres aldèas. Em quanto ao mais, como elles davam a morte com o mesmo valor com que a recebiam, o governo os tratava com respeito dando-lhe toda a liberdade para poderem vexar e despojar quando e como lhes approuvesse, os pobres trabalhadores e habitantes das villas e dos campos. — Agora tornemos ao cavalleiro, que á pouco deixamos n'aquella terrivel collizão — Não mostrou inquietar-se com as consequencias de uma luta tam desigual: levantou-se na sélla, agarrou a sua espada com ambas as mãos e lançando sobre os seus adversarios um olhar cheio de altivez e confiança esperou sem mostras de receio, que elles quisessem começar o combate.

O ar de resolução e intrepidez do bravo guerreiro fez descoroçoar um pouco os salteadores; todavia com passo firme avançaram para elle.

— Alto lá — gritaram elles.

— Que me quereis Troyannos? [1]

— Tenha mão, senhor, tenha mão; que não pertendemos tomar relações senão com a vossa bolsa.

— Fôra melhor que as tomasseis com a minha espada, vil canalha!

— Nada de injurias, cavalleiro; nós não nos pagamos com semelhante casta de moéda: a vossa bolsa é que se quer e mais nada.

— Está bem, então vinde tomala: e eu

[1] Esta palavra parece ter sido em Inglaterra, durante muitos annos sinonymo de fraco e infame. Shakspeare, a emprega em muitas das suas peças, tomando-a nesta accepção. Veja-se a 2.ª parte do Rei Henrique 4.º

Digitized by Google

desde já juro pelo meu bemaventurado patrono que sómente a darei áquelle de vós outros, que melhor a soubér ganhar.... e vamos a isto, que tenho pressa de chegar a Cidade.

Ditas estas palavras, os soldados lançaram-se todos juntos sobre o cavalleiro: um acometteu-o pela esquerda, outro pela direita em quanto o terceiro procurava agarrar a rédea do cavallo, que se empinava.

O cavalleiro, tendo medido o alcance dos seus golpes, deixou caïr a sua longa espada sobre o salteador que de mais perto o atacava, dando ao corsel um movimento repentino, que o desviou dos outros dous. Livre assim deste inimigo, correu para o segundo, e lhe quebrou a espada na cabeça, este successo, ou fosse causado pelo seu demasiado ardor ou pela impaciencia, em que estava de chegar a Paversham, o deixou inteiramente descoberto e exposto ao furor do seu ultimo antagonista: ja este todo ardendo em raiva, e querendo vingar a affronta dos seus amigos, correu para elle com um punhal alçado, quando de repente uma forte bordoada o estendeu no chão ao lado dos companheiros.

Voltou-se o cavalleiro, para vêr quem tinha sido o seu libertador, e logo reconheceu, não sem alguns remórsos, o Judeu que pouco antes tam mal havia tratado.

— Obrigado, [1] Moises, obrigado exclamou elle, saltando do cavallo e apertando-lhe a mão com amizade; — eu te agradecerei o serviço, que me fizeste; e pela Santa Cruz d'Alem-Már! que te portaste como um David no meio dos Amalecitas! Então para que lado deriges os teus passos, valente Hebreu?

— Para Faversham, meu senhor: trago comigo diversos objectos, que dezejava pôr em segurança esta noite dentro dos seus muros.

— Está bem: — e o cavalleiro continuou: acompanhar-te-hei até á primeira torre, ainda que ja não tenha armas com que possa defender-te si alguem te quizér atacar... mas dizme sempre, quem te impelliu a dares auxilio, com perigo de vida, a um dos perseguidores da tua raça?

— O meu proprio coração, respondeu o Israélita: por ventura não nos ensinaram nossos pais a soccorermo-nos uns aos outros?

— Eu saberei agradecer-te, torno a repetir-to: ja n'outro tempo tive na Corte algum podêr e influencia, mas hoje nada tenho, todavia não perco a esperança de ainda te ser util. Isto dizendo, montou no seu corsel; o Judeu subiu para cima da mula, e ambos caminharam conversando direitos á Cidade.

Pelo caminho soube o cavalleito como o seu companheiro de jornada tinha sido roubado em Sandwich por um bando de mercenarios, que alli estava de guarnição, e que tendo a muito custo podido salvar alguns objectos se refugiava em Faversham, onde esperava encontrar uma irmãa que elle havia confiado a uma boa velha sua co-religionaria.

Ao cahir da noite entraram os viajantes na Cidade: então o cavalleiro tirando do dêdo um annel de grande preço o metteu no do filho de Jacob, dizendo-lhe:

— Aqui tens, meu bravo amigo, recebe este signal de gratidão de quem sabe prezar e recompensar o valor de todo o homem, seja elle Judeu ou Christão. Parte para Londres o mais breve que te fôr possivel; de hoje a quinze dias te acharás ao pé da porta Oldgate, [1] e alli esperarás até que vejas chegar um guerreiro com uma commitiva: si porem não apparecer n'esse dia, não te esqueças de o esperar no seguinte á mesma hora e no mesmo lugar: actualmente nada te posso fazer, mas elle sim, porque é muito poderoso. — Mostra-lhe o annel da minha parte, que....

— Perdoai-me, senhor, atalhou o Judeu, ainda me não dissesteis o vosso nome, talvez que elle mo pergunte...

— Tens razão, respondeu o cavalleiro; ia-me esquecendo, esta minha cabeça... Chamo-me Leonel, e trago por deviza nas armas em campo vermelho dois leões de prata. Oh, elle logo me hade conhecer porque desde a infancia que somos amigos! Entrega-lhe o meu annel; estou certo que muito depressa se hade declarar teu protector, e que te mandará restituir, o que te roubaram, recompensando-te do serviço que n'este dia me prestaste. Adeus, devo separar-me de ti neste logar: mas lembra-te bem do que te vou dizer » si por acazo a pessoa de quem te fallei, senão houvér comtigo como eu o dezejo, a ninguem te queixes senão a mim só. Acabou de fallar, e antes que o Judeu, cuja alma nadava em alegria, podesse expressar-lhe os seus agradecimentos, picou de esporas e bem depressa se poz fóra do alcance de vista. Ruben ficou extatico por um momento: ora admirava o annel que tinha entre as mãos, ora lançava os olhos para o cavalleiro, a quem a distancia e as nuvens de poeira começavam a occultar inteiramente. O sol que se ia escondendo o tirou da comtemplação em que estava fazendo-o lembrar da sua segurança pessoal; poz-se a caminho, e uma hora depois já elle apertava nos braços a sua querida irmãa Esther, a quem se não fartava de narrar circunstanciadamente tudo o que lhe tinha acon-

(1) Era uma das portas principaes de Londres n'estas epochas, fortificada, guarnecida de armas e flanqueada por duas grandes torres.

(1) Este era o termo com que os Judeus eram antigamente designados na Inglaterra.

Digitized by Google

tecido: contou-lhe como elle havia salvado a vida a um cavalleiro de nobre linhagem, que um ladrão traiçoeiro quisera assassinar: como o dito cavalleiro, homem leal e cortêz, lhe havia demonstrado a sua gratidão, e finalmente como elle lhe tinha assegurado, que lhe havia de ser feita sua justiça.

Para não fatigarmos os nossos leitores com a narração da viagem que o Judeu fez a Londres, diremos em breves palavras, que venceu sempre com felicidade todos os obstaculos, que esta passagem apresentava em uma epocha em que não existiam carroagens de pósta, diligencias, vapores, caminhos de ferro, e outros muitos meios de transporte, em que nós, bemaventurados do seculo 19, tanto abundamos: elle e sua formosa irmãa entraram em Londres pela oldgate, quasi ao mesmo tempo, em que uma multidão de estrangeiros concorria tambem para a Capital, como si fossem guiados pelo dezejo de assistirem a algum acontecimento extraordinario. Oito dias depois da sua chegada foram-se pôr ao pé da porta que lhes tinha sido indicada, e com alguma admiração notaram elles, que uma consideravel reunião se ajuntava tambem n'aquelle mesmo logar, e que como elles parecia esperar com anciedade, alguma novidade. Procuraram sómente abrir caminho para se postarem no melhor sitio possivel: não fazendo a menor pergunta com receio de se exporem a alguns insultos. Empurravam-os de um lado, apertavam-os do outro, mas as vistas ameaçadores de Ruben annunciavam que o primeiro que ultrajasse sua irmãa com a vida pagaria o seu atrevimento. — Finalmente o som das trombêtas, e o toque dos tambores deram o signal da approximação de uma numerosa cavalgada: á frente d'ella montado em um fogoso cavallo branco como a neve, vinha um cavalleiro, cujo manto de brocado todo coberto de pedraria, cuja armadura e capacete dourados scintillavam com os brilhantes raios do sol.

O Israelita não pôde deixar de estremecer, quando reconheceu n'aquella personagem as feições do cavalleiro que elle havia soccorrido na estrada de Faversham.

E não se enganava, era elle mesmo; era o Rei Ricardo d'Inglaterra, esse monarcha, que por tanto tempo foi julgado perdido, e que voltando das Cruzadas, depois de se ter vingado de um perfido irmão, fazia n'este dia a sua entrada triunfante na cidade de Londres no meio das acclamações (huzzahs) do povo alli reunido. Quando Ruben tornou a si d'aquella especie de torpôr, que alli o detivera por tanto tempo como pregado n'aquelle logar, travou do braço de sua irmãa procurando arrastal'-a para longe desta scena de alegria e de estrepitosos clamores. Partamos, Esthér, exclamou elle com uma voz alterada pela commoção que sentia. — Nunca um poderoso Monarcha christão reconhecerá na prezença do seu povo uns miseraveis Judeus como nós somos.

Não, Ruben; fiquemos antes, eu t'o rogo, disse ella com um tom de intima convicção: não sei que estou advinhando.... mas não posso resistir a este impulso misterioso. Dame cá o annel; os santos Khayôth (1) nos hão de proteger. Tomou a joia, e sem attender ao que lhe dizia seu irmão, que tremendo a seguia, com passo firme se dirigiu para o caminho por onde o Rei devia passar. Ao verem a doce e persuasiva eloquencia de seus olhos e a indefinivel e extraordinaria expressão de todas as suas feições, os mais curiosos dos circunstantes, suspendendo a impaciencia em que estavam de vêr o cortejo Real, se affastavam para lhes abrirem caminho, como si por ventura estivessem possuidos do mesmo movimento que a impellia. — Atravessou com affouteza por entre a multidão; mas ao chegar defronte do Rei perdeu de repente todo o valor: um espesso véu toldou seus olhos, tornou-se pallida, todo o corpo lhe estremeceu, e apenas teve forças para levantar o braço e mostrar o annel sem poder pronunciar uma só palavra. Felizmente a vista penetrante de Ricardo já havia distinguido entre a multidão o seu bravo defensor.

— Oh, estás ahi meu valeroso Israelita! — exclamou elle com a affabilidade e franqueza natural que o caracterisavam; és tão pontual como valente. E voltando-se depois para o capitão das guardas, que ia a cavallo ao seu lado » Peetter Maurice, disse elle, encarregamoste de conduzir ao nosso palacio este Judeu e a sua bella companheira: mandamos que sejam tratados com todo o respeito e distincção, e que d'hoje em diante partecipem da nossa generosidade em recompensa dos seus bons e leaes serviços, e tal é nossa vontade. Vieram ter comnosco para obter sua justiça, e pelo nosso bemaventurado patrono juramos que ella lhe havia de ser feita.

O Rei cumpriu sua palavra —

Antes do pôr do sol estava Ruben mais que imdemnizado das perdas que os soldados do principe John lhe tinham causado, e a chronica, d'onde extrahimos esta historia, accrescenta que o Judeu vivêra ainda muito tempo para contar por todo o mundo a sua extraordinaria aventura, e sincero reconhecimento para com o generoso Coração de Leão.

(1) Anjos de que falla o thalmud.

LISBOA
Typ da Academia das Bellas Artes.
Rua de S. Jose N.°8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 4) Publica-se todos os Sabbados. (Janeiro 25, 1840.

AS GERAÇÕES ESPONTANEAS.

Era uma tarde de verão: e n'uma janella, virada para o meio dia, um homem comtemplava extasiado o astro ardente, que sobre elle dardejava seus raios fortes e pejados de calôr; de vez em quando sacudia um globo de vidro hermeticamente fechado, e o examinava com uma lente d'elevado grau, como quem dentro do vaso procurava cousa, que por força ahi devera estar, mas que por sua pequenez não podia com a vista, que lhe dera a natureza, distinguir e descortinar. Depunha então o vidro na janella, e tornava com extasi a contemplar o sol, soltando de vez em quando uma exclamação de alegria por entre o riso de contentamento, que lhe dilatava as feições. Depois de largo espaço empregado na alternada admiração do sol e exame attento do vidro, começou aquelle astro a desapparecer no horisonte, e o sabio, saudando-o com solemne devoção, cerrou a janella, e foi passar a noute lançando ao papel alguns apontamentos e consultando umas memorias, que havia pouco tinham sahido a lume.

Ao outro dia, e á mesma hora, o mesmo individuo foi visto na janella continuando em suas comtemplações, que duraram quinze dias.

Dissera o entendido, que o visse todo este tempo a olhar para o globo gyrando nos ceus, e a prescrutar o vidro, que apenas continha agoa destillada, ser elle algum demente entretido com tal mania; e o ignorante e supersticioso, que era talvez algum feiticeiro, que estava alli preparando com os raios do sol e aquella agua limpida alguma bruxaria infernal.

Quando chegou o decimo quinto dia, o demente ou o feiticeiro chegou pela ultima vèz á janella, e depois de bem examinar o vidro hermeticamente fechado, olhou então para o ceu e exclamou:

— *O fogo e a agua são os elementos mais oppostos; mas são a vida porque resumem a essencia intima d'ella.*

Tirou o globo de vidro da parte onde estivera, mas já dentro não havia agua limpida destillada, mas sim um liquido turvo, em que nadavam infinidade de animaes perceptiveis sem a lente.

E o sabio não foi visto mais á janella, que dava para o meio dia.

Pouco tempo depois appareceram em França as observações de Frey, provando sem replica a realisação das geraçôes espontaneas. —

Já Wiegmann tinha demonstrado a sua possibilidade, e effeituado as suas experiencias, mas, ou por mal entendidos os raciocinios, em que se fundava, ou por incompletas as experiencias que fez, fora desprezado, como visionario pelos sabios, que apegados ás doutrinas das escollas, ~~lhes custava admittir, que~~ podessem entes animados formar-se de elementos unidos espontaneamente, quando passava por axioma na sciencia não poderem viventes gerar-se, sinão de outros animaes que houvessem possuido vida. —

Mas este Wiegmann tinha feito um serviço prestante ás sciencias: porque havia realisado um pensamento já de seculos entrevisto; e si as suas observações foram desprezadas como coisa d'invenção no gabinete, culpai os que o não entenderam, nem quiseram dispender um pouco de tempo em rectificar as experiencias, que elle havia tentado com tanto mas proficuo trabalho.

Não foi por mera curiosidade, que elle expoz aos raios solares um vidro com seis onças d'agoa destillada e meia oitava de coral branco; que o vinha agitar differentes vezes ao dia, que no fim de quinze decantou o liquido, e outros quinze tornou a expor ao sol depois de decantado; porque transido esse praso, lá se formou a materia verde de Priestley, e as confervas, que no fim de tres a quatro mezes geraram os animaes, a que chamam *cyprides delectæ*.

E isto repetiu elle e variou por modos diversos obtendo sempre eguaes resultados.

Ora estes experimentos, a que uns deram rediculas vaias, e outros se enojaram só de os ouvir contar, abalaram o sabio Frey que conhecia melhor a natureza, que todos esses sabios ignorantes, que apenas se singularisavam em copiar doutrinas obsoletas. Conheceu que

Digitized by Google

Wiegmann tinha descuberto o ponto essencial, havia achado essa prima origem de vida; mas que só faltava a essa descuberta o ser apoiada com experiencias eguaes confirmativas. Então commetteu elle essa empresa, renovou as observações d'aquelle sabio, variou-as por mil modos, e bastaram-lhe agua destillada e o calor do sol, para obter entes animados e vivos, *animaes e vegetaes*. Foi essa a razão porque quando vio esses animalculos nadarem com tanta agilidade na agua que expzera ao sol, elle exclamou maravilhado... *O fogo e a agua são os elementos mais oppostos; mas são a vida porque em si resumem a essencia intima d'ella.* —

Mas porque é que os sabios não quizeram admittir as observações e experiencias dos naturalistas de que fallamos? é porque dous systemas reinantes, acostados a seculos e a homens de alto e subido engenho, desvairavam todos os espiritos que se apegam a opiniões e a nomes, e por tal arte andam cegos que se estivessem persuadidos de não haver luz do sol, negariam a sua claridade em bom largo ao meio dia.

Mas para outra vez ficará essa historia dos systemas, e das objecções que se fiseram ao resultado final das observações de Frey.

Modos de escrever dos antigos póvos.

Caracteres cunei-formes.

Haverão apenas uns trinta annos que os sabios começaram a decifrar este alphabeto singular. — Deu-se-lhe o nome de *cunei-forme* por ser cada uma das lettras, que o compoem, formada de muitas incisões que aprezentando todas ellas a figura de uma cunha indicam com toda a exactidão o golpe do sinzel que as abriu: poderemos muito bem comparar estas figuras ou incisões com a haste vertical dos nossos pontos de admiração [!!]

Estes caracteres encontram-se gravados nos magestosos fragmentos de Persepolis, e em quasi todos os tijolos das gigantescas ruinas de Babylonia; alem disto apparecem tambem em muitos monumentos dos quaes se ignora a epoca da sua construcção e o fim para que foram feitos: — ora si nós chegassemos a interpretal'os completamente, que importantes segredos da religião e das sciencias dos Chaldeus nos não revelariam elles? Sómente então, depois que tivessemos lido o que está escrito nos tijólos d'esse templo de Bélo, que todos affirmam ser a velha torre de Babel, é que nos poderiamos presar de haver conhecido as verdeiras ideas e tenções d'aquelles que o edificaram.

Comtudo, conhece-se já que existem trez alphabetos compostos dos mesmos elementos, ou para melhor dizer, do mesmo e unico elemento — a cunha —, e que apenas se differençam uns dous outros pela maior ou menor complicação, quantidade e disposição das figuras com que as lettras são formadas. Até hoje sómente um d'elles é que se tem podido decifrar; porem, como as mesmas inscripções são muitas vezes repetidas nos trez systemas alphabeticos, podemos ter esperanças de que a interpretação de qualquer d'ellas traga apossi o conhecimento dos outros todos; bem como a inscripção da pedra achada em Rosetta [1] veio abrir caminho para a interpretação dos jeroglyphos.

Este alphabeto *cunei-forme*, que já se havia principiado a decifrar, e do qual M. Burnouf nos acaba de dar uma explicação muito mais perfeita e satisfactoria do que quantas appareceram antes d'elle, é exactamente o que se acha gravado nos monumentos de Persépolis: a linguagem em que estas inscripções foram escritas hade ser necessariamente a que se fallava na Persia no tempo em que foram feitas.

M. Burnouf era talvez o unico, que, pela vantagem que lhe dava o grande estudo que já havia feito na lingua de Zoroastro, da qual podemos affoutamente dizer que elle foi o descubridor, podésse tentar resolver o problema de marcar o valor dos caracteres desconhecidos empregados n'aquellas inscripções: pois bem certo é o principio, de que na carreira das sciencias nem um passo se deve perder, e que a meta que se chega a tocar he sempre o ponto de partida para avançar ainda muito mais longe.

Para que os nossos leitores melhor póssam appreciar os progressos, que M. Burnouf tem feito n'este alphabeto persepolitano, natramos aqui em resumo os esforços e trabalhos anteriores sobre este mesmo objecto.

O primeiro passo que se havia dado não foi dos mais felizes: M. Lichteustein depois de um aturado estudo, publicou em 1803 um systema completo de *dicifração*. — Parecia que nada lhe faltava, e que todas as difficuldades se resolviam com a maior clareza, e facilidade possiveis, mas infelizmente o author partira da idéa de que os caracteres, que pertendia interpretar, estavam dispostos da direita para a esquerda, como os dos hebreus, quando, pelo contrario, estavam da esquerda para a direita como os nóssos. Este unico erro era bastante para tornar inuteis todos os seus trabalhos: com effeito, que se diria de um homem que pertendendo entender qualquer car-

(1) Veja-se o numero —3.° aonde se falla dos jeroglyphos.

Digitized by Google

ta escrita em lettra mal feita e intrincada, começasse a lêl'a ás avessas, isto é da direita para a esquerda! — Não obstante isto, M. Lichteustein julgava estar seguro da sua descoberta, e sem o menor embaraço explicava as suas inscripções, quando nem apenas conhecia o valor de uma só lettra!

Outros antiquarios, como foram, M. Munther, M. Tychsem e o venerando Arcebispo de Copenhague, tinham tambem feito algumas tentativas mais judiciosas e prudentes, posto que bem pouco decesivas, quando M. Grotefend abriu a carreira com um d'aquelles rasgos de atrevimento e felicidade que tão distincto logar occupam na historia dos descubrimentos humanos.

Grotefeud examinou as inscripções de Persepolis, e sem conhecimento algum da lingua nem do alphabéto, logo á primeira vista conseguiu interpretral'as com tanta fortuna e sagacidade, que o seu systema é o mais perfeito e acabado que appareceu antes do de M. Burnouf: — e eisaqui como elle se houve: — „ Seja qual for esta lingua, que eu não co- „ nheço, disse comsigo mesmo, sejam quaes » forem estes caracteres, que eu não entendo, » sobre que objecto poderá versar a inscripção » que tenho aqui diante de mim? — «

Em alguns monumentos mais modernos liam-si as palavras seguintes — tal rei, filho de tal rei — e Grotefeud pensou deste modo; — » porque razão estas inscripções cunei-formes » não hão de dizer a mesma couza que disem » as d'esses outros monumentos? — « E era justamente nesta supposição que consistia todo o segredo do alphabéto persepolitano, que, se não fora tão feliz lembrança, talvez que inda hoje estivesse sepultado nas trevas da ignorancia. — O sabio continuou; — si isto é o » nome de um Rei da Persia, filho de outro » Rei, tambem Persa, poderá ser o de Cyro filho de Cambizes: — mas bem depressa desvaneceu esta idéa com outra reflexão que lhe occorreu; — » porem neste cazo duas d'estas » palavras haviam de começar pela mesma » lettra; ora, tal similhança não existe; logo a » inscripção não póde referir-se a Cyro filho » de Cambizes, mas talvez a Xerxes filho de » Dario.

Quiz o acazo que assim fosse, e graças á sua audacia e penetração viu-se Grotefeud senhor de um certo numero de lettras, que eram as que compunham os dous nomes proprios de Xerxes e Dario. Pensou, e pensou bem, que a inscripção estava escrita em lingua zenda; mas como não tinha aonde recorrêsse, senão a um pequeno vocabulario muito incompleto de Arquetile-Duperson, nunca poude determinar precizamente o valor de outras muitas lettras: apezar d'isso estava dado o primeiro pásso, e, ou mais tarde ou mais cèdo, o engenhoso descubrimento de Grotefeud seria acabado e aperfeiçoado.

Todavia este complemento de perfeição ainda se demorou algum tempo. Em 1823 um homem, cujos abalizados conhecimentos e genio original a posteridade saberá appreciar, o illustre Saint Martin, pretendeu explicar a inscripção que Grotefeud havia lido em parte.

Apezar porem de toda a sua sagacidade, nem por isso este sabio adiantou mais a questão do que ella estava: corrigiu alguns erros do primeiro, mas elle proprio caïu em outros muitos.

De uma unica cousa careciam estes sabios para resolver o problema, que vinha a ser, o conhecimento exacto da lingua das inscripções: — O Dinamarquez Rusck, que sabia melhor o zendo do que Grotefeud e Saint Martin, deu um grande adiantamento á questão descubrindo o *m* e o *n* que antes d'elle eram reputados como vogaes: com isto tornavam-se mais intelligiveis as palavras, começando a apparecer as suas competentes desinencias.

Finalmente, M. Burnouf, grande sabedor da lingua zenda, e que estava iniciado nos mysterios do seu mechanismo e segredos das suas terminações, deu um novo valor a 12 lettras mais, publicando uma copia de duas inscripções com uma traducção que tem todo o caracter da verosimilhança.

Actualmente si alguma duvida póde occorrer, é somente a respeito de um numero muito pequeno de lettras: M. Lassen, que ao mesmo tempo trabalhava em Ronn n'este objecto, alcançou tambem resultados, os quaes, posto que tenham alguma differença em certos pontos, concordam todavia em grande parte com os de M. Burnouf.

Finalmente rasgou-se o véu, que occultava esse alphabéto mysterioso de Persépolis, e dentro em breve tempo esperamos tambem que os esforços e tentativas dos sabios de todos os póvos aprezentem as traducções d'esses outros monumentos de Assyria e Babilonia, que ainda hoje jasem intactos.

PHYSICA

OS VENTOS.

É cousa bem sabida a lei, que faz tender todos os corpos para o centro da terra: atirai uma pedra ao ar, e vereis, que, em perdendo a impulsão, que lhe transmittisteis, immediatamente cáe, obdecendo a essa lei d'attracção descuberta por Newton, e por elle sábia e mathematicamente calculada. Ora o que acontece á pedra, succede com todos os corpos, sejam elles de que qualidade forem.

Digitized by Google

A atmosfera está por consequencia sujeita á ella; e si cauzas diversas, muitas das quaes ainda até hoje não foram descubertas, deixassem de produzir sua acção, não houvera de mostrar-nos essas variações, a que chamamos ventos: porque, tendendo para o equilibrio de repouso, ficára como stagnada [permitta-se a expressão] e sempre conservára a mesma altura e egual densidade em todas as partes.

A temperatura da atmosfera é a causa mais geral das alterações de que fallamos: quanto esta fôr mais elevada, mais deve diminuir a sua densidade, e então como isto não acontece na totalidade, mas só em porções, aquella que mais densa fôr, mais pesará sobre a que o é menos, e a deslocará.

Esta deslocação produz pois o movimento progressivo das massas do ar, que constitue o vento, cuja direção e ligeireza dependem de outras cauzas.

Mas não parecem ser estas variações de temperatura a unica cauza dos ventos; julga-se que a attração da lua e do sol para elles concorre; chegando até um grave author a calcular, que o diurno movimento d'aquelles astros pode dar um vento L'éste continuo em roda do equadôr; todavia não são ainda as observações feitas por tal modo numerosas e concludentes, para se acceitar tal opinião sem reserva; posto que é para notar serem os ventos mais frequentes nos equinoxios: desenvolverem-se os furacões mais vezes nas epocas de lua nova e lua cheia; e appresentar quasi sempre a atmosfera uma pequena, e pouco duravel agitação depois do meio dia e meia noite.

A mais commum de todas as divisões, que dos ventos se teem feito, é a que os disparte em ventos *geraes*, *variaveis* e *periodicos*. São estes ultimos, chamados ventos de monção, particulares aos tropicos; dizem-se devidos á differente temperatura, que ao ar communicão a terra e as aguas: sopram seis mezes n'uma direcção, e seis mezes n'outra. Todavia estas mudanças não se succedem repentinamente; umas vezes, são precedidas de calmaria; outras acompanhadas de brandos ventos e variaveis; e finalmente n'algumas costas, como as de Coromandel e da China, são annunciadas por horrorosas tempestades.

Periodicos tambem são uns ventos chamados brisas ou virações do mar e da terra, que sopram nas costas situadas entre os tropicos.

Parecem devidos á differença de temperatura, que possue o ar que está por sobre o mar, e o que existe por sobre a terra. O occeano aquece e resfria mui lentamente, e o curto espaço de uma noite e de um dia apenas lhe produz variações de temperatura insensiveis. Na terra, pelo contrario, a differença é muito pronunciada; o ar, que com ella está em contacto, aquece muito mais durante o dia, que o do mar; e eis a razão porque se alevanta uma viração que sopra d'ahi: vindo durante a noite a succeder o opposto, porque o ar da terra resfria mais cedo que o da agua, e por isso a viração sopra da terra para o mar.

Os ventos variaveis, que pertencem principalmente ás regiões situadas entre os tropicos e os pólos, parecem resultado das mesmas cauzas, que os outros; são porem modificados por circunstancias, que ainda se não poderam regularmente especialisar.

Alguns destes, que dominam nos paizes quentes, são designados com nomes particulares.

O Harmattan sopra do interior da Africa para o Occeano Atlantico; reina nos mezes de desembro, janeiro, e fevereiro. E' tam secco, que em momentos destróe toda a vegetação; mas é geralmente saudavel e purifica o ar.

O Siroco é um vento do sul, que sopra geralmente todos os annos proximo ao verão, na Italia e na Dalmacia. Prezume-se que vem dos ardentes desertos da Africa, e semelha muito ao antecedente, differindo comtudo na funesta influencia, que tem sobre os animaes e a vegetação. Em quanto dura, os habitantes das regiões que o experimentam, fecham-se em casa, tapam todas as aberturas e buracos, por onde podesse entrar, e assim estam clausurados até que no espaço de 36 a 40 horas, pois tanto dura ordinariamente na Sicilia, elle desappareça. Ignora-se ainda, si os seus effeitos são devidos ao calôr, ou a algum corpo mephitico, de que venha carregado.

O Samiel é um vento horribilissimo; diz-se que a sua acção é lethal, pois nos desertos proximos de Bagdad não pode respirar-se por ser mortifero. E elle tal, que si dermos fé aos viajantes, perigozissimo será a uma alma christã encontral-o n'aquellas aridas regiões, e bem pode ir com o acto de contricção na boca, para que elle lho deixe findar. Conta-se que os camellos o sentem approximar, e então cravam as cabeças na arêa até que seja passado, o que acontece em poucos minutos.

[Continúa.]

Os nomes misteriosos. — Alguns povos da antiguidade não pronunciavam o nome proprio da Divindade, que para elles era a mais sagrada e respeitavel, receosos de que, proferindo esse nome augusto, acontecesse algum funesto effeito.

Os Pythagoricos não pronunciavam, nem manifestavam a palavra, a que chamavam de quatro letras, em que se necerrava o verdadeiro nome da maior das sciencias. Os Egypcios tinham egualmente nomes occultos dos deuses que mais respeitavam.

Os Romanos conservavam da mesma fórma á sua cidade um nome occulto, que era o seu verdadeiro nome, e não permittiam que elle

Digitized by Google

se pronunciasse para que os inimigos invocando os Deuses da Cidade os não fizessem abandonar a defensa de Roma. Este nome occulto era = Valentia = que em latim e em celtico significava o mesmo que em Grego = Roma = e queria dizer *Cidade forte, elevada.*

Os Siamezes conservam no mesmo segredo o nome do seu Rei. Os Mandarins da primeira ordem teem unicamente o direito de pronunciar aquelle nome sagrado e mysterioso, porque se teme, que sabendo-o o vulgo se sirva d'elle para fazer sortilegios contra a pessoa do Rei.

O que os povos idolatras faziam por superstição, occultando o nome da sua maior divindade, ou a qual mais respeitavam, os judeus o faziam por muita veneração. *Jehovah* era o nome proprio do Deus d'Israel; os seus livros sagrados o conservam ainda; mas os Judeus o não pronunciavam e lhe substituiam o de *Elohim* que significa *poderoso*, e o de *Adonay* que quer dizer *Senhor*. —

Parece que os primeiros Lusitanos tinham tambem uma divindade particular, cujo nome se ignora, e a qual invocavam nos perigos. Conjectura-se que o nome do deus *Endovellico*, o maior Protector de toda a sua nação ou congregação, não corresponde a essa divindade occulta e mysteriosa.

O TACITO

Traduzido e annotado pelo Sr. Jose Theotonio Canuto de Forjó.

Raro encontrar ja hoje em dia quem se occupe de verter classicos latinos, principalmente em nossa terra, quando bem poucos annos ha ainda, foi esse todo o afadigado empenho dos mais abalisados talentos: — a Litteratura das differentes nações se enriqueceu por esse modo, trasladando para o seu idioma, e nacionalisando, para assim dizer, os melhores engenhos da antiguidade. As vantagens que d'ahi resultavam eram obvias: — as linguas modernas, que todas por mais ou menos proximo parentesco nasceram das antigas, se foram assim aperfeiçoando e enriquecendo com o não pequeno cabedal de vocabulos e frases que para si colhiam d'esse proficuo trabalho. = E alem disto, quanto não tinha egualmente a ganhar o bom gosto em toda a especie de litteratura? .... — Pelos authores da antiguidade é que se formaram os nossos melhores escriptores classicos; esses a quem veneramos como os pais da pura linguagem; logo o respeito que lhe tributamos reverte, em não pequena parte tambem, para a sua primitiva origem.

Para fallar da prezente obra basta pronunciar o nome de Tacito; — Tacito o melhor escriptor da antiguidade, em quanto á pureza e sublimidade da dicção, é ao mesmo passo um dos melhores historiadores que d'ella nos ficaram; por quanto não só escreveu a verdadeira historia dos differentes reinados, senão que tambem a verdadeira philosofia da historia. — Suas paginas recheadas de moral mais pura, revelam em toda a plenitude a grandeza d'alma do escriptor, que em cada regra transluz para premiar ou punir, segundo tem a fallar das virtudes ou das perversidades humanas.

Parece que, encarregado por sua época, falla dos homens e dos Reis, unicamente para os citar perante a censura da posteridade; — nada pode escapar á sua justiça, porque elle penetra até ao fundo do coração humano, e é d'ahi que extrae as tintas com que o hade descrever. — Que thesouro de maximas governativas não deverá pois encerrar um similhante livro! —

Ora eis ahi a obra que o Sr. Forjó quiz naturalizar em nossa terra: — como digno apreciador das suas bellezas, e da utilidade que de sua lição podia reverter em proveito publico; — todo inteiro se deu ao pezado trabalho da sua traducção, não poupando para isso tempo nem mais sacrificios. — Para fallar da traducção, e da pureza do estilo, bastará egualmente dizer que é do Sr. Forjo: — todos sabem a grande difficuldade que ha em verter litteralmente, muito mais de uma lingua, que, por sua indole propria, tanto excede qualquer outra ja em concisão, ja em riqueza de expressões: — porem, tudo isto venceu o traductor na prezente obra com notavel esmero; chegando muitas vezes a expressar-se com toda a graça e força do original.

O querer fallar aqui do Sr. Forjó para tecer seus elogios fora por ventura arredarmo-nos um pouco do assumpto do prezente artigo, em que unicamente nos propusemos fallar da obra; porem trata-se tambem aqui de mais alguma outra cousa: — trata-se de pagar a esse bom ancião uma divida de gratidão e estima de que nós, e em geral toda a mocidade, lhe é devedora, pelo muito que sempre com ella se desvelou em doctrinal'a e instruil'a; — e esta pequena coroa, que por mãos tão debeis lhe é tecida, certo estamos nós que a hade acceitar, porque n'ella verá mais do que simples louvores, verá provas fieis de nossa sincera amizade. —

Certamente é pena que de similhante obra apenas se chegasse só a publicar o primeiro volume, sabendo nós com certeza que todo o resto da tradução existe acabado em poder do traductor, que só por falta de meios o não tem publicado: — não sabemos que mão fado preside a todas as nossas couzas, que, o que se não perde por falta de vontade, se perde sempre por outro qualquer motivo. — Finalmente não re-

Digitized by Google

cclamos affirmar que a traducção do Sr. Forjó, enriquecida de eruditas notas é superior, em quanto a fidelidade da versão, a todas as mais que até hoje conhecemos. —

OLGIATI

[1476.]

De volta a Milão desde a véspera e recolhido em seu modesto gabinete, Cola Montano se enthusiasmava de admiração, que por ser solitaria, nem por isso era menos ardente. —

Acabava a outava hora da noute de sôar na cathedral, cujas estatuas e pyramides se escondiam em um veu fúgido e melancolico dos ultimos dias de novembro. — Sentado a uma banca, aonde jaziam um tinteiro e um candieiro de bronze de stylo gothico, o sabio se inclinava e embebia todo na contemplação d'um livro, em cuja capa vermelha, apertada com brochas, diversas figuras se viam cunhadas de bem-aventurados. Era esse livro uma Biblia latina impressa recentemente com typos fundidos. Logo que a exaltação deu logar a um socego reflectivo, elle se levantou, e tirou de uma boceta, onde estavam encerrados alguns manuscriptos, um outro livro impresso. Tremiam-lhe as mãos ao tocar esses thesouros de poesia e de sciencia! uma alegria animou aquelle rosto, em que as meditações e as provas, porque havia passado, tinham gravado profundamente uma severa austeridade. — Este segundo livro era ainda outra Biblia.

Montano a collocou junto da primeira. — Seus olhos, aonde brilhava neste momento todo o ardor da mocidade, passavam alternativamente de uma para outra, mas sempre se fixavam com indisivel admiração n'aquella que tinha sido o objecto de sua contemplação primeira; comparava-as linha por linha, palavra por palavra, e do peito lhe subiam aos labios incoherentes exclamações.

Memorava uma das Biblias os primeiros bosquejos da arte quando ainda lettras de forma rotunda, abertas em páo e enfiadas umas apóz outras, paralisavam o pensamento em paginas que não soffriam uma observação minuciosa; — tantas eram as irregularidades que appresentava a disposição dos typos. As lettras iniciaes, escriptas com penna e douradas ou pintadas com côres mui brilhantes, pareciam alli collocadas como monumentos levantados pelos *Copistas*! os copistas, raça paciente e laboriósa, que não sem dolorozissimo desgosto via a impulsão, que animava uma arte nova, e ja tam fatal aos seus destinos. —

Montano descubriu duas vezes sua cabeça calva, pronunciando o nome de *Pedro de Schaeffer*, Socio de *Guttemberg* e de *Faust*, que acabava de inventar os admiraveis typos fundidos, em que havia sido impressa a segunda Biblia.

— Pedro de Schaeffer, diz o ancião, dever-te-ha o futuro uma nobre e preciosa descuberta, que fará dar á humanidade um passo immenso e gigantesco. Um dia virá em que os póvos se instruam. Homens aos ólhos de Deus, tambem serão homens aos ólhos dos reis. Todos compreenderão o Evangelho, essa nutrição do fraco, aonde está escripto, que *os humildes serão exaltados*, e os *soberbos serão humilhados*. O'! liberdade... liberdade!.. E o velho abanava a cabeça calva pelas meditações e os annos.

N'esse momento a apparição de um estranho o tirou das abstrações em que scismava.

— Meu Pai? exclamou Visconti precipitando-se nos braços do ancião, oh! em que impaciencia não ardia eu por vos tornar a vêr! Quanto tempo não ha decorrido desde que deixastes Milão! Como tendes vivido n'esta terra de exilio? A recordação de vosso filho fez-vos alguma vêz palpitar o coração? Quantas perguntas meu Pai!

— Sim eu pensava em ti, Carlos: ah! eu vos amava e lamentava a todos! Milão é a patria do velho Montano. Dante Alghieri assim se expressou « penosa é de subir a escada do » estrangeiro. » Meus ólhos, que, desde muito não sabiam o que eram lagrimas, as encontraram tornando a vêr os campos de Milão. Tudo ahi existe como em minhas derradeiras lembranças.... Senta-te, Visconti, e conta ao desterrado os soffrimentos da patria.

— E é bem desgraçada, meu Pai; Sforza é um monstro.

— Não é d'agora que o sabemos todos, meu filho. E não trasborda ainda a taça de suas iniquidades?

— Já está cheia, meu Pai.

— E faltam por ventura *almas* em Milão? perguntou o velho com profundo ressentimento. Não. — respondeu Visconti. Olhou então para Montano, e tornou logo entre dentes: somos todos uns cobardes!

— Viste Girolamo Olgiati?

— Estava ausente quando o procurei em casa, mas deixei um bilhete a sua esposa para lh'o entregar.

Nesse momento bateram á porta, e a fronte do velho se enrugou com uma especie d'inquietação.

Será Olgiati..... mas não... talvez seja Galeaz, que me vem convencer não existir liberdade possivel, senão na propria consciencia. Disse: e foi abrir a porta. Dois homens emboçados em capotes escuros entraram ao mesmo tempo. Montano aguardava, que se dessem a conhecer. Um d'elles se collocou de

Digitized by Google

modo a reflectir em suas feições a palida claridade do candieiro. Este rosto vivo e risonho fez palpitar o coração do velho, e, quando sua mão se estendeu, encontrou a mão de um amigo.

Sejais bem vindo, Andrea Lampugnani, abençoem-te os céus por te haveres lembrado do velho mestre.

Depois voltou os olhos para o companheiro de Lampugnani, = tenho uma memoria bem infeliz, disse elle, não conheço esse homem que te acompanha.

» Envolvido na multidão de vossos admiradores muitas vezes assisti a vossas lições. » A edade do que acabava de fallar, orçava pelos 29 a 30 annos. O rosto queimado do sol, e as feições do simples vestuario que trajava, o denunciavam por marinheiro. Havia em suas maneiras um certo ar de dignidade respeitosa e insinuante, que interessava cordialmente.

— Quem sois vos? perguntou Montano, cujo olhar profundo se havia fixado sobre o homem singular.

— Christovão Colombo de Genova, respondeu o estrangeiro com modestia. Não pude resolver-me a deixar Milão sem tornar a vêr o que era sua luz.

— Ainda havemos muito tempo para nos tornar-mos a vêr.

— Colombo teve um sonho de gloria, que quizera realisar. — Disse então Lampugnani. Uma especie de ironia deu a estas palavras um sentido motejador.

— Apparelhais-vos talvez para guerreiro de aventuras, ou para capitão de *condottieri*? interrogou Montano.

— Os *Sforza* chamaram a si os animos aventureiros. Algumas vezes nesse caminho de destruição apparece uma corôa, que se pode apanhar; mas não receais que vos peze como de ferro? estais ainda tam moço!...

— E o que é uma corôa! respondeu Colombo.

O velho o media com curiosa attenção.

— Gosto d'este desprezo. Aspirais ao renome de Poeta?

— Não, mestre.

Talvez alguem divizasse na breve resposta do Genovez uma especie de desprezo.

— É que tinha isso, exclamou Montano. Não ha por ventura em vossa alma um echo para as glorias de Italia! Sois por acaso insensivel ao nome de Petrarcha? Nunca chorastes, nem vos exaltastes com Dante! Nunca fostes feliz com suas obras? Oh! Dante, morrendo de miseria em Ravenna, é maior e mais digno d'invejar do que o proprio Cesar triumphando do Universo. Os Poetas, mancebo, são os Profetas dos seculos. Depois mais socegado Montano lhe perguntou =

— Finalmente que pertendeis fazer?

Descobrir um mundo, respondeu Colombo.

— E onde existe esse mundo?

No occidente da velha Europa, para alem dos mares.

Colombo estendeu então o braço, como para mostrar o mundo, que via em sua alma.

Um riso de desapprovação errou nos labios do velho; e Lanpugnani começou a rir ás gargalhadas.

— Bem te dizia eu, Colombo, que deste em demente. Onde sonhaste tu que havia outro mundo alem deste, que nos é conhecido?

— Pois dem-me um navio, retrucou Colombo, e o louco será grande entre os homens. Não vêdes vós, que o mundo conhecido está incompleto? Todos os sábios assignaram á terra uma forma spherica; e será de sabio pensar que o vasto espaço ignorado até nossos dias não é mais que ûa massa de agoa, ornamento inutil deste globo, solidão estranha aos beneficios do Creador, e contra a existencia da qual, mais cedo ou mais tarde, protestará a humanidade? Deus só quer o que é bello, e a belleza consiste na harmonia. Esse mundo, de que affirmo a existencia péga com o continente da Asia. — Olhai, para os Portuguezes, para esses valentes guerreiros e sabios navegantes, cujo coração não pulsava á vontade no seio de sua patria: quizeram abrir pelo Sul um caminho para as Indias, e descubriram a Zona tórrida da Africa, que se julgava inhabitavel, apezar d'os homens serem differentes dos outros povos conhecidos.

— E já os vistes, Colombo? perguntou Lampugnani.

— Sim, respondeu o marinheiro, já os vi em Lisboa.

É sua pelle negra como o ébano. Os nossos cabellos são compridos e corredios; mas os delles são, pelo contrario, muito curtos, lanuginosos, e riçados. Teem, alem disso, o nariz esborrachado, os labios mui grossos; e a côr negra do rosto lhes faz alvejar de neve os dentes, um tanto inclinados. Os Portuguezes, esses homens dos prodigios, se espantaram, quando os viram pela primeira vez. Julgaram que aquella côr era produzida pelo ardor do sol, e, receiando ficar similhantes aos solvagens, não ousaram entranhar-se por essas terras ardentes.

— É tudo verdade o que dizeis, lhe respondeu o velho; mas em quanto forem só essas as provas que appresentardes, passareis por um visionario. O que em vós é convicção será escarneo para o vosso seculo; suffocará esse pensamento, e vos esmagará com seu despreso! Desconfiareis então de vós mesmo, e do vosso genio: perder-vos-heis em um mundo de contradicções e amargas incertezas; e, a final vencido nessa lucta, procurareis o socego em um esquecimento inglorio.

— Desconfiar de mim mesmo, é horrivel! bradou Colombo; — mais valêra a fria insensibilidade do sepulcro.

Digitized by Google

— Não temos o direito de escolher, retrucou o velho; ao christão incumbe a obediencia.

— É o que nos resta a nós, adoradôres de Jesus Christo, disse Visconti inclinando-se com humildade. —

— Será difficultoso desanimar-me, tornou Colombo. Visitarei todos os reis. A fraca voz de Pedro o Eremita levantou a Europa inteira; e eu não peço mais que um navio. Oh! si eu podesse atravessar os mares a nado!... Mestre, meus olhos não se hão-de cerrar, sem que tenha visto esse Mundo! — Não será sem interesse para a grandeza de Colombo, e para os destinos da humanidade que um Portuguez inventou a bússola. —

Havia então na expressão de Colombo um tal caracter de constancia enthusiasta, que admirava o proprio Lampugnani.

Neste momento, um mancebo magnificamente vestido se precipitou no gabinete do velho, machucando entre as mãos uma gôrra de veludo preto, donde pendiam umas plumas brancas. Suas feições estavam desordenadas, os olhos espantados, e o tom da voz revelava uma terrivel desesperação.

— Montano! caro mestre! Porque tornaste para esta cidade de abominação?

— O que tens Olgiati? perguntaram trez vezes ao mesmo tempo.

— Vingança! bradou elle com uma voz, onde se concentràvam um odio tamanho, e uma dôr tão intensa, que todos estremeceram. — Visconti, Lampugnani! é mister assassinar Galeaz...

»Sim, continuou Olgiati, é mister assassinal-o = Galeaz é o inimigo commum, é o algoz de nós todos. Si acaso Milão não está ainda reduzida a um vasto cemiterio, si ainda correm suas ruas cidadãos pallidos e deslionrados, é por que receia, que os povos se não levantem a um tempo para o esmagarem no mesmo instante: Visconti, tu o deves abominar, porque perturbou a paz de tua familia! Lanpugnani, tinhas amigos, e sua cabeça foi decepada pelo verdugo, e muitos foram lançados vivos nas entranhas da terra; deitaram-lhe um punhado d'esse pó sobre seu corpo ainda palpitante, e ei-los já de todo esquecidos!!

Meu Deus! e pode a alma olvidar tão repentinamente as intimas affeições do coração!... Não hemos visto as mulheres, gloria de Milão, arrancadas a uma vida de venturas e prosperidades! O monstro as contamina com seu amor; e depois as dá a prostituir a seus soldados. Passam de uns braços infames para outros mais infames ainda, si é possivel.

Não satisfeito com tantas vilezas, Galeaz quiz exceder-se a si proprio. Escutai, attendei bem. O ancião, que todos amavamos, acaba de morrer no calabouço. A miseria e as privações lhe gastaram a vida lentamente. Não foi o frio com que tiritava, a solidão em que vivia, e a noute sempre negra em que o haviam sepultado, que lhe trouxeram a morte; foi Galeaz que o condemnou a torturas infernaes. A fome devorou as entranhas do malfadado; torcia-se com dores intensas, fazia lamentos espantosos, e se rojava por terra como um hediondo reptil. Quasi que enlouquecia n'esses momentos de desesperação. Depois quando o spectro implorou a morte á piedade de seus algozes, com um sorrizo de demonios lhe responderam esses monstros: = come os teus excrementos, e saciarás a fome; = e elle em sua agonia os comeu, e eram seu pão, sua nutrição quotidiana. E Galeaz muitas vezes assistiu, com prazer intimo d'alma, a esse hediondo e horrivel banquete!.... E quantas victimas não terão tido um passamento egual, e uma agonia similhante!.... Correm-me as lagrimas, e vós deveis tambem chorar, deveis tambem lamentar essa vida esmagada com o peso atróz de dores tam agudas. Visconti, elle balbuciou teu nome na hora da agonia, e pronunciou o meu tambem: sem duvida nos legava a sua vingança de morte!..

— E quem te contou tudo isso? perguntou Visconti sensivelmente commovido.

— Um velho sacerdote, amigo de minha familia, que ouviu a sua confissão. Duas horas só teem decorrido desde que o miserrimo agonisava em suas fetidas palhas, e em quanto elle accusava nossos braços, eu assistia a uma festa do monstro.

— Vós? exclamou Colombo.

— Sim! eu mesmo. Mas não sabeis para que ali estava? era para, si me fosse possivel, não perdel-o de vista, em quanto o não apunhalava. Oh! si fora fado seu sobreviver-me!!! Hemos todos sido uns cobardes! Exprobai-nos nosso procedimento de fracos! Que tua voz, Montano, ressôe ainda severa, como quando nos ensinavas o que era justiça, quando nos provavas não haver bem mais nobre do que a liberdade: mas hoje que ella se faça ouvir para nos cubrir de vergonha, e de opprobrio; porque somos filhos degenerados da terra da liberdade, e soffremos o que jamais nossos Maiores julgaram possivel poder existir. —

= Em uma noute Deus riscou Balthasar do livro da vida, e comtudo Balthasar era puro, comparado com Galeaz. = (*Continuar-se-ha.*)

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.° 102: Rua do Ouro n.° 140. Rua da Prata n.° 109. Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs.; e avulço 80 rs.

LISBOA

Typ. da Academia das Bellas Artes.

Rua de S. Jose N.° 8.

Digitized by Google

O

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 5) Publica-se todos os Sabbados (Fevereiro 1, 1840.

O CANTO D'ALTABIÇAR.

Nada ha que tanto excite e entretenha nossa attenção como o pictoresco aspecto que as scenas da Natureza de continuo nos apresentam aos olhos: — a variedade, thesouro com que lhe approuve enriquecer ainda mais todas as suas creações, é certamente o que n'ellas mais nos agrada, e o que mais nos enleva na contemplação de seus formosisimos quadros.

— A monotomia é sempre para o espirito um sentimento de profunda tristesa, que lhe pesa como a consciencia de sua propria insignificancia: é por isso que elle busca com empenho variar sempre de situações, e que, uma vez saciado de haver gosado aquillo que possuïo, ja adeja apoz outros desejos de alcançar o que lhe é ainda vedado conhecer, mas que por isso mesmo tem para elle um quilate de tão subido preço, que lhe não é possivel resistir á tentação de o querer alcançar. — Quantas vezes não temos nós experimentado esta verdade nas cousas mais triviaes da vida?—não é porem isto dizer, que a insconstancia lhe seja natural, porque nem n'isto existe por ventura inconstancia de sua parte: — reconhece, que o mundo todo o chama a gosar de quanto em si possue de ameno e agradavel: — sente, que para elle não ha localidade alguma demarcada para sua existencia; que toda a terra é sua patria, e que tanto lhe deve pertencer o que hoje aqui disfructa, como o que em outra qualquer parte pode vir a disfructar. — Quem haverá, que em seus devaneios da fantazia, não tenha ja anhelado por se transportar a outras regiões, a outros logares distantes d'aquelles onde existe? — Saudoso vai sempre ao despedir-se o que se aparta para longe de sua costumada residencia; mas quanto não julga elle bem pagas todas essas horas de saudade e amarguras, quando na contemplação de estranhas prespectivas, de costumes e habitos differentes, todo o espirito lhe corre embevecido apóz o gosto da novidade que tão deleitosamente o fascina?

— No presente artigo, que ora damos aos nossos leitores, facil lhes será o poderem-se figurar por algum tempo, que disfructam uma pequena parte deste prazer — Nem sempre, nem a todos, nos é permittido o poder saciar satisfactoriamente o que se nos faz muito desejado; mas ao menos lá está para nos compensar de todos esses dissabores, essa magica prolentesa do espirito humano, que a seu sabor converte umas cousas em outras, e não raro ella mesma as tira do cofre inexhaurivel de seus thesouros. — E' pois para a imaginação de nossos leitores, que appellamos no presente artigo, certos de que lhe não deixará de ser agradavel, quando por este modo lhe fallamos nas cousas que mais a recreiam.

O CANTO D'ALTABIÇAR, é um d'esses romances cheios de viço e poesia, que muitas vezes deparamos, aonde menos os pensavamos achar, entre esses povos rudes, cujo existir é tão differente do nosso modo de viver, que por issso muitas vezes lastimamos a sua sorte, quando por ventura só a devereemos invejar. — Si ha espectaculo, — diz um escriptor moderno, — digno de fixar a nossa attenção no meio do globo entre tantas nações de origens e raças differentes, é, sem dúvida alguma, o aspecto maravilhoso que nos apresenta esse povo original arremeçado, como um monumento da antiguidade, na extremidade occidental da Europa, entre a França e a Espanha, entre os Perinéos e o occeano. — Este povo, a quem os antigos deram o nome de *Cantabrio*, e os modernos o de *Vasconso*, nunca, porem, a si proprio se designou senão com o de *Escualdunac*, dirivando-o das palavras — *Escu*, *alde* e *dunac*, que entre elles significam, os que tem mão ligeira, isto é, homens destros e engenhosos.

Muitas cousas curiosas se tem escripto ácerca da origem deste povo, ao qual a corrupção ferruginosa dos tempos ainda não poude roubar o cunho antigo de seu caracter verdadei-

Digitized by Google

ramente original. — Nós apontaremos aqui o que ha de mais notavel a este respeito.

A lingua deste povo é uma das mais maravilhosas que existem; raras vezes elles dão ás pessoas ou cousas, nomes que desde logo não designem a sua natureza, suas perfeições ou propriedades; nomes, finalmente, que não sejam significativos, e fundados sobre alguma das qualidades mais salientes dos objectos, ou sobre algum de seus attributos distinctivos.

Varios escriptores de merito, entre outros Scaliger, M. Depping, e o jesuita espanhol Larramendy, não teem duvida alguma em accreditar, que a lingua dos Escualdunás fosse anterior á latina e por ventura mesmo á grega, fazendo-a por este modo contemporanea da hebraica e sobre tudo da espanhola. — Deixaremos, porem, a esses senhores, a quem cega e desvaira o seu excessivo amor patriotico, o cuidado de nos provar por A e mais B, de que na realidade isto é assim, e que provavelmente a lingua, em que Deus fallou ao primeiro homem nos jardins do Eden, foi a lingua dos Escualdunás. — Fóra loucura o querer seriamente rebater suas opiniões.

Quaes quer, porem, que ellas sejam, o que nós não receiamos dizer aos nossos leitores, é, que segundo a opinião dos mais intelligentes, a lingua Escualdunac, é simples, natural, rica e abundante. — N'ella se encontra essa singeleza primitiva, que a reveste das mais donosas e poeticas fórmas; — muitos a accusam de pouco harmoniosa pela immensa quantidade dos sons nasaes, e pelas repetidas desinencias em *ac*, *ic*, *tuá*, *e ago*: — porem, ha nestas inflexões mesmo, nos gestos e tregeitos deste povo uma tal graça, e um caracter tão particular de altiveza e dignidade, que por certo é de maior valia, do que não são os longos periodos de uma linguagem estudada. — Esta mesma orginalidade de caracter ainda se faz mais sentir nas suas danças e cantos populares: — diz-se-hia que um delirio se apoderou d'elles, quando por tal arte se agitam e retorcem e fazem resoar os echos das montanhas com os sons repetidos de mil vozes que nos ares se confundem: o solo em que estão sustentados parece apenas ser tocado de leve pelas plantas de seus pés; finalmente, no meio do enthusiasmo que os inspira saem ás vezes fogosos improvisos cheios de graça e frescura.

Si, porem, a linguagem deste povo, dizem alguns viajantes, tem ainda alguma aspereza para nossos ouvidos, todo esse desagrado absolutamente o perde ao passar pelos labios de uma mulher. — Qual seria o viajante, que na presença d'essas scenas sublimes da natureza, que acima da cabeça lhe esta suspendendo alcantilados cerros, e por onde quer que espraia a vista não depara senão com scenas de sublimidade e tristeza, ousasse afastar para longe de si uma d'essas creaturas, cujo olhar languido e expressivo, cuja linguagem monotona mas agradavel, tanto se harmonisam com tudo o que tem ante os olhos? — Então facilmente lhe viria tambem a ideia, que a linguagem propria de um povo e os seus cantos, ainda mesmo quando querem expressar a alegria, são tristes e monotonos.

Na lingua dos Escualdunás, Deus é o *Jaungoicoa*, o que quer dizer — o senhor de cima; o sol, *eguskia*, o creador do dia; a morte, *heriotza*, a doença fria. —

O canto do homem, como diz um celebre escriptor, é naturalmente triste; — outra observação se poderia ainda ajuntar, e vem a ser, que o dos povos que habitam nas alturas, é de ordinario sempre lento e monotono, como, si á medida que os ruidos mundanos se vão esvaindo, quanto mais nos elevamos, as vozes e as harmonias celestes se procurassem confundir pela sua approximação.

Os Escualdunás não tem escriptos, e a maior parte dos seus fastos historicos existe só nas tradicções nacionaes: as suas poesias vão sendo por este modo conservadas de geração em geração, e entre ellas [quasi todas de um caracter allegorico] algumas se deparam, que por ventura não sejam inteiramente inferiores pela sua ingenuidade e simpleza a muitas das cançonetas de Metastasio. — Algum dia virá em que um novo Macpherson as recolha, e as dê á luz; mas entretanto que elle não vem julgámos que não seria inteiramente desagradavel aos nossos leitores apresentar-lhe aqui a versão de um d'esse cantos, para que, pelo que ainda lhe resta de orginalidade, possa formar uma idéa de quanto ha ainda para admirar na sua linguagem primitiva.

Entre os muitos romances cavalheirescos, que assim lhe podemos chamar, o que geralmente é mais conhecido é o que tem por titulo — *O canto d'Altabiçar* —, o qual nós (por ignorarmos a lingua primitiva em que está escripto) vertemos de uma traducção franceza. O sugeito d'este canto é a pasmosa batalha de Roncesvalles, decantada pelos descendentes dos vencedores, em cujas memorias anda impressa a lembrança das proezas e feitos do valerozo Carlos Magno: — ainda hoje elles mostram ao viajante os sitios aonde se passaram aquellas celebradas victorias.

— Segundo a geral tradicção, Carlos Magno tinha passado alem das Navarras para se ir esgremir contra mouros ou christãos; — porque o caso ainda não está muito claro sobre este ponto; o certo é, que voltando victorioso de suas batalhas, á sua entrada em França, os Sarracenos, segundo uns, os Escualdunás segundo outros, e por ventura todos elles juntos, lhe appareceram nos cimos das montanhas

Digitized by Google

e fazendo chover nuvens de frechas e rochedos sobre os de toda a sua comitiva, os poseram em completa debandada, apezar das gentis proesas dos paladins, e insigne valor do chefe que os commandava — Eis agora aqui o *Canto d'Altabiçar*.

——*——

— Um grito se elevou no meio das montanhas dos Escualdunas, — e o Etecheco-jauna em pé no limiar da porta prestando attento ouvido, bradou: — Quem vem lá?... quem me chama?... e o rafeiro que dormia aos pés de seu senhor se alevanta e com seus latidos atrôa as montanhas d'Altabiçar. —

— O som resoôu no estreito de Ibaneta, e se avizinha repercutido pelo echo dos rochedos: — é o surdo ruido de um exercito que se approxima; mas os nossos já lhe hão respondido do cimo das montanhas com o estrondo de suas buzinas. E o Etecheco-jauna prepara em silencio as suas frechas. —

— Ei-los, ei-los que chegam!.. Que longa fileira de lanças: e como entre ellas fluctuam suas bandeiras de differentes cores! — que raios de luz não scintilam de suas armas! — Mancebo conta-os tu, e dize quantos são? — Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte! —

— Vinte, e milhares d'outros que se não poderiam contar. — Reunamos pois todas as nossas forças; desarreiguemos estas pezadas massas de rochedos, e que do alto de nossas montanhas arremeçadas sobre elles, que morram, que fiquem esmagados!...

— Que veem cá fazer ás nossas montanhas esses homens do norte?.. com que razão vem perturbar nosso socego?.. Quando Deus creou as montanhas foi para que os homens as não transposessem. — Mas já os rochedos se precipitam, e cáem e os esmagam: o sangue corre em borbotões, e as carnes palpitam... Que mar de sangue, e quantos membros despedaçados!....

— Ei-los, ei-los que fogem, e se retiram os que ainda de todo não perderam o vigor, ou lhes ficou o corsel. — Foje tu tambem, ó Carlos Magno, com as tuas plumas negras e a tua capa vermelha: — o teu amigo, o teu mais querido, o valeroso Rolando jaz lá morto, e estendido no pó!... de nada lhe servio tanto esforço e coragem. — E agora Escualdunas, á pressa desçamos de nossos rochedos! corramos sobre elles arremeçando nuvens de frechas sobre os fugitivos. —

— Ei-los, ei-los que desapparecem! — Aonde está a longa fileira de lanças, e as bandeiras de differentes cores? — Os raios do sol já se não reflectem em suas armas cubertas de pó e de sangue!.... Mancebo, conta-os tu e dize quantos são? — Vinte, dezenove, dezoito, dezessete, dezesseis, quinze, quatorze, treze, doze, onze, dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, tres, dois, um.

— Um?!... nem esse mesmo existe: tudo está concluido. — Agora Etecheco-jauna, podes voltar á habitação com o teu rafeiro; lançar-te nos braços da esposa e filhos; enfeichar as frechas com a buzina, e dormir socegadamente em cima, porque durante a noute as aguias virão cevar-se n'esses cadaveres ensanguentados, e seus ossos alvejarão na eternidade.

As Catacumbas.

Asylo dos primeiros christãos parecem haver sido as grutas subterraneas, chamadas catacumbas de Roma. Allí evitavam esses homens cheios de fé as perseguições de que eram alvo, guardavam os restos mortaes de seus irmãos martyres, adorando o Deus vivo nas entranhas da terra. Longe do sussurro mundano, que só exprimia impuresas, elles celebravam seu culto, adquiriam prosélitos, e augmentavam em numero, até que, já fortes com a adopção da nova crença, deixaram aquelles sombrios logares, que ao depois foram descubertos nas excavações. Alguns authores teem, comtudo, duvidado d'esta origem das catacumbas, dizendo, que, em tempos anteriores aos christãos, n'essas cavernas eram lançados os corpos dos criminosos, que morriam nas arênas combatendo com as feras: que, ao depois, as familias pouco abastadas, não podendo imitar o costume dos grandes, novamente em Roma introduzido, de queimar os corpos para conservarem as cinzas de seus maiores, n'essas grutas iam depositar os cadaveres de seus parentes. Estas observações, comtudo, não são geralmente admittidas.

As catacumbas ditas de Roma, são galerias ou ruas subterraneas por tal modo construidas, e crusando-se tam variadamente, que certo n'ellas se perdera, o que ouzasse entranhar-se para as examinar sem um guia experimentado. Teem apenas dois a cinco pés de largura, e quatro até oito d'altura. Os cadaveres eram depositados de ambos os lados da galeria em nichos, onde egualmente estavam os instrumentos das torturas, que haviam padecido, ou da morte, que acabavam de receber. Uma cruz, e algumas vezes o nome do morto, eram os unicos ornatos d'essas sepulturas. N'estas catacumbas ainda se observam algumas cellas, que os seus moradores haviam ornado com inscripções ou disticos tirados das Sanctas Escripturas. —

Catacumbas de Syracusa. O caracter d'explendor e grandesa, que outrora distinguiu

Digitized by Google

esta celebre cidade, em suas catacumbas se acha estampado; são passagens subterraneas, mas feitas e alinhadas com muita arte, e perfeita regularidade. A galeria principal tem dez pés de altura; prolonga-se em linha recta até uma distancia consideravel, e provavelmente correra até mais longe, do que se pode observar; porque o chão se abriu e por tal modo, que interceptou a passagem para diante. Estas catacumbas teem de cada lado cellas abobadadas, que sem duvida serviram antigamente para familias especiaes: os restos de portas, que ainda hoje se encontram, permittem e abonam esta conjectura. Outras cellas, porem sem portas, serviam talvez ás classes mais pobres, ou menos priviligiadas da população. Parallelamente á grande galeria, outras existem quasi similhantes, que ainda por outras são crusadas. Nos pontos de reunião o espaço é mais largo, e n'alguns d'elles se alevantaram soberbos mausoleos. Os muros dos quartos abobadados estam pintados de côres differentes; alguns teem simplesmente inscripções; outros, porem, offerecem figuras d'homens, plantas e animaes. Por cima d'estes intervallos se acham postas as aberturas, que dão accesso nos subterraneos ao ar exterior. —

Catacumbas de Napoles. Estão situadas nas montanhas ao norte da cidade. A sua entrada principal é na egreja de San Gennaro; começam por uma arcada cortada na rocha, da qual se passa então ás catacumbas propriamente ditas. Compoem-se de tres andares subterraneos, o mais inferior dos quaes está agora entulhado por via dos terremotos. Ao longo das galerias, á direita e á esquerda, existem pequenos nichos, cada um dos quaes apenas póde encerrar um cadaver envolvido nas mortalhas. Alguns d'elles são unicamente construidos para creanças. Quando o cadaver é depositado, tapa-se a abertura com um bitume solido. Por cima d'estas aberturas se observam pintados diversos passos da Escriptura, grande copia dos quaes se julga obra do seculo XI. Outras pinturas figuram animaes, aves sobretudo, á imitação dos edificios arabes, ou dos templos do paganismo antigo.

Esta disposição, que notamos, está hoje um tanto mudada. Tiraram-se os restos mortaes depositados nas catacumbas para se enterrarem n'outros lugares. Quando a peste assolou Napoles nos tempos modernos, as catacumbas encheram-se dos mortos, que a horrivel epidemia amontoava pelas ruas. Em muitas outras cidades da Italia existem monumentos d'esta classe, e muito para maravilhar o viajante.

Nas ilhas Canarias se descobriram tambem catacumbas, onde os mortos eram depositados depois, todavia, das cerimonias do embalcemamento. É de notar, que a este respeito o methodo em todos os tempos e logares não tem variado; porque os processos, que descreve Herodoto, como sendo os praticados pelos Egypcios, são os mesmos, que descrevem os historiadores espanhoes em uso nas Canarias. A esta observação se pode accrescentar, que o Egypto e as Canarias são as duas unicas regiões, onde tem existido geralmente o uso de embalçamar os cadaveres: nos outros païzes só as pessoas reaes, ou os abastados o podem fazer. Quando os Europeos penetraram pela primeira vez naquellas catacumbas, acharam mais de 2,000 mumias embalçamadas ao modo egypcio; estavam collocadas n'uma especie de peanhas de um lavor elegante e trabalhado. Uma cousa se deve observar; e é, que ainda que na apparencia o embalcemamento seja semelhante ao do Egypto, todavia, o das Canarias é menos efficaz, porque as mumias d'este ultimo povo, expostas ao ar se decompoem com facilidade, em tanto que as do Egypto se conservam, ou ao menos resistem por mais largo tempo.

[Continúa]

PHYSICA

OS VENTOS.

[conclusão]

Muito semelha o vento *simoom* de Bruce ao vento *samiel*, de que fallamos na primeira parte d'este artigo. Ahi vai a descripção que d'elle faz este celebre viajante. » Ahi [nos desertos d'Africa] nós fomos surpreendidos pelo quadro mais grandioso, que olhos podem ver. Observámos esses vastos plainos encherem-se de columnas d'arêa collocadas em diversas distancias, que, umas vezes, se moviam com extrema rapidez, outras, avançavam com magestoso vagar. Muitas vezes nos julgámos quasi enterrados nas arêas, mas ao approximarem-se de nós, felizmente se retiravam e fugiam a perder de vista. Seus apices, que rasgavam as nuvens, muitas vezes se separavam das bazes. Então a columna se dissipava e desaparecia. Algumas vezes quebrava-se pelo meio, como si fora partida por uma bala de artilharia. Quando era meio dia todas correram sobre nós com extrema ligeireza; e o vento norte era fortissimo. Onze fileiras viamos, umas atraz das outras. A impressão que me causaram foi indifinivel; porque era uma mistura de receio, medo, surpreza e admiração. Era inutil pensar em fugir: o mais ligeiro cavallo, ou navio mais velleiro as não poderiam evitar. Tam persuadido estava, que era esta a minha ultima hora, que fiquei alli quedo e immovel, até que um vento sudoeste as fez de-

Digitized by Google

sappareeer: e a muito custo então pude alcançar os camellos, que haviam continuado na jornada.

« Passados alguns dias as columnas tornaram a apparecer, com a simples differença de serem mais numerosas, e terem menos volume: muitas vezes correram para nós, e pararam a menos de duas milhas. Avistavam-se logo depois de nascer o sol, e faziam a vista d'um frondoso bosque, que veda a claridade da lua. Reflectiam então os raios solares, e pareciam columnas de fogo. Todos já desesperavam: os Gregos davam gritos dolorosos, e affirmavam que era vindo o dia de juiso. O Ismaelita dizia, que era aquillo o proprio inferno: e o Turcoris, que estava o mundo a arder. Perguntei a Idris, si já havia admirado alguma vez similhantes fenomenos, e me respondeu, que os tinha visto tam magnificos, mas nunca tam horrorosos. O que sobre tudo o atemorisava, era a extrema vermelhidão do ceu, presagio certo da chegada do simoom. Pedi-lhe então, que não dissesse nada á companha que ja o havia sentido em Inschansara, e em Acaba de Gerri, antes de chegar a Ghendi; porque já o receio lhes fazia gelar o sangue.

No outro dia as columnas d'arêa apenas se enxergavam a grande distancia no horisonte. Já nos davamos os parabens: porem Idris, em vez de partilhar nossa alegria, nos recommendou que estivessemos prevenidos para que, si viesse o *simoom*, nos deitassemos no chão, e enterrassemos a boca na arêa, para não respirar-mos o ar exterior. Quando eram onze horas, e já com prazer comtemplava-mos os cimos picturescos do Chiggre, onde esperavamos encontrar agua, Idris nos bradou de repente = A terra, á terra, que ahi vem o simoom. Com effeito do sudueste corria um nevoeiro de cor purpurea como a do arco iris. Não tinha mais de vinte varas de largo, e estava doze pés pouco mais ou menos acima da terra. Era uma especie de vermelhidão, que si espalhava na atmosfera, e se movia com rapidez; porque estando eu apenas deitado com a cabeça para o norte, senti um ar quente passar-me pelo corpo. Todos ficamos em terra deitados, até que Idris nos disse que já era passado. O meteoro, ou nuvem purpurea, que vi, já havia então desaparecido; mas tendo deixado na passagem um vapor quente, que nos suffocava. Não soube si aos mais produziu algum máo effeito, mas o que de mim sei, é que só d'ahi a dois annos nos banhos de Poretta na Italia me pude restabelecer d'uma asthma, que então me sobreveiu. »

Suppoem-se que os *redomoinhos* são o effeito da convergencia dos ventos, que determina uma grande rarefação do ar.

Quando estes *redomoinhos* acontecem no mar produzem o fenomeno conhecido com o nome de mangueira. O nosso poeta CAMÕES assim o descreve:

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por sancto,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo d'alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

Eu o vi certamente [e não presumo
Que a vista me enganava] levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via, tam delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes d'agoa em si chupava:
Estava-se co' as ondas ondeando;
Em cima d'elle hu'a nuvem se espessava
Fazendo-se maior, mais carregada,
C'o cargo grande d'agua em si tomada.

Qual roxa sanguexuga se veria
Nos beiços da alimaria [que imprudente
Bebendo a recolheu na fonte fria]
Fartar c'o o sangue alheio a sede ardente:
Chupando mais e mais se engrossa, e cria;
Ali se enche e se alarga grandemente;
Tal a grande columna, enchendo augmenta
A si, e nuvem negra que sustenta.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu, chovendo, emfim voou.
Porque c'o a agua a jacente agua molhe:
A's ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

O furacão é um vento de tormenta que devasta tudo, e a que nada pode resistir. É raro por felicidade, a não ser nos climas, que approximam os tropicos. E' devido á lucta de ventos oppostos; e tam forte ás vezes se amostra, que, muitas, tendo roto as velas dos navios, lhes chega a quebrar os mastros.

Muitas mais variedades existem de ventos, de

Digitized by Google

que por não sermos fastidiosos, nos abstemos de fallar; e remataremos, dizendo, que os ventos são muito necessarios: porque varrem os miasmas, deslocão o ar viciado, e impedem a atmosfera de se corromper: modificam o ardor do sol, temperam as estações, e equilibram o calor do globo.

O DICCIONARIO DAS SCIENCIAS MEDICAS

OBRA DO SR. DOUTOR

Antonio José de Lima Leitão.

Lente de Clinica Medica na Escolla Medico-Cirurgica de Lisboa.

Todos sabem o grande atrasamento, em que ainda hoje [mau grado nosso] estam postas as sciencias Medicas em Portugal. A causa d'isto a podemos encontrar na decadencia de todas as nossas cousas, e no pouco apreço em que geralmente se tem tido a Arte de curar, sendo aliás aquella em que mais vigiam os governos zelosos, e amantes da saude publica. N'estes ultimos tempos, com a restauração da liberdade, a Medecina quiz tambem regenerar-se: porem causas, de que por ventura ainda teremos de fallar, fizeram, que as reformas de pouco ou nada servissem; porque não foram as que as Escollas exigiam, e o estado do Paiz o requeria, sendo mistér confessar, que na epocha actual, são taes reformas insufficientes, e por ventura desacreditadoras: a ponto que, pois não se favorecem os engenhos, de nenhum modo se podem esperar os fructos, que elles deveram produzir.

Todavia a obra, de que vamos fallar, é fructo d'um engenho, d'uma vasta erudicção: = engenho o tem mostrado o illustre authôr do Diccionario de Sciencias Medicas nas numerosas publicações, que de sua pena tem saïdo a lume; = erudicção, n'ellas tambem se poderá claramente ver, e nas substanciaes prelecções, que faz na Cadeira de Clinica. Conhecea bem o Sr. Lima Leitão a grande falta, que havia na Medecina, de um Diccionario, que formasse a linguagem da sciencia, e todo se dedicou a creal-a, e com tam proficuo resultado. E' sabido, que, si a pobresa d'uma lingua impede o desenvolvimento intellectual, a pobresa d'uma linguagem scientifica mostra pelo menos o atrazo da sciencia. Ora essa falta a vamos nós com gosto vendo desapparecer á medida, que vai saïndo á luz o Diccionario das Sciencias Medicas. E na verdade, podemos affirmal-o, é elle composto com tal perfeição e apuro, que excede as bem fundadas esperanças, que todos poem no talento e saber profundo de seu author. São os Alumnos da Escolla os que mais lhe devem, não só pelo bom guia que adquirem, como porque, a não ser a instrucção que lhes deseja infundir, nunca Portugal vira o seu primeiro Diccionario na Arte de curar.

Por tanto nós o recommendamos a todos os que exercem aquelle ramo das humanas sciencias, e principalmente aos Alumnos, que d'elle não podem prescindir; podendo assegurar, que nenhum dos estranhos que té hoje hemos visto, é composto com o primor e riquesa do que devemos ás penosas lucubrações do sabio Medico Portuguez.

Remataremos, pedindo ao seu author, que não desista de tão trabalhosa tarefa, porque a posteridade lhe deverá uma lembrança d'amor e reconhecimento, e sempre ficará gravado no coração dos que amam a Sciencia creada por Hippocrates o impulso, que o Sr. Dr. Lima Leitão lhe imprimiu com sua obra, que, mais que outra qualquer, a pode adiantar nesta nossa desventurada terra.

OLGIATI

[1476]

Como Olgiati acabou de fallar, Montano estendeu o braço, e sua voz grave e solemne penetrou nos corações.

— Visto emfim julgardes [disse elle] que é chegado o momento de Galeaz expiar, que nos hajamos como homens n'este acto d'alta justiça. Por certo, que não sois assassinos furiosos, antes sim juizes, que deveis executar o decreto promulgado no fundo de vossas consciencias. Não é unicamente a morte de alguns homens, que assim faz tam funesta á Patria a vida de Galeaz: mas a liberdade que envilece e assassina, a corrupção que semêa por toda a parte. Forçados a occultar dentro em nós os soffrimentos que padecemos, não é sem infindas precauções, que podemos aventurar alguns ais. Não sabemos, que nos espiam os ouvidos de Dyonisio? que esses labios que animam vossa dôr indiscreta, que exforçam vossa confiança; que os olhos que vos observam, são talvez os labios e olhos d'um espião assalariado; que as palavras, que expressou a amargura, que vos pesa, e que uma vez ditas, já não podeis recolher, são as que decidirão de vossas liberdades, e por ventura das vidas, que amanhã serão vendidas ao tyrano?. E comtudo foi a um irmão, a um amigo, a uma esposa, que as confiastes.

E será acaso precivo fallarvos da torpe indolencia de Galeaz, do luxo que ostenta ex-

Digitized by Google

travagante, que ameaça proxima ruina aos destinos de Milão e de Genova? Em 1841 achou-se em tal pobresa, que não poude defender a ilha de Negroponto, atacada pelos infieis: e pouco depois, n'uma visita que fez a Lourenço de Medicis, ostentou aos olhos de todos um fausto escandaloso. O homem, que receiôu dispender cem mil florins de ouro, dissipou duzentos mil para deslumbrar Florença!

Recentemente ainda os Turcos nos roubaram Coffa, cuja perda corta pela raiz o nosso commercio com o Oriente, a navegação e as nossas embarcações, sem comtudo nada faltar á grandesa e felicidade de Galeaz. E os povos teem ainda muito ouro para fornecer a seus regalos, para o cubrir de brilhantes, e revestil'-o das melhores perolas do Oriente, para o fazer o principe mais dissoluto da terra.

O Pai de Galeaz havia desthronisado os Visconti, e ganho vinte e duas batalhas; seu filho, si o inferno lhe der vida, fará Genova e Milão vassallos de algum grande Principado. —

A paciencia dos povos é inconcebivel! Genova tam soberba: tam turbulenta e zelosa de suas liberdades; Genova, que o velho desprezador da nobresa de França, o astucioso Luiz XI recusou por subdita, não crendo, que houvera poder de homem, que a dominasse; Genova se consolava com suspirar cobardemente, ao ver levantar uma cadêa de fortificações, que a devia attravessar e devidir em duas partes. Gloria a ti, ó Doria, que só ousaste protestar coutra tal violação de direitos e tratados.

— Bella e desventurada Italia, quando acordará o teu patriotismo, quando deixarás de comprar com ouro as almas inconstantes e sem caracter dos *condottieri*, d'esse bando de aventureiros, que sempre vendem seu sangue ao que mais dá, e hoje regulam os destinos da velha Italia?

O ancião aqui inclinou a cabeça, mas logo a levantou, como possuido de um alto pensamento.

— Olgiati, Visconti, Lampugnani, aguardai ainda esta noute para reflectir, e amanhãa, si vossos corações ainda estiverem resolvidos, achai-vos ás 7 horas da tarde, no jardim da basilica de St.° Ambrosio; ahi vos ligareis por um juramento religioso; porque a causa de que vos alevantais defensores, é uma causa magnifica e sancta, porque é a causa da humanidade. E tu, Colombo, ou te exalte o mundo, ou só te lance em rosto os desprezos e escarneos, lembra-te que o futuro tem seculos tambem: e depois que importa o esquecimento dos homens? acaso não morrem elles!....

Os quatro mancebos fizeram uma saudação ao velho enthusiasta. Colombo os deixou, orando pelo bom exito de seus projectos. Uma hora depois d'esta scena Montano estava só; não retomou a biblia: e a noute lhe volveu toda em austeros pensamentos.

II

No dia seguinte, ás sete horas da noute, os quatro conjurados se ajuntaram no jardim da basilica de St.° Antonio. Si a noute fosse clara, talvez se podesse ver um melancolico sorriso errar nos labios de Montano, quando estreitou nos braços os tres mancebos Milaneses: o abraço, porem, que deu a Olgiati foi mais apertado e longo.

— Que edade tens? lhe perguntou elle titubeando.

— Vinte e tres annos, meu pai.

— Quanto és ainda mancebo!.....

— Mas nem por isso meu coração desfallece, ou desconfia do braço, respondeu Olgiati.

— Ah! disse Montano profundamente commovido, si não estivera disso persuadido, bem crera, que Deus me havia abandonado na velhice, e mais valera então o geio do sepulcro. E as lagrimas corriam pelas faces enrugadas do ancião. Apóz, porem, d'este momento de receio, Montano revestindo-se de energia, era o inflexivel e rigido republicano; e tirando do peito um crucifixo de ouro, — dejos hos, exclamou, libertadores de Milão e de Genova: — Jurai sobre este symbolo de nossa sancta crença que sacrificareis á salvação de vossa patria, todos os sonhos orgulhosos da vida, as vossas liberdades, e o sangue que gyra em vossas veias. Jurai, que vingareis em Galeaz Sforza o assassino de vossos pais, de nossos irmãos, e de vossas esposas! — Jurai..

E todos os mancebos poseram as mãos sobre o crucifixo, e fizeram o sacro-santo juramento. Olgiati, depois, desappareceu por entre as columnas da basilica; e ajoelhado no marmore da egreja foi orar com todo o fervor da mocidade, aos pés da estatua de St.° Antonio.

Depois com toda a serenidade da confiança voltou para os seus amigos.

— Parece-me, que sou outro, lhes disse elle, desde que invoquei o sancto patrono da cidade.

— Pois eu, lhe respondeu Lampugnani, si é certo o vaticinio d'um feiticeiro, que me leu a *buena-dicha* ainda no berço, quatro gerações me teem de ver na terra, e me hão-de preceder no tumulo, si n'um dia de vinganças e de sangue, vir um Mouro cara a cara, sem morrer..

— E tens tu medo? perguntou Visconti.

— Não, que faria eu na terra sem amigos?

— E' mister que nos separemos, disse Montano; que o Senhor d'Abrahão e d'Isaac nos cubra com sua egide. Alguns dias ainda, e o

Digitized by Google

rugido do leão fará estremecer os reis em seu throno; porque todas as glorias fazem sombra a um rei; astro solitario, que só quer brilhar entre os mais.

Já estavam para se separar, quando enxergaram a pouca distancia na obscuridade um vulto que se movia.

—Será acaso o meu genio?—perguntou Lampugnani, alludindo ao fantasma que Bruto vira uma noute em pé na entrada da sua tenda.

— E' talvez algum penitente, exclamou Visconti, dirigindo-se para elle.

— Ou por ventura Satanàs, que nos vem agradecer....

— A esta graça de Lampugnani, Montano respondeu severo; nem tempo, nem logar é este, Andrea, de ouvir-mos e dizeres gracejos indiscretos.

III

Quando Olgiati voltou para casa encontrou sua mulhér pensativa e melancolica.

— Cuidei que me amavas, Olgiati, lhe disse ella.

— E porque o duvidas Elena?

— Porque tens segredos comigo; comigo, que não tenho um só pensamento que logo t'o não confie.

— Está certa Elena, que si tivera algum segredo, somente o calara pela affeição que te consagro. Bem horrivel deve ser ligar uma mulher ás amarguras do dia d'amanhãa. Vai descançar meu bem, e vai confiada que nenhuma mulher foi jamais tam amada e venerada como Elena. E não foste tu a que escolheu meu coração?

— Queres perderte, exclamou ella. Oh! tem piedade de mim e de minhas desesperações!.... Esta noute, Olgiati, estavas no jardim de Santo Ambrosio, com Carlo Visconti, Andrea Lampugnani, e Cola Montano tam aborrecido e execrado por Galeaz. Ahi fizeste um terrivel juramento. E depois accrescentou mais baixo, cravando os olhos n'os d'Olgiati admirado; = ahi juraste a morte do Duque de Milão. Escusas negal-o: eu ahi estava, e ouvi tudo.

— Eras tu então?....

— Sim era eu o vulto, para quem Visconti se dirigiu. Que queres tu fazer, Olgiati? Padecer acaso o supplicio dos traidores? Pertence por ventura ao algoz cortar os bellos destinos do nobre Olgiati? Si me amaste, ah! sim! si me amaste, deixa a Deus o cuidado de vingar Milão; porque só a elle cabe o direito de castigar. Os homens devem aguardar e esperar. Amigo meu, esposo meu, tambem tenho um segredo a contarte. E este ainda o não advinhas? e ella reclinou sua cabeça no peito do mancebo; e com voz sumida accrescentou: Olgiati, dentro em pouco serei mãi.

Um grito de alegria se desprendeu do anciado coração do mancebo.

— E ainda não renuncias ao teu horrivel projecto! nem agora, que tens um filho! Não sabes que nunca um pai deve legar a seus filhos um nome manchado de vileza.

— Mulher, mulher, que me pedes tu?

E ella caïu a seus pés...

IV

Oito dias depois, Elena roubada a Olgiati, Elena profanada nos braços de Galeaz, entrava em sua casa para morrer.

Em balde Olgiati se exforçava em traser essa alma ao mundo que ja habitara.

— Bem querida vos é a morte? lhe diz elle amargamente.

— Como podeste saïr do palacio do infame?

— Elle proprio me expulsou.

— Oh!...

Elena desmaiou: e quando vieram as trevas da noute exhalou no peito d'Olgiati o seu ultimo suspiro de religião e de amor.

(*Concluir-se-ha.*)

ADVERTENCIA.

☞ Tendo-se attribuido alguns artigos deste jornal a pessoas, que nada teem com a sua redacção, julgamos conveniente advertir os nossos leitores, que todos os que até ao prezente teem apparecido são unicamente propriedade dos R. R. — Por este modo, não só revindicamos o nosso direito, senão que tambem deixamos illibada a reputação de outro qualquer individuo a quem se podessem attribuir cousas cuja responsabilidade só nos deve ficar pertencendo. —

Avertindo egualmente, que os que para o futuro nos forem remettidos, e não vierem assignados pelos seus authores, serão por nós designados com um asterisco, como extranhos á Redacção.

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.° 102: Rua do Ouro n.° 140. Rua da Prata n.° 109. Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs.; e avulço 30 rs.

LISBOA.

Typ. da Academia das Bellas Artes.
Rua de S. Joze N.°8.

Digitized by Google

O

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 61. Publica-se todos os Sabbados 8 de Fevereiro de 1840.

O grupo de Laocoonte,

e a Eneida Portugueza de João Franco Barreto.

Em algumas das *Publicações* Litterarias portuguezas, correndo o anno antecedente de 1839, apparecêram tres descripções diversas, e todas mais ou menos imperfeitas, da celebre estatua, ou *grupo* de LAOCOONTE, a que se ajunta uma estampa, copiada exactamente do *Magasin pittoresque* de 1833, ou de uma *Publicação* ingleza do mesmo genero.

Na estampa, que he a mesma em todos os *folhetos* portuguezes mencionados, notam-se alguns defeitos da *Arte*, que o devem ser da *gravura*, de que ella fosse copiada; mas temos visto outras gravuras, em que esses defeitos não existem, e que bem conservam a força, e o *grandioso* do original: e em algum desses bosquejos publicados, encontra-se a traducção do lugar de Virgilio, no 2.º L.º da Eneida, em que se refere o facto, certamente fabuloso, que o grupo representa. A traducção he a de João Franco Barreto, bem conhecido nas letras portuguezas, a qual, alem de estar ali transcrita com descuido, e com alguma imperfeição, tambem nos parece que em parte altéra consideravelmente, e em parte não attinge o sentido verdadeiro da bellissima poesia original.

Estas imperfeições que assim se encontrão, tanto na parte historica do *grupo*, como na estampa, ou na *gravura* que o representa, e até na traducção da excellente poesia que o descreve, movêram a nossa attenção, e obrigáram-nos a fazermos algumas observações sobre as differentes partes deste assumpto, pois que elle em toda a idade tem merecido tanta consideração aos Litteratos, e aos Artistas; e que a leitura de todos esses lugares deixa, no animo dos moços estudiosos, idêas inexactas, incompletas, e até muito alhêas do que he justo, e do que he verdade.

Se esses *Papeis* em que se tratarem objectos litterarios, não derem instrucção exacta e boa, e só apresentarem frivolidade, ou inexactidão, e enganos manifestos, por não dizermos outra cousa; por certo que são inuteis, e que em lugar de promoverem, antes embaraçarão o adiantamento da mocidade. E devendo ser o principal objecto destas *Publicações* não só promover e diffundir, mas tãobem melhorar, e aperfeiçoar, podendo ser, todo o conhecimento que pareça de utilidade; não julgamos de menos interesse, que por entre os assumptos de vantagem social e economica, se lance alguma vez um pleno e cabal conhecimento de alguns pontos particulares, tanto nas Artes, como nas Letras, e não só patrias, que ora tanto se cultivam, como tãobem as da bella e fecunda Antiguidade, mestra em tudo, que hoje quasi se desconhece, e se desdenha.

Antes de Virgilio não se conhece na Antiguidade relação alguma, ou poetica, ou historica, do facto celebrado; e só no Scholiasta do Comico grego Aristóphanes, e no liv. L.º da Historia de Dionysio de Halicarnasso, se acha escrito que Sóphocles, um dos primeiros tragicos gregos, compozera uma tragedia chamada *Laocoonte*, a qual ja no tempo desses mesmos escritores não era conhecida, e da qual, no século de Virgilio, nenhuma noticia ou memoria se conservava. Parece pois que Virgilio, que della não recebeu, ou ainda bem pouca inspiração receberia, se a conhecesse, pela extrema simplicidade com que Sóphocles escrevia as suas tragedias; talvez tomaria aquella sua inspiração tão elevada, de algum outro *grupo*, ou estatua, que fossem no seu tempo conhecidos.

No tempo de Virgilio estava Roma cheia de estatuas gregas conhecidas, de algumas das quaes Plinio na sua idade não faz memoria: e ao *grupo* de Laocoonte, de que falla Plinio no L.º 36, Cap. 1.º da sua Historia Natural, não pode referir-se de modo algum a sublime poesia de Virgilio, porque elle menciona ahi particulares que no *grupo* de Plinio se não observão. E daqui segue-se infallivelmente uma de duas cousas: ou o *grupo* de que falla

Digitized by Google

Plinio não he o mesmo a que Virgilio se referia; ou se esse he o que vio Virgilio, então não he elle o mesmo que ainda hoje se admira em Roma, e do qual se tirão as copias, e as *gravuras*. Virgilio diz expressamente, v. 218 do 2.° livro, que as serpentes enlearam com duas voltas o *meio do corpo*, e com duas voltas ó *pescoço* de Laocoonte,

..... et jam
Bis medium amplexi, bis collo squamea circum
Terga dati.....

e no *grupo* original, e nas copias, não se observa cousa que isto represente; e he só pelas *pernas*, e pelos braços que as serpentes envolvem Laocoonte, ficando livres perfeitamente o *tronco*, e a cabeça. Virgilio diz no v. 219 que as serpentes teem as *cervizes* elevadas acima da cabeça de Laocoonte,

..... Superant capite et cervicibus altis:

e nos versos 206 e 207 já tinha dito acima, que as serpentes levantavão as *jubas sanguineas* ao cimo da agua,

.... jubæque
Sanguineæ exsuperant undas;.....

porém no *grupo*, uma das serpentes está lacerando o peito de um dos filhos, e a outra morde afincadamente o *flanco* de Laocoonte; e ambas as cabeças são lisas e núas, como he de ordinario a cabeça das serpentes. Virgilio diz expressamente, v.° 221, que as serpentes mancharam, com a sua *sánie* negra e venenosa, as insignias Sacerdotaes, *infulas* ou *fitas* de Laocoonte,

Perfusus sanie vittas, atroque veneno.....

e estas *fitas* erão á roda da cabeça, como se vê no mesmo L.° 2.° da Eneida, v.° 133, ... *et circum tempora vittæ*: mas no *grupo* não ha *infulas* nem *fitas*, nem vestigio algum de ornamento sacerdotal. Logo este *grupo* não he certamente o que podia ter inspirado a Virgilio uma tão elevada e elegante poesia.

Virgilio vivia no tempo de Augusto, e morreu 19 annos antes da era de J. C.; e Plinio, que escrevia no tempo de Tito, a quem procurava lisongear em todo o modo, morreu no anno 79 da era de J. C., mediando quasi 100 annos. E como ja nesse tempo o mesmo Plinio não lembra na sua *Historia Natural* algumas outras estatuas gregas, das quaes, ainda alguns annos antes de Virgilio, fallou Cicero na oração contra Verres, e em outras partes das suas obras, pode ser que esse *grupo* ja no tempo de Plinio tãobem não fosse conhecido. E tanto isto he possivel, que agora mesmo ha poucos annos, proximo ao nosso tempo, como escreve Montabert no seu *Tratado Completo de Pintura*, publicado em 1829, se acharam fragmentos de outro *grupo* de *Laocoonte*, e de estilo mais nobre e mais *antigo*, o qual por justa consequencia, não podia ter sido executado sobre este que nós temos; antes este o poderia ter sido sobre aquelle; e algum desses fragmentos lá se está mostrando em Roma, no Capitolio, no claustro ou pateo á esquerda, ao pé do busto Colossal de *Roma antiga*, defronte da estatua, chamada de *Manforio*.

Essa composição pois, de que falla Plinio, que no seu tempo estava no palacio de Tito, e que devia ter sido feita em Roma pelos Artistas Agesandro, e seus dois filhos, Polydoro e Athenodoro, da ilha de Rhodes, deverá ser provalvelmente a que no seculo 16, e no Pontificado de Julio 2.°, se achou nas ruinas do palacio de Tito ao pé dos *Banhos*, como diz o cavalheiro de *Jaucourt*; e depois conduzida para o *Belvedere*, e dahi para o Musêu do palacio Vaticano, aonde estava quando o exercito francez entrou em Roma, em 1798. E muito mais ainda, porque *Mengs*, Artista allemão de grande intelligencia, que ahi o observou muito de espaço, diz que o *grupo* não he de marmore grego, mas de marmore italiano, de *Carrara*; e apezar de Plinio dizer que o *grupo* he de uma só *peça*, com tudo o tempo o tem desunido, deixando perceber tres, ou cinco peças, como observou Mengs, que a perfeição dos Artistas sabe encubrir, e que Plinio, não sendo Artista, poderia não conhecer. E entre tanto, os fragmentos depois achados, de estilo mais antigo, puro, e simples, talvez esses pertençam ao *grupo* que Virgilio tinha em vista; e que seja esse o motivo porque Winckelman, na sua grande obra da *Historia da Arte*, com muita erudição, mas sem sufficiente fundamento, queira sustentar que o *grupo de Laocoonte* he obra de Lysippo, Artista contemporaneo de Alexandre.

E podemos tãobem accrescentar como lembrança nossa, que Agesandro não he Artista conhecido na *Antiguidade* por autor de alguma outra *obra prima*; e que Mengs, ao pé do *grupo*, fez notar ao cavalheiro Azara, que a perna direita do *filho maior* he um pouco mais curta que a esquerda; falta esta, que se conhece em todas as copias, e em todas as *gravuras*. Mas seja tãobem nossa *propria* unicamente a observação seguinte: os corpos dos dois filhos são, como devião ser, bastante pequenos, em todas as *gravuras* e estampas conhecidas, para a proporção do corpo de Laocoonte, e assim tãobem se acha na poesia de Virgilio, v.° 213,

Digitized by Google

..... parva duorum
Corpora natorum....

mas as proporções individuaes em cada hum delles, estão muito improprias; teem cabeça, rosto, braços e pernas de homem perfeito, em corpo de rapazes; o que he um defeito extraordinario, e que destroe a illusão toda. Nos corpos de rapazes ha outras proporções inteiramente, as quaes só se achão conservadas deste *grupo* n'uma *gravura* publicada em Florença, desenhada por Fedi, e *aberta* por Gregori, que tem em Lisboa o Snr. *Esgarallio*, morador no largo do Steephens n.° 1. e aquelle defeito prova o mau gosto, e a pequena intelligencia de todos os que assim o tinhão desenhado. E uma copia do *grupo*, em marmore, e em proporção pequena, que ha na Academia das Bellas-Artes de Lisboa, conserva todas as bellezas do grande original, mas tãobem o defeito da *perna*, que Mengs manifestou.

O *grupo* do Vaticano, arrastado a Paris depois da *invasão francesa*, foi outra vez restituido pelos *tractados* de 1814: e o *Mestre* da Esculptura moderna, o grande Canova, teve a gloria de o reconduzir á sua patria. Em Paris ficou uma copia em bronze, que está hoje no jardim das *Tuilerias*, no pavelhão *Marsan*: e ficou tãobem uma optima *gravura* de Bervic, a qual excede o bronze em todas as perfeições, e faz esquecer as gravuras antecedentes, de *Leiresse*, e de *Cochin*.

Dessas perfeições aqui não fallaremos, que se achão avaliadas em muitos bons escritos, e esse não era o nosso objecto; nem fallaremos da poesia admiravel de Virgilio, que os litteratos podem repetir no L.° 2.° da Eneida no breve espaço de v.° 200, até 226, e de que traducção nenhuma poude ainda apresentar copia ou immitação que satisfaça. He necessario ir lá. A traducção de Delille, que o *Magasin pittoresque* ajunta á sua estampa, sendo exactissima, armoniosa, e castigada; não tirando nem accrescentando circunstancias, como outras fazem; comtudo, comparada com Virgilio, fica fria, e não apresenta a grandesa, e a elevação do original. E a traducção de João Franco Barretto, que á semelhança se ajuntou n'uma das Publicações da Capital, n.° 119, he o que mais efficazmento moveu a nossa reflexão, pelo interesse que tomâmos na boa reputação das letras portuguezas; e he por isso que, na continuação deste artigo, a vamos examinar, comparando-a com o seu original. (*)

F. S.

[Continúa]

[*] O A. do artigo rogou-nos que lhe conservassemos nelle a sua orthographia; e nós o não duvidámos, pois que ella, á excepção de duas ou tres cousas, não differe essencialmente da que temos adoptado.

A COMBUSTÃO ESPONTANEA DO CORPO HUMANO.

Si é certo que o homem se considera, nos sonhos do seu vasto ideal, o Ente privilegiado, o objecto exclusivo de toda a creação, si é certo que os recursos, que sabe tirar da sua superioridade organica e intellectual, o constituem na sua opinião senhor de tudo o que alimenta a superficie do globo, não é por isso menos evidente, que bem cara lhe ficou a preciosa illuzão, de que está possuido, e que por ventura lhe compensa alguma parte dos males reaes, a que a Naturcza o creou sugeito.

— Quão penoso é o caminho, em que o homem se arrasta do berço ao sepulcro! — ainda que alongado pelo soffrimento, quão curto não é esse caminho, pois que ao proprio berço chega o frio, que envolve o tumulo! — e essa suprema hora, em que o homem volve a terra uma saudosa lembrança, bem tormentosa é ella, e equivale a seculos, porque si Deus creou o homem, e á sua formação presidiu a vontade de o fazer á sua imagem, a missão de o destruir parece que foi commettida á fertil imaginação de uma potencia infernal.

E com effeito nada tão variado e tão terrivel se nos pode apresentar, como o variado quadro dos soffrimentos humanos. Os seus limites são de tal maneira indeterminados, que de seculo para seculo vê a triste humanidade surgir, como as pragas do Egypto, mais alguma forma horrivel, de que se possa revestir a morte.

Tal é a molestia, de que nos vamos occupar, sobre que nada se tem dito até hoje, á excepção de uma pequena memoria do Dr. Grabner, extractada no Jornal de Sciencias Medicas de Lisboa: esta molestia é felizmente rara, e não nos consta que ainda tenha sido observada entre nós, pelo menos, de uma maneira tão caracteristica, que não deixe duvida sobre a sua natureza: ao contrario é ella assaz frequente nos paizes do Norte, cujos povos só podem resistir ao rigor da temperatura pelo excessivo abuso dos licores fermentados, e por ventura das cauzas, que mais predispõem, segundo a opinião do maior numero, para esta horrivel enfermidade.

A combustão espontanea do corpo humano é pois um phenonemo, cuja existencia fica incontestavel, attento o grande numero de casos acontecidos, em França e Inglaterra sobretudo, e o credito que nos merecem os practi-

Digitized by Google

cos, que sobre tal assumpto hão escripto: aquillo porem, em que discordão as opiniões, é a cauza, a que se deva attribuir o seu desenvolvimento, e é portanto sobre este ponto, que nós vamos aventurar algumas considerações.

Em diversas obras de Medicina Estrangeira se achão consignados e em grande numero, factos de combustão espontanea, e em todos elles duas circunstancias se encontrão mui notaveis; o abuzo das bebidas espirituosas, e a temperatura fria e seca da atmosphera. He pois no exame destas duas condicções, apparentemente favoraveis á combustão espontanea, que devemos procurar a cauza e a razão sufficiente do seu desenvolvimento. Tem-se attribuido este terrivel accidente a duas causas principalmente: 1.° ao desenvolvimento de uma grande quantidade de substancias inflamaveis: 2.° ao estado idio-eletrico da economia humana, analogo á condicção normal de um grande numero de animaes, principalmente de peixes a quem a natureza concedeu, como meio de defeza, o poder de communicar voluntariamente a violenta commoção de huma descarga eletrica.

Os gazes combustiveis mais susceptiveis de se accumular na economia animal, são o hydrogenio sulphurisado, o hydrogenio fosforizado e o gaz acido carbonico: alem disto existe mais na economia o fosforo e o enxofre, cuja porporção é susceptivel de augmentar por diversas condicções, a que está sujeita a economia animal, e que, ainda quando inteiramente conhecidas, fôra ocioso mencionar.

A chamma que tão rapidamente consome o corpo é azulada, fusca e tremula, assemelhando-se alguma couza, com a que produz o alchool; as observações cadavericas teem mostrado, que os vapores alchoolicos são susceptiveis de saturar perfeitamente todos os liquidos da economia, e por consequencia de girar com elles, penetrando em todos os tecidos do corpo; logo é vizivel, que nos individuos dados á crapula ha mais um poderoso meio de combustão, e por ventura mesmo, segundo estamos inclinados a crer, de todos o mais immediato, e o mais violento.

Como, porem, os casos de combustão, que ao nosso conhecimento teem chegado, se não referem só a individuos viciosos, senão que tambem a alguns de vida sobria, e regular forçoso é que as cauzas da combustão espontanea não sejão sempre as mesmas em tão oppostas condições. É pois por estes motivos que se julga, quasi geralmente, que a combustão nos individuos de vida sobria e regular depende dos differentes agentes de combustão, susceptiveis de se formar na economia animal, e que nos individuos viciosos e dados á crapula, alem da importancia destes mesmos combustiveis, a cauza principal consiste na accumulação dos vapores alchoolicos, que facilmente se inflamão, podendo consumir o corpo em poucas horas.

[Continúa]

BRASIL.

É tal a obscuridade, que involve a historia desta parte do Novo Mundo, que fóra de proposito não julgamos nós o escrever algumas palavras sobre este vasto e immenso theatro do nosso antigo poder, que hoje quazi rivaliza, graças á sua emancipação, com as mais cultas nações da Europa, e que, quando colonia portugueza, foi talvez uma das mais poderosas cauzas da nossa decadencia.

O Brazil está situado entre 4° e 20′ e 33° e 55′ de lat. de norte a sul, e entre 37° 5′ e 74° long.: a sua superficie occupa, segundo o calculo de Humboldt 256,986 léguas quadradas de 20 ao grão: pelo N. E. e pelo S. E. é banhado pelo Occeano-Atlantico: pelo O. e S. O. confina com o Peru, e com a republica Argentina: ao N. O. com a Columbia, e está separado da Guienna ao N. pelo rio Oyapoc.

A sua povoação sobe a 4:000:000 de habitantes, dos quaes, segundo a estatistica de 1819, metade são escravos de differentes raças, e apenas ha 843:000 brancos.

O solo do Brazil é cortado por vastas savanas, por bosques tão antigos como o mesmo globo, por enormes cordilheiras, e caudalosos rios: é dividido em dezoito provincias, das quaes umas são muito ferteis, e outras extremamente aridas: as suas riquezas mineraes são o ouro, o ferro, o cobre, a platina, os diamantes, o sal-gemma, e o salitre: calcula Humboldt que as minas do Brazil davão annualmente 6,873 kilogr. de ouro, cujo valor subia a 4:360000 piastras: porem desde 1810 o producto annual das minas baixou a 1:240:000 piastras: julga-se que esta diminuição repentina é devida á mania, que deu a todos os habitantes, de explorar minas, porque durante um seculo tudo se abandonou para esse fim: o commercio e a agricultura quasi inteiramente se perderam: o escandalozo trafico da escravatura augmentou, e apezar de todos os obstaculos que os especuladores encontraram da parte dos cruzeiros inglezes, cujo Governo conservou por trinta annos o seu monopolio, calcula-se que durante o tempo, em que todos exploravam minas, isto é durante o seculo passado, entraram no Brazil, mais de 350:000 escravos africanos.

O Brazil produz grande variedade de ani-

Digitized by Google

maes, tanto uteis como nocivos ao homem: é admiravel a riqueza e a formosura da historia natural deste paiz, onde concorrem immensos naturalistas de todas as nações. O homem que quizer conhecer e admirar todos os beneficios, que a natureza proporcionou aos entes, que povoám o universo, achará objectos dignos do seu estudo nos innumeraveis vegetaes que crescem nas suas deliciosas montanhas, e ás margens dos rios, nos ricos mineraes, que seu solo occulta, nos animaes, que o povoam, e finalmente nos objectos curiosos, que alli se encontram, e cujo conhecimento póde servir ao estudo da Geologia.

Encontram-se no Brazil vestigios da mais remota antiguidade, e até mesmo ante-diluvianos: descobriu-se ha tempos o esqueleto de um animal quadrupede, de mais de trinta passos de cumprimento, cujas costellas tinham palmo e meio de largo, e as canellas a grandeza de um homem de estatura regular: junto ao recife de Pernanbuco descobriram-se ossos enormes, assim como tambem no lago de St.ª Catharina. Durante o dominio dos Hollandezes Mr. Elias Herkman, enviado pelo principe de Nassau encontrou pedras dispostas á maneira de altares e entre outras duas mui grandes, perfeitamente redondas, das quaes a maior, que tinha 16 pés de diametro, estava collocada sobre a outra, e tinha figuras e inscripções, absolutamente desconhecidas.

Quando Pedro Alvares Cabral descubriu o Brazil, e delle tomou posse em nome d'El-Rei D. Manoel, contavam-se mais de 400 nações ou tribus differentes, cada uma das quaes tinha uma lingua ou dialecto particular: a maior parte destes Indios eram bravos, e dotados de excellentes faculdades intellectuaes; seus costumes e sua religião eram igualmente differentes; porem com o tempo a escravidão, as guerras, a fome e as epidemias, flagellos que por tanto tempo assolaram o Brazil, fizeram desapparecer um grande numero dessas tribus, que pelo seu culto religioso tinham alguma analogia com os antigos povos da Asia Oriental: e quer fosse pelas epidemias, quer fosse pela emigração dos primitivos habitantes, o certo é que a povoação diminuiu consideravelmente depois da chegada e dominio dos Portuguezes.

Foi a 3 de maio de 1500 que Pedro Alvares Cabral chegou ao Brazil, e ainda que alguns atribuem a honra desta descuberta a Vicente Pinzon, companheiro de Colombo, e outros a Amerigo Vespuccio, não ha duvida alguma, que essa gloria nos cabe tão legitimamente, como a do gigante Adamastor: foram os Portuguezes os primeiros que ahi tiveram colonias, construiram fortalezas, e cimentaram os alicerces, em que hoje se sustenta um grande imperio. Foi de 1500 a 1554 que de Lisboa sahiram para o Brazil numerosas expedições: foi n'esse praso que os Souzas, os Coutinhos, os Pereiras e os Albuquerques, guerreiros intrepidos, cujo genio ardente não cabia na sua patria, atravessaram os mares para ir conquistar o terreno, em que assentaram importantes estabelecimentos: porem pouco não custou a estabelecer colonias, que podessem prosperar, porque os Indios, com vezes mais numerozos que os Portuguezes, sustentávam sanguinolentos combates, em que muitas vezes, apezar da desigualdade das armas, se viam estes obrigados a ceder o terreno, soffrendo consideravel damno.

Tinha-se espalhado a fama das grandes riquezas do Brazil, e de toda a parte se armavam expedições aventureiras: em 12 de Julho de 1555 sahiu do Havre uma expedição Franceza debaixo das ordens de Nicoláo de Villegagnon almirante de Bretanha: n'ella iam os protestantes, que, segundo o sabio conselho de Coligni, iam procurar na America um azilo contra as perseguições, que n'esse tempo se lhe faziam em França. Em 1556 partiu de Honfleur outra expedição composta de protestantes Francezes e Genovezes: estas duas colonias se estabeleceram em Ganebara, hoje Rio-de Janeiro, porem pouco tempo depois foram expulsas pelos Portuguezes, então zelosos de todas as nações, que se estabeleciam no Brazil: os Inglezes não foram muito mais felizes, porque em 1586 e 1594 as suas frotas foram repellidas, e apenas poderam voltar com alguns navios Portuguezes e Hespanhoes, que fizeram prisioneiros.

Em 1611 os Francezes fizeram novos exforços, e se apoderaram do Maranhão junto ao rio das Amazonas: porem quatro annos depois os Portuguezes os tornaram a expulsar, aproveitando-se dos estabelecimentos, que alli haviam construido,

Os Hollandezes em 1624 formaram huma sociedade de negociantes para fundar huma colonia no Brazil: immensos capitaes foram depozitados nos bancos da associação, e a final armou-se uma formidavel expedição de 32 navios, que largou do Texel a 22 de Dezembro debaixo do commando do Almirante Villekins: esta expedição, concebida e formada sob os melhores auspicios, estabeleceu-se em S. Paulo; porem a colonia a custo se conservou 30 annos, porque apenas o Principe Mauricio de Nassau, Governador das Indias Occidentaes regressou á Europa, começou a sua decadencia, e os Portuguezes se apoderaram della, juntamente com os Hespanhoes em 1654. Finalmente o tratado da Haya entre El-Rei D. Affonço 6.º e as Provincias unidas, ractificado em 6 de Agosto de 1661, indemnizou os Hollandezes das suas perdas, ficando desde então os Portuguezes pacificamente senhores do Brasil. *[Continua.]*

Digitized by Google

SAUDE PUBLICA

DO UZO DA CARNE DE ANIMAES ATACADOS DE CACHEXIA AQUOSA.

A cachexia aquosa dos animaes é o resultado d'uma alteração dos principios constituintes do sangue, com diminuição notavel na qualidade normal d'este fluido. Esta doença accommette muitas vezes os animaes e lhes dá a morte; mas apezar de os carniceiros verem que o animal morreu doente, continuam de vender a carne como si fora sãa. A carne de estes animaes cosida em agua fornece um caldo esbranquiçado e insipido, e a vianda sae coriacea e sem succo nem gosto algum.

É difficil de digerir, e não poucas vezes occasiona a diarrhea. Salgada não toma o sal, dá uma salmoira abundante e não pode ser conservada por muito tempo. O uso momentaneo d'esta carne não tem grandes prejuisos; prolongado porem, pode produzir perturbações na digestão e occasionar diarrheas consideraveis. É pois, como se vê, a carne dos animaes atacados de cachexia aquosa, muito prejudicial á saude publica; e bem fôra que todos os animaes que vão para o matadouro fossem examinados por um jury veterenario, para que os animaes que estão acomettidos desta molestia ou outras similhantes, não servissem para o consummo do povo.

OLGIATI

[1476]

V

Alvorecia apenas a manhãa do dia 26 de dezembro de 1476, e tres vultos estavam de joelhos na egreja de Santo Estevão, rogando ao primeiro martyre da fé de Jesus Christo, lhes perdoasse o assassinio, que meditavam commetter em seu templo. Eram esses trez vultos Olgiati, Visconti e Lampugnani; e a victima que votaram á morte, era o duque Galeaz; porque devendo assistir á missa pontifical, ahi devia expiar a fealdade e grandesa de seus crimes.

Convenção fôra dos conjurados, que Lampugnani, como menos suspeito, primeiro se chegasse a elle, e lhe embebesse o punhal no peito.

Depois de se encommendarem a Deus, Visconti e Lampugnani começaram a conversar com animo tranquillo; Olgiati, porem, era mudo, e só de vez em quando soltava um suspiro de dôr e impaciencia.

— Si Galeaz mudou de tenção, disse mais alto Visconti?

— Ao seu palacio o irei apunhalar, respondeu Olgiati, com mostras de horrivel resolução. Hoje um de nós deve fazer seu finamento.

— Mui bem pode succeder, disse Lampugnani, que esta tarde saibamos todos quatro, o grande segredo da morte. Revelação é esta, accrescentou elle com um amargo sorriso, que se me não dera de apprender mais tarde; porque fallando a verdade, receio bem esse rio mysterioso, d'onde ainda ninguem tornou. Olgiati, Visconti, espero, que se fordes adiante, me mandeis novas do que todos desejam tanto saber!..... Mas porque tardará tanto esse malditto de Galeaz? ha já quasi duas horas, que o esperamos.

Que fazia effectivamente o Duque de Milão? Eivado de negros remorsos, temia saïr do palacio. Podera ver-se errar de sala em sala, agitado e indeciso. Esse vago receio era sem duvida alguma a voz do pressentimento; e despresal-a-ha elle? Mas como, que pretexto forjará para não ir á egreja? Os embaixadores de Mantua e de Ferrara o esperam para o accompanharem. E deverá acaso mostrar a sua fraqueza? toda a corte o motejára, e todo o povo riria. A medida, que a hora appropinquava, mais seus pressentimentos lhe diziam, que não saïsse do palacio. Fatigado finalmente de tam acerba lucta, confessou-se vencido, e acceitou por antecipação todas as consequencias, que sua imaginação lhe debuxava. Disse então que ouviria missa na capella do palacio, e não no templo de *San-Stefano;* mas o capellão já se havia ido e com todos os paramentos. Galeaz, ao saber isto, empallideceu, e se curvou ao destino que o esperava. As despedidas, que fez a seus filhos, foram mais ternas que nunca; e ao saïr, pela primeira vez, beijou sua esposa com carinho, e uma lagrima lhe escoou pelas faces côr de cera. Quando ia na rua muitas vezes olhou para a janella, e só socegou, quando não poude divisar seus filhos e mulher, que d'alli o vieram ver saïr. Então se foi conversando com os embaixadores.

— Ei-lo ahi! bradou Olgiati, que estivera attento; não ouvís o ruido da multidão do povo! Oh! que minha mão não desmaie! Lampugnani, Viseonti, ajoelhai; Roguemos a Deus, que nos não desampare! Porque Deus fez David vencedor de Goliath.

E todos tres começaram a orar. Spectaculo bem singular era o d'esses tres homens clamando pela ajuda de Deus n'um crime que iam commetter. Galeaz Sforza se collocou na

Digitized by Google

egreja entre os dois embaixadores. A missa começou.

Então um homem com passo firme e vagaroso atravessou a multidão, que lhe abria alas para o deixar passar: este homem era Andrea Lampugnani. Chegou-se a Galeaz, poz a mão esquerda, em signal de respeito, na gorra do duque, e depois ajoelhou. Estava confundido Galeaz de vêr a seus pés um tam nobre requerente. Inda bem comtudo não tinha olhado para elle; quando Lampugnani tirou um punhal da manga do vestido, e lho cravou no ventre. Olgiati lhe embebeu tres vezes o seu no peito e na garganta; e Visconti o feriu na espadoa e no dorso. Durante este acto de terrivel justiça, nem uma palavra fôra pronunciada; uma incrivel rapidez, uma spontaneidade, quasi prodigio, havia caracterisado este drama sanguinolento. O Duque caïu nos braços dos dois embaixadores, desprendendo apenas seus labios moribundos a seguinte exclamação: Ai! meu Deus!...

Então restrugiram pelas abobadas do templo os gritos das mulheres e cobardes, as maldições dos clerigos, as pragas dos soldados, o ruido estrepitozo das armas, e os clamores da multidão. Uns se precipitavam para a porta cheios de terror, outros com a espada em punho abriam caminho para o logar da scena. E toda esta multidão que se acotovelava, formava uma massa, onde se poderam ver lividos rostos boqui-abertos, faces contraïdas, e olhos chamejantes. E esses olhos todos fallavam, tinham uma eloquencia rapida, animadora, e bem superior aos milagres da palavra. Qual seria a causa d'este acto sanguinolento? Seria alguma vingança particular, ou por ventura alguma conspiração contra o estado? Os guardas e cortesãos do duque acordados da primeira surpresa haviam reconhecido e nomeado os traidores; e já estes eram perseguidos.

Lampugnani ia fugindo. Como levasse esporas, estas se prenderam nos vestidos d'umas mulheres, e o fizeram caïr. Quando se levantou, viu em pé diante d'elle um mouro horrivel com o alfange sobre a sua cabeça. Fascinado com esta apparição o mancebo desanimou, e suas forças o abandonaram. A lucta não foi mui longa, porque o mouro matou o illustre assasino. Visconti fugia como doudo pelas ruas fóra, e a multidão do povo ia atraz d'elle bradando: morra, morra o assassino!. E comtudo foi mais por via d'ella, que por desafrontar um insulto, que Visconti conjurara contra o duque. A morte, mas uma morte horrivel, foi a recompensa do povo.

Olgiati havia podido subtraïr-se: dirigiu-se para casa de seu pai; os criados porem tinham ordem de o não deixarem entrar. Sensivelmente abalado com esta recepção esperava ancioso a resposta d'este pai, cuja colera quize abrandar.

— Dizei-lhe, respondeu o velho indignado, que não serve minha casa para asylo d'um assassino.

Quando Olgiati se viu assim desamparado por seu pai, quasi que desesperou da vida; mas Montano lhe veiu ao encontro. Deixou-se o mancebo levar como um insensato, e dentro em pouco estava no quarto do velho sacerdote, amigo de sua familia.

— Que fizeste, meu filho? lhe perguntou o digno ministro.

— Oh! por piedade não me condemneis; que minhas intenções foram puras; quando jurei a morte de Galeaz, nenhum outro motivo me levou, senão o de dar a liberdade á Italia.

— E que premio te retribue? disse o sacerdote. Infelis! Deus te perdôe, e leve em conta as tuas intenções.

— Meu Pai, si eu morrer assassinado, sem me poder defender, salvai a minha memoria, e a dos meus amigos d'aviltadoras suspeitas; dizei aos Milanezes, que por elles e só por elles, derramamos o sangue do tyranno, e arrostamos com a vingança dos homens.

— Eu t'o prometto meu filho.

— Agora desejara saber, si Visconti e Lampugnani estam em segurança: ide informar-vos, meu Pai.

— Não, não saïrei d'aqui; porque si te descubrissem estando eu presente talvez se não atrevam.....

— Enganais-vos. Não foi na egreja, que Galeaz acaba de ser assassinado? Oh! por piedade, ide ver se Lampugnani e Visconti estam em segurança.

Montano obedeceu.

— Como foi só, Olgiati se deixou ir arrastado por um turbilhão d'ideas, que lhe enredavam o pensamento. Dentro de sua alma um combate se dava horroroso. Porque se occultava elle como um ignobil assassino? Porque não ia ter com o povo, e dizer-lhe: Fui eu quem assassinei o vosso tyranno; só quiz ter a ventura de vos ser util; puni-me, si me achais criminoso. Levado pelo orgulho de sua innocencia, já se dispunha a saïr, quando sentiu tumulto lá ao longe: — dissereis, que era o ruido das aguas entrando furiosas e engulindo uma cidade. Ao passo que este ruido se approximava, Olgiati perfeitamente já ouvia passos e vozes humanas; e mais forte se tornou ao passar por a rua. Os nomes de Visconti e Lampugnani eram pronunciados com atrozes anathemas, e epithetos injuriosos. Acazo os perseguirão? — Olgiati lançou-se á janella, e seus olhos viram um espantoso espectaculo.

Ondas furiosas de populacho inundavam a rua. A'frente d'essa multidão, que vomitava

Digitized by Google

vinho e blasfemias, iáo alguns d'esses homens, bem conhecidos por seu vestuario indecente e extravagante, por seus gestos, e face cadaverica e de sinistro agouro. Tam differentes são dos outros seres, que, o que os vê pela primeira vez, sempre progunta a qual nação, a qual povo, a qual edade social pertencem. Como se encontram ali? Onde estavam? e donde vieram? Porque não apparecem nos dias de alegria? Acazo temem o sol? Porque tam de subito surgiram? É porque similhantes aos abutres, esses homens exhalam um cheiro de sangue, e só apparecem nos momentos de carniçaria.

Os Canibaes, que acabámos de descrever, arrastavam apoz si dois corpos, com os craneos em pedaços, os membros dilacerados, vertendo sangue por todas as partes; com os vestidos rasgados, e cheios de lama e de terra. Olgiati reconheceu n'aquelles dous corpos os cadaveres de seus amigos. Deu um grito de horrorosa dôr, e rijo cerrou os olhos para não ver. Que é feito d'esse Lampugnani, para quem a vida era tam dourada e folgasam? Que é feito d'esse Visconti, com seu melancolico sorriso, seus cabellos compridos, seu corpo airoso e gentil? ...

Mas os gritos do populacho, as vociferações tumultuosas, as palmas, os vivas e os assobios de novo despertaram a attenção d'Olgiati para esta scena d'horror. Olhou: e uma vertigem se apoderou de seu cerebro; tudo em volta d'elle começou a mover-se, a saltar, a andar á roda. Milhares de demonios se estavam a rir ás gargalhadas, milhares de vozes infernaes vociferavam = Ei-lo alli, o Olgiati, o assassino. — E Olgiati continuava de estar immovel, pallido, abatido, com os olhos fitos n'aquella alluvião, que lhe mostrava as pontas aguçadas de facas e punhaes, com os ouvidos torturados por suas exclamações ferozes. Mas eis que a porta da rua cáe desfeita em pedaços; ja lhe sobem a escada, e uma multidão de homens, de rapazes, de velhos, de crianças, de mulheres, de ladrões, e prostitutas, invadem o quarto onde elle estava.

— Morra, morra, morra!

E foi então que despertou, como de um maldito pesadello; recobrou com a intelligencia todo o seu despreso á morte, e esse socego da consciencia, que não tem de que accusar-se. Quizeram-no alli matar; porem a justiça interveiu, e no centro de todo aquelle povo foi conduzido á prisão.

Ahi os algozes esgotaram todos os meios de sua arte para o torturarem. Com os ossos todos deslocados, o corpo escorrendo em sangue, foi que Olgiati escreveu, *por ordem de seus juizes*, a relação circunstanciada de tudo o que havia precedido o assassinio de Galeaz Sforza, relação que tem o cunho do maior patriotismo, e da simplicidade mais religiosa.

Finalmente chegou o dia de ser pronunciado, e ouviu com todo o sangue frio a sentença, que o condemnava a ser *atenazado e cortado vivo em pedaços*. Quando um padre o exhortava, para que se arrependesse; elle lhe deu a seguinte resposta. = Bem mereci eu, lhe diz elle, os tormentos que padeço pelas muitas faltas e demencias em que caï. A acção, porem, que qualificais de crime, a tenho eu por virtude, e tal é ella, que confio m'a levará Deus em conta dos outros meus muitos pecados. Si mil vezes revivêra, para outras tantas tornar a morrer nas mesmas torturas e tormentos, nem por isso menos dera todo o meu sangue e vida por a liberdade de minha patria. =

E com effeito Olgiati julgava a sua patria já livre de tyrannos.

— Desgraçado! disse Montano, bem te podera a voz dos seculos avisar, que não finda a tyrannia, mas apenas muda de fórma.

— Quizeste dar a liberdade ao povo da Italia, e esse povo te agradeceu, maldito seja elle: que viva na sua ignominia, porque é escravo por natureza; que arraste os ferros viz que o algemam; mas não se queixe, porque nem o direito tem de se queixar.

— O segundo dos Brutos havia proferido a seguinte blasfemia: = *Virtude, não passas de um nome!* e Montano podéra dizer: Liberdade! .... não passas de um sonho...

A voz do homem naõ acorda, como a do echo: porque este pode dormir dez seculos no fundo de um deserto, e responder depois ao viajante que o interroga; mas o tumulo é sempre mudo.

Quando um pensamento verdadeiro entra em nossa alma, derrama ahi luz fulgida e clara; a seu favor percebemos objectos, que antes d'isso naõ viamos.

O verme do sepulchro começa de corroer muito antes a consciencia do malvado, que lhe devore o coraçaõ.

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.° 102: Rua do Ouro n.° 140. Rua da Prata n.° 109. Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs.; e avulço 30 rs.

LISBOA

Typ. da Academia das Bellas Artes.

Rua de S. Jose N.°8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 7) Publica-se todos os Sabbados (Fevereiro 15, 1840.

A HISTORIA

[APONTAMENTOS]

II

Deixámos nós dito no nosso primeiro artigo, que a historia é uma necessidade para qualquer povo, e que assim o tem entendido a regeneração litteraria actual: ao exposto muito mais se podéra accrescentar, o que nos será relevado pela escasseza de tempo e d'espaço, que sempre em artigos de um jornal é limitado:—hoje, porem, passaremos á primitiva forma, e origem da historia, e ao como julgamos e concebemos, que ella deve ser feita.

Si recuamos a essas eras remotas da antiguidade, para indagarmos a origem da historia, nos primeiros poetas iremos deparar com ella; pois é sabido, que antes de Clio se vestir de branco, e escrever em livro pousado sobre as costas do tempo, já sua irmaã vestida d'azul celeste dedilhava a lyra de ouro, e referia em melodiosos cantos as acções dos Deuses, e dos homens: d'onde é de ver e crer com sufficiente fundamento, que foram os poetas os primeiros historiadores, e a poesia o molde para onde vasaram as acções do passado, que lhes aprazia cantar. D'ahi saïram ellas maravilhosas, elegantes e alindadas, ricas de gallas e enfeites que n'elle adquiriram, e vestidas de atavios que as afformoseavam aos olhos e á alma. Esse molde era, porem, todo da imaginação, e a obra saïu ressentida da fórma, como era de esperar.

Quem ha ahi que ignore, que nunca o poeta pode limitar-se ao mundo positivo, que outro é o seu universo, que o bello ideal só o concebe e cria a sua imaginação, e ingenho? quem ha hi que não saiba, que si acaso o seu espirito pousa por um momento no material das cousas, só livre se espande e vôa fóra de elle, n'uma atmosphera sua, onde tudo é sublime, e onde Deus pôz tudo em tam dourada harmonia, que só lá pode beber esse delicioso mixto de amor, ternuras e saudades, que nos arrastam apóz tam attraïdor influxo?....

Pois foi para esse mundo incognito que elles transportaram os acontecimentos do passado, e as acções de seus Maiores; e por essa razão esses acontecimentos teem sempre o caracter do maravilhoso e essas acções o cunho de sublimes.

E nem isto por certo nos deve marevilhar, No principio, quando os homens eram ainda como guiados pelo espirito de Deus, que haviam elles feito que merecesse ser contado, que obra acabavam que os podesse admirar?...., Nenhuma. Applicaram-se pois a cantar as potencias que viam em redor de si; davam-lhe formas na sua imaginação, criavam-lhe essencias, que não possuiam; e ligando fragmentos do seu mundo com porções que o seu espirito inventava, geravam esses entes, meio divinos e meio humanos, meio d'este mundo e meio d'esse outro de sua imaginaçao, transumpto ainda d'um outro melhor que anteviam. As formas então eram da terra e as almas eram celestes; mas essa ligaçao os obrigava tambem a lhe prestarem suas virtudes e vicios, seu genio, caracter e paixões. Esses heroes saïam então um mixto quasi informe e extravagante, e que só tinha de real a sua existencia mundana, e a sua superioridade na terra.

E com effeito era essa superioridade, em tempos em que se considerava a maior virtude, que elles deificavam, pois filha de cima a criam, que não da fragil organisação do homem: e eis a razão porque adoravam esses heróes, quando mesmo a sua superioridade consistisse em vicios, que em outros aborreciam, ou em defeitos que condemnavam.

Mas sem mais sobre isto nos estendermos, o certo é que a poesia foi a primeira forma da historia, e os poetas os primeiros que contaram no prezente as acções e feitos preteritos. A historia do povo de Deus e de muitas nações da antiguidade lá anda recontáda nos sublimes versos da Biblia: a historia da primitiva Grecia a repetia o divino Homero pelas cidades improvisando os altos cantos da sua immortal Illiada; e se lemos os fragmentos de Os-

Digitized by Google

sian ahi encontraremos nas vozes dos velhos bardos a primitiva historia da Escocia; e o que aqui acontece em todos os povos é o mesmo que não tinham modellos para seguir.

Antes, porem, que os poetas se alevantassem a cantar os acontecimentos preteritos, uma especie havia d'historia, que não deve esquecer, e que consistia na tradição popular, d'onde elles tomavam assumpto para suas composições divinas.

É certo, que sempre noites longas e chuvosas d'inverno foram enfadonhas de passar, e tambem sempre entretidas com façanhas e feitos grandiosos de homens e nações. Antes de haver historia escrita, a origem e descendencia de um povo passava de pais a filhos, como ião passando habitos, costumes, ideas, virtudes, e linguagem. Foi-se corrompendo esta tradição com os tempos, e estragando pelas bocas por onde corria: e é por isso que sempre a origem de um povo anda mais ou menos involvi- e enlaçada com o maravilhoso, que lhe empresta o natural orgulho do homem. E em verdade, si um pai se ensuberbece, porque um filho gerou em que todas as suas esperanças poem, não menos se gloria de haver descendido de maiores illustres e cujo nome faz epoca na nação a que pertence. É este orgulho nacional, é ésta chamada *antigamente* nacionalidade, que produziu essas obscuras origens, essas falsas genealogias, essas veneraveis descendencias e feitos maravilhosos, que si cousas falsas e inverídicas são, teem pelo menos a illustre valia de revellarem a grandesa d'alma de um povo, que em seus passados não via homens, antes sim heróes; não encontrava acções, mas milagres, e só buscava imitar e reflетir no espelho do futuro as virtudes que tomára por modello, e herdára com o sangue e com a lingua. Nenhum povo ha hi, que d'illustres avôs se não preze e glorie; e nós os Portuguezes a isso havemos mais lidimo direito, que nenhum outro qualquer. Hoje porem, virtudes, sangue, lingua, tudo ahi vai a rodo por agua abaixo, que si a mão de Deus não pozer cobro a tam acabada desordem, não sei onde iremos parar, que ainda nos conheçamos e conheçam por Portuguezes, e filhos de Portugal, — terra de tantas recordações, tam entranhadas saudades, e tam deleitosa harmonia! —

Do que levamos apontado, se pode já inferir, que foram a poesia e a tradição as primeiras formas da historia; e que assaz a corromperam com o maravilhoso da ficção poética, e orgulho natural do homem e nacional de um povo. A filosofia da historia ainda não havia apparecido: e antes que, lhe notemos a origem bom será que exponhamos o modo como concebemos a historia.

O grupo de Laocoonte,

e a Eneida Portugueza de João Franco Barretto.

[continuado do numero antecedente]

Na oit.ª 52 do L.º 2.º da Eneida portugueza escreve João Franco Barretto pela seguinte forma:

> Sacrificava em honra de Neptuno
> Um grande touro, ante as solemnes aras,
> Laocoonte ministro, que opportuno
> Por sorte pareceu, e partes raras.

Estes quatro versos, que não são maus, correspondem a dois versos latinos, 221 e 222 do L.º 2.º da Eneida, em que Virgilio diz sómente que Laocoonte foi tirado á sorte — *ductus sorte*; e não diz que *pareceu opportuno*, que elle fosse escolhido, ou nomeado; o que he muito diverso de — *ser tirado á sorte*. Só se Virgilio quizesse dizer, que tinha *parecido opportuno tira-lo á sorte*; mas isso não he o que diz Virgilio; nem elle falla tãobem nas — *partes raras do* sacerdote, o que he uma devoção, e accrescento de J. Fr. Barretto.

> Quando [contá-lo trepido repugno]
> Dessas praias de Ténedos avaras,...,.

Conta-lo trepido repugno, será muito bom, mas he muito diverso do latino — *horresco referens*. Virgilio já está contando, mas horrorisa-se de contar; e João Franco, antes de contar, *trepido repugna*: e — *trepido* em portuguez, ne tanto dimminuto, quanto — *horresco* do latim he grande e expressivo. Tãobem no original não está — *dessas praias avaras*: está sómente — *de Ténedos*: e que serão umas praias *avarentas?* E muito mais em Ténedos, que he um rochedo, e não tem praias! Já o mesmo J. F. Barretto, na oit.ª 6.ª v.º 7.º, tinha dito de Ténedos — *em esta praia avara*, quando Virgilio no correspondente v.º 22, não tendo fallado em *praia*, só tinha dito — *insula, dives opum*; e — *dives opum* não he *avara*. Alem disto Virgilio diz sómente que as serpes atravessavam de *Ténedos* para as *praias*, em que estavão os Troianos.

> Vimos vir duas serpes muito grossas,
> Pelo tranquillo mar, para estas nossas.

Muito grossas he expressão trivial, ordinaria, rasteira, e muito mal significa ella a bellissima idéa

Digitized by Google

do latino — *immensis orbibus angues. Vimos vir pelo mar* tãobem he trivialissimo, a par do latino — *incumbunt pelago*, que he magnifico. Apenas do latino — *tranquilla per alta* está o correspondente — *pelo tranquillo mar*, porem mais rasteiro; porque — *pelo mar*, simplesmente, não exprime a idéa grandiosa da palavra sómente — *per alta*, no latino.

Ahi está pois correspondendo a cinco primorosos versos de Virgilio, 203 até 208, uma oitava inteira de traducção muito frouxa e desmaiada, e em que unicamente figuram — *duas serpes muito grossas*. E ahi temos tãobem, dentro em seis versos portuguezes de João Franco, seis vezes *mar* depois de *ondas*, e de *agua;* quando nos seis versos latinos correspondentes está seis vezes a mesma idea, exprimida pelas palavras — *alta*, *pelago*, *fluctus*, *undas*, *pontum*, *salo*, sem uma só vez se fallar em — *mare*, e ficando ainda — *fretum*, e outras mais. Será pois necessario questionar muito para se conhecer a extensão, a abundancia, a fertilidade, a variedade da lingua latina sobre todas as que della se derivaram? Só grande amor a uma, e pequeno conhecimento da outra, desculpariam.

Oitava 53:

> Entre as ondas seus peitos levantados,
> E as cabeças sanguineas, superavam
> O mesmo mar; e os corpos enroscados
> Com as caudas atraz a agua cortavam.

Virgilio não diz *cabeças;* diz *jubas*, que faz bastante differença: o *sanguineæ* de Virgilio, aqui não he *sanguineas;* he *sanguinolentas*, ou *sanguentas*, que em portuguez he mui diverso: *superar o mar* não he boa expressão, mas *superar o mesmo mar* he muito peior, e não torna em portuguez o *exsuperant undas* do v.° 207, bellissimo no latim.

> ..... e os corpos enroscados
> com as caudas atraz a agua cortavam.

Virgilio não falla em *corpos enroscados*, nem em *caudas atraz*: diz sómente, v.° 207 e 208, que *pars cætera*, o resto, a outra parte do corpo volumoso, — *immensa volumine terga*, vai seguindo, *pone legit*, como era natural.

Notão-se aqui duas expressões improprias, ainda que não sejão de maior reparo: 1.° — *com as caudas atraz*, porque as caudas não podem ser, nem podem ir em outra parte; e 2.° — *atraz a agua cortavam*. A frente, a cabeça, o peito, a pròa, ou de um animal qualquer, que vai nadando, ou de um navio qualquer, he que abre e corta as ondas; e a parte posterior hade *seguir*, e não *cortar*: — *pone legit* tem ali Virgilio: das Nynfas o diz elle no L.° 9 e 10; e das Nynfas, e das naus de Vasco da Gama o diz Camões no Canto 2.°; estancia 22. E continuando na oitava 53;

> Erguem escuma os mares empolados, ...

está muito bom, e excederá talvez neste lugar o *spumante salo* de Virgilio; mas escapou a João Franco o — *fit sonitus*, de grande effeito, e que não advertio Barretto; e pelo contrario, accrescentou *do seu* a idéa de que as serpentes, lá de tão longe, lançavam os olhos para os Troianos,

> E já tomando terra nos lançavam
> De sangue e fogo os olhos, co'as vibrantes
> Linguas lambendo as bocas sibillantes;

a qual idéa Virgilio não exprime, porque diz sómente que as serpentes *tomavam terra*, tendo *os olhos abrazados, cheios de sangue e fogo*; v.° 209....

> ..... jamque arva tenebant,
> Ardentes oculos suffecti sanguine et igni

Na oitava 54 são muitas mais as faltas na traducção de João Franco Barretto, e algumas tãobem escaparam inadvertidamente na copia que se lançou na *Publicação* portugueza n.° 119.

> ... Espantados do a vista repentina
> Sem alma, e cheios de pavor fugimos, ...

Espantado, no singular, se escreveria por descuido; e em lugar de *repentina* do 1.° verso, e que se não acha no latim, nem outro algum seu equivalente, escreveu-se neste lugar, por igual descuido, a palavra *peregrina*, que não forma sentido algum; passando-se a palavra *repentina* de João Franco para o 5.° verso da oitava, onde logo observaremos que ainda faz maior defeito no sentido. Porém o autor da traducção, o accreditado João Franco Barretto, nestes dois versos destruio toda a belleza das tres palavras de Virgilio no v.° 212 *diffugimus visu exangues*: dois versos para tres palavras!.... *exsangues* não he só *espantados*; he mais, e muito diverso: e *diffugimus* não he só *fugimos;* he — *fugimos, cada um para sua parte* — he como, de todas as traducções da *Eneida*, e muitas tinhamos em outro tempo examinado, sómente achámos explicar-se a do italiano Annibal Caro....

> Noi di paúra sbigottitti, e smorti,
> Chi qua, chi la ci dispergemmo...

He que os outros traductores todos, ou não o intenderam, ou não lhes pareceu necessario declara-lo. Desfontaines — *le peuple effrayé s'enfuit*: Delille — *tout fuit epouvanté:* Lima

Digitized by Google

Leitão — *fugimos com terror*. Chega alguma dellas ao latim? Rasteja alguma dellas? ..... Fugiram todas!

Continúa a oitava 54, v.° 3.° e 4.°:

> E resolutas na tenção malina,
> A Laocoonte remetter as vimos:

o primeiro destes dois versos não está no latim; he de João Franco; e faz elle muito favor ás duas serpentes em lhe conceder uma *resolução* ainda que seja malina: e João Franco viciou aqui, e fez ambigua a construcção das duas *orações*, que estão nos quatro primeiros versos da oitava, e que no latim estão ambas só no v.° 112.

> Diffugimus visu exsangues; illi agmine certo.....

No portuguez — *espantados* he muito bem... ou será muito mal vertido o latino — *exangues*, nominativo da oração primeira; e depois — *resolutas*, que parecia, e realmente devia ser o segundo nominativo latino — *illi*, não he se não um accusativo do verbo *vimos*, regencia ainda do nominativo — *espantados*, correspondendo, não bem, ao latino — *exangues*, cuja construcção, bellissima no latim, fica tão defeituosa em portuguez!

> Porem com furia mais que serpentina....
> ....

tãobem não está no latim, nem era possivel que Virgilio tal escrevesse. Que será *uma furia mais que serpentina?* Mas observe-se que pelo facil descuido na impressão do n.° 119, ainda mais se aumentava o embaraço da intelligencia portugueza — *mais que repentina!*

> Cevarem-se famélicas sentimos
> Primeiro, do infelice pai defronte,
> Em dois filhos do mesmo Laocoonte.

No latim não está — *famélicas*, nem — *sentimos*: no latim não está — *do infelice pai defronte*, nem — *do mesmo Laocoonte*, que não era necessario. Isto he tudo de João Franco; e só está do latim — *Cevarem-se.... primeiro.... em dois filhos*: faltando as engraçadas, e muito essenciaes expressões latinas — *parva duorum corpora..... serpens amplexus uterque.... implicat, et miseros morsu.....* — Faltando no portuguez tudo isto, essencial; e sobejando aquillo, tão escuzado: será esta de João Franco uma boa, uma excellente traducção, um modelo de traducções?... Julguemno os leitores desapaixonados e intelligentes. E não esqueça aqui accrescentar-se que, estando na oitava de João Franco — *do infelice pai*, que assim se pronunciava, e se escreva no seu tempo, e assim mesmo era aqui preciso para a medida do verso, escapou na impressão do n.° 119 — *do infelix pai*, que torna o verso defeituoso, e que altéra a linguagem recebida achando-se della outro bom exemplo, e logo abaixo, no ultimo verso da oitava 55.... *de tenace hera abraçado.*

Na oitava 55 menos cousas achâmos que notar, mas essas mesmas não são de menor supposição.

> Saltam logo sobre elle denodadas,
> Que armado os filhos soccorrer queria;

Virgilio não tem *denodadas*; e — *saltar sobre elle*, em portuguez, he frase muito vulgar, trivial, e sem nobreza: — *Corripiunt* do latim he expressivo, he nobre, he huma palavra só: mas falta no portuguez o — *spirisque ligant ingentibus*, do verso 217; porque os dois seguintes versos da oitava...

> E pelo meio, e collo já enroscadas
> Cada qual duas vezes o cingia:...

correspondem sómente ao — *bis medium amplexi*, do v.° 218.

> As cervizes por cima levantadas,
> Cheias de escamas tem, e parecia.....

Aqui João Franco alterou a construcção latina, separando este periodo do antecedente, com o qual estava muito bem ligado; e pondo ás serpentes as escamas nas cervizes, quando Virgilio lhas tinha pelo costado — *squamea circum terga dati*, v.° 217, como he muito mais proprio.

No resto da oitava he João Franco inventor, e não traductor, mas parece-nos muito infeliz na sua lembrança,.....

> .....e parecia,
> Posto no meio dellas o coitado,
> Um tronco de tenace hera abraçado.

aqui estão dois versos accrescentados por João Franco. Virgilio não falla em semelhante cousa, nem era possivel que uma comparação tal lhe occorresse; que, sendo em outro lugar boa lembrança, aqui se pode julgar uma especie de disparate. Na expressão de — *coitado* notamos tãobem duas inconveniencias; para *Laocoonte*, naquella posição, naquelle lance, he ella mesquinha, he baixa, he impropriissima; e para o *tronco* he não só uma especie, he mais um verdadeiro e solemne disparate. Mas fica reflectido que não he Virgilio quem aqui falla; e que estão estes dois versos de accrescento.

F. S.

Digitized by Google

[*Continúa*]

COMBUSTÃO ESPONTANEA DO CORPO HUMANO

[continuado do n.° antecedente.]

Determinados os principios, que na economia se podem accumular, susceptiveis de desenvolver e alimentar o incendio do corpo vivo e organizado, restava explicar a maneira porque se desenvolve a combustão: não julgamos nós tão clara a natureza da molestia, para que julguemos tambem simples e facil de explicar este ponto de pathologia, principalmente quando consideramos, que os cazos mais bem provados não tiverão testemunha alguma, nem da invazão, nem do progresso do incendio, que apenas se poude designar pelos fragmentos das victimas, cujo exame medico-legal deu este rezultado, pela excluzão do fogo celeste, ou do incendio criminozo, unicas couzas com que se poderia confundir este accidente, e á primeira vista, aos olhos do individuo alheio á Sciencia da medecina.

Tres são os modos porque o incendio se pode declarar, quando por qualquer das muitas condicções, que, alem das apontadas, facil he suppôr, se achar a economia humana, por assim dizer, saturada de principios eminentemente combustiveis.

Em primeiro lugar, e talvez seja esta a cauza mais freqnente, o estado idio-electrico da economia humana pode occasionar uma violenta explozão; ora, no momento em que se estabellece o equilibrio entre a electricidade atmosferica e a electricidade interior do animal, a centelha atravessa tecidos, por ventura carregados de principios de combustão, que se inflammam, progredindo assimo incendio para o exterior, onde he activado pelo oxigenio do ar.

Para que desta maneira se desenvolva o incendio não só muito concorrem as bebidas espirituozas, pela sua condicção idio-electrica, mas até mesmo he necessario que a atmosfera esteja secca e fria, condicção esta, em que os corpos são mais susceptiveis de electricidade, e que se tem especialmente notado por occazião dos cazos de combustão espontanea.

Em segundo lugar, que immensidade de combinações chymicas se não podem operar no centro de orgãos, em que se misturam tão diversos elementos? quantas reacções se poderão produzir, cujo resultado seja o pôr-se em liberdade huma tal quantidade de calorico, que se torne impossivel resistir-lhe a vida dos tecidos organicos? he, pois, deste segundo modo, que se pode ainda explicar a combustão espontanea, quando sobretudo ella se desenvolve em individuos de vida sobria e regular, todavia não isemptos das differentes condicções morbidas, de que podem rezultar essas grandes quantidades de principio combustivel.

Ha quem julgue impossivel a existencia das duas cauzas, que acabamos de mencionar; esses então julgam, que o fogo não pode atear-se sem que proximo se ache lume, que se communique aos principios combustiveis, cuja existencia julgam possivel, sobre tudo no tecido cellular subcutaneo: a esses diriamos nós que se assim fosse, não podera chamar-se espontanea a combustão, que só se desenvolvesse por meio da chamma exterior.

Resta-nos finalmente olhar este objecto pelo lado o mais interessante, e vem ser considerando-o como questão medico-legal: porque seria possivel propôr-se a questão seguinte = *Se o individuo foi victima da combustão espontanea, ou se o foi do raio, ou se finalmente de hum crime, ou accidente qualquer.*

Todos sabem que o raio não reduz o corpo a cinza, que muitas vezes ou o deixa quazi intacto, ou apenas produz algumas impressões, analogas ás queimaduras: e os signaes mais caracteristicos são o cheiro de enxofre, que o corpo conserva por muito tempo, e o ficarem os musculos inteiramente privados da irritabilidade de Haller, e da contractilidade de Bichat: eis por consequencia signaes bem caracteristicos para distinguir o individuo fulminado pelo raio, do que foi victima da combustão espontanea.

(*Concluir-se-ha.*)

FALLA DE GALBA, QUANDO ADOPTOU PISÃO

Fragmento do L.° 1.° das Historias de Tacito, extraido de um manuscripto do Ill.° Sr. Dr. Lima Leitão, que por elle nos foi confiado.

.... Mas Galba, apenas soube da sedição Germanica, posto que ácerca de Vitellio ainda sem certeza alguma, ansiando-se sobre que ponto os exercitos rompessem, nem se confiando na guarnição de Roma, effeituou a adopção, julgando-a unico remedio. Convocando, alem de Venio, e Laco, a Mario Celso, consul designado, e Ducennio Gemino, prefeito da cidade, fallou-lhes brevemente sobre sua velhice, e mandou chamar Pisão Liciniano, ou de seu moto proprio, ou, segundo alguns, por inducção de Laco, que, em caza de Rubellio Plauto tendo travado amisade com Pisão, protegia-o sagaz fingindo não conhecel-o, e com o prospero renome delle roborava o parecer, que dera. Filho de M. Crasso, e de Scribonia, nobre por ambos elles, tinha Pisão o caracter,

Digitized by Google

e maneiras antigas: os cordatos julgavão-no severo, os malintencionados repellente; apprazendo-se tanto mais por isso Galba em tal adopção.

Logo o Imperador, tomando-o pela mão, consta que lhe fallára assim. = Si na qualidade de particular eu te adoptasse, perante os pontifices segundo a lei popular, e o costume; ser-me-hia honrôso juntar á minha familia o sangue de Pompeo, e de Crasso; e a ti mesclar a tua nobreza com a dos Lutacios, e dos Sulpicios. Agora porêm, chamado ao imperio pelo consentimento dos deuses, e dos homens, movido do amor da patria, e da tua decantada indole, offereço-te este mesmo imperio, que obtens sem custo, quando á força de armas o disputavão nossos maiores, e a mim mo deu a guerra. Portou-se assim o grande Augusto, que no grão proximo a si collocou seu sobrinho Marcello, depois seu genro Agrippa, logo seus netos, e por fim Tiberio Nero seu enteado. Mas Augusto buscou successor em sua caza; eu, na republica. Não que me faltem parentes, ou socios de armas; porem não foi por ambição, que recebi o imperio; e a preferencia, que te dou sobre meus parentes, e teus, de sobejo prova as minhas intensões. Tens um irmão de lustre igual, de idade maior, digno desta fortuna se tu mais o não fosses. Passaste os ardores da adolescencia, e nada tens que te envergonhe. Mas só revezes soffreste; a prosperidade é que explora com mais energia os animos: porque a miseria nos aleija, corrompem-nos as delicias. Sim, tu com igual constancia guardarás liberdade, fé, amisade; mas desluzil-as-hão outros com maneiras. A adulação, as meiguices, que mais impestão os affectos puros, hão de assaltar-te guiados pelo egoïsmo. Entre nós hoje sinceramente fallamos eu, e tu: quanto aos mais, de melhor grado fitarão nossa fortuna do que a nós; pois que há risco em admoestar os principes, nenhum em adulal-os.

= Si este colossal imperio podesse de per si existir equilibrado, eu era digno de restabelecer a republica. Agora porem que de ha muito se chegou a tal extremo; o bem maior para o povo Romano vem a ser que eu escolha em minha velhice um bom successor, e que tu bom principe sejas desde a tua mocidade. Nos reinados de Tiberio, Caio, e Claudio foi o imperio herança de uma só familia; sirva-lhe agora de liberdade a eleição dos Imperadores. Extincta a descendencia dos Julios, e dos Claudios, recahia a adopção no mais digno. Nascer de principes é acaso, e não mérito: a adopção pode firmar-se na inteireza, e na publica opinião, que a indica. Espêlha-te em Nero, que tumido em descender de muitos Césares, expulsárão-no de sobre as cervizes publicas não Vindex com uma provincia desarmada, nem eu com uma só legião; mas sim a sua fereza, e a sua sensualidade: eis o primeiro exemplo de condemnação n'um principe. Nós, elevados pela guerra, e estima commum, affamar-nos-hemos apesar da inveja: nem pois te atterres se em tanta commoção do globo duas legiões ainda restão por aquietar. Eu mesmo não entrei no imperio em circunstancias seguras; e divulgada esta adopção deixarei de parecer velho, unico defeito de que me taxão. Sempre os maos choraram Nero: a mim, e a ti cumpre fazer que os bons tambem o não chorem. Não é este o tempo de mais moralizar: preenchi tudo se te escolhi bem. Cogita o que condemnarias, ou louvarias em outro principe; eis a via mais util, e breve de differençar o bom do mão. Aqui uma familia não impera exclusivamente sobre uma nação de escravos, como aonde ha Reis: mas tens de governar homens, que não supportam por inteiro nem escravidão, nem liberdade. = Galba assim fallava com um principe, que elle fazia; todos os outros, como vendo-o já feito.

Uma noute em Roma.

Depois que o sol dardejando seus ultimos raios desappareceu completamente aos olhos; — depois que as extensas campinas da antiga cidade dos Sabinos, deixaram de aquecer-se aos vividos lumes deste bello luminar: — Roma, similhante então a uma soberana, que desperta de seu aturado summo, surge no meio do espaço e o enche de sua magestade. — As colinas que a cercam se revestem de sua ultima côr de purpura, e durante alguns instantes lhe estão formando como uma moldura dourada, no meio da qual a prisca cidade dos Cezares patentea toda a sua melancolica grandeza.

Mas bem depressa este magico colorido passa e se desvanece: — a gigantesca cupola de S. Pedro se vai pouco a pouco perdendo na escuridão, e como esta, uns apoz d'outros, se vão esvaindo tambem nas trevas os zimborios dos quatrocentos templos christãos, que em si comprende a cidade Sancta.

— É então que os seus habitantes sáem, se dispersam pelas ruas, e finalmente vivem: todos os botequins se illuminam, e o brilhante Corso, invadido por todos os lados, se transmuda n'um vasto recinto de tumultos e alaridos. — Os palacios brilham de mil luzes: — as janellas se abrem, e o ar da noute, como um amigo anciosamente esperado, entra em todos os apozentos, penetra em todas as camaras, onde se apraz em voltijar em torno das madeixas annelidas que enfeitam as frontes das bellezas romanas. — Esse recinto, que pouco tempo antes não era mais do que o foco de

Digitized by Google

um ardente calor, mudo e deserto, como o foi na invasão dos vandalos, já não parece o mesmo: — um ceu de azul e purpura, como que o contempla e bafeja, e o cobre de seu manto estrelado: — ao bochornal silencio do dia se seguem os folguedos e as alegrias: tudo agora se agita e se confunde; — os instrumentos soam, e as suas suaves melodias se fazem ouvir por toda a parte. Dissereis, que uma metade da povoação está contando a outra os segredos de suas alegrias e queixumes, — que, esquecidos todos os interesses materiaes da vida, os homens se reuniram a final por uma acorde simpathia.

Soberana da christandade!... Qual é o mysterioso influxo que assim vem associar commoções deste mundo ás lembranças de um outro mundo futuro e melhor existencia?.. Sentimentos religiosos sois vós, que adejando sobre suas cabeças exaltadas, dais a tudo o que aqui respira esse sitibundo desejo de futuro, de esperança e de vida, de que a alma se sente repassada! —

Que vago delicioso e indefinivel!.. Que encanto irresistivel se imprime em todas as cousas? — portentosa mistura do ideal e do positivo, do movimento e da inercia; — debalde a imaginação lida e esboaça no vaporoso de suas fórmas, ella se afunda e a final se perde na immensidade de teus planos! No ar fresquidão e rosas: na terra a lava escandecente dos vulcões, e o anhelito d'essa brisa que d'Africa lhe vem, como um perfume de antiguidade, para engrandecer o homem e como preparal-'o para a elevação de suas ideias. — Aqui o bello astro da noute vos pareceria maior e mais volumoso: — dissereis, que o sol se aproximava mais da terra, e quando a columna de Antonino projecta sua sombra magestosa, então julgarieis que este poeta da antiguidade se dispõe a fallar e vai dizer grandes cousas.

Entretanto que assim embebido neste suave enlevo dos sentidos, só toda a attenção empregarieis nos melodiosos sons de uma agradavel musica, e vos identificarieis com o cantor, que por por baixo das janellas de sua amante, lhe está contando as ternas queixas de seu amor, um triste e prolongado murmurio se faz em distancia: bem depressa os sons graves e compassados se vão tornando mais claros e preceptiveis ao ouvido: uma multidão de luzes resplandece ao longe, e em breve todo o Corso se illumina com um pallido e momentaneo clarão. O sequito lugubre de uma procissão de cenobitas começa então de desfilar lenta e vagarosamente: — seus rostos vão tristes e abatidos, os braços lhe vão crusados sobre o peito, caminham dous a dous, e o canto que suas vozes entoam é o do terrivel passamento.

Facil é de distinguir alli as differentes ordens religiosas pela cor de seus habitos; todas ellas proseguem no mesmo canto de morte, que assim vai sendo successivamente repetido desde a primeira até á ultima.—Momento augusto!.... Dissereis então, que todos os palacios que aformoseiam o Corso, franqueando o ambito profundo de suas abobedas aos tristes cantares dos religiosos, lhe respondem de dentro com seu echo sepulchral. — As luzes se approximam, ellas cercam e precedem um ataude aonde o morto se vê a descuberto, reflectindo em suas lividas feições a luz tremula e mortiça das tochas que o acompanham. — Ainda hontem, talvez, cheio de vida e de esperanças o mesmo que hoje alli jaz para sempre adormecido, ria e folgava nestes mesmos logares por onde agora passa mudo, frio e inanimado. — Talvez sua mente adejou risonha de esperanças do futuro, talvez que bem prestes contasse ir unir-se para sempre ao coração que o amava.

A medida, porem, que os passos da procissão se approximam, os cantos de alegria vão sendo substituidos pelos accentos da dor: — a multidão se rompe para lhe abrir passagem, e curvando-se respeitosamente o cortejo funebre passa e se affasta vagarosamente, até que a final já se não distinguem senão fórmas indestinctas: a lugubre armonia de seus cantos se vai tambem progressivamente desvanecendo até que de todo morre ao longe, como o ruido, da onda mugidora que vem quebrar-se na praia, e depois se perde com um triste e prolongado murmurio. —

Comtudo o effeito solemne que esta impressão causára, passa tambem e se desvanece: os grupos se tornam a ajuntar, os instrumentos se affinam, e os concertos se começão de novo a ouvir: — entre esta multidão d'homens, uns cantam, outros escutam em silencio: — aqui é uma strophe do Tasso, que uma voz armoniosa recíta com expressão enternecedora: mais alem, o terno Metastasio presta seus versos apaixonados a uma mystiriosa declaração: — alli é todo o fogo e enthusiasmo de um improviso, arrebatado e ardente, como o sol da patria que o vio nascer. — Tal é em summa o prodigio que em todas estas cousas se encontra que Erato parece andar pairando nos ares derramando á profia os variados thesouros de sua brilhante imaginação. Tudo aqui toma uma cor animada e attractiva, que se reproduz debaixo de mil cores e aspectos differentes: — a exaltação de tudo o que aqui respira parece estar tanto nas expressões, como nas ideias: — a alma, como que ressumando por todos os poros se desata a final n'uma effusão de sentimentos, já ternos e maviosos, já violentos e arrebatados: penetrada de tantas impressões diversas, parece não concentrar-se em si mesma senão para depois se abrir com mais força, e segundo a direcção de seus sentimentos muitas vezes elevar-se até a essa piedade sancta, que todas as ideias volta para a sua origem divina.

Digitized by Google

Ás vezes, porem, acontece que um grito de dor e de angustia vem interromper inesperadamente os concertos e gelar os corações de horror: — o agudo ferro de um rival acaba de encontrar o coração de sua victima, e a assassinou. Em quanto a miseranda lucta com a morte e com o ferro que lhe golpea as entranhas, (cousa pasmosa!) vê-se então a multidão afastar-se e deixar ao assassino o tempo preciso para evadir-se. — O ciume é em Roma uma molestia natural do clima, que tem seus accessos e parocismos; cada um por si conhece, que de um instante para outro pode vir a ser accomettido de tão terrivel enfermidade, e desta consideração resulta, que na occasião do attentado a indignação fica suspensa até que o culpado se tenha podido escapar. —

O que, porem, até agora havemos descrito, não he mais do que as suas serenatas durante as noutes; cumpre que digamos mais alguma cousa acerca dos seus outros divertimentos. — Saindo do Corso e tendo tomado á esquerda pela porta a que chamam *del Populo*, a poucos passos fica o Mausoleu de Augusto. — Suetonio nos diz, que este monumento, situado entre a Via Flaminia e a margem do Tibre, fora mandado edificar por Augusto, segundo o desenho do celebre tumulo que Artemisia consagrára á memoria de Mausolo seu esposo. As cinzas d'aquelle Imperador alli jazeram por muito tempo, e, segundo o que Virgilio nos dá a entender, os restos mortaes de seu sobrinho Marcello alli foram tambem depositados. — Finalmente era este o tumulo dos Imperadores e Nerva, segundo parece, foi o ultimo que para alli foi levado — Não ha certeza nenhuma sobre a epocha em que a sua destruição podéra ter acontecido: de tão grande monumento apenas se pode saber, que em 1167 passára a ser uma fortaleza, a qual, tomada pelos inimigos, fôra por elles barbaramente destruida.

E', porem, neste logar, sobre esta mesma terra, que ora se vem reunir descuidosos de todos os transes da vida os pacificos habitantes de Roma, para ahi gosarem do socego e fresquidão da noute. — Não sei o que ha nisto de solemne e enternecedor; mas essas musicas que alli resoam, esse sussurro de mil vozes confundidas, e o espetaculo da noute, tudo isto côa n'alma um tão donoso encanto, que dissereis que tudo está prestes a desvanecer-se por não ser mais que uma illuzão.

O Mausoleu de Augusto, disposto interiormente como o Collyseu, é porem mais pequeno do que elle; descuberto por cima em toda a sua extensão, o tecto que o cobre não é mais do que um extenso panno marchetado d'esse mesmo ceu, que alli parece estar assistindo aos seus festins, regosijar-se com a sua alegria, e sobre elles derramar um prestigio de illusões que em vão a mente quereria representar.

Mas o que sobre tudo encanta e fascina é a delicadeza e o bem ordenado gosto da illuminação: — um sem numero de luzes, que reverberam atravez de vidros de differentes cores e papeis pintados, produz um agradavel effeito, que recreia a vista sem a incommodar. De ordinario nestes divertimentos a noute se termina com um fogo de artificio, e então é que é para admirar quanto não é capaz de produzir uma imaginação rica e variada. — Umas vezes julgar-vos-hieis no meio do abysmo aonde o terrivel Dante collocou o theatro de suas victimas: á luz de mil fachos revolvendo-se nas trevas, verieis fórmas hediondas e diabolicas tecendo suas danças infernaes; outras, por uma subita mudança, julgar-vos-hieis transportado aos jardins de Armida, á habitação das fadas e dos prazeres.

A noute assim terminada, os bandos se dispersam e se retiram: pouco a pouco vai tudo entrando no silencio, e, d'alli alguns instantes mais, só a lua do alto dos ceus, espalhando seus raios tristes, contempla esses logares sobre os quaes passa mysteriosa, como um pensamento de bem amargas saudades.

D. JOÃO 5.º E A INQUISIÇÃO.

No dia 16 de Outubro de 1729 foi El-Rei o Senhor D. João 5.º acompanhado dos Infantes D. Antonio e D. Francisco almoçar ao palacio da Inquisição. Depois assistiu Sua Magestade a um auto de fé na Igreja dos Dominicos sendo prezidente d'aquella festa o Cardeal Nuno da Cunha Inquizidor mór de Portugal. Cinco mulheres e cinco homens convencidos do Judaismo e que recusárão abjurar, forão entregues ao braço secular para serem queimados com a estatua de outro que morrera na prizão. Quarenta homens e outras tantas mulheres saírão dos carceres por terem renunciado ao Judaismo e outros erros, sendo porem condemnados a diversos castigos em fórma de penitencia de seus pecados!

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas Rua Augusta n.º 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.º 102: Rua do Ouro n.º 140, Rua da Prata n.º 109. Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs.; e avulço 30 rs.

LISBOA

Typ. da Academia das Bellas Artes.
Rua de S. José N.º 8.

Digitized by Google

O

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 8) Publica-se todos os Sabbados (Fevereiro 22, 1840.

O grupo de Laocoonte,

e a Eneida Portugueza de João Franco Barretto.

[CONCLUSÃO.]

Oitava 56:

Elle tãobem co'as mãos se exforça, quanto
O ajuda seu furor em tal aperto,
Por desatar os nós, que o ligão tanto,...

estes tres versos portuguezes correspondem a um só verso latino, o 220;

Ille simul manibus tendit divellere nodos;

estando aqui demais todo o v.° 2.° da oitava, e o fim do 3.° — *que o ligão tanto*; que he tudo escuzadissimo, e não aparece no latim. E demais, João Franco diz — *seu furor*, e acha-se na copia — *o seu furor*. Porem o 4.° v.° da oitava...

De atroz veneno tendo o véo cuberto,..,

corresponde ao verso latino 221....

Perfusus sanie vittas atroque veneno;

com a differença porem de João Franco ter confundido os dois adjectivos latinos *ater*, e *atrox*; *negro*, e *atroz* em portuguez; sendo ellas no latim de significação e natureza diversissima; ainda que em portuguez mal intendido, alguem lhe possa admittir relação, ou semelhança. Nestas differenças he que está o perfeito conhecimento das grammaticas diversas, tão pouco avaliado!... Tãobem João Franco diz — *o véo*, e Virgilio tem dito — *as fitas*; porem, neste lugar João Franco tem alguma desculpa, usando os sacerdotes dos antigos igualmente destes *véos* nos sacrificios. E notemos ainda mais neste lugar, que no *grupo* não ha *fitas*, nem véo, nem ornamento algum; que o corpo de Laocoonte está perfeitamente descuberto; que as serpentes lhe não tem envolvido duas vezes *o meio* (diz Virgilio) e *o pescoço*; e que por consequencia he claro, e ninguem pode duvidar, que o *grupo*, ou estatua, que Virgilio teve em vista, podia muito bem não ser o *grupo*, que hoje está no Vaticano.

Gritos levanta ao Céo, que põe espanto,
Mas como se bradára n'um deserto:

o primeiro destes dois versos he muito bom; he o latino 222.....

Clamores simul horrendos ad sydera tollit;...

mas o segundo não está em Virgilio: he acrescentado por João Franco, e com muito má recordação do — *vox clamantis in deserto*, para este lugar tão fora de todos os propositos, para quem o intender; e desculpe-se-nos a expressão.

Qual touro que escapou dentre os altares,
Mal ferido, bramindo atrôa os ares.

Nestes dois versos, que certamente são muito bons versos, e que devem corresponder aos dois latinos 223, e 224, ha duas faltas muito consideraveis: a primeira he não apparecer quasi todo o verso latino 224, isto he, a frase — *et incertam excussit cervice securim*: e poderia imaginar alguem que João Franco em — *mal-ferido* quereria intender o pensamento de Virgilio, em quanto ao máo golpe do cutello, e a que este resvallára do pescoço, e fugira o touro? Mas então era necessario supormos um quasi impossivel, e era, que ao nosso litterato João Franco fosse desconhecido, que a bellissima expressão portugueza — *mal ferido* quer dizer *gravemente ferido*, *perigosamente ferido*; e não quer dizer *pouco ferido ou levemente ferido*; e assim se acha em todos os nossos bons escriptores portuguezes, poetas, ou *prosadores*, fallando de batalhas, combates, ou desafios, de que não he precizo aqui

Digitized by Google

trazer exemplos. E a segunda falta he, que Virgilio diz muito distinctamente que os *clamores de Laocoonte no seu tormento erão como os mugidos do touro, fugindo do sacrificio*; e João Franco diz tãobem clara e expressamente, que Laocoonte gritara e bradara como o touro, que *bramindo atroa os ares*. Virgilio conhecia muito bem as expressões proprias e convenientes, não só ás pessoas, mas tãobem ás cousas, e aos factos: *quid decent*, diz Horacio; *quod convenit*, diz Quintiliano; e os francezes dizem hoje — *les convenances*; e nós poderiamos tãobem dizer — *a conveniencia, a decencia; a propriedade*, intendendo assim o que he accertado, e proprio, e justo, e talvez mesmo delicado; mas João Franco aqui não o intendeu assim, e diz muito portuguezmente, que Laocoonte *bradára*, isto he, *be...ara como um touro*. Nisto o tem immitado quasi todos os traductores, que tãobem melhor o não intenderam, nem entraram na delicadeza de Virgilio, que vivia na Côrte polidissima de Augusto, tratando-se familiarmente até com o mesmo Imperador.

Oitava 57:

Fugindo os dois dragões vão despedidos
Ao templo de Tritonia armipotente,....

Estes dois versos correspondem aos dois versos latinos 225 e 226,

At gemini lapsu delubra ad summa dracones
Effugiunt, sævæque petunt Tritonidis arcem:

mas nos versos portuguezes não está o — *lapsu* do latino 225; e em lugar do — *sævæ* do 226 está *armipotente*, quando *armipotente* he muito diverso de *sævæ*, e aqui não vem a nenhum proposito.

E aos pés da Deosa pondo-se encolhidos,
Com o escudo se cobrem refulgente.

A estes dois versos corresponde o verso latino 227

Sub pedibusque Deæ, clypeique sub orbe teguntur...

mas nelle não se acha nem o *encolhidos* nem o *refulgente*, que erão escusados, e são aqui acrescentados.

No fim deste 4.º v.º da oitava tem João Franco uma virgula, devendo *grammaticalmente* ser um ponto, ou ao menos dois pontos: e no verso seguinte, depois de — *pavor*, poz elle ponto e virgula, que não fica em relação alguma grammatical com a virgula do fim do verso antecedente. Isto parece valer bem pouco, a par de cousas tão essenciaes, que aqui vão ditas; mas temos que devem apontar-se em tal materia, por ser descuido no proprio original, e porque semelhante se encontra em muitos outros lugares.

Aumenta-se o pavor, esmorecidos
Ficando todos co'a visão presente:

Estes dois versos, 5.º e 6.º da oitava 57, devem corresponder ao bellissimo verso latino 258, que não podemos deixar de escrever aqui, para os que o intenderem:

Tum vero tremefacta novus per pectora cunctis
Insinuat pavor.....

para que se veja a distancia que vai de — *aumenta-se* a — *insinuat*; e de — *tremefacta pectora*, a — *todos esmorecidos*; que — *a visão presente* he de mais, e no latim não apparece; e que — *visão* he mais e melhor aquillo que se representa, e parece ver-se, do que aquillo que realmente se vê, e de véras se apresenta.

E não deixemos de aqui accrescentar que a palavra portugueza *esmorecidos* do v.º 5.º da oitava 57, pouco e mal corresponde ás delicadas expressões do verso latino 258; e que antes pelo contrario, nós temos a bellissima palavra portugueza — *estremecidos*, que exactamente corresponde á latina — *tremefacta*, que he mimosa nos nossos classicos, e até enche aqui a medida do verso, e o consoante. E então quem sabe se na impressão antiga de João Franco, tão abundante de descuidos, escaparia — *esmorecidos* no lugar de *estremecidos*, assim como ao depois escapa na mesma oitava — *peregrina*, que não havia, para o lugar de *repentina*, e esta para o lugar de — *serpentina*?

Dizem que he bem que pague com a vida
Laocoonte a pena merecida:

Estes dois versos ultimos da oitava 57, estão no latim em cinco palavras; e dellas, tres sómente muito elegantes, no v.º 129, *scellus expendisse merentem*, encerrão tudo. Mas no portuguez falta o — *scellus* do latim, que era indispensavel; e está de mais — *com a vida*, que não era necessario.

Oitava 58:

Pois se atreveu com improba ousadia
Offender o fatal lenho sagrado,
Furioso arrojando a lança impia
De cujo ferro agudo foi passado:

quatro versos estes, a que sómente corresponde verso e meio do latim v.º 230 e 231:

Digitized by Google

> ..... sacrum qui cuspide robur
> Læserit, et tergo sceleratam intorserit hastam.

Mas nestes não está a — *improba ousadia*, nem está o — *fatal*, nem o — *furioso* e não está nem uma só palavra do verso 4.° — *De cujo ferro agudo foi passado*, que he um verso inteiro de João Franco. E além disso, a regencia do verbo — *se atrevcu*, do 1.° v. ° , não he — *offender* como esta no 2.°, mas he — *a offender*; o que não pode ser aqui falta da impressão, porque assim mesmo está em João Franco, e elle podia pôr a particula, como em outras partes fez, sem o receio de alterar a medida do verso; que não altera. Finalmente, nem este *offender* exprime o *læserit*; nem o sagrado, ajudando-se ainda com o *fatal* exprime o *sacrum*; nem o — *arrojando a lança impia* pode ser mais que uma pallida copia da vehemente expressão latina — *sceleratam intorserit hastam*

Eis-aqui pois demonstrada, e com mais evidencia talvez do que seria preciso, a imperfeição constante e continua da traducção da Eneida, que tantos gabos e encomios tem merecido a todos os nossos litteratos, nenhum dos quaes, por certo, ainda tomou a paciencia de a combinar com o original, verso por verso, como ha muito haviamos feito, e como intendiamos que era necessario, para se poder fallar com esta segurança. A traducção de João Franco tem lugares bellissimos, que se não excedem; tem oitavas admiraveis, e aqui bem perto estão casualmente as oitavas 61, 63, e 64, de muita perfeição; mas ainda que em geral a lingua seja muito pura, bem portugueza, sempre clara, corrente, e armoniosa; sem *retorcidos*, nem *trocados*, de que hoje he tanta a copia; e que a *linguagem* (que he differente de *lingua*) seja elegante: comtudo, esta algumas vezes he impropria, não he sempre muito exácta, e nem sempre he grammatical: notão-se-lhe aqui e alli, pequenas, mas muito frequentes faltas no sentido, e na intelligencia do seu original, que he bem util mostrarem-se a quem estuda, com dezejo de aproveitar.

Este lugar não foi escolhido, porque nelle se encontrasse um tão crescido numero de faltas, e de descuidos: foi muita casualidade, e foi achar-se nelle a descripção do facto de Laocoonte, que pelo objecto das Artes, tanto nos interessava. E por isso ainda aqui acrescentaremos duas especies mais, que ao escrever, acima não nos occorreram; e são, que o commentador antigo *Servio*, nos seus *Scholios* a Virgilio, diz que este lugar da Eneida era immitado de um Poema sobre a destruição de Troia, de um certo *Euphorion*, de Chalcis, na Eubea, do qual Virgilio poderia ter conhecimento no seu tempo: e delle tãobem nos parece a nós, que poderia ser immitada uma bella relação de mesmo objecto, que em versos jambicos se acha no *Satyricon* de Petronio; porque esta, apontando as mesmas especies que traz Virgilio, e que se podem julgar historicas, he com tudo muito diversa, tendo as graças que são proprias do genero em que Petronio escreve, mas não tendo a elevação e a magestade, que Virgilio lhe dá no seu poema. E no caso que não desagrade ao publico este genero de trabalho, que util e instructivo nos parece, outros varios lhe poderemos apresentar na mesma idéa, ainda que não tanto minuciosos como vai este: que não só cousas de economia, de industria geral, e de utilidade maior se lhe podem sempre nestas Publicações offerecer: assim como tãobem em outras não só futilidades inuteis e incorrectas, se lhe devem ministrar quotidianas.

F. S.

O precedente artigo, que certamente nossos leitores não deixariam de apreciar como devidamente merece, bastaria por si só para nos dar uma avantajada ideia do distincto merito litterario de seu author. — Si as preciosas reflexões que até hoje se hão feito ás obras de Virgilio, tem achado benigno acolhimento e sempre foram recebidas com gosto pela parte dos que ainda presam as letras latinas, certamente não deixariam de reconhecer n'essas poucas paginas do mencionado artigo, mão, que para mover a pena não é estranha ao trabalho de folhear e revolver as preciosas reliquias da antiguidade grega e romana.

No meio das desordens e inovações do seculo actual, cujos fins só Deus poderá aventar quaes sejam, doe-nos a nós a consciencia, e se nos aperta o coração de vêr como ahi vão sendo levadas de rojo tantas preciosidades, que só por não terem vindo a lume mais cedo, ou por serem antigas, perdem do seu tão merecido valor — Não sabemos como exprimir esta nossa ideia; mas certamente ha nisto alguma cousa de pecaminoso, que faria revoltar contra nós as frias lousas desses grandes varões em paga da nossa ingratidão e do nosso desprezo — A's vezes, porem, no meio de todo este reboliço lá aparece um braço erguendo-se do seio das vagas embravecidas para atirar ás margens com alguma reliquia e ver se a pode salvar ainda da inundação que tudo arrasta comsigo; e o que é para lastimar, é que muitas vezes esse só, e poucos mais, se congratulam entre si pela haverem podido resgatar. Com effeito, quem é que modernamente se occupa de ler gregos ou Romanos?...Um ou outro somente, que no silencio do seu gabinete ainda se apraz de travar conversa com os amigos de sua mocidade, e que uma ou outra vez, ao silencio profundo,

Digitized by Google

pas bibliothecas os vai acordar para sobre elles reflectir uma hora siquer, descuidoso de todas as tempestades da vida, neste mundo tão vão, tão movediço e tão pouco ideial. — Com o pouco que alli bebeu volta sua alma nutrida e satisfeita, e mais forte para as adversidades da vida; — era para esse mesmo effeito que os antigos compunham seus livros, depois de os haverem profundamente meditado, entretanto que nós os modernos compomos volumes mais pelo numero das paginas e delicadeza das encardenações. — Houve, porem, um tempo em que este geral desprezo pelos antigos, antes era adoração e agradecimento; por toda a parte se liam e procuravam para por elles estudar as normas de tudo o que cumpria observar. — Teremos nós ganho com esta indifferença, ou realmente seremos melhores do que o foram nossos maiores?... o que houver ahi de puro que se alevante e lance aos outros a primeira pedra. — No seculo actual da regeneração litteraria, poucos são os homens que querem ouvir fallar do *classissismo* e entretanto ousaremos affirmar, que será impossivel, ou mui raro, fazer cousa alguma que preste, sem que o gosto e o espirito se haja primeiramente apurado no que de bom nos hão deixado os antigos escritores — Era assim que o entenderam os nossos patriarchas em Litteratura, e é assim que ainda hoje o entende muita gente que se presa de um verdadeiro gosto. — As continuas versões, que dos authores latinos se fizeram são disto uma prova irrefragavel: cada nação se prezou logo de possuir tambem o seu Virgilio, o seu Horacio, e o seu Homero; era mesmo uma especie de orgulho nacional o ter naturalisado estes homens na propria terra, fazendo-os fallar a mesma lingua que os seus conterraneos. — Eis ahi tambem o que deu origem ás nossas versões de Virgilio, e nesta parte, seja-nos licito o levar um pouco a mal a aspera censura que a João Franco Barretto, aqui é dirigida — Todos sabem a enorme difficuldade que ha em fazer uma versão de um poeta, tanto mais si este é tal como Virgilio, cuja concisão e ao mesmo passo elegancia, é para desanimar o animo mais audaz que o empreendesse. Alem do que João Franco traduziu a Eneida em verso rimado, sugeitando-se a uma metrificação ja de si trabalhosa, vendo-se muitas vezes na precisão de ampliar a frase, para satisfazer ao verso. — Entretanto a censura do precedente artigo é mais uma critica apurada de bom gosto, do que uma invectiva aos grandes serviços que João Franco prestou á nossa litteratura. — A outra parte do artigo versa sobre o grupo de Laocoonte, — era impossivel, segundo nos parece, fallar mais scientificamente a este respeito: — cada expressão releva a grande somma de conhecimentos do escritor, a ponto que nos parece estar praticando com o proprio censor romano, que nos falla de suas cousas particulares. Tal é com effeito o merecimento do precedente artigo que por si falla e por seu author.

COMBUSTÃO ESPONTANEA DO CORPO HUMANO

[conclusão]

O incendio por crime ou por accidente é impossivel de confundir-se com o caso, ainda mesmo o menos claro, de combustão espontanea: todos reconhecem que um crime de tal natureza só poderia ser consummado por violencia, que forçosamente se desse a conhecer: alem de que, ha circumstancias tão particulares, tão exclusivamente privativas a esta terrivel molestia, que basta uma vez examinal-as para jamais se tornarem a confundir com outro algum cazo, seja qual fôr a sua natureza.

O pratico, pois, poderá com toda aquella certeza, de que a medicina pode dispôr, designar a combustão espontanea pelos seguintes dados: o sitio, em que se consumiu o corpo pela combustão espontanea, deve conter um cheiro empyreumatico, uma atmosfera humida, e carregada de um certo vapor esbranquiçado: os corpos proximos e até mesmo os restos do cadaver achar-se cubertos de uma substancia espessa e fetida, e sobretudo notar-se-ha que os combustiveis, ainda mesmo os mais immediatos ao corpo consumido, pouco ou nenhum damno apresentam.

O tronco é o que o primeiramente se consome, e é mui raro que delle appareçam vestigios, a não ser de algumas vertebras: pelo contrario quasi sempre se encontram ossos dos membros, do craneo e até mesmo ás vezes cabellos intactos, o que é inteiramente opposto ao que devêra acontecer no incendio pelo fogo exterior, em que primeiro se consomem as partes menos volumosas, e por isso mesmo as mais expostas: — si a isto tudo, porem, accresce que a combustão se effeituou em poucas horas, se o individuo era obeso, e dado ao abuso das bebidas fermentadas, si finalmente a atmosphera se achar seca e fria o diagnostico adquirirá o maior gráu de segurança e certeza medica —.

A therapeutica desta molestia quazi que nem ao menos tem sido mencionada pelos praticos, que della se occuparam, e isto sem duvida por não ser a molestia muito frequente, por não ser precedida de symptomas, que a annunciem, e por ser tal a rapidez de seu andamento, que difficil é, senão impossivel, oppor meios algus á voracidade do incendio — Todavia se isto algumas vezes succeder, cumpre-se a conhe-

Digitized by Google

cer a emminencia do perigo pelo violento calor interno, pela sede inextinguivel, pela eracção de gazes inflamaveis &c. então conviria pôr em pratica os soccorros, que naturalmente lembram ao simples aspecto de taes symptomas: todo o tratamento, pois, se reduz a subtraïr-lhe a maior porção possivel de calorico, mettendo o individuo em um banho de tina, e dando-lhe a beber grandes quantidades de agua nevada — no cazo porem que estes meios sejam inexequiveis então deve-se cubrir o individuo como terra ou areia, afim de impedir, que o incendio communique com o ar exterior, onde nada é capaz de o apagar, nem mesmo a immersão na agua.

Eis o que nos pareceu mais digno de interesse geral no que respeita á combustão espontanea do corpo humano: dispensámo-nos, porem, de transcrever alguns dos seus numerosos exemplos, porque elles andam escriptos em todos os Diccionarios de medicina, e mesmo vem copiados no Jornal das Sciencias medicas de Lisboa.

Eloquencia Militar.

A eloquencia, a arte sublime de dirigir as paixões, e de fallar ao coração humano, tem sido desde as mais remotas épocas uma arma poderosa, cujo emprego decidiu não raras vezes da sorte dos homens, e da existencia dos imperios. Na tribuna, no pulpito, e nos campos tem sempre exercido em quasi todos os tempos o mais efficaz predominio; e alternativamente empregada no sentido da equidade, ou da injustiça, a ella foram devidos, ora os mais brilhantes, ora os mais desastrosos resultados.

Provas immensas nos offereceria a historia para confirmar o que acabamos de avançar, si acaso isto que avançámos não fosse aos olhos de todos tão claramente manifesto. Demasiados são os factos, que a vida dos seculos que passáram nos apresentaram; fertil d'exemplos é o mesmo seculo em que vivemos, para que seja nosso intento enumerar aqui n'este curto artigo os constantes e innumeraveis effeitos que á eloquencia foram devidos em differentes tempos, e em diversos povos.

Si descortinamos o véu das antigas e florescentes eras de Grecia e Roma, lá vemos Pericles e Demosthenes illustrando Athenas com a sua eloquencia; e um Cicero concorrendo com o poder da sua palavra para livrar Roma da conjuração de Catilina. — Na edade média a eloquencia do pulpito excitando o fanatismo, arrojava á Palestina milhares de guerreiros, que buscavam á porfia verter seu sangue no exterminio dos infieis. E modernamente, si consultamos os annaes d'essa famosa época da revolução franceza, n'elles vemos estampados com caractéres indeléveis os nomes dos oradores, cuja voz na tribuna se tornou arbitra dos destinos da França, e por vezes chegou a abalar os mais solidos thronos da Europa.

Mas levando nós unicamente em vista a parte da eloquencia de que nos propuzémos tratar, poremos de parte estes exemplos de um genero alheio ao nosso objecto: a historia nos apresenta tambem um Alexandre, e um Cezar servindo-se ambos de um genero de eloquencia especial, como agente poderoso para obter os seus mais brilhantes feitos d'armas: e nos tempos modernos o mundo experimentou e conservará ainda por largo tempo as sensações produzidas por esse genio dos combates, esse homem sobrenatural, cujo nome assombrou o universo, e cujas palavras dotadas de um poder magico e espantoso decidiram da sorte de cem batalhas, e dos destinos de differentes nações.

A experiencia mestra illustrada, cujos preceitos não receiam ser desmentidos, tem mostrado desde a origem da arte militar, que depois das regras da strategia a arte mais favoravel para alcançar a victoria, é formar soldados intrepidos. Para isto he precizo inspirar-lhes coragem, o que não se consegue nem por meio dos castigos, nem da disciplina; mas sim pelo jogo das paixões, como muito bem o diz o illustre Rogniat.

É justamente para este effeito, que a eloquencia militar se torna indispensavel; mas esta eloquencia, longe de dever assimelhar-se á eloquencia academica e da tribuna, longe de se compor de extensos arrazoados, e de uma accumulação de expressões pomposas e retumbantes; deve ser simples, energica e elevada, de maneira que faça ao mesmo tempo uma impressão viva sobre o homem ignorante e o instruido. Em summa, a experiencia tendo mostrado, que os longos discursos são superfluos para os soldados, a eloquencia militar deve limitar-se a algumas palavras energicas, que lhe lisongeiem o espirito, e que electrisem egualmente o timido e o valeroso.

Bonaparte possuia em eminente gráu a arte de enthusiasmar. As suas primeiras proclamações ao Exercito d'Italia, em que lhe prometia a conquista d'este bello paiz, fizeram sobre o espirito dos povos uma sensação egual á que produziram suas victorias. A imitação dos Generaes Romanos despertava no coração de seus companheiros os sentimentos de honra, d'amor de patria; e de gloria nacional; e á imitação de Mahomet lhes offerecia tambem em perspectiva a imagem de todos os bens e de todos os prazeres proprios para lisongear as suas paixões.

Com effeito, pelo emprego maravilhoso de uma proclamação felizmente inspirada, hum general póde obter do seu exercito uma dedica-

Digitized by Google

ção sem limites; e muitas vezes, apenas um gesto ou uma palavra bastaram para socegar tropas revoltadas, e para as fazer passar de repente, de um grande estado de abatimento aos mais sublimes rasgos de denodo e patriotismo.

Nós vamos apresentar aqui sem ordem chronologica um pequeno numero d'exemplos d'esta arte de commover os espiritos, por que julgamos ser este o melhor meio para os nossos leitores poderem ajuizar do caracter d'este genero d'eloquencia, do seu uso, dos effeitos raros que tem produzido, e dos que em todos os tempos póde produzir.

Durante o cêrco de Diu, Antonio Moniz Barrèto com dois soldados se achavam sós no baluarte Sant-Iago detendo a furia do inimigo; e querendo Moniz saïr-se a mitigar nas tinas o ardor do fogo, abandonando assim os seus dois companheiros, travou d'elle um soldado dizendo-lhe: — „ Moniz, deixais perder o baluarte d'El-Rei? — Vou-me banhar n'aquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo.= Si os braços estão sãos para pelèjar, tudo o al é nada (lhe respondeu o soldado.) = Moniz aceitando a advertencia e esquecendo os soffrimentos phisicos, que o atormentavam, continuou a combater, ainda com maior coragem, si é possivel, do que a que até alli havia mostrado.

Sylla vendo uma parte dos seus melhores soldados fugir diante das tropas de Mithridates, — lança-se com a espada na mão entre ellas e o inimigo, clamando-lhes: — Si vos perguntarem onde abandonasteis o vosso general, respondei — Deixamo-l'o combatendo nos campos d'Orchomene. — Estas palavras produziram tal impressão sobre os soldados, que Sylla foi vencedor.

O homem de genio, sabe muitas vezes produzir uma impressão forte e favoravel sobre os outros homens pelo modo o mais inesperado.

O marechal de Richelieu em Mahon publicou na ordem do dia, que todo aquelle soldado que se embriagasse seria privado da honra de subir ao assalto: este expediente obteve os mais salutares resultados.

A lembrança de uma victoria, e o prestigio de um nome, teem muitas vezes sido sufficientes para fortalecer a resignação das tropas, e elevar ao maior auge a sua coragem. Foi aproveitando-se d'estes dois poderosos meios, que D. João de Mascarenhas conseguio enthusiasmar os soldados, que deviam defender Diu, exhortando-os da maneira seguinte: » = Esses » Turcos e Janizaros, que d'este logar estamos » vendo, vem a restaurar comnosco a honra » que no primeiro cêrco perdêram; porem, nem » elles valem mais do que os que então foram » vencidos, nem nós valemos menos que os ven- » cedores. » — E mais abaixo. » — Não nos » faltam munições nem mantimentos para en- » entreter o cêrco até chegar soccorro; e ain- » da que andam os mares levantados por serem » os tempos verdes, temos um D. João de Cas- » tro, que por debaixo das ondas virá com a » espada na bôca a soccorrer-nos, e tantos ou- » tros fidalgos e cavalleiros, que terão por in- » juria ganhar-mos nós sem elles a honra que » se nos offerece.

Algumas vezes estabelece-se entre as almas elevadas e energicas, uma linguagem singular, que só ellas compreendem com perfeição. *

(Continuar-se-ha.)

BRASIL.

(CONTINUAÇAÕ)

O tractado de 1661 entre El-Rei D. Affonso 6.° e as Provincias Unidas, ainda que não muito vantajozo para Portugal, a quem ao mesmo tempo assistiam o direito de propriedade, e o direito das armas, que em os tempos do feudalismo se invocava, como hoje o direito das gentes, consolidou todavia, por meio de huma paz duradoura, as colonias portuguezas, até esse tempo ameaçadas de huma completa anniquilação

Correu pois o seculo XVII; e ainda que o genio altivo e guerreiro de homens, que então podiam dar leis ao mundo inteiro, occasionasse algumas contestações ácerca da Estatistica do Brazil para com as possessões Francezas e Hespanholas na Guienna, póde dizer-se, que foi esse o unico seculo, em que a paz reinou no Brazil; que, não divididos ainda pela ambição, e pela discordia, foi a esse seculo, que se deveu a existencia do imperio, que hoje se levanta suberbo entre os povos do Novo-Mundo: foi finalmente nesse tempo que se fizeram leis de geral utilidade, e que as sciencias se enriqueceram tambem com o tributo, que lhe pagou hum continente, onde tudo era novidade, riqueza e magnificencia. Porem quando nos corações francos e sinceros dos portuguezes generosos se arreigou o terrivel contagio da ambição, da perúdia, e da barbaridade dos Hespanhoes, quando as scenas horrorozas do Perú e do Mexico se reflectiram ao clarão dos incendios sobre as regiões do Brazil, desappareceram os Portuguezes de Affonso Henriques, já pela mistura das differentes raças, já pelos exemplos, que a historia ainda hoje nos revela em paginas de sangue innocente!!!... Então começou o seculo XVIII!! faça-se porem justiça: faltou aos Portuguezes um Lascazas, porem ainda assim, o mais malvado não chegou a igualar ao menos cruel dos sequazes de Pizarro e de Cortez!...

Tormentozo, foi pois esse tempo, em que a

Digitized by Google

cubiça dividiu todos os animos: foi então que os indigenas sentiram o pezo do ferro Europeu brandido por homens sequiozos de ouro e por consequencia tambem de sangue; e se as consequencias de tal procedimento foram para nós em grande parte a perda dos nossos dominios; ficou-nos todavia clara a verdade da mais preciosa maxima de economia politica. Bem immensa era a riqueza do novo mundo!.... Os Hespanhoes e os portuguezes quasi de todo a esgotaram; porem o precario estado, em que hoje ainda vivem opprimidas estas duas naçoes, prova incontestavelmente, que a prosperidade real de um povo não consiste nos metaes occultos no mais profundo da terra, que antes sim nas searas, que a cobrem, fructos de industria manancial inexhaurivel. —

— Si não conhecessemos a necessidade, a que nos força a empreza, que começámos, não seriamos nós tão desassizados, que tocassemos feridas ainda recentes, e tão debilmente cicatrizadas. — e, com effeito, quem poderá sahir do intrincado labyrintho, que nos nossos dias forjaram os astuciosos gabinetes da Europa? quem se podera jactar de escrever tão complicada historia sem offensa de algum dos quezitos do historiador conscienciozo? — De hum lado o decoro nacional, e por consequencia hum inimigo poderozo do historiador probo; de outro lado os factos de tal maneira cubertos do mysteriozo véo da politica, que difficil é, senão quazi impossivel, dar hum passo sem caïr nos laços de tão variadas intrigas. — Taes são as difficuldades que nos vedam o caminho: e, ainda que cada livro aprezente debaixo de differentes coloridos os mesmos factos, nós, quanto possivel, faremos por escrever tão interessante parte da historia do Brazil, com a mesma concizão, que té-aqui hemos empregado.

Foi pela nossa fidelidade para com os nossos alliados (tão bem recompensada da parte da Inglaterra), que o territorio portuguez em 1809 se vio innundado pelos soldados de Napoleão! e hoje que felizmente nos resta ao menos a liberdade de soltar o pensamento, não seremos de certo taxados de Jacobinos, ao expor em toda a sua luz huma verdade palpavel, e essa é, que não soubémos appreciar o beneficio, que o Grande-Homem quiz fazer ao mundo inteiro: e que o recuzar-mos a nossa cooperação ao grande plano, que seu vasto talento tinha concebido, foi a cauza da nossa ruina, e de todos os males, que de então a esta parte nos tem affligido.

A influencia de Albion fez com que a côrte de Lisboa se recuzasse a fechar-lhe os portos do Reino, condição com que a Republica Franceza nos offerecia a sua alliança de certo mais vantajoza e mais franca do que a de huma Nação, que não pode (e ella mesma repete hoje as palavras da sua victima) obrar licitamente com os seus alliados, e manter o direito das gentes e a fé dos tractados, ainda mesmo quando para si reserve nelles as vantagens, e só deixe aos outros o jugo o mais aviltante.

A amisade da Inglaterra foi sempre um dom funesto para todos os seus alliados, e se não quizermos mencionar o ministerio verdadeiramente patriota do Marquez de Pombal, que foi curto, mas que constitue a nossa idade de prata, foram sempre os Portuguezes os que mais amargamente sentiram os fructos dessa amizade, que tende a anniquilar a industria, o commercio e a felicidade do resto do mundo.

Foi em 1808 que a corte de Lisboa, escoltada pela esquadra do almirante Sidney Smith se fez de vela para a Bahia, onde desembarcou no dia 21 de Junho: seis mezes depois estava o territorio de Portugal invadido pelo exercito francez!.. os nobres feitos, que então produziu o patriotismo dos habitantes da Peninsula, são sufficientes para provar que a retirada do exercito Francez, em grande parte devida á auzencia do unico homem, que o sabia conduzir á victoria, não rezultou da cooperação do corpo auxiliar Inglez, que bem o dispensavamos nós, porque, pouco depois, vimos apparecer em recompensa do seu auxilio o funesto tractado de 1810.

[Proseguir-se-ha]

AS SIBYLLAS DA ANTIGUIDADE

A verdadeira derivação, ou etymologia, da palavra Sibylla parece que ainda até hoje não tem sido satisfactoriamente explicada: — segundo uns, este nome foi o da primeira prophetiza, que assim se chamou, o qual depois se tornou appellativo de todas as mais: — segundo outros, a palavra *Sibylla* foi composta de duas outras gregas, uma das quaes significa *Deus* e a outra, *conselho* ou *sentença*. — Ou isto seja com effeito assim, ou seja como for, o caso é que as Sibyllas, que tão alto predominio tiveram na antiguidade, não foram mais do que simples mulheres, tiradas ás vezes de uma condicção assaz abjecta e desprezivel, e que, ou por circunstancias particulares, ou por disposições individuaes, eram escolhidas para exercer aquelle mister. — Quando as Sibyllas se ligavam ao serviço particular de um Nume, então desempenhavam uma especie de sacerdocio, fazendo-se servidoras de tal ou tal Divindade, cujas vontades só ellas podiam interpretar e explicar depois á intelligencia do vulgo. Como em todos os tempos a curiosidade, ou o desejo de indagar o futuro nasceu com o coração do homem, não é para admirar, que tal houvesse sido tambem a influencia das Sibyllas sobre-

Digitized by Google

o espirito de individuos a quem não era difficultoso crer em tudo o que excedesse a fraca compreensão humana, e que alguns visos levasse de mystirioso e de sobre-natural.

— As Sibyllas, porem, que exerciam este officio por uma especie de sacerdocio, não foram as unicas que houveram; bem depressa a fama de seus maravilhosos oraculos se espalhou por toda a terra, e em toda a parte não deixáram tambem de aparecer mulheres inspiradas a quem consumia e abrasava o fogo celeste. — O que os antigos nos deixaram escrito a respeito das Sibyllas, é tão extraordinario, que não deixaremos de o mencionar: — ordinariamente era de sobre a *tripode*, ou meza de trez pés, que a Sibylla dava aos que tentes as suas respostas: para este fim havia mesmo no templo certo logar particular onde só a Sibylla entrava e d'onde se amostrava ao publico em grande apparato. Mas, ainda assim, não era cousa tão facil o poder obter em todas as occasiões a resposta da Sibylla; para isso, não só era preciso que o Deus estivesse disposto, mas tambem que a sacerdotisa o quizesse consultar. — Passada a primeira parte do drama que tinha a desempenhar, a Sibylla passava então á segunda, que consistia em mostrar-se verdadeiramente inspirada pelo Deus que havia invocado. — Esta segunda parte era, sem duvida alguma, a mais difficil e trabalhosa, mas ao mesmo tempo a que maior effeito produzia em todo o auditorio. Ou fosse porque o fumo intenso dos perfumes, que em torno d'ella se queimavam, effectivamente a exaltassem, ou fosse porque mesmo assim lhe era mister proceder, a Sibylla entrava então n'um verdadeiro accesso de loucura e furor: — o revirar dos olhos, o torcer da bocca, o irriçar das cômas, — tudo isto era nada em comparação dos gestos, posturas, e mais diabruras terriveis, que a Sibylla praticava: — o vulgo dizia então, *que o Deus estava com a sibylla*, e cheio de um sancto terror aguardava as suas respostas, como vindas da propria Divindade. — Entre os mais famosos destes oraculos da antiguidade, a Sibylla de Cumas havia merecido uma singular reputação: — as suas respostas eram escritas em folhas, que por sua ordem ia pondo á entrada da gruta, ou caverna, onde existia, á medida que as ia compondo: — mas, ai! do desgraçado que alli tivesse vindo prescrutar o futuro, si acaso algum pé de vento se levantasse n'essa occasião.... Logo que as folhas se houvessem desordemnado a inexoravel Sibylla emudecia, nem tornava a dar começo á sua resposta: — *nec ponere in ordine curat.*

A veneração que os antigos tinham ás Sibyllas, nascia do receio que naturalmente lhes devia inspirar uma crença religiosa tão cheia de ameaças, e d'esse natural movimento do coração humano, que sempre nos obriga a olhar com temor tudo quanto se nos apresenta de extraordinario e maravilhoso. — O que, porem, é para admirar, é que este terror para com as Sibyllas não só se houvesse limitado a tempos de outra religião, mas que tão grande fosse o seu poder, que ainda atravez de tantos seculos e de tantas mudanças, viesse a ressumar n'outra epocha, como uma nodoa mal extincta em bem espessado estofo. — Tal é a miseria do coração humano: — aquillo mesmo de que escarnecem os labios muitas vezes atemorisa a razão; o que esta reconhece por futil, muitas outras magôa o coração! — Nas composições de algumas obras sacras do christianismo, ainda ás vezes se falla das Sibyllas com certa especie de terror; é provavel, que este nome alludisse a uma outra cousa bem differente; mas entretanto eis-aqui como nos seguintes versos de umas rezas funebres se faz ainda menção das Sibyllas.

Dies iræ, dies illa,
Solvet sæculum in favilla,
Teste David cum sibylla.

Os *Livros das Sibyllas* nada mais eram do que uma compilação dos vaticinios e predicções que as Sibyllas tinham feito, em diversos tempos e em differentes logares: — estes livros, aos quaes se attribuia sempre uma origem mysteriosa, serviram depois á politica dos governos, segundo o modo porque em certas circumstancias se interpretravam as suas sentenças. — Conta-se, que os primeiros que appareceram em Roma, foram apresentados a Tarquino-Soberbo pela Sibylla de Cumas, e que dos nove, que pela primeira vez lhe offerecia, só restaram tres, porque ao passo que o Rei os recusava comprar ella os ia queimando, sem que pela diminuição do numero diminuisse o preço dos outros: — admirado Tarquino d'aquelle mysterio lhe deu a final a somma pedida, e desde esse momento não foi mais vista a Sibylla entre os viventes. — Estes livros jaziam guardados no templo dos Deuzes, encerrados em caixas preciosas, e somente se consultavam nas desgraças, ou perigo imminente do imperio.

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.° 102: Rua do Ouro n.° 140. Rua da Prata n.° 109. Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs.; e avulço 30 rs.

LISBOA

Typ. da Academia das Bellas Artes.
Rua de S. Joze N.° 8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 9) Publica-se todos os Sabbados (Fevereiro 29, 1840.

A Poesia Campesina.

Muitos estranharão por ventura o tratarmos da poesia campesina em tempos, como os nossos, em que ella parece estar não só esquecida, senão que quasi inteiramente despresada. Bem sabemos que não vai para ahi o gosto litterario, nem somos nós, mancebos desta epocha, que vamos pôr peito á torrente: tendo, porem, em nossa mão a traducção da sublime quinta ecloga de Virgilio, feita pelo Sr. Dr. Lima Leitão, isto nos levou, e não o julgamos fóra de proposito, a dizer aqui duas palavras sobre essa qualidade de poesia, que em outros tempos foi tam querida e namorada, pelo difficultoso que involve a sua natureza, e pela fórma simples e elegante de que se reveste.

De todas as especies de poesia, foi a campesina aquella que primeiro captivou os espiritos, e appareceu no mundo; successivamente tem caminhado por esses seculos adiante sempre verde e esperançosa, e largo tempo terá ainda de existir, em quanto os campos inspirarem amenidade e brandura, e em quanto houverem almas boas, que com ella sympathisem; e como uem uns nem outras teem de acabar, ella tambem irá correndo o seu fado, sempre alegrando os homens, e formando-lhes o coração para o bem.

Si nos campos, e entre os pastores nasceu a Ecloga, um dos mais antigos generos de poesia deve ella de ser, pois é a profissão de pastor a mais natural ao homem, e a primera que elle exerceu. — Lançados no mundo, rodeados de quantas maravilhas os olhos podem admirar, no meio da abundancia de tudo quanto necessitavam, os homens quiseram agradecer tantos beneficios, e em cantos se dirigiram ao supremo artifice: os prados, os arroios, as montanhas, os bosques, as flôres, tudo respirava uma harmonia sublime e magestosa, que em seus versos descreveram, tudo lhes fallava ao coração e á alma, e possuidos destes sentimentos, as suas vozes se alevantaram, e começaram de entoar hymnos á paz e ventura, que gosavam em tanta amenidade e abundancia; e é sem contestação a felicidade que se disfructa nos campos o objecto da poesia campesina.

Espelho da edade de ouro, lembrança das felizes éras patriarchaes, retrato d'essa vida amena e socegada, para a qual todos havemos a consciencia de ter nascido, poesia pastoril, quem assim te desterrou d'entre os homens?.. bem máo coração lhe palpitava no peito, alma bem pouco virtuosa lhe dirigia as acções; pois não sabia quanta amenidade e brandura lhe davas liberal de teu cesto de flores, e quanta innocencia e paz lhe insinuavam tuas vozes, sempre respirando esperanças; mas agora eis-te ahi despresada e sósinha pelos campos, queixando-te da aspereza e ignorancia dos homens, a pedir uma voz ao echo, que apenas te ousa responder, a chorar nas margens do arroio manso que deslisa, a colher uma florinha, teu unico prazer, sem que, não tendo perdido nem uma das gallas naturaes e singellas, com que o ceu te enfeitára, haja quem tenha dó de ti, te appareça um só namorado, obtenhas um sorriso dos homens!!! fosse eu poeta e ver-me-hias a teus pés a adorar-te, e a cantarte; não andáras sosinha, nem choráras na margem do arroio, antes sim tornarias a apparecer alegre e contente na terra, folgando pelos prados, enchendo o cesto de flores, saltando os ribeiros, e sempre moça, jovial e innocente!....

O' Theocrito! quam bem compreendeste a innocencia e a paz dos campos!.. só quem já gozou suas delicias pode entender a harmónia saudosa que derramas em teus versos, a elegante singeleza de teus Idyllios. Poeta de Syracusa, tu foste o primeiro namorado d'essa musa campestre, tu lhe soubeste todos os segredos, tu os revelaste em cantos melodiosos: são teus quadros fructos colhidos nos campos, e que só lá se devem saborear, pois que trasidos para a cidade perdem o frescôr que lhes déra o rocio da aurora, o perfume que exhalam do seio, o sabôr de sua maduresa, e a côr que o sol dos prados lhes emprestára: bellos são ainda hoje após de tantos seculos, e saborósos como quando os colheste; tu és o mestre da poesia campesina; e quem jamais te excedeu?.. O'

Digitized by Google

Gessner, Gessner, não o excedeste, não! mas atravez da distancia de tantos seculos, tu lhe deste o braço, e caminhas com elle a par.

Ainda na Grecia, depois de Theocrito, floresceram Moschus e Bion; mas nestes já não existe aquella ingenuidade natural, e singeleza de Theocrito; ha mais delicadeza, e por vezes affectação em seus Idyllios: todavia estes dous poetas, quando seguiram os passos de Theocrito bem mereceram das musas, e ainda são lidos com gosto, senão com paixão, por aquelles que amam a poesia campesina.

Roma no seu primeiro Epico teve tambem o seu primeiro poeta pastoril. Virgilio é o unico dos Romanos, que sobresaiu no genero da poesia campesina. Arredou-se de Mochus, que o Idyllio poz na cidade, fugiu de Bion, que quasi o collocou no theatro, mas seguiu Theocrito tam fielmente e de perto, que as suas Eclogas são, para assim dizer, uma bella imitação daquelle author. — Todavia vão suas obras tam cheias de harmonia, tam embalsamadas com o perfume dos campos, recendem tanta ingenuidade amena, tanta singeleza branda, que por ellas foi conhecido em Roma, e admittido na Côrte do Imperador Augusto. — Horacio delle diz:

..... *Molle atque facetum*
Virgilio annuerunt gaudentes rure Camoenæ.

palavras que bem deixam vêr em quanta conta tinha Horacio o seu contemporaneo e amigo.

Depois de Grecia e Roma, que nação ha hi que não quizesse immitar os dois mestres da poesia pastoril; de todas ellas a Allemanha foi quem produziu os melhores poetas campestres; e nisso leva vantagem como em muitas outras cousas ás demais nações. Gessner esse grande Poeta por tal modo compreendeu a musa de Theocrito, que muito difficultoso será immital'o quanto mais excedel-o. Ninguem como elle feixa a morte de Abel, só elle era capaz de fazer o bellissimo idylio de Myrtillo e Cloé. Taes são as graças naturaes e amenas que por suas composições derrama. — Alem d'este muitos poetas Allemães tem tratado da poesia campesina, e quasi todos com gosto e apuro.

A Italia, depois da regeneração das lettras se preza de não poucos, como optimos poetas pastoris. O ceu que havia contemplado Virgilio, os campos amenos que o haviam inspirado ainda são os mesmos; tudo ahi respira frescura e novidade; e não admira, que com tam boa posisão, e tam grandes recordações haja produzido tam suberbos e grandissimos poetas. O Tasso, o sublime author da *Jerusalem*, tambem foi author do Amintas; não o inspiraram somente os altos feitos dos Cavalleiros do Santo Sepulcro, os heroismos de valor praticados na Terra santa, a guerra encarniçada, que moveram contra os Sarracenos esses milhares de homens, que á simples voz do Pedro o Eremita, se foram a arrancar das torpes mãos dos infieis o tumulo onde jasiam os divinos restos do Senhor; mas Tasso houve tambem de ceder á musa de Virgilio; aquecido pelo sol da Italia, inspirado por seu ceu sem nuvens, levado da bellissima perspectiva que offerecem os seus rios prateados, os seus campos de verdura, as suas florestas e bosques, os montes que a circundam, finalmente de tudo quanto pode fazer o paraiso da terra, produziu o seu Amintas, e com elle mostrou ao mundo, que apezar do genio do poeta sempre caír com exclusão para este ou aquelle genero de poesia, todavia o verdadeiro genio a todos se amolda, e em muitos pode ser egualmente grande.

Não é o Tasso o unico poeta pastoril de que os Italianos se prezam: por as mãos de todos os litteratos anda o *Pastor fido* de Guarini, obra notavel no seu genero, e onde a par dos bellissimos versos que traz, vai formado e enlaçado um enredo interessante e agradavel.

O Filli di sciro de Bonarelli, e o *Alceo* de Ongaro de Padua não são obras menos notaveis no genero da poesia campesina.

Entre os Inglezes bem pouco tem produzido a musa campestre; e a dizer a verdade não são suas ilhas, cubertas de nevoeiros, e carregadas de gelos, a mais commoda habitação para tam alta Divindade; nenhum poeta dos seus foi de ella verdadeiramente enamorado, nenhum ainda fez obra que preste n'este genero de poesia. Pope, comtudo, pela muita lição que tinha dos cantores pastoris, é o unico que se pode citar; e ainda assim, o aspecto carrancudo e nevoento de suas ilhas, o espelhento nevoso de seus campos, o pouco sol que o aquecia, por tal modo lhe engelharam a alma, que são suas producções mais filhas de um passeio, ao meio dia, no jardim artificial de algum Lord, que inspiração d'uma vida alegre e amena passada n'um campo de verdura e flores.

Outros muitos Inglezes escreveram neste genero de poesia, taes como Gregory, Pomfret, Philips, Milton, Thompson, e Bloomfield; todavia os ensaios d'estes poetas (que d'isto não passam) estão hoje dormindo em bem merecido esquecimento.

Mais felizes foram os Francezes no genero bucolico: todavia quer pela pobresa da lingua de que eram obrigados a usar, quer porque seus engenhos não fossem superiores, Rucan, Segrais e Mme. des Houlieres apenas aqui ou alli foram inspirados pela verdadeira musa campesina, e mostraram em seus versos aquella naturalidade e singileza, que compete a tal genero de poesia; eis-ahi a razão, porque apezar de seu incontestavel talento, e depois de haverem grangeado grande fama e notavel reputação, apenas hoje se leem, e são tam esquecidos dos amadores. Não deve porem entrar nesta conta o sublime André Chenier; essa in-

Digitized by Google

feliz victima do furor revolucionario, que por tal modo soube compreender Theocrito, e immital-lo com tanta graça, e delicadesa, que são as suas *pastoraes*, algumas dellas, pelo menos, um reflexo d'aquelle sol e terra da grecia, que fizeram poetas a Morchus, Bion e Theocrito.

Em Portugal e Hespanha, o genero bucolico, como arvore em terra propria tem dado brilhantes e saborosissimos fructos. Melendez Valdez é de todos os Hespanhoes o melhor poeta pastoril, aquelle que com mais amor adorou e descreveu a amenidade dos campos. — Entre nós, alem de muitos antes de Camões, que sempre em suas trovas gostaram de travar conversa com os prados, montes, arroios, e flores, foi este ultimo infeliz poeta aquelle que melhor primeiro soube compreender a poesia do cantôr de Syracusa. Como o Tasso e Virgilio tambem o primeiro foi que compoz um perfeito poema Epico, que apezar das ignorantes criticas e abocanhaduras dos fazedores de *poeticas* e fazedores de linhas regradas e medidas, será sempre o unico, e melhor Poema Epico d'esta nossa querida e abençoada terra. Mas nem este genero, que o colocou a par de Homero e Virgilio, o impediu, que em suas éclogas não mostrasse quanto o seu engenho era elastico e grande, e como podia em generos diversissimos de poesia alevantar-se egualmente s uberbo entre os que o abocanhavam.

Depois do bom soldado d'Africa, muitos outros appareceram, mas nenhum como o Quita. Este verdadeiro e sincero poeta era barbeiro, mas quando suas mãos largavam a navalha para tomar a penna, então verias como o seu verso corre melodioso e elegante, como tambem pinta as scenas do campo, e faz fallar os pastores. Boa alma tinha e devia de ter, quem tanto amava a paz e innocencia dos campos, quem tam singela e sentidamente chorava o bom tempo das éras patriarchaes! —

Quasi todos os poetas contemporaneos do Quita escreveram tambem algumas peças no genero campesino: nenhum porem com tanta felicidade e exclusão, que por ellas seja conhecido e citado.

Nos nossos tempos, d'esses poucos poetas que ahi existem, um não sabemos, que se haja dado á poesia bucolica, a não ser o Sr. Castilho. Este poeta, cego como o Homero, e o Milton, quando mancebo compoz um livrinho a que chamou a Primavera.

Custa a conceber, como com uma venda escura nos olhos, tãobem descreve as scenas e paisagens dos campos, uma choupana campestre, a harmonia das arvores e flores, que entoão, quando um zefiro brando de primavera as vem saudar na frescura da manhãa. É o seu livro um perfumado jardim, onde a par dos bellissimos e delicados versos que ostenta, poderéis colher muita amenidade e brandura para a alma, muito amor e socego para o coração. Dizem alguns criticos que são por vezes suas discripções longas e fastidiosas, e seu estilo e frazes pouco proprias para a fraze e estilo do genero pastoril. — Isto dizem alguns, nem nós nos fazemos cargo de tal censura; a estes sim diremos, que si acaso isso é assim, bem lhe deve ser relevado por as grandes perfeições que em sua Primavera se encontram, si ja o não fosse pela natural cegueira com que nasceu. Depois da obra de que fallamos, o Sr. Castilho nada tem publicado ao genero bucolico; mas graças lhe sejão dadas, pois sua musa n'o tem estado descançada, antes pelo contrario tem enriquecido a patria com outras sublimes producções, em tudo dignas dos maiores elogios.

Agora cumpre-nos tambem fallar do author da traducção, que abaixo vai transcripta. O Sr. Dr. Lima Leitão, esse Medico de incontestavel talento e genio, sempre amou as muses latinas e especialmente a de Virgilio; e eis a razão porque o quiz naturalizar em nossa patria. Este Sr. traduziu o Virgilio, com quanta perfeição se pode traduzir uma lingua tam fertil e abundante como a latina, para a portuguesa, que apesar de sua filha, ainda não está tam adiantada em termos, e polido de fraze como aquella o estava. Não negamos que haja nella algumas faltas e imperfeições; mas que obra ha hi que as não tenha; quem se pode prezar de correctissimo e perfeito?....

Deu-nos o litterato de que fallamos a traducção da quinta Ecloga do Poeta de Mantua, a qual certamente os nossos leitores não deixarão de agradecer e avaliar pela forma e elegancia com que está feita. Não é de admirar que em alguns pontos se arrede um pouco das palavras de Virgilio; pois que a isso o forçava necessariamente, o verso em que compoz, e a rima que adoptou.

E agora é tambem aqui logar para agradecer-mos a este amigo da mocidade, a confiança que fez do nosso jornal, e os muitos conselhos, com que nos tem animado, a nós pobres mancebos, que nunca lançáramos o nosso pensamento ao papel, si outros mais, como o Sr. Lima Leitão, e tam amantes da sua patria como elles nos não servissem de escudo, com seu nome, e de conforto com suas vozes, para levar-mos ao cabo uma empresa, por certo pondorosissima para hombros tam debeis.

Digitized by Google

Ecloga 5.ª

DAPHNE.

Menalca.

Pois que hôje aqui, oh Mopso, ambos peritos,
Tu na flauta, eu nos versos, nos juntamos,
Porque nos não sentamos
Entre êstes ôlmos, e estas aveleiras?

Mopso

Preceitos teus, assim que me são ditos,
Cumpro, Menalca; és mais do que eu idôso.
Ou aqui nestas sombras lisongeiras,
Que faz mover Favónio boliçoso,
Ou melhor lá da gruta
Descancemos no abrigo:
Olha como se alastra em tôrno della
A agreste vinha, que alardêa bella
Seus miudos cachos, purpurina fruta.

Menalca.

No canto entrar comtigo
Por êstes montes só Amintas pode.

Mopso.

O quê? Pois tu não sabes
Que êlle exceder no canto a Phebo entende?

Menalca.

Permitte-me que mais não te incommode,
Mopso, com minha instancia:
De Phylle sôbre o amor a voz estende;
Nella as honras de Alcon não menoscabes,
Nem do heroe Codro a rígida constancia:
Eia, começa ousado
Que os anhos guarda Tityro no prado.

Mopso.

Hà pouco uns versos na verdosa faia
Entalhei, cantado um e escripto logo;
Como êste canto saia
Ouve tu, depois manda
Que estente Amintas seu inteiro fôgo.

Menalca.

A's oliveiras quanto cede branda
Do salgueiro a ramagem,
Quanto à roseira da alfazema os ramos;
Tanto te deve Amintas vassallagem.

Mopso.

Deixa tu graças: pâra a gruta vamos.

A multidão das Nymphas dolorosa
Chorou de Daphne a morte truculenta;
Rios, selva espaçosa,
Dizei-o vós: inda oiço que lamenta
A mãi nos braços tendo o filho mórto,
E chamando crueis aos Ceos, e aos Numes.
Da dor nos azedumes
Tudo, pastores, greis, ficou absôrto:
Nenhuma rez
Caso algum fez
Da fonte fria,
Da herva mácia:
Por ti chorárão,
Oh Daphne, os bravos leões da Libya terra,
E tambem suspirarão
A crêspa mata, a pedregosa serra.

*

Daphne o primeiro foi que atou valente
Ao côche Arménios tigres, dedicando
Dansas a Baccho ingente,
Moles hásteas com pâmpano enramando.
Das arvores como é adorno a vide,
Da vide as uvas, do rebanho o toiro,
Da lavra a seara de oiro,
Tal teu nome dos teus a honra decide.
Assim que o fado
Dêste almo prado
Roubar-te ousou,
Eis se ausentou
Com dor profunda
O loiro Apollo, que os pastôres ama,
E até Pales fecunda,
Que nos rebanhos o prazer derrama.

*

Cevada aos sulcos grada então entregue
Só deu falida avêa, e joio triste,
E êstes prados persegue
O espinho, o cardo; onde nascer tu viste
Rubro narciso, pallida violêta.
Respeitai, oh zagaes, de Daphne o mando;
Dever tão venerando
Não julgueis que jamais vos compromêtta:
De fôlha os montes,
De sombra as fontes
Prompto lhe enchei;
Campa lhe erguei,
Que assim se exprima: =
» *O Daphne dêste a selva aos Ceos fallado*
» *Fui eu, cheio de estima,*
» *Pastor formoso de formoso gado.* =

Digitized by Google

Menalca

Appraz-me êste teu canto
Como, vate divino,
Acha no somno encanto
Sôbre a relva o cançado perigrino;
Ou como sabe na calmosa sesta
Fartar-se de agua pura
No arroio que em calhaos salta e murmura.
Nem na voz, nem na flauta
Pâra o mestre igualar nada te resta:
Serás outro êlle joven fortunado.
E se por Daphne fôste e eu fui amado,
Tambem nós Daphne amamos.
Assim, em minha vez dir-te-hei meus versos;
Teu Daphne aos astros levarei; ponhamos
Daphne nos astros pêlo Ceo dispersos.

Mopso

Obter não posso dádiva mais lauta.
Este joven sublime
Tem jus a canto eterno:
Dos versos teus Estimicon me exprime,
Muito ha, louvor superno.

Menalca.

Do Olympo sobre os porticos, que admira,
Daphne fulgente:
Vê que sob os seus pés constante gira
Cohorte ingente
De pardas nuvens, de astros scintillantes.
De jubilo enchem-se ovantes
Por elle as selvas, os prados,
Pan, Dryades, e pastôres;
Nem os lôbos tragadôres
Traçâo ardís contra os gados:
Nem aos cervos se oppõe laço enganôso:
Ama o socêgo Daphne bondadôso.
Vozes de almo prazer, que aos astros vôão,
Lançâo os montes de frondôso cume
E oiço bosques, e penhas, que me entôão =
» *Nelle, oh Menalca, observa um Nume, um*
(Nume. =

*

Daphne, concede aos teus amparo, e appréço:
Eis quatro altares,
São dois de Phebo, os outros dois te offréço:
Dou-te em meus lares
Câda anno tarros dois de nôvo leite,
E dois potes de áureo azeite:
O Arvisio vinho espumante
Repartirei sem quantia,
No verão á sombra fria,
Pêlo inverno ao lume ondeante,
E reinando nas mêsas Bromio illustre
Nellas espalhará prazer, e lustre.

Farei ceder, mil hymnos descantando
Dameta, e Egon da Lycia, a meu convite;
E que o ligeiro Alphisibeu dansando
Sôltos pulos dos Sâtyros imite.

*

Quando em tributo usual ás Nymphas dermos
Festas pomposas,
E quando aos campos lustrações fizermos,
Taes honras gosas.
Em quanto a serra ao javalí for grata,
E ao peixe os rios de prata;
No orvalho em quanto pascer
A cigarra enrouquecida,
E a abêlha, que sempre lida,
Vêrde tomilho escolher,
O teu louvor, e nome celebrados
Serão com honra perennal cantados.
Bem como a Ceres loira, e a Bacchо ovante,
Far-te-hão votos câda anno os lavradores,
E a votos taes os forçarás constante
Por ampla concessão de teus favôres.

Mopso.

Por versos taes que prêmio posso dar te?
Do Austro como êlles não me apprazem tanto
As virações fagueiras,
Nem o brando rumor do mar nas beiras,
Nem o regato, que da fonte parte,
E entre as pedras murmura um dôce encanto.

Menalca.

Tóma antes esta flauta sonorosa:
Pâra êstes cantos ensaiei-me nella: =
» *Amava Corydon com alma anciosa*
» *De Alexe a face bella:* =
» *Será de Milibeu éste rebanho?* =

Mopso

Dou-te o cajado meu de lindo amanho;
Tem nós ignaes, e tem de bronze o conto:
Menalca, vê que Antigenes fez tudo
Para obte-lo de mim: mas nêste ponto
Falhou; digno de amar-se era comtudo

FRANQUEZA

Que é a franqueza n'esta nossa sociedade caprixosa, turbulenta, civilisada e roida de vicios? Que é a franqueza, essa qualidade nobre e generosa que distingue as almas puras e innocentes das vis, baixas, e corruptas do mundo? Que é essa virtude de corações fortes e corajósos, que nem mesmo nos romances e novellas apparece, e que tão distante anda de nós quanto o seculo actual dos primitivos tempos da

creação? — Oh, que se conbina para a desterrar d'entre os mortaes! — Na idade das modas e das invenções mal do homem que em seu coração a nutrisse e abrigasse, porque a humanidade inteira caïria sobre elle para o esmagar debaixo do pezo dos sarcasmos, dos odios e das vinganças — Ser sincero no mundo fôra o mesmo que combater sem armas e com o peito nu contra um gigante carregado de aço e ferro e brandindo espada de fina tempera — Vãos cumprimentos, falsos e traiçoeiros protestos, em que nossas palavras tanto abundão, nos acostumaram a tudo alterar, a tudo exagerar. As mais energicas expressões de amizade, de gratidão, de respeito, correm hoje pela bocca dos homens como moeda de grande valor em antigos tempos, mas a quem as mãos das gerações e dos seculos roubaram todo o valor, todo o pezo, tudo o que outr'ora a fazia estimada e valiosa — De todos somos *servos e creados*, porque de ninguem queremos ser amigos; e porque nada queremos dar, tudo offerecemos! — Oh, e como longe estais de pensar quanto estas mentiras da moda, e falsidades do *tom* influem sobre a moral dos homens. Aquelle que prostitue seus labios não pode ter um coração limpo de vicios, porque se a sua consciencia fosse pura, pura seria tambem a sua bocca. O habito perverte, o exemplo arrasta o coração do homem para o mal, e rouba-lhe esse caracter firme e virtuoso com que o Creador o dotára. Graças sejão dadas a isso, a que vós outros peraltas e diplomatas do seculo prezente chamais *politica*, porque a ella devemos esse codigo infernal de ceremonias e formulas verbaes, cada uma das quaes encerra em si uma perfidia disfarçada e engenhosa!

Eloquencia Militar.

[conclusão]

Durante uma acção que se passava sobre uma frente bastante extensa, uma posição se achava guarnecida por um regimento de cavallaria, encarregado de attraïr e absorver o fogo de uma bateria. O General dirige-se áquelle ponto, e julgá ver um ar palido e desanimado no coronel do regimento; aproxima-se d'elle sem lhe dizer nada, e olhando-o fixamente lhe dá uma pitada de tabaco. O coronel a toma, e como por uma reciproca politica puxando tambem pela sua caixa cheia de tabaco de Hespanha o offerece ao General, mas olhando para elle lhe disse: — É palido mas nem por isso é menos forte. — O General depois de ter acceitado o tabaco se dirigio para outro ponto, bem convencido de que não tinha necessidade alguma de vigiar aquelle em que se achava o Coronel.

A serenidade d'espirito [condição hoje tam rara na vida dos campos, tão complicada de trabalhos administrativos] é de um effeito infallivel sobre o coração humano, quando se mostra em contraste com uma crise e uma situação violenta; e causa uma impressão tanto mais forte quanto mais simples são as palavras ou as acções porque se exprime.

Magon vê Annibal pensativo, e aventura-se a perguntar-lhe a causa: Annibal sahindo da sua meditação, na realidade bastante séria, lhe disse sorrindo-se e apontando para o Exercito Romano, que se achava na sua frente: » Estava pensando, que em toda aquella multidão não ha provavelmente um só homem, que se chame Magon como tu. = O dito divulga-se, e o Exercito cobra animo vendo a serenidade que o seu chefe conserva em uma circunstancia tão grave.

No inverno de 1709, no meio dos desastres, que na Ukrania se accumulárão sobre Carlos 12, um soldado, diz Voltaire, ousou apresentar ao Rei, com murmuração, um bocado de pão negro e bolorento, unico alimento que então tinham, e esse mesmo com bastante escacez; o Rei recebeu o bocado de pão sem se alterar, comeu-o todo, e disse depois friamente ao soldado: » Não é bom, mas pode-se comer.

Este facto, diz o historiador filosofo, contribuio mas que tudo para fazer suportar ao Exercito Sueco, privações que lhe seriam intoleraveis com outro qualquer General.

N'esta anecdota de Carlos 12, o merecimento da eloquencia muda está do lado do chefe; ei-la agora aqui da parte dos soldados. Angerau, na Italia, anima um batalhão ao ataque de um reducto: » Prometei-me, lhe diz elle, que só vos haveis de servir da bayoneta » Os soldados por um movimento unanime tiram as pederneiras dos fusis, langam-as ao ar, e avançam ao reducto.

Kleber só com 2000 homens, sustentava havia cinco horas o esforço de 20000; a sua tropa achava-se cercada, elle ferido, e apenas tinha um desfiladeiro que protegesse sua retirada. — No meio d'este perigo chama junto de si um chefe de batalhão a quem consagrava a maior estima e amisade; era Chevardin. » Toma, lhe diz Kleber, uma companhia de granadeiros, detem o inimigo n'esse barranco; (apontando para o ponto que o inimigo pertendia forçar) defende-te até morreres, e por esta maneira salvarás os teus camaradas. » Sim meu General, responde Chevardin. Apenas diz isto, entrega o relojo e a carteira a um creado, executa a ordem, e a sua morte detem com effeito o inimigo e salva os Francezes.

Que tam vantajosa ideia não faziam um do outro estes dois homens! Que ascendente d'um

Digitized by Google

tado! que obediencia do outro! É o heroismo de Leonidas, que só ousa ordenar; é a dedicação de Decius produzida por uma simples palavra de confiança.

Os nossos leitores, e com especialidade os que se dedicam á nobre carreira das armas, podem com muito pequeno custo centuplicar o numero d'exemplos que apresentamos; entretanto estamos convencidos, que estes bastam para dar uma idéa do genero d'eloquencia militar, que nos parece hoje quasi o unico conveniente, e que é uma ramificação d'esse eterno imperio dado em geral á eloquencia sobre o coração humano.

* *

... Gosar sem corromper é virtude, porque é lei da natureza. Isto não conhecem essas chamadas beatas e devotas que de boa vontade dão a Deus o que o mundo já não quer: esses escrupulos fingidos a que chamam piedade são como uns comprimentos que de longe fazem á virtude — Na mocidade a sua virtude consistia em occultar aos olhos do mundo as suas inclinações, os seus prazeres; na velhice querem tudo expiar á força de impostura, momices ridiculas; e mais que tudo com uma severidade austera e aborrecida: tal é o seu philosophar! Felizes são porem aquelles que acreditam e sustentam, que a virtude e a sensibilidade são qualidades inseparaveis de um coração bem formado; que nós tudo devemos a quem tudo fez por nossa causa, e que a honra da mulher não consiste em uma privação total de amor, bem como a sobriedade na dos alimentos, mas sim em ter um só amante, em ama-lo a elle só quanto é possivel amar no mundo.

A honra de ambos os sexos é cumprir exactamente promessas que amor dictou, guardar seus juramentos, ser fiel grato e constante, incapaz de ceder á desgraça e á perseguição ou trair com inconstancia, ou fraqueza a fé d'aquelle, ou d'aquella cujos sacrificios recebeu. Esta é a nossa honra, esta a nossa religião, estes os nossos principios: desgraça a quem os não seguir, vá elle para longe de nós, porque sua alma esteril como as arêas do deserto não foi feita para julgar a nossa. *(Mirabeau)*.

As Catacumbas.

[CONCLUSÃO.]

Ignora-se em Paris, qual fosse a origem d'estes subterraneos. Serviram antigamente de pedreira, onde se iam buscar os materiaes para a construcção da velha cidade. Quando estes materiaes foram esgotados, abandonaram-se as catacumbas, e pouco tardou, que os tremores da terra lhe não tapassem as aberturas. Já estavam quasi inteiramente esquecidas, quando no anno de 1774, muitas casas caíram no mesmo bairro sem causa apparente. Fez isto com que se procedesse a indagações, e se conheceu que não tinha alli a terra solidez e espeçura, e que o mesmo succedia n'uma grande parte da superficie que París occupava. Então determinou-se impedir novas catastrofes; desceram ás galerias subterraneas, e começaram de se fazer differentes obras. Tam habil e engenhosamente correram estes trabalhos, que as galerias que ficaram vasias, exactamente corresponderam ao espaço que occupavam as ruas, em tanto que aquellas, que serviam de baze a edificios, foram atulhadas plenamente, ou bem seguras com differentes arranjos. Em 1780 Lenoir sugeriu a idéa de transportar para estes subterraneos os restos mortaes, de que estavam cheios os cemiterios de París. Immediatamente se procedeu a pôr por obra esta idéa; porque o amontoamento dos cadaveres ameaçava a saude dos habitante em geral, e mais particularmente o de certos bairros, como v. g. o dos Innocentes. Setecentos annos havia, que o cimiterio pertencente á egreja d'este nome, recebia os mortos de vinte freguesias em redor. Durante os annos de 1786, 1787, e 1788, se trabalhou no transporte d'esses tristes despojos para as catacumbas, e seu arranjamento. Em 1810, e 1811, por differentes vezes se melhorou a disposição que se havia dado ás ossadas, alargaram-se as passagens, ornaram-se com divisas e inscripções, onde, a dizer a verdade, parece, que não houve muito gosto. Tres grandes escadarias conduzem a estas catacumbas. Para lá descer qualquer, é necessario, que busque um guia, e sufficientes archotes, ou outras quaesquer luzes, e depois entranhar-se n'uma profundidade de 70 pés abaixo da superficie da terra; entra-se depois n'uma galeria, cuja altura e largura variam de espaço a espaço, estando n'umas partes sustentada pela rocha, e n'outras por pilares de pedra, e onde vem terminar um grande numero d'outras galerias. Daqui se vai dar a um vestibulo de fórma octogona, onde está uma porta pintada de preto, collocada entre duas columnas de ordem toscana. Uma inscripção latina, e um verso de Delille, lembram, que se vai entrar no mundo dos mortos. Entrando, ve-se á direita e á esquerda, por ambos os lados ossadas humanas elevando-se do chão até á abobada, e por tal arte dispostas que imitam pyramides, obeliscos, columnas irregulares ou symetricas, e altares até. Sentenças relativas ao funebre destino do lugar estam escritas em lettras negras sobre um fundo branco, e lembram á alma o nada desta

Digitized by Google

mundo, e as esperanças que devemos pôr n'um outro melhor. Alguns destes grupos de ossos teem nomes especiaes, tirados da fórma monumental, que representam: assim o sarcofago do *Lacrimatorio*, a fonte da Samaritana, &c. &c. Esta fonte deriva de uma nascente mui funda, tem um reservatorio espaçoso, e bem assim demais obras destinadas ao aformoseamento, e commodidade: no frontespicio tem as bellas palavras que o Senhor endereça na Escritura á mulher que se achava junto do poço de Jacob. Os restos das victimas do furor revolucionario do seculo passado occupam nas catacumbas um logar distincto; algumas inscripções alli estam postas, e explicam os acontecimentos, em que uma morte ás vezes tam imprevista como horrivel os veiu colher no caminho da vida.

Muitas variedades mineralogicas se encontram nestas catacumbas, e bem assim uma curiosa collecção de ossos estragados por doenças. Estes ossos estam classificados conforme o seu gráu de destruição; ao pé existe um montão de craneos humanos, cujas formas, dimensões, bossas &c. são um objecto de curiosidade, senão de estudo, e muito especialmente para os craneografos e demais *rabulas da fisiologia*. A mais notavel circunstancia que por ventura maravilha n'estes subterraneos, é a livre ventilação que n'elles se dá. Nada tam simples e engenhoso, como a maneira, com que para isso se houveram. Os poços que fornecem agua ás casas edificadas sobre as catacumbas, atravessam a profundez das galerias, e figuram como espaços que foram occupados por columnas; em toda destes poços se construiu um muro de alvenaria, em que foram abertos um grande numero de buracos. Tubos de vidro existem n'estes buracos, que teem uma especie de rolhas, que se tiram, quando se sente a falta do ar. Si os inspectores percebem, que as lampadas ardem com difficuldade, ou que os trabalhadores estam incommodados, em uma palavra, que em redor d'elles a atmosfera se torna fetida e espeça, immediatamente abre algum d'estes tubos, e um ar puro desce da superficie da terra á profundidade d'estes immensos subterraneos: tal é mesmo o habito em que estám estes homens, que perfeitamente sabem a hora mais conveniente para a abertura dos tubos, e renovação do ar interior, regulando-se pela altura da superficie da terra, o lado d'onde sopra o vento, e a força que traz. O calculo, que instinctamente fazem d'estas diversas circunstancias, os poem ja em estado de conhecer o minuto mais opportuno, para introduzir ao mesmo tempo a maior quantidade possivel de ar novo.

CANDIDATO, do latino *candidatus*. — Chamavam-se em Roma candidatos, *candidati* os que aspiravam aos cargos da republica; porque durante os dois annos em que eram obrigados a comparecer, se appresentavam nas assembleas do povo com uma simples tunica alva, e sem vestido algum por baixo d'ella, para que, si algumas feridas haviam recebido nas guerras, mais facilmente as podessem mostrar, abriado a tunica, e attraindo assim a benevolencia e protecção do povo. Estas tunicas eram d'uma fazenda branca repassada em creí, o que as fazia mais lustrosas e brilhantes que as ordinarias dos Romanos: d'ahi o nome de *candidato*, de *candere*, brilhar, reluzir.

HORRIVEL INGRATIDÃO.

Um destacamento d'Inglezes que desembarcara nas costas do Continente d'America, tendo sido atacado pelos Caraibas, teve de ceder, ficando todos os soldados no campo. D'esta horrivel carniceria poude apenas escapar um mancebo, a quem uma India salvou a vida, escondendo-o, sustentando-o, e em uma noite condusindo-o em segredo para a praia onde uma chalupa o esperava. A sua libertadora quiz tambem seguillo. Logo que chegarão ás Barbadas [quem o diria!] foi aquelle monstro humano vender, como se fôra sua escrava aquella que lhe salvara a vida, que lhe dera o coração e com elle todos os sentimentos, todos os thesouros de seu amor: nem as lagrimas nem as supplicas, nem a desesperação da infeliz, que em breve ia ser mãi, poderão abalar o coração d'aquelle tigre Europeu!

Discripção de um homem triste

Vereis a um destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descorado, pallido, macilento, myrrhado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas cahidas, a cabeça derribada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse ver dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, ve-lo-hieis fugindo da gente, e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos, e as janellas ao sol, com tedio, e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado pode dar gosto.

Vieir. tom. 7.

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo designadas Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.° 102: Rua do Ouro n.° 140. Rua da Prata n.° 109: Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs; e avulço 30 rs.

LISBOA
Typ. da Academia das Bellas Artes.
Rua de S. Jose N. 8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 10) Publica-se todos os Sabbados (Março 7, 1840.

Uma Viagem ao Sol.

C. I.º

UM AMIGO VELHO.

A Visão. — O diabo coxo. — A abobada celeste. — O espaço. — O ether — A attracção — A força centrifuga.

Tinha-me eu posto á janella para ouvir o melancolico canto de um melodioso rouxinol, que havia feito o seu ninho em um jardim visinho. A noute estava bellissima, e a abobada celeste brilhava com mil fogos.

Encostado ao parapeito, e com a cabeça entre as mãos, escutava o rouxinol, quando uma harmonia dobrado sublime se apoderou pouco a pouco de minha alma, e cahi nessa amena meditação, que todos meus leitores conhecem, que teem viajado por uma noute brilhante em que o ceu está todo coroado de estrellas: cessei então de ouvir a encantadora ave, que só perturbava o silencio de minha solidão, e meu espirito vogou pela immensidade dos ceus. Umas vezes, como o Micromegas, com uma passada saltava de planeta em planeta, outras, como os genios romanticos, me assentava na fronte radiosa de um cometa; e si acaso dahi não regulava os astros, como o feiticeiro de Melmoth, pelo menos admirava sua celeste harmonia.

Bem depressa esta visão se tornou por tal modo profunda, que minha alma, abandonando inteiramente a terra, cuidou haver achado um guia mysterioso, que a conduzia no labyrintho do infinito, e lhe explicava as cem mil maravilhas, que ostentão os ceus. Esse guia era o *diabo coxo*. Tam extraordinario e extravagante era ás vezes o que lhe ouvi dizer, ou si vos mais apráz, o que cuidei ouvir-lhe, que não me atrevera a contal-o, como proprio. E' essa a razão porque, para vos referir o que vi e ouvi, lhe devo absolutamente deixar o papel, que representou, e ou o tomeis, como ficção de proposito inventada para me encubrir, ou o julgueis parto de uma imaginação em delirio, o deveis sempre receber tal qual eu próprio o acceitei: alem de que, si acreditardes as verdades que eu vos abonar, bem é que acrediteis no que elle vos disser, pois é sabido, que os demonios, como todos os filhos da imaginação, são de seu natural inclinados ás *utopias*.

Ahi vai pois como teve principio nossa viagem.

— Que espectaculo maravilhoso! exclamei eu; como esta immensa abobada azul lemita admiravelmente o horisonte do nosso vasto universo.

— Irra! Irra! disse elle, soltando uma longa gargalhada, que terminou finalmente por um riso sardonico e intermittente; parece, meu amigo, que mui pouco ou nada aproveitaste com as pequenas lições de logica que te dei outr'ora; por que bastou abrires a boca, para logo te descahires com cinco grossas asneiras. *Primo*, o que vês não é uma abobada, mas sim a immensidade; *secundo*, essa immensidade não é azul, mas negra, como tudo, que não ha côr, e assim te pareceria, si acaso não estivesse continuadamente innundada pela luz do sol; *tertio*, a tua abobada não lemita cousa alguma; porque o espaço é infinito e sem lemites como o tempo; *quarto*, o horisonte se encontra na terra, e não no ceu, onde o não ha; e *quinto* finalmente, o universo compreendendo a imperceptivel terra que habitas, seus minimos planetas, e seu mesquinho sol, não é mais do que um ponto no espaço; menos avulta que um grão de areia no fundo do Occeano. Foi tua fraze elegante, pelo menos assim o acreditas; mas é arranjando dessas palavras campanudas, que não dão sentido algum, ou antes a quem torcem o sentido, que se lanção os tropeços no caminho da sciencia.

— Protesto-te que me recordarei da lição. Porem em quanto á abobada, deverei confessar, que si usei de tal expressão foi puramente por figura, porque sei mui bem que a.... o.....

Digitized by Google

— Vamos, o barrete (1) do ceu, não é isso?

— Seja o que quizeres; mas como ia dizendo, sei mui bem que o firmamento não é uma arcaria solida, nem as estrellas lampeões que lá se hajão pendurado, que o espaço é infinito etc. porem, permittir-me-ha vossa mercê, que para que vá aproveitando as suas lições, lhe pergunte o que seja o infinito.

— Supoem que tens um arco armado, que arrojas uma flexa ao ar, e que esta flexa tem a faculdade de percorrer o espaço em linha recta, sem jamais se desviar nem para a direita nem para a esquerda, e que alem disso é lançada com tal força, que galga um milhão de leguas por minuto.

— E então.

— E então! apoz um milhar de annos, a tua flexa haverá percorrido provavelmente um bom espaço, e todavia não estará mais perto da méta, que quando saltou do arco, porque o infinito é sem lemites.

— Não está na minha mão o compreender, e todavia canço-me em seguir com o pensamento essa maldiçoada flexa.

— Nesse caso immita os geometras: calcula, ajunta algarismos a algarismos, e vê, si, como os fatuos, comprehendes a idéa de que os algarismos provão alguma couza; depois disto, quando tiveres uma somma total formada por uma carreira d'algarismos tam comprida como o espaço que vai de Lisboa a Roma, ainda assim esse total será um atomo em comparação das leguas que deverá ainda andar para percorrer uma pequena porção do infinito. —

— Haveis de me perdoar, meu senhor, mas ainda não compreendo. —

Com a fortuna! ah! já acredito o que me dizes, é porque te fallo em linguagem *academica*. Pois bem, meu amigo, o infinito é... não é nada. Ora agora, quebra a cabeça, e imagina o que seja o nada, e onde o seu principio ou fim.

— Ah! ja compreendo. O espaço é infinito, o tempo é eterno, etc. etc. todas essas cousas não são mais do que abstracções, que temos forjado, com um nome ou uma palavra, que é a que nos induz ao erro, porque tomando o nada por alguma cousa, estamos habituados a representar as cousas por uma palavra.

Porem ainda não percebo, porque me dissesteis, que o espaço dos ceus era negro, pois o vejo azul e estou certissimo que meus olhos me não enganão. Vejo o ceu azul, e supponho, que o ether que enche o espaço é desta côr.

— Em quanto ao teu ether, é isso uma asneirola, que te aconselho de não acreditares, por que nada prova que exista um fluido particular, que encha o espaço. A sua existencia (si o fosse) alem de ser difficultosa de explicar, nada esclarecera, até mesmo o systema das ondulações da luz; porem o que é mais facil de demonstrar, é que esse ether não podia ser azul. (2)

— Acreditaes então no vacuo do espaço? E' essa uma grave questão, e que muito tem feito suar os topetes aos nossos astronomos.

— Si ha vacuo no espaço, é unicamente a uma distancia tam afastada, onde jamais poude chegar vista de astranomo, ajudado do mais valente microscopio. Por todos os lados, pelo menos os que o homem conhece, o ceu está cheio de luz; e por conseguinte não existe vacuo porque a luz é um corpo, e até um corpo decomponivel. Se existe no espaço um canto tam afastado do sol, que seus raios lá não possão chegar, esse canto será de um negro intenso e opaco, mil vezes mais tenebroso, do que a noute terrestre mais profunda; porque a luz se compoem de cores, e o negro é a ausencia de todas as cores.

Si o ceu te parece azul, é porque o vês atravez de um fluido azul, que córa os objectos que atravêz delle se olhão, da mesma forma que uns oculos verdes nos fazem parecer os objectos verdes; este fluido é o ar atmosferico; e disso não duvidarás olhando para um horisonte um tanto afastado. A montanha que mais perto estiver, te parecerá verde, porque não haverá assás de ar interposto entre ella e teus olhos, para que se córe de azul; a que estiver mais afastada será de um verde azulado, e finalmente a que lemitar o horisonte, te poderá parecer inteiramente azul, si acaso estiver tam longe, que haja uma quantidade sufficiente de ar intermediario. *[continúa]*

(1) Tomado no sentido da Architectura.

(2) Enke para explicar como o grande eixo da elipse descripta pelos cometas, e a média distancia destes diminuem progressivamente, nada achou mais racionavel, que suppôr um *ether* enchendo as regiões que percorrem estes astros singulares, cuja resistencia, diminuindo-lhe a ligeiresa, diminue da mesma fórma a força centrifuga, e dá mais lugar ao sol, para a si os attrair.

MERLIM.

Merlim famosa personagem em livros de cavallarias pelas profecias que se lhe attribuem, mas de que muita duvida existe, seja o verdadeiro Autor. Vio-o o seculo 15.º nascer nas montanhas da Escossia; e certo que conhecimentos e sciencia devia de possuir bem superiores aos da sua epocha, para que os povos o venerassem em suas recordações, embelesando-as com maravilhas e encantamentos

Digitized by Google

do poderoso Magico. E' de tradicção popular, que as monstruosas pedras, que se encontrão junto de Salisbury, restos por ventura de algum gigantesco monumento, forão alli postas pelo poder de sua magia; asseverando-se egualmente que Merlim as trazia ás costas da extremidade d'Irlanda.

Resão ás chronicas antigas, que este magico fôra impuro fructo de um incubo e uma religiosa, filha do Rei da Escossia: vogou por largo tempo esta opinião entre os credulos na bruxaria, até que Neudé para desarreigar tal suprsitição, empregon todo o sexto capitulo da sua *Apologia dos grandes homens accusados de magia*, em refutar aquella falsidade; hoje fôra superfluo e até ridiculo gastar tempo em cousa que talvês na epocha de Neudé, fosse bem necesaria, ou pelo menos util.

Si acreditar-mos Leland, muito versado foi Merlim nos segredos da naturesa; sabia com profundidade as mathematicas, onde levou a palma a todos os seus comtemporaneos pela agudesa de espirito, e profundidade de reflexão; o que o fazia prever muitas vezes as consequencias de qualquer acto, quando outro qualquer, olhando superficialmente para as circunstancias, dellas não podia tirar ou prevêr o menor resultado; foi isto o que lhe grangeou a amisade dos princepes, dando-lhe bons conselhos a sua prudente experiencia. — Não podia o povo explicar por este modo ás grandes e immensas riquesas de Merlim, porque a ignorancia desses seculos apenas lhe consentia achar a verdadeira causa no pacto que elle fisera com o diabo: e é esta a rasão porque quasi todos os escriptores, que fallão de Merlim, e de sua fabulosa historia, o teem por poderoso Magico, e habil Encantador. Bem contrario destas, o julgarão outros verdadeiro santo, e profeta, visivel inspirado por Deus: e de modo suas profecias forão tam graves e ponderosas, que obrigarão a Moumouth e Alain, de Lille, homens sabios da éra, o primeiro a traduzi-las em latim; o segundo, a commenta-las, para mais estarem ao alcance de todos.

E em verdade de grosso commentario era mister para que se entendessem taes profecias, como abaixo vão transcriptas da nota de M. Mazui sobre o Orlando furioso (nota 2 do canto 3): *da ave que hade nascer de uma arvore*, e do animal, que hade nascer nos desertos da Babylonia. — Virá tempo em que hade nascer uma ave de uma arvore, e essa ave será tam grande como um cavallo: voará tam desmedidamente como um carro e de modo que nenhum engenho lhe poderá ser comparado. E sabei, que será vista em todo o mundo, levando o bico aberto, e engulirá toda a ave viva. E se quereis saber, quando isto deve succeder, claramente vo-lo direi, ? deve succeder muitos annos antes de Jesus Christo vir julgar os homens. Esta ave aplicará sua justiça em todas as aves, que houverem comido outras, e como as houver comido, e já lhe não restar que engulir, de colera se matará. — E por este tempo virá do deserto de Babylonia um animal; o qual animal terá por sima da cabeça um corpo tam agudo como uma espada: e com o nome de cortangles, se irá por todos os desertos, matando os animaes maleficos, que vão devorando os outros. E decreto é de sima, que só matará os animaes carniceiros, e aos outros deixará em paz. »

Do peixe que hade nascer no rio Jordão. Nascerá tambem um peixe no rio Jordão, pelo tempo em que o animal se entranhar nos desertos de todo o mundo, e sahirá este peixe do rio Jordão. E terá o nome de Amergle, e cinquenta pés de comprido, trinta e seis de largo, e quinze de espessura. — E o animal será tam grande como um Alifante, e a ave terá o nome de phagarus, que lhe hade dar um caçador da Babylonia, por estes tempos um dos mais fortes homens do mundo. Ja se vê que os commentarios de Alain, de Lille, erão certamente indispensaveis para perceber taes profecias. —

Muito entra Merlin, em rasão de seus encantamentos, nessa classe de romances que teem por heroes, o Rei Artus, e os Cavalleiros da Tavola redonda. Largas guerras teve este de pelejar contra os barões que não approvárão sua eleição; mas finalmente os venceu com a assistencia de Merlim, que lhe havia dado um estandarte maravilhoso para o levar adiante de si na peleja.

Sanguinolentos combates teve tambem Artus onde foi ajudado pelos Reis, Bau, Boort, e Leodaguimas principalmente pelos cinco bravos cavalleiros, Galachin, Gauvain, Agravin, Garehеit, e Gahereit. Egualmente fez guerra aos Romanos, e os venceu nas Gaulas. Em todas estas expedições nunca cessou Merlim de o ajudar com todos os recursos de sua arte, valendo-se de muitas metamorfozes, e apparecendo, quer em trajes de escudeiro, quer na forma de um viado de cinco pontas, umas vezes como asqueroso anão, outras como tangedor de harpa; até que finalmente desappareceu d'Inglaterra para sempre, ápesar das pesquisas que fiserão Gouvain e outros cavalleiros á pista delle por todo o mundo.

Merlim, diz M. Magui, havia ensinado a magia á fada Morgana, irmam de Artus, e a Viviana, nomeada a *Dama do Lago*: Como se namorasse desta fada, dis-se, que ella pedira ao nigromante dois encantamentos para adormecer os seus parentes quando, e por quanto tempo lhe agradasse e isto por temer o seu ressentimento. — Cedeo o mago ao requirimento de sua amante, mas Viviana só cuidou em o trahir.

Digitized by Google

Como o Nigromante a vinha visitar pelo meio da noute, ella o adormecia, e por este meio se conservava casta e pura; todavia deparando com certos manuscriptos cabalisticos, lhe veio á idéa encerrar Merlim em um bosque, outros dizem em uma caverna, ou tumulo, onde logo encontrou a morte; mas inda assim não pensem os nossos leitores que morrêo de todo: existia o seu espirito, era sua vôz ouvida de tempos a tempos; e não carecera de maior prova do que a de Mecér Gauvain que perfeitamente a ouvio no bosque de Brocelianda, na Bretanha inferior.

Não esqueceu a Ariosto fallar em seu *Orlando furioso* deste celebre Nigromante fazendo-o ser consultado pelo mui valoroso cavalleiro Bradamanto.

A MALDIÇÃO.

ROMANCE.

I.

Ai de mim que ja de todo
Perdi a consolação,
Nem mais forças para soffrer
Tenho n'este coração.

O' prados da minha terra,
O' agreste serrania,
O' Castello de meus Pais,
Nunca mais vereis Maria:

Nunca mais vereis Maria;
Porque a Soberbo Senhor,
Injusto Pai sacrifica
Sua vida e seu amor.

II.

Noite de horrores, e sustos,
S'estendera sobre a terra;
A chuva, e fogo dos raios,
Se moviam crua guerra.

Brama o vento; a nuvem arde,
Como um erguido fanal;
E ao longe em concerto horrivel
Resoa o bronze fatal.

Agudos gritos echoam
Pela floresta sombria,
Tudo rojava na terra;
Só negro vulto s'erguia,

Sombra d'homem cuidarias
Que em negro corcel montado
Para festa de demonios,
Ia, torvo convidado.

Deus te ajude, ó Cavalleiro,
Deus te ajude e va comtigo,
Que has mister de sua guarda
Contra arriscado inimigo.

Deus te guie e te proteja,
E ao teu ginete ligeiro:
Corre corre qu' inda é tempo,
Deus te ajude, ó Cavalleiro.

III.

Grandes festas se preparam
No Castello de Sivalde;
Maiores pompas, mais riquezas
Procurar seria em balde.

Outras melhores do que estas
Nunca as hão-de olhos mirar,
Que D. Rodrigo e Maria
Hoje se hão-de desposar.

Nunca as Hespanhas hão visto
Um tão Suberbo Senhor;
Nunca em peito de homem coube
Nutrir um tão forte amor.

E todos com ancia aguardam
Pela formosa Maria,
E mil sons no ar dispersos
Revellam maga alegria.

Mas D. Rodrigo o soberbo
Com voz sinistra assim brada:
„ Só á noute na Capella
„ Vereis minha Desposada.

IV.

Entre os rochedos, que cercão
De Sivalde o Senhorio,
Se enxergava, quasi á noute,
Correr um vulto sombrio:

Negro ginete, armas negras,
Vizeira o rosto encobria;
Largo broquel embraçado,
E em brancas lettras = *MARIA* =

Deus te ajude, ó Cavalleiro,
Deus te ajude e vá contigo,
Que has mister de sua guarda
Contra arriscado inimigo.

Digitized by Google

Corre, corre Cavalleiro,
Dá d'esporas ao corcel :
Corre, corre a confortar
A tua amante fiel.

V.

Forte Castello s'estampa
Sobre o puro azul do Ceu,
E a branca nevoa da noite
O cobria como um veu :

E nos campos de redor,
Já meigos sons não se ouviam,
E no cimo do Castello,
Tristes tochas se accendiam.

VI.

Onde vais, ó virgem bella,
Vestida com tanta alvura ?
Vais casar com D. Rodrigo
Ou vais para a sepultura?

Damas, Barões, Cavalleiros,
Haja entre vós alegria,
Vinde todos á Capella
Ver D. Rodrigo e Maria.

E D. Rodrigo o suberbo,
Arrasta a pobre Maria;
E com vistas de despreso,
Inferno, e Ceu desafia.

Para o forçado consorcio
Alvas tellas a vestiam,
E tão pallida se mostra,
Que já morta a cuidariam:

Mas no terrivel momento,
Ao padre responde = NÃO =
E com um brado espantoso
Rodrigo diz = MALDIÇÃO ! =

N'este instante na Capella
Negro vulto entrar se via,
E com voz descompassada
Bradar = ÉS MINHA, MARIA =

Mas D. Rodrigo, o soberbo
Mais velós que o furacão
Crava-lhe o punhal no peito,
E repete = MALDIÇÃO !! =

VII.

Forte Castello s' estampa
Sobre o puro azul do Ceu
E a branca nevoa da noite
O cubria como um véu.

E nos campos de redor,
Ja meigos sons não se ouviam:
Ja no cimo do Castello
As tochas não se accendiam:

Só entre as rochas, que cercam
De Sivalde o Senhorio,
Se enxergava á meia noite,
Correr um vulto sombrio:

Negro ginete; armas negras;
Vizeira o rosto encubria;
Largo broquel embraçado,
E em brancas lettras = *Maria* =

Bella Dama o accompanha
Em alvas roupas vestida;
Sua mão gelada e fria,
Tem-a sempre ao peito unida!

Larga frida qu'inda sangra
Mostra sobre o coração:
E com véz triste repete
A palavra = MALDIÇÃO!! =

C. de L.

Talvez os nossos leitores não tenham ainda lido o pequeno romance, que abaixo publicamos, e que encontramos n'um Jornal francez. É do Visconde de Arlincourt, que por ser d'elle de boa mente traduzimos, não querendo privar os amantes d'este genero de litteratura d'um romance, que apenas d'algumas columnas offerece um sentimento tam intimo, e pode por si dar uma idéa do talento de seu author, assim como de seu stylo tam differente do de todos os escriptores modernos e seus comtemporaneos. E com effeito tam accommodado é com os caracteres, tam sublime e tam novo que não ha hi leitor de seus romances que não fique enlevado com seu modo de dizer tam formoso, ardente e extraordinario.

Grandes concepções, enredos delicadissimos e bem mysteriosos, ponsamentos novos e sublimes, imagens arrojadas, similes perfeitissimos, idéas ardentes, frazes de fogo, e stylo de lava de volcão, tudo ahi se encontra em seus romances cheios de vida, d'acção, de contrastes, de situações, de tudo finalmente o que só pode imaginar um engenho, e só elle sabe exprimir.

Eis ahi porque as suas producções, em que todos de certo verão uma idéa e um fim politico, teem merecido tanta acceitação, e obrigando-nos por isso a traduzir-mos *As duas Gemeas* para o nosso Jornal. Escusado è dizer, que na traducção não tentamos, e nisso se cifrou o nosso esmero, senão em deixar a-

Digitized by Google

travez da lingua para que vertemos, transparecer as bellezas e graça do original francez; porque mais tambem não era nosso intento. —

AS DUAS GEMEAS.

I.

No retiro de um velho castello situado nas montanhas ao norte da França, duas nobres orfãas vivião desconhecidas e em paz no Reinado de Luiz o Grande. Filhas do Marquez de Arinval ellas tinham tocado a sua decima oitava primavera. Frescas como as flores do mez de maio, bellas como as Nymphas dos tempos fabulosos, Alix e Branca eram gemeas.

O' caprixo da natureza! Alix e Branca tinham a mesma figura, o mesmo talhe de corpo, eguaes cabellos e uma voz similhante. Quem visse uma, via a outra. O Céu que as tinha creado similhantes, lhes deu a mesma egualdade no moral que tinham no fysico. Alegres e tristes ambas quando uma o estava, ellas se affligiam ou divertiam á mesma hora, ao mesmo instante. Se Alix estava doente, Branca tambem o estava. Conformidade de principios, analogia de sentimentos, concordancia de simpathias e aversões, harmonia de vontades e desgostos, os mesmos prazeres, as mesmas dores; era um só ente em dois corpos, um só corpo debaixo de duas formas.

Uma thia avançada em annos as havia educado com esmero no castello hereditario. A Senhora de Clamore adorava suas sobrinhas, mas de edade de 80 annos, ella sentia enfraquecerem-lhe as forças e prestes a extinguirem-se; por tanto cazar as jovens orfãas era o seu unico pensamento.

II.

Uma grande nova se espalhou no castello de Arinval. A senhora de Clamore preencheu os seus desejos; dois cazamentos, contractados por ella em segredo, estão prestes a concluir-se, e os esposos vão chegar. Um, destinado para Alix, é o Conde Rodolpho de Hermigny; o segundo destinado para Branca, é o Barão Raoul de Aigreville. Ambos são moços, bellos, e ricos. —

» Minha irmãa! dizia Alix a Branca, imos » ver Rodolpho e Raoul, os maridos que nos » foram destinados. Não sei a razão, mas sin» to-me opprimida.

» = E eu tambem, lhe responde Branca!

» = Sempre as mesmas impressões, habito fiel e constante.

» = Alix, tu esposas Rodolpho: eu serei mulher de Raoul: cres tu que os poderemos amar?

» = Ia fazer-te a mesma pergunta.

» = E si o meu te desagradasse?

» = Tornara-se-me aborrecido.

» = Nem podera ser de outra maneira.

» = Tambem pela mesma razão si Rodolpho me fizesse morrer de penna?....

» = Elle me assassinara, minha irmãa.

» = Branca de que procede, que me intimido.

» = Oh! eu estou bem temeroza.

» = Mas elles são ambos amaveis! si fizerem suas mulheres felizes. Diz-se que o amor é cousa bella. Eu quereria amar.

III.

O Conde de Hermigny e o Barão de Aigreville montados em suberbos corceis e seguidos de uma numerosa companhia estão ás portas do castello. Guerreiros valentes e affamados, Rodolpho e Raoul vem revestidos de armaduras brilhantes. Sua fronte é fera e marcial; sua estatura é magestoza.

As irmãas estão ás janellas do castello, suas vistas se dirigem com admiração para o quadro que se lhes offerece: é o luxo da corte de Luiz XIV que patenteam os nobres senhores. Seus cavallos arreados de ouro, as libres de purpura e azul, as barretinas emplumadas, suas decorações carregadas de pedrarias, as charpas e espadas, todas as magnificencias do grande seculo deslumbravam as orfãas.

» = Branca; diz Alix a sua irmãa: olha aquelle como é bello.... quizera que fosse Rodolpho: o que a sorte me reserva, deve ser elle, eu o advinho.

» = Sim minha irmãa, e é Rodolpho. Eu o ouvi chamar por alguem; tens razão, é o mais bello.

» = Eu não tinha dito o mais bello;

» = Mas o tinhas imaginado?

» = Oh! é verdade.

» = Não nos podemos occultar cousa alguma.

IV.

Os futuros esposos appresentados pela Senhora de Clamore ás herdeiras de Arinval, teem passado muitos dias no Castello, e encantados da belleza das duas gemeas, tudo hão feito por lhes agradar. Partidas de cassa, muzica, dansa, prazeres de todo o genero se teem succedido no velho castello; por toda a parte ruido e alegria, cada dia novas festas: o terno e gracioso Rodolpho era a alma destas magias.

Nenhum dos meios de seducção, que dão a natureza e a fortuna escapou aos dois cavalleiros para agradarem ás irmãas de Arinval; terno e altivo, elegante e bello, Rodolpho attraïa os corações.

Não menos brilhante que seu rival, Raoul

Digitized by Google

era tambem o objecto da publica admiração; mas o seu olhar era algumas vezes sombrio e o seu humor muitas vezes cruel. Assim, se alguma voz se elevava a perguntar qual dos dous era o mais amavel, ninguem respondia " — Raoul »

V.

A Senhora de Clamore via approximar-se o seu fim. Sua edade avançada lhe enfraquecia a razão, cada uma de suas faculdades a abandonavam uma após outra. O sepulcro se lhe abria pouco a pouco.

O cazamento das duas orfãas acabava de ser publicado e annunciado na egreja da aldêa. Alix se levantou ao apontar do dia. Ama com paixão Rodolpho; sonha com transporte que o amavel e bello cavalleiro não tardará a ser seu espozo: diz comsigo, preenchem-se meus desejos, e comtudo seu coração dava palpitações dolorosas; seu espirito via negras vizões: uma febre ardente a atacou, suas faces estam demudadas.

Alix correu para sua irmãa.

Mas Branca, que se havia levantado, está nos jardins do castello. Pela primeira vez uma das gemeas corria para outra sem que esta corresse para ella. Emfim Alix encontra sua irmãa, olha e estremece. Branca estava pallida e desfallecida; sentada n'um banco de relva, fria, silenciosa, e immovel tinha impressa em sua phisionomia, uma expressão vaga, concentrada, mysteriosa e extraordinaria, fixou em sua querida companheira um olhar surpreendido e consternado, que parecia dizer-lhe = não sabes tu o que eu tenho! Alix deu um grito de espanto.

O' minha irmãa, lhe diz ella, minha irmãa, o que é que nos acontece, quizera ser a mais feliz das mulheres, aquelle que amo será meu esposo; tudo me surri e eu sou amada; Rodolpho me chama e me espera... Donde vem pois minha terrivel agonia, falla, explica-me este mysterio! Ah! eu o sei, tu soffres: algum tormento te abate; oh sim, eu estou certa, tu soffres, e a ponto de perder a vida..... Não me contradigas, eu estou bem segura, acho lagrimas no fundo de minha alegria, sinto a morte em minha felicidade.

VI.

Branca vivamente consternada aperta a mão de sua irmãa. » Ah! eu o confesso minha vida recebeu um golpe profundo. Perdoa Alix, perdoa. E' preciso explicar-me, a minha hora é chegada: destinadas ambas a não termos senão uma existencia, a não termos mais que um desejo, a não fazer-mos mais que uma alma, nós deviamos preferir o mesmo homem. Alix! Alix! eu o amo tambem, eu o amo com paixão como tu, elle só, nenhum outro, nada sem elle. O teu Rodolpho é o nosso Rodolpho.

O' meu Deus, diz Alix, levantando as mãos aos céus, eu o sabia antes de o ouvir, mas repugnava-se o cre-lo. Sim esta doce semelhança com ella, esta terna fusão de sentimentos, esta unidade de vontades, de amor, o que tinha olhado até aqui, não só como um fenomeno divino, mas como um beneficio da providencia!... Ah! não era senão um dobrado supplicio que nos reservava o futuro, um tormento uma tortura para ambas.

Chora, Alix, lhe tornou sua irmãa, d'um tom amargurado.

Nós deveramos, conhecendo nossa estranha natureza, consagrar-mo-nos ao todo poderozo. Este podemos ama-lo ambas, sem medo de affeições rivaes. Elle nos partilhara seu coração, e sem nos roubar a uma nem outra elle nos acceitara a ambas sem detrimento d'alguma.

Escuta, (lhe diz depois de uma breve pauza, e com socego) não exageremos nossos soffrimentos, não te faças sobre tudo repreensões, é precizo que os meus votos se completem. Sofro e gemo, é verdade; mas no meio de minhas dores, tenho uma alegria que me consola, tua alegria que por momentos esclarece o negrume de minha tristeza: meus funebres pensamentos fogem por intervallos ao aspecto de tuas risonhas esperanças, e até em meu infortunio acho a tua felicidade.

Alix, com os olhos alagados em lagrimas, lançou-se nos braços de sua irmãa. O' Rodolfo! quanto ellas te amam..

VII.

No dia seguinte uma carta é entregue á desposada de Hermigny; vem d'um convento visinho, d'um convento de benedictinas, O' Céus é escrita por Branca.

CARTA

Tomei a ultima resolução, chara irmãa. Amando mais Rodolpho para poder amar Raoul, consagrei-me toda a Deus. Não tentes combater minha resolução: deves sentir no fundo do teu coração que não volto da carreira que caminhei. Appressa-te em desposar o Conde de Hermigny, tu sabes onde os gozos da tua felicidade terão constantemente um echo, procura que sejam assaz fortes para vencerem minhas afflições e saudades, assaz duraveis para suffocarem meus tormentos. O Deus que fez o milagre de nossas semelhanças é assaz poderoso para obrar o de minha cura. Espero que deverás pensar em mim sem amargura, nem resaibo, porque eu sonharei sempre em ti, com ternura tenho em mim a certeza de que não desesperarás; porque eu não me deixarei abatter. Farmehei firme para que o sejas. Ri, e seccarão minhas lagrimas.

Digitized by Google

Sê feliz, que eu o serei tambem. Ambas continuemos a amar, tu o homem, tua irmãa o eterno. Alix, eu terei a melhor sorte, si a tua te faltar, vem chara irmãa, e vem sem temor: o mesmo amor..... o mesmo altar,..... o mesmo sacrificio.... Previne-me a hora em que deverás ser Condeça d'Hermigny: não chorarei, orarei por vós.

VIII.

Pouco tempo depois de recebida a carta, Alix ornada a frente de uma corôa nupcial, seguio o seu desposado á egreja. Sua fizionomia era melancolica e pensativa. Rodolpho tinha um ar magestozo. Mas na vespera o Barão de Aigreville tinha abandonado o castello com a raiva no coração. As causas da resolução de Branca encerrada no convento visinho, não poderam escapar inteiramente á sua irritação zelosa. Elle juron vingar-se.

A desposada está no altar. Desde que amanheceu a aurora, ella se sentiu fraca e tremula. Suas faces estão discoradas; seus pés apenas a sustentam.

Os espozos estão ajoelhados, o relojo batia meiodia. O Sacerdote interroga Rodolpho... O annel está passado ao dedo da futura Condeça... O' surpreza! Alix n'este momento deixa cair a cabeça sobre o peito. Os olhos se lhe escurecem e se fecham. O corpo inclina-se...: cámbalêa. Rodolpho quer sustenta-la, passa-lhe o braço em roda do corpo.. Alix estava desmaiada.

IX.

Levam dalli a infeliz espoza. Comtudo a ceremonia interrompida não poude inteiramente acabar-se. O alarme se espalhou pelo castello.

Alix deitada em seu leito, torna pouco a pouco á existencia. Uma idéa secreta a occupa. Ella socegou seu esposo, e calmando suas inquietações, supplica que a deixem só. O seu desejo é fielmente cumprido.

Julgava-se que o somno lhe veio cerrar as palpebras. Affastaram-se todas as suas creadas. Nenhum movimento, nenhum ruido, os creados estão longe. A Senhora de Glamore doente desde a semana precedente e quasi caïda n'outra infancia ignora a scena da egreja e se acha encerrada no seu quarto.

Era tarde: Alix se levanta. Ja descião as sombras sobre a planicie; ella espera sem ser vista, e vôa no convento de sua irmãa. Estava a duas leguas de Arinval.

X.

Minha irmãa, grita Alix suffocada: Cazada on não eis-me aqui. Tu pensaste morrer, não he verdade, esta manhãa, ao meio dia?

Branca confundida pela surpreza não podia crêr seus olhos. Alix estava alli, diante della, sob as muralhas do sancto claustro, inda meia paramentada para o cazamento, os dedos ornados de pedrarias, mas suffocada pelo cansaço: seu vestido meio rasgado pelas silvas, os pés descalços e pisados, pallida, despenteada, o olhar fixo... como um spectro reclamado aos tumulos.

Sim... esta manhãa mesmo..., é verdade, responde Branca, com uma voz entrecortada pelos suspiros. Tu me havias prevenido a hora: ao meio dia eu cuidei morrer. Eu o sabia, eu o sentia, lhe tornou Alix com um tom solemne; mas correndo para ti, estava certa de te encontrar viva no mosteiro, porque tocando-me, via que existias.

XI.

As horas da noite correm. As duas gemeas estão ainda juntas, separá-las é impossivel: oh! que longas confidencias! Deus só lhe sabe os segredos.

De repente um dos criados do castello de Arinval, chega, suado e suffocado ao convento. Que terrivel nova elle annuncia. Raoul desafiou o Conde de Hermigny. Os dois rivaes se bateram na vespera, depois do pôr do sol, e Rodolpho caïu morto.

O raio feriu as duas irmãas: esmagadas pelo mesmo golpe e levantando-se com a mesma dor, sustentam a mesma resignação.

Alix fallou primeiro. Quem nos consolará? diz ella.

Quem minha irmãa, responde Branca, Deus!!!

Uma imagem sancta estava alli: as gemeas se prostram e encostadas uma á outra se abraçam com os pés de Christo.

Visconde de Arlincourt.

O que é a alma. — .... Mas já que somos tão corporaes, & damos tanto credito aos olhos; os mesmos olhos quero que nos digão, & que confessem o que he a alma. Quereis vêr o que he huma alma? Olhay (diz S. Agostinho) para hum corpo sem alma. Se aquelle corpo era de hum Sabio, onde estão as sciencias? Forão-se com a alma, porque erão suas. A Rethorica, a Filosofia, as Mathematicas, a Theologia, a Jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escritos humanos, & divinos, que admiramos, & excedem a admiração: tudo isto era a alma. Se o corpo he de hum artifice, quem fazia viver as taboas, & os mares? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma, & novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, & a unir as distancias do universo, & meter todo o mundo venal em huma praça? A alma. *Vieira Ser.*

LISBOA: Typ. da A. das Bellas Artes.
Rua de S. Jose N. °3.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 11 / Publica-se todos os Sabbados / Março 14, 1840.

Uma Viagem ao Sol.

C. I.º

UM AMIGO VELHO.

[continuado do numero antecedente]

A Visão. — O diabo coxo. — A abobada celeste. — O espaço. — O ether — A attracção — A força centrifuga.

Parece-me, segundo o que me dizeis, que o espaço está cheio de ar azul, e sem duvida deverá ser esse ar que encarregareis de sustentar os astros, para que não cáiam. Fazei-o agitar e arrastar os astros em seu turbilhão, e ahi temos Descartes resuscitado.

— Tudo o que haveis dito, meu amigo, é sem fundamento nem criterio, porque ainda vos não fallei, senão da camada de ar atmosferico. Relativamente aos astros, porque deveram elles caïr, quando nada cáe na natureza, ainda mesmo esse pomo que, desprendendo-se da arvore, demonstrou a Newton o principio da attracção, que outros astronomos já antes d'elle haviam suspeitado.

— O que é pois essa attracção com que nossos sabios construem, tam facilmente, o universo.

— É uma cousa bem simples, uma propriedade da materia como a extensão, a impenetrabilidade &c. Todos os corpos se attráem mutuamente uns aos outros; os que conteem mais materia, quer diser, os mais volumosos e mais densos, arrastam naturalmente os que conteem menos que elles: é a lei do mais forte e do mais rico. O sol por exemplo attrae a terra e todos os outros astros, não somente porque é mais volumoso do que cada um delles, mas mais do que elles todos juntos. Um corpo que te parece caïr, não é mais do que um corpo attraïdo por outro mais volumoso. Vós lá os homens chamais a isso *caïr*; mas como as palavras não fazem nada ao caso, quando seu sentido está fixado, não acho inconveniente em continuar a servir-me d'essa expressão, unicamente para substituir as palavras, ser attraïdo. Poderemos mesmo diser que os corpos atrraïdos são *pesados*, teem peso, porque é sabido, que esse pezo não é mais do que o effeito da attracção.

Cada molecula da materia attrae outra molecula de materia: ora um corpo de cem moleculas attraïrá um corpo composto de déz moleculas com déz vezes mais força que não será attraïdo, porque o quadrado de déz é cem; o corpo de déz moleculas caïrá sobre o outro, como mais fraco, e a ligeireza de sua queda será egualmente proporcional ao numero de suas moleculas, tomando todavia sua distancia em consideração: porque os corpos são attraïdos com tanta mais energia, quanto estão mais approximados. [3]

— E poder-me-ha esta attracção explicar, porque os corpos, que caem, tendem constantemente para o centro da terra?

— Si um pouco reflexionasses, verias que o centro de um globo é sempre a parte que apresenta a um objecto o feixe de raios attraentes mais numeroso, porque a linha que atravessa o centro d'este globo, é a que encontra em seu caminho o maior numero de moleculas attraentes.

— Compreendo mui bem tudo isso, porem ainda tenho duas objecções que vos pôr. Como se prova a attracção, e porque, si os astros se attraem, não cáem uns sobre os outros.

— Não te direi como a prova da attracção é levada até a evidencia pela solucção exacta de diversos problemas astronomicos, porque te não acho com muitos conhecimentos para me compreenderes; todavia poder-te-hei dar provas mais materiaes. Quando um navio vai com todas as velas, navega, suppoem tu, seis pés por segundo: ora si é necessario a uma balla de

[3] Newton concluiu, por meio de calculos longos e difficultosissimos, as tres seguintes consequencias que formam uma das principaes bases da astronomia. 1.º A força que *sollicita* os planetas é dirigida para o centro do sol. 2.º Esta força está em rasão inversa do quadrado da distancia do seu centro ao do sol. 3.º é proporcional á massa.

Digitized by Google

chumbo, um segundo para caïr do tope do mastro grande sobre o convés, resulta, que avançando o navio uma toêsa durante este segundo, o mastro se arredará durante a queda, e a balla deverá caïr a seis pés de distancia d'elle. Ora muito bem, meu amigo, não acontece nada d'isto: a balla é attraïda pelo mastro, e arrastada por elle; obdece ao seu poder attraente, e vem caïr na base do mastro grande. —

— Optimamente; mas porque é que os planetas não cáem sobre sol?

— Ahi vai a razão. Quando um corpo volteia com rapidez, as moleculas que o compoem, tendem a separar-se do centro d'este corpo por uma lei fisica chamada pelos astrologos *força centrifuga*. Mil experiencias, tão faceis umas como outras o comprovam, e com as quaes podes verificar o que digo. Por exemplo colloca sobre um eixo qualquer uma taboa redonda, uma roda. &c. &c. Lança-lhe em sima agua, areia, ou outro qualquer corpo, e faz depois move-la com rapidez. Então verás a agua ou areia buscar a circumferência do circulo formado pela taboa ou roda, e ser depois lançada fora mais ou menos longe d'esse circulo em rasão da maior ou menor ligeiresa da rotação. É deste modo que os Arlequins de nossas praças publicas collocam um copo cheio d'agua no arco d'uma pipa, em um plano vertical, fasendo-o ao depois voltar com rapidez sem se derramar uma só gota do liquido, ainda que em cada volta de circulo, o copo esteja um momento com a bocca voltada para baixo. O liquido em vez de caïr, constantemente se apoia no fundo do copo, para se desviar do centro da rotação conforme as leis da força centrifuga. Isto é facil de perceber, e fôra necessario para me não compreenderes, nunca ter visto arrojar uma pedra com uma funda.

Os planetas não podem pois caïr no sol, porque lançados em linhas rectas no espaço, e não soffrendo em sua carreira roçamento algum, a sua força de projecção não pode diminuir. Volteam em roda do sol, attraïdos por elle, mas a força da attracção sendo combatida, primeiro pela força de projecção, e depois pela força centrifuga, o que provavelmente é a mesma cousa, forma-se um equilibrio, que nada pode quebrar, e que durará eternamente como todas as propriedades da materia.

— Tudo isso é muito bom de dizer; mas parece-me, que se estivessemos em outro lugar, que não fosse a terra, veriamos de diverso modo as cousas, e se desfaria podre toda essa têa scientifica que haveis tramado.

— Com a fortuna, meu amigo, que estás imbirrado; mas todavia desejo convencer-te. Partamos.

C. 2.°

NO AR.

Viagem com o demonio. — A atmosfera. — O ar. — A terra. — Um aerolitho, ou uma lua. — As pedras que caem da lua. —

Tomou-me o demonio por um braço, e no mesmo momento me senti gyrar nos ares com maior velocidade, que um desses meteoros, que algumas vezes percebemos deixarem um rastro brilhante no ceu, durante a obscuridade de uma noute calmosa de estio: e ia augmentando ou diminuindo esta velocidade, conforme o maior ou menor interesse que offereciaõ os objectos, que me fazia notar em nossa viagem.

Parecia-me ao principio, que nadava em um fluido mui espesso, e azulado, e que me dirigia para a superficie com aquella impressão, que sente o mergulhador, tentando subir ao lume d'agua para tomar a respiração. Senti, ao partir, que devia estar mergulhado neste fluido a grande profundidade, porque o peso da sua massa me parecia enorme, e compremia horrivelmente todas as partes de meu corpo.

Verifiquei, ao attravessallo, o que tantas veses imaginei sobre os abysmos do occeano, quero diser, que passava atraves de numerosas correntes rapidas, cujas camadas erão sobrepostas, e de variavel espessura; dirigindo-se umas para o norte, outras para o meiodia, tomando finalmente diversas direcções. Perguntei então ao demonio, si havia escolhido para ponto de nossa partida a profundidade dos mares, e se estariamos já perto da superficie das aguas.

— Meu querido discipulo, me responde elle, partimos da janella de teu gabinete; não attravessamos as aguas, mas simplesmente o ar atmosferico. Unicamente antes de partirmos, te roubei o sentimento habitual, que te havia feito contrair o contacto continuo do ar: é por isso que tu sentes o fluido que attravessamos como o que pela primeira vêz nelle se visse mergulhado, sem os prejuisos que resultão do habito.

Alem do que, não te deves de admirar de tam grande peso do ar, quando lá na terra carregas com uma columna de desaseis a desasete leguas de altura, e cujo peso equivale a uma columna de agua de trinta e dous pés, ou a uma columna de mercurio de vinte e sete polegadas. O que tomaste por correntes aquosas não são, senão ventos que soprão de differentes pontos do horisonte, e passão uns sobre outros. O ar é extremamente elastico, e é por isso que as camadas inferiores, quer dizer, as que estão mais proximas da terra, são tambem as mais compremidas. Muito figura sua

Digitized by Google

elasticidade na vida dos animaes, e á sua composição de 79 partes de azoto e 21 d'oxigeno, devem todos os seres a respiração de que gozão. Tem a propriedade de decompor e refractar a luz; e é essa a razão porque lhe devemos o crepusculo e a aurora, amenas transições, que sem abalo, nos fazem passar do dia para a noute, e das trevas para a luz. Em sua totalidade forma o que se chama *atmosfera*, e essa atmosfera não tem menos, como ja disse, de desaseis a desasete leguas de espessura; forma um immenso occeano sem limites, e envolve a totalidade do globo; contem, alem de ar, sobretudo em suas mais inferiores camadas, uma porção maior ou menor de agua, de hydrogeno, fluido electrico, acido carbonico etc.

Pode dizer-se que é algumas vezes um verdadeiro cahos, revoltado pelas tempestades, trovões, ventos, seraiva, chuva, e todos os outros meteóros.

Inda bem não havia o demonio acabado o seu discurso, quando chegamos á superficie do occeano atmosferico; e pareceu-me então formar um mar azul e tam transparente que apenas podia perceber as enormes vagas de sua superficie delgada e fluctuosa; aconteceo-me olhar-lhe para a profundidade, e la percebi a terra que lhe formava um fundo montanhoso de um azul lapis carregado.

Levantei os olhos para o ceu, mas qual foi a minha admiração ao vêr em vez dessa abobada brilhante azul, um espaço infinito, baço, d'um cinzento escuro: a côr azul havia inteiramente desaparecido; e comecei então a distinguir um enorme cone negro, que corria com uma velocidade extraordinaria de oeste a este. Tinhamos saido nesse momento, porque esse cone não era mais do que a sombra projectada no espaço pelo globo terrestre. Lusio-nos depois o dia, mas que dia, meus leitores! em nada simelhava ao da terra, porque a luz que partia do sol, me parecia de um branco mais espelhento do que a neve, sem ponto que outra côr projectasse. Comprehendi então que era isto porque nenhum corpo reflectia os raios luminosos, e por conseguinte os não decompunha.

Não via a lua, nem planeta algum que me parecesse proximo; a mesma terra estava ja tam distante que apenas me encubria um minimo espaço celeste. Apresentava aspecto tam singular, que certamente a não podera reconhecer, sem o genio que affirmou ser com effeito aquelle ponto o meu paiz natal. Figurai uma massa volteando sobre si mesma com a rapidez de tresentas e setenta e cinco leguas por hora; obedecendo a outro movimento que a impellia de este para oeste, com uma carreira ainda mais maravilhosa, pois percorria sete leguas por segundo, quer dizer que caminhava setenta vezes mais rapida que uma bala de artilheria, e ahi tereis a terra. Sempre tinha ouvido dizer que era redonda, porem vi então que isto era falso. Não somente a observei achatada nos dous pólos, mas até proeminente no equador, o que, vista do lugar, onde estava, lhe dava a forma de uma ellipse, cujos dous eixos forão mui aproximados do centro, ou, se mais vos apraz, a de um curto oval, cujas pontas se achavão debaixo do equador.

Havia tambem lido, não sei em que alfarrabio, que os habitantes da lua devião vêr a terra, como nós a lua, mas doze vezes mais volumosa; e com effeito pude verificar esta opinião. Porem, accrescentão estes taes alfarrabios, que o occeano e os outros mares apparecem como grandes espaços escuros, em quanto que os continentes formão malhas de um branco azulado. Aqui se enganão elles grosseiramente, porque o globo terrestre me appresentou um aspecto positivamente contrario. Os continentes sobresaião escuros no centro de um branco espelhento, que erão as aguas, que rodeão o globo por todos os lados, e reflectem a luz do sol, como os corpos polidos. Seja como quer que for, as terras se desenhavão no meio dos mares absolutamente como nas cartas *geograficas*, que os Astronomos chamão mappa-mundos, e cada parte do mundo me passava diante dos olhos como n'uma lanterna magica.

[Continuar-se-ha.]

ROMANCE

O CAVALLEIRO DA CRUZ.

Lá se aparta o guerreiro
De sua Dama, a mui formosa,
Grande dor lhe aperta o peito,
Na despedida amargosa.

— Parte, parte, oh Dom Ramiro,
Que não deves mais tardar,
Já soou a voz da guerra,
Cumpre pois armas tomar.

Si és nobre cavalleiro,
Prompto aos teus te vai unir;
Teus irmãos por ti esperam,
Cumpre prompto de partir.

Não temas, oh Dom Ramiro,
De meu peito ingratidão,
Que eu te juro eternamente,
Amor fiel e paixão,

E juras?... oh sim, eu juro...
Por teu nobre peito d'aço,
Que si a morte te merecer,
M'a venhas dar com teu braço.

Digitized by Google

— Bella Elvira, não temo,
Adeus, contente já vou,
A promessa que me has feito,
O meu terror dissipou.

Assim disse, — e o Cavalleiro,
Deixou caír a vizeira;
Relincha e trota o murzéllo,
Em despedida carreira.

Lá se aparta o guerreiro,
De sua Dama, a mui formosa,
Grande dor lhe aperta o peito,
Na despedida, amargosa.

Parte, parte, oh Dom Ramiro,
Que não deves mais tardar:
Já soou a voz da guerra,
Cumpre pois armas tomar.

Si és nobre Cavalleiro
Prompto aos teus te vai unir,
Teus irmãos por ti esperam;
Cumpre prompto de partir.

Tres annos em crua guerra
Dom Ramiro longe andou;
Saudades ralam-lhe o peito,
D'aquella que sempre amou.

Quer no campo e nos torneios,
Quer na guerra, quer na paz,
Em toda a parte a vê sempre...
Fiel lembrança lh'a traz.

— Oh quem podera saber;
O Cavalleiro dizia, —
Si acaso me ama ainda,
Como amar-me promettia?

Quem podera, oh quem podera
Taes segredos conhecer,
P'ra deixar de ter saudades,
Ou de saudades morrer!

Assim triste e suspirando,
O alaude então tomava,
E em queixas de amor saudosas,
Brandamente assim cantava.

— » Doces lembranças tam q'ridas
Que amor no peito produz,
Vinde alegrar por um pouco
O Cavalleiro da Cruz.

» Ternas saudades d'Elvira,
Fieis aqui lhe trazei,
Quaes ella as sente no peito,
E quaes d'amor lh'as deixei.

» Auras saudosas trazei-me
Seus pensamentos d'amor,
E em troco levai-lhe os tris'es
Suspiros do Trovador!

» Doces lembranças tam q'ridas,
Que amor no peito produz,
Vinde alegrar por um pouco
O Cavalleiro da Cruz. »

Mas ah, sua mão vacillante,
Já sobre as cordas falseia,...
Quer proseguir e não pode,
De dor o peito lhe anceia.

Ah! que a tam grande tormento
Mal poude emfim resistir,...
— » Pagem —, diz, o meu murzello,
» E' força, quero partir.

Assim disse, — e o Cavalleiro
Deixou caír a vizeira;
Relincha e trota o murzello
Em despedida carreira.

Corre, corre, oh Dom Ramiro,
Que perdeste a tua paz,
Que a Dama dos teus agrados
Talvez já tarde verás.

Grandes festas vão nos paços
Dos senhorios feudaes.
Os échos pregoam festas
Ao som de mil atabaes.

Desce a ponte levadiça,
Do Castello é livre a entrada,...
Tudo corre ao ver as bodas,
Ricos-homens, gente armada.

Mil vivas ao longe s'ôam
Nos échos d'antiga torre,
E p'ra ver o gram festejo
Apinhada a gente corre.

Oh que pompas, que alegrias!...
Nunca a terra as teve assim,
Eguaes nunca as viu Castello
No mais pompose festim.

Bodas se vão cellebrar
Da nobre donzella Elvira,
Com extremado guerreiro,
Que junto d'ella suspira.

Cheio de amor, de alegria,
Caminha o par triumphante;
Ella com lindo sorriso,
Elle de amor rutilante.

Já na meza os convidados
Seus assentos vão tomar,
Eis começam logo as danças
E instrumentos de tocar.

Gentis proezas relata
A chusma dos trovadores,
Qual exalta o guerreiro
Qual os seus ternos amores.

Digitized by Google

— » Senhora, — diz o guerreiro —,
Vede que alegre festim?...
Eguaes vós os tereis sempre,
Sem que jamais tenham fim.

— » Mas dissipai a tristeza,
Que o vosso rosto annuia,
E qual a sinto no peito
Respirai hoje alegria. » —

— » Senhor, um Bardo lhe diz,
Chegando-se ao Cavalleiro;
Permitti que alegre a Dama
Com meu cantar de romeiro;

— » Canto alegres romances
Proprios de um Trovador,
Desterro melancolias;
Sei os segredos de amor.

— » Oh! si consegues tal dita,
Bardo, exclama o guerreiro,
Farte-hei o mais ditoso,
Serás dos teus o primeiro. » —

Junto d'Elvira o peregrino
A seus pés se foi sentar,
E o alaude tomando
Assim começa a cantar.

— » Ouvi, oh Senhora, ouvi
» O canto do Trovador,
» Desterro melancolias,
» Sei os segredos de amor.

» A trista historia ouvi
» De um Cavalleiro brioso,
» A quem sua Dama jurára
» Fiel amor extremoso.

» O Cavalleiro partiu
» E a Dama juras quebrou,
» Mas ai, que para seu mal
» O Cavalleiro voltou!

» Tudo, tudo esqueceu,
» A infeliz, a malfadada,
» Sem que jamais lhe lembrasse
» Promessa que foi jurada.

» Mas lembrou-se o Cavalleiro,
» Que vingança vem tomar,
» E a morte traz á Dama
» Para seu crime expiar.

» Trez vezes sobre a espada
» Fez juramento fatal...
» Ai! quem chorará pela Dama
» Na sua hora final!

— » Ouvi, oh Senhora, ouvi
» O canto do Trozador,
» Desterro melancolias,
» Sei os segredos de amor. »

— E quereis agora saber
Quem é esse Cavalleiro?...
— Seu nome é Dom Ramiro,
Disfarçado no Romeiro.

Assim disse, e logo prompto
Para traz lança o capuz,
— „ Soccorro, exclama Elvira,
— „ O Cavalleiro da Cruz!... "

Mas foi essa a voz extrema
Que sua bocca proferiu,
Que na mão do Cavalleiro
Agudo punhal luziu.

— „ Elvira, oh! tu juraste
Por meu nobre peito d'aço,
Que si a morte tu merecesses
T'a viesse dar meu braço.

„ A Dom Ramiro conhece
Debaixo desta figura,
Adeus, — recebe a morte...
Serei teu na sepultura. „

Mudos, cheios de espanto,
Os Cavalleiros ficaram;
— Vingança!... bradaram todos,
Quando a si depois tornaram. —

Vingança! os échos repetem
No senhorio feudal;
Morte ao author inclemente
Do assassinio fatal!.

Mas onde está?... onde foi?
Ningnem o poude mais ver,
Largos annos são corridos
Sem nunca mais apparecer.

E' fama, que no Castello
Vaga sua alma penando,
Suspiros dando de dor
E' por Elvira chamando.

Que alta noute se ouve
Lá no Castello sem luz,
— " Socorro, bradar Elvira,
— " O Cavalleiro da Cruz! "

V.

A Morte do Fronteiro

CHRONICA — ROMANCE.

I

A chegada do Adail.

Era uma tarde de outomno: os ultimos raios do sol ao por-se ja no horizonte cubriam a terra ainda por alguns momentos de uma luz dubia e melancolica; — uma aragem conselado-

Digitized by Google

ra vinha refrescar a verdura das planicies, e a andorinha dos ceus, abatendo mais seus vôos pela ultima vez ainda antes de recolher-se, estendia ao longe suas azas por sobre as veigas desertas. — Tudo pois era silencio, e solidão: o cimo das montanhas e dos outeiros mais elevados, onde ao sopro das brisas da tarde se agitavam voluptuosamente alguns ramos de arvores silvestres, brilhavam, porem ainda esclarecidos pelos ultimos raios da luz, offerecendo á vista um espectaculo sublime e grandioso.

Sobre um ponto da extensa planicie, que ao longe se ia perder, estava assentado um pequeno arraial de campanha: — pequenas eram, em verdade, essas forças guerreiras, mas a pezar d'isso seu grito de guerra se havia ja prolongado ao longe com pavoroso écho das montanhas circumvisinhas. — Que coração haveria ahi por mais forte e ousado, que fosse, que todo não estremecesse de ouvil'o? — os homens do Occidente, esses homens das lides incansaveis, tinham vindo novamente arvorar a haste de sua bandeira á face da do Crescente, e outra vez o grito de morte e de exterminio soára pelos plainos d'Africa aos ouvidos dos filhos de Agar e sectarios do Propheta. — Uma nova lucta da Cruz e do Crescente se ia pois travar debaixo dos ceus d'Africa; — sobre esse mesmo solo ja por tantas vezes regado de sangue e lagrimas de vencedores e vencidos. — Mas quem poderia conter o impulso que os movia a tão grandiosa empreza?.. Havia-se ahi disputado mais do que a simples gloria de um nome, e a dicisão de uma batalha; e o legado, que ao caír os primeiros martyres deixaram a seus successores fora unicamente o da vingança com que houvessem de aplacar-lhes seus frios manes, alli sepultos. — Christo e a victoria!... tinham pois clamado os primeiros: — Allá e o Propheta!.. disseram os segundos; e após este grito de reunião e de crença, não havia mais do que proval'o com valentia, ou receber a morte com indifferentismo, para que o guerreiro que a desse não visse nas palidas feições do moribundo ao caír mais do que os signaes, bem proprios, de uma lança que houvesse chegado até ao peito, de uma armadura que se havia despedaçado.

Eis aqui qual era o pensamento sublime de toda aquella geração: — mal o podemos nós compreender e avaliar, porque nos mingua essa mesma fé viva e fervente, que os animava; e porque, ao seu antigo amor de patria e sede de gloria, só anteporemos as nossas ambições sociaes e sordidos enteresses de uma vida material.

Cheio o coração de tão nobres sentimentos de honra, e de tão acrisolado amor, que difficil lhes era pois o vencerem?.. embora recrescessem os perigos, lá onde o lance fosse mais arriscado, melhor encejo o provaria, sem que jamais deixassem de correr ao mais crú das pelejas com a mesma confiança inteira em seu braço e em sua fé.

Taes eram os guerreiros, que ora alli estavam de sobre a planicie contemplando o sol no seu formoso poente. — Tinha-se Affonso 5.º partido de seu reino para novas incursões e correrias por terras da mourisma, e comsigo levara a gente mais luzida e melhor flor de sua cavallaria e de todo o seu exercito. — Fora a principio sobre Arzilla, que elle se dirigira, mas tão desconversaveis se poseram contra elle todas as circumstancias, que houve a final de retroceder para Ceuta, onde então assentára o seu arraial: — mal podia porem Affonso supportar que tal desaire lhe houvesse de empecer em seu nobre intento, como si as contrariedades das estações houvessem tambem de ceder aos seus desejos. — Nada si lhe fazia então mais desejado como o de acertar-se ainda em terreno em que mais a seu talante se houvesse de provar em alguns feitos arriscados contra mouros, para ahi lavar em sangue a espada, que só para a tomada de Arzilla chegara a desembainhar. — Tudo, porem, parecia ir contra os seus desejos: — extenuados de forças, pelas longas correrias, que nas jornadas antecedentes haviam feito por caminhos máos e fragosos, a maior parte dos cavallos estava incapaz de servir, e egualmente os cavalleiros precisavam de recobrar-se por mais algum tempo de descanço. — Uma nova, comtudo, se havia espalhado pelo arraial; constára alli, que Affonso mandara n'aquelle dia sondar e explorar as povoações vizinhas, e que, sem duvida, seu animo sempre cuidadoso em novas traças e ardis, d'alli mesmo preparava algum golpe imminente sobre os seus inimigos. — Todavia, este mesmo boato fora vago, e só durante o dia por alguns momentos occupou a attenção dos soldados.

Deste modo se ia passando o resto d'aquella tarde, sem qne algum novo successo podesse esclarecer o soldado sobre a sorte do futuro dia: — involuntariamente entregava este então seu espirito a uma profunda e vaga meditação, a que insensivelmente o estava convidando aquella hora serena e calada do crepusculo. — Uma larga facha de purpura se estendia por todo o horizonte: — arrobado de mil perfumes o ar que respirava lhe vinha tepido de mil voluptuosidades; e em torno de si só o anhelito morredouro da brisa da solidão vinha de vez em quando revolver a seus pés algumas folhas mortas e amerellentas, e em breve passava com um triste e saudoso murmurio. — Oh! que pensamentos de grandeza e magnanimidade d'alma não deveria suscitar esta hora em um coração nobre e generoso? — Sentado ao por do sol de um formoso dia de outomno, e mudamente con-

Digitized by Google

templando no horizonte as formas aëreas e phantasticas dos nevoeiros, como que sentia coar-se-lhe pelos seios d'alma uma parte d'essa deliciosa melancolia, que em torno de si inspirava a natureza. — Qual seria aquelle que, na presença de similhante espectaculo não sentisse egualmente esboaçar-lhe livre o pensamento por todo esse vago do infinito mysterioso que o rodeia?.... Longe dos seus e da patria, quaes deveriam ser os pensamentos do guerreiro n'esta hora, em que mais que nunca lhe revertem no peito as suas tristes saudades? — Oh! que, sem duvida, alguma ideia de bem amarga tristeza se lhe vinha tambem juntar a todos os seus sonhos de gloria, porque seus olhos se cravavam a espaços no ceu com mostras de bem profunda resignação. — Mas esse que ahi estava, não era um christão, nem siquer um guerreiro distincto do qual tem de depender a sorte das futuras batalhas.... era um joven escravo mourisco: — sentado sobre o angulo de uma rocha e reclinado sobre o lado esquerdo, dissereis, pela sua immobilidade, ser uma estatua, que o cinzel do artista em parte roubara ao seio do marmore, em parte a deixára embebida n'elle: mas de repente um curto gemido lhe escapa dos labios, e a cabeça lhe cáe sobre o peito, como si um pensamento pesado de angustia lh'a fizesse vergar para a terra. — Um gemido?... e que quererá dizer o suspirar do escravo, quando a sós comsigo e a natureza, está meditando?.... Acaso pensará elle tambem como os outros, e ás suas infelicidades reaes e positivas vir-se-hão tambem juntar as outras, ainda mais acabrunhadoras, d'esse mundo ideal do pensamento?.... é pois verdade, que a alma tem duas patrias, e que cançada da primeira onde habita só anhela a segunda? — Alli, no meio de um arraial de christãos, cujos pensamentos são todos de gloria e combates contra mouros, e onde um só não ha, que não desejasse ver para sempre exterminada a raça de Mahomet, o pobre africano, convertido ja pelas aguas do baptismo, d'alli mesmo mandava ainda um suspiro aos seus de amor e saudade. — O nome de Allá lhe não vinha, porem, já aos labios, porque o coração o recusava, e o espirito já n'elle não cria; mas tambem não o maldizia porque fora escarnecer da fé dos seus, a quem amava ainda como a irmãos. — Oh, que se não fosse a efficacia dessa crença ingenua do Christo, que só nas horas de amargura lhe fallava consolações, de ha muito houvera elle ia desistido da vida, porque si ja com os seus não podia viver, qual outra terra seria a patria do affricano? — Taes eram os pensamentos do escravo mourisco: — O vento frio de solidão vinha de vez em quando refrescar-lhe a fronte abrasada de calor, mas o desgraçado, crendo n'ella encontrar algum refrigerio, sómente inspirava saudades que lhe despedaçavam o peito. — Como si não podesse por mais tempo conter a dôr que dentro o oppremia, elle cruzou a final os braços sobre o peito, e olhando depois para o ceu, n'aquella postura de melancolia parecia dizer-lhe. » — Senhor, tende piedade do filho do deserto!»—

Sensivelmente ia já a tarde declinando: — uma nuvem carregada de espessos negrumes se estendia por todo o lado do Occidente, e a fria brisa da noute susurrando ao longe por entre os ramos seccos das giestas era o unico som, que só a espaços quebrava a mudez de aquellas profundas solidões. — A alguma distancia, sobre um pequeno comoro, que dominava a planicie, tres guerreiros completamente armados, com seus lorigões e capacetes d'aço, estavam praticando entre si; sem que parecessem aperceber-se de que bem prestes a noute os colheria n'aquelles logares. — A inquietação estava debuxada em seus rostos; curtas frazes entre-cortadas por alguma exclamação de impaciencia lhe escapavam ás vezes e interrompiam por algum tempo o fio de sua conversação.

E' tarde, dizia um d'elles, è tarde, certamente não virá.

E de novo tornava a pôr os olhos na planicie, que em frente lhe ficava, como procurando por entre as sombras que cada vez vinham caïndo mais espessas, enxergar ao longe o que por aquelle lado impaciente estava aguardando. —

— Muito me arreceio, meus nobres cavalleiros, lhes tornava elle a dizer, que nos não hajamos enganado: vede como a tarde vai ja adiantada!... si de feito o Adaíl tivesse partido, como dizeis, não achais vós que seria ja tempo de ter voltado?... Não, senhores, não me parece possivel, que El-Rei o tivesse mandado a similhante missão; não tenho denotado em seus modos, nem em suas expressões indicio algum de que o houvesse feito, o que bem difficil lhe seria de encubrir si acaso fosse o contrario: — conheço de sobra seu genio para que me houvesse de enganar; na vespera de uma batalha há sempre em sua pessoa alguma cousa que o denuncia, pois bem, eu vos afianço, meus cavalleiros, que nada notei em sua pessoa, por mais que o procurasse descobrir.

— E pensais vós, lhe tornou outro, que si a Affonso se deparasse uma occasião de jogar novas lançadas contra infieis a desprezasse elle?... A fé que não, que mais préza seu genio uma boa cavalgada por terras de inimigos do que as alegres festas de um sarão em salas de seus palacios. — Si o Adail partiu, em busca de alguma boa preza, tambem por certo vo-lo não afiançarei, meus cavalleiros; — mas para que seria deter-nos aqui por mais tempo, si acaso nos não houvesse de querer experimentar ainda em mais alguns feitos arris-

Digitized by Google

cados contra seus inimigos?.... julgais, por ventura, que tão prestes lhe passasse da lembrança o máu successo de Arzilla?.... a alma de um rei, senhores cavaleiros, dtfficilmente se esquece, e Affonso tem uma alma de rei. — Estendei as vistas por sobre esse pequeno arraial, vêde com quão pequenas forças nos somos passados a estas terras d'Affrica para sobre ellas plantarmos a haste de nossa bandeira, ... pois bem, essa pequena força fará Deus que seja um poder insuperavel, porque a lei que proclamamos é a sua, e desse pequeno grito que levantarmos fará um grande brado, que resoará até aos mais remotos fins destas regiões. Somos nós os missionarios de sua lei, cumpre pois que a observemos á risca, sem que nos desanime o que por arriscado houvermos empreendido.

Heis dito bem, lhe respondeu o terceiro; e que importa que a morte haja de ser a final o nosso gallardão?.. é ella procurada por causa tão sancta, que outra jamais poderá haver, que mais nos possa convir, a nós outros cavalleiros que cingimos uma pobre cota de malha. E a fé de quem sou vos juro, meus valentes irmãos d'armas, de que nunca outra desejei, si acaso pelo que tenho feito a houver merecido tão honrosa.

— E qual ha hi que a não deseje?.. Por minha boa espada vos juro, que nunca maior vontade tive de me haver ás mãos com o inimigo do que agora, que este nos parece querer fugir e baldar a victoria. — Entre todos nós quantos aqui somos reunidos, cavalleiros de christo, qual será o que não deseje como eu? — vamos pois, meus cavalleiros, caber-nos-ha a gloria de haver-mos sido os primeiros a encontrar as nossas lanças com arnezes mouriscos.

— E credes vós, que Affonso nos perdoaria a injuria de nos haver-mos partido de seu arraial para combater sem a ajuda de seu braço?.. Cumpre aguardar, que vos não fallecerá occasião de provardes a vossa boa espada em arnezes infieis.

— E que importa que outra se nos apresente si esperdiçar-mos esta, que poderiamos encontrar? — Ficaremos aqui postos aguardando que nos venham accometter, si bem lhes approuver, ou ir-nos-hemos para o reino, contar de nossas proezas em Arzilla?.. Que dizeis?.. melhor quereria ficar aqui enterrado a par de meu montante do que partir antes de ter vingado similhante injuria. —

— Nem injuria nem vingança ha hi para tomar, Dom Cavalleiro, que si nossas armas não tomaram Arzilla foi porque até lá não chegaram. Por certo que máo encejo foi esse de o empreender, porque poderá Affonso vencer com os seus cavalleiros, mas nunca dominar nas estações para que sigam os seus desejos.

— As attenções que devemos ter para com sua pessoa nos vedam por hoje de tentar-mos, o que nos haveis proposto: mas não vos peço senão que aguardeis por inda mais esta noute, e amanhãa, ao romper d'alva, si acaso o Adail, que se diz ter partido, não houver chegado, — nós iremos, meus valentes irmãos d'armas, em demanda de haver-mos ás mãos quem nos pague o enfado de por tanto tempo termos esperado sem resultado algum.

— Seja feito como dizeis, clamaram os dois outros cavalleiros; amanhãa nós mesmos partiremos, e voto vá, que não seremos de volta sem boa presa de caçada: de feito vos digo, senhores que será galharda a tal comitiva.

Assim acabavam suas praticas os tres cavalleiros, e pela ultima vez estendiam seus olhos pela planicie, a quem já de todo cobria uma densa escuridão: ao descerem do pequeno outeiro para onde tinham ido aguardar a volta do Adail, aceitaram então de passar por junto do escravo mourisco, que ainda alli se conservava na mesma posição: —

— Vede, exclamou o primeiro mancebo, com que ar de amargura comtempla este perro affricano as estrellas do ceu?.. Talvez recommende ainda a sua alma ao torpe Mafamede.

— Perro affricano, lhe disse o segundo, mal haja quem cria a serpente, que morde e cospe veneno na mesma mão que a alimenta, porque, nunca os da tua maldita raça deixarão de ser traidores para com os seus. —

Um olhar de amargura e de represado furor foi toda a resposta do escravo: não o viram, porem os cavalleiros, porque ao mesmo tempo sua attenção foi despertada pelo tropear de um cavallo que cerca d'elles vinha correndo: — aguardaram os tres cavalleiros até que mais proximo fosse chegado para o reconhecerem: — Senhores, disse um d'elles então virando-se para os outros dous, seja o ceu louvado por que ouviu os nossos votos: segundo penso, a nossa cavalgada de amanhãa será mais lusida do que soppunha-mos, eis alli quem melhor novas vos trará.

— O Adail, exclamaram os dois mancebos!.. e ao mesmo tempo, dirigindo-se para a tenda real, o adail passou por junto dos dois cavalleiros, e sem demorar a carreira do corcel cortezmente os saudou.

(continuar-se-ha.)

LISBOA: Typ. da A. das Bellas Artes
Rua de S. Jose N. °8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 12) Publica-se todos os Sabbados (Março 21, 1840.

Sociedade Escholastico-Philomatica.

SESSÃO DO DIA 24 D'OUTUBO DE 1839.

Presidencia do Sr.

Thomaz de Carvalho.

Aberta a sessão, lida e approvada a acta, seguiu-se a leitura de um officio do Illm°. e Ex°. Sr. JOÃO BAPTISTA D'ALMEIDA GARRET, accusando a recepção de um officio da Sociedade, e manifestando desejos de pertencer a esta corporação.

Finda que foi a leitura, o Sr. Prezidente propôs para Prezidente Honorario o dignissimo litterato, cujo officio acabava de enthusiasmar todos os socios, que eram prezentes; e requereu a urgencia da sua proposta. Depois de uma breve discussão, passou-se á votação e foi Sua Ex.ª *unanimemente* approvado *Prezidente Honorario*. Nomeou-se então uma commissão, que fosse levar o Diploma a Sua Ex.ª.

Continuou a sessão.—

Uma Viagem ao Sol.

C. 2.°

NO AR.

[continuado do numero antecedente]

Viagem com o demonio. — A atmosfera. — O ar. — A terra. — Um aerolitho, ou uma lua. — As pedras que cáem da lua. —

Continuavamos a caminhar no espaço; mas tal immensidade me abalou, e quasi que tive receio da minha solidão. Porem, quando ja me começava a consternar, percebi um corpo brilhante descrever uma curva no ceu, e approximar-se directamente de nós. Não pude então differençar o que era, por que se me figurava muito mais longe do que effectivamente o estava, e se sua forma fosse redonda certamente o houvera tomado por um astro; porem era muito semelhante a um pedaço de rocha. Finalmente; quando ja estava perto de mim, cessou de brilhar, tornou-se de um escuro avermelhado, e se apprezentou com o volume que na realidade tinha: era uma massa de tres a quatro pés de comprimento, oval, e tendo desoito a vinte pollegadas em sua maior espeçura.

— O que é isto, perguntei eu ao genio?

— É uma lua, me responde elle.

— Uma lua, lhe tornei com admiração.

— Sim uma lua, ou se mais te apraz, um satellite da terra.

— Então uma lua de dois pés da diametro?

— E porque não? o volume não faz nada ao caso.

— Oh! essa é que eu não esperava; porque lá na terra não conhecemos mais do que uma lua, e não compreendo....

— Se não accreditais em mais do que uma lua, é porque tambem não ha mais do que uma tam volumosa, que seja perceptivel: as outras, por muito proximas que vos estejão, sempre a sua pequenês as subtráe ás vossas vistas. Aqui estou eu, que sei de milhares dellas, talvez ainda mais pequenas que o teu pollex. Quando soffrem alguma perturbação, que as atira para a vossa atmosfera, a impressão do ar lhes diminue a força de projecção, e então cáem na terra: e ahi é o ver d'abrir boccas e olhos, chamais-lhe um milagre, ou per sais que vos estão atirando pedras da lua que conheceis: porem para affectardes sabedoria, com toda a prosapia lhes chamais meteoritos, aerolithos, astereolithos. &c. &c.

— E então que é?

— Por largo tempo se ha dito, que caião pedras do ceu; houve quem não accreditasse tal fenomeno, que por ventura era mais facil de negar, do que de explicar. Todavia o facto succedeu tantas vezes, e na presença de homens tam instruidos, que não houve remedio, se-

Digitized by Google

não crêr. Desde então por numerosas e reiteradas observações os sabios tratarão de o confirmar. O fenomeno succede ordinariamente em tempo sereno, ou antes independente de qualquer circunstancia atmosferica. Um meteoro igneo, desses a que chamão *bolide* ou globo de fogo, sulca repentinamente os ares, retumba depois com estrondo ou detonação ao caïr na terra, e em vêz delle se encontra uma massa mineral, um aerolitho em uma palavra.

Todas estas pedras são, com minimas differenças, compostas dos mesmos principios chimicos: conteem muita silica, ferro, magnesia, enxofre, nikel, manganés e chromio; e tambem nellas se encontra, ao menos nas que caïam em Alixem Provença, uma certa quantidade de carvão. Provavelmente materias susceptiveis de se vaporisarem por uma violenta acção do fogo entram egualmente em sua composição mas evaporam-se necessariamente pelo calôr prodigioso, que a fricção produz nas pedras ao attravessar a atmosfera.

— Deverás notar, me diz o demonio interrompendo-me, que esses asterólithos não podem ser formados na terra, porque o nikel e o ferro existem nelles no estado metalico, o que se não vê em nenhuma aggregação mineral terrestre. Continúa.

— Passo agora ao modo porque os sabios teem explicado este fenomeno. Todas as hypotheses, até hoje avançadas a este respeito, se podem reduzir a trez: 1.° creo-se que os aerolithos erão verdadeiros meteoros, que se formavam nos ares por aggregação, como a chuva e o gelo; mas nunca os seus elementos constituintes se acharão no ar atmosferico, ainda que se haja analyzado em todas as alturas, a que o homem pode subir, e os elementos se tenhão encontrado sempre os mesmos, em toda a terra. Alem disso o azote e o oxigenio, que são os principios da atmosfera, não podem dissolver as substancias de um aerolitho. Depois, si estes elementos existião no ar, era mister para ahi se sustentarem, que suas moleculas ahi estivessem extremamente disseminadas: ora como fôra possivel, reunirem-se tam rapidamente para formarem uma pedra de muitos quintaes, como as que se conservam em Ensisheim, ou tres a quatro mil pedras de diversos tamanhos, como as que foram lançadas pelo meteoro de Laigle. Quererão por ventura que fossem formadas pelas affinidades chimicas? porem os elementos que as compõem só estão reunidos por aggregação, e não por combinação. Dir-se-ha que houve tempo para esta aggregação se formar, tendo-se estas particulas sustentado largo espaço no ar entre duas nuvens por seu effeito eletrico, como Volta explicou a formação do granizo? mas é certo que os aerolithos caem as mais das vezes, quando o ceo está limpo de nuvens. E, quando mesmo se admittissem todas estas cousas, restava ainda explicar como descrevem estes pertendidos meteoros, ao caïr, uma curva quasi horisontal, e porque esse movimento de translacção horisontal eguala algumas vezes a ligeiresa da terra no circular a sua orbita. —

— Ora eis ahi o que é ter juiso; dis o demonio.

— Pensa o autôr da mecanica celeste, o celebre Laplace, que são os arlithos arrojados por algum volcão da lua.

— Por certo que mais que extravagante me parece essa idêa.

— E todavia é a mais vorosimil. E, com effeito, se acaso ha volcões na lua (o que inda não está provado) é possivel que tenhão força sufficiente para arrojarem uma pedra fora da atmosfera deste astro, avaluando os astronomos esta força na mesma proporção, que a de alguns volcões da terra. O aerolitho, havendo transposto os limites que existem entre o systema d'attracção da lua, e o da terra, o que póde succeder em differentes direções, fica por esse motivo, como me haveis dito, sendo um satellite da terra, porem um satellite que soffre immensas perturbações em rasão do pouco volume de sua massa, as quaes vem a final metel-lo na atmosfera terrestre, e fazendo-o caïr na sua superficie...

— Oh! agora essa!

E então! Lá temos o astronomo Chladni, que professa a mesma opinião: julga elle, que essas pedras são fragmentos de planetas, e até pequenos planetasinhos, que circulando no espaço, entrão na atmosfera terrestre. — Não explica esta hypothese a identidade da composição dos aerolithos, excepta se suppuzermos que todas essas miniaturas de planetas são absolutamente da mesma natureza.

— E porque não?

— Mas donde virião?

— Oh lá! meu amigo, bem pouco esperava por pergunta tam fora de proposito! da mesma fabrica que os outros .... e nada mais.

UM BRADO A FAVOR DA AGRICULTURA.

Para ninguem será objecto de contestação os progressos que nestes ultimos tempos teem feito as sciencias em geral; e, graças á nossa regeneração, esses progressos vão cada dia sendo mais proveitosos. A Agricultura, porem, apezar de um pouco mais favorecida, pode dizer-se não ter recebido grande impulso, e jazer ainda no mesmo atrasamento em que estava. E será por ventura esta sciencia digna do esquecimento dos Governos? será ella merecedora de que entre as numerosas leis que se hão publicado, uma

Digitized by Google

se não faça em seu favor, e a colloque, pelo menos, a par do grau em que está posta nas visinhas nações? ninguem o affirmará.

E' verdade que já livres de dizimos, terços, quartos, Laudemios e Luctuosas, e uma immensidade de impostos, os Lavradores se trocam os parabens; mas não é unicamente por este modo que se deve favorecer uma sciencia de que depende a prosperidade de qualquer nação. Basta olhar-mos para a sua cathegoria e vantagens para nos convencer-mos do que levamos dito.

E' sabido que viveram os homens sem patria nem sociedade, si não fóra a Agricultura pois divagando pela superficie do globo, jamais se reuniram para mutuamente se soccorrerem. Não tendo propriedade, que tinham elles que guardar? toda a terra fóra a sua patria, todos os homens a sua sociedade, e errando sempre de clima em clima, onde mais prodiga fosse a natureza, ahi se demorariam em quanto produzisse, e a deixariam logo que fosse esteril. Foram os homens todos o que ainda hoje são os selvagens da America, que sem propriedade nem patria, ora estanceam aqui, ora álli, onde finalmente a natureza temporariamente os sustenta.

Olhai para os homens da cidade, e vel-os-heis sempre debeis, fracos, arruinados, assalfados de doenças, quer pela vida sedentaria, quer pelos affanos das artes e do commercio: e quem vem regenerar essa massa já como podre e cachetica? são os homens do campo, a quem a Agricultura conserva as naturaes forças e varonil vigor da especie, a quem a practica d'esta sciencia dá um estado de saude e perfeição de costumes, como patriarchaes. Cousa é demonstrada, e conhecida por todos, que quando quizermos avaliar a prosperidade de qualquer povo, lancemos os olhos para a sua agricultura, e do seu estado mais ou menos florescente, julgaremos da felicidade que esse povo goza.

Entre nós, porem, mui pouco como dissemos, está ella adiantada, sendo essa uma das principaes cauzas da mizeria em que jazemos. Não basta o gozarmos já dos verdadeiros principios da justiça, humanidade, e interesse publico, não basta o ser ja respeitado o direito de propriedade; serem proporcionalmente os impostos repartidos, e abolidos os previlegios: é mister adiantar a agricultura com a applicação da Phisica, Chimica, Botanica, e demais sciencias, que com estas estão em mutua harmonia e dependencia.

Hoje, que já se trata de emprezas sobre pontes e calçadas, o Governo deve sempre ter em consideração, as vantagens que resultão ao Agricultor do bom arranjo das estradas e caminhos visinhos, pela facilidade dos trasportes e commodidade dos gados, pois estes grandes meios de communicação são as arterias do corpo social, vivificando todos os seus orgãos, tornando communs a cada nação os productos de cada localidade, aperfeiçoando a civilisação, multiplicando as relações entre os homens, fazendo penetrar as luzes até na remota choupana do mais pobre pastor.

Sendo maxima politica, dever todo o Governo vigiar pelo interesse de todos, seria vantajoso haver junto a cada um dos Administradores dos Concelhos um Engenheiro de Pontes e calçadas com conhecimento de Chimica Agricola, o qual extranho a todo o interesse especial de localidade locasse os caminhos vesinhos, fizesse entrar cada um nos limites primitivos da sua propriedade, estabelecesse os planos e marcos, prescrevesse o emprego dos materiaes os mais convenientes, servisse de conselheiro ás Camaras, e Administradores para execução dos planos, e sobretudo ao gricultor, ensinando-lhe a conhecer o terreno mais proprio para esta ou aquella cultura, e sua qualidade, assim como para destruir os vermes e insectos, que muitas vezes devastam certas localidades.

Si chegar-mos a ver no nosso Portugal não se limitarem os agricultores á cultura dos cereaes, e conhecerem que só uma parte das precizões da sociedade forma esta producção; si chegar-mos a ver o Agricultor, instruido, e ensinado pela theoria methodica, avisada pratica, analysar o sólo, dar os sementes ás terras proprias, e colher abundantes fructos, poderemos dizer, que é desde esse momento que começa a felicidade da nossa Patria.

A. G.

OS GUEBROS OU PARSIOS.

Nesses remotos tempos em que a Persia teve tão bem uma existencia politica, florescia nella um sistema de religião, a que chamavam dos *mágos*, os quaes ensinavam a existencia de dois principios totalmente differentes, o principio de todo *bem* e o principio de todo o *mal*. A luz era o symbolo da prezença do bem, e como o sol era o manancial de luz mais pura lhe tributavam um culto religioso, adorando-o, não por que fosse o corpo mais brilhante e admiravel da natureza, mas por ser um principio do bem, como o davam a conhecer todos os effeitos beneficos, que delle resultavam para os homens. Os ritos e ceremonias da sua religião eram feitos nas mais altas montanhas ou nos lugares descubertos, onde os raios do Sol batessem sem impedimento, porque, diziam elles, os templos sempre o encobrem em grande parte. Ja os seculos haviam alterado e até corrompido estas doutrinas, quando no reinado de Dario Hidaspe (segundo alguns) appareceu Zoroastro ou Zerdhust, que, fazendo reviver a antiga crença dos dois principios ensinou alem disso a pra-

eminencia de um ente Supremo a que chamaram *Merdan*. Zoroastro não supprimiu a adoração do Sol; mas julga-se que fora o primeiro que introduziu o culto do fogo, para que os crentes, quando o Sol estava posto, não estivessem privados do symbolo da sua divina prezença. Levantaram-se templos para se conservar este fogo sagrado, e dizem os guébros que o lume, que ainda hoje arde nestes templos, foi propagado do primeiro que Zoroastro obtivera do Ceo, e que infinitos milagres haviam preservado de se apagar. Os seus cuidados e adorações não se lemitavam tam sómente a estes templos, onde o fogo estava guardado com tanto zelo e respeito, reverenceavam tãobem a terra e a agoa, e era por isso que nem queimavam os cadaveres, nem os enterravam ou lançavam aos rios, para não profanarem estes elementos; mas os deixavam expostos ao ar nos eirados de certas torres ou plataformas, até que as aves de rapina e a corrupção os ruduzisse a esquelètos: então recolhiam os ossos em urnas e as depositavam em cavernas ou debaixo de grandes montes de terra.

Depois da conquista da Persia pelos Arabes começaram os pobres *gonros ou guebros* (infiel) a soffrer uma grande perseguição, não sómente dos arabes conquistadores, mas tãobem de grande parte da Nação que em breve abraçou a religião dos seus vencedores. Este odio e desprezo com que erão tratados obrigou-os a emigrar, espalhando-se por aquellas vastissimas regioẽs, de modo que actualmente apenas alguns restos existem na cidade de Yezdo, na esteril provincias de Kerman, onde ainda conservam um templo com o seu lume sagrado, que dizem ser o primitivo de Zoroastro.

No territorío de Bombaim he que ainda hoje existe a maior porção desta raça proscripta em numero talvez de 120.000 fâmilias, 6.000 das quaes habitavam na capital » Em toda a India não teem os inglezes mais uteis, opulentos e bem procedidos subditos, que estes, nem ha classe alguma de naturaes do paiz, que mais intímamente se ligue com a nação Britanica — Os habitos desta gente não oppoeem barreiras, que obstruam a liberdade do commercio, como os Indios e mahometanos; não teem castas, comem de todas as iguarias, bebem vinho e apenas teem uma mulher. As familias ricas adoptaram muito o modo de viver dos inglezes e até seus filhos aprendem a lingua ingleza. São generosos e amigos de soccorrer todo e qualquer desgraçado, principalmente sendo da sua tribu, da qual se não conhece um só mendigo. Exercem todas as artes e officios, excepto aquelles que dependem do uzo do fogo, e he por isso que aborrecem a milicia onde sempre se empregam espingardas, artilharias, &

Dividem-se em Clerigos e seculares: aquelles destinguem-se dos leigos por trazerem um turbante branco e vestidos mais simples e despidos de ornatos, principalmente os que se occupam no serviço dos templos.

» Estes modernos parsios conservam ainda muitas praticas e opiniões dos antigos magos. Em Bombaim, de manhãa e de tarde se juntavão nas esplanadas para adorarem o Sol no seu nascimento e occaso. Tãobem observam quasi o antigo uzo da collocação dos defuntos: expoem os corpos n'uma plataforma de pedra cercada de muros altos onde em breve os consomem as aves de rapina. Ajuntam os ossos em uma especie de cisterna no centro do terrado que tem entrada por uma passagem subterranea para a deslocação das ossadas de tempos a tempos. Não consentem aos estrangeiros observar as exequias, nem examinar aquelles terrados dos quaes cinco existem na ilha de Bombaim posto que nem todos em serviço effectivo. As familias abastadas teem seus jazigos particulares mas todos de egual construcção. N'alguns destes ultimos ha por cima um engradamento de ferro que veda o ingresso das aves decompondo-se os cadaveres só pela acção dos elementos e natural dissolução. —. O livro sagrado dos parsios ou guebros, (nome que na Turquia e outros paizes mahometanos denotava todos aquelles que não são musulmanos, mas que na Persia era só empregado para designar esta casta) chama-se Zendavesta e attribue-se a Zoroastro. Em muitos particulares coincide notavelmente com as Escripturas hebraicas, de fórma que muitos julgam que o author obtivera conhecimentos da religião Judaica talvez do propheta Daniel ou de outro qualquer Judeu captivo em Babylonia ou em Suza. — Os Parsios da India nestes ultimos tempos patentearam grande empenho em adquirir informações concernentes ás praticas e noções religiosas de seus antepassados; a fim de as obterem, mandaram por vezes á Persia pessoas intelligentes para que collegindo livros, tradições, e outros documentos, chegassem a descubrir o que tanto desejavam. Por este meio alcançaram, alguns annos ha, uma copia do *Desatir*, que foi impressa juntamente com uma versão ingleza, em Bombaim debaixo da protecção britannica. Este livro he summamente interessante, e apezar da remota antiguidade, que lhe attribuem, encerra evidentes provas de ter sido escripto muito posteriormente á conquista da Persia pelos arabes.

A Morte do Fronteiro

CHRONICA — ROMANCE.

2

A Prophecia

Largo espaço havia já que a cerração da noite era completa: — ao mais formoso dos dia

Digitized by Google

se ia então succeder uma d'essas noutes estivas cheias de agradavel fresquidão e amenidade: — o astro do dia, como um disco abraseado, se havia de ha muito sumido no horizonte e totalmente desaparecido ja na parte mais extrema do occidente; — brandas viraçôes, cheias de veluptuosos aromas, volitavam sós por entre as folhagens, e caprixosamente movendo-as enchiam os ares de descompassados e harmoniosos susurros. — Tinha-se aquella tarde escoado tão breve e tão saudosa, como um sonho de phantasticas promessas em arrobados enleios da fantazia; e ao continuo lidar de afadigados trabalhos vinha então com a noute o reposso tão preciso aos exercicios materiaes da existencia. — Cançados afinal da longa expectação, em que os tivera todo aquelle dia, entravam os guerreiros suas tendas e pousadas nocturnas remettendo em sua nobre segurança ao dia seguinte a sorte propicia ou adversa dos futuros eventos.

Cerca de um pequeno rio, em cujas aguas tremulas e espelhantes se estava retractando com indesivel contraste de situações a abobeda estrellada dos ceus, era o assentamento geral das tendas e abarracamento do pequeno exercito christão. Não seria, todavia, difficil destinguir entre as mais, uma, que pela sua maior grandeza, pela melhor posição que occupava, e pavilhão que n'ella tremulava, claramente estava mostrando ser a principal entre as outras; e com effeito essa era a tenda de Affonso, entre o seu qequeno arraial — Grande chusma de guerreiros, pagens, alabardeiros e homens d'armas, alli estava reunida, e entretidos todos em differentes praticas promptos aguardavam as ordens d'El-Rei.

— Senhor Pero Lopes, dizia um dos pagens para outro, que junto d'elle estava, vede como nos enganamos: em cousas de guerra nem sempre é tão facil de acertar, como suppomos, porque ás vezes o que de mais longe se espera é o que de mais subito nos accomette.

— Não ha duvida, respondeu o outro, ambos nos enganámos: — com effeito o adail chegou hoje mesmo ao arraial, e, segundo creio, não terá j'agora de ser por muito mais tempo demorada a nossa partida: — largo espaço esteve El-Rei em pratica particular com elle, e mui gostoso mostra ser das novas que d'elle recebeu.

— E credes vós, atalhou o outro,....

— Que amanhãa mesmo partiremos sem mais demora.

— Seja pois em hora feliz, exclamou o pagem com um mal disfarçado suspiro: — sem embargo, Senhor Pero Lopes, bem sabeis, que ainda bem pouco tempo ha que aqui somos chagados, e que não fora dessarazoado o termos mais algum tempo de descanso para melhor recobrar-nos nossas forças.

— Bofé! meu companheiro, — quando vistes, vós que para correr atraz da lebre que se alevanta deixar primeiro descançar o galgo que a deve perseguir?.. se sempre assim vos houverdes tereis de fazer ruim caçada: — alem do que, segundo ouvi dizer mui proxima será a cavalgada porque não passara das serras vezinhas.

— Não o digo por isso, Senhor Pero Lopes; mas para que mais seguro houvesse de ser o seu resultado cumpria que defferindo um pouco melhor encejo se aguardasse de acertar.

Isto diziam os pagens conversando entre si ácerca da proxima cavalgada, quando junto delles passáram os tres cavalleiros, de que já acima fisemos mensão para entrarem no apozento d'el-rei: — não chegaram porem estes a entrar, porque ao mesmo passo Affonso e os da sua nobre cometiva vinham saindo do aposento real: —

— Meus Cavalleiros, lhes dizia Affonso, vede como claramente o ceu nos protege?... Que gentilezas de valor não tem de esclarecer o sol de amanhãa sobre estes plainos d'Africa? Á fé de quem sou, vos juro, que nunca melhor cavalgada imaginei do que esta será, nem com maior empenho entrei jamais em outra: era tempo, emfim, de alentar nossas esperanças; — o ceu nos devia uma victoria, e na occasião que ora nos appresenta claramente nos mostra o caminho de a alcançar. — Si eu não soubesse, continuava Affonso depois de uma breve pausa, que em vossos corações tanto como eu a dezejaveis,... quão facil me fora por tantos motivos de excitar a vossa coragem?... qual ha hi a quem o brilho de um nome não comova, e a fama de uma victoria não enthusiasme?... mas não é d'essa gloria, que tão prestemente se acaba, que ora só devemos curar: — attentai em que sobre nós vigia um poder mais alto, e que não combatereis unicamente por vós e pelos vossos, mas que a palma da victoria que alcançardes, embora ella seja a do martyrio, será tambem a do triunpho de vossa crensa: de-nos ella embora suas palmas tintas de sangue, mas que o mundo reconheça, que por nossa parte temos feito quanto cumpria fazer para a obter sem mancha. — Ide-vos meus cavalleiros, que ámanhãa todos nós haveremos mister de nos ajudar como a irmãos; na terra cumpre a Affonso indicar-vos o caminho que deveis seguir; — no ceu Santiago nos dará a victoria. —

Deste modo predispunha Affonso seus soldados para o seguinte dia: — em suas feições, verdadeiramente nobres, estava estampada a satisfacção que ora no peito lhe transbordava, e que elle a seu pezar mal podia conter. — Cheio de seu magnanimo enthusiasmo, quando aos seus assim fallava da victoria mais parecia dar-lh'a ja como certa do que como cousa que ainda a sorte houvesse de decidir. — Confiavam, todavia, os guerreiros em sua nobre resolução

Digitized by Google

e presença d'animo, e em suas expressões, cheias de fogo e vehemencia, bebiam uma parte da confiança que tão vivamente os excitava — Comtudo, elles se apartavam ja d'aquelle logar: o ruido dos passos e susurro das vozes se ja percebendo cada vez menos distincto á medida que d'alli se allongavam, e em breve espaço o sitio tornou a ficar, como d'antes, triste e silencioso, unicamente allumiado pelos raios da lua, que dos ceus os estivera contemplando.

Dois cavalleiros só permaneceram no mesmo logar: — a phisionomia do primeiro, onde a par de uma expressão de contentamento alguma cousa se percebia ja de profundamente sentido e pezaroso, se cubria á final de uma espessa nuvem de tristeza: seus olhos que até alli haviam brilhado com tão vivo enthusiasmo, se cravavam agora no ceu com bem diverso sentimento. —

— Conde, lhe dizia o outro, vede como se apartam contentes estes guerreiros tão cheios de confiança na rectidão de sua causa! que tão nobre enthusiasmo de valor em peitos tão juvenis!.... oh! praza aos ceus não deixar baldadas em um só dia tão formosas esperanças do futuro.

— Senhor, lhe respondeu o Conde, e credes vós que assim tenha de ser?.... por ventura tão pouco confiais em sua recta justiça?..... Qual ha hi, que de bom grado não exposesse mil vidas quando por tão sancta causa se peleja? — esse mesmo punhado de mancebos, a quem de tão longe trouxera sua sede de gloria, são mais do que simples guerreiros com batendo por o lustre de uma victoria, — são os missionarios de uma lei sancta e que trabalham por uma empreza mais que humana: — nem eu sei, Senhor, como de outro modo houvessem de vencer, si acaso um poder mais alto os não dirigisse e lhes não fallasse ao coração bem diversamente do que aos outros se explica. — Eis aqui, Senhor, o que todos elles sentem com mais força ainda do que o podem expressar labios, e com sentimentos taes quem não contará com a victoria. — A vós, Senhor, vos cabe a gloria de os haverdes guiado na carreira; a vós porque tendes uma corôa, e porque Deus vos escolheu para tão alto mister.

— E como não é pesada essa corôa, lhe respondeu Affonso, quando sobre uma cabeça só está pesando! Mas tenha de ser qual for o resultado d'essa eleição que de mim lhe aprouve fazer, como cavalleiro e como rei me heide haver, que a fé, que a não heide deixar manchada com nma nodoa de infamia. — Essa corôa, que por meus avós me foi legada, tão formosa e tão devidamente cubiçada, si a não poder fazer maior do que ja a elles fizeram por suas proprias mãos; pura lh'a heide deixar, sem que uma só das suas joias lhe haja desmerecido no valor. — Não temos nós direito de escolher, mas cumpre-nos tal qual ella é percorrer nossa carreira. —

Nas expressões de Affonso havia então um tal caracter de grandeza e constancia, que difficilmente deixaria de comover, e que difficilmente se exprime: — o que o houvesse visto n'aquella occasião e no mesmo logar, tendo só por expectadores o céu e a terra, a noute e os astros, ao ouvir-lhe o que de dentro d'alma assim lhe estava fallando, comsigo mesmo diria, — *tu és o rei dos christãos*, só tal crença pode fazer tal rei, porque não é do coração humano juntar a tantas virtudes de valor outras tantas de humildade e resignação. — Largo espaço estiveram os dois praticando ainda acerca da batalha do futuro dia, até que a final o adiantamento da noute os veio advertir de que dentro em poucas horas o sol teria de apparecer: — não poude Affonso ao apartar-se do nobre conde, a quem sobre todos presava, pelo seu assignalado valor e pelas muitas provas que já d'elle havia dado como fronteiro n'aquella mesma terra, deixar ainda de lhe dirigir as palavras seguintes.

— Fronteiro, lhe disse elle, — que amanhã o céu nos proteja, e a victoria nos fique pertencendo.

— Com ella deveis contar, lhe respondeu este: mas ao mesmo tempo seu rosto se carregou, como si uma lembrança subita lhe houvesse passado pelo espirito: — com elle deveis contar, Senhor, mas ao céu cumpre decidir d'aquelles que a terão de disfructar.

A lua limpa dos espessos nevoeiros que a haviam encuberto saia então no alto dos céus, e de em torno espalhava seus raios tristes e macilentos por sobre o pequeno arraial dos christãos: — havia-se a noute alongado já consideravelmente, e a esta hora silenciosa de seu curso tudo repousava na terra: — só lá de espaço a espaço o grito lugubre e monotono dos vellos vinha quebrar a mudez dos echos vizinhos, e uma ou outra vez despertar alguma ave nocturna adormecida nos ramos, que com seus pios lastimosos enchia o coração de tristeza. — Alta ia a noute e calada: ao bochornal silencio do dia se seguia então uma noute ameña cheia de fresquidão e perfumes: — tudo era silencio, mas que silencio aquelle!... o que precede um dia de combates!... Dormiam uns, mas seus pensamentos vellavam, e n'alma lhe reproduziam mil scenas variadas já do futuro dia: — este sentia o sangue gellar-se-lhe nas arterias; da mão de ferro, como que o tinha alli encadeado sobre o leito em que dormia e lhe dava a beber o mais cruel absynthio: — pallido, convulso e espavorido, acordava afinal de seu pesado somno, queria persuadir-se de que tudo não fora mais do que uma illusão, mas no coração lhe ficava impresso o mais completo descorçoamento. — Vellavam outros, mas

Digitized by Google

suas vigilias não eram melhores do que o somno desinquieto d'aquelles; — mil ideias vagas lhe enchiam a alma de terrores e embalde procuravam affogentar de si suas imagens pavorosas.

Mas si dentro das tendas e barracas do exercito tudo era inquietação, fora d'ellas tudo era silencio e amenidade: — si o somno ali era agitado, si alli haviam sonhos de vingança, de mortes e perdições, aqui, pelo contrario, tudo era puro e aprazivel. — Um céu emmenso, tauxeado das mais ricas gemas, como que contempla a terra a abraça e fecunda: — aqui um só pensamento não ha de morte nem de rancor; — é o repouso de um mundo que esta dormindo socegadamente seu somno de delicias em braços d'outro, que o contempla e allumia, —

Assim se ia passando o resto d'aquella noute: — um cavalleiro só se vía ao longe estar vellando em profunda meditação: — o capacete d'aço, a espada e a cota de malha, tudo n'elle dava indicios de ser algum guerreiro christão: — mas immovel e n'aquella postura melancolica, dessereis antes ser uma estatua do passado vellando sobre campa de finados: — quereríeis antes que fosse alguma sombra vaporosa, algum sonho da phantazia escaldada?... Todavia, o guerreiro que alli estava era o mesmo, que poucos momentos antes estivera praticando com Affonço, e que tendo saído de seu apposento viera para o meio da planicie para refrescar sua frente abrasada com a pura brisa da noute. — Elevado em suas meditações, D. Duarte de Menezes, o nobre Fronteiro d'Affrica, não tendo podido gosar do descanso dos seus, viéra alli pedindo á noute lhe desse algum refregerio: — um pressentimento occulto lhe pesava n'alma; — oh! não era o receio, porque a alma do Fronteiro era em tudo digno d'elle, mas sem duvida alguma ideia de bem amarga tristeza: — derrepente a follhagem que por detraz d'elle ficava foi violentamente agitada, e um vulto a quem as sombras da noute encubriam parou a alguma distancia na escuridão: — não tardou o cavalleiro em pôr-se em guarda, e resoluto esperava quem quer que fosse, quando o joven mourisco, de quem ja acima fisemos mensão assim lhe fallou.

— Senhor Conde, lhe disse elle, eu vos procurava....

— E que queres tu responder o cavalleiro?

— Vede como a noute vai alta?... julguei que precisasseis de mim, porque ja tudo dorme no arraial.

— E que importa que tudo durma,... cumpre-me a mim vellar porque não poderei gosar siquer já agora o somno de um soldado. — Oh! si tu me podesses compreender!... mas não importa, Deus fará que em tua alma esclarecida já pelas aguas do baptismo raia mais alguma luz de intelligencia para que me possas entender.

— Attenta, que ainda haverei mister de ti: — sei que minha derradeira hora deve em breve soar: — o sol de amanhã ja o não terão de vêr pôr meus olhos, porque a esse tempo dáxarei de existir: — o dia (*) em que n'um combate meu braço seguir o comando de outrem, esse é de minha ultima peleja. — Eis aqui a prophecia que me ha sido feita e q. só hoje me alembra porque Affonso está entre os seus: — até hoje nem uma só vez a ideia de morte se me aprezentou, e todavia meu braço está cansado de a ter dado a tantos outros. — Mouro, lhe disse elle depois de uma larga pausa: — quando o velho eremita me fazia taes revellações era a esta masma hora e em logares similhantes: — o céu nos contemplava tambem cheio de melancolía e tristeza, e o ástro da noute, como uma alampada mortiça a prumo sobre nossas cabeças, parecia de lá presedir á horrivel prophecia: — ei-la alli, qual então a viram meus olhos, triste e silenciosa, como um chamamente do céu que para lá me convida!...

— Senhor, as vossas palavras me enchem de terror: — vinde gosar de algum repouso.

— Quero antes encarregar-te de uma missão importante; amanhã é o dia marcado para a peleja; si ate hoje meu braço não empunhou mais do que uma espada de Cavalleiro, quero pela ultima vez que hei de combater empunhar a espada de meus avós: — Corre, lhe disse elle, — e que amanhã D. Duarte de Menezes te não veja vir sem a espada com que deve combater o Fronteiro.

Partiu-se com effeito o escravo e o guerreiro tornou a ficar só; a sua meditação foi então mais profunda, e alli permaneceu por toda aquella noute: — era esta a primeira vez que elle receiava, não por si, mas pelos seus; — todo esperançado no Divino curvava a cabeça com devoção, e a suplica que de seus labios saía era um canto inarticuladado, que em verdade os labios haviam começado, mas que se continuava no coração do nobre cavalleiro, intimo e profundo em notas que a lingua não podera exprimir. —

Vinha entretanto alvorecendo o dia tão formoso e cheio de galas como si viesse dando já os emboras da victoria: — dispertava com elle egualmente todo o arraial, e dentro de poucos momentos tudo era movimento e susurro. — Os sonhos se haviam dessipado com arraiar da aurora, e este canto de guerra, repercutido ao longe pelos echos das montanhas, alentava os guerreiros no seu despertar.

(*) Tradicção historica.

Digitized by Google

Eia, sus, ó Cavalleiros,
Vossas cotas envergai,
Promptos lanças enristai,
Que vos chama a voz da p'leja.

Por Deus foi a vós guardado,
Deste solo o senhorio,
Caia á terra o mouro impio,
Que o seu reinado expirou.

Qual ha hí, ousado e forte;
Guerreiro que preze a fama,
Si quando victoria o chama
Não ousa armas tomar.

Eia, sus, ó Cavalleiros,
Vossas cotas envergai,
Promptos lanças enristai,
Que vos chama a voz da p'leja.

Verdes palmas da victoria,
São do nobre cavalleiro,
Que o seu montante primeiro,
Tingir de sangue infiel.

Fugi... filhos de Agar,
Já luziu a térsa espada,
E em vossa terra plantada
Se arvora a cruz do Senhor.

Raça infiel e descrida,
A morte p'ra vós conduz,
Impios!.. curvai-vos á cruz,
Si não q'reis impios morrer!

Eia, sus, ó Cavalleiros,
Vossas cotas envergai,
Promptos lanças enristai
Que vos chama a voz da p'leja.

Os derradeiros sons deste canto marcial se perdiam ao longe pelas planicies, e n'um ou n'outro animo ainda mal resoluto dos que o ouviam vinha dessipar algum receio, ou avigorar alguma esperança amortecida. — Cavalgar, cavalgar, meus cavalleiros! — gritava a chusma dos mancebos christãos: — 'Que bello dia este para uma correria por terras de mouros para exercitar nossas lanças e espadas! — Vede como o sol se alevanta magestoso por sobre os pincaros d'aquelles rochedos, onde em breve nos veremos reunidos, e onde o nosso primeiro grito de sundação, será o grito que acompanhe o arremeçar de nossas lanças. — Avante, meus valentes irmãos d'armas! — Sanctiago nos dará a victoria: — D'alli a poucos momentos o campo se havia levantado, e os Cavalleiros de lanças feitas se dirigiam cavalgando em demanda das serras vizinhas.

(Concluir-se-ha.)

—•—

IMITAÇÃO D'UNS VERSOS DE VICTOR HUGO.

Si eu fosse Rei, cederte-ia o sceptro,
Os bens e a gloria com o povo meu,
Da terra as pompas e do mar as frotas,
Tudo por um riso teu!

Si fosse um Deus, o mar e a terra,
O espaço, o cáos, a eternidade, o ceu,
Os Anjos todos, ante ti curvados,
Tudo por um beijo teu!

V.

ADVERTENCIA.

Os Senhores Assignantes, que quizerem continuar as suas assignaturas, queiram dirigir-se ás lojas abaixo designadas no annuncio.

Os Senhores Assignantes de Coimbra que ainda não pagaram o importe do 1.° trimestre, queiram fazer o obsequio de o entregar a João Correa Ayres de Campos Estudante Juridico, d'essa universidade, e nosso correspoudente ahi.

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo disignadas Rua Augusta n.° 1, da viuva de João Henriques e filhos: Rua Augusta n.° 102: Rua do Ouro n.° 140. Rua da Prata n.° 109, e na de Bordallo, Rua dos Capellistas n.° 26. Por 6 mezes 720 rs.: 3 mezes 360 rs.; e avulço 30 rs.

LISBOA:

Typ. da Academia das Bellas Artes
Rua de S. Jose N. °8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 13) Publica-se todos os Sabbados (Março 28, 1840.

Uma Viagem ao Sol.

C. 3.º

O VEHICULO

[continuado do numero antecedente]

Gravitação do aerolitho — A lua — Calôr do espaço. — Atmosfera do sol — Manchas do sol — Montanhas — Nuvens — Pen-umbra.

Tinha-me esquecido de contar, que durante esta conversação, eu e o genio nos haviamos assentado no aerolitho, e assim viajavamos como sobre um dragão volante. Unicamente, como ao circular em roda da terra, a nossa lua em miniatura tinha tambem seu movimento proprio de rotação sobre si-mesma, nos acontecia, em cada uma das revoluções diversas, andarmos de cabeça para baixo, e de pernas para o ar, comparativamente ao sol; mas por muito extraordinaria que pareça aos meus leitores esta posição, em nada nos incommodava. Estavamos nas mesmas circumstancias em que estão os habitantes da Nova-Hollanda relativamente aos de Paris, que andam pés contra pés, sem que por isso deixem de andar muito a seu commodo. Lembra-me que pouco depois da epocha de que vos fallo, a *lua* que nos servia de *omnibus* soffreu tal perturbação que se precipitou na terra; e se não me engano mui bem a conheci ao depois no gabinete de historia natural.

Assim que soceguei de tal commoção, partimos com tal ligeireza, que em um instante chegamos..... ja vos digo aonde.

— Sinto frio, disse eu ao demonio.

— Assim o penso, me respondeu elle, porque em todo o espaço que acabamos de percorrer, como em todo o espaço infinito, o thermometro desce 59 graus abaixo do gelo, nunca mais, nem menos.

— Bem sei, foi Fourrier que o disse. Mas todavia tenho frio.

— É talvez porque estamos proximos do sol, onde devemos descer dentro de cinco minutos.

— Estais gracejando, não é verdade? Si por infelicidade nos approximassemos, unicamente alguns milhões de leguas do sol estivéramos immediatamente assados. Assim o disse Newton.

— Pateta! por que um homem tem genio, por que rompeu o veu que cubria uma ou duas verdades, devêmos logo crêr que está izemptos de errar, que é advinho, feiticeiro etc! Newton errou: (*) *si fores pronunciar este sacrilegio defronte d'essas crianças mathematicas atirar-te-hão á cara com um milhão de numeros ou logo te encovarão vivum acto: julgam os miseraveis que por um pedaço de Bezout, que nas Polytechnicas lhes encaixam a martello na cabeça, estam já aptos para tudo decidirem no celeste e no terrestre, para de tudo fallarem, para tudo compreenderem.*

.... promptos contendem
Promptos decidem no que nada entendem.

e depois vel-os-heis pelas sociedades, a gritar, a esbracejar, a suar para tudo explicarem com os seus X. V. e — e = e outros que taes signaes, ficando por terra ao menor argumento sofistico d'um pobre estudante de re logica.

Mas deixa-os lá e fica certo que Newton errou; e eu to vou provar. —

Ao deixar o aerolitho tinha eu visto o sol de um branco resplandecente, não alaranjado, como o vemos da terra, e pouco mais ou menos com o mesmo volume; porem como nos approximamos, este volume cresceu tam prodigiosamente, que certo me occultava uma metade do ceu. Sua côr era de um branco puro, brilhante, mas com immensas porções, onde esse bri-

(*) Esta passagem que vai em *grifo*, não é de M. Boitard, author da Viagem ao sol. O demonio, porem, que o inspirou, tambem, por infelicidade, veio conversar diabolicamente com o pobre traductôr, e lhe fez accrescentar esta passagem, que, diz elle, lhes havia esquecido, quando fallou com M. Boitard.

Digitized by Google

lhantismo era muito mais forte, em quanto que outras me parecião de um azul escuro no principio, tornando-se depois de um azul lapis, á medida que nos approximavamos.

— Estas partes mais brilhantes, que as outras, são as que os astronomos chamão *faculas*, me diz o demonio, e as que vês azuis são as *manchas*.

Tinha eu sempre pensado que o sol era immovel no meio do ceu, mas vi então muito bem, que volteava sobre seu eixo, como a terra, não em vinte e quatro horas, mas em vinte e cinco dias. Devisei mais que obdecia a outro movimento que o arrastava para essa parte do cœu, onde está collocada a constelação Hercules. Pedi então ao demonio alguns esclarecimentos, e entre outros, a que distancia nos achavamos então da terra e do sol.

— Sabes, me dis elle, que o sol está a trinta e quatro milhões de leguas da terra; ora nós estamos a um milhão de leguas do sol: calcula.

— Immenso deve de ser este astro, que me parece cubrir metade do ceu da distancia em que estamos: e já mais volumoso que a lua era elle dés a onze vezes, quando ainda estavamos a quarenta mil leguas da terra.

— Tem o sol trinta e duas mil leguas de diametro, e pouco mais ou menos cem mil leguas de circumferencia; é, consequentemente cento e onze vezes e meio maior do que a terra, em medidas lineares; o seu volume é 1,384,472 vezes mais consideravel, que o do infinitamente pequeno globo que habitas, sendo a sua densidade, ou antes, se mais te apraz, seu peso, comparado com o da terra, como 23,624 está para um. —

Aqui fiquei eu grandemente surpreendido, ao ver que o que até então havia tomado por manchas azues, não era mais do que uma especie de buracos, que de tempos a tempos se formavam em uma atmosfera luminosa, e pelos quaes, mui visivelmente percebi uma terra solida similhante á nossa, chegando até já a distinguir os seus mares e montanhas. Concluí naturalmente, que o sol não era, como havia acreditado um corpo em combustão, cujas escorias nadando á superficie formavam as manchas: mas sim um corpo, um globo solido, como os outros. Unicamente reparei, que este globo estava envolvido em duas atmosferas, uma exterior, toda composta de lus, ou fluido luminoso, a outra subposta a esta, e analoga á da terra, quero dizer, composta de ar. Que fossem precisamente os elementos de esse ar, o oxigenio e o azote, que estivessem combinados em eguaes proporções, como na terra, é o que vos não poderei affirmar, visto não ter tido occasião para os analysar; porem o que é verdade é que serve egualmente bem para a vida dos animaes e das plantas, como logo vereis.

Iamos-nos approximando, cada vez mais, da atmosfera luminosa, e apesar de tudo o que o demonio me dizia para me socegar, tremia só com a lembrança de me mergulhar em tal abysmo de luz, onde este fluido estava concentrado a ponto de me parecer um mar de chamas ondeantes: digo ondeantes, por me fallecerem termos, para melhor exprimir o meu pensamento, porque mais semelhavam a immensos flocos de luz, n'um movimento rapido, e continuado, misturando-se e separando-se, não seguindo direcção fixa, ou antes arrebatadas tumultuosamente por um vento rijo e violento. Figurai a atmosfera celeste coberta com uma multidão de nuvens, impellidas em todos os sentidos, e deixando por intervallos, buracos por onde descubrir uma parte do ceu: e ahi tendes as nuvens do fluido luminoso, deixando pelos buracos, perceber o disco opaco do sol. Ha todavia uma differença, e é, que esses flocos eram de uma grandesa prodigiosa, a ponto de alguns d'elles chegarem a 1,600 leguas de diametro.

Perguntei ao genio de que naturesa poderia ser esse gaz luminoso; agastou-se com tal pergunta, e com um gesto d'impaciencia respondeu-me, que era o mesmo que na terra formam essas atmosferas luminosas, que chamamos *auroras boreaes*, e que se era mais brilhante, provinha isso de ser mais denso e concentrado.

Não me contentou lá muito esta resposta, porem foi-me forçoso ficar com ella, em quanto não tinha outra melhor.

Como sempre fossemos andando, pouco tardou que nos não achassemos em frente d'um buraco por onde nos encaminhamos. Lembrou-me então a opinião do astronomo Mr. Lalande que suppunha, que imminencias similhantes ás nossas montanhas, se elevavam do nucleo do sol, acima do occeano luminoso, e apresentavam a apparencia de manchas escuras. Em razão da forma conica destas imminencias o fluido luminoso tem uma camada tanto menos espessa, quanto mais proximo está do vertice, produzindo, por consequencia, em razão de sua menos claridade, essa especie de annel escuro, que rodea as manchas, e chamado pelos astronomos *pen-umbra*. Duas objeções são todavia fataes a esta theoria. Primeiro, era mister suppôr, que as montanhas tem a faculdade de passearem pelo sol, [o que não deixará de ser extravagante] porque as malhas mesmo vistas da terra, mudam constantemente de posição, já de dés a dose dias d'intervallo, muitas vezes em horas; alem disso a côr perfeitamente uniforme da pen-umbra, e seus limites cortados, tanto exteriormente do lado da superficie luminosa, como internamente do lado da mancha escura, provam sufficientemente não ser produzida por uma gradação de espessura do fluido luminoso.

Digitized by Google

Mas pouco tempo fluctuei nestas duvidas; por que, assim como atravessamos a atmosfera da luz, vimos por baixo uma camada de nuvens, as quaes alumiadas de sima reflectem para os habitantes da nossa terrasinha uma quantidade de luz menos forte que a da atmosfera luminosa, mas todavia muito mais brilhante, que a que reflete o nucleo do globo solár. Eis ahi como por meus olhos me convenci do que forma a pen-umbra tam altercada, e difficultosa de explicar pelos partidarios da opinião de M. Lalande.

Tinha eu no espaço, (e já me ia esquecendo este caso que não deixa de ser singular) sentido uns arrepiositos de frio suportavel; ainda que me houvesse dito que ahi estivera o thermometro cincoenta graus abaixo do gelo, quer dizer, vinte graus pouco mais ou menos baixo, que o está commummente no polo glacial.

— Tens frio, me havia dito o demo, porque stritamente estás redusido a teu proprio calôr; mas nem por isso gelarás, visto esse calôr não te abandonar, pois estás no vacuo, se abstrair-mos da luz. Sabes, que para que um corpo quente se torne frio, é mistér, que o calorico, que tende continuadamente a por-se em equilibrio, passe do corpo quente para o corpo frio, com quém está em contacto. Esta lei do equilibrio do calorico fáz que elle passe de um corpo para outro até que ambos estejão rigorosamente no mesmo grau de temperatura. Porem qnando um corpo se acha no vacuo, como ha pouco estavas, não póde perder a mais pequena porção do seu colorico.

Concebo optimamente. Porem agora que estamos tam perto do eterno fóco do calor, disei-me por que o frio me parece augmentar a ponto que si continuamente não soprasse nas mãos certamente tivera frieiras.

— Procede isso do que te affirmei. Ja não estamos no vacuo, mas sim, na segunda atmosfera do sol, anaolga á da terra, porem muito mais densa e espessa. Este ar rouba o teu calorico, que com elle se quer pôr em equilibrio, e eis a razão por que em breve foras gelado, se acaso o meu poder por ti não alterasse as leis da natureza.—

A DOENÇA DE JOB.

Muitas practicas dieteticas, e descripções de doenças singulares se encontrão não só na Biblia como em todas as tradicções, que servem de baze aos differentes cultos religiosos. Factos preciozissimos para as sciencias e artes e achão nesses monumentos antigos, onde não só existem os dogmas das diversas crenças, como tambem um resumo das leis, uzos e costumes consagrados em cada religião. Importa pois que a Medecina não deixe de consultar os livros sagrados, e tanto mais, de questões intrincadas e debatidas inultilmente, como o podem ser as da ancianidade de qualquer molestia conhecida; importa que, para que a sua litteratura se aperfeiçoe não despreze, antes colha das outras litteraturas e das differentes edades, tudo quanto é de seu sujeito, ou a póde esclarecer.

Esta falta bem a conheceu o celebre Ricardo Mead, o qual se abalançou, cortando pelas dificuldades que cada um pode antevêr, a examinar e comparar as doenças mais notaveis descriptas na Biblia, das quaes fés um commentario que publicou. Maravilha vêr como a sua erudicção, e seu genio indagadôr e comparativo supporta as trevas de tam remotas eras, até encontrar a luz: e graças sejão tributadas á sua memoria, que grande beneficio derivou á Medecina de taes indagações.

Entre as doenças, que elle descreve e commenta, se encontra a d'esse pacientissimo Job, a quem suas desgraças fizerão um modello de virtudes, verdadeiramente divinas, e o maior posta sentimentalissimo da christandade; por que, com effeito, só um coração de pedra poderá ler as lementações de Job, sem o compadecimento tam natural das miserias a que todos estamos expostos.—

Viveu este varão uma vida regalada de prosperidades e riquesas, no centro da abundancia de tudo o que desejava; mas do cumulo de tanta ventura, Deus o quiz provar, abattondo-o á mais miserrima desgraça, aponto de se ver abandonado por todos quantos amava e havia amado, assaltado de uma ulcera roedôra desde os pés ate á cabeça, possuindo apenas uma esterqueira para se deitar, e um pedaço de argila (1) com que limpava as feridas e não havendo por todo o gozo, mais do que sua paciencia, resignação e esperança no eterno. —

Elle proprio nos descreve o seu estado fisico e moral, que transcrevemos, para se podêr avaliar as probabilidades de qualquer opinião. E diz. —

Fui successivamente assaltado, e todo o meu corpo é uma ferida... Perco a respiração antes de comer, e são meus soluços e lagrimas como o ruido das aguas que nunca pára. ... vai-me consumindo a dôr continuamente, e não tenho a força das pedras, nem minha carne póde resistir como o ferro... Se me deito, digo comigo, quando me levantarei? e velo toda a noute, e sonhos terriveis me perseguem até pela manham... esta minha carne roida dos vermes, e cheia de podridão... e toda a pel lacerada estou vendo caïr aos pedaços — Quanto mais não agradecera uma morte violenta, que padecer por tão largo espaço dôr que se me

(1) Telha diz o Nosso Figueiredo na sua tradução da Biblia.—

Digitized by Google

crava até aos ossos... Quando será da vossa vontade, ó meu Deus, livrardes-me de tantos males?... quando me consentireis resfolgar.... não diminuem meus soffrimentos com o queixume, nem se vão, se padeço sem soltar um ai. ... oh! e quanto agora me quebram os membros d'um corpo extenuado.... minha pel já negra sobre as carnes está collada a meus ossos definhados; e só me restam os labios em torno dos dentes.... Um fogo continuo me arde nas entranhas; as flexas do meu inimigo me atttravessaram os rins e o figado.. Inchou minha face com o muito chorar, e minhas palpebras estão cubertas de trevas. —

Eis ahi o seu estado fisico — vejamos o moral para a indicação conjactural da doença...

Nunca minhas mãos se mancharam na iniquidade, nem jamais levei votos ao Eterno que não fossem de coração... Já não hei força nem vigor; o tumulo será o meu asilo e me preparo nas trevas o meu leito de morte.... Deixado por meus irmãos e parentes estou como estranho desconhecido na minha propria casa.... Até o meu servo que chamei cerrou os ouvidos para não ouvir a voz que por elle clamava... E minha esposa, horrorisada de meu halito, fugiu de me acudir.

E todavia outrora verti lagrimas pelas amarguras do afflicto... e minha alma simpatisou com a angustia do pobre; era por isso que devia esperar os bens, e os males me assaltaram, que devia esperar a luz, e me cercaram as trevas, me preveniram os dias d'afflicção.

Eis a razão porque minha aspa só tira tristes queixumes, e meus cantos são unicamente melancolicas e lugubres melodias. —

A trez se reduzem as opiniões sobre a doença de Job, que todas teem taes ou quaes probabilidades, não se podendo nenhuma haver por certa. — Querem uns que fosse a lepra, outros o scorbuto, e houve mesmo quem desconfiasse ser aquelle santo varão contaminado pela syfilis. Compulsando os livros sagrados n'aquellas partes em que fala da lepra se pode ver, que certamente Job não foi accommettido de similhante flagelo, e quasi que pode affirmar, o que ler os livros sagrados, (cousa que n'esta epoca já se não faz, porque se julga desnecessario,) e tiver algumas noções de medecina, não ter sido aquella doença a de que Job se viu atormentado. Em quanto á syfilis, inda pende hoje a questão, si foi mimo que nos fez o novo Mundo, ou já era conhecida na Europa antes de sua descuberta por Christovão Colombo, accrescendo a esta duvida, a incoherencia dos simptomas referidos com os que hoje se descrevem ou foram relatados pelos primeiros escriptores que tal nome lhe pozeram. —

Resta pois o scorbuto, que tem a seu favor a opinião de muitos abalisados e judiciosos Medicos, e senão uma perfeita coherencia com os symptomas designados, pelo menos mais do que as duas de que hemos falado. —

Ora não devemos escurecer tambem, (ainda que isto nos pareça absurdo por muitas rozões, que por falta d'espaço não expendemos,) que o maravilhoso com que está reventida toda esta sentimental historia de Job, tem feito crer a alguem ser ella uma fabula, para mostrar unicamente e bem ao vivo, os lances d'uma virtude accrisolada, d'uma resignação paucientissima, e d'uma confiança infinita em Deus que deve consolar, na aridez da vida, toda a alma christam. —

O BOSQUE DOS FINADOS.

CHÁCARA.

Mas essa he a hora, em que alçados
Os mortos dos cemiterios,
Revelam torvos mysterios,
Ó neste mundo pensados!...

D. SEBASTIÃO O ENCUBERTO.

(A. de Lacerda.)

Senhora que fazeis vós,
Ahi sosinha, sentada,
Fito o olhar para as agoas
D'essa margem prateada.

Senhora que fazeis vós,
Fito a olhar para os ceus,
Como quem está pedindo
Uma vida melhor a Deus.

Senhora que fazeis vós,
Sobre o peito as mãos crusando,
Como anjo que as desgraças
D'este mundo está chorando,

Porque dos olhos formosos
Onde se revê a aurora,
Escoam ardentes lagrimas
Que a fria agoa devora?..

Porque bate contra o peito
Tam de rijo o coração..
Acaso tem encerrada
Alguma occulta paixão?....

"Foge, foge, cavalleiro,
Deixa-me ao pé destas agoas
Chorar minhas desventuras,
Ou morrer com minhas magoas.

A ventura me baldou
Todas as minhas esperanças,
Foge: deixa uma infeliz,
Sua sorte não alcanças.

Digitized by Google

„ Senhora, sou cavalleiro,
Como vós desventurado,
Por esse mundo me vou
A deslembrar o meu fado.

„ Pois ide vos, cavalleiro,
Que eu nestas agoas já agora
Sepultarei com meu corpo,
A paixão, que me devora.

„ Oh! não! que tal não fareis:
Nem certo isso heide ver,
A longes terras nos vamos
E mais felizes viver.

E tanto e tanto instou
O guerreiro desvallido,
Que a dama a final cedeu
A rogo tam condoido.

Ei-los vão por essas terras
Sosinhos peregrinando;
Sempre triste o cavallero,
A dama sempre chorando...

Deste pár tam infeliz
Era tanta a desventura,
Que o segredo d'um e outro,
Nenhum indagar procura.

Por montes e vallés passam,
Sem saber por onde vão;
Que mal sabe a si guiar-se
Quem tem preso o coração.

Por um bosque se entranharam
Negro, escuro, mais que a morte,
Cujas cupulas dobrava
O vento rijo do norte.

No ceu negro e melancolico
Nem uma estrella brilhava,
Nem a lua prateada
Seu fulgôr á terra dava.

Somente lá n'alto ramo
D'algum cipreste pousado
Agouros *stridulava* (*)
O Noitibó magoado.

Quanto este lugar, e hora;
E ceu tinham harmonia
Com o que no peito afflicto
Cada qual dos dois sentia!!...

E sem uma voz humana,
Que os podesse consolar:
E sem uma esperança ao menos
Lhe nascer em tal pezar.

Bem crueis deviam ser
As suas acerbas dores,
Bem d'absinthio é seu calix
Bem de fel seus amargores.

Mas eis que no fim do bosque
Uma luz que bruxuléa!
E para lá se dirigem
E seu coração anceia.

Onde vais, ó cavalleiro,
Com a dama contristada,
Olha bem, que aquella luz
Occulta alguma cilada!...

Foge, foge, que a taes horas,
Ninguem em tal bosque entrou:
E quem lá se introduziu,
Nunca de lá mais tornou.

Dizem velhas sabedoras,
Que espectros o povoam;
Que seus gemidos e ais
Largo em redôr echôam.

Que trazem na mão sinistra
Luz, que accendem fatal;
E que na dextra lhe brilha
Diamantino punhal.

Deixa oh! dama, o cavalleiro,
Onde vais tam socegada,
Olha bem que aquella luz
Occulta alguma cilada.

Não vês em redor de ti,
Negras sombras a passar,
Com luz fatal na sinistra,
Na dextra o ferro a brilhar.!..

Não ôuves aquellas vozes,
E aquelles tristes gemidos,
De almas que estão penando,
De corações mal-feridos?!..

E a dama e o cavalleiro
Em nada disso attentam,
Vem as sombras a passar
E seu fado não aventam.

Mas eis se espanta o corcel
E a dama e o cavalleiro
Não sabem porque:.....

„ Senhora, sou cavalleiro,
„ Mas sou bem desventurado,
„ Para mal que fui creado,
„ Bem m'o disse um feiticeiro.

„ Um anjo na terra amava,
„ E delle fui adorado,
„ Mas logo quiz o meu fado,
„ Que perdesse o que prezava.

(*) Verbo, em quanto a nós muito expressivo e que foi inventado pelo Sr. Antonio de Lacerda. Vej. D. Sebastião o Encuberto, notas.

Digitized by Google

„ A' guerra me chama a sorte,
„ Me vou a ella açodado,
„ P'ra mais ganhar seu agrado
„ Com meu valor, ou c'o a morte.

„ Longes terras, largos mares,
„ Me trazem d'ella apartado,
„ Que saudades hei tragado,
„ Que penas, e crús pezares!!!

„ Em mil combates feridos
„ Nunca o valor m'ha faltado;
„ Porque o tinha sustentado
» Seu voto fiel e crido.

» Mas eis que me chegam novas
» Que esse voto é ja quebrado;
» Fugi do campo irritado
» P'ra vêr de meu mal as provas.

» Cheguei, infeliz! e vi
» O que jamais hei cuidado:
» Do inferno o fogo abrazado
» Dentro em meu peito senti.

» Fui testemunha... oh! meu Deus!!!
» Quiz logo alli ser vingado.
» Mas a sorte me ha baldado
» Os negros projectos meus.

Fugi, fugi....
e agora
Em troco do que hei contado,
Do vosso pezar magoado
Contai-me a cauza, Senhora.

» Cavalleiro, fui rainha
Como vós, desventurada,
Que havia ser desgraçada,
Bem m'o disse a strella minha.

De rubis e diamantes
Minha testa vi coroada,
Fui das bellas invejada
Fui alvo de mil amantes.

» Pela minha formosura
Vi muita lança enristada,
E não vi uma quebrada
Pela minha desventura.

» *Por cavalleiro fellão*
Quizeram que fosse amada,
E que sua desposada
Lhe desse meu coração.

» Mas a peito mais guerreiro
Minha alma já estava dada;
E a minha fé jurada
Tinha a esse cavalleiro.

» Longes terras, largos annos,
Me teem delle apartada;
Sua morte é divulgada:
E houve ceder a enganos.

» A' capella me levaram
Para o consorcio forçada;
Que por uma desgraçada
Nem rogos, nem ais falaram.

» Já na sua a minha mão,
Triste de mim, está passada
E do padre a voz sagrada
Vai firmar nossa união.

» Quando se ergue enfurecida,
Negra sombra agigantada,
Que de furor abrasada
Com voz diz enraivecida:

» *Essa mulher já é minha,*
Eterno amor me jurou:
Morre, fellão cavalleiro.
Que a tua hora soou.....

» Lusiram ferros; meu peito
Estremeceu; desmaiada
Cahi: e quando acordada
Achei-me n'um pobre leito.

» Fugi, para mais não ver
Essa terra onde fui nada:
E junto ao rio sentada
Estava para alli morrer.

—

Meu Deus! meu Deus! é ella!!!...
[Exclama o cavalleiro:]
A quem sagrado jurei
Eterno amor verdadeiro.

— E' ella! meu Deus! mas quanto
Amelina estás mudada;
Pomba sem fel, que o abutre
Nas garras tinha preada.

— Consente, amor, consente,
Que te aperte ao coração:
— Fujamos longe dos homens,
P'ra bem longe solidão.

Felizes oh! sim! felizes
Vamos agora viver:
E perturbar nossa paz
Quem é que se ha de atrever???...

» Cavalleiro, diz uma voz
Horrorosa e de trovão,
Sou eu que trasborda a taça
Da minha desesperação.

Cuidaste, que o duro ferro
Me havias n'alma cravado,
Mas dura cota dobrada
Do ferro me ha preservado.

— Dama infeliz, que o ciume
Lançaste em meu coração,
Reconhece agora em mim
O cavalleiro fellão.

Digitized by Google

No gelo frio da campa
Ide felizes viver:
E perturbar essa paz
Que é que se hade atrever?!..

—

De armados immensa chusma
Logo em roda se apinhárão
E a dama, e o cavalleiro
Alli mesmo assassinárão.

Tudo foi silencio fundo
Na floresta calada,
E só ao longe se ouviu
Estrondosa gargalhada

Nunca mais sombras se virão
Lá no bosque a perpassár,
Com luz fatál na sinistra,
Na dextra o ferro a brilhár;

Nunca máis tristes gemidos
Echoáram pavorosos
Nem tremeram arredores
Com os gritos estrondosos:

E só no silencio fundo
Da floresta caláda
Lá a deshoras se ouvia
Estrondosa gargalhada.

T. de C.

Eliézer ou a ternura fraternal, Poema de Florian, em quatro cantos e em prosa, traduzido em versos portuguezes por M. R. S. A.
— Braga — 1839.—

Tal é obra que não podemos deixar de recommendar aos nossos leitores nas columnas deste jornal. — No seculo presente, em que tanto abundão essas producções romanticas cheias de pinturas e discripções de crimes e vicios, um livrinho que trate de moral, uma pagina, uma só linha que falle de virtude e amor do proximo, é um livro de Deos, uma pagina caida do Ceu onde o espirito do homem cançado de horrores, de assassinos, de blasfemias vai buscar alguma refeição de moral e de religião que nem em nossas novellas nem em nossos dramas e romances poderá jamais encontrar: para elle será este livro como a palmeira do deserto para o arabe fatigado e sequioso, ou como a praia deleitosa onde o nauta repousa por alguns momentos dos trabalhos das tempestades.

Sem duvida que de atrevimento e blasfemia litteraria hão de alguns taxar este nosso discorrer mas tambem não é para esses que nós dizemos isto, para esses cujo coração esta já roido pelos vermes dessa corrupção romantica e onde o gosto depravado de nosses dias lançou já raizes tão profundas que não é para o nosso fraco e debil braço arrancal-las d'allí: para esses conhecemos mui bem a nossa insufficiencia intellectual para que nos dessemos ao trabalho de os convencer de seu máo pensar e conduzir ao caminho da razão como gente que delle se tem perdido; um tal fim requér forças de um Hercules e a voz forte e persuasiva de um Castelho; oh que é á falta de taes qualidades e não a mingoa de desejos que desistimos de tal intento.

Por tanto é aquelles a quem este vicio roedor ainda não calou de todo n'alma; aquelles que ainda conservão um resto de pureza moral, que nós recommendamos a leitura desta traducção onde o amor e amizade fraternal brilhão não com essas negras cores romanticas de furias, blasfemias, maldições e punhaes mas com o colorido suave e natural da generosidade da resignação e da virtude — No Eliezer tambem não achareis um poema recheado desses inchados palavrões e hyperboles atrevidas que atormentão o espirito e os ouvidos, e em que alguns, que se inculcão de litteratos, fazem consistir todo o merecimento de um escrito; a sua linguagem é pura, singela, e accommodada á capacidade do maior numero para que tambem o maior numero possa beber as ideas de religião e moral que nelle estão resultando aos olhos d'alma — Elieser é um livro para recreio de todas as idades, de todos os sexos de todas as religiões. O Christão achará nelle recordações e preceitos dos seus livros e todo o homem admirará os costumes innocentes e virtuosos de uma raça sempre perseguida, sempre humilde e resignada. Mais poderiamos dizer do poema e da sua tradução se não receiassemos prevenir os nossos amigos para á leitura delle, todavia não podemos ainda deixar de exclamar com o traductor no seu excellente prologo.

« Portuguezes! no poema de Eliezer podeis, querendo, repousar um momento dos estremeções recebidos na leitura romantica dos nossos dias. Ao menos por um pouco demovei os olhos desses quadros medonhos que não parecem adoptadas á vossa indole. Trocai o sublime do horror pelo sublime da virtude. Se Eliezer e Nephtali não são faceis de imitar na especie de generosidade com que um ao outro se sacrificaram, fazei por conceber o que seriam esses dois irmãos se hoje vivessem entre nós, no meio frenesi e anarchias de nossos desejos politicos »

.... Do perdão das injurias quasi não tendes exemplo que aproveitar no poema d'Eliezer. Onde reina a ternura fraternal, o amor, a generosidade não ha campo d'exercicio para aquella virtude e até sería affronta o recommendal-la. .... A arvore da injuria tem crescido medonha em Portugal, e apenas se notará vara de terra, que o vegetal gigante não assombre com seus pomos de odio e vingança hastis mos e empestados. Ajuntemos nos fortes! com o perdão das injurias sequemos a arvore da peste e para logo murcharão seus fructos que nos assombrão.

Digitized by Google

AO PUBLICO.

A boa fortuna, que tem corrido no primeiro trimestre o *Cosmorama Litterario*, prova sufficientemente quanto o espirito das letras se vai encarnando em nossa terra, e como das classes mais altas se vai vulgarisando, ou mais acertadamente popularisando pelas mais baixas. Devido é isto á liberdade social, d'onde deriva, como bem o disse Victor Hugo, a liberdade da arte. Para que essa arte, porem, progrida, é mistér que o povo a entenda; e conceba tal qual deve ser uma e outra liberdades. Para a entender é necessario, que se instrua; para se instruir é preciso, que esses homens que guardam os cofres litterarios, os abram e derramem com a sciencia, o amor pela liberdade, e pelas letras, pela união, por tudo finalmente que torna um povo ditoso e temido.

De ouro é o pomo das sciencias, e em florido jardim guardado; mas Deus nos livre que esses homens, a quem elle concedeu engenho e talento, sejam como os dragões que guardavam o jardim das Hesperides! infeliz do que lá se acercasse.....

A mocidade do nosso paiz, cheia de seiva, de vida, d'enthusiasmo, de liberdade, de amor de patria, de amor por tudo o que é grande, por tudo o que é nobre, por tudo o que é justo; sequiosa de sciencia, ardendo em desejos de a beber, onde quer que ella esteja, é quem mais apta está para tomar desses coffres litterarios; porque é ella a quem devem ser confiados os destinos da patria, da liberdade, e da arte: é essa mocidade studiosa, que ficará encarregada de velar esses thesouros de sciencia; de guardar esse pomifero jardim, de o cultivar e melhorar.

Nas mãos dos homens de hoje está a sua futura sorte; da liberdade ou escravidão; da arte ou do vandalismo; da sciencia ou da ignorancia; da luz ou das trevas; da felicidade ou desventura; e da vida ou da morte. —

Muito seria, porem, de temer, que essa mocidade, pela exhuberancia de vida, se erguesse como onda do occeano, e os rodeasse, envolvesse, submergisse, absorvesse! muito seria de temer, o travar-se combate, que suas bandeiras se despregassem livres, porque mal-ferido fôra aquelle, e se alevantariam estas, como o cedro do Libano, apontando para os ceus, d'onde lhe veiu esse entranhado ardor de sciencia e liberdade!

A Litteratura, no estado em que actualmente se acha, deve ser mais considerada como um principio elementar da boa educação em geral, do que um quasi como patrimonio de certos individuos; porque nem mesmo, segundo as ideias da epocha, ella deverá por si só compora vida social de qualquer sugeito: — Houve um tempo em que, especialmente entre nós, o ser litterato, era uma especie de existencia á parte, uma anomalia (permitta-se-nos a expressão) na ordem geral das cousas, e eis porque sobre esses membros da sociedade, quasi sempre recaïa uma especie de malfadada fortuna, que estava nas ideias e não nas cousas: — Mas actualmente, como diz um grande escriptor moderno, que ideia se poderá fazer de um homem, que no meio de uma sociedade toda movediça e agitada de grandes concepções, passasse a sua vida unicamente occupado no arranjo e alinhamento de algumas trovas!... Isto, que é uma grande verdade, não era preciso que um grande escriptor o dissesse, porque todos o conhecem e é universalmente sentido.

Animados destes principios quizemos tambem concorrer com o nosso pequeno contingente litterario, que mais deve ser considerado como ensaio de mancebos, do que como outra qualquer ideia, que algum desattento podesse aventar. — Foi por isso, que de bom grado nos offerecemos a uma sociedade especialmente creada para estes fins, e empreendemos á publicação do seu Jornal, que, tal ou qual como saïu, não deixa de evidentemente mostrar quaes eram os nossos desejos. — Homens houve, e honra lhes seja feita, que graciosamente nos accolheram e animaram: de muitos d'esses possuimos cartas honrosas, onde, sem duvida, mais com o desejo de nos animar, do que por outra qualquer consideração pessoal, nos prodigalisaram lisongeiros encomios? — mas nem esses fizeram com que deixassemos de conhecer que a obra passasse de uma boa vontade, e por isso foi que á mesma sociedade fomos entregar a sua tarefa para que outros a empreendessem e continuassem melhor, do que o não tinhamos podido conseguir.

REDACTOR PRINCIPAL. { *J. J. Vieira de Carvalho Junior. Redactor em chefe.*

COLLABORADORES. { *J. C. Ayres de Campos.*
A. X. de Oliveira Banha.
J. M. Coelho Godinho.

TYP. DA A DAS BELLAS ARTES.
Rua de S. José N.° 8.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 14) *Publica-se todos os Sabbados.* *(Abril 4, 1840.*

Ao Faustissimo Dia Natalicio

DE

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

A SENHORA

D. MARIA II.

ELOGIO GENETHLIACO.

Semper honos, Nomen que Tuum, laudes que manebunt.
Virg.

Para sempre será Teu Nome Augusto
Adorado, querido aos Portuguezes
Paraphrasi do Author.

Não canto heroes de ferro e fogo armados,
Que defendem a Patria, (honrosa lide!)
Não canto sangue e mortes, que arrostaram
Os inclitos Varões, que nos combates,
Tendo á frente o Heroe, o Pai da Patria,
Souberam debellar atróz dominio.
Da minha debil penna não carecem
Os bravos, que o Heroe acompanharam:
Para famósos sêr, lá tem a Historia.

Canto o dia mais grato aos Portuguezes,
Canto o dia feliz, que, a bem da Patria
Honrou, p'ra dita nossa, outro hemispherio.

Calliope, Musa minha, altisonante,
Erato, que maviosos sons inspiras,
Animai o meu estro, embora eu tenha
Parcos talentos, apoucado engenho;
Sóbram desejos sãos, sóbra a vontade.

Salve! Quatro d'Abril, propicio dia!
Dia pelos bons Lusos adorado!
Salve! Quatro d'Abril, que os Portuguezes,
(Da fortuna mimosos quando assoma
Este que hoje tão fausto celebramos),
Hão de sempre acatar, celebrar sempre!

No purpureo horisonte a linda Aurorâ
Com os nevados dedos despontava (*)
Rubro clarão, signal d'ameno dia.
Já de Venus a estrella pressurosa
A esconder-se corre envergonhada;
Vai!... Lucina vai dar aos Portuguezes
Estrella mais formosa e mais radiante!

As trez Graças gentiz já lá se affanam
A bafejar de Pedro a Augusta Prole;
De cheirosos jasmins, de lindas rosas
O berço Lhe compõe, seus dons Lhe inspiram.

Do Athlantico logo o immenso espaço
Transpõe Zephyro a lado, a Lisia chega,
E assim lhe patentêa a feliz nova:
Surgio, radiou o dia venturoso,
Que a Lisia trouxe incomparavel mimo;
Exulta, oh! Portugal, nascêo MARIA!...

Cresce o tenro Penhor, as Graças crescem,
Crescem com Ella candidas virtudes,
(Virtudes que um Pai terno Lhe ensinava!..)

Volvem os tempos, desce á sepultura
O idoso Monarcha, amargurado
Por traições intestinas que o finaram!
Fenece João o Sexto, e para logo
A Pedro, ao Primogenito pertence
A Corôa, que abdica Generoso
Em Quem, oh Lusos?... Na Adoravel Filha!

Se á gratidão nossa não tivesses
Outros direitos, Immortal Dom Pedro,
Este só bastaria p'ra render-Te
Toda a Lusa Nação devido culto!

Tudo parecia prometter aos Lusos
Finda a procella, placida bonança;
Tudo parecia vir sanar as chagas,
Que atroz egoismo abrira em nosso seio.

(*) Liberdade Poetica.

Digitized by Google

Porem negra traição, perjurio infame,
Vem .... Basta! ... Espesso véo lancêmos
Sobre scenas de horror, scenas de morte!
Não temas, oh Rainha! Já alçada
Vejo a espada de PEDRO! O archipelago
Dos Açores chamado, é Teu já todo:
Por dobrados Direitos Te pertence,
Pelos da Successão, e da Conquista!
Um punhado de Bravos no Mindelo
Proclama esses Direitos profanados
Pela feroz maldade, atroz perjurio!
Na Heroica Cidade já se lhe unem;
Já diante do Porto fugir vejo
Hordes vendidas á traição, ao crime ....
Viçosa Palma, verdejante Louro
De teus Lusos fieis já orna a fronte.

Porém antes ... Que sustos, que cuidados
Custaste ao Povo Teu, Rainha Augusta!
Eu estremeço .. eu tremo .. a nossa Esperança
Entregue ao mais fallaz, mais inconstante
Dos Elementos! ... Qual mimosa Planta,
Que os Aquilões ameaçam furibundos,
Tal Te figuram assustados Lusos!
Mas não! .. Véla por Ti de Lisia o Numen:
O indomito Oceano do ditoso
Baixel, que Te conduz, a quilha beja.

Já d'Albion ás praias Te enderéças;
Já demandas o clima hospitaleiro,
Que de Gallias o nome teve outr'ora.
Vaivens da sorte a dar-Te se ajustaram
Da exp'riencia as lições. Embora houvessem
Annas, Catherinas, d'Austria a Grão-Maria,
E a primeira Maria, ellas não foram,
Não foram, como Tu, não foram tanto
Amestradas ás mãos da adversidade!

Mas lá Tens no Heroe, que por Ti pugna
Baluarte invencivel; Lusos fortes
Seguem o Pendão Teu, Pendão sagrado!
Dão-se batalhas mil, e os Teus soldados,
(Porque soldados todos nos chamâmos,)
Pelas batalhas contam as victorias.

Debellada a maldade, ao Téjo chega
Magnifico baixel, que traz aos Lusos
Adoravel Penhor d'alta ventura.
Os Portuguezes do *Sóhó* (*) em torno
Sua Rainha vèr todos anhelam:
Lá chega ao portaló o Invicto PEDRO,
Lá conduz pela mão a Filha Augusta,
O Anjo Tutelar dos Portuguezes!

Encantadora scena! Ah! Quem podéra
Com exacto pincel traçá-la ao vivo!
Fieis Subditos Teus já desafogam
Em lagrimas de gosto, não de susto,
Sentimentos que as almas lh' arrebatam!
Se entôam Vivas, festivaes applausos,
Nascem do coração, não são comprados.

Reina, Augusta Rainha, Farás sempre,
Sob o Governo Teu, justo, benigno,
Delicias da Nação, que Te idolátra:
Teus Subditos fieis, ah! Não hesitam
As vidas arriscar por defender-Te;
Do Reino de um extremo ao outro extremo
Teus Sagrados Direitos sustentaram,
E da devoção sua provas deram.

A MARIA e FERNANDO, Par Augusto,
Fidelissimos Reis, e á excelsa Prole,
Sustentac'los do Throno Lusitano,
Gloria, Bençãos, Ventura d'évo em évo
O Eterno outorgará Propicio e Justo.
Reina, Excelsa Soberana! Do Teu Povo
Nos corações já Tens a Apotheose! ...
Feliz Rainha em Governar tal Povo,
E mais feliz tal Povo em possuhi-La!

Por Manoel Joaquim Pedro Codina.

Lisboa 4 d'Abril de 1840.

(*) **Nome do Navio em que Sua Magestade chegou a Lisboa.**

Agradecemos ao Sr. Codina a bondade que teve de nos facilitar o artigo acima transcripto, cujo assumpto, altamente deve interessar a todos os bons Portuguezes: e estamos certos, que os nossos leitores saberão devidamente avaliar o mérito litterario do author do artigo.

APRECIAÇÃO HISTORICA DOS PRIMITIVOS TEMPOS DO HOMEM.

O homem, o ente tantas vezes admirado pela sua perfeição organica e intellectual; o homem, esse sêr por excellencia, a quem o orgulho levou até a arrogar-se o titulo de rei da natureza, de creatura privilegiada; o homem, em summa, que se ha considerado como a primeira obra em superioridade, que sahio das mãos do Creador; não foi de certo nos primitivos tempos astro tão deslumbrante, meteóro tão estupendo, se attentarmos no que nos refere a historia, e no que nos dicta a boa razão. Naquella época de infancia para a especie humana a esphéra da intelligencia, que éra mui limitada, cercava-a, e abafava-a uma atmosphéra negra, e tão negra, como poderiam sel-o as sombras da ignorancia, atmosphéra, di-

Digitized by Google

zemos, que lhe absorvia os raios, que della poderiam partir, amortecendo-lhe desta arte o esplendor. Habitante dos bosques e das montanhas, vagabundo de local em local, não havendo á mão paragem, onde estanciasse, mas reconhecendo por patria toda a terra; sem burel com que se cobrisse; sem alvergue, aonde se abrigasse; sem apoio algum humano, a que se encostasse; só, cercado de perigos e necessidades, curando unicamente de provêr a sua conservação; o homem (pensamos nós), estudado moralmente, vivia vida, que muito similhava á vida instinctiva dos outros animaes, que, como elle, não possuem aquella centelha da divindade, o entendimento, emanação celeste, que Deus separára de si para attributo do homem. Então seguia irreflectidamente os impulsos de sua vontade, obedecia cegamente ás suas inclinações, satisfazia brutalmente seus desejos; e isto acontecia, porque a educação, faról, e ao mesmo tempo léme, que lhe devêra mostrar e evitar os escôlhos d'esse oceano tormentoso da vida, que havia de sulcar, e aonde o furacão das paixões o poderiam despedaçar, ainda lhe não houvera abrandado o coração; nem a mestra da vida, a experiencia, cujas lições só o tempo as dá, e só o tempo as recebe, lhe havia ensinado a senda dos verdadeiros gosos, que leis salutares não mantinham no seu justo termo. Afóra isto, no estado, que levâmos dito, permanecia o homem; porque a moral evangelica ainda não havia baixado do céu, trazendo-lhe de lá os germens das virtudes, e, como ella, a voz do Eterno, que mais tarde devia echoar em todo o orbe, ainda lhe não havia repercutido aos ouvidos, nem bradado ao coração: Homem, conhece-te, não faças aos outros o que não queres que te façam. — Bem apertado éra até alli o circulo de suas acções, e assás lastimoso seria para o homem illustrado o representar o papel, que o homem selvagem fazia: ao aprezentar-lho, o homem social vota-lo-hia ao despreso, como aviltante, e arredalo-hia de si centenares de leguas, para que nem delle se empregassem rastos. E em verdade, o homem d'aquella edade não respeitava, como devêra, os outros homens, não reconhecia nelles o direito que lhes assiste; o direito da força éra o que lhes oppunha, e com elle egualmente se defendia: éra sua unica egide. Fóra por conseguinte de ferro o sceptro tyrannico que empunhára, porque as leis em que se firmava, haviam sido sahidas e promulgadas sós em seu cerebro: não passavam d'um arbitrio; correspondiam a uma vontade. Mas não ficava aqui o atrazo moral do homem: o Juiz que presidia á execução da Lei, ou para fallarmos mais liso, á vontade do mais forte, figurava-o a ferocidade; e a incumbencia de executor de tal lei cruel assumio-a asi a violencia. — Em tal regimen vivêo o homem tão numerosos annos, que não ha (mau grado nosso) contal-os: o calculo que d'elles se quizesse fazer por mais trabalhado que fosse, a sua aptidão falharia muito; porque a origem do homem, que lhe devia servir de unidade, perde-se na escura noute dos tempos. O que sabemos hoje é, que, não só no novo, mas no velho mundo, se encontram resquicios evidentes, ainda láivos vivos deste viver, como barbárico.

Todavia o homem havia nascido sociavel, e em seu coração germinava um sentimento nobre; e este sentimento, cujos brados energicos e amiudados o atordoavam, éra o de se unir aos outros homens; o de trabalhar em communidade. Este sentimento, pois, que lhe éra para assim dizer, innato, aviventado pelo indecifravel amôr que consagrara á mulher, e pela sancta amizade que o ligava aos filhos, enraizou-se nelle a ponto de desejar e gozar tal ou qual união familiar. E assim se formou o primeiro élo da cadeia social.

Foi porem em seguida, que as necessidades imperiosas que mesmo destes lineamentos de sociedade deviam originar-se, abriram e franquearam os illimitados dominios do vastissimo e fertilissimo campo da observação; vastissimo, lhe chamamos nós, porque não vale ás forças humanas marcar-lhe termos; e fertilissimos, com outra tanta razão, porque, com quanto se hajam extrahido de seu seio incomprehensiveis maravilhas, todavia suas producções parece brotarem cada vez mais viçozas, mais interessantes, mais encantadoras, mais admiraveis em fim.

Por tanto a observação, e as mais das vezes o acaso, descobrio novas cousas, e descortinou ao longe diversos e variados meios de satisfazer ás exigencias da vida. E destes inventos o homem depois se aproveitou em circunstancias apertadas, e com o mutuo auxilio dos outros homens, já para mais facilmente, e com menos risco se defender das féras que o acommettessem, já para se facilitar a busca dos alimentos.

Do que deixamos dito, devêra seguir-se necessariamente, que os vinculos da sociedade que já poderiamos considerar, fortes se entrelaçaram mais e mais, chegando-se como a respeitar convenções tacitas, certa usança, certa ordem nos costumes. E isto servia de politica na época de então, bem differente da de hoje, em que a politica é occupação de muitos homens, e até de nações.

Digitized by Google

Mas não se pense que com este rudimento de civilisação, se tanto lhe quizermos chamar, se desvaneceram inteiramente do negro quadro das acções humanas as côres medonhas que o escureciam; desmereceram apenas; por quanto um uso horroroso, até de se referir, o hediondo uso de comer a carne dos outros homens, se a fóme os instigava, enumerava-se ainda na lista de seus actos; e a historia que nos transmittio milhares destes tristes exemplos ahi os ostenta cunhados com o ferrete da ignominia. Oh! quanto não será agora sensivel a linha de marcação, que separa o homem selvagem do homem social!!.. Um adeja pela dôce harmonia e pela concordia, porque só dellas lhe poderá vir a felicidade: outro porém brama pela guerra, que só assim existirá. Bem como o cordeiro, e o tigre: um respira mansidão, outro ferocidade!!!

Só foi depois que as necessidades do homem se multiplicaram, e que multiplicados e aperfeiçoados foram os meios de as satisfazer; depois que as vantagens da sociedade melhor se apreciaram; depois que o genio soube lêr e meditar no grande livro da natureza, cujas folhas o acazo havia aberto, que as artes e as sciencias nasceram (ou fallando com mais critério) que ellas mereceram esse nome; porque não podemos deixar de levar sua verdadeira origem, não a Egypcios ou Chaldeos, mas á creação do homem.

Finalmente o brandão da sabedoria, cujos clarões mortiços haviam apenas até alli bruxuleado, enchendo-se de nova vida e brilho, atravessou impassivel o immenso espaço da ignorancia, dissipando as trevas que volteavam em torno d'elle, allumiando radioso a estrada do porvir, e chamuscando e reduzindo a cinzas os erros do passado. Então o homem pozando o pensamento, que vagueava incerto, umas vezes nos ceus, outras na terra, subio de ponto a mandar aos elementos, zombar n'um fragil baixel do oceano encapellado, elevar-se ás regiões aerias, e quasi, como Divindade, medir e pesar os astros que giram no espaço.

Sciencias Naturaes.

GEOLOGIA.

1.°

De todas as hypotheses, que os Philosophos das differentes edades tem imaginado para explicar a formação da Terra, e dos outros corpos de nosso systema Planetario nenhum ha que mais se harmonize com as observações astronomicas e estructuras do globo terrestre, que a proposta pelo celebre Geometra Laplace.

Este genio raro suppõe que houve tempo, em que por uma força qualquer sahiram do sol emanações prodigiosamente abundantes de fluidos aeriformes, que encheram o espaço hoje occupado por todo o systema Planetario, e que as moleculas d'estes fluidos vindo a unir-se por effeito de suas attracções reciprocas, formaram os grandes corpos solidos, conhecidos pelo nome de Planetas, Satellites, Cometas.

A estructura do globo terrestre prova que as materias suas componentes existiram n'um estado de fluidez, que lhe permittio tomar uma fórma espherica, achatada nos pollos, e ellevada no equador, em virtude do movimento de rotação imprimido ainda no seu estado fluido.

Quando as moleculas d'estas diversas materias fluidas começaram a aproximar-se, aquellas, cuja affinidade se manifesta mais poderoza, se reuniram primeiro e formaram o nucleo do globo, onde adquiriram uma densidade consideravel. Outras substancias lhe formaram uma envoltura de granito, e sobre elle se depositou uma diversidade de materiaes terrosos, misturados com varias camadas de pedra calcarea, que hoje apresentam signaes de cristalisação.

Já se vê que o globo não é formado por uma substancia homogenia em todas as suas partes; seu pezo é em excesso maior, do que se unicamente o constituissem agora e as materias mineraes que nós conhecemos; donde podemos concluir com razão, que suas partes centraes são mais densas, e por isso mais pezadas, que as da superficie; consequencia que muito se harmoniza com as leis de gravitação.

Está calculada ser a distancia da superficie ao centro de mil e quinhentas legoas, seu diametro pode ser determinado pelo duplo desta distancia, e a circumferencia acha-se ellevada a nove mil legoas.

Podemos naturalmente dividir o globo em tres massas distinctas: uma sólida, que constitue a terra propriamente dita; outra liquida, que occupa mais de tres quartos da superficie da primeira; e a terceira aeriforme ou gazoza, que involve as precedentes; esta é a atomosphera. De cada uma daremos algumas idéas, e começando pela terra diremos que ella fórma o sustentaculo de todas as outras, e nas diversas partes deixadas a descoberto pelas enormes massas d'agoa, nos appresenta rizonha e bella em grande numero os mais formosos quadros da

Digitized by Google

creação. Quem ha que não observe o variado de sua superficie? e não veja collinas isoladas que se alevantam no meio d'uma espaçosa planicie; grandissimas cordilheiras de montanhas que se prolongam pela maior parte do continente, cujos cimos são tão altos e cheios d'orgulho, que dezafiam os ceus, e com despreso olham de grande distancia para os mares que a seus pez jazem! Quem divertindo seu espirito no curioso da Natureza não contempla com deleite valles, que por sua maior ou menor profundidade, bem contrastam com os empinados cumes dos montes; planicies por onde serpejam magestosos rios, se despenham e precipitam rapidas correntes, se deslizam limpidos arroios, que com o doce murmurio de suas aguas dispertam e criam sublimes e apprasiveis sensações? Ninguem póde ignorar as maravilhas que o principio omnipotente com mão prodiga em todos os logares espalhou.

Sem duvida estas desegualdades pouco são, se damos consideração á massa total do globo; porque as mais ellevadas montanhas só tem oito mil metros d'ellevação, e os maiores abismos do Occano contam apenas a metade desta distancia em sua profundeza; o que reunido ainda não perfaz doze mil metros para as maiores desegualdades do nosso Planeta;, ora se consideramos o diametro da terra vemos que estas ellevações do globo são pouco consideraveis. Porém quando refletimos sobre a importancia que ellas tem para o homem, e sobre tudo quando indagamos a causa que as produsio, vemos, que por pequenas que todas sejam, não são menos dignas da nossa maior attenção e interesse. Sem fallar dos proveitos que a agricultura e a metalurgia podem tirar de seu conhecimento, quem ignora a influencia por ellas exercida sobre o clima, e por consequencia sobre todos os corpos organizados, que vivem em suas proximidades? Observase que tal planta vegeta nos prados; a tal outra apprazem altas montanhas; certos animaes gostam dos paizes frios ou temperados; outros não podem viver senão debaixo dos abrasadores tropicos: ora todas as differenças de temperatura do globo dependem de tal modo das irregularidades de sua superficie, que montanhas ha debaixo da zona torrida perpetuamente cobertas de neve.

O homem não se tem contentado só com o conhecimento da superficie da terra, conhece tambem seu interior tanto quanto lhe é permittido ahi penetrar. Não obstante as noções relativas a sua structura são bem pouco extensas; porque as maiores profundezas, a que se tem podido chegar, não passam de quatro centos metros; o que é nada á vista da grande distancia que ha desde a superficie do globo a seu centro. Os resultados obtidos só pelo exame e consideração desta parte mui diminuta tem bastado para se obter consequencias mui consideraveis, e deduzir d'uma maneira plauzivel um systema de Geogenia, que satisfaz d'alguma maneira nossa intelligencia.

Quando se abre qualquer mina em planicie encontra-se constantemente em seguida da terra vegetal formada de despojos organicos misturados a certos mineraes, uma continuação de camadas stratificadas, e justapostas umas a outras com regularidade, é a esta differença de camadas que se deve a diversidade de mineraes, que tiramos do seio da terra. Quando porém penetramos a uma grande profundidade a divizão das camadas se torna mais e mais impreceptivel, e por fim chega-se a um ponto, onde se não encontra signal de separação, mostrando-se tudo massa homogenea, cuja espessura parece caminhar sem interrupção para o centro da terra.

Se fazemos nossas escavações em terrenos declives encontra-se a mesma stratificação, porém as camadas em vez de serem horizontaes, acham-se quazi sempre obliquas, e algumas vezes perpendiculares; estas em certos pontos mudam de direcção em sentido opposto, formando ondulações. N'alguns casos uma camada é irregularmente interrompida por materias diversas. Vezes ha que estas rupturas são occupadas por mineraes differentes d'aquelles, que constituem as camadas, e que podemos considerar como substancias só alli introduzidas depois do rompimento. Estes mineraes assim intercalados chamam-se veios metalicos.

Se examinamos a terra escavando no cume de qualquer montanha, não se encontra especie alguma de stratificação, nem variedades de camadas, tudo é absolutamente homogeneo.

Fundados nesta observação os Geologistas devidiram toda a massa terrestre em duas qualidades de terrenos = Stratificados e Massissos = estes formando o centro, aquelles a crusta do globo.

(Continua).

OS TRADUCTORES E AS TRADUCÇÕES.

Cada seculo tem tido um caracter particular, que o tem distinguido dos outros seculos: o fanatismo religioso, o renascimento das letras, o furor das conquistas e dos descobrimentos, e o fanatismo politico, têem

Digitized by Google

uns após d'outros caracterisado as differentes épocas, e o seculo dezenove, que tanto se tem extremado dos que o precederam, pelo impulso de liberdade, que lhe trasmittio o seculo dezoito, e pelos progressos que as artes e sciencias têem feito nos ultimos tempos; póde sem escrupulo dizer-se tambem caracterisado por uma especie de frenesi, que a muita gente tem instigado a lançar mão da penna, quasi sem ter para isso mais habilitações do que seus bons desejos; e pelo systema das traducções, que humedecendo os prélos em seguimento da publicação de uma obra se espalham de ordinario com rapidez espantosa por toda a superficie do mundo litterario.

Um espirito frenético se tem com effeito apossado nos ultimos tempos de um grande numero de pessoas, que por natural indolencia e desleixo, ou por defficencia de cabedal para poder aventurar producções suas no publico conceito, teem procurado talvez uma especie de renome litterario (seja-nos licito assim nos expressar-mos) vertendo no idioma patrio as producções litterarias das outras nações.

Ao systema das traducções tão geralmente propagado, deve a França o possuir hoje no seu idioma, todos ou a maior parte dos classicos dos differentes paizes, e dos diversos tempos: é a esse mesmo systema que devemos tambem já, o vêr naturalisadas em o nosso paiz differentes obras, que apenas seriam conhecidas e lidas por poucos, se as versões, que dellas se teem feito, as não houvessem tornado sobremaneira vulgares.

Mas se a vantagem de verter em linguagem patria, as obras, que nos differentes idiomas sahem continuamente a lume, é por todos geralmente reconhecida como uma verdade mathematica; não menos evidente é tambem, que essas versões são um assassinato, e uma verdadeira perfidia, logo que deixam de exprimir o espirito e intenções do author, com a força e clareza, que comportam os originaes.

Infelizmente, é isto o que com escandalo vemos diariamente reproduzir-se. A fidelidade, condição essencial do traductor, raras vezes surge illesa nas differentes versões, que hoje inundam o orbe litterario. — A falta de conhecimento da materia contida na obra cuja versão se intenta; — o modo de encarar a questão, differente d'aquelle porque o author a encarou; — a altura do vôo, que esse mesmo author tomou, e que por uma infinidade de circumstancias diversas, nem sempre é possivel egualar; — finalmente, um concurso de causas faceis de conceber, mas cuja enumeração seria longa e fastidiosa, fazem com que do grande numero de traducções diariamente publicadas, apenas uma parte bem diminuta attinja o gráu de perfeição, que taes obras demandam.

Não se creia, que com o que levamos dito, pretendemos de maneira alguma negar, que algumas e mui bellas versões tenham deixado de apparecer: sustentar uma tal opinião, seria o mesmo, que negar em uma praça publica, a existencia da luz á hora do meio dia. — Nem se tenham tambem por exaggeradas as nossas expressões; facil nos seria apresentar exemplos, que as comprovassem; mas não cabe em nosso intento descer ao campo das especialidades; os factos que quotidianamente se apresentam, bem alto clamam, e per si sós bastam para confirmar a verdade do que avançámos.

De não se comprehenderem com perfeição os authores cujas obras se pretendem traduzir, resultam essas traducções monstruosas, em que o traductor revestindo-se d'um poder ousado e discripcionario, ou se arvora em sacrilego mutilador, ou invadindo o imperio da imaginação, substitue as suas idéas ás do original, que não comprehende. — A dôr que então punge o coração de um escriptor ao vêr os seus escriptos impunemente desfigurados por uma penna inepta e atrevida, só póde comparar-se á do Laocoonte da Eneïda ao vêr seus filhos acommettidos pelas serpentes, de que o mesmo Laocoonte foi victima querendo salvalos.

» Ardua é por certo a empreza de uma » traducção, diz o Sr. Barreto Feio no pro- » logo da sua traducção de Tito Livio, o » trabalho longo e penoso, pouca ou ne- » nhuma a gloria, porque (taes são os ho- » mens) todos olham com desdem as tra- » ducções, e nenhum as faz perfeitas. » — Erro, na verdade, bem sensivel, é pois o d'aquelles individuos, que julgando de tudo superficialmente, imaginam uma traducção como cousa de pouca entidade: — arrojo e demasiada ousadia é sem duvida a d'aquelles, que sem consultar e medir o cabedal de sua sabedoria, se aventuram levianamente a interpretar obras, em cuja factura seus authores haviam empregado assiduas meditações e aturadas vigilias.

Não basta adaptar as frases de uma obra a um systema de linguagem, ou a um idioma qualquer; é preciso tambem, que o espirito d'essa obra, que os sentimentos e intenções, ainda as mais occultas, de um author, sejam fiel e claramente representadas pelo seu interpetre. — Julgar que um individuo, pelo simples conhecimento, que tenha das differentes linguas, se acha em estado de fazer uma boa traducção; é o mesmo, que julgar, que um escultor, pelo simples

Digitized by Google

facto de ser iniciado na arte de Phidias; ou que um pintor, por seguir a profissão de Ticiano e de Apelles; estão em circumstancias, o primeiro, de reproduzir dignamente a famosa Venus de Medices, ou o Apollo de Belvédere; e o segundo, de copiar com fidelidade todas as bellezas dos quadros de Rubens, de Raphael, e de Miguel Angelo.

Resumindo as nossas idéas, diremos; que as boas traducções reprodusindo leal e fielmente o original que tiveram por modelo, assemelham-se aos finos espelhos de Bohemia, que com a mais escrupulosa exactidão, reproduzem as feições dos individuos que os encaram: — porém as más traducções podem sem escrupulo comparar-se aos pannos de raz, que vistos do avesso, apenas deixam perceber o esboço das figuras, confusamente obstruido de fios. O traductor, que não entrar perfeitamente no espirito do author cujas obras intenta traduzir; aquelle, que lhe não seguir restrictamente as pisadas, e o não acompanhar de continuo em seus vôos e rastejos; jamais poderá lisongear-se de apresentar uma versão fiel, onde a par da exactidão, brilhem as bellezas dos originaes. Oxalá, que os traductores convencendo-se da responsabilidade que sobre elles deve pesar, não emprehendessem seus trabalhos sem primeiro consultar as suas forças, e sem attenderem tambem á utilidade real de certas obras, a fim de que sendo mais uteis ás artes, e ás sciencias, e evitando um trabalho, muitas vezes inutil, evitassem a propagação espantosa de certas monstruosidades e anomalias litterarias, que para honra e credito da litteratura nunca deveriam sahir das trevas.

A TOMADA DE CEUTA.

Anno de 1414.

1.

A PARTIDA.

Corria pezado e sombrio o anno de 1414; ás lagrimas e destroços, que apóz de si ha costume trazer a guerra, succederam prantos de luto e desesperação: uma peste desoladora, de mãos dadas com a morte, feria indistinctamente o poderoso no meio das pompas e folias de seu orgulho; o pobre, apezar do obscuro pó da humiliação, que o envolvia; e o guerreiro, em despeito da valentia com que tantas vezes em mil pelejas affrontara os perigos: a orfandade e os lamentos haviam envenenado a alegria, que a paz, fructo de tantas victorias trouxera ao Reino de Affonso Henriques: — longo fôra o lethargo da dôr; e delle como a custo sahia a Cidade de Lisboa, levantando magestosa a cabeça, que o pezo da desgraça acurvára em quanto desvalida; e em atitude altiva se preparava para novas pelejas e victorias: soara uma segunda vez a trombeta da guerra, e ao seu chamado corriam animosos os velhos pelejadores de Aljubarrota, e os noveis que no meio de lanças de inimigos hiam buscar fama e gloria com que ataviassem na posteridade o lustre de suas obras.

Foram rogos dos Princepes seus filhos, quem alcançaram de D. João 1.° uma expedição perigoza para no meio do sangue e das espadas ganharem os elmos e esporões de Cavalleiros: — era em attenção ao seu pedido, que El-Rei em vez das gallas e saraus de uma Côrte loucã e effeminada, preparava ainda uma vez a folha bem temperada do seu montante, que tantas pelejas e victorias haviam um pouco embotado, e em despeito das ondas hia confiado de mandar novas regiões: — Era em fim, segundo a voz de muitos, em terras de descridos, e em affronta da bandeira do Crescente, que o Vencedor de Aljubarrota havia determinado tingir no sangue de Agarenos a sua adaga, e dar a gloriosa destincção da cavallaria aos Infantes em terra que fosse por suas espadas conquistada, e onde ganhassem com perigo das vidas honra e fama que servisse de esmalte á grandeza de Princepes, que da mão de Deus haviam recebido.

Este era o motivo, que attrahira um numeroso Povo sobre as margens risonhas e pittorescas do Téjo: principiava a estação calmosa do anno; as arvores vestiam as suas gallas naturaes; as dilatadas campinas cobertas de searas, e relvas verdejantes similhavam, movidas pelo vento, e curvando-se com graça, ao mar brandamente agitado; finalmente o rio encapelado pelo vento vinha açoutar com ondas ennegrecidas as praias onde com um sinistro susurro se desfaziam em espuma. Como dominando este quadro onde tanto avultavam as bellezas naturaes, se alevantava sobre tapetes de verdura a Cidade de Lisboa, e com sua posição elevada parecia um gigante audaz desafiando os elementos. — Estava pois esta multidão reunida sobre as margens do rio, e contemplava com prazer a scena de movimento e agitação, que brilhava aos seus olhos; alli se viam fluctuar as plumas e penachos, que ornavam os capacetes dos guerreiros; mais longe ouvia-se o relincho bellicoso dos ginetes, que os cavalleiros sopeavam com garbo, fazendo-os

Digitized by Google

occupar os postos, que lhes eram destinados; de vez em quando um raio de sol reflectindo-se nas armaduras polidas, as dourava com seu brilho: — o Ceo que a principio estivera puro e sereno, se lhe obscurecendo; nuvens grossas e escuras vindo do poente impediam por espaços os seus raios; o vento soprava com força, e algumas gotas de chuva orvalhavam de vez em quando as cabeças do Povo aglomerado; — o rio estava coberto de soberbas Gallés sobre cujos tópes o vento sacudia as flamulas e galhardetes; e nas altas pôpas tremulava a bandeira invencivel das quinas; já se principiavam a desenrolar as velas, e visinho estava o momento da partida. — Entre os grupos, que estavam reunidos nas margens do Téjo, avultava um pelo interesse que offerecia ao observador: um ancião estreitava nos seus braços um mancebo, que pela louçania de suas armas, e tenro de sua idade parecia guerreiro novel; junto delles estava um cavalleiro já de annos, cuja armadura em varios sitios mostrava os vestigios dos fortes botes, que nella se haviam empregado; tinha erguida a viseira, e em suas feições sulcadas pelo ferro inimigo só se via gravada a expressão do valor e lealdade: — elles conversavam com vehemencia. — Não me accuseis Dom Cavalleiro, dizia o velho, de esfriar com minha ternura o valor de Alvaro; eu sou pai! e o amor de pai só d'outro pai póde ser comprehendido! attentai, que em minha velhice só um laço me prendia á vida, e era o cuidado e criação deste filho; só para o ver feliz, só para o tornar nobre e valente pelejador hei desejado prolongar uma vida de tormentos; o meu desejo sempre tem sido offerecer á patria este penhor o mais valioso, que sentimento de homem póde ter; porém quando se apresenta a occasião o animo me vacilla, e o coração que na peleja nunca pulsara de temor, parece me quer saltar do peito..... é que elle conhece, que prestes deixaria de pulsar, se eu perdesse o meu Alvaro..... — Certo, nobre Vasques d'Atouguia, lhe tornou o cavalleiro, certo, que tal sacrificio é digno do nobre e leal pelejador de Aljubarrota; e no meio da saudade, que vos comprime o coração, tendes um allivio, que só d'um leal Portuguez póde ser comprehendido: dais hoje á patria um novo defensor, que, como seu pai o já fez, vai empunhar sua adaga de cavalleiro em prol d'El-Rei, e do seu paiz; e voltará ataviado com o premio de suas façanhas..... eu o defenderei com esta espada em quanto o braço a poder soster, e uma gota de sangue me correr nas veias..... em breve soará a trombeta..... e é tempo de partirmos.

— Tendes razão valente Vasques Fernandes d'Ataide: serei breve em minhas despedidas.:....!! Alvaro, quando eu era tambem mancebo, corri loução a cingir a espada, e embrocar o elmo;..... então com a imprevidencia da mocidade saltei o espaço, que me separava do mundo, que ante mim sorrio com prasenteiro aspecto; delle só hei tirado desgostos, e uma custosa experiencia..... só um aviso te darei: — Na peleja mostra-te entre os primeiros, que antes te quereria morto, do que cobarde; mas depois da victoria sê humano, e generoso!!.... Adeus.... Sê bom cavalleiro, e leal servidor d'El-Rei... e lembra-te alguma vez de teu pai!!....

As lagrimas lhe embargaram a voz: o mancebo se lhe lançou nos braços, e parecia que este abraço unia suas almas anciadas: é que a saudade lhe rasgava o coração: Alvaro quasi suffocado de dôr apenas póde articular estas palavras. — Oh! meu Pai..... em qualquer terra por mais remota,..... no meio da alegria da victoria, ou na agonia da morte só uma lembrança me rasgará o peito, e é não morrer em vossos braços..... e o meu ultimo suspiro sahirá de fogo e desesperação, porque o não podereis receber.... — Soava a trombeta; e Fernandes d'Ataide com difficuldade arrancou Alvaro dos braços de seu pai; o velho os viu partir, e levantando depois os olhos ao Ceo, tomaram suas feições a expressão solemne da oração..... do seio da terra elevava suas supplicas ao Eterno, e lhe pedia com fervor a conservação da vida de seu filho unico!!!

A armada levantou ferro, e ao som das trombetas levando velas enfunadas deixou com altiva indifferença o porto onde ficavam seus amigos; e o povo levantou uma grita, que os echos repetiram: — pouco a pouco o som dos instrumentos se perdeu na distancia, e a armada desappareceu do horisonte.

O Povo começou a retirar-se praticando sobre o inimigo, que frota tão poderosa hia demandar. — Varias se mostravam as opiniões, mas a voz geral da plebe era — que contra os infieis se partiu El-Rei com tão luzida gente. — Passado algum tempo as praias estavam desertas, e á confuzão do embarque succedêra um silencio de morte; só um velho alli se divisava, e este era o velho Vasques d'Atouguia, que tinha os olhos fitos no mar, como se ainda podesse vêr a bella gallé que levava seu filho: depois o velho com passos tremulos se encaminhou para sua habitação, e esperou com um sentimento de agonia e de esperança a tornada da frota.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

O

ESCHORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 15) Publica-se todos os Sabbados. (Abril 11, 1840.

OS AUTHORES LITTERARIOS.

Infeliz condição! misera gente,
Que um argel de censores traz mordidos!
Filinto Elisio.

Cheia de oscillações e de inclemencias é geral a existencia do homem! Qualquer que seja a carreira que se lhe antolhe, tem que debater-se de continuo com os obstaculos que a cada passo lhe surgem como por encanto; e n'esta luta, em que a sua coragem é muitas vezes posta inteiramente á prova, ou consegue exultar victorioso em sua marcha, ou tem que ceder ao tropel das circunstancias, e ao peso da adversidade.

Semeadas de espinhos e de abrolhos são com effeito as differentes sendas da vida! — O guerreiro vê-se obrigado a encarar continuamente a morte, e a ella se reduz a maior parte das vezes o brilhante futuro que o anima! — O nauta ousado, arrostando as procellas e desafiando o poder das tormentas, é apenas separado do abismo por um fragil lenho! — O empregado da nação vê a todos os momentos sugeito o seu destino ao capricho e delirio das facções! — A diplomacia tem tambem alternativas terriveis, e não é raro vêr um diplomata offerecer-se em holocausto para salvar um principio ou uma clausula consagrada pelo seu Governo! — Finalmente o author litterario não é de certo quem menos durezas encontra na sua carreira, e as poucas linhas que vamos traçar, em que indicaremos as causas que conduzem o homem á carreira de escriptor, e os variados successos que n'essa carreira o aguardam, provarão superabundantemente a verdade do que avançamos.

Se os motivos, que instigam o homem a collocar-se na gerarchia de author litterario, podem variar infinitamente; todavia julgamos, que sem erro palpavel, esses motivos ou essas causas podem em geral reduzir-se a trez. — Ou se pretende fundar e sustentar uma doutrina: — ou se deseja reformar um systema, cujas bases e apoios se hão carcomido e adulterado pelo correr dos tempos: — ou finalmente se pretende combater e aniquilar um systema ou uma doutrina qualquer.

Estas causas, susceptiveis a nosso ver de uma infinidade de modificações, são, todavia, as mais geraes, e aquellas que sem duvida exigem maior tacto e habilidade da parte do escriptor, que com pericia e sciencia desejas satisfazer ao seu programma. Mas sejam quaes forem estas causas, o escriptor antes de lançar mão da penna deve estudar a fundo a materia sobre que pretende laborar, do mesmo modo que o bom General estuda de antemão o terreno sobre que tem de combater; e deve além d'isso conceber com methodo e clareza o plano da obra, cuja construcção intenta, a fim de que, quando trate de o desenvolver, lhe possa dar a força e extensão caracteristicas do assumpto. Aquelle que despresando estes principios pretender seguir ávante impunemente, ai d'elle!... Os seus projectos serão illudidos; baldados serão os seus exforços; e durante as suas lucubrações vagará sem rumo fixo á mercê d'uma imaginação caprichosa e ridicula, ou ver-se-ha embaraçado em um labyrintho, de que não haverá fio protector, que o possa subtrahir.

Aturadas e penosas fadigas acompanham o escriptor desde o momento em que lança mão da penna, até áquelle em que a obra saindo dos prélos começa de correr o mundo litterario. Velando dia e noite para reunir e coordenar systematicamente os differentes materiaes destinados á composição, que intenta; consultando os escriptores, que o precederam rectificando ou modificando as proprias opiniões, segundo os esclarecimentos obtidos pela perseverança do estudo e das vigilias; os trabalhos e alternativas do escriptor são incalculaveis, e quando aquelles ter-

Digitized by Google

minam, estas tomam, por assim dizer, nova consistencia, e começam de apresentar um aspecto de maior consideração.

Com effeito, o momento em que uma composição litteraria conclue de humedecer os typos, é o momento solemne em que vai começar o julgamento do author, que espera a sentença da opinião publica com a anciedade do criminoso, (seja-nos licita a hiperbole) que tremendo aguarda a decisão d'existencia ou de morte. Trata-se de julgar do merecimento d'uma obra, mas na sua approvação ou regeição, raro será vêr de accôrdo todos os votos, porque a inveja, a intriga, a falsa sciencia, as preocupações e prejuizos do seculo, tomando parte em quasi todas as decisões, abafam e escurecem a voz da verdade. As opiniões dividem-se: o que uns julgam perfeito ou soffrivel; outros dizem mediocre e defficiente: se uns encontram idéas novas e brilhantes em um author; outros taxam-o de plagiario e de mesquinho imitador: se uns lhe attribuem um stylo grandiloquo, forte e arrebatador, se julgam, que as imagens de que se serve tocam a raia do sublime, e o comparam a Thomás, Rousseau, Chateaubriand, Raynal ou Victor Hugo; outros acham-lhe um stylo fraco, languido, desigual e pedantesco: se o author é poeta, não hesitam uns em colloca-lo a par de Goethe, de Schiller, de Milton, do Dante, do Tasso, de Lord Byron, ou de Lamartine; ao mesmo tempo que outros o alcunham de insignificante versejador, e lhe negam totalmente até o menor vislumbre de inspiração poetica. Finalmente, tão divergentes são ás vezes as opiniões, tão oppostos e extravagantes são os juizos, que difficil empreza é decidir qual d'elles se deva seguir de preferencia. Filhos quasi sempre do orgulho, da inveja, da adulação, ou de interesses especiaes, raro é vêlos significar a voz da justiça, da sciencia, e da verdadeira e justa critica. Frequentes vezes se queima á inepcia o incenso devido ao mérito; cospe-se e deprime-se este ao mesmo tempo que se eleva aquella ao mais alto apogêo da gloria.

Assaltados de continuo por uma nuvem de ousados censores; deprimidos por inimigos, e agredidos por pigmeus litterarios, que teem por divisa condemnar tudo o que excede a esphera das suas capacidades; obrigados a esgotar o calix da amargura e dos dissabores; desfigurados ainda finalmente por ineptos traductores, que a seu modo interpretam e substituem as idéas contidas nos originaes, que intentam traduzir, e que bastas vezes não comprehendem; tal é em rapido esbôço a serie de vicissitudes, que os authores teem que atravessar! Todavia, felizes elles, se com perfeição e dignidade houverem cumprido a sua missão: a utilidade real, que das suas obras resultar á sociedade, será um documento vivo, um facto constante e negavel; ao mesmo tempo que as censuras desarrasoadas, e os clamores da mordacidade se irão desvanecendo, e concluirão por desapparecer, qual fumo, que o vento leva. Se a opinião dos contemporaneos lhes não fizer justiça, se por elles não forem devidamente avaliados, lá está a imparcial posteridade, cujo juiso impassivel os collocará na ordem, que o seu mérito litterario lhes houver digna e devidamente grangeado.

A VINGANÇA.

ROMANCE.

Uma donzella formoza
Evora Cidade habitou,
E um Cavalleiro, que a viu,
De amores prezo ficou.

Sem ser esta a patria sua,
Era nobre e mui valente;
Bell'a Dama então se dava
Por taes penheres contente.

A' Corte o Rei o chamára,
E d'Evora então se partiu;
Mas não findaram Amores,
Que a Dama tambem fugiu.

Já caminho de Lisboa,
Em negros corseis montados,
Corriam dando os empeços
Já de todo acabados.

— Trota, corre, ó Cavalleiro,
Com tão bella Dama ao lado;
Que vingar-se em ti procura
Outro, que ella havia amado.

« E vingar-se prometêra,
Quando a Donzella fugira;
E, de amor ardendo em raiva,
Na pista della partira.

A São Domingos um dia
Outro Cavalleiro chegou,
E como que pensativo
Ao guardavento parou.

Largo chapeu derrubado
Negras plumas adornavam;
E á flor do rosto tambem
Feros olhos assomavam.

Digitized by Google

De côr egual ao chapeu
Longa capa o cubria,
Burzeguins tinha calçados,
Luzente espada cingia.

— Trota, corre, ó Cavalleiro,
Com tão bella Dama ao lado;
Que vingar-se em ti procura
Outro, que ella havia amado.

« Mas ai! delle, que não póde
Já co'a Donzella fugir;
Porque nesta mesma Igreja
Enterrar deve hoje vir.

Sepultada era a Donzella,
E o Cavalleiro correra
Em cata de seu rival,
Que alli não estivera.

Uma noute tenebroza
Em denso bosque o topou,
E morte gelada e fria
Em trez punhaladas gravou.

(A. J. C. Salgado.)

ORIGEM E INVENÇÃO DA ESCRIPTA.

A milagrosa arte de fallar-mos á posteridade, de lhe transmittir-mos os pensamentos; a arte, que nos faz travar conversa com a antiguidade, que nos appresenta diante dos olhos o espelho do passado, que nos traz á memoria as acções de nossos maiores, suas obras, seus feitos; a arte, que ás gerações do porvir estampa o padrão do presente com côres tão fixas, que nem ao bafejo mortifero dos seculos é facil desbotar; esta arte sublime envolve em sua origem tanta obscuridade, que quasi nos não é dado descortina-la entre as sombras em que se escôa.

Se quizer-mos seguir a opinião geral dos escriptores, e a que mais se compadece com o nosso pensar, a escripta tira sua origem dos Jeroglyphos e signaes symbolicos, de que uzavam os antigos Egypcios, e ainda hoje uzam os Chynezes. (*)

Se, porém, os homens que inventaram e se serviram dos Jeroglyphos para fazer conhecer sua religião, suas leis, suas ideas em fim, persistiam nisto com intento de perpetuar a memoria dos acontecimentos, não deixaram todavia, de se convencer da impossibilidade de seguir tal simulacro de escripta sem encorrerem em milhares d'anachronismos, em erros de todo o genero; sem se lançarem no inextricavel labyrinthio das tradicções, que tudo engrossam ou mutilam. Aclaremos com um exemplo a asserção que avançamos. Os Egypcios, querendo representar seus vastos exercitos postos a batalhar, pintavam duas mãos; uma com um escudo ou broquel, e outra com um arco; ora como fôra possivel saber por este só signal quaes os exercitos a que se alludia, qual o reinado a que corresponderam, se elles desde o seu primeiro rei até Sethon contavam 341, e egual numero de Pontifices e innumeras gerações? Parece-nos pois evidente, que aquella pintura emblematida assim se entenderia dos exercitos de Sethon, como por exemplo dos de Sesostris, que viveo alguns annos antes da guerra de Troia.

Foi por esta razão, de que a escripta grosseira dos Jeroglyphos e Symbolos admittia immensas applicações, e que era consequintemente impossivel attinar com a interpetração genuina; foi por isto, pensamos nós, que ella foi reprovada como deficiente, e substituida com grandes resultados para a civilisação pelos caracteres alphabeticos.

Os Egypcios, que dão a todas as cousas famosas uma antiguidade remota a ponto de parecer fabulosa, para se fazerem acreditar inventores dellas, attribuem a si a invenção alphabetica, dizendo caber a gloria de primeira invenção a Thor, que viveo, segundo algus, 1600 annos antes da E'ra Christãa. Mas com quanto seja de suppôr, que os Egypcios reconhecessem a insufficiencia da escripta figurada, com tudo d'aqui não podemos colligir, que fossem os Egypcios os inventores da escripta alphabetica; por quanto não é verosimil, que uma arte de tanta utilidade fosse desconhecida até o tempo do decantado Thor. (**)

E' verdade, que as lettras principalmente as Sagradas e Jerogyphicas alcançaram no Egypto grande aperfeiçoamento; porém bem se vê, que aperfeiçoar não é inventar.

Os Phenicios, Povo tão conhecido na antiguidade pelo seu commercio, se appresentaram tambem como os primeiros inventores da escripta propriamente dicta, affirmando, que a ensinaram aos Hebreos seus visinhos, e pertendiam prova-lo fundando-se na similhança, que tem os caracteres Hebraicos com os Phenicios. Mas não deram mais provas que estas, e por isso entendemos nós, que tanto podemos refferir a invenção da escripta a uns, como a outros; porque se

(*) Vide o N.º 3 do Cosmorama.

(**) M. Warburton diz em o tomo 1.º de seu ensaio sobre os Jeroglyphos, que não foi Thor o inventor da escripta Alphabetica, senão um homem, que aperfeiçoou os Jeroglyphos.

Digitized by Google

os Phenicios allegam que do seu caracter de lettra foi que os Hebreos compuzeram o seu, outro tanto poderiam dizer os Hebreos, pelo que se colhe de Diodoro Siculo e Eusebio, que attestam ser Moyses, quem ensinara primeiro as lettras aos Judeos, dos quaes passaram aos Phenicios, e destes aos Gregos.

Do mesmo modo tudo que estes authores nos contam, prova-nos nnicamente, que Moyses ensinara as lettras aos Hebreos, e (ainda repettimos) quanto dista o ensinar do inventar? Ensinou aquillo que talvez o longo e rigoroso captiveiro, que haviam supportado no Egypto, fizera olvidar; nem d'aqui se podêra concluir, que as letras não tivessem sido antes inventadas. Authores ha, e entre elles Herodoto, que attribuem a gloria da invenção das lettras a Cadmo, filho d'Agenor Rei dos Phenicios, e affirmam elles, que este Principe viajando da Phenicia á Grecia no principio do governo de Zozué, alli levára o uso das letras, que até então lá eram desconhecidas: comvimos (por ser facto, que na antiguidade passa por certo), que Cadmo ensinasse aos Gregos a usar das lettras, mas com isso nada mais nos podem asseverar esses authores do que ignorarem os Gregos uma arte, que havia sido achada e conhecida por gente mais adiantada em civilisação do que elles.

Outros authores ha, que fazem subir, por ventura com ainda menos fundamento do que os outros, o invento das lettras á mais alta antiguidade: suppoem-nas elles coévas do mundo e coetaneas do homem. Pensam, que se deve conceder a Adão a invenção dellas, e que fallando Adão a lingua Hebraica, e havendo por meio della dado um nome a todas as cousas, que o Eterno creára, não é de presumir deixasse Adão de saber a arte prodigiosa, com que houvera de transmittir á posteridade a memoria das cousas, que elle denominára. Pensar identico a este quinhoou o Summo Pontifice Sixto 5.°, que na sua biblioteca Vaticana fez lavrar uma inscripção, que vertida no nosso idioma, diz: — Adão divinamente ensinado foi o primeiro inventor das sciencias e lettras.

Seja finalmente qualquer que fôr a opinião, que se siga a este respeito, não ha enxergar vislumbres de verdade em trevas de tanta antiguidade.

Seguindo, por tanto, o pensar de muitos authores, as primeiras lettras conhecidas foram as Hebraicas, das quaes se originaram as Caldaicas, destas as Assirias ou Babylonicas, Syriacas, e destas as Arabicas, (de que actualmente usam os Turcos) assim como as antigas Gregas e Gothicas; cujo alphabeto nos apresentam hoje affectadamente os Alemães.

As Latinas procedem das modernas Gregas, cuja maior parte de maiusculos são as mesmas do Alphabeto Maiusculo Romano Latino; porém as Egypcias e Ethiopicas não trazem sua origem das Hebraicas, mas sim dos Jeroglyphos, com os quaes representavam as cousas de maior valía; é incontrastavel com tudo serem ellas mais modernas que as Hebraicas. E eis-ahi, em resumo, o que pelo raciocinio de mãos dadas com o que os Authores hão escripto, podemos dizer sobre a origem e invenção da Escripta.

Mortalidade da ptysica pulmonar.

Lembramo-nos de dizer algumas palavras sobre este objecto, que nos parece mui curioso, e até extraordinario; não só pela frequencia com que esta terrivel molestia se manifesta em muitas partes do mundo, inclusivè Lisboa, como pela especie de fatalidade, que a acompanha e a caracterisa.

Levados pois, destas razões exporemos aos nossos leitores algumas observações, que se hão feito sobre os estragos, que ha produzido esta hydra da sociedade, estè grande flagello da humanidade; nem nós podêmos dar outro epitheto a uma enfermidade horrisona, que zombando, e como escarnecendo tantas vezes dos soccorros efficazes, que lhe ministra a primeira das sciencias, a sciencia, que o velho de lós, o Pai da Medicina, o Divino Hypocrates, creara, escarnecendo, dizemos, da Medicina, acommette feroz os habitantes das povoações, mormente os das Cidades, arrastando comsigo a desolação e a morte ao seio das familias; e por sua rematada ruindade roubando com preferencia a flôr da mocidade na primavera da existencia; e como não esgotada a sua malicia, aguardando recondita a descendencia de quem assassinou, para a perseguir com requintado furor, fazendo-lhe por fim sentir a mesma sorte desgraçada.

Tem-se observado a ptysica pulmonar em todos os tempos, e em todos os paizes; mas com frequencia mui diversa. Assim por exemplo: dos 60 gráus latitude norte aos 50, ella é rara; por quanto foi calculado, que sobre mil individuos mortos de differentes molestias, unicamente 53 lhes deu causa a ptysica. Augmenta de frequencia dos 50 para os 45 gráus, de maneira que em Vianna sobre mil obitos refferem-se 114 á ptysica. Em Munich sobre o mesmo total enumeram-se 107 obitos, refferidos á ptysica. Em Berlin 71; em Londres 236. Em Pariz a mortandade devida á ptysica pulmonar é tal, que a quinta

Digitized by Google

parte das mortes attribue-se com justo fundamento a esta doença. Dos 45 aos 35 gráus, em Marselha a ptysica mata a quarta parte dos doentes; na Philadelphia o oitavo; em Niza o septimo; em Génova o sexto; em Napoles o oitavo; em Milão e em Roma o vigessimo. Notem desde já nossos leitores, que alguns dos climas mencionados são preferidos pela suavidade de sua temperatura para habitação dos ptysicos. Em geral esta molestia faz grandes estragos sobre todo o littoral do Mediterraneo. Considerando-a mais proxima do Equador, dos 20 gráus aos 10 observa-se frequente nas Antilhas, onde grassa horrivelmente entre os negros. Muito commummente se desenvolve ella em Madrid e em Gibraltar. Em Lisboa seus estragos são quasi tão formidaveis, como em Pariz e Londres; mas contraste notavel, apenas é conhecida sobre o littoral Africano. No archipélago do Mediterraneo, em Malta a disposição para a ptysica é de modo que, quando Inglezes pontrinarios se demoram nesta Ilha, em poucos tempos elles socumbem ptysicos. Assola tambem fortemente o Archipélago Indio, e as Indias Orientaes.

M. Benoiston de Chateauneuf apresentou á Academia de Medecina de Pariz a Estatistica curiosa dos soldados, que, no espaço de seis annos, morreram no Norte, no Meio-Dia e no Centro de França:

A saber:

Soldados nascidos no Norte 3742.	Mortos 296	Ptysicos.
—— no Centro 7165.	—— 526	——
—— Meio-Dia 4375.	—— 361	——

De tudo o que deixamos dito, deduz-se, que a ptysica, um dos grandes males, que affligem a humanidade, desenvolve-se sob todas as latitudes; que tanto os climas quentes e seccos, como os seccos e frios, são sugeitos á sua influencia funesta; (prova-o a grande frequencia della em Napoles, e em Marselha) mas, que o minimo de sua frequencia dá-se nos climas de suave temperatura.

Sciencias Naturaes.

GEOLOGIA.

II.

A sabia Natureza, sempre próvida e cuidadosa em preencher seus sagrados fins, espalhou em o nosso Planeta todos os materiaes, que fossem mister ao desenvolvimento continuado e conservação de todos os seres; e assim ella derramou por toda a parte a agua com abundancia, mas com menos profuzão que o ar; porque este é indispensavel a todos os entes organisados, em todos os tempos e logares; a agua faz-se tambem necessaria, porém esta necessidade não é tão continuada. Com effeito ella cobre os tres quartos da superficie do globo, constituindo os mares, lagos, rios e gelos.

Dava-se antigamente o nome de = mar = assim como o = d'Oceano = a todas as massas d'agua um pouco consideraveis; hoje estas palavras unicamente servem para designar a totalidade d'este liquido, que cobre sem interrupção os dois terços da crusta solida da terra e cerca os continentes. A quantidade das aguas marinhas é immensa, segundo as observações de todos os navegantes. Tem-se calculado ser a profundidade media do Oceano de quasi mil metros, ou mais de tres mil pez.

Observa-se, que o nivel do mar è sugeito a variar em relação a suas costas. Este facto tem feito acreditar a uns phisicos, que a altura das aguas augmenta continuamente; a outros, que ellas estão sugeitas a uma diminuição progressiva. Esta divergencia parece depender da differença dos sitios onde se faziam as observações: assim tem-se visto certos paizes, antigamente banhados pelos mares, hoje afastados d'elles consideravelmente: o que parece denunciar o abaixamento das aguas. Pelo contrario logares, que em tempos passados estavam longe do Oceano, hoje se acham submergidos. Citamos como exemplo um templo da antiguidade cujas ruinas se encontraram em Puzzoles na Italia; seus muros estão cobertos pelas aguas, e as pedras, que as formam, acham-se crivadas de boracos, que servem d'habitação aos pholades, especie de molluscos; facto este, que nos induz a crer no augmento total das aguas do mar desde a fundação d'este templo. A' vista d'observações tão oppostas o que poderemos concluir? E' que o Oceano diminue suas aguas em certos logares, chamando-as para outros. As causas d'estes movimentos podem-se attribuir, seja ás ellevações da terra n'uns pontos por effeito d'uma força expansiva interior, e aos abaixamentos n'outros, seja ás grandes correntes d'uns para outros mares.

O mar, do mesmo modo que a terra, apresenta muitos phenomenos curiosos; sendo os de mais interessante conhecimento as marés ou o fluxo e refluxo das aguas, as correntes a phosphorescencia; em cada um d'estes tres pontos tocaremos ligeiramente. O fluxo e refluxo das aguas são um movimento periodico e diario, que eleva e abaixa os mares em relação a suas costas. Este movimento dura quazi doze horas e meia; o resto do tempo ficam estacionarias as aguas.

Digitized by Google

Attribuem alguns este phenomeno á attracção combinada, que o Sol e a Lua exercem sobre as massas aquaticas. Os effeitos das marés não são similhantes em todas as partes; ha logares, em que ellas se elevam a muitas toezas; ha outros onde se lhes conhece pouco augmento; em geral são mui pouco sensiveis nos mares interiores, como o Mediterraneo.

Dá-se o nome de correntes a certos movimentos, que teem logar regularmente em algumas partes do mar: a mais consideravel de todas é a que chamam = equitorial = assimilha-se a um vastissimo rio, que attravessa o mar d'Oriente a Occidente. Sua direcção é sempre recta quando não encontra obstaculos; havendo-os, formam-se correntes particulares, que predominam periodicamente nos mares visinhos. Nem todas as correntes são tão regulares como a equitorial; algumas ha que formam sorvedouros perigozissimos, que engollem os vazos, que por infelicidade entram na sphera de sua alteração: tal é o celebrado Malestrom nos mares da Suecia; sua força é tão rapida e impetuosa, que tudo envolve, tudo traga.

A phosphorescencia do mar se nos mostra n'aquelles signaes de luz, que se observam, durante a noite, na superficie das aguas, quando o tempo é secco e quente, e vê-se sobre tudo nos sulcos dos navios. Este phenomeno é produzido pelo desenvolvimento continuado de phosphoro existente nos animaes marinhos e substancias organicas em putrefacção.

Temos já dito em geral o que são os mares, e alguns dos phenomenos, que n'elles se passam; vejamos e examinemos, posto que ao leve suas costas. O que mais merece nossa attenção é a serie d'escavações e saliencias, que em taes logares variam a superficie da terra, e se designam pelos nomes de Cábos, Promontorios, Golphos, Bahias etc. Estas desegualdades são formadas por montanhas e valles, que, não só se nos apresentam nos bordos das aguas, mas se escondem debaixo d'ellas, e assim o vasto leito dos mares é atravessado, como a terra firme por montes seguidos, que algumas vezes vão apparecer nos continentes oppostos da grande bacia aquatica.

III.

Da-se o nome d'ar a uma camada de gaz (considerado antigamente como elemento) e vapores, que involvem de todos os lados nosso globo, e se eleva a uma altura indeterminada, porém que se persume ser de quinze a vinte leguas. Esta parte do globo, ainda que parece ser distincta e izolada, nem por isso é menos util e indispensavel para a existencia de todos os seres organisados que povoam a terra, porque só o ar atomospherico póde formar a todos o elemento necessario ao phenomeno da respiração, tanto nas plantas, como nos animaes. O ar não se limitta a este exercicio; mui consideravel é o papel que representa nas maravilhosas scenas da Natureza. Serve como de reservatorio dos vapores aquozos, diariamente desenvolvidos pelo calor na superficie da terra, e, existindo alli por algum tempo, nos são restituidos em fórmas variadas e purificadas das substancias n'elles dissolvidas. A variação dos tempos é a causa d'este phenomeno, e assim quando a temperatura se acha elevada a agua em vapores se espalha nella, e a beneficio de sua ligeireza ganha as altas regiões, onde pela diminuição de temperatura e outras mudanças atomosphericas, se condensa, ganha pêso especifico e se precipita em orvalhos, chuvas, neves, gelos etc.

Ainda que os gazes e vapores, que compoem a atomosphera, sejam mui leves, quando consideramos pequenos volumes comparados a corpos solidos ou liquidos, com tudo pela sua totalidade constituem massas d'um pêso enorme e pasmoso, comparado áquelle d'uma camada d'agua, d'onze metros d'espessura, que cercasse todo o globo; massa enorme sem cuja pressão a maior parte dos liquidos se reduziriam a vapores, e muitos solidos passariam a liquidos. Finalmente está calculado em quasi quarenta mil libras o pêso da camada d'ar atomospherico, que carrega sobre um homem d'estatura ordinaria.

E' n'este vasto campo atomospherico que se passam esses phenomenos phisicos chamados meteoros: taes como os ventos, trovões, relampagos, mangas electricas e aerolites.

A TOMADA DE CEUTA.

Anno de 1414.

II.

A CHEGADA.

A um dia calmoso e ardente de estio em terras Affricanas, succedia uma tarde das mais formosas; já mui avançado hia em seu caminho o astro luminoso, que uma cinta de purpurá circulava; e quasi que já de todo se hia mergulhando no mar, donde seus raios, inda que enfraquecidos, abrilhantavam com esplendor os sumptuosos edificios da Cidade de Ceuta; um sôpro de viração

Digitized by Google

animava a natureza desfallecida por um calor abraseado; pequenas nuvens brancas e ligeiras corriam, e esvoaçavam sobre o firmamento azulado; e esta briza estiva mansamente agitava nas campinas e vergeis as arvores e plantas, que as vestiam; um doce sussurro começava a substituir o estrondoso afan do dia de trabalho; e os descridos espalhados pelas campinas, e pelas praias em deleitosos passeios, gozavam esta tarde saudosa: e razão tinham elles, que esta era a ultima, em que divagavam por estes contornos viçosos e pittorescos sem lhes pesarem os ferros ignominiosos da escravidão.

Em uma varanda do seu Palacio estava gosando esta formosa tarde Zalabençala, Senhor de Ceuta, e descendente da prole dos Reis Africanos; dalli descobria a Cidade com suas bellezas naturaes, que entre os infieis lhe ganharam nome de *Perola de Formosura*, e a enseada e as praias, onde as ondas levemente ágitadas vinham desfazer-se em espuma; as fortes e elevadas muralhas; as torres que se erguiam sombrias, e onde no azul do ceu se estampavam as bandeiras tremulando; os edificios, que d'espaço a espaço levantavam as suas grimpas arabescas dentre outras muitas habitações mais humildes; d'alli admirava a posição da Cidade assentada á boca do Estreito de Gibraltar em uma elevação, que semelhando um cabo, parecia dilatar com presumpçoso ademan o seu senhorio pela extensão dos mares, cujas ondas lhe lambiam os pez de relva. — De repente lançando os olhos ao mar, o viu coalhado de poderosas gallés, que a vellas cheias demandavam a Cidade, e em suas pôpas destingue o pendão terrivel para os descridos; sobre o convéz da Gallé, que primeiro entrara, brilham aos ultimos raios do Sol as armaduras, os capacetes, e adagas dos cavalleiros; o vento, que já soprava forte agitava seus mantos e penachos; e a bandeira real assoutava com as elegantes dobras agitadas o cavalleiro, que proximo se achava. — Os olhos do mouro se encheram de lagrimas; não eram prantos de covarde, eram chôro de dor e desesperação; que nenhuma esperança nutria de salvação á vista de tal frota commandada por um Rei, com razão tido como um dos mais esforçados cavalleiros; por isso chorava o poderoso Senhorio, que hia perder; lamentava o sangue dos seus, que hia inutilmente correr; pranteava em fim a Cidade mais bella, que nunca em terras Africanas houveram os filhos de Agar, e a qual a escravidão hia agora esmagar com mão de ferro: e quem ha ahi, que como elle, não chorasse a patria, a liberdade, os amigos, o poder, e a propria existencia? Era esta a primeira vez, que a bandeira das quinas hia ser alçada terrivelmente em terras de infieis, diante da do crescente; e pela vez primeira levantavam os filhos de Christo um brado de vingança e de conquista, que hia ressoar, com medonho estrondo, até aos mais longinquos limites destas regiões! e que similhante ao anathema dos Judeos hia tornar seus habitadores fugitivos, errantes, e desvalidos!!!

Zalabençala, contendo a sua dôr, deitou pela ultima vez a vista sobre a armada, que com magestosa altivez lançava ferro e amainava as vellas; desceu taciturno da varanda, e arrancando um profundo suspiro, se encaminhou para os seus, que corriam ás armas para opporem uma resistencia desesperada ao poder do inimigo.

Entretanto na Gallé, onde estava ElRei os Infantes, Senhores e Cavalleiros se erguiam dos assentos, onde estiveram discursando sobre a traça que teriam no acometter a Cidade; D. João I. os despediu muilhanamente, como sempre havia costume. — Terminado havemos a nossa pratica: — ámanhã ao despontar da aurora sahiremos em terra, e com as nossas adagas satisfaremos nestes descridos a divida de sangue, que de longos tempos lhe devemos: — fôra inutil exaltar vossa valentia, que mais careceis de prudencia para não arriscardes a vida como temerarios, do que de estimulo para sangrardes estes mouros, como sempre haveis costume; embora elles recatem sua covardia, oppondo aos botes de nossas lanças elevadas torres, e fortes muralhas; embora animados pelo numero corram a encontrar os duros golpes de nossos montantes, nenhum meio de salvação lhes resta, que em despeito de todos os obstaculos havemos dar-lhe terrivel punição: — durante seculos seu jugo de ferro e de sangue esmagou nossas cabeças: por longo tempo disputaram ao valor desesperado de nossos antigos pelejadores a terra de nossos pais; e for a preço de sangue de valentes, que palmo a palmo a resgatámos; cada um de nós tem hoje a vingar a morte de algum dos seus, e nós todos a de muitos leaes e animosos pelejadores: — e quem ha ahi, que não alce gostoso a espada da vingança, tanto tempo repouzada? quem ha ahi que não lhe pulse embravecido o coração com a memoria de taes cruezas?.... A meus filhos tereis como companheiros nos perigos, e nos louros da victoria; e com elles erguereis nessas torres de infieis a nossa bandeira de Christãos: — a vingança de tantos ultrages foi tardia, mas ai dos descridos, que prestes vai soar a trombeta do seu exterminio!!... agora convém tomar o repouso de que muito carecemos,

Digitized by Google

para os infieis acharem em nós o recebimento, que de seculos lhe devemos.

Os Cavalleiros se retiraram depois de haverem beijado a mão a El-Rei: só com elle ficaram alguns poucos, que por sua experiencia e denodada valentia lhe eram mui acceitos; entre elles se achava Fernandes de Ataide, o qual tomando pelo braço o moço D. Alvaro d'Atouguia o apresentou a El-Rei, dizendo: — Aqui vos entrego, Senhor, este penhor da lealdade de um de vossos mais estremados Servidores: o nobre Cavalleiro Vasques d'Atouguia; como o pêso dos annos lhe extorvasse o cingir de novo a sua adaga tão temida, e seguir-vos em tão gloriosa peleja, me confiou este seu filho unico D. Alvaro, para que debaixo de minhas vistas, e coberto pela honra de vossa bandeira viesse aprender a derramar o seu sangue em prol do seu Rei, e da Patria, como o elle fizera tantas vezes.

— Certo muito devo eu aos meus valentes e antigos Cavalleiros, e tal é a divida, que fôra grave desaire desconhece-la; entre muitos sempre conheci como espelho de valor e lealdade o meu antigo pelejador Vasques d'Atouguia, de cujas obras hia tão boa noticia, como ma podiam dar estes olhos, que tantas gentilezas lhe viram praticar; e á fé de Christão que não serei accusado de lhas esquecer, pois que neste filho satisfarei a divida, se elle nas obras se assimilhar tanto ao pai, como na presença. Então D. Alvaro pondo-se de joelhos diante de El-Rei, lhe beijou a mão dizendo: — A mão vos beijo, Senhor, por uma graça, que vos vou rogar, e que certo não negareis: amanhã entre os valentes guerreiros, que primeiro hão de saltar nesta terra de infieis, haveis designado a vosso filho o Infante meu Senhor, e este nobre Cavalleiro, que presente está, e a quem como pai ha muito tempo hei olhado; só desejo segui-los, e com elles partilhar a honra de ser dos primeiros em tingir no sangue destes inimigos a minha adaga de novel; que em primeiras armas me é mister ganhar gloria ou perder a vida.

El-Rei o ouviu com a expressão de bondade, que sempre se devisava em suas feições, então animadas por um sorriso agradavel: depois voltando-se para Fernandes d'Ataide lhe redarguio:

— Certo, Cavalleiro, que grande presente me trazeis na pessoa deste novel; e de suas palavras hei colhido, que será de bom concelho para qualquer lance arriscado: e, encarando o mancebo lhe disse em tom mais serio: — Concedo-te o que desejas; e se as obras não desdicerem a valentia e ardor de tuas fallas, á fé de Christão, que com razão nunca dirás, que serviste Principe mesquinho: — se como valente te houveres amanhã na peleja, serás com meus filhos armado Cavalleiro por minha propria mão: agora une-te aos demais guerreiros, e toma o descanço que todos muito havemos mister.

Então El-Rei se retirou; só Fernandes de Ataide se demorou alguns momentos olhando o firmamento, que já começava de cobrir-se de estrellas, que cercavam á lua, e como que lhe serviam de cortezãos: — o rosto do Cavalleiro estava carregado; um sombrio véo de tristeza lhe anuviava as nobres feições; — dirse-hia que pela vez primeira este estremado guerreiro receava entrar na peleja; mas quem attento o observasse, veria que não era o temor, nem o perigo quem lhe fazia bater mais apressado o coração: — parecia aborrecer a vida, e peza-va-lhe a existencia; — temia ao mesmo tempo deixar em terra afastado o seu corpo, sem que o cobrisse o pó e a campa de seus maiores: — tal era o presagio funebre que se lia na fronte do guerreiro; que quasi sempre o homem antevê a sombra da morte, que o ameaça. Pouco depois o silencio da noute reinava na armada, e só era interrompido pelo grito prolongado e munotono dos vellos, que o echo repetia.

(Continuar-se-ha).

A Commissão de Redacção deste Jornal declara, que o mudar da Imprensa da Academia das Bellas Artes, para a Imprensa Nacional, não foi por falta alguma daquella officina mas somente por interesses da Sociedade. A Commissão julga do seu dever dar esta satisfação publica, para conservação do credito da mencionada Imprensa da Academia.

Assignatura = por trimestre = 360: por semestre = 720: por anno 1440: avulso 30 rs.

Assigna-se e vende-se nas lojas abaixo disignadas.

Rua Augusta n.° 1, da Viuva de João Henriques e filhos — Rua Augusta n.° 102 — Rua do Ouro n.° 140 — Rua da Prata n.° 109 — Rua dos Capellistas n.° 20 — Rua Larga de S. Roque n.° 24; e sómente na primeira e ultima destas Lojas se recebe a correspondencia, franca de porte

Os Srs. Assignantes das Provincias, excepto os de Coimbra, terão a bondade de remetter o importe das suas assignaturas á Rua Larga de S. Roque n.° 24.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 16) Publica-se todos os Sabbados. (Abril 18, 1840.

O PAGANISMO NO SECULO XIX.

Nunca em vossos passeios solitarios haveis topado com espargidos restos de antiquissimos edificios, nunca haveis encontrado a éra arreigada a fragmentos de marmore, e pascerem rebanhos, onde moraram Reis? Haveis contemplado com vistas philosophicas a guerra entre o tempo e o poder do homem, e observasteis já a victoria do primeiro, e que sentisteis? Muita dôr, muita tristeza e muita saudade; porque a philosophia presidia a vosso passeio, e ao vosso pensar. Passa o ignorante e com mão profana derroca alguma porção do que ainda existia, só pelo barbaro prazer de mostrar o que póde, ou talvez para mais se recrear no centro da destruição. O sabio, ao passar, sente não lhe ser possivel erguer o que o outro destruio tão facilmente; e uma lagrima de dôr alveja em suas veneraveis cans; mas não cuideis ser este o unico sentimento que lhe suscitam aquellas ruinas; pelo que são conhece o que foram, e este conhecimento lhe mostra quão formoso edificio devia de ser o todo; tal idéa que ora se lhe apresenta, como uma fantazia de Poeta amena e deleitavel, lhe suscita brandas sensações, suaves affectos, lembranças prazenteiras d'um mundo outr'ora real, hoje imaginario, out'ora animado e vivo, hoje fanado e inerte, e que tanto mais bello parece, quanta maior é a impossibilidade de vencer a barreira de seculos que medeiam entre o que é e o que foi. Dizei-me pois se nunca haveis disfructado tão placidas sensações, que sobre levam tanto ao goso dessas pompas mundanas altaneiras no que parecem, vaidade no que são.

Nunca, jamais, vi essas ruinas, (de prompto nos respondereis) esses trophéos da victoria do tempo, Roma, Tivoli, e outras cidades que as encerram, jazem centenares de leguas arredados do nosso paiz; em Portugal, sim, haverá bellissimos monumentos, mas os Portuguezes os desconhecem!!—.. Malfadados Portuguezes!!.. Inganais-vos, ó vós que assim nos respondeis, diante de vossos olhos existem umas ruinas que continuamente podeis observar, mui admiraveis são ellas, para que necessario nos seja o apontar-vo-las apenas; para as distinguir precizaes afastar-vos do bolicio tempestuoso dos homens do seculo, desses ambiciosos, que curam do presente como se sempre durára, e do futuro como se fôra presente, mas nem um só pensamento tributam ao passado: para longe e bem longe vos affastai destas almas insenciveis e mesquinhas, e meditando na solidão reconhecereis as formosas ruinas d'um edificio só moral, e por isso mais bello, que tendo resistido ao poder corrisivo dos seculos e dos homens hão chegado até nós respirando poezia, ingenuidade e brandura; agora já sabeis, que vos pretendemos fallar da Religião Pagãa, da Religião de Virgilio e Horacio; mui bem o sabieis vós, talvez, porque já teries investigado a origem das festas de Maio, das fogueiras no dia do Solsticio, e de outras muitas, cuja origem hireis achar no Paganismo, mas se ao discubrir esta origem vós as não respeitaes e ademiraes como monumento de largos annos de existencia, e que poupado pelo tempo se tornou solemne para com os homens, se não sentís mesmo contristação d'alma ao vê-las deturpadas e desprezadas por homens que mal as comprehendem, e se ao dia de sua celebração vos não alegraes como pela chegada de um amigo, se vos não agita vaga saudade dos tempos em que ellas brilhavam com toda a sua pompa, e todo o seu lustre, ah! que se o não sentís, alma bem pouco sensivel vos dirige os movimentos, alma bem pouco poetica vos esvoaça no peito.

Como o poder destruidor, ora alcunhado poder de reformas, ha pezado sobre algumas destas festas tão innocentes, e o volver dos tempos e mudanças de usos ha quasi

Digitized by Google

destruido outras, procuraremos reunir em breve quadro as que ainda restavam no começo deste seculo, e talvez ficareis admirados de que alguns dos poucos momentos de prazer, que hoje disfructamos, são o legado que nos deixaram homens, que ha 14 seculos cessaram de existir.

Festas geniaes — Festejo do dia de annos.

D'entre os apoucados dias de que se compõe a vida do homem ha alguns que d'antemão são destinados para o prazer, (e quantas vezes se convertem em dias de luto!). E agarrado entre a anciadade e esperanças, e entre maldições ao carro do tempo que tão tardio conduz esse dia desejado... Insensatos, que parecem desconhecer que chamar o tempo é chamar a morte, ou querem contar os dias de vida pelos dias de prazer, quão breve lhes hade ella parecer! Entre estes, os que com mais particularidade se extremam, são aquelles em que festejamos o nosso dia natalicio. Bem estranho pareceria á maior parte de nossos antepassados quando verdadeiramente Christãos se recreavam nos explendidos saráus em dia de seus annos a dançar os minuetes e walças, se no meio do festejo os demorára algum antiquario, e com vóz de trovão os ameaçasse, dizendo; parai, insensatos, deixai esses prazeres que tão innocentes vos parecem, deixai-os ou aliás maldição sobre vós, homens idolatras, homens pagãos, excomunhão sobre vossas cabeças. Que espectaculo tão extraordinario devia de ser então o largar de violas e guitarras, e prestes circundar o antiquario a interrogar-lhe os arcanos do tal anathema, e eis aqui como elle lhos explicára.

Os antigos Romanos na crença absurda, que seguiam, e a que vós chamaes paganismo, acreditavam que cada homem tinha desde seu nascimento dous genios ou espiritos: um bom, outro máu, e conforme um ao outro predominava assim era o caracter do individuo. Para honrar e festejar estes genios ou espiritos, esses que vós chamaes pagãos, reuniam em sua casa seus parentes e amigos como vós agora fazeis; trajavam suas gallas mais preciosas como vós agora; em seus dedos reluziam as mais brilhantes joias como agora vemos em os vossos; celebravam banquetes e festins, o que vós tambem imitaes. Uns aos outros remettiam custosos presentes, como vós agora enviaes e recebeis; logo abandonai tal festa, ou maldição sobre vós, homens idolatras, homens pagãos, excomunhão sobre vossas cabeças, que assim celebraes ritos, que vossa religião condemna...

Muitos, talvez que aterrorisados por este discurso, recorressem ao Bispo a lhe sanar os escrupulos, ou ao Papa a lhe requerer indulgencia.... Pobres homens... Assim mesmo eram bem honrados.

Continúa.

Calorico = Thermometro.

Duas forças bem differentes por seus effeitos regem os corpos todos: a attração molecular, e a força repulsiva do calorico. A primeira será por ventura alguma modificação particular dessa força, que precipita umas para outras ainda as maiores massas; a attração universal: a segunda suppõe-se depender d'um fluido subtilissimo, que, insinuando-se por entre as molleculas, as força a separarem-se umas das outras: e a este agente, ser, ao principio aprouve denominar calorico, por ser o gerador do calor.

A attração molecular; essa força que leva as molleculas umas para as outras; e o agente repulsivo, que ao contrario se empenha em lança-las no espaço, separando-as mutuamente, são dous inimigos sempre ás mãos, sempre em lucta; ora predominados, ora predominando-se: do concurso destas duas forças nasce uma resultante; é a effectiva com que os corpos existem; é a cohesão. Da continuação desta lide depende a harmonia de todo o bello creado: senão, supponhamos que o agente repulsivo, cedendo o campo de batalha, fugia diante da força da attração; esta impondo a lei ao mundo material, o universo constituiria um unico corpo, massa immensa irregular, e informe: demos agora que o calorico aniquilára o inimigo, que o entretem na peleja; os corpos, que tão bellos se ostentam, esses primores da natureza volveriam todos ao pó mais tenue, e dispersos no espaço se perderiam n'uma divisão extrema.

Se o calorico dilata os corpos, e é certo que em alguns esta dilatação é constante dentro de certos limites, nada mais obvio do que aproveitar esta propriedade da materia, para apreciar as differentes variações de temperaturas. Daqui a origem dos Thermometros, aparelhos destinados a medir os effeitos do calorico.

A descoberta do Thermometro não vai ainda perder-se na noite dos tempos: appareceu elle pelos fins do seculo dezesseis. Larga controversias se levantam ahi sobre quem foi

Digitized by Google

se seu verdadeiro author: alguem o attribue a esse homem grande, a quem o oscillar da lampeda no Templo de Piza despertára o genio fecundo; mas desta vez não foi Galileu, quem prestou tão eminente serviço ao mundo scientifico: é a Drebell, Hollandez a quem se deve tambem o microscopio, que a Physica devia a primeira concepção do Thermometro: e Newton, astro brilhante, que despontára dessas ilhas de gélo, para assombrar o mundo, senão partilhou com Drebell a gloria do invento, della lhe cabe quinhão avultado, pelos aperfeiçoamentos que lhe imprimiu.

O calorico dilata todos os corpos; a uns mais, a outros menos, com mais regularidade a uns, com menos a outros; nem todos são pois egualmente aptos para o objecto em questão.

Os gazes dilatam-se, e contrahem-se regularmente, e na mesma quantidade todos elles: é o que mostram os trabalhos de Gay-Lussac e Dalton, concluindo que para cada gráu centigrado os gazes se dilatavam de 0, 00375 do seu volume a 0°: outro tanto não succede aos solidos, e aos liquidos; cada um delles tem um coefficiente (1) particular de dilatação; e nem esse mesmo constante. Pareceria pois que os gazes eram os mais proprios para construir os Thermometros: e com effeito estes assim construidos são por extremo sensiveis; mas tem o inconveniente de exigirem grande espaço, attendendo a que a força expansiva é muito grande nas substancias gazozas. Preferem-se geralmente os liquidos para temperaturas ordinarias; pois que os solidos são muito irregulares em suas dilatações. Em theoria todos os liquidos se prestam para entrar na composição do Thermometro; mas numero de inconvenientes limita os liquidos aptos para tal fim. O primeiro, que naturalmente lembrava, era a agua; tão espalhada é ella ahi, tão abundante na natureza; mas bem longe está de satisfazer as condicções; o intervallo, em que sua dilatação é uniforme, não abrange as differentes temperaturas, que se apresentam nos trabalhos, a que destinamos o Thermometro: e ainda mais; a agua offerece uma excepção ás leis, que regem os corpos na sua dilatação; com effeito até 4,° 1 ella diminue de volume com o abaixamento de temperatura, mas de 4,° 1 para baixo se dilata de novo devendo, como parece, contrahir-se. (2) O mercurio, unico metal naturalmente liquido, é o que parece mais proprio para a construcção dos Thermometros.

Mas não era assaz obter um liquido, que entre limites distantes se dilatasse regularmente com o calor: era precizo escolher temperaturas extremas, constantes e invariaveis em todos os paizes, e em todas as edades, para lhes referir os pontos extremos do aparelho; tornando comparaveis os differentes Thermometros. Esta necessidade não escapára ás vistas profundas do Philosopho Inglez: observára elle que o gello fundente conservava, durante a fusão, constante a temperatura, independentemente de quaesquer variações accidentaes, que apresentassem os corpos visinhos; e que a agua uma vez levada á fervura não sobia a maior temperatura: foi por isso que Newton escolheu estas temperaturas constantes, invariaveis, e que em toda a parte se podiam obter, para pontos de partida: esta lembrança foi geralmente acolhida.

Ligeira idéa da construcção d'um Thermometro de mercurio.

Lança-se mão d'um tubo estreito de vidro perfeitamente cylindrico; (3) faz-se terminar este tubo por uma bola ou pequeno cylindro, mas de maior diametro, e solda-se na outra extremidade um reservatorio em fórma de cone truncado, ajustando a baze menor com a parte do tubo, a que se une. Feito isto, e guardadas outras não menos indispensaveis cautelas, aquece-se o aparelho, com o duplicado fim de o seccar, e rarefazer o ar interior; verte-se dentro mercurio o mais puro possivel; o ar restante impede a introducção de mais metal, logo que a sua elasticidade se torne egual á pressão athmospherica augmentada com o pezo do mercurio que entrou; consegue-se todavia encher completamente o aparelho, se alternativamente o inclinarmos, e restituirmos á vertical, o que tem por fim deixar escapar ao longo da parede do tubo o ar, que existe comprimido no fundo. Faz-se agora ferver o mercurio; e passado tempo conveniente fecha-se a lampeda na parte superior: os vapores mercuriaes liquefazem se pelo arrefecimento, e cahem sobre o resto ainda liquido: ficou assim um perfeito vacuo no alto do aparelho.

Depois d'estes processos trata-se de o graduar: immerge-se todo no gello fundente; o mercurio contrahe-se successivamente, até

(1) Coefficiente de dilatação d'um corpo qualquer é a fracção do volume a 0° que esse corpo ganhou com o augmento de 1°.

(2) Este phenomeno não se tem (em quanto a nós) explicado de uma maneira satisfatoria: tem-se querido suppor que na agua liquida a posição relativa das particulas é differente daquella que tem a agua solida; e que neste 2.° caso o seu modo de agregação é tal que as particulas occupam mais espaço: e que a 4° começa já este arranjo a produzir effeito.

(3) O caso que consideramos do tubo ser um cylindro é o mais simples; com tudo Mr. Despretz, Gay Lussac e outros ensinam meios de podermos construir Thermometros com tubos que não sejam cylindros perfeitos.

Digitized by Google

parar: nesse ponto, a que no cylindro desceu o mercurio, marca-se com um diamante um traço; é ahi o zero do Thermometro. Expõe-se o aparelho nos vapores da agua que ferve (salvas mil precauções), o mercurio dilata-se, e por fim pára; nesse ponto marca-se 100°; dividindo este intervallo em 100 partes; cada uma é o que se chama gráu do Thermometro centigrado. Outras graduações se conhecem, sendo sempre comparaveis.

Fastioso seria enumerar applicações do Thermometro. E' elle que nos dá a menor variação de temperatura. O viajante instruido o leva comsigo para conhecer o frio, ou calor dos climas ardentes, ou regiões de gello: e podendo taes temperaturas produzirem-se por meio da arte, nós as apreciamos devidamente. Mil usos tem elle na economia domestica: muitas vezes o devêramos nós consultar antes de nos decidirmos a vestir. Finalmente á Chymica e á Physica é elle um instrumento precioso.

(A. da R. Gama Lobo).

DUGUESCLIN.

Na ultima extrema se escoava o anno de 1327; e n'uma salla do Castello de Motte-Broon, perto de Rennes, se passava uma scena bem estravagante: um velho em pé, braços cruzados e cabisbaixo, se conservava meditabundo; uma mulher triste e melancolica, sentada em um tamborete de novo uso e primor, parecia entregue a profundas reflexões: varios domesticos eram attentos expectadores; e um menino de figura difforme, agaxado a um canto, agarrava ás mãos ambas um curto bastão, lançando pela caza seu olhar fero, selvagem, e ameaçador: o silencio presidia a esta scena do mundo ideal; o enfadonho silencio, que finalmente foi interrompido pelo troar da vóz do ancião.

— Nem lêr sequer (disse elle com paixão): nem lêr se quer!... — Seja-lhe o despreso e a ignominia de castigo; e servirá talvez de restituir a sensibilidade a esse corpo inerte. E vós, continuou elle, olhando para os creados, tomae-o em vossa conta, e quando delinquir castigae-o. — Sahiram os creados, a mulher banhou-se em lagrimas; e elle continuou com vóz de trovão. — Perdidas são todas as esperanças: crescerá, abominado de todos; sobre mim lançarão o anathema do despreso; e esta macula será indelevel na historia de meus avós, dos mais antigos e nobres fidalgos Bretões. Nem as durezas, que recebe em vez de caricias, o teem podido domar. A morte!.... antes a morte roubasse ao mundo este ente abjecto, este monstro, a que me envergonho de haver dado o ser. — Tal disse, e se partiu com a mente turvada e as esperanças perdidas.

Estes os pormenores dos sarcasmos lançados ao infeliz innocente; mas não sabiam que seu exterior bruto e ferrenho occultava um thesouro; e que o menino, que olhavam como um monstro, havia de ser o maior homem do seu tempo.

Os dias corriam uns apoz outros; e com elles se augmentava o desgosto desta familia. Uma tarde da primavera, em que toda a natureza parecia risonha, o pranto e o desespero eram o folgar em caza do honrado velho. Uma Religioza, antiga amizade da mãe do menino, veio vesita-la: ao entrar topou com o triste alvo de todos os vexames, similhante á cobra enroscado a um canto: aproximou-se para o contemplar de perto; pareceu ver transluzir em seu rosto um prestigio de felicidade, e meigamente o acariciou. Mas estava tão pouco habituado a esta linguagem natural do coração, que julgou zombavam delle; e levando do bastão em tom de ameaça lhe disse, que se retirasse. A boa da Religioza não se amedrentou; tomou-o pela mão, e, considerando-o attentamente, lhe disse « *que havia de ser o maior homem e o mais valoroso Capitão do seu seculo.* »

Que effeito occasionariam pois estas palavras mysteriosas?.... Todos, como absortos, olhavam uns para os outros: e o menino parecia que uma nova alma lhe animava a existencia. Uma completa metamorphose se opperou instantaneamente em seu viver moral. De selvagem e descortez, que era, se tornou affavel e meigo; mesmo para com aquelles que mais o haviam maltratado.

O Prognostico da Religioza voava de boca em boca, como um annuncio de Aurora. O nobre ancião de triste que fôra, o riso agora lhe assomava ás faces; e sobre si tomou a educação de seu filho; começando de instrui-lo com a narração das famosas guerras, em que havia tomado gloriosa parte. Alexandre o Grande, Julio Cezar, Pompeu, e quantos outros valorosos capitães a antiguidade enumera em seu brilhante catalogo foram digno objecto de profundas reflexões.

Estas narrações, feitas com o interesse de um páe desejoso da instrucção de seu unico filho, foram o germen do amor de gloria, lançado no coração de Bertrand Duguesclin: e milhares de vezes o verieis, cheio de um sentimento enthusiasta, exclamar « Ah! Que não esteja eu em edade de imitar tão grandes homens, e practicar tão

Digitized by Google

grandes acções?!... » Com os desejos cresceram os annos; e seu páe começou de ensina-lo a atirar á frecha; a esgrimir a espada, a acha d'armas, a lança; a equitação; a luta; e a dispor os Soldados em batalha.

Já em táes tempos se aconselhava de juntar a pratica á theoría; e Duguesclin não quiz desmentir este principio. Organisou um regimento de 200 a 300 mancebos da sua edade, proclamou-se seu General, dividiu-o em companhias, promulgou as suas leis militares, e disciplinou-os; fe-los combater em raza campanha, construiu suas fortificações, e fe-los tambem montar á brecha: empenhando-se nestes combates por tal arte, que o valoroso era premiado, e o covarde punido.

Não ficavam estas experiencias em meros brinquedos: porque todos os dias se encontravam no campo alguns feridos e contusos deste pequeno exercito. O proprio General raras vezes sahia ao campo de batalha, sem recolher maltratado. Sua mãe começou de recear alguma desgraça; e o experiente páe vedou os combates, prohibindo as reuniões. Mas não findaram assim: que Bertrand sasabia recompensar esta prohibição, lutando com o primeiro que ao encontro lhe vinha: enserraram-no então em um quarto seguro; sem que podesse applacar-lhe o ardor do combate quatro mezes, que alli teve de prizão.

Ao cabo deste tempo Bertrand conseguiu escapar-se, e fugir para Rennes, acoutando-se em caza de um tio, que o amava extremadamente, e que o refugiou por tres mezes.

(Concluir-se-ha).

Sciencias Naturaes.

AR ATOMOSPHERICO. (*)

Assim se denomina uma camada de fluido gazozo que cerca a terra por todos os lados, que penetra ás maiores profundezas, e se eleva a uma altura ainda não bem determinada.

Antigamente se julgava que o ar era uma substancia simples, um elemento propriamente dito, segundo a opinião d'Aristoteles, que vogou até 1630, época, em que as experiencias de João Rei, Medico Portuguez, motivadas pelo augmento de pezo observado pelo Pharmacultico Brene no estanho calcinado, abriram as portas á analyse, que Lavoisier, Chimico Francez, pôz em pratica, determinando, em resultado, precizamente a sua composição.

O ar atomospherico é, pois, uma mistura de 21 partes d'Oxigenio, 79 d'Azote, e uma millessima d'accido carbonico, contendo alguns vapores aquosos. A proporção dos dous gazes, que constituem a maior parte do ar, é sempre a mesma em qualquer logar, onde o examinemos. Seu estado de pureza soffre alterações pela dissolussão de certos principios extranhos, como materias organicas e differentes accidos d'enxofre e outros; estas variações são devidas a causas locaes e puramente accidentaes.

As propriedades caracteristicas do Oxigenio são modificadas pelas do Azote; e não foi sem um fim util e necessario aos seres animados que a natureza determinou estas modificações; porque a experiencia nos tem mostrado, que o Oxigenio respirado puro pelos animaes, produz um augmento e exaltação de vida, porém em breve succede a morte.

Antes da época, que acima citámos, ou para mais justamente nos expressar-mos, antes de Lavoisier, este homem de seculo, que com seus trabalhos, tanto ampliou o imperio da Chimica, o ar atomospherico era uma substancia, a cujas modificações se attribuiam as variedades infinitas, debaixo de que se nos apresentam todos os fluidos elasticos.

E' cousa pouco estabelecida com precizão a altura da massa atomospherica; sabe-se que é consideravel. Sua compressibilidade é justificada pela sua maior densidade nas camadas inferiores, que nas superiores; mas ignora-se a progressão, em que esta densidade diminue nas regiões mais altas; assim ainda que se saiba que uma columa d'ar tem o pezo d'uma outra d'agua de trinta e dous pés, ou de mercurio de vinte e outo pollegadas, não podemos deduzir a altura da atomosphera. Alguns Physicos tem pensado, segundo o phenomeno dos crepusculos, que a sua elevação devia ser de dezesseis leguas; outros, levados pela observação das auroras boreaes, encontraram, que devia approximar-se de trezentas leguas. Por esta demaziada divergencia de calculos, e fallencia d'outros meios d'entrar em similhantes analyzes, pouco nos é dado saber precisamente da altura de nossa atomosphera. Seu equilibrio, sendo continuamente interrompido por mui variadas circunstancias physicas, procura constantemente restabelecer-se. O ar é quazi outo centas vezes menos denso que a agua; e antigamente se ignorava seu pezo; porém hoje sabemos que a pressão por elle

(*) Publicamos este artigo a pedido de alguns de nossos Assignantes que nos solicitaram a ampliação da 3.ª parte do Artigo = GEOLOGIA =.

Digitized by Google

exercida sobre a terra é incrivel, e por calculos se julga ser egual as d'uma camada d'agua d'onze metros d'espessura, que cercasse o todo do globo; massa enorme, sem cuja pressão a maior parte do liquidos se reduziriam a vapores, e muitos sólidos passariam a liquidos; egualmente se calcula ser a quantidade d'ar que peza sobre um homem d'ordinaria estatura em 33$\frac{1}{2}$ libras. Teem, como outros corpos diaphanos, a propriedade de quebrar os raios luminosos; mas alguem tem duvidado, que elle possa reflectilos. Ha provas differentes, que nos conduzem a julga-lo d'uma côr azul; o que se observa nas grandes massas. E' inodor, e serve de vehiculo das particulas odoriferas. E' singularmente elastico, e são suas vibrações que nos transmittem os sons. Temos provas evidentes de sua elasticidade nos effeitos da espingarda de vento, e de varias machinas, que são utilmente empregadas nas artes.

Foi no meio do decimo septimo seculo (1643) que se provou por experiencias rigorosas o pezo do ar. A impossibilidade de fazer subir a agua acima de trinta e dous pés nas bombas fez comprehender a Torrecelli, que havia uma causa exterior que sustentava o liquido n'esta altura, e que não havia, como até então se dizia, um horror da natureza para o vacuo, que promovia a subida da agua nos canudos das bombas. O celebre Physico encheo de mercurio um tubo tapado por uma de suas extremidades; virou-a sobre uma tina cheia do mesmo metal, e vio o mercurio constantemente chegar a altura de vinte e outo pollegadas depois de muitas oscilações; vio logo que as differenças d'altura correspondiam ao pezo relativo dos dous fluidos, que está na razão de quatorze para um. Eis ahi a verdadeira origem do barometro, instrumento destinado a medir a pressão atomospherica delle.

O ar atomospherico fórma a parte do globo que parece distincta e isolada, porém que nem por isso é menos util e indispensavel á existencia de todos os seres organisados que povoam a terra, porque só elle póde fornecer a todos o elemento privativo da respiração, tanto nas plantas como nos animaes. Seu exercicio não se limita ao que havemos dito; mui consideravel é o papel, que representa nas maravilhosas scenas da Natureza. Serve como de reservatorio aos vapores aquosos, que o calor diariamente eleva da superficie da terra, e existindo ahi por algum tempo, nos são restituidos em fórmas variadas, e purificados das substancias n'elles dissolvidas. A variação dos tempos é a causa d'este phenomeno; e assim, quando a temperatura sobe, a agua evaporada se espalha na atomosphera; e em consequencia de sua ligeireza ganha altas regiões, onde pela influencia de circunstancias atomospherica, se condensa, ganha pezo especifico, e se precipita por fórmas variadas.

E' tambem neste vastissimo campo atomospherico, que se passam esses phenomenos physicos chamados metrosos: taes como os ventos, trovoadas, relampagos, mangas electricas e aerolitos.

A TOMADA DE CEUTA.

Anno de 1414.

III.

A PELEJA.

Avante! Avante! por S. George! bradavam os Cavalleiros de Christo acomettendo com as espadas feitas os infieis postados nas praias para lhe embargarem o passo; este grito de guerra soava aos ouvidos dos mouros aterrados, como se fôra já um hymno de triumpho, ou um presagio de exterminio: — debalde elles levantavam tambem o seu brado de Allá, que outrora fôra tão temido, e que muitas vezes presagiara aos Christãos a destruição e a morte; hoje as suas vozes eram fracas, e mais se assimilhavam a gritos e gemidos de vencidos, do que a desafio de guerreiros: — uma nuvem de poeira envolvia os combatentes, e só de momento a momento se viam scintilar com terrivel brilho as adagas e alfanges, que se crusavam: — uns após outros cahiam os pelejantes, e o seu sangue tingia a terra arida, que disputavam os brados, as imprecauções e os gemidos se misturavam em consonancia infernal ao som rouco das trombetas; e as bandeiras volteavam nos ares como signal de desafio e conforto. — Entre os guerreiros, que mais de perto estavam ás mãos com os barbaros avultavam os Infantes D. Henrique, e D. Pedro, e os Cavalleiros D. Fernandes d'Ataide, e D. Alvaro de Atouguia; elles estavam cobertos de sangue e pó; tinham as armaduras quebradas dos fortes golpes que receberam, e nas mãos lhe reluziam as espadas sanguentas que vibravam sanhudos, como se a sua sede de sangue infiel fôra eterna: — Os descridos, que com afinco haviam até então defendido as vidas e a liberdade, não poderam soster o impeto de taes inimigos, e covardes viraram costas ao perigo e á honra, correndo a acolher-se dentro dos muros da Cidade, onde se julgavam mais a coberto das lanças dos Christãos; porém sahiu-lhes errado o pensamento, que com elles

Digitized by Google

entraram os Cavalleiros animados pela esperança da victoria, que lhe sorria, e ferrenhos pela vista dos monumentos erguidos á seita impia, que odiavam; alli tornou-se mais feroz a batalha, porque aos mouros dava alento, a desesperação, a vista das mulheres e dos crianças, preza do vencedor, a Religião, que como vacilante viam prestes e desabar sobre elles, que a não sabiam defender, e a imagem do exilio e da proscripção, que como um fantasma de demonios lhe apresentava a sua seita prostrada ante as grevas dos vencedores, o desterro com as suas agonias, as amarguras e as privações, e a imagem da morte no meio dos desertos e sem asylo!! então defendiam palmo a palmo a terra que os vira nascer, e a custo de sangue é que os Christãos podiam ganhar terreno: — A elles! bradou o Infante D. Pedro, a elles!! Senhores e amigos!! e com denodada valentia por entre os descridos abriu seguido de poucos larga e sanguinosa estrada; a elles!! bradaram os Cavalleiros arremettendo aos barbaros para seguirem o Infante, que já hia afastado; mas novo troço de inimigos lhes estorvou o desejo, e a peleja começou de novo terrivel e medonha. — Neste tempo ouviu-se uma voz aterradora exclamando = o Infante é morto!! = Cavalleiros! gritou o nobre Vasques Fernandes d'Ataide, vamos morrer, ou salvar D. Pedro nosso chefe!! dizendo isto rompeu por entre os inimigos, que abriam as filleiras por evitar-lhe os rijos golpes; e já estava visinho do Infante, quando uma arma traiçoeira o lançou por terra, e unindo as mãos, como quem reza, espirou arrancando um suspiro d'agonia. — D. Alvaro suffocando a sua dor, correu para D. Pedro, a quem um mouro hia descarregar um golpe na cabeça sobre uma fenda do elmo que trazia despedaçado; e de uma estocada lançou o infiel por terra salvando o nobre e illustre filho de D. João 1.° — S. George!! S. George!! a vingar o velho d'Aljubarrota!! bradou o mancebo, e com tal sanha deram nos agarenos, que em breve os dispersaram, e com novos soccorros de todo os sacudiram da Cidade.

Já de todo estava terminada a peleja, e Ceuta havia curvado a cabeça magestosa ao jugo dos valentes Cavalleiros de Christo; já sobre suas torres se despregava com desdenhosa ufania a bandeira dos vencedores; já ante os pés dos guerreiros Portuguezes cahia prostrada e expirante a seita outrora vencedora; e a mesquita era transformada em templo, d'onde do pó da terra elevassem os guerreiros da cruz suas orações de graças ao Deus das victorias, ao Senhor das maravilhas!! — Alguns dos Soldados ainda corriam as ruas em busca de miseros veneidos em que empregassem a ira, que os animava; outros nas mulheres e crianças vingavam o perigo, e o sangue dos que eram mortos; e finalmente muitos entravam nas casas em busca de riquezas com que matassem a sua cobiça: — Entre os que se acolhiam ao arraial, que por ordem d'El Rei se estava levantando, era um o joven D. Alvaro d'Atouguia: em seu rosto estava estampada a magoa, e a dor que lhe rohia o coração, e na mente revolvia lembranças do amigo, que perdera, e que só serviam de lhe avivar a saudade: elle vinha do logar onde o nobre Ataide cahira, e fôra ainda uma vez deitar uma vista saudosa sobre aquelle que fôra leal Servidor do seu Rei, fiel amigo, e estremado guerreiro de subito elle ouviu prantos e gemidos de mulher, que afflicta pedia soccorro; sahindo da sua dolorosa distração o mancebo correu ao lugar, d'onde soavam estes gritos, e entrando n'uma bella habitação viu uma donzela formosa, que, com lagrimas de desesperação rojava aos pés de alguns Soldados, e arrancava os cabellos, que annellados cahiam sobre os seus hombros, e como lhe serviam de véo; suas lagrimas longe de enternecerem os ferozes algozes, só lhe faziam soltar rizos de zombaria; mas de repente a porta se abriu e o Cavalleiro D. Alvaro, appareceu aos olhos dos infames perseguidores da innocencia da virgem, como se fôra um espectro vingador: — os olhos do mancebo faiscaram, e com uma voz rouca e terrivel bradou aos Soldados estupefactos — homens indignos, que assim ousais com acções de cobardia deslustrar victorias tão insignes; miseraveis, que só contra as mulheres desembainhais as espadas traiçoeiras!! que não vos pejais de ultrajar a innocencia e a fraqueza de uma donzela, porque julgaveis, que nenhuma adaga sahiria da bainha em defeza da infiel desvalida!.... sahi já; e que Deus vos livre de egual infamia cometterdes, que pela Cruz vos juro, que vos arrependereis: — os Soldados sahiram humilhados e temerosos de severo castigo; então a donzela, se lançou aos pés do mancebo, e, abraçando convulsa os seus joelhos, disse:

— Oh! vós sois bem generoso e compassivo.... e com o vosso soccorro me salvais da infamia e da desbonra, a que antes é de preferir a morte; sim.... antes a amargura da agonia mais prolongada.... antes os tormentos mais crueis; mas ao menos morra eu pura e innocente!! leve ao tumulo illeza a minha corôa de virtude e de candura, que é o thesouro mais de apreciar para uma donzella!!.... oh mas elles voltarão, e.... — Tal não deveis recear, Senhora; nenhum Cavalleiro de Christo empregará a força e a sua espada contra vós; nenhum quererá infamar o seu nome com tal ignominia; á fé de Christo, que nenhum ousará offender

Digitized by Google

a mulher, que tem em seu auxilio não só a adaga do guerreiro, mas até a expressa vontade do seu Rei, que lho ha prohibido, porque como Cavalleiro é seu dever proteger a fraqueza, ainda de uma infiel.

— Que o Ceu vos abençôe, porque não desprezaes a fraca creatura desvalida!! porque vindes generoso salvar uma desgraçada, que só em Deus confiava, porque os homens a repeliam e escarneciam!! ainda ha pouco eu tinha um páe que rojaria a vossos pés, que vos expressaria a sua gratidão, como um captivo o poderia fazer.... e que envolto na humiliação, e no pó da escravidão ergueria ao Deus dos crentes suas supplicas por vós e pela filha que lhe conservasteis... oh! mas elle tambem morreu.... e só lá no Ceu colhereis da mão do Creador a recompensa.... E as lagrimas lhe tolheram a falla; novas convulsões a agitaram, e deram depois logar a uma resignação dolorosa; — como era então bella e interessante a jovem Zeila! as suas lindas feições só expressavam a saudade e a gratidão; a paciencia resignada que estes affectos expremiam, a assimilhavam a um anjo: e o mancebo que com uma leve força, com um aceno podia aniquillar este ser tão fragil, elle que não temera a ferocidade de inimigos terriveis, abaixava agora ante ella os olhos, e se perturbava. — O que é a sua alma sensivel e nobre se encontrava com outra egual, e para ella voava, porque os mesmos sentimentos as uniam; por isso torvado lhe voltou: — não haveis razão de dardes tal valor ao soccorro, que vos offereci; como Cavalleiro só hei cumprido o meu dever, e como Christão nunca esmagarei o inimigo, ou o fraco abatido.... é mister que eu me retire, mas ahi vos deixo um escudeiro, que como eu o fizera vos defenderá, em quanto vos não chega mais respeitada protecção: — e o mancebo se retirou, como se assim melhor ocultara a sua perturbação, e como se a si proprio encobrira o amor com o pretexto da compaixão e do interesse: — a bella Zeila o seguiu com os olhos até perder de vista a elegante figura do Cavalleiro, que sobre o seu ginete se afastava loução; depois arrancando um suspiro disse: — oh! elle tambem me despreza! só a compaixão, e a humanidade o inspiraram; se elle soubera como esta alma é sensivel, se elle podera lèr em meu coração!... oh! meu páe comtigo perdi o unico ser, que ainda amava a infeliz Zeila: d'ora èm diante, ninguem sentirá, como se foram seus, os soffrimentos da donzella desvalída; ninguem se doerá da escrava agarena, porque os ferros da escravidão a deslustram!! e com a indiferença de egoismo a verão definhar e perecer, como se fôra um ser inutil e despresivel.... ai de mim! só vos sobrevi para gemer humilhada, e sentir os loucos caprichos dos vencedores, só porque outro sangue corre em minhas veias .... só porque sigo a lei do profeta, e não a do Nazareno!!!... — Assim dezafogava a pobre Zeila a sua dôr, que os suspiros e as lagrimas são o unico alivio do vencido; e razão tinha de prantear a sua sorte, que nada mais amargo e horrivel existe do que a vida do escravo, que todos desprezam, a quem negam uma vista de humanidade para lhe adoçar a existencia, e que escarnecem, como se lhe não pulsára no peito um coração para sentir, ou como se com os ferros perdera o ser, e o sentimento de homem!!

Concluir-se-ha.

AVISO
AOS SOCIOS.

Quarta-feira, 20 do corrente, pelas 4 e meia horas começará imperterivelmente a primeira Exposição do Curso de Geographia, continuando sem interrupção á mesma hora e dia da semana.

Depois principiará a Sessão.

Os Srs. Assignantes das Provincias, excepto os de Coimbra, terão a bondade de remetter o importe das suas assignaturas á Rua Larga de S. Roque n.° 24.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 17) *Publica-se todos os Sabbados.* *(Abril 25, 1840*

As Sciencias tractadas popularmente.

Convencidos de que o melhor methodo d'instruir, é recreando, não seremos com tudo da opinião dos que querem vêr desterradas as sciencias das columnas dos jornaes populares. A' vista do que acabamos d'enunciar, a alguem parecerá, que levamos em vista, fazer nossos leitores abalisados Naturalistas, ou Physicos profundos: — engana-se quem assim pensar, porque nem o permitte nosso cabedal de conhecimentos, nem a permitti-lo, julgariamos proveitosa similhante idéa.

Nimio ha sido o empenho em querer estabelecer limites determinados entre *recreio*, e *instrucção*, quando melhor fôra ter procurado estreitar os laços que devem unir estes dous elementos indispensaveis para a educação não só das crianças, mas até dos adultos: effeituando essa união, servindo de nexo a essas idéas primas; baze fundamental do ensino humano, encontramos a *curiosidade*, que arraigada no homem desde os seus mais tenros annos, o faz embrenhar no inextricavel labyrintho das theorías, e dos systemas, para satisfazer a sêde que o devora de tudo querer explicar.

Haverá ahi alguem, que não haja notado n'essas edades, em que idéas malfazejas ainda não dirigem nossas acções, a frequencia com que são despedaçados os objectos de seus entretenimentos, até os mais estimados? e qual será o motivo? se vos guiardes unicamente por preconceitos, direis, é o genio da destruição que já começa a brotar n'estas tenras vergonteas, e que para o futuro virá a esmagar tudo o que se oppozer á sua marcha; mas sêde um pouco temerarios em vossos juizos, perguntae a esses corações juvenís, a quem a mentira ainda não é familiar, que sinceramente vos responderão: *era para vêr o que continham;* não quererá isto dizer, que n'elles começa a germinar a curiosidade? satisfazei-lha, que lhes causareis tanto prazer, como o que sentiam, quando se divertiam com esses brincos; aproveitae o momento propicio de lançardes em seu espirito a semente da instrucção, explicando-lhes o mecanismo que tão anciosamente desejam conhecer, e então vereis convertida mui facilmente a instrucção em recreio.

Toda a difficuldade está em appresentar-lhes os objectos de modo que lhes seja facil a sua comprehensão, em subministrar-lhes os alimentos intellectuaes de tal fórma elaborados, que com pouco trabalho possam ser digeridos pelo espirito: e o que acabamos de dizer a respeito da infancia, egualmente se póde applicar aos adultos: por tanto expôr as materias por tal arte, que se tornem perceptiveis, recreando ao mesmo tempo que instruam; tal é o problema que convém resolver.

Hoje por certo ninguem poderá negar a utilidade da vulgarisação dos conhecimentos scientificos convenientemente elaborados: cercando-nos por todos os lados milhares de objectos, que de continuo desafiam a nossa attenção, era mister que não os ficassemos contemplando com essa admiração estupida, que as pessoas pouco ou nada instruidas costumam manifestar á vista de phenomenos, que em si nada teem d'extraordinarios, sendo unicamente consequencias das leis que regem a natureza, conhecidas as quaes, desapparece todo o maravilhoso; tornava-se preciso profundar os seus mysterios, alevantar parte do véu que occulta os seus arcanos, a fim d'obtermos em troco noções importantes, e scenas que nos extasiam, e fazem elevar o nosso pensamento ao Creador de tantas maravilhas.

Que fecundo manancial não nos offerece o estudo da Philosophia Natural? abrangendo em seus limites immensos objectos, qual

Digitized by Google

delles mais importante, ministra-nos largo campo, em que possamos haver á mão abundante colheita de conhecimentos não só preciosos pelas applicações que delles podemos fazer á agricultura, ás artes, e á economia domestica, mas até proficuos pela instrucção e recreio que em si encerram, já iniciando-nos nos sublimes mysterios da natureza, ou tornando-nos patentes os maravilhosos phenomenos que todos os dias se passam em torno do homem, e de que somos pela maior parte meros expectadores, já desterrando milhares de prejuisos, com que nos embaíram os historiographos dos feiticeiros, duendes, e outros contos desta casta, e finalmente contribuindo para o progresso da verdadeira civilisação.

E' mister banir a prevenção em que se está de que os conhecimentos scientificos concorrem para introduzir nas classes menos instruidas o espirito d'orgulho, para espalhar entre ellas a semente da desordem e da insubordinação, e minar pelos alicerces a fé religiosa: a instrucção não destroe pelos fundamentos a verdadeira religião, mas sim o fanatismo, ás superstições, e praticas absurdas, com que individuos n'isso interessados teem mascarado os sublimes principios da nossa crença; o verdadeiro Christão nunca poderá preconisar a ignorancia, pois vê Jesu Christo ensinando o povo no templo, dizendo que elle é a luz do universo, e proclamando que não se deve esconder a luz debaixo do alqueire; nas guerras religiosas, quem commetterá attentados mais horrorosos, quem em nome de Deus cravará o punhal no peito do seu similhante? nas guerras da irreligião, quem derribará os altares, quem escarnecerá, e exporá á irrizão publica as cousas sanctas? a historia responder-vos-ha, o homem ignorante, e de pessima educação.

A idéa de que a desordem é fomentada pela instrucção, ahi estão os factos para a desmentirem completamente: a maior parte das revoluções tanto politicas, como religiosas, por que classe d'individuos em geral são effeituadas? por os infelizes, que destituidos de conhecimentos, não reconhecem que figuram na scena, fazendo apenas o papel d'instrumentos cegos e automaticos para o engrandecimento d'astutos ambiciosos, que abusam da ignorancia de muitos homens, para levar a effeito os seus planos: vêde por exemplo o povo Escocez, que de sedicioso, e amigo de novidades, que d'antes era, depois que o seu parlamento de 1696 fez leis para lhe assegurar uma instrucção solida, se tornou socegado, e amigo da ordem, em virtude da educação que recebe.

Não temaes que a instrucção faça com que as classes inferiores abandonem as suas profissões; porque quando a instrucção se generalisar, quando por essas classes se derramarem os conhecimentos indispensaveis, longe de lhes tirar o gosto pelas profissões a que se haviam entregado, pelo contrario fará com que mais s'agradem d'ellas, e permitter-lhes-ha que se entreguem ao seu exercicio com mais intelligencia, prazer, e proveito; assim o lavrador não perderá o gosto pela sua vocação, quando se achar em circunstancias de poder ter bons tractados d'agricultura, o que o fará abandonar a cega rotina, e dar melhor direcção á seus trabalhos, vendo em paga disso multiplicar-se d'um modo espantoso as suas colheitas, com menos despezas e trabalhos: o mesmo poderemos dizer a respeito das outras profissões, do que nos dão provas incontestaveis a Escocia, e a Suissia.

Se consultarmos as estatisticas de justiça criminal, veremos que em geral o numero dos crimes está na razão inversa da instrucção popular: finalmente se examinarmos a historia, veremos que na Escocia onde nos fins do seculo 17, havia cem mil individuos que viviam sem lei, sem religião, e sem moral, hoje os habitantes deste mesmo paiz distinguem-se pelo amor ao trabalho, e por seu comportamento regular; nos Estados-Unidos, onde a instrucção se acha summamente generalisada, tudo respira ordem, decencia, justiça, benevolencia, e uma especie de sentimento de dignidade moral, commum á maioria dos cidadãos; em París nota-se, que d'entre os artistas, são os mais instruidos, os que tomam maior parte nas caixas d'economias; assim acha-se provado indubitavelmente que estas felizes mudanças são devidas á divulgação dos conhecimentos pelas classes inferiores da sociedade.

A Medicina não será excluida das columnas deste Jornal, mão não esperem nossos leitores por formulas e receitas, que curem todas as enfermidades, nem tão pouco pelo que por ahi s'alcunha com o nome de Medicina domestica, porque o não consente nosso modo de pensar sobre materia tão melindrosa, aguardando para n'um artigo proximo expôr as nossas idéas, sobre o que se deve entender por Medicina popular, ou domestica.

Finalmente julgamos lisongear nossos leitores, apresentando n'este Jornal, debaixo do titulo = *Visita ao Museu Nacional* = uma serie d'artigos, nos quaes ennumeraremos os differentes objectos de Historia Natural que existem n'esta interessante collecção, acompanhando a descripção de cada um delles, d'um resumo das circunstancias notaveis, pelas quaes se tornam dignos da at-

Digitized by Google

tenção não só das pessoas entendidas, mas até dos curiosos, trabalho que poderá servir de guia aos que visitarem este importante estabelecimento.

DUGUESCLIN.

(CONCLUSÃO DO NUMERO ANTECEDENTE).

Havendo então sabido que se ía fazer na grande praça de Rennes um combate da luta, fugiu tambem da companhia do tio. Contentou-se a principio em ser expectador; mas um dos combatentes havia já derribado doze dos mais valentes contendores; e Bertrand invejoso dos applausos que lhe eram prodigalisados, prompto se apresentou na liça para lhe fazer frente. Contava então 16 annos mal complectos. O, até alli, vencedor, forte e vigoroso, ufano de sua gloria, avançou para o bravo Cavalleiro, bem persuadido que do primeiro encontro o levaria por terra; mas inteiramente ao envez sahiu a sorte. Bertrand derribou o seu adversario, depois de um combate tão longo e profiado, quanto elles eram valentes; e ganhou o premio da luta a preço de uma grande ferida no joelho.

O velho Duguesclin, seu páe, o recebeu todavia com amizade; e depois de o haver reprendido da sua fuga, o presenteou com um cavallo e uma armadura, permittindo-lhe assistir d'então avante aos torneios, sob condicção porém de não combater. Bertrand tinha complectado as suas dezesete primaveras; e se amava com ardor os combates e os exercicios militares, não era tambem menos civil, obsequiador e docil para com os homens.

Por este tempo o Senhor Duguesclin, seu páe, e alguns outros fidalgos bretões publicaram um torneio em honra das Damas. O Cartel foi enviado a França e a Inglaterra; o logar determinado era em Rennes; e o premio do combate um diamente de grande valor.

O Senhor Duguesclin partiu para Rennes no dia prescripto, e deixou seu filho no Castello. O nascente heróe não poude por muito tempo conter o impeto da sua paixão; e, como seu páe houvesse levado todos os cavallos, travou de um jumento de moleiro, e nelle se foi para Rennes, em companhia de uma comitiva muito consideravel, para não poder ser conhecido; e colocou-se entre os expectadores. O torneio começou: o som das trombetas, a belleza dos cavallos, o brilhantismo da assemblea lhe faziam pular o coração a cada instante; mas, oh desespero!.... não se achava em estado de entrar na arena.

Um feliz acaso serviu a sua paixão. Vê um Cavalleiro, que depois de haver dado algumas carreiras deixava as fileiras e se retirava. Bertrand larga a multidão, segue-o, lança-se-lhe aos pés, e declara-lhe seu nome: supplica-lhe um cavallo e uma armadura, para ter a honra de combater; e mil protestos lhe faz de nunca esquecer um tão grande favor.

Applaudiu o Cavalleiro o vehemente ardor do novo heróe, armou-o do melhor modo que possivel lhe foi, e deu-lhe um cavallo que não estava fatigado. Bertrand, como fóra de si, abaixa a vizeira do elmo, entra na carreira, e de quinze corridas derriba quinze Cavalleiros, sem receber o mais leve revez. O Senhor Duguesclin admirado, como toda a assembléa, da bravura e louçania do desconhecido, pessoalmente se apresenta contra seu filho. Mas Bertrand, tendo reconhecido seu páe pelas armas, abaixou a lança e não quiz combater. Julgaram que estes respeitos eram de acatamento á grande reputação do Senhor Duguesclin; e longe estavam de presumir que fossem respeitos filiaes.

Em fim um decimo-sexto combatente sahiu. Bertrand o derriba, como aos outros; mas antes de cair, o vencido tira o capacete ao vencedor: reconhece-se o joven Duguesclin; os applausos retinem de todos os lados..... Mas dificil seria ao mais delicado pincel, e ás côres mais vivas de um bem trabalhado quadro de Raphael, do nosso Gram Vasco, do nosso Sequeira, ou do Sr. Fonseca, ou a penna mais bem aparada, que não é a nossa, pintar com justeza a alegria do páe. Cabalmente se persuadiu então, que a Freira não havia abusado de suas vestes mysteriosas, e que seu filho faria a honra de sua familia. Bertrand recebeu o premio do torneio, e as felicitações de toda a assembléa.

Illustre por esta aventura, correu a procurar no serviço do estado occasiões mais uteis de gloria. Brevemente adquiriu tão grande nomeada, pela sua coragem e talentos militares, que se fez temido de toda a Europa, e tornou-se com effeito o heróe do seu seculo.

Suas façanhas são tão numerosas, que não poderiamos, senão mui longamente, offerecer dellas aos nossos leitores o mais conciso resumo nas columnas deste Jornal. Morreu em 1380 de 60 annos de edade, coberto de gloria e de honra: foi sepultado em S. Diniz no jazigo dos Reis de França.

Duguesclin tinha o corpo um pouco difforme, a fisionomia selvagem e o olhar feroz; mas a sua alma era grande, o seu coração outro e generoso, e o seu espirito assaz cultivado. As suas virtudes atrahiam todos os corações, e a sua coragem o fez respeitado dos inimigos da França; sua voz era firme; seu

Digitized by Google

ar gracioso; tinha eloquencia; uma conversação animada; e aquelles, que de perto o conheciam, esqueciam immediatamente o desagradavel de sua figura. — Guyard de Berville escreveu a Historia deste famoso heróe em dous volumes em 12.

(A. J. da C. Salgado).

Sciencias Naturaes.

HISTORIA NATURAL E SUA UTILIDADE.

Não ha sciencia mais fecunda em grandes espectaculos do que a da Natureza. Tudo quanto a terra nos offerece d'util, sublime e admiravel, quanto os ceus, o mar, os ares, as entranhas do globo nos mostram de curioso e bello é da competencia do Naturalista. O mesmo homem, esta creatura chefe de todas, cujo poder parece hombrear com o da Natureza, que rege e dispõe por sua industria e intendimento d'immensa quantidade de seres; o homem, este ente orgulhoso, acompanhado de todas as suas sciencias, artificios e genio, apenas é um atomo no grande Universo.

As sciencias, sendo todas fundadas em objectos naturaes; as artes e os misteres constituindo as producções do espirito humano; as leis civis e moraes, a historia das acções humanas, acham-se subordinadas ás leis da Natureza; tudo por tanto n'ella existe, e feita enleio de todas as substancias, măi de todas as existencias, passadas, presentes e futuras, póde ser considerada como causa e principio eterno de todas as couzas.

Uma vez houve em que os homens conheceram sua fraqueza, e não duvidaram manifesta-la. Consideraram, que o intendimento individual se perderia nos vastissimos campos das sciencias naturaes, onde as intelligencias de todas as edades tem empregado seu trabalho, colhendo só o não pequeno fructo de conhecerem quanto ignoravam, restringiram a Historia Natural ao estudo das materias brutas e corpos organisados, e formando ramos collateraes separaram a Physica geral e particular, a historia do ar e metheoros, a Astronomia, a Chimica, a Medecina, e outras sciencias e artes.

Nem pelas muitas abstracções a Historia Natural deixa de possuir um imperio de mui affastados limites; grandissimo numero de bellas producções naturaes é da sua competencia; porém á vista de sua multiplicidade infinita o espirito humano pasma e receia abismar-se n'um oceano sem fins; o desalento succede ao empenho de conhecer, e a magnifica scena do mundo não cessa de se nos mostrar grandiosa em mysterios e sublimes obscuridades.

Perguntar-se-ha pela utilidade que nos resulta de vãas tentativas, que attenuam a intelligencia, e só tem um fim problematico? Não obstante isso, similhante estudo nunca é inutil ao homem. Não é pela ajuda da Historia Natural, que se podem tirar os proveitos possiveis das plantas, animaes e mineraes para os usos da vida? Os conhecimentos d'esta sciencia se teem progressivamente augmentado com o apuro das Sociedades, e estas com seu augmento se tem enchido de bens e immensos gozos. Considere-se o selvagem estudando as propriedades dos vegetaes de que tira seu sustento diario, assim como os remedios de suas enfermidades, procurando descobrir as qualidades dos animaes selvaticos, que persegue na cassa, que domestica e familiarisa em sua choupana, de que se serve, como de companheiros fieis, escravos uteis, que lhe dão o leite, a carne, de que se nutre. Contemple-se o homem civilisado, plantando o algodão, a cana d'assucar, a videira, a larangeira, separando a sêda, cultivando a oliveira, ceifando suas searas, e depois vêja-se se o estudo da Natureza se não tem tornado um dos mais fecundos elementos da prosperidade das nações, o fundamento do commercio, e da existencia dos homens. Se existe no mundo algum meio de nos constituirmos n'um estado mais florescente, feliz e rico, d'espalhar em todos os pontos a abundancia, e finalmente de nos preparar todas as commodidades da vida, e sem duvida aquelle que nos descubra todos os recursos que a Natureza encerra, toda a utilidade dos dons que sua beneficencia tem semeado sobre a terra. Como nos approveitaremos de seus generosos e abundantissimos offerecimentos, se desconhecemos suas propriedades, se dispresamos seu estudo? E' ao homem em particular que pertence receber a contribuição de todas as producções da terra, harpoar a baleia, recolher a cochinilha, ir procurar as especiarias ás Indias, o ouro ao Chili, o café á Arabia, plantar em seu paiz os preciosos fructos das terras estranhas, mais uteis que o ouro, e naturalisar na sua patria os animaes que habitam debaixo d'outros climas.

Sem o conhecimento das producções naturaes gastariamos os tempos vagueando selvagens e barbaros, faltam nossa nutrição os fructos silvestres, que a terra compadecida de nossa ignorancia e inercia nos quizesse confiar; em vez de nossos preciosos licores só teriamos as aguas que abundantes correm na superficie; e as épocas de tal existencia se assimilhariam aos tempos de Saturno, tem-

Digitized by Google

po que os poetas em seus canticos chamam edade d'ouro, e que, quanto a nós, seriam os seculos de ferro.

Alguem dirá: para que serve esta multidão d'inutilidades, de que se acha sobrecarregado o estudo da natureza? Para que nos occuparemos, por exemplo, dos insectos? Se ainda até ao presente não temos discoberto toda a utilidade d'estes seres, quem sabe se um dia virá, em que delles tiremos algumas vantagens? Póde ser que estes insectos sejam necessarios ás plantas, em que vivem, para as livrarem da suprabundancia perigosa de seus liquidos, ou sirvam d'alimentar outros animaes proveitosos. O nosso erro é referir a existencia de todos os seres á nossa propria utilidade. Se o homem diz: para que serve a formiga? não tem ella egual direito de perguntar para que serve o homem? O universo tem menos necessidade de nós do que d'ella? Só olhamos a natureza pela parte que nos respeita sem a examinarmos por todas as suas faces. Este não é o meio de bem a conhecer, nem tão pouco de tirar as vantagens, que ella nos póde offertar. E' necessario experimenta-la por todos os pontos, ensaiar experiencias frivolas em apparencia para chegarmos a felizes resultados. O primeiro que examinou a propriedade que tinha o ambar de attrahir os corpos leves, não previa quantos prosperos resultados se haviam colher um dia da electricidade; que por ella se explicaria a natureza dos raios e outros phenomenos admiraveis; que constrangeriamos aquelles productos das grandes e terriveis revoluções atmospherieas a descer sobre conductores para d'algum modo vedar a ruina de nossos edificios e de nós mesmos.

De continuo injustamente clamamos contra a natureza. Para que se occupou ella, dizemos nós, em criar quadrupedes ferozes, aves de rapina, serpentes venenozas, insectos roedores? Para que formou tantos vegetaes venenozos, tantas substancias inuteis e nocivas? Claro está por este raciocinio, que nós não reconhecemos por bem feito senão aquillo, que nos serve; que consideramos o restante, como fóra d'ordem, injusto e desnecessario; finalmente que nos imaginamos os reis do mundo. Quanto somos insensatos! Quão espessos são os véos que nos escondem nossa pequenez! Quão apoucadas são as idéas que possuimos das obras do grande architeto do Universo!.. Nossa temeridade é filha da ignorancia; nossos desvarios são desculpaveis, porque a esphera de nossa intelligencia tem apertados limites.

Porém não é difficil demonstrar, que, todos os seres ainda os nocivos são de beneficio em a natureza Por exemplo: sem os animaes carniceiros que multiplicidade haveria de roedores, de reptis, de insectos estragadores de todas as especies! Quantos animaes em putrefacção, sevandijas, impurezas, immundicies, impestariam a atmosphera, tornariam prejudiciaes as aguas, se não houvessem as especies carniceiras, que limpam a terra? Lamentamos os estragos feitos pelas pequenas aves em nossas cearas; com tudo quando exterminamos estes innocentes e pacificos volateis, os campos se enchem de insectos, roedores, tanto mais devastadores, quanto menor é seu tamanho, occultando-se ás nossas buscas, e tornando-se, por assim dizer, indestructiveis.

A final não podemos sustentar que tudo quanto existe fosse creado para as commodidades e beneficios do homem, porque não o devemos considerar como o centro do Universo, e o fim para que tudo foi feito; porém que tudo se acha disposto o melhor possivel em relação a elle, e aos demais individuos. Eis o que todo o ser sensato deve acreditar sem custo, por pouco que examine o mundo no seu todo e sem prejuizos.

A TOMADA DE CEUTA.

Anno de 1414.

IV.

A VINGANÇA.

Em uma salla sumptuosamente adornada ao modo Arabe, um mancebo e uma donzella praticavam com vehemencia; tres portas, meias serradas deixavam entrever longos côrredores fracamente aclarados, que communicavam por um labyrintho de outras passagens e quartos com um jardim; atravez das estreitas janellas o clarão sinistro do relampago fazia destinguir o Ceu carregado de nuvens medonhas e pezadas: o vento sibilante da tempestade fazia ouvir os seus gemidos prolongados, e a chuva cahindo rijamente ministrava mais este som monotono ao terror, que inspirava esta scena de magestade;

— Zeila, (dizia o mancebo) vejo sobre o teu rosto um véo lugubre de tristeza; teus labios descorados tremem, e uma convulsão de terror agita os teus membros; oh! se da tempestade has temor, socega, que a magestade de Deus só com o raio vingador busca o malvado: a tua pallidez augmenta! meu Deus! tu soffres?

— Alvaro! nada soffro; da tempestade não hei receio, que não deve ella admirar uma filha do deserto; porém a recordação,

Digitized by Google

que esta noute, e esta tempestade me trouxeram só podia annuviar a minha fronte; e eu que só devia significarte a embriaguez do prazer que me possue quando te vejo, eu só te assustei com minha melancolia.

— Oh!.. deixemos taes recordações para um dia mas explicares... não é assim?... um dia em que não tendo um pensamento, que não seja d'amor, não vendo em toda a parte senão a felicidade, que nos sorrirá, e ligados para sempre pelos laços sanctos, que os homens tenem quebrar, quem não dirá então, que gozamos na terra as venturas dos anjos? E quando sobre as nossas almas como unidas n'uma só, cahir respeitada uma benção de pai, de ancião, e de virtude, e com o sorriso nos labios, e a alegria do Ceu no coração, nos repetiremos esta palavra *amor*, tão innocente e bella quando pronunciada pelos labios do homem, que só deseja e vê em toda a parte a ternura, a ventura, e a união sancta de nossos páis... tão horrivel e enganadora quando profanada pelo seductor desdenhoso, cujo coração não conhece senão o nome vago da virtude, e cuja lei é a satisfação de sua bruteza.... mas hoje, e neste momento uma barreira de separação se ergue com medonho aspecto ante nós... e estas ondas que com sinistro sussurro se vem quebrar lá n'aquellas praias, como que nos bradam, que a extensão dos mares nos vai separ... oh! e para sempre; mas não será assim.... Zeila tu me amas, tu o disseste.... e não duvidarás um *sim* ao teu Alvaro, quando com elle lhe dás a vida, a ventura, e a eternidade!..

— Alvaro, e ainda o duvidas! oh, tu bem o sabes; a pobre Zeila só ati ama, e o seu amor não poderá esfriar nem na louza fria do tumulo, que lá mesmo lhe encendiará o coração gelado a tua lembrança, se penetrára a noute e o somno de ferro do sepulcro!.... mas esta separação, que repentina surge como um espectro de vingança! esta palavra *separação* sôa aos meus ouvidos como se fora repetida pelos labios gelados da morte; Alvaro! se te eu perder... e se a vida me durar até com a tua gallé vêr desaparecer a minha esperança de existencia e de felicidade.... em breve descerei ao sepulcro, e a minha ultima palavra será o teu nome.... e o meu suspiro final, para ti voará atravez dos mares, e o seguirá a minha alma ardendo em amor, para te esperar na eternidade, onde nenhum poder nos ousará desunir...., oh! sim só no profundo repouso do tumulo seremos ditosos!...

— Zeila, lhe tornou sério o mancebo, parece que duvidas do meu amor! só uma palavra tua, só um querer teu póde derribar o unico obstaculo que nos separa. Oh sim! tu a dirás, e então quem ousaria erguer a voz, quem ousaria desunir a Esposa do Esposo, sem que a adaga do cavalleiro lhe varasse o coração?... esta palavra misteriosa é o *Baptismo*, que nos tornará a ambos irmãos, porque teremos a mesma lei; o Baptismo que fará emudecer o ciume e a inveja dos homens; o Baptismo, em fim, que nos unirá para sempre no mundo, que será para nós o Jardim do Paraizo, e lá na eternidade, porque a mão de Deus abençoou a Esposa do Christão!... tu o receberás, não é assim? não me vêz a teus pez... não sabes que um *não* da tua boca me entregaria aos tormentos do Inferno, aos horrores dos condemnados!! oh! de joelhos espero a tua resposta, e os teus labios proferirão a sentença do teu Alvaro!...

— Alvaro! por piedade.... ouve-me, e depois.... eu farei o que quizeres, porque o amor te faz meu senhor, e a mim tua escrava!... oh! se um homem te dissesse, a ti cavalleiro de Christo, a ti Portuguez e leal, a ti que és filho, deixa a lei de teus páes, e segue a dos filhos de Agar; deixa a patria que te criou como uma mai a seu filho, e vai errante e vagabundo buscar nova patria entre os inimigos de teus irmãos vencidos; deixa em fim sem piedade os ossos do pai que te deu o ser, e despreza a sua maldição; que sahindo do pó do sepulcro sanguento, que o cobre, te seguiria como o anathema do Eterno ao primeiro assassino, ao Caim, que tingiu no sangue do irmão suas mãos criminosas, e sobre tudo isto cospe-lhe o fel da apostasia e do despreso!!.... sabes o que farias? tu lhe traspassarias o peito; e vens agora com lagrimas, com frazes de fogo, pedir-me, que me torne despresivel aos teus olhos, e infame aos do mundo irritado!.....por piedade não instes, um segredo terrivel me peza no coração, e então será forçoso descobrillo....

— Zeila tu não me amas! lhe disse com voz triste o cavalleiro, e com tuas palavras me dás a morte, porque hei jurado sobre o lenho do crucificado seres tu minha, ou eu morrer; tu recusas.... e eu morrerei.... oh eu me enganei..., sim! e bem cruelmente!....

— Não te amo! pois ouve, e depois verás se sei amar!... era uma noute como esta medonha e horrivel, sim bem sinistra! no meio da tempestade um homem pedia a um páe que lhe désse para partilhar o seu leito a filha do seu amor.... o unico prazer da sua velhice.... elle unia ao poder e á nobreza a fereza do tigre, ou o coração d'um demonio; Alli Zalabençala era o seu nome; e seu páe mandava n'esta Cidade como um senhor manda seus escravos; eu rojei aos pés

Digitized by Google

de meu pae, e pedi antes a morte do que tal união.... os meus rogos foram ouvidos, e a sua alliança recusada; então... eu ainda treino, elle pondo a mão sobre o punho do seu cangiar disse com um surriso diabolico, ao teu despreso só responderei com a indiferença; mas ai de ti, se a outro dás o amor, e a mão de desposada; porque juro pelo tumulo do Profeta, que a ti este punhal, a elle o meu alfange hão de arrancar a vida, ainda que a terra vos occulte nas suas entranhas. — Alvaro! tu disseste que eu te não amava!... a morte seguirá minhas palavras, e o tumulo nos unirá... ouve = e levantando-se ergueu a voz, e disse = Cavalleiro eu te dou o meu amor, e a mão de desposada.

Apenas proferira estas palavras uma voz pauzada e terrivel se ouviu = *a ti este punhal, a elle o meu alfange* = pela morte de Christo, bradou o cavalleiro, caro te custará o agouro; traçando o manto correu com a adaga nua para a porta do meio, d'onde soára a voz; porém depois de se haver perdido no meio dos quartos, e passagem chegava ao sitio, que comunicava com o longo corredor, que dava entrada para a salla quando ouviu um gemido: elle estremeceu, e a alampada, que o allumiava cahiu das mãos desfallecidas; então uma manopla lhe apertou na escuridade o braço, como se os dedos foram garras de ferro, e um punhal ameaçador luzio sinistro perto do seu peito: — uma segunda vez soou aos seus ouvidos a mesma voz pauzada e sombria: — Detem um pouco o teu passo, que antes de veres o sangue da tua Zeila derramado pelas minhas mãos vingadoras, é mister que ouças da minha boca palavras de horror, que te levarão ao peito *os tormentos do Inferno, ou os horrores dos condemnados!* homem vão e insensato, que julgavas ver cahir ante a palavra fallaz de uma mulher a unica barreira, que se erguia entre a tua felicidade, e o teu amor!... e que esquecias, que no momento, em que a boca da tua Zeila a derribava com essas expressões d'amor, no momento em que tu a seus péz lhe agradecias a tua ventura, e a tua felicidade, nesse mesmo instante outra se levantava, que nenhum poder de homem póde destruir, e que zombará de teus loucos projectos de gostosa existencia; queres saber qual é? eu to digo; é aquelle que ergue o meu punhal cravado no coração da donzela, que havia renegado pelo amor de um Christão a sua crença, e os seus irmãos: é aquella que para sempre ha levantado o sepulcro frio e medonho: em fim é aquella, que em breve construirá o meu alfange no teu coração de traidor: tu, e os teus me arrancaram a Cidade que era a minha herança; e eu sorri, que inserta é a sorte na peleja; a minha cabeça só teve por abrigo o Ceu, e a palmeira do deserto, e eu me alegrei, que ao forte serve de grandeza a desdita; o sangue dos meus correu, e eu não me entristeci, que ao lado tinha o alfange com que os havia de vingar: oh! mas o meu riso, e a minha constancia se converteram em desesperação, quando tu me quizeste arrebatar a mão da donzela, que só hei amado; então eu te segui como o tigre a sua preza, e a minha sêde de sangue similhava a delle: do meu antigo poder, e das minhas riquezas só me resta um thesouro inapreciavel, e é — *A Vingança* — e o meu punhal, com que te hei de arrancar a vida.... que segunda vez senão esconderá o sol, sem que a eternidade te haja unido para sempre á tua amante.... assim amanhã na planicie de Ceuta nos veremos, e nos veremos para sempre!

— As garras, que haviam segurado o Cavalleiro com força invencivel se retiraram, e D. Alvaro já livre sacudiu com frenetica demencia a sua adaga, bradando: — espera homem infernal, que aqui mesmo poderei saciar a minha vingança: porém ás suas vozes só o echo respondeu; e tornou á salla onde deixára a donzela, que amava; elle a viu expirante, e banhada em sangue; ao estrondo dos seus passos ella abriu os olhos amortecidos, estendeu-lhe a mão, e com um surriso, que a fazia similhante a um Anjo, balbuciou estas palavras: Alvaro! oh! eu te amo!... acceita a minha mão de desposada!... e o tumulo nos unirá; uma ligeira convulsão agitou as suas feições, e junta com um profundo suspiro sahiu a sua alma pura e virtuosa. — A dor abateu o cavalleiro: a uma prolongada e silenciosa agonia; succedeu o delirio companheiro inseparavel da desesperação; e com os olhos chamejantes exclamou: sim! a morte! mas antes a vingança do teu sangue; e depois...., e elle riu, ou antes a vehemencia da dôr lhe contrahiu os musculos, e depois a eternidade: e cahiu desmaiado aos péz do cadaver da desditosa Zeila!

V.

OS DOUS MORTOS.

Uma luzida cavalgada sahira as portas de Ceuta seguindo o caminho das montanhas, que formosas se estampavam lá no horisonte; e onde se achavam como fugitivos, antes do que como pelejadores o resto dos descridos, dos quaes a prudencia d'El-Rei mais temia traiçoeiras ciladas, que denodada valentia: —

Digitized by Google

alegres se retiraram já os Cavalleiros, devorando em seus formosos ginetes a distancia, que os separava do arraial, onde os esperava o repouso, que o afan do dia, e o ardor do sol, então na sua força, tornavam apetitoso e desejado: — já atrás haviam deixado a estrada que das faldas da montanha conduzia á planice; e com ditos jocosos divertiam o enfado do caminho, que ainda lhes restava; de repente dous, que á maneira de exploradores precediam o grosso da tropa, vieram a galope dar parte, de que em uma elevação, que já d'alli se devisava, haviam avistado dous vultos, e como adormecidos:

— Singular é na verdade a lembrança, bradou um dos Cavalleiros, e assás mostra, que não sobeja o sizo áquelles tresloucados, que para dormir um somno escolhem para xergão esta terra calorosa, que melhor lhe servirá de leito de brazas; e para tubo de sombra os raios do sol, que os poderá em pouco torrar; e.....

— Não é de certo, como pensais, lhe atalhou o Capitão da cavalgada, e a não ser alguma traça, ou ardil destes perros mouros, não sei, que razão os alli detenha, que para dormir não é possivel, que tal sitio buscassem; mas seja o que fôr, é mister seguir-lhe o traço, que as mais das vezes, em pequenas couzas está o perigo; assim, meus amigos, vamos a affirmar-nos, para que nos não fique escrupulo. — Em breve chegaram ao pé do logar onde jaziam não dous homens adormecidos, mas sim dous cadaveres sanguentos, cobertos de pó, e tendo ainda nas mãos já frias, apertadas as adagas, com que se haviam mortalmente ferido: —

— Pela cruz do Senhor, bradou o Capitão abanando misteriosamente a cabeça, que de todo não errasteis; que elles dormem tal sono, que delle só os despertará a trombeta do Anjo; mas o que eu queria que algum de vós me dissesse é qual seja o motivo de tal successo: que é na verdade para admirar como um infiel como este, e apontava para um dos cadaveres cujos trajos orientaes assás o davam a conhecer, conseguiu atrahir a combate tão porfiado esse Cavalleiro, que ahi vedes estendido, e que pelo trabalhado da armadura mostra não ser qualquer; e talvez que as suas feições, melhor, que nossas conjecturas nos mostrem a verdade: — e fallando assim o digno Capitão, com um ar de importancia official, que não disfarçava bem a sua curiosidade, poz o pé em terra, e alçou a viseira do morto: um brado de espanto soou em toda a tropa, quando o rosto pallido do defuncto lhes deu a conhecer as feições do moço D. Alvaro d'Atouguia. Não cahiram em vão as ultimas palavras deste mancebo desventurado, que primeiro quiz com a morte de Alli Zalabençala vingar a sua amante assassinada, não curando depois da propria vida, que satisfeito trocou pela eternidade, ultimo asylo de seu amor ardente e desditoso.

Pouco depois Cavalleiros e Sacerdotes murmuravam as orações dos finados junto do seu corpo, e lhe lançavam alguns punhados de pó; e a louza cahia com um estrondo sinistro sobre os restos do mancebo, que de longe os seguira, e que coberto da gloria que invejára, descia ao frio repouzo do tumulo, victima de uma paixão virtuosa: e deixava em terra alheia o seu corpo esquecido, sem que sobre a sua campa joelhasse um ser, que orasse, ou deixasse cahir uma lagrima de piedade pelo Cavalleiro, que vertêra o seu sangue pela Patria, e morrera morte de valente! Os seus companheiros viram ainda a terra saudosa, e os penhores de suas afflições, mas a elle solitario na sua morada de indifferença só de longe chorava um velho, que com a morte do filho havia perdido o unico laço que o prendia ao mundo e á vida, e que em pouco o seguiu ao ultimo asylo dos desditosos.

CASTIGO SINGULAR.

Em a Polonia quando alguem, por mais nobre que fosse, era convencido de ser calumniador, a lei o obrigava a ir á praça publica; e ahi, pondo as mãos no terreno, e firmando-se nos joelhos, ladrar por espaço de um quarto d'hora, em presença de todo o povo.

O Amigo, que trahe o segredo do seu amigo, é o desespero d'uma alma desgraçada, que não sabe em quem se hade fiar; e não vê nenhum recurso na sua desgraça: um tal homem é digno d'opprobrio eterno.

Boussuet.

Assigna-se nas lojas do costume; e no Porto no escriptorio da commissão da imprensa nacional na rua dos Carrancas n.° 1 e 2, e na rua das Flores loja de Marques n.° 1 A, juncto da Misericordia; e em Coimbra na imprensa da Universidade.

A commissão redactora do Jornal annuncia aos Srs. Assignantes que alguma irregularidade que tem havido na entrega do Jornal, só é falta dos distribuidores.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 18) Publica-se todos os Sabbados. (Maio 2, 1840.

A MEDECINA.

(APONTAMENTOS).

A alta sciencia que tem por sugeito a vida, que tratando desse bem primeiro, deve ser olhada como a sciencia primeira, a sciencia das sciencias, a medecina, diriam já nossos leitores, póde gloriar-se d'uma origem verdadeiramente nobre. Deveu-a ella ao mais precioso e sublime sentimento, que coração de homem ha nutrido, nasceu daquella sympathia bemfazeja, que nos inspira compaixão dos males, que vêmos nos outros homens, animando-nos a porver-lhes, de prompto, remedio. De tal sentimento, dizemos, nasceu a Medecina; porque o homem que primeiro viu soffrer outro, devêra não só quinhoar-lhe a dôr, como buscar-lhe o lenitivo; nesse lhe falhava ensejo de o praticar, que nas primitivas edades do mundo o homem nu e fraco, obrigado a adquirir por força, ou manha o alimento incerto, e obrigado a disputa-lo ás especies carniceiras com quem travava combate, devêra ser frequentes vezes ferido, e por isso dar-se os cuidados, que a cura lhe demandava. E a guerra, que multiplica os males que o affligem, augmentára tambem os meios de os remediar. Afora isto, as doenças, esses desarranjos tão frequentes da fragil machina humana, perseguindo o homem de então como o de hoje, houveram feito com que se applicassem os meios de a debellar. A Medecina, pois, traz sua origem da mais remota antiguidade: não é filha de Hippocrates, que esse foi um dos seus Oraculos, deve considerar-se filha dos seculos; porque logo que se deu doença, deu-se remedio; logo que existiu o homem, existiu a Medecina.

Mas o exercicio desta sciencia era a principio como uma funcção sagrada, sómente confiada a indeviduos de mui grande importancia, a pessoas priveligiadas. Daqui vem o dizer-se, que a arte de curar foi exercitada umas vezes por Deuses e Semi-Deuzes, quaes Apollo e Esculapio, que ora inda conserva o nome de Deus da Medecina; outras por Principes, ou outras personagens de tanta monta. E entre outros indigitam-se Achilles, esse chefe dos Gregos, que levaram á patria de Priamo, a Troia, o incendio e a destruição, dizendo-se ter elle descoberto e usado da Achilléa no curativo das feridas; Poladyro, Chiron e Machaon, que se honravam de curar os que eram feridos, peleijando a prol de sua patria. O grande interesse, que o exercito Grego tomou pela cura de Machaon, quando o feriram na espadua com uma frécha, attesta-nos o subido preço em que seus serviços se haviam.» O Nestor, Gloria da Grecia (assim canta o Divino Homero na bocca de Idomenêo) sobe, sobe ao teu carro, e que comtigo suba egualmente. Machaon: dáte pressa em alcançar nossos vazos; porque um guerreiro, que, como elle, sabe abrandar as dóres, e curar as feridas, só de persi vale mil heroes.«

Todavia nas curas, refferidas nos livros sagrados, a intervenção d'um podêr sobrenatural ia sempre de mistura com o que cabe na alçada do podêr do homem: e assim era a Medecina dos antigos Egypcios, exercida então pelos seus Sacerdotes. Expunham estes os doentes á descripção dos viandantes, a fim de que os soccorressem com seus conselhos. Recolhiam depois, e depositavam nos templos as receitas que transmittiam de páes para filhos, e dellas formaram um corpo de Medecina, um livro sagrado, associando aos preceitos, que o livro prescrevia, operações magicas, praticas misticas, que poderosamente influiam na imaginação dos doentes. E ainda hoje a Medecina, como quasi todas as couzas dos Chinezes, Japonezes, Indios, e tribus semibarbaras, se assimilha á dos Egypcios. Tanto é verdade que a historia dos Povos é quasi sempre a da fraqueza do entendimento humano, apesar dos prodigios, que ella soberba nos ostenta!

Raiou porém, a época em que da reunião de factos dispersos, e de sua coordenação

Digitized by Google

nasceu propriamente a Medecina. Um homem grande, um genio raro, um espirito profundo e observador, que ha feito a admiração de posteridade por mais de vinte seculos, e que fará a dos que a Medecina contar em seus fastos, Hippocrates, em summa, da familia dos Asclepiades, despontou assombroso lá na ilha de Cós 460 annos antes da Era Christã, destinado a lançar os alicerces do grandioso Edificio Medico. Colheu as observações de seus predecessores, e juntando-lhes o que de sua propria experiencia havia apprendido, organisou de tudo um corpo de doctrina, levando desta arte a Medecina quasi ao apogêo de Gloria. E com tanto esmero se houve elle no desempenho de sua tarefa, que da posteridade ha recebido os merecidos titulos: de pâe da Medecina, de Oraculo de Cós, de Divino Velho.

Mediante o dilatado espaço de 4 seculos, isto é, desde Hippocrates até Celso, apenas topamos dous Medicos que se celebrizassem: Erasistrato e Herophylo; e menos pela Escholа de Alexandria que fundaram, do que por haverem sido os primeiros, que dissectassem em cadaveres humanos.

Com quanto Celso, que existia em Roma sob o reinado d'Augusto, Tiberio e Calligula, escrevesse com tanta precizão, clareza e elegancia, que grangeasse o epitheto de Cicero dos Medicos, todavia nunca praticou a arte de curar; e por isso não póde com justa razão ser julgado Medico perfeito.

Annos depois, appareceu Galeno que, nascido em Pergamo, exerceu em Roma a Medecina com muito aproveitamento, governando Marco Aurelio, 165 annos da Era vulgar. E dahi dáta positivamente a arbitraria e escandalosa divisão da Medecina, em Medecina propriamente dita, e em Cirurgia: e assim lhe chamamos nós; porque nos primitivos tempos da Medecina o mesmo homem cultivava e exercia os diversos ramos da grande arte de curar; porque se pensava (como ainda pensam os homens sensatos, e de boa fé) que o corpo humano sendo um todo indevisivel, a sciencia, que se occupasse delle, devêra sêr unica; porque em fim as muitas sciencias, que constituem a Medecina, são como diversos troncos d'uma só arvore, são como partes d'um unico todo. Nem nunca passou pelo pensamento a Gregos, Romanos, e quantos outros estudaram Medecina, que o corpo humano fosse susceptivel de dous generos de molestias, cujo tratamento n'um caso pertenceria á Medecina; n'outro á Cirurgia. Mas esta divisão, que Galeno havia (por assim dizer) indicado, só foi depois strictamente observada pelo meiado do decimo segundo seculo, quando por um decreto o consilio de Tours prohibiu aos Ecclesiasticos o praticar operações sanguentas, relaxando tal mister aos leigos, que eram educados na mais crassa ignorancia. A Cirurgia foi, portanto, proscripta das Universidades, debaixo do falso pretexto de que a Egreja tinha horror ao sangue, como se o que ella fazia derramar por seus vãos caprichos fosse menos precioso, ou como se seus actos não fossem totalmente de encontro com essa maxima que punha sempre na frente de seus decretos, mas que nunca seguia, excepto no caso em que devera tê-la olvidado. Oh! Quanto é facil d'abusar ainda das mais sanctas instituições, ainda d'aquellas que deveriam só bafejar doçura e felicidade!!

Successivamente a Galeno appareceu Oribiazo, o Compilador por antonomasia, Alexandre de Tralles e Paulo d'Egina, acabando este ultimo a serie dos Medicos Gregos e Romanos, e com elle a Medecina antiga.

Pela insurreição na Europa dos Barbaros do Norte a Medecina partilhou a sorte das outras sciencias, declinou com ellas, até que os Medicos Arabes desenterrando de entre as poeiras das bibliotecas, que as chammas haviam respeitado, alguns manuscriptos, os traduziram, e appropriaram a doctrina, destinguindo-se entre elles Rhazés, Hali-Abas, Averrhoes, Albucasis, Gui de Chauliac e outros.

Com a restauração das letras, nos principios do decimo primeiro seculo, renasceu a Medecina de entre as espessas trevas que naquella edade de ferro a envolveram, mas surgia radiosa, e promettendo para o porvir mais brilho e verdade do que, até alli não ostentára, que a observação e a experiencia vão ser d'ora ávante seus unicos guias. Alvoreceu, pois, novo dia á sciencia; porque a Cirurgia, esclarecida pelo vivo lume que lhe reverberava a anatomia, preparada sua regeneração por Berenger, Fallopio, Eustachio e outros, revestiu-se de nova e melhor vida, ataviou se de ricas gálas nas mãos de Ambrosio Parêo, o 1.° em merito dos Cirurgiões Francezes, e a quem um escriptor eloquente de nossos dias chamou: o verdadeiro Regenerador da Cirurgia.

E a Medecina assim se foi baseando, obedecendo ao impulso que lhe communicaram as demais sciencias; procedendo d'ahi, que os Medicos se alcunharam umas vezes Naturalistas, Solidistas, Humoristas; outros Vitalistas, Animistas, Mechanicos, Chymicos ect., segundo que o systema, que predominava, se refferia a tal ou tal sciencia; d'ahi consequentemente as diversas e variadas seitas Medicas que se crearam, os numerosos systemas que se alevantaram, destruindo os que os precederam, para virem tambem a sêr substituidos por outros; d'ahi finalmente os di-

Digitized by Google

versos pavilhões que se hastearam, e debaixo de cujo dominio os Medicos se dividiram: uns votando a Hippocrates quasi um culto supersticioso; outros seguindo as pizadas de Stahl; estes escudando-se com o pomposo nome de Boerpaave; aquelles invocando Sydenham, Hoffman, Stoll, etc.

Hoje, porém, que a Medecina se nos ostenta rica de observações e descobertas que lhe grangearam as immensas fadigas de Desault, Bichat, Pot, Hunter, Sabatier, Pinel, Baudeloque, Sarrey, Brossais, e muitos mais que a brevidade do artigo não nos dá enumerar, hoje, repetimos, que a sciencia de curar assenta em uma base mais firme, por isso que os diversos ramos, que a compoem, vão-se cada vez mais aperfeiçoando, hoje, em conclusão, que a Medecina cospe na face de seus detractores, e que, a par de milhares d'aquisições felizes para a humanidade, lhes appresenta, como para os envergonhar e rir-se delles, um preservativo das bexigas, um especifico da molestia que o grande Cristovão Colombo pareceu acarretar-nos lá do Novo Mundo em indemnisação dos bens, que de lá nos vieram; ella, correspondendo a alta origem de que se ufana, promette cumprir a augusta missão de que o Eterno a incumbira: a de conservar a saude, e curar as doenças.

Arte Militar.

Se a historia de todas as artes e sciencias, que constituem a humana sabedoria, offerece em geral um campo vastissimo para as indagações e desenvolvimento do observador philosopho, e do escriptor judicioso; todavia não é dado negar com verdade, que algumas d'essas artes e sciencias apresentam uma existencia mais especial do que outras, e por conseguinte exigem tambem maior attenção da parte do historiador, que pretende assignalar-lhes as phazes.

Innocente e tranquilla seria a existencia dos humanos; — despido d'angustias e de pungentes remorsos seria o termo marcado a seus dias; se bannindo d'entre si as dissenções que os agitam, mantivessem constantemente uma perfeita harmonia, e apresentassem aos olhos do Eterno, o quadro de verdadeira fraternidade para que parece haverem sido creados; porém, a idéa de uma paz illimitada é ephemera; — o homem encerra em si o germen da discordia e da destruição; — todas as considerações são por elle sacrificadas ao capricho e á vaidade; — um espirito hostil parece dominar todas as raças; — as rixas e desavenças succedem-se, com furor insano, de homem a homem, de povo a povo, e de nação a nação; — finalmente, a guerra, quer seja considerada pelo lado politico, ou philosophico, tem-se tornado como uma das necessidades inherentes ás sociedades humanas.

Uma vez reconhecida esta necessidade, devida sem duvida ao defeito da nossa organisação, forçoso foi desde o principio procurar os meios de a satisfazer; e a escolha e systema d'estes meios, constituiu a arte.

Não é sem duvida a arte militar, aquella que menos latitude offerece á penna do escriptor, que pretender historiá-la. A discripção das primeiras guerras que ensanguentaram o globo; — os meios de attaque e de defeza empregados pelos combatentes; — as armas e differentes machinas que successivamente se teem introduzido nos exercitos; — a organisação e disposição, que teem adoptado desde a origem dos tempos os homens destinados aos combates; são objectos, que occupando sériamente a attenção do historiographo, lhe fornecem interessante e variado material para as suas lucubrações.

A arte da guerra, que por sua importancia tem sido chamada = a primeira profissão do mundo =, teve a sua infancia como todas as outras artes; e, nascida das paixões dos homens, tem, como ellas, progressivamente avançado no seu desenvolvimento.

Nos primeiros tempos, os combates foram d'homem a homem, e o primeiro que vio no seu semelhante um inimigo, armou-se contra elle com o primeiro instrumento, que a natureza lhe deparou: mas desde que os homens sahiram do estado d'embrutecimento e barbaridade, para se reunirem e viverem em sociedade, então começaram por eleger chefes; porém os interesses e as paixões confundiram-se e chocaram-se; e a cobiça e a ambição não tardaram a dividi-los e arma-los uns contra os outros. A primeira agressão fez nascer e sentir a necessidade da defeza; a necessidade, mãe da industria, forjou as primeiras armas; uma grosseira maça serviu egualmente para o attaque, e para a resistencia; mas o genio inventor de alguns homens privilegiados pela natureza, encontra em breve, armas mais poderosas e mortiferas: o ferro é arrancado do seio da terra; os elementos de destruição multiplicam-se, e protegem egualmente a agressão injusta, e a defeza legitima; de ambos os lados se calculam e combinam os meios reduzindo-os depois a systema; finalmente, estabelecem-se e adoptam-se regras, a guerra torna-se uma sciencia. — A necessidade da defeza ensina a arte de entrincheirar um campo, de oppôr obstaculos ao inimigo, e de escolher posições, que offerecendo com-

Digitized by Google

modas vantagens ao defensor, apresente perigosas alternativas ao agressor. — As cidades e os campos cercam-se de muralhas, de torres, e de fossos. — O ferro, a funda, a frecha, a balista e o ariête, tornam-se armas poderosas nas mãos do agressor; e astucia, facilitando aos dous partidos as suas tortuosas combinações, serve egualmente todas as pretenções rivaes.

Desde então, Egypcios, Phenicios, Babylonios, Assyrios, Medas, Persas, Gregos, Carthaginezes, Romanos, Gaulezes, Germanos etc. dirigidos todos pelos interesses e pelo genio, tornaram-se ora vencedores, ora vencidos: do choque dos combatentes parecem brotar novas luzes, e a sciencia mais esclarecida, faz nascer novos meios. — Revela-se o segredo da polvora: com a apparição d'esta formidavel potencia, os velhos systemas se desmoronam, e as antigas torres e muralhas apenas offerecem frageis barreiras contra a poderosa acção d'este formidavel agente de destruição; a necessidade da conservação obriga a recorrer a novos recursos, e a combinações mais habeis: a arte de fortificação torna-se então mais sabia, enriquece-se de novos meios, e dá á defeza a sua legitima superioridade. — Mas o genio do homem, sempre activo e trabalhador, não conhece limites em suas producções.

A invenção da polvora appareceo como um fenómeno, e até aos nossos dias tem sido considerada como o=*nec plus ultra*= da força militar: mas eis, que uma poderosa rival se apresenta. Terriveis são na verdade os effeitos do salitre, mas o vapôr promette apresenta-los ainda mais formidaveis. Sobre o mar, elle zomba já do furor dos ventos e das tempestades, e arrostando com o poder dos elementos, consegue levar o navegante ao bonançoso e desejado porto; mas tanto em terra, como no mar, o vapôr apresenta meios de destruição, infinitamente mais activos e poderosos, do que os conhecidos até hoje. ¿Seria esta descoberta um beneficio? — A sabedoria dos governos compete resolver este problema.

Apesar dos immensos progressos, que ha seculos tem feito a sciencia do homem de guerra, ha certos povos obscuros, onde ainda se vê despresada e estacionaria, em quanto brilha em outros com todo o lustre do seu esplendor; mas geralmente fallando, póde dizer-se, que ella toca o seu apogêo. — Além de haverem já os sabios patenteado aos olhos do mundo quasi todos os conhecimentos, que dizem respeito á profissão das armas; a arte militar tem tido em quasi todos os tempos campeões famosos, que depondo a espada nos momentos de ocio e de tranquillidade, transmittiram á posteridade a discripção dos seus feitos e dos meios, que os conduziram á victoria. A mesma arte tem tido descobertas, que mais de uma vez teem mudado a sorte das sociedades. Finalmente a arte da guerra, destituida de regas no seu começo, e reduzida unicamente á acção da força bruta, tem gradualmente soffrido aperfeiçoamentos; e graças a elles! A humanidade tem consideravelmente lucrado, e a civilisação tem tambem dado grandes passos na estrada do seu util progresso.

Historia Natural.

DIVISÃO GERAL DOS SERES NATURAES.

Os Naturalistas dispartiram todos os numerosos seres que compoem o vasto dominio da natureza em duas grandes classes, a que deram o nome de reinos: uma sugeita sómente ás leis geraes do universo, quinhoando assós propriedades communs á materia, e a esta classe, que comprehende os mineraes, chamaram-lhe elles reino inorganico; outra partilhando, é verdade, as mesmas propriedades, sob o imperio das mesmas leis, mas obedecendo a leis particulares que não presidem á existencia do reino inorganico, e a essa classe de sêres, que comprehende os vegetaes, e os animaes, appelidaram-na reino organico. E induziu os Naturalistas a esta divisão a ráia distincta, que viam separar esses dous grandes grupos de sêres naturaes.

Homogenidade de substancia nos sêres inorganicos, composição multiplicada nos organicos, eis-ahi a primeira differença que se lhes ha notado: Olhai para um marmore, fazei-o mil pedaços, reduzi-o a mil fragmentos, cada um delles assimilhar-se-ha perfeitamente pela sua natureza aos outros; a differença será só exterior, dirá respeito á fórma e volume. Pulverisai esses fragmentos, e encontrareis ainda a mesma homogenidade. Ide ávante: analysai-os chimicamente, e encontra-los-heis homogeneos: carbonato de cal será o principio immediato, que vereis entrar na formação de todos. Considerai agora um vegetal: e aqui observareis flôres, alli folhas, acolá casca, além medulla etc.; ou, se quereis vêr differenças palpaveis de estructura, attentai n'um animal; anatomizai-o, e achareis n'uma mesma parte pelle, carne, nervos, arterias, veias, ossos, etc.

Nós não podêmos conceber um corpo organisado sem suppôr em sua composição uma massa de liquidos posta em movimento por

Digitized by Google

partes solidas, que estimuladas pela sua presença, actuem sobre ella, dirijam-na, regulem-na. Isto, porém, que constitue os sêres organisados, não se observa nos outros sêres; nem prova o contrario a agua que penetra as substancias mineraes, que isso não attesta a existencia de liquidos na composição dos sêres mineraes; por quanto a agua de cristalisação (assim chamada pelos mineralogos) acha-se intimamente combinada, e como solidifeita com as substancias cristalinas.

Os chamados corpos inorganicos, levada a analyse ou decomposição aos seus ultimos elementos, observamos-lhes grande simplicidade em sua estructura intima: assim encontramos entre elles os corpos indecomponivcis, e os compostos de dous simples, ou binarios; e com quanto na numerosa classe dos sáes haja em alguns delles a associação de bastantes elementos, todavia é fóra de duvida, que os corpos organisados não podem sér reduzidos ao gráu de simplicidade elementar dos primeiros, por isso que o vegetal mais simples compõe-se ao menos de tres elementos; o oxigeneo, o hydrogeneo, e o carbonio: e um animal appresenta-nos quatro; além dos tres, que ficam mencionados, o azote. Desta arte a natureza parece subir por graduações de composição dos mineraes aos vegetaes, e dos vegetaes aos animaes.

A multiplicidade elementar dos sêres organicos explica-nos satisfatoriamente sua grande alterabilidade. Indifferentes, por assim dizer, ao que se passa em torno delles, os sêres inorganicos presistem seculos no seu primitivo estado; no entanto que os organicos mudam continuamente de estado; porque em seu interior existe um laboratorio activo, encarregado de transsubstanciar-lhes os principios estranhos que lhe são submettidos, em tróca dos que até alli os constituiam. Mas afóra esta alterabilidade, a cessação da vida nos sêres organisados é seguida d'um movimento fermentativo que os decompõe, e tanto mais prompta e completamente, quanto sua composição é complicada.

A um fim commum tendem todas as acções executadas por cada uma das partes dos sêres organisados: a conservação do individuo e da especie; e a somma dessas acções dá em resultado a vida propriamente dita, ou a vida individual. Não se observa isto com os corpos inorganicos, cujas partes constituintes são independentes umas das outras a ponto de existirem isoladas com todas as propriedades, que possuia a massa a que deixaram de pertencer.

As fórmas dos sêres organisados parecem estar invariavelmente determinadas; cada uma de suas partes parece ter sido trabalhada segundo o mesmo modêlo: são eguaes em numero e volume; e quando a natureza se affasta do typo ordinario, as aberrações a que se entrega nunca são taes, como as que toma a figuração dos mineraes, onde succede, que cristaes originados da mesma substancia tomam fórmas mui differentes, e todas acabadas com precizão egual.

O arredondamento das superficies dos sêres organisados, e que fére a vista do observador que os attenta, faz suppor uma cauza interna, um podêr occulto, a cujo auxilio se arranjassem suas partes constituintes, como por plano determinado. Ao contrario a fórma dos mineraes, em geral, é a que lhes assignam os corpos exteriores, e quando não acontece isto, então a superficie é achatada e angulosa, o que só tem logar nos cristaes, quando a cristalisação não fôr perturbada; que neste caso a fórma geometrica que elles affectam desapparecerá, e em logar d'angulos, que lhes houveram de limitar as facies, notar-se-ihes-hão superficies mais ou menos irregularmente arredondadas, que nos cristaes indica falta de perfeição. E foi judiciosamente, que o cristallographo Romé de Lisla disse, que a linha recta refferia-se particularmente ao reino mineral; pois que caracterisava sua verdadeira belleza.

Mas a maxima differença, que distingue as duas grandes classes dos sêres naturaes, é tirada do modo porque uns orescem, e porque outros crescem e se nutrem. Queremos dizer: as massas brutas não se nutrem propriamente, crescem por justa posição de camadas, que se lhes addicionam á superficie; em quanto que os animaes e vegetaes desenvolvem-se por intus-suscepção ou penetração intima das substancias, que a elles se appropriam em virtude de forças, que os animam. Nos seres organizados a nutrição é o effeito d'um mechanismo interior; seu crescimento é um desenvolvimento de dentro para fóra; nos inorganicos o crescimento consiste na applicação ao exterior de novos principios: é o mesmo corpo que muda de dimensões.

Os corpos organicos formam-se de massas de differentes fórmas, cujo volume varía indefinitamente; os corpos organisados nascem d'um germen que, tendo feito parte de outro sêr, desprende-se delle para se desenvolver e crescer até certo ponto. — Os ultimos teem uma duração determinada, mas que não está como a dos mineraes, em relação directa das massas e das densidades; por quanto o homem vivendo menos que muitos animaes, que, como os peixes tem carnes menos consistentes, vive com tudo mais que muitos quadrupedes, com quanto seja menos volumoso do que elles. Todas as partes, que compoem os corpos organisados,

Digitized by Google

fortificam-se com o exercicio; assim um musculo, uma arteria, uma veia, um nervo engrossa e enrobustece em proporção de seu uso; não succede, porém, assim com as mólas das nossas machinas, que se gastam pelas fricções continuadas.

No instante em que se origina um sêr organisado, distingue-se elle dos corpos que o rodeam por duplicado caracter de individualidade e espontaneidade. Por tenue que seja esse germen, donde por ventura se procreará ente mui volumoso, actuará elle a seu modo sobre tudo que o avisinhar ou cercar, attrahirá a si, e appropriar-se-ha as substancias com que se achar em relação; não será só uma simples porção de materia; será um novo indeviduo, havendo em si o poder de obrar, e cujas acções terão todas para o porvir caracter de individualidade, (ou para melhor nos expremir-mos) de personalidade e egoismo, em virtude do qual attentará em sua conservação. Em summa esse germen desde sua formação não quinhoará só a vida geral, mas vivirá vida propria e individual. Afora isto, seus actos parecerão dirigidos mais por determinação voluntaria, ao menos nos sêres mais perfeitos, do que por necessidade cega. E de feito, esta spontaneidade d'acção, ainda é contestavel nos vegetaes, cujos germens desenvolvidos obedecem ás circumstancias exteriores de temperatura, de luz, etc.; não ha duvidar della nos animaes, nos quaes a vêmos crescer á medida que a organisação se approxima do ente eminentemente perfectivel: o homem. Donde se collige, que os movimentos do individuo são spontaneos, no entanto que aos corpos inorganicos são-lhes communicados, veem-lhes de fóra.

Finalmente os corpos inorganicos differençam-se dos outros; porque os segundos são subordinados a forças e leis particulares, que, na opinião d'alguns, não são mais que modificações das forças e leis geraes, que regem o universo

Aqui páram as differenças principaes, que nos fizeram traçar uma linha devisoria entre os sêres da natureza; que nos fizeram adoptar uma devisão por ventura a menos arbitraria que se possa imaginar; e devisão até certo ponto necessaria; pois que é só comparando que se póde conhecer; é só cotejando a vida dos seres imperfeitos com os que a possuem em alto gráu, que se póde fazer idéa exacta da vida.

SUSPIROS POETICOS E SAUDADES

POR

D. J. G. de Magalhães.

PARIS, 1836 - UM VOL. IN - 8.

Desde os principios do seculo actual uma grande reacção começava a aballar os antigos fundamentos do reino mysterioso das Musas. O vago das lembranças do berço da civilisação moderna, os sublimes pensamentos do Christianismo, a simplicidade das scenas da natureza, que tão tocantes relações offerecem com as miserias do nosso coração, pareceram uma fonte de emoções mais delicadas e verdadeiras, que os engenhosos sonhos da antiguidade. Faltava á Lyra antiga essa corda grave e chorosa, pela qual se exprime a religião e o infortunio; faltava-lhe a consonnancia com os sentimentos poeticos da existencia, e com a eterna melancolia do pensamento moderno. Essa poesia, renascente da poeira de um mundo que acabou, transportava-nos fóra da esphera dos nossos habitos, principios e costumes; e nem o segredo o podia adivinhar dos nossos sentimentos. Preciso era, que de industria nos transformasse-mos em Gregos e Romanos despindo-nos de tudo o que constitue a individualidade do homem de hoje, por que nos enternecessemos pelo pantheismo phenomenal da Grecia e Roma, e pelos sentimentos estrangeiros d'estas illustres mortas. Mas ainda assim, o peso das nossas crenças precipitava todas as sombras evocadas do politheismo; ellas dissipavam-se ao primeiro movimento dos nossos sentimentos reaes, como ao primeiro alvor da aurora fogem os phantasmas, que as trevas simulam. Como tudo o que é grande, bello e verdadeiro, foi o successo da reacção contra a imitação da poesia antiga. O Christianismo, banindo do universo as elegantes divindades, de que o povoára a mithologia, restabeleceu a magestade, agrandeza e a gravidade da creação; e nova carreira abriu á poesia, que até então não podia encarar a natureza senão através das ficções consagradas por Hesiodo e por Homero. Nestas novas fontes bebe hoje suas mais brilhantes inspirações não só a poesia, como as artes, a philosophia, irmã da theologia.

Entretanto, que este movimento remoçava com uma vida toda nova, e mais florente que a primeira, a litteratura Europea, os poetas da nossa lingua iam muito satisfeitos batendo a estrada sediça, e dizendo-

Digitized by Google

se inspirados pelas Musas palidas e decrepitas do Parnaso. Mas eis, que um jovem Poeta da nossa escola, nascido debaixo do Ceu pomposo do Rio de Janeiro, ardente de futuro e de gloria, com a cabeça repleta de harmonia, e o coração pesado de nobres emoções, acaba de relevar a pobreza da nossa litteratura com um volume admiravel de poesias. Profundo sentimento dos segredos do gosto, o qual é o bom senso do genio, sentimento bem raro nas produções da mocidade levada sempre para o grandioso extravagante; riqueza, variedade e excelente concepção de imagens, que imprimem um effeito magico á doce melancolia do poeta; perfume e uncção religiosa espalhadas sobre as scenas da natureza; elevação dos pensamentos philosophicos inspirados pela escola idealista Allemã, e pelas doutrinas do Christianismo; pureza e pompa de versificação; taes são em resumo os meritos dos *Suspiros Poeticos* do Sr. Magalhães. O espeço falta-nos, e só uma amostra incompleta podemos dar, extrahindo alguns fragmentos, que por separados do todo perdem um tanto da sua belleza.

Quando se arrouba o pensamento humano,
E todo no infinito se concentra,
De milhões de prodigios povoado;
Quando sobre o fastigio d'alto monte,
Como um colibre sobre altivo aderno,
Na vastidão sidérea a vista espraia;
E vê o sol, que no Oriente assoma,
Como n'um lago em propria luz nadando,
E a noite, que se abysma no occidente,
Arrastando seu manto tenebroso,
De pallidas estrellas semeado;
Quando dos gelos, que alcantís coroam,
Vê a enchente rolar em cataractas,
Per cem partes abrindo largo leito,
Fragas, e pinheiraes desmoronando;
Quando vê as cidades enterradas
A seus pés na planice, e negros pontos
Aqui, e alli moverem-se sem ordem,
Como abelhas em torno da colmea;
Então o homem se abate; um suor frio,
Como o suor que o moribundo côa,
Rega-lhe o corpo inteiro; então sua alma,
Como um subtil vapor, que o lirio exhala,
Ferido pelo raio matutino,
Se levanta da terra; então seu corpo
Como um sombro de pó desappareçe; ....
Elle está no infinito! —

.....

Aqui para louvar teu sancto Nome,
E' fraco o peito humano, é fraca a lingua,
E' fraca a voz, que titubante hesita
Tão alto remontar, e no ar perder-se,
Antes que d'astro em astro repetida,
D'um céo a outro céo, d'um Anjo a outro,
Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos,
Como discorde som de rota lyra.

.....

Oh arrojado pensamento humano,
Per mais que em teu soccorro os astros chames,
Per mais que sua luz o sol te empreste,
Seu ouro a terra, o céo a immensidade,
Os rios a corrente, os campos flores,
E a noite seu mysterio, allim si tudo
Envocado per ti, a ti se unisse,
Não poderas ainda em teus transportes
Os louvores tecer do Omnipotente!

A incerteza da duração da existencia, que como um contrapeso nos conserva suspensos no meio das illusões da vida, era assumpto, que naturalmente devia offerecer-se á meditação do Poeta. No momento mesmo, em que o mundo vacilla em torno de nós, em que os mais discorados objectos se tingem de brilhantes côres, em que uma superabundancia de vida parece trasbordar do nosso seio, e vivificar tudo que nos cerca, a onda rapida da vida vai passando, e de chimera em chimera lança-nos fóra do nada da existencia, quando cuidavamos colher a flor promettida pela esperança. *O Canto do Cysne* diz essa fragilidade da vida com uma simplicidade profundamente tocante, e com aquella harmoniosa tristeza de meditação, que corresponde ao que ha de mais vago, de mais indefinido, e ao mesmo tempo de mais intimo em nossa alma.

O Cysne, que desliza á flor do lago,
Formando perlas co' o bater das asas,
Mudo a garganta alonga,
E só da morte a voz a'ella resôa;
Como uma frauta, que do tronco pende,
Por amoroso voto,
Pelo vento agitado,
Embalança, e suave melodia
Exhala de seu tubo:
Assim a voz do Cysne se desata,
Pela morte inspirado,
Assim s'ella harmonisa,
Para doce entoar o hymno extremo.
Mas acaso sabe o Cysne,
Terno canto desferindo,
Que em cada accento, que solta,
A vida lhe vai fugindo?
Companheiro do Cysne, o tenro arbusto,
Que uma só vez floresce,
E quando assim se adorna, murcha, e morre,
Como no dia nupcial a esposa,
Sabe elle per ventura qu'essas flores
São as galas da morte?
A lampada, que expira, e um clarão solta,
A caso sabe se lhe mingoa o oleo?

Digitized by Google

O rio, que no prado se resvala,
A caso dizer póde:
A manhã terá fim minha corrente?
E o Zephyro, que brinca saltitando
Sobre as frescas corolas, sabe a caso,
Si ainda existirá no sol seguinte?
Nos a caso conhecemos
Melhor qu'elles nossa sorte?
Podemos dizer: este hymno
E' nosso hymno de morte?

Continúa.

Cerimonias da Inquisição.

A ABJURAÇÃO.

Quando alguns dos accusados por hereticos, que jaziam afferrolhados nos carceres da Inquisição, receando o supplicio, se resolviam a fazer abjuração do crime que lhe imputavam; os inquisidores faziam annunciar ao povo, que em tal dia, e a tal hora iria a uma tal Igreja o heretico penitente, e ahi abjuraria seus erros; que esta cerimonia seria precidida d'um sermão, e que todos, que a tal acto assistissem, ganhariam indulgencias.

No dia aprazado concorria á Igreja grande numero de pessoas. O supposto culpado apparecia ahi sobre um estrado elevado para que podesse ser visto de todos. Começava então a cerimonia, celebrando-se uma Missa. Depois do Evangelho, o Inquisidor, ou outro qualquer Sacerdote, prégava um sermão contra a herizia em geral, e em particular contra aquella que o culpado devia abjurar. No fim do sermão o pregador exclamava ao publico « Meus irmãos, aquelle que vós alem vêdes, cahio na herezia contra a qual acabo de vos pregar, como bem conhecereis pela leitura que se vai fazer. »

Lia então um religioso em vós alta uma lista, que continha os diversos erros em que o penitente tinha incorrido. Perguntava depois ao réu, se confessava ter cahido em tal herezia, e se estava disposto a renunciar; e como respondesse affirmativamente, mandavam-no fazer uma abjuração de toda a herezia em geral, e em particular daquella que já tinha confessado. Exegia-se-lhe tambem uma promessa de denunciar ao Santo Officio todos os hereticos de que tivesse noticia; e outro sim se submettesse humildemente á penitencia que o Inquisidor julgasse a proposito de lhe impôr.

Havia sempre um escrivão que redigia um processo, exactissimo de toda a cerimonia, tendo todo o cuidado de declarar, que o réo abjurava, declarando-se por sua propria boca convencido de herezia, para que se reincedisse fosse castigado como relapso; isto é queimado sem misericordia.

O Inquisidor fazia depois ao penitente uma exortação *caritativa e verdadeiramente paterna* em a qual o admoestava a que evitasse para o futuro a menor suspeita de herezia, porque neste cazo para *descarregar sua consciencia* não podia dispensar-se, *posto que com todo o pezar*, a manda-lo queimar vivo. Depois o absolvia da excomunhão maior em que tinha incorrido; e em reparação de seus erros lhe impunha uma penitencia, mas que penitencia!! Estar exposto por espaço de 12 horas á vista do publico, á porta d'uma Igreja, vestido com um escapulario pardo com cruzes amarellas; e sêr depois encerrado por toda a vida em horriveis masmorras, e sustentado a pão e agua.

Não é então para admirar que muitos hereticos hajam preferido o supplicio do fogo á tal penitencia.

A Avesinha na espessura,
Gosto, amor, encanto exalla.
Voz é d'ave, ainda mais pura,
A que sôa em tua falla.

Brilha o Sol com luz mais bella,
Ou se occulte lá nos Ceus;
Um fulgor de maga estrella,
Sempre anima os olhos teus.

As pompas, d'Abril formosas
Mostre o prado ameno, e lindo;
Flor, que excede as proprias rosas,
Em tua alma está florindo.

Esta ave misteriosa!....
Esta simpathica flor!....
Esta estrella voluptuosa!....
Tem um só nome; o de amor

Victor Hugo = no Ruy Blas.

S.

Aquelles que faltam ao reconhecimento não sómente dão provas d'um coração perfido e corrupto, como tambem originam um mal Universal; fazendo por a sua ingratidão com que os que até alli eram beneficicientes deixem de o sêr.

Plutarco.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 19) Publica-se todos os Sabbados. (Maio 9, 1840.

RUBENS E TORQUATO TASSO.

I.

Rubens, encarregado pelo Duque de Mantua de offerecer a seu cunhado, o Principe Ferrara, o bellissimo quadro d'Acteon, que elle tinha acabado; acompanhado de Montaigne, com quem estreitara laços d'amizade, entrou em Ferrara, onde foi tão dignamente accolhido, como o seria o melhor pintor do seu tempo. Montaigne não foi despresado apesar das honras tributadas ao seu amigo; porque elle lá tinha os seus ensaios; todavia assimilhava-se bastante a uma estrella muito chegada ao Sol, e por isso um pouco eclypsada. Satisfazia-se, porém, com a amizade que consagrava a Rubens, e mais ainda com as dissertações em que estabelecia, que o pintor, melhor que o escriptor, póde persuadir ás turbas; porque o primeiro falla aos olhos, em quanto o segundo falla ao espirito. Rubens, fiel ao seu decidido amor pelo trabalho, soube evitar a maior parte dos prazeres que a côrte lhe offerecia. Em uma tarde, em que tinha hido estudar nos quadros mais preciosos de Ferrara, ouviu gritos, que o fizeram gelar de horror.

— Estes gritos sahem do hospital dos lunaticos, disse um dos creados que o accompanhava, e que percebeu a perturbação de Rubens.

Lunaticos! nunca esta palavra assomára tão terrivel á imaginação de Rubens, approximou-se de seu companheiro alguma couza transviado, mas depois pareceu escarnecer do seu temor: vamos, diz elle, para Montaigne, não é o fraquear de homem, que dedicou a sua vida á arte. Entremos neste hospital. Apesar da evidente repugnancia do seu amigo, penetraram no interior d'esta habitação triste e horroroza como o inferno, onde se ouviam só choros e o ranger de dentes! Dante Alighieri nunca havia sonhado couza mais espantosa. Alli só se ouvia o estridor de pesadas cadéas de ferro, açoutes, e clamores espantosos; viam-se medonhos calabouços, e os miseraveis semi-núa, exangues, deitados sobre a palha, e agglomerados a um canto como perdidos, e abandonados de toda a esperança. Depois d'uma breve visita n'este domicilio de dores, íam retirar-se, com o coração dilacerado e a cabeça excandecida, quando ao atravessar a ultima sala, de repente um d'estes desgraçados, escapando-se dos braços de seus terriveis guardas, que pertendiam segura-lo, correu a encontrar os estrangeiros, pedindo-lhes protecção. Apenas os encarou, parou, e deixando-se cahir de joelhos diante de Rubens, levou as mãos á fronte, como para recordar-se de alguma couza; e depois exclamou.

Rubens! Rubens! — Protegei-me! Arrancae-me d'estes logares, porque eu enlouquecerei aqui! Porque vou perdendo o uso da minha razão! E mesmo talvez já o tenha perdido! Perseguem-me com ferocidade e com um odio affectado!... Combinam-se para este fim com os demonios do inferno. Um espirito maligno, um filho do abysmo vem tentar-me: afflige-me, segue-me sem me deixar descançar, rouba-me o somno e o repouso. Se a piedade de algum Christão, que aqui entrou, me deixou dinheiro para comprar pão, furta-mo! Se como, suja-me o meu quinhão! Se trabalho, a sua mão invisivel rasga os meus papeis, quebra as minhas pennas!... Surdos fragores, apparições nocturnas, zunidos continuos de sinos e relogios, accordam-me com repentino terror, e fazem-me gelar de medo. Não posso mais! Eu soccumbo! Tenho os membros despedaçados, a febre me impede de queixar-me. Scentelhas ardentes sahem de meus olhos! Silvos horriveis como de serpentes rasgam meus ouvidos, julgo ás vezes estar atacado de epilepsia, e por milagre ainda não perdi a vista..... A virgem Maria desceu do Céu, a gloriosa virgem Maria veio ter comigo, cercada de uma aureola luminosa e resplandecente. Ainda agora, quando entrastes, ainda estava junto a mim,

Digitized by Google

mostrou-me com o seu dedo celeste a imagem que trasieis no peito, e que eu havia dado d'esde ha muito a Rubens de Colonia: depois desappareceu. Quiz correr a encontrar-vos, os meus algozes quizeram prender-me.

Rubens o escutava com terror, e custava-lhe a accreditar o que ouvia.

— Esta imagem foi dada a meu páe por Torquato Tasso, a quem elle devia a vida, disse Rubens.

— Eu sou Torquato Tasso, respondeu o desgraçado, com uma voz súmida.

E como Rubens e Montaigne duvidosos e angustiados, procuravam, olhando em derredor de si, saber se era verdade, os guardas responderam:

— Este doudo é Torquato Tasso.

Quizeram prende lo; porém Rubens lançou-se entre os miseraveis e o infeliz.

Por meu senhor, o Duque de Mantua, disse elle, ninguem tocará n'este homem, estendo a mão como para protege-lo; se Ferrara só tem um asylo indigno para Torquato Tasso, Mantua e Flandres lhe offerecem um refugio e cuidados, que o curarão dos tormentos que lhe haveis feito padecer. Que vergonha para Ferrara, pagar com o captiveiro e perseguição a gloria, que o grande poeta lhe havia prodigalisado!

Entretanto Torquato Tasso de joelhos o escutava com pasmosa admiração; e lhe dizia tremendo.

— Não me abandoneis! Em nome de vosso páe! Em nome da Santa virgem, cuja imagem trazeis ao peito, não me abandoneis! Tenho momentos horriveis, em que eu me pergunto, se a minha razão está perdida; elles a extinguirão se aqui me demorar por muito tempo. O director d'este hospital é um poeta que compõe versos execrandos, e que descipulo indigno d'Ariosto, faz-me expiar com perseguições a superioridade de meus versos, e a gloria de ter dado um rival áquelle que chama seu mestre. O barbaro.... arranca-me o papel que difficultosamente posso obter; queima as estancias que escrevo; deixa-me sem luz de noute, fustiga-me de dia; — fustigar Torquato Tasso! — Porque, n'um momento de alegria desesperada, escreveu um soneto para pedir a um gato, que lhe emprestasse a luz esverdeada de seus olhos! Não me abandoneis, porque todos me abandonam! Nem o Imperador Rodolpho, nem o Cardeal Alberto d'Austria, nem o Cardeal Cynthio respondem a minhas cartas. Póde ser que até mesmo as não tenham recebido. Piedade para comigo! Se soubesseis o que eu soffro! Tinha resolvido escrever dous poemas epicos, cujos assumptos eram tão nobres como interessantes; quatro tragedias, e muitas obras em prosas sobre questões relativas á felicidade do homem. Queria ligar a eloquencia á philosophia, e esperava deixar de mim uma memoria inextinguivel. Agora curvado debaixo do pezo de tantos infortunios, renneguei toda a idéa de gloria! Julgar-me-hia feliz se podesse extinguir a sêde, que me devora. Oh! Que não possa eu lisongear me de ser reduzido á mais humilde condição, para viver socegado n'um obscuro retiro! Ahi senão recobrasse a minha saude, ao menos passaria o resto de meus dias socegados, e a salvo de injurias. Se os homens me negassem soccorros, invocaria as leis da natureza, iria beber com os animaes ás bordas das fontes e dos regatos, para estancar a sêde, que me consome. Eu temo a grandeza dos soffrimentos; porém messo a sua doçura com o desespero, e isto basta para me impossibilitar de pensar e escrever. A idéa de um captiveiro interminavel, e a indignação pelos maus tractos que soffro só servem de augmentar minha tristeza. A aspereza de minhas barbas e dos cabellos, a immundicie de meus vestidos, fazem-me desgostar, de mim mesmo. A solidão, a que fui condemnado, é a minha mais cruel e mortal inimiga: temo-a, e fugiria d'ella ainda no centro da felicidade!!

— Nada temaes, lhe replicou Rubens, eu vos libertarei, não vos desamparo sem vos arrancar d'este logar de amargura.

— Montaigne propoz a Rubens que fosse obter do Principe Affonso a liberdade do amigo e salvador de seu pae, em quanto elle curava a Torquato Tasso.

» Rubens, reparae no que vos digo, não nomeeis a pessoa, cuja liberdade implorraes. Torquato amava a Irmãa do Principe Affonso, a Princeza Leonor, e era correspondido. Eis os motivos de tantos insultos e de todo este odio. Usae de algum artificio, em quanto eu dou ordem para a partida.

Rubens comprehendeu quanto eram prudentes estas recommendações. Procurou Affonso: o seu olhar era tranquillo, as suas maneiras seguras e quasi indifferentes, pediu-lhe a liberdade de um doente do hospital dos lunaticos, que havia sido antigo amigo de seu páe, e o Principe diferiu a favor do pintor do Duque de Mantua; e o joven Flamengo para logo voltou com a prasenteira noticia.

Montaigne pegou do seu capote, lançou-o sobre os hombros de Torquato, para lhe occultar os andrajos de que estava coberto; trouxe-o para casa; porém quando o poeta passava por defronte de uma egreja, pediu aos seus companheiros que lhe permittissem ir agradecer perante os altares a sua milagrosa liberdade Quizeram impedi-lo, mas elle insestiu, dizendo que a virgem Maria lhe tinha ordenado que fizesse oração; cederam a final,

Digitized by Google

temendo alguma crize de loucura. Torquato ajoelhou, orou com fervor; e levantou-se para seguir os seus amigos. De repente lançando os olhos sobre uma pedra sepulcral que fechava um tumulo, e que parecia posta de novo: deu um grito, e cahiu sem sentidos.

Alli sobre aquella pedra funebre estava gravado o nome d'Leonor d'Este.

SUSPIROS POETICOS E SAUDADES

POR

D. J. G. de Magalhães.

PARIS, 1836 - UM VOL. IN - 8.

(Continuado do N.° antecedente).

Entre tantas outras magnificas harmonias, de que os limites circunscriptos desta noticia não nos permittem dar uma idéa, apparece o Cantico de Waterloo, composição notavel pela novidade das imagens, vigor do colorido, e energia de expressão. Por meio d'ella o Sr. Magalhães deu-nos a mostra de que podia tirar das cordas da sua lyra os sons os mais diversos, e todos eguaes na grandeza dos effeitos. Para entoar o cantico d'esse drama terrivel, que se chama a batalha de Waterloo, d'onde a mais gigantesca realidade, que ha passado sobre a terra, foi exhalar-se como um sonho na extremidade solitaria dos trez continentes, o engenhoso vate suffoca por momento os accentos favoritos do seu coração. Aqui não sôa mais essa voz docemente gemebunda da Musa, que soffre com o expectaculo da vida; seu enthusiasmo parece accender-se no fogo do raio, e o tumulto das armas lhe retine nos versos.

.....

Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dous astros ao occaso caminhavam;
Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos iguaes no brilho, ambos na queda
Tão grandes, como em horas de triumpho!
.....
Aqui morreram de Marengo os bravos!
Entretanto esse Heroe de mil batalhas,
Que o destino dos Reis nas mãos continha,
Esse Heroe, que co'a ponta de seu Glaudio
No Mappa das Nações traçava as raias,
Entre seus Marechaes ordens dictava.
O alito enflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.
Sim, aqui 'stava o Genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retimtim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões, que ribombavam,
O sibilo das balas, que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! — Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas;
Quaes submissos leões, e nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam.

A inspiração do Poeta compara o Heroe de Austerlitz ao Astro da Luz, que caminha ao occaso. E na verdade ha em Napoleão alguma cousa da immensidade das maiores obras da creação. Surgido de uma Ilha, vae sepultar-se em uma outra Ilha, no meio dos mares, onde Camões situou o Genio das Tempestades, depois de ter em seu gyro espantado os povos com tão grandes revoluções. Esse *alito inflammado*, que suffoca as phalanges inimigas, e accende a coragem das suas; esse effeito de *orchestra* produzido pelos horrores da guerra; essa abobada de balas, que penetradas de respeito, á maneira de *submissos leões*, apenas ousam *lamber* os pés do ginete; — são ardidezas de uma sublime energia, e que traçam ao vivo as proporções collossaes do genio do grande homem, diante de cujo sopro se aniquilam todas as humanas resistencias, e até a natureza physica parece curvar-se de respeito.

As saudades da Patria, e as reminiscencias das impressões da primeira juventude, que mais tarde depois de uma amarga experiencia do mundo e dos homens, apparecem como ruinas vistas ao clarão do archote, são para o genio do Sr. Magalhães uma fonte inexgotavel de inspirações. No meio de todos os povos, ao longo dos caminhos desertos, no tope das montanhas cobertas de gelo, nos vales sombrios, a lembrança do Brazil faz vibrar todas as cordas do coração do Poeta. Os *Suspiros* á Patria arrancados do mais intimo da alma correm parelhas com os bellos versos, versos saudosos do infeliz Lord *Byron* em Newstead Albey aos olmeiros de Harrow, cujas sombras lhe abrigaram o berço.

Este volume de poesias do Sr. Magalhães não é sómente uma collecção de bellas harmonias, mas tambem um codigo de moral na sua expressão a mais sublime, nas suas fórmas as mais ternas e consoladoras, e cuja luz allumia sem irritar os olhos, como o doce clarão, que a Lua espalha sobre um dedalo de flores. Elle é proprio a applacar a necessidade de emoções grosseiras, que a nossa epocha agita. O sopro do infortunio, da religião e da philosophia animou esses can-

Digitized by Google

tos, onde domina um doloroso enthusiasmo por tudo quanto é grande, bom e justo. Parece que a Providencia faz soffrer todos os poetas de genio, a fim que instruam os outros homens com a sublime melodia dos seus gemidos: as creaturas mediocres soffrem menos; porque seus queixumes não tem harmonia, e são um desacordo de mais entre os sons confusos do mundo moral.

Esta producção de um novo genero é destinada a abrir uma éra á poesia Brazileira. Permitta Deus, que ella não fique solitaria no meio da nossa litteratura, como uma sumptuosa palmeira no meio dos desertos.

A pesar de tudo cremos, que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas o nome do auctor dos *Suspiros Poeticos*. Dissemos *apesar de tudo*, porque nós outros Brazileiros não podemos soffrer reputações; nosso orgulho é em extremo susceptivel; elle desconfia dos menores successos; um nome pronunciado trez vezes nos importuna e irrita. O *Brazil* não está hoje para as lettras e as sciencias. Entre nós quantos talentos passam incognitos na vida, como esses rios sem nome de suas solidões! A nossa mocidade tão bella e esperançosa, por falta de direcção, de carreira e de espirito publico esgarra-se em falsos caminhos; ou debate-se inutilmente no meio de uma sociedade obscura. Os homens, que derigem os destinos do Brazil, sem comprehenderem as condições de sua missão, parecem ter dado as mãos a todas as influencias do mal para aggravar o estado da triste epocha, em que vivemos. Cada dia, que corre, receamos sériamente lêr nas Gazetas, que por mandado da sabia, e liberal Administração o fogo fôra lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da intelligencia, e da civilisação. Ao menos haveria nisto o merito de um systema de trevas logicamente combinado, e aquella belleza da desordem perfeita, que os antigos estamparam no semblante das furias. Onde estão esses illustres regeneradores, que um bello dia declararam á face do paiz, que o homem nascera philosopho, e que o estudo da sciencia das sciencias era pura chimera? Por detraz dos homens actuaes não estão escondidos outros homens; o que hoje fere as vistas no Brazil, não é uma excepção, é porém sim o estado geral das idéas proveniente do scepticismo moral; da indifferença para o bem e o mal; da nullidade dos caracteres extranhos a todos os nobres sentimentos; e votados a um duro egoismo; e alfim da extinção dos sentimentos religiosos, que são o contrapeso das humanas loucuras. Ha alguns annos, bem difficeis eram as circunstancias do Brazil, e da sua mocidade; mas do proprio excesso dos males a esperança renascia; o presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O estado actual péza sem esperanças, como uma massa de ferro sobre todos os bons espiritos; tanto elles são pouco unissonos com as cousas, que se vão arrastando a nossos olhos. Desgraçada Mocidade! Desgraçado Brazil!

Um Brazileiro.

Inserimos este artigo, que nos foi communicado por um Brazileiro, pelo julgarmos bem concebido, e digno de occupar as columnas do nosso Jornal.

BALADA.

A Virgem do Mosteiro.

Das Quinas o Estandarte
Alfim o Leão venceu,
Crua peleja foi dada,
Infinda gente morreu.

D. Ricardo, o Cavalleiro,
Da peleja não voltou;
E disseram que entre os mortos
Seu cadaver se encontrou.

Negra veste, aspecto triste,
Sumído rosto em um véu;
Ante a porta de um mosteiro
Sinistro vulto appareceu.

Prestes a porta se abriu,
E prestes o vulto entrou;
E ao longe no dormitorio,
Echo lúgubre acordou.

Um anno havia passado;
Eis que por o Templo echôam
Sons de orgão, graves litanias,
Que doces vozes entoam.

Breve cessou o ruido,
Jaz tudo na solidão;
Das campas alveja a louza,
A' luz de escasso brandão.

Negra veste, aspecto triste,
Sumido rosto em um véu;
Junto á louza de uma campa,
Sinistro vulto appareceu.

Digitized by Google

'Stava alli em grossas letras,
Para baldar da morte o effeito;
Eis o guerreiro Ricardo,
Dos homens o mais perfeito.

Na campa se lança o vulto,
A' pedra a face encostou;
Da vida á morte sómente
Fria lage mediou.

Do brandão a luz mortiça
Ao finar-se aclarou;
Ao vulto cahiu-lhe o véu;
Rosto d'Anjo então brilhou.

Do brandão a luz mortiça,
Para logo feneceu;
E no relogio do Mosteiro
A meia noute bateu.

Grossas trevas envolviam
Do convento o Templo annoso;
Abysmado estava tudo
Em um silencio horroso.

.....
.....
.....
.....

Quebra o profundo socego
Rôco grito que voou
Por as arcadas do Mosteiro;
E logo uma hora soou.

Ao doloroso gemido,
Sumida voz se seguiu;
Que em tom solemne e pausado
Taes expressões produziu:

« D. Ricardo, ha hoje um anno,
« Justamente a hora tal;
« Que de vosso passamento
« Eu sôbe a hora fatal.

« E ao perder-te jurei;
« Meu hymineu contrahir,
« Sobre a campa de meu noivo,
« Que aqui mandei eregir.

« O' alma de D. Ricardo,
« O' trevas, ó natureza,
« Ouvi meu voto, e prestae
« Auxilio á minha fraqueza.

« A' manhã, logo que o Sol
« Neste mosteiro brilhar,
« D. Candida, e seu noivo,
« Cazados já hão de estar.

» O noivo é o Deus Eterno,
« Tumba o leito da beldade,
« A mortalha a nupcia veste;
« Mas em dote a Eternidade.

Ao outro dia a Aurora
No convento fulgurava,
E já o coro das virgens
As litanias modulava.

N'uma tumba estava um vulto,
Negro panno o envolvia;
De cada lado um tocheiro
Funebre luz espargia.

E o cantar grave e pauzado
Cantos de morte imitava;
E doce melancolia
Nos corações acordava.

E as litanias cessaram;
Logo o panno s'agitou;
Dirieis que a melodia
Um morto á morte roubou.

Negra veste, aspecto triste,
Sumido rosto em um véu;
Junto ao Altar do Deus vivo,
Sinistro vulto appareceu.

Do Sol, que já era nado,
Um raio no templo entrou;
Ao vulto cahiu-lhe o véu;
Rosto d'Anjo então brilhou.

Com voz firme, e rosto ouzado,
Os seus votos proferiu;
E a amante de D. Ricardo
P'ra sempre ao Mundo fugiu.

Seis mezes eram passados,
Quando a Lua aclarava
D'um convento o cimiterio,
Que ao rez do mar se elevava.

Por o ermo deserto e quedo,
Rijos ventos restrugiam
Ao longe as aves nocturnas
Sinistros sons espargiam.

A' sombra de annoso teixo,
Os olhos fitos no chão,
Do mosteiro uma das pombas
'Stava em funda abstracção.

O penoso arfar do peito,
Os suspirósos lamentos,
Abonam annos bem largos
De pesares e sofrimentos.

Digitized by Google

Densa nuvem cobre a Lua;
Os moxos piam mais forte:
Eis que sons d'harpa ressoam;
No sitio votado á morte.

Em tal remanso da noute,
Em hora cheia de horrores;
Genio das tumbas dirieis,
Que vinha cantar amores.

Do canto a doce toáda,
Era um mixto de saudade,
De impercações e promessas,
D'aspereza e suavidade.

Por entre as folhas mortiças
Doce o canto susurrou;
Mas a virgem que álem 'stava;
Ao ouvi-lo desmaiou.

.....
.....
.....
.....

Da Lua um raio argentino
A densa nuvem rasgou,
Aos pés da dama um guerreiro,
Distinctamente aclarou.

« D. Candida, fujamos,
« Voltemos a meu solar;
« O Ministro do Deus vivo
« Nos aguarda ante o altar.

« Bem te conheço, fantasma,
(Sumida voz respondeu)
« Ao nosso Mundo voltaes,
« P'ra me levares p'r' o teu?

« Partamos sim, D. Ricardo,
« Prestes 'stou, não me arreceio;
« Indo ao lado do amante,
« De descer da terra ao ceio.

« Senhora, despí receios,
« Não morri lá na batalha;
« Algum secreto inimigo,
« Eis só quem tal nova espalha.

« Bem te conheço, fantasma,
« Já prestes te vou seguir;
« Espoza do Deus Eterno,
« Não te devo aqui ouvir.

« Senhora, por piedade,
« (E ao collo os braços lançou,
« E a virgem querendo abraçar,
« Seu cadaver abraçou).

A torre, mal veio o dia
Queixosos sons espalhava;
E já o coro das virgens
As litanias modulava.

E o cantar grave e pauzado
Cantos de morte entoava,
E doce melancolia
Nos corações acordava.

Ao pé de um negro attaúde,
Um cavalleiro avultava:
Genio da morte o dirieis,
Sua victima guardava.

Mas quando á morada extrema,
O attaúde passou,
Sobre a louza, que o cobriu,
O guerreiro se inclinou.

« D. Candida, não julgues,
« Que ao teu Ricardo esqueceste;
« É tempo de te seguir,
« Já que por mim feneceste.

Eis luz buido punhal,
Que elle no peito sumiu;
E sobre a campa d'amante
Morto guerreiro cahiu.

A TOMADA DE SANTAREM.

Anno de 1147.

I.

OS DOUS TOQUES DE CLARIM.

— « Baixo, baixo!... que podemos ser appercebidos. Deixae lá: novas contendas são por certo com aquelles perros de Castella; sou eu quem vo-lo diz.

— Bofé que não: se assim fôra, mais fallazes reriam por ahi essas boccas dadinhas.

— « Que dizeis, pois, a quantos apprestos vão pela Cidade? E tudo, como por encanto, de hontem ao pôr do sol para cá?

— Por encanto, dizeis bem, senhor mestre Ermingues; é mesmo por encanto, que tudo se ha forjado: mas se para Castella fôra a cavalgada, mais de manso houvera de ser feita.

— « Não agouro bem de tanto escondrijo. Ouvimos hontem missa descuidosos de qualquer accontecimento de peleja, e hoje, ainda o sol não é nascido, já nos fazemos de lanças

Digitized by Google

e espadas, em som de guerrear mouros!... mas vamos a todo feito, que Santiago será comnosco.

— Goapo, senhor Ermingues, moço sou eu, e vós um velho, já amestrado ao estridor das lançadas e quebrar dos elmos, mas nunca no peito se me resfriou o coração ao esporear o meu ginete, e de investida arremetter com esses Agarenos sanhudos: mesmo quando em Ourique, de tantos que eram, cuidei nos engolirem: e com quanto mais, não é esta uma cavalgada de peleja, mas de passeio, que o Senhor Rei quer tomar com tão lustrosa companha; e que bem poucos somos nós chamados.

Isto practicavam entre o limiar da porta, em Coimbra, segunda-feira, dez do mez de Março, pela madrugada, dous vultos, que, a de perto os verdes, logo dirieis serem Cavalleiros. Eram cinco horas: soára um toque de clarim por todos os ouvidos; respondera-lhe de dentro do portado o relincho de dous cavallos; e os vultos íam separar-se, quando outro, que de mais porte se figurava, lhes veio pelo encontro.

— Seja Deus louvado, senhor Mem Ramires, que por aqui vos não trouxe tanto a desoras, que por vós já não estivessemos suspirando: disse o mancebo, que encostado ao humbral da porta havia ficado, como aguardando alguem. Oh, lá!... oh, lá!..... continuou elle, chamando por Ermingues; vinde cá, que se o não fizerdes, grande pezar tereis; e remedio não sei, que vos dê.

— « Mal haja Satanaz!..... mas tudo será feito, nosnou Ermingues. Lá vae já o primeiro toque de clarim, bradou elle ao moço D. Fuinho, e ao terceiro nos faremos de abálada: toda a tardança nos é má; que El-Rei não aguarda por tão maus servidores. Quizera elle não voltar; mas, curioso por alcunha, se tornou sempre aos Cavalleiros.

— Chegado era Mem Ramires, disse D. Fuinho, e não quizera que vos fosseis, sem lhe arrancarmos algumas novas: que, como valido do Senhor nosso Rei, tudo saberá com verdade.

— « E que seja breve, lhe tornou Ermingues um tanto enfastiado, que, se muito nos descuidarmos, soará o signal de partida, e por ahi nos iremos ás cegas sem apprestos, nem comedorias: e para mais; tendes os vossos ginetes nesta estrebaria, e quando o clarim nos despertar, e cortar a practica, só haveis que metter o pé no estribo, e dar de esporas; em quanto eu me sou a pé, e o ginete bem longe d'aqui. E vós, tornou elle com um frenetico repente para Mem Ramires, que aqui, e a estas horas nos tendes embaraçados, abride a bocca, que mais me parece de uma estatua, que de homem, e dizei para onde somos nós de partida?

Mem Ramires, que até alli havia estado mudo, e com a mão esquerda sobre o punho da espada, e a direita segurando a lança, rompeu o seu mormo silencio com um sorriso, que mais parecera de zombador, que de Cavalleiro. « O que vós quereis, mestre Ermingues, disse elle, não o devia eu de dizer; mas como sois bons Portuguezes, leaes pelejadores de Ourique, e uns daquelles que primeiro proclamaram o Senhor D. Affonso Henriques por nosso Rei, e independente, dir-vos-hei que esta nossa cavalgada só é para roubar Santarem aos Mouros.

Santarem!..... exclamaram Ermingues e D. Fuinho. Sim, Santarem, continuou Mem Ramires: já o nobre Senhor D. Henrique, não estava de feição a por mais tempo deixar em poder desses mouros maldictos, que mau inferno os acolha, a altiva Santarem com todas suas atalaias e planicies; e o que mais é os nossos valentes companheiros de Ourique, que lá os teem captivos e apprisionados em subterraneos mais escuros e medonhos que as cavernas de Murzigofe.

— Tanto não, atalhou D. Fuinho: tão soberbos e descridos da fé de Deus não serão elles, que assim maltractem os nossos bons Portuguezes.

— « E' o que tambem eu quizera dizer, ajuntou promptamente o curioso, porque, se disso houvera certeza, já Ermingues aqui não seria comvosco, mas ás lançadas com esses infernaes filhos de Mafoma, a quem ainda não perdi a fé de matar um cento n'uma hora.

« Verdade é, redarguiu Mem Ramires; e já que não dáes certeza ao que da primeira vos digo, sabei que eu mesmo os vi.

— « E como vos houvesteis, perguntou Ermingues, sem arremetterdes com os guardas, ou com todos os barbaros que fossem, ao verdes os vossos irmãos d'armas em tão crua extremidade?

« Tresvariado seria aquelle que assim se desse a morte, disse Mem Ramires; mas a bons Portuguezes nunca faltam felizes ensejos de mostrarem seu valor com mais proveito da patria e da fé catolica: e quando lá nessa antiga Scalabicastro nos formos a braços com os infieis, então Mem Ramires vos mostrará que nunca receioso foi de batalhar.

Aqui lhes interrompeu a practica o segundo toque do clarim: e sem nada dizerem; Ermingues se foi de corrida; e D. Fuinho e Mem Ramires entraram na estrebaria, e montados sahiram em dous bem ajaezados cavallos, e emparelhados de galope se partiram pela mesma direcção, e desappareceram. Erma ficára a rua; e só de espaço a espaço se ouvia o

Digitized by Google

galopar ou bridar de algum cavallo, e o tenir das adagas e armaduras.

II.

A DESPEDIDA.

Variadas eram então as scenas que em Coimbra se passavam nos Paços d'El-Rei, e nas moradas dos mais, que deviam de partir: e se magia tiveramos, que todas podessemos disfructar uma veriamos, que mais pathetica nos houvera de parecer.

Em uma salla, de architectura mourisca e mobilia ao uso das Hespanhas, um mancebo guerreiro, de cabellos louros, barba cerrada e olhos vivazes, e uma dama de bellas faces rosadas, olhos castanhos e longos cabellos anelados, espargidos pelos hombros, se estreitavam mutuamente. Uma lança e um broquel, encostados a um canto, eram o unico brazão d'armas destes dous esposos, nobres por sua patria e por seu amor.

Oh!... Não me deixes, dizia ella: quando cerca o altar de Deus o sacerdote nos uniu, disse que fôra para sempre, e tu queres abandonar-me? Ah! D. Rodrigo, não sabes quanto me aflige..... se eu podera acompanhar-te, comtigo partilhára os revezes da peleja, ou a gloria da victoria..... Mas porque duvido? Sim: eu tambem posso acompanhar-te; posso vestir uma cota de malha, embroxar o elmo, enristar uma lança, embraçar um escudo e correr n'um corcel: sim, hei-de seguirte; sempre a teu lado serei feliz, ainda mesmo no sepulcro. A teu lado combaterei tambem: quando alguma lança vier ferir-te, o meu peito te livrará; quando uma adaga, o meu braço desviará o golpe; quando mesmo todos os inimigos da nossa patria cahissem sobre ti, para te assassinarem, com o meu corpo cobriria o teu; e eu só morreria, e tu ficarias vivo para rogares a Deus por mim.

Methilde, disse elle, unindo-a mais ao peito e imprimindo-lhe um beijo na face; minha Methilde!..... El-Rei nos chama, e devemos de partir: ainda que Ismael outra vez fôra comnosco, a victoria seria por Portugal; e o teu Rodrigo colheria novos louros.

D. Rodrigo! D. Rodrigo! atalhou um Cavalleiro que entrava; muito ha que se ouviu o segundo toque de clarim; já os nossos camaradas depeleja começam de ajuntar-se; e ao terceiro nos sahiremos da Cidade: e ja tambem d'aqui me não vou, sem que vos leve a meu lado.

— Bem vindo fosteis, senhor Ermingues, disse D. Rodrigo, que cuidava ainda não ter soado o primeiro.

Um pouco para o lado se appartaram os dous, e tão de manso fallavam, que só pelos gestos dirieis serem despedidas de amantes. Um embuçado assomou então á porta, como para observar; fizera-lhe Ermingues um signal com a cabeça; e elle se foi.

Entre prantos e choros se appartaram. Breve soou o terceiro toque dos clarins: e da janella viu a amante saudosa disparecer a lusente cavalgada. Ao tropel e relincho dos cavallos succedera um silencio quasi de sepulcro; e tudo repousava tranquillo: só Methilde era dôr, era lembranças de seu marido.

(Continuar-se-ha).

ORAÇÃO.

Um dos amigos d'Arlato Piovano, cura de Italia, o solicitou para que lhe désse um formulario de orações. O cura respondeu-lhe: é preciso quando se levante recite um pater nostre, e uma ave maria, e faça depois esta oração: Senhor Jesus, livrae-me de um proprietario arruinado, de um pobre que enriqueceu, da consciencia de um partidista, dos quis pro quos dos boticarios, dos etc. dos tabelliães, dos que ouvem diariamente duas missas, e dos que jurão pela sua consciencia.

Um Sophista querendo confundir *Thales de Mileto*, lhe derigio questões capciosas ás quaes lhe respondeu com brevidade e precisão.

Qual é a cousa mais antiga? — Deus; por que sempre existiu.

Qual é a mais bella? — O mundo; por que é obra de Deus.

Qual é a maior? — O espaço; por que contém tudo que tem sido creado.

Qual é a mais constante? — A esperança; por que é a unica que fica ao homem, quando tem perdido tudo.

Qual é a melhor? — A virtude; pois que sem ella nada ha bom.

A mais ligeira? — O pensamento; que em um momento se transporta ás extremidades do universo.

A mais forte? — A necessidade; que faz arrostar todos os accidentes da vida.

A mais facil? — Dar um Conselho.

A mais difficil? — Saber conhecer-se.

A mais sabia? — O tempo; porque ensina a sêl-o.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 20) *Publica-se todos os Sabbados.* *(Maio 16, 1840.*

EDADES.

Similhante á nova planta, que sahindo tenra e mimosa das entranhas da terra, extende ao sol seus debeis ramos, fortifica-os pouco a pouco, dezenvolve-se, abre suas lindas e odoriferas flores, sazona seu fructo, depois perde as forças, torna-se exausta da seiva nutritiva, e morre; assim o homem caminha por todos os periodos da vida desde a aurora do nascimento até á tenebrosa noute da velhice. Tudo quanto vive trilha as mesmas sendas da existencia. Os individuos não devem á Natureza consideração alguma; todos nascem e morrem perpetuamente, como a onda no proceloso occeano succede a outra onda para desaparecer quando outra a substituir. A geração, essa fonte inesgotavel e reparadora das devastações da morte, foi posta sobre a terra para constituir a perpetuidade das especies; unica mira do creador. Como sombras passageiras d'uma especie eterna, nascemos e morremos todos; viajamos successivamente por movimentos inapreciaveis da vida para a morte; de maneira que a existencia, não é, por assim dizer, senão um longo morrer.

» Tempora labuntur, tacitisque senescimus annis,
» Et fugiunt, freno non remorante, dies.
Ovidio.

O andamento gradual das edades manifesta dous caracteres principaes em todos os corpos organizados: 1.° o de crescimento, vigor, vida expansiva e superabundante; 2.° o de diminuição, enfraquecimento, vida convergente e insufficiente. O primeiro é o tempo da mocidade e reproducção; o segundo é o periodo da velhice e morte.

Toda a nossa existencia está dividida quazi egualmente em prazeres e disgostos: tal é a principal cauza que muda nossas affecções e idéas, á medida que avançamos em edade, porque seguem o mesmo progresso que nossa constituição physica. Estes differentes gráus pelos quaes passam todos os seres vivos, appresentam uma mudança não interrompida dos orgãos, que, havendo prehenchido suas funcções, se enfraquecem, se alteram e finalmente morrem. Não só o todo do corpo tem edades; porém cada uma das partes goza das que lhe são particulares. Esta gradação, cujo começo é fraco, o meio fórte e rapido, e o termo abatido e languido, nos evidencia as mesmas fazes ou periodos que o andamento uzual das molestias. A vida é um estado d'atividade que caminha perpetuamente para a morte, á que se avezinha por mudanças successivas; a morte é a crize d'esta longa enfermidade, que nós chamamos vida. E' o tempo, que com ferrea mão discarrega o golpe mortal sobre o homem; é o tempo, esta duração desmedida, que devora todos os seres, diante de quem tudo cae, tudo se distrue, que com justa imparcialidade carrega o pezo dos annos sobre o mortal imperioso, cuja cabeça cinge o diadema, e aquelle que consume seus dias atraz de rustica charrua, assim como envilhece as purpurias flores, que se elevam brilhantes e puras no centro dos prados. Sim, á tua vista, ó Tempo, se precipitam com furor as perpetuas torrentes das edades; tu as vêz desaparecer no interior do sepulcro, dispersarem-se no illimitado imperio da morte, e nenhum vestigio se quer d'ellas ficar. Nós outra couza não somos do que sombras fugitivas e passageiras, pó palpitante, que a robusta e rapida aza do tempo dissipa, illudindo-nos com um eterno renome. Dizei-me, celebres mortaes; respondei-me lá do fundo do tumulo em que jazeis, tristes restos dos primeiros humanos: o que vos ha acontecido? Attentae n'estes collossaes rochedos que testimunham vosso apparecimento sobre a terra, e que podem depôr de vossa lida mundana?.... Elles subsistem; elles teem resistido aos esforços da distruição, e isolados das duas propriedades inherentes a quanto respira, hão resistido á

Digitized by Google

ferocidade do tempo exterminador. Pyramides colossaes, templos augustos, massas inabalaveis, vós haveis presenciado os passos de muitos seculos, e ainda hoje ostentaes soberbos vosso orgulho, em quanto a multidão das nações, que vos construio, e essas turmas d'um povo immenso, que allastravam vastissimas campinas, innundavam as praças publicas, hão servido de nutrição ao tempo impassivel. Nada, pois, somos na extensão dos seculos; mettidos entre milhões de nossos similhantes, que um instante vê apparecer, e o outro arrebata, rapidamente nos mostramos á superficie da terra para depois sermos lançados nos taciturnos dominios da eternidade.

ORIGEM DA CIVILISAÇÃO MODERNA E RENASCIMENTO DAS LETTRAS.

Aos Arabes cabe a gloria da civilisação moderna: lá bruxulearam os primeiros lampejos da luz civilisadora. De entre os Arabes resurgiram as lettras, porque possuindo elles Monarchas amadores da illustração houveram ellas de sêr cultivadas em Damasco e em Bagdad. E Abderraman, que havendo sido obrigado por intrigas civis a desamparar as populosas e ricas cidades da Arabia, escolhêra a Hespanha para seu novo Imperio: ahi transportou a illustração de seu paiz natal, fundando Escholas em Sevilha, Granada e Cordova, que em bem pouco se tornaram os focos da sciencia. D'aqui vem, que o industrialismo, a actividade e a intelligencia Arabes, unido isto ao cultivo das lettras e artes, fizeram da Hespanha a nação da Europa a mais civilisada. A Europa, accrescentamos, recebeu as lecções d'aquella, e o gosto e a regeneração litteraria se espalhou, e como que se ramificou por todos os angulos do mundo Europeu.

Então os Poetas foram os primeiros representantes d'essa civilisação incipiente, vagavam de cidade em cidade, cantando e celebrando a guerra e os amores, e ao som do Alaúde communicavam o calorico do enthusiasmo aos gelados corações de seus compatriotas. Inventaram assim nova Poesia, toda de sentimento: pintura fiel da natureza accomodada ás crenças, aos usos e costumes da epocha: e couza não menos remarcavel do que as que levamos ditas, á influencia dos Arabes devemos nós a nossa Poesia, a Poesia moderna, que se diz dote da civilisação Européa, attributo de nossas idéas, apanagio nosso em fim. E de feito, os Arabes eram eximios e excellentes pintores da natureza, cantaram melodiosamente as bellezas de suas patrias campinas, elevaram-se até ao ideal, inventando Magiças, Fadas, e milhares de outras tantas producções de seus cerebros Poeticos.

Desta Escholа Arabe sahiram os Trovadores e outros Poetas da Europa, que modificaram e adaptaram a Poesia á *Religião Christãa* que professavam, e dahi procedeu o começarem-se a compôr *Poemettos* em dialogos, em que se endereçavam louvores á Virgem, e em que figuravam como Actores: Anjos, Archanjos, Diabos e Homens.

Mas não pára aqui o invento Arabe. A elles tambem se deve a Poesia, que óra alcunhamos Romantica; e a prova cabal, que disso bavemos, deprehende-se de que é na Hespanha da edade media, que só se encontra o espirito, a essencia verdadeira da mencionada Poesia.

Com o correr dos tempos os Arabes foram expulsos pelos Christãos; o beneficio, porém, civilisador que, elles levaram á Hespanha permaneceu, que não é dado a forças humanas anniquillar aquelle elemento formidavel. Passou, pois, o dominio Arabe; mas suas doctrinas haviam-se enraizado na mente dos que os substituiram. A Poesia, como todas as artes e sciencias, di-la hieis semi-Arabe, mas com tudo isso foi ella quem inspirou o Dante, esse grande genio moderno; foram suas engenhosas e pomposas ficções que electrizaram ao depois Ariosto e Tasso.

No entanto a França, onde se achavam depositados os restos da civilisação do Imperio do Oriente, que com tanto afan Carlos Magno arrecadou, começa de cultivar a carreira litteraria á imitação dos antigos; eis a razão, porque não se dá em rigor nella litteratura propria, havendo-se os Poetas Francezes ataviando com gallas alheias, adornado com mantos Gregos, recebendo as sós inspirações das Musas do Parnaso.

Lá vão, portanto, duas Poesias pôr-se em campo: ei-las que empunham armas, e se ostentam na *Arena* desde o renascimento das lettras até a nosso seculo! D'um lado uma litteratura estrangeira, que como conquistadora, nos inflige regras contrarias a nossos pensamentos, que se oppõe ao vôo inflammado de nossos genios, fazendo-lhes sacrificar sobre seus altares, o fragil aroma da escravidão imitativa; marcando-lhes a estrada do Olympo Grego, unico espaço, onde se possam espraiar seus pensamentos sem que lhes seja permittido ultrapassar os limites, que como grades d'uma prisão se lhes apresentam.

De outro lado uma litteratura toda nova, bella, acommodada á nossa crença, que proclama a Religião e a Liberdade, que nos permitte voar até incalculaveis alturas, que nos quebra as prisões, e nos faz entoar o hymno da Independencia. Ambas hão tudo

Digitized by Google

invadido, attacado tudo: vão atravessando os seculos, impassiveis, sem fraquejar, nem ceder uma á outra sequer um passo. Valentes guerreiros, bravos Campeões, que a Victoria com o dedo de puro ainda não ousou apontar para o mais favorecido.

A litteratura Grega, a antiga, denominada pelos Alemães *Classica*, assenhoreou-se finalmente da França e da Italia, até o seculo 19.° A moderna, chamada Romantica, da Hespanha, em que se introduzira, arremessa-se na Inglaterra, e de lá vae á Alemanha, e d'ahi vibrando suas armas valentes, reflectindo seus armoniosos sons de sobre a França, ajudada pela revolução de 1789, lança-se furiosa, e affugenta do emporio da civilisação moderna o Classissismo, que quasi exalou com o seculo 18.° seu derradeiro suspiro.

E a razão disto é clara. A litteratura na edade media era inteiramente separada da politica; cada uma tomava senda diversa, seguia o trilho, que lhe aprazia. Dando, porém, a politica um salto de gigante, influio de ponto sobre a litteratura, sobre a carreira social, lembrou e desenvolveu novas idéas, gritou, em summa, pelas innovações e pelo progresso! Como poderia então o Romantismo subtrahir-se á liça? Uniram-se, pois, e o Absolutismo e o Classissismo cahiram. A revolução Franceza foi fallada por toda a terra, inçou o mundo de suas idéas; o Romantismo acompanhou-a, seguiu-a sempre. E a estrella, que o guiava, ganhou brilho á medida que a primeira descortinava, de entre as sombras carregadas que envolviam a Europa, theorias novas, e alluminava o globo inteiro com a luz intensa emittida de seu facho civilisador.

Estado presente das lettras.

Depois de havermos viajado pelo meio desses grandes monumentos Gregos e Romanos, que tantas lecções disprendem, e que o tempo não se attreve a derrocar, tão grande respeito lhe incutem!... Tempos brilhantes, epochas das bellezas dos sentidos, illustrados com vastos amphiteatros, festas triumphaes, artistas, luxo e cantos divinos dos vates, atravessamos os negros seculos, os negros seculos de pranto e de crimes, e abordamos á regeneração das lettras, onde por um pouco nos demoramos, como o viajante affadigado de enfadonha e dilatada viagem sauda com hymnos de jubilo a terra que se lhe antolha nitida e formosa, e n'ella pousa com gosto suas vistas disacostumadas. Resta-nos agora o presente, esse imperio grandioso e intelligente do seculo 19.°, que não possuindo Circulos, nem Gladiadores, como a antiguidade; nem Anachoretas, como a edade media; em troca, realça com uma civilisação mais luminosa e bem entendida. Enriquecido de fabricas e manufacturas, que só lhe pertencem, amador e apreciador verdadeiro das artes e sciencias, o seculo actual ostenta cheio de ufania o sêllo que o destingue dos que foram: é religioso sem ser fanatico. —

A Poesia é considerada no seculo actual como o primeiro e principal representante dos póvos, como uma arte moral, permitta-se-nos a expressão, que muito influe sobre os costumes: sua importancia na pratica das virtudes, seus exforços a favor da illustração e da gloria lhe assignam logar elevado de entre as muitas artes, que honram uma nação. — No começo do nosso seculo, a Poesia Romantica içou seu estandarte victorioso, e o fez fluctuar em toda a Europa. A França, a Italia, que até alli se haviam todas lançado nos braços d'uma Poesia imitativa, contentes quebraram o jugo de bronze que lhes pesava; e entoaram ao Céu o hymno de Liberdade! Graças aos primeiros athletas do Romantismo nessas duas nações briosas! A Chateaubriand, Benjamin Constant, M^me^ de Staël, Lamartine, Victor Hugo, Manzoni, Foscolo, Pellico!... Louvores tambem a Schiller, Byron, Walter Scott, Goethe, Bulwer, Cooper, Martinez de la Roza, ao Sr. Garrett e outros, que nas suas differentes patrias constantemente bradaram pela emancipação do Genio!...

Assim, óra o horisonte da Poesia moderna enxerga-se já limpo de nuvens, claro e bello, como uma manhãa de Estio; as faxas e vestes estranhas, que mal nos enfestavam, cahiram, e já nos adornamos com o que é nosso, com o que nos pertence.

A Eloquencia, esse dom ecleste, que tanto ha pesado na balança das nações, póde olhar-se de dous modos: ou é religiosa, ou parlamentar. A primeira depois de haver chegado ao zenith de sua gloria com os Bossuets, Lutheros, Hildebrandos, Massillons, Vieiras ha um tanto decahido do seculo 18.° para cá. A Eloquencia parlamentar, essa que só em tempos de liberdade e com a emulação se disenvolve, qual astro, só de vez em quando é que apparece com brilhantismo.

A Philosophia no nosso seculo vae, para assim dizer, ás apalpadellas; caminha sem destino d'um lado para outro; viaja sem leme, nem piloto. Fundam-se systemas sobre systemas: uns com Bacon gritam pela experiencia; outros escudados em Hume e Voltaire defendem o Scepticismo; em quanto que Malebranche se extasia com Deus. Dous systemas: o da Eschola Escoceza, de Reid e Dugal Steward; e o da Eschola Allemãa, de Hant, appresentam theorias elevadas e sublimes. Hant, sobretudo, é o Socrates moderno; o fundador da nova philosophia: é seu Anjo

Digitized by Google

tutelar. Seu systema é a ultima expressão do que ha de mais sublime nos systemas philosophicos: é o arrojo da Poesia; o vôo da Aguia na philosophia: domina este systema na Alemanha, e em alguns estados da Europa. — Mas dous homens grandes: Royer Collarde e Cousin intentam em França reedificar e fundar n'um só todos os systemas apparecidos: no chamado ECLECTISMO. — Seus exforços hão recebido merecida recompensa; pois que de dia para dia o systema Eclectico ganha terreno, espalha-se pelas nações.

A Historia, esse grande espelho que pelo passado reflecte o porvir, a Historia, attravessando a edade media, não passava de simples exposição de factos sem criterio; todavia homens ensopados na doutrina de Tacito procuraram dar-lhe verdadeira direcção, leva-la ao subido gráu que lhe compete; e esses homens foram Machiavelli, Montesquieu, Gibbon, Robertson e Bossuet. — Hoje é encarada a Historia de duas maneiras: ou ella é particular, ou universal. A primeira cifra-se em escrever, segundo os grandes modêlos, os acontecimentos com toda a verdade e critica, em designar o typo peculiar de cada povo, seu estado de civilisação e industria, seu avançamento ou atraso. Pertencem a esta Eschola: Thierry, Lingard, Sismondi e Muller. A segunda maneira de considerar a Historia é philosophica e ideal. Giambatista Vico no seculo passado estabelece leis universaes da humanidade, eleva-se da representação á idéa, dos phenomenos á essencia: attentando no principio identico de todas as nações fórma uma Historia abstracta; é de todas em geral, mas não pertence a nenhuma em particular. Herder e Hegel continuam no nosso seculo essa tarefa: consideram elles a humanidade como caminhando a um fim; isto é, á perfectibilidade; sendo unicamente aquillo que podia sér. Arrancam do seio das ruinas da antiguidade e da edade media idéas geraes, principios universaes e eternos, manifestados na serie dos seculos, fornecendo assim todas as nações contingente a essas verdades philosophicas. Guisot em França é dessa Eschola da Alemanha, e nelle e em Niebuhr e Hegel depararão nossos leitores com provas, que corroborem o que deixamos expendido. Julgamos entretanto incontrastavel, que o destino e missão d'um paiz são mais bem comprehendidos, quando diante dos olhos se tem a carta da humanidade, quando o coração é assaz vasto e ardente para profundar a idéa predominante dos seculos, desses extensos dramas, cujo disfeixo é inevitavel, como o principio e o andamento são necessarios, arrastando Epopeias já felizes, já desgraçadas, pattenteando óra gloria, óra opprobrio, transmittindo de epocha em epocha a herança do espirito humano: o erro, disfarçado, qual outro Protheo, debaixo de mil fórmas.

A MANSÃO DO TEMPO.

Debaixo do pólo arctico, nas extremidades do mundo conhecido, e ao poente do astro do dia, está uma planicie árida e inculta, onde o tempo, monstro creádo com a terra, reina despoticamente. — Este orgulhoso tyranno de tudo o que respira, elevado sobre uma columna de marmore branco, ostenta sobre a mesma fronte as graças da adolescencia, e as rugas da velhice. Seu rosto bi-partido por uma longa barba ruça, deixa vêr a perfeita decrepitude ao lado da bôa disposição da joven virilidade; seu corpo, sustenta-se apenas sobre um pé, que ligeiramente se appoia sobre uma ampolheta, tendo nas mãos uma afiada fouçe; e com olhos penetrantes, que nunca se entregam ao somno, elle escolhe as suas victimas na innumeravel multidão dos mortaes, que humildemente imploram a sua piedade.

Mas este monstro egualmente duro e surdo, sem attenção á edade a quem enfraquece, ás condições a quem destrue, aos sexos a quem confunde, á belleza a quem murcha, nem ao espirito a quem enerva, agitando as suas longas e azuladas azas arroja para longe de si os dias, os mezes, os annos, e fére indistintamente, ora um filho unico, a esperança d'uma familia, ora um monarca estimado, a quem precipita do throno quasi no momento imediato ao em que alli subiu: algumas vezes arranca uma joven esposa do leito nupcial, e muda a alegria d'um dôce hymenêo em pompa funebre. Não é raro vê-lo poupar um velho gotoso e caduco para cortar o fio vital d'um mancêbo são e robusto. Finalmente, não deixa cahir a fouce homicida, sobre os velhos que o cercão, senão quando o seu braço extenuado de fadiga, não póde estender-se ao longe para escolher as suas victimas. Elles cahem então, similhantes ás folhas sêcas e amarellentas que o sôpro rigoroso do Aquilão sacode das arvores no fim do Outomno.

Taes são os crueis folguêdos do tempo, quando com a ensanguentada fouce fére as suas victimas. O horrivel golpe, que as entrega á morte anciosa de as arrebatar, lhes abre as negras barreiras, que servem de porta á Eternidade. — E' por ahi, que as almas entram n'esse immenso imperio d'onde nenhum mortal póde voltar á luz. — A sua insaciavel voracidade não se limita aos fracos mortaes: imperios, reinos, republicas,

Digitized by Google

cidades, templos, palacios, tudo experimenta o seu dente de férro.

Os monumentos veneraveis da arte não são mais respeitados do que as obras primas da natureza: — em torno d'elle estão amontoados os destróços das dignidades e das grandezas humanas, corôas despedaçadas, sceptros quebrados, thronos reduzidos a pó, e sobre as ruinas dos quaes se elevam outros thronos, que em continente são destruidos. — Foi elle que se comprazêu, em criar os quatro grandes imperios do mundo, em os fazer destruir consecutivamente uns pelos outros, e fazer desapparecer nações inteiras. — Perante elle passam rapidamente todas as gerações, os velhos, impellidos pelos homens d'edade viril, e estes pelas crianças. — Tal é o tempo, que tudo devóra e consume; mas no fim dos seculos, este monstro sendo tambem devorado, expirará irremessivelmente ás portas da Eternidade.

Sobre a Medicina Domestica.

Indubitavel é, que todas as sciencias hão concorrido mais ou menos para o bem estar do genero humano; mas não se póde negar, que d'entre ellas a Medicina é a que mais valiosos serviços ha prestado á humanidade: objecto de veneração e respeito em todos os seculos e paizes, a Medicina ha sempre gozado da preeminencia e consideração, de que a tornam acredôra, as immensas e reconhecidas vantagens de que os homens lhe são devedores; a antiguidade julgou-a merecedora de que em sua honra se alevantassem templos, e erigissem altares, e n'essas épochas, em que os logares sagrados eram os depositarios dos conhecimentos medicos, que a experiencia havia feito reconhecer como proficuos, constituiu uma profissão reputada digna de ser exercitada exclusivamente pelos Sacerdotes, que procuraram dar-lhe maior explendor, rodeando-a d'aparatos religiosos, e fazendo-a revestir do caracter profetico.

No meio deste quadro brilhante, em que vemos figurar a Medicina como dadiva a mais preciosa da Divindade, surgem zoilos esquentados, que derramando o fel da styra sobre a classe medica em geral, confundem esses impostores e charlatães, que vemos formigar a cada canto, e que inundam as nossas provincias, confundem-os, dizemos, com praticos illustrados, com homens que munidos dos conhecimentos necessarios, s'occupam em aliviar a humanidade dos males, que sobre ella pezam.

De ha muito que se acham vulgarisadas algumas praticas medicas, das quaes umas bôas, outras más, e até pessimas, são todas ellas postas em execução pelo povo a maior parte das vezes unicamente porque em tal occasião aproveitou a Fuão, não curando de indagar se era na mesma doença e em circunstancias identicas, que de tal ou tal remedio se tirou proveito; daqui teem nascido centenares de prejuisos, que incessantemente propagados por pessoas supersticiosas, por velhas e comadres, hão pouco a pouco d'elles inçado as classes pouco instruidas (e tambem grande parte das que o são mais), as quaes, crédulas em demazia, facilmente abraçam e recebem tudo o que vem revestido com a apparencia de portentos e milagres.

Summamente nos penalisa vêr tractadas em livros decorados com os pomposos titulos de *Medicina domestica*, e similhantes, as molestias que affligem o genero humano, e em alguns com minucia até, e arremessarem-se taes livros ao povo inteiramente leigo em similhante materia; o resultado é que muitos individuos levados de sua cega confiança, e sem bases sufficientes para poderem entender assumpto melindroso por natureza, lançam-se no campo do *Charlatanismo*, tornando-se victimas do proprio arrojo, e arrastando em sua queda os incautos, que n'elles se confiaram.

Ora se praticos munidos dos conhecimentos indispensaveis, tendo por longos annos confirmado á cabeceira dos doentes muitas das idéas bebidas nos livros, bastantes vezes se acham embaraçados, não só em conhecer uma molestia, mas até sobre o methodo curativo que mais vantajoso seja; o que ha a esperar de charlatães, d'esses ceifadores das vidas humanas, que sem peso, nem medida applicam substancias medicamentosas, que mais gota menos gota, mais grão menos grão, são capazes de fazer finar os infelizes que lhes cahem nas mãos; mas apezar de tudo isso, vê-los-heis por ahi campeando triunphantes, alardeando curas milagrosas, e embaindo os desgraçados, que ainda acreditam nos seus remedios universaes.

Assim pelo que deixamos dito, e por muito mais que poderiamos dizer, reputamos em extremo prejudiciaes todas essas obras e receitinhas, com que uma fingida beneficencia, ou mal entendida philanthropia teem inundado o povo, perpetuando muitas vezes erros bastante nocivos, e dando origem em alguns casos a terminações faraes: por consequencia claro está, que de tal cousa não tencionamos tractar. — Mas excluiremos de nossas columnas a Medicina? não por certo, antes concorrerá bastante para entretermos a attenção de nossos leitores sobre pontos bem importantes.

Digitized by Google

Por muito tempo a Anatomia foi objecto d'estudo unicamente dos que se dedicavam a aliviar os males da humanidade, mas hoje, graças ao zelo dos Srs. *Bourgery* e *Auzoux*, já os individuos a quem a vista d'um cadaver causava horror, poderão entregar-se ao estudo d'aquelle ramo, sem o enojo que antigamente d'elle provinha. — Perguntar-nos-hão, para que serve similhante estudo? Consultae o desenhador, o pintor, o esculptor, e elles vos dirão quanto concorre para o aperfeiçoamento dos seus quadros e estatuas; fallae ao physiologista, ao que perscruta o mecanismo das differentes funções do corpo humano, e vereis quanto importa saber a estructura, arranjo, e disposição dos diversos orgãos, para poder explicar parte d'esse mecanismo; interrogae o moralista, e o psychologista, e podereis fazer considerações interessantes sobre a Divindade, bem como sobre o espirito que nos anima; olhae para vossos filhos, para vós mesmos e reconhecereis quão util será o conhecimento dos differentes instrumentos que compõem a machina humana, para sobre elle basardes um methodo d' educação appropriado, ou para poderdes regular a vossa hygiene.

Se passamos á Physiologia, veremos como as piquenas machinas chamadas orgãos (mas que apezar d'isso são milhares de vezes mais complicadas, que a mais complicada machina pelo homem inventada), cuja reunião constitue a machina homem, veremos, digo, como exercem as suas funções, dando em resultado final a vida. — E' para admirar a immensidade de phenomenos, que teem logar no homem durante o mais curto espaço de tempo: que de cousas notaveis não ha a considerar na disposição do globo do olho, esse complicado apparelho d'optica, bem como nas modificações que a luz tem d'experimentar na sua passagem atravez das pequenas peças que compoem o dito apparelho, para em fim termos a sensação da côr d'um corpo qualquer; e de mais passando-se tudo isto em instantes inapreciaveis; ora se isto succede com um orgão ou apparelho d'orgãos isolado, o que fará se considerarmos todos os orgãos e apparelhos reunidos, isto é, o corpo humano! e deixará, quem taes cousas investiga, de reconhecer a sabedoria infinita do auctor de tantos portentos!

A Hygiene, que tem por fim a conservação da saude, é segundo o respeitavel *Richerand* a parte da Medicina, que mais convinha vulgarisar. — E realmente, ou consideremos a Hygiene publica, ou a particular, nada mais util, que prevenir as enfermidades, das quaes uma parte (e não pequena) são devidas á falta de cuidado na observancia das regras sanitarias: assim julgamos extremamente proveitoso, occuparmos algumas paginas deste jornal com artigos escolhidos sobre a Hygiene não só das edades, mas até das profissões.

Sendo tão notaveis as mudanças d'organisação, e por consequencia as necessidades annexas a essas variações nos differentes individuos, ao passo que, avançam na carreira da vida, torna-se forçoso mencionar as precauções exigidas por esses diversos estados, o conhecimento das quaes muito poderá contribuir para assentar as bases d'uma bem entendida educação physica, moral, e intellectual. — Egualmente é para lamentar a pouca attenção, que a maior parte dos individuos que exercem profissões, mostram por um objecto tão interessante, qual o da conservação da saude; mas cumpre confessarmos, que muito concorre para essa negligencia, a ignorancia dos perigos de quasi todas as profissões, bem como dos meios d'os evitar; a classe dos artistas, uma das mais importantes da sociedade, e que em quasi todos os tempos tão desprezada ha sido não só no que toca á consideração social; mas até pelo que diz respeito á sua educação moral, bem como á instrucção indispensavel para os usos da vida, merecia mais alguma contemplação da parte das classes opulentas, cujas commodidades são muitas vezes compradas á custa da saude dos infelizes obreiros; se esses individuos, a quem a fortuna prodigou os seus dons, e que nadando no meio da abundancia e riquezas, não teem sentido ainda quão triste é a posição d'um infeliz privado dos meios d'acudir ás suas precisões as mais urgentes, se esses individuos soubessem quão desgraçada e digna de compaixão é a existencia de muitos artistas, que sacrificam a sua saude, e se expoem a mil perigos, para lhes procurar as commodidades que tão folgadamente disfructam, para lhes satisfazer o luxo que com tanta profusão ostentam, mais d'uma vez derramariam alguma lagrima compassiva sobre a sorte do pobre operario, que transido de dôr e desespero, com a saude perdida, se vê constrangido a buscar um asylo de caridade, onde finalise seus dias passados com amargura! Porém do que levamos dito, não se deprehende, que tencionamos tractar unicamente da Hygiene dos artistas, quando fallámos em profissões, comprehendemos todos os empregos e modos de vida exercidos pelo homem em sociedade, não considerando menos honrosa qualquer profissão, com tanto que contribua para a utilidade commum.

Tocaremos tambem alguns pontos da Me

Digitized by Google

dicina, em que possamos achar materia, que ao mesmo tempo que deleite, concorra egualmente para instruir: é assim que alguma cousa diremos acerca do somnambulismo, da catalepse, e outras doenças, das quaes mencionaremos unicamente a parte recreativa, acompanhada de considerações que possam ser uteis a nossos leitores; daremos uma noticia abbreviada do systema de Galle, conhecido com o nome de Craneoscopia, ou Phrenologia, (*) a que pouca attenção se tem dado em nosso malfadado paiz, por descuido, ou de proposito, e que ao passo que maior numero de factos fôr comprovando a veracidade d'alguns dos pontos desta doutrina, muito poderá influir sobre o systema penitenciario, sobre a educação intellectual, moral e physica, muitos outros objectos, de que mais d'espaço faremos menção em um artigo especial.

Por ultimo procuremos desarraigar differentes erros populares relativos á Medicina, que propagados incessantemente por miseraveis charlatães, por isso que muito lhe convêm para os seus interesses, hão acarretado funestos resultados sobre os individuos que d'elles se acham possuidos.

Taes são as materias, que segundo nossa opinião, devem constituir a Medicina domestica, e de que resumidamente trataremos em differentes numeros d'este jornal.

A TOMADA DE SANTAREM.

Anno de 1147.

(continuado de paginas 152)

III.

A TOMADA (**)

Já pelos valles e cerranias se levava ElRei e os varios outros Cavalleiros, que trotando em seus nedios corceis, ledos e folgasãos, questionavam sobre que intento fôra o de D. Affonso. Nem a via que seguiam lhes insinuava que terra demandavam; mas o que haviam por certeza, era a victoria onde quer fossem levados: e assim foram, até que chegando a Alfafar ahi tomaram pousada.

Passara-se a noute em concertos de opiniões, sem que muitas fossem as concordes, e menos as verdadeiras: e ao outro dia, terça-feira, logo ao alvorecer se levantaram as tendas, e seguiram por diante até Dornellas, onde se detiveram. Daqui mandou ElRei Martim Mohab, moço esforçado e distemido, com mais dous Cavalleiros, a dar aviso a Auzechri, senhor de Santarem, como estavam rotas as treguas, segundo era uzança d'aquelles tempos. Ao outro dia pôz-se ElRei tambem a caminho; mas ao entrar em Aldegas topou com Martim Mohab e os dous companheiros, que já de volta se faziam para os seus. Chegados que foram a Pernes fez D. Affonso alto com toda a comitiva, e reunindo-a lhe disse = « Vós, Senhores, que até aqui, Pernes, onde nos achamos, vos hei trazido, sem haverdes saber de meu intento, afóra uns poucos, que de minha bocca ouviram meu segredo, cobrae animo, se por algo o havieis disalentado, e enchei vossos corações de louçania ao saberdes, que vamos tomar em nossas mãos, de filhos de Christo, a altiva Santarem, e rouba-la aos descridos filhos de Agar. » = Assombrados ficaram, ao ouvir pronunciar Santarem, os animos dos Cavalleiros, e uma fugitiva palidez lhes anuviou os rostos; mas de supito coraram, de pejo que ElRei os houvesse por timidos, e todos por uma voz bradaram = Avante! = Mas não havia passado furtivo a D. Affonso o receio que um tanto intimidava os seus leaes servidores; e prompto lhes volveu com fronte mais prasenteira. = » Não vos dê, Senhores, mostras de temeridade os poucos que somos, que de sobejo valor nos abunda o coração: e ainda que o sangue e as vidas perderamos neste relance, de baixo preço fora o resgate dos nossos Portuguezes, que alli jazem gemendo sob o pezo dos ferros da escravidão « = Tanto que o sol foi sobre o horisonte, e as sombras iam succeder-se, concertado o modo porque seria o accommettimento, e deixadas as bagagens, se partiram em direitura a Santarem.

Longa ia já a noute em seu volver de trevas, e uma nuvemsinha negra se via mover em distancia, com desdenhoso ruido, sobre os plainos visinhos: era a cavalgada que segunda-feira sahira de Coimbra. Pozeram os Cavalleiros pé a terra, e as redeas entregaram aos pagens, que alli os esperassem; e adiante se veio Mem Ramires com cento e vinte e cinco escaladores e dez escadas; um vago rumor se appercebera no Castello; era o praticar das vellas; e como poderam se esconderam. Tanto que tudo foi socegado, Mem

(*) Aproveitamos esta occasião para declarar, que já no seio da Sociedade Escolastico-Philomatica, um dos seus dignos membros fez algumas prelecções sobre este ramo, que mui benevolamente fôram acolhidas pelos Socios, e por grande numero assistiram ás ditas lições.

(**) Nesta parte consultámos o Sr. A. F. de Castilho no quarto numero dos seus Quadros Historicos de Portugal; que de outro melhor portotype, para modular um artigo, não havemos noticia: e quanto mais, a pureza e sublimidade de linguagem do digno Auctor deste soberbo monumento Nacional nos não deixará, esperamos, correr tão facilmente apóz e-se turbilhão de palavras e frazes peregrinas, que inutil e loucamente hão introduzido em nosso bello idioma o mau gosto, a mesquinhez e a falta de conhecimento do patrio dialecto, que, primeiro que os estrangeiros, devemos de estudar com profundeza.

Digitized by Google

Ramires continuou, entrando por Alcudia dispercebido, e achegando-se ás muralhas jogou a primeira escada, que resvaldando veio desabar sobre os telhados de uns fornos. Receosos que este motim os fizesse presentidos, de prompto um mancebo se atrepou ao muro, e afferrando a escada dera subida a Mem Ramires, que para logo hasteou o pendão das quinas, tão temido dos inimigos e respeitado dos Alliados: só elle e bem poucos eram ainda sobre as muralhas; e as vigias dormiam; que tão deffendido por natureza julgavam aquelle lanço. *Man hom, Man hom.* = Quem sois? quem sois? gritaram a um tempo todas as sentinellas vesinhas, ao verem aquelles vultos sobre os muros; mas a seus brados só lhes responderam os gemidos daquelles, que topando com os Portuguezes, cheios de fé e de crer, baqueavam sanguentos, e chamando por os seus e por Allá. *Annassára! Annassára!* = Christãos! Christãos! echoou logo a chusma com uma grita descompassada esta palavra terrivel aos ouvidos dos mouros e sarracenos.

« Santiago e D. Affonso! bradou Mem Ramires de sobre o Castello; Santarem é por Portugal!.....» Santiago e D. Affonso! repetiram logo os Cavalleiros, em signal de havem cavalgado o muro. = « Avante! debaixo lhes respondeu ElRei; avante! Senhores meus e Cavalleiros do Templo, não dáe conto, nem goarida, que contra infieis e dispiedados não há mizericordia: Avante! por vosso irmãos e por Jesus-Christo. » = Alborotada ia toda povoação: e os filhos não sabiam se deffender os páes, se os páes os filhos; se o irmão a irmãa; se moço o velho; se o esposo a esposa: ora corriam, ora paravam; ora maldiziam a sua estrella, ora clamavam pelo propheta: todos entravam pelas cazas suas e alhêas, todos sahiam, sem saber por onde, nem para onde: aqui lançavam as riquezas e alfaias dos eirados para a rua, alli os afferrolhavam; aqui o ultimo estertor do páe agonisante, alli o convulsivo prantear da filha innocente; aqui o derradeiro adeus do esposo moribundo, alli o frenetico e disesperado rojar da esposa: tudo pranto, tudo raiva, tudo pavor, tudo vingança; e a morte lutava com a vida, aqui, alli, no alcaçar de Auzechri, na morada do soldado, nas ruas, nas muralhas, em toda a parte.

— Por duas sós da dez escadas, que Ramires trouxera, havia subido gente ao muro, que não passava ainda de vinte e cinco espadas. Solicito ElRei pelo ruido que de dentro soava, manda parte da sua gente que, rodeando pela direita, accommetta pelo lado de Alphan a porta de Leiria: e Gonsalo Gonsalves, com o restante, que voem a tomar a entrada da rua de Serigo, para atalhar aos mouros a passagem para a porta de Atamarna. Crescia o estrepito: Mem Ramires com os seus descia, acutilando os resistentes, direito á mesma porta: já a alcançam, não ha chave! as armas, as pedras, a raiva, e um martello, segundo dizem, atirado de fóra por cima do muro, a suppriram; e no momento em que ElRei ía talvez para galgar com os outros o muro, Atamarna se lhe abriu diante de par em par! De dentro do limiar mourisco soou o brado de Santiago! e a conhecida vóz de Ramires lhe gritou: « Promettivos hastear a bandeira; lá está! abrir-vos a porta; entráe, D. Affonso, na vossa cidade de Santarem! »

Com esta nova entrada de Portuguezes, que de refresco vinham e sequiosos de sangue infiel, mais crua e sanguenta se travou a peleja pelas ruas e avenidas; e todos se haviam dispersados a demandar contendores. Por uma rua corria D. Rodrigo, espumava-lhe o ginete, e com a lança enristada procurava um peito inimigo para com ella o varar; quando de encontro lhe veiu, de espada feita, um vulto bridando, mas que apezar da escuridão da noute bem se conhecera ser quem era. Santiago! Ermingues! lhe bradou o moço, olhae a Cruz do Templo! mas isto que dizia, Ermingues lhe descarregou uma forte cutilada, que resvallando pelo elmo a viéra aparar no escudo. Traição! traição! bradou enraivecido D. Rodrigo: e segunda lhe ía a despedir Ermingues, quando furtando-lhe o corpo, e de força que a levava, cahiu por terra. Deu D. Rodrigo logo de esporas, para não haver que tingir a sua espada no sangue de um Christão, para assim resguardar a vida. Adregou vir então um troço de soldadesca mourisca, e caindo sobre Ermingues, que com um pé ainda estribado, e a cabeça atordida pela queda, estava sem poder erguer-se, o estrangularam, sem que elle podesse tomar defensa. Quasi ao soltar a alma do corpo se lhe ouviram murmurar algumas expressões, firmando os olhos no ceu; e estas expressões alguma couza tinham de mysterioso: eram palavras de arrependimento. Brilhante appareceu então o dia seguinte: as sentinellas mouriscas haviam sido substituidas por outras de Christãos; os captivos eram livres; na haste, em que poucas horas antes tremulava ufana a bandeira das luas, agora se desfraldava, com desdem de vencedor, o estandarte Portuguez; e ao alboroto, vozear e combater da noute havia succedido o silencio e o repouso.

(Continuar-se-ha).

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 21) Publica-se todos os Sabbados. (Maio 23, 1840.

OS HISTORIADORES ANTIGOS.

O historiador tem a seu cargo as memorias do passado, e as licções do presente; ante o poder da sua pena de escriptor curvam a cabeça os homens, mesmo no seio de seu fausto; com terror advertem os poderosos, que a recordação de suas acções chegará ás gerações do futuro, como a das passadas chegou ás do presente: elles sabem que a sua memoria não acabará, e que atravêz das campas de seus tumulos ella voará em quanto o universo existir; os factos despidos do manto de lisonja, que os involve, quando praticados, serão apresentados á posteridade, que fria e imparcial os julgará, em quanto na poeira dos finados jaz destruido e sepultado o poder de seus authores; os lisongeiros já não poderão atenuar os seus remorsos, e a verdade, seguida da justiça, mostrará a uns para sua licção as virtudes e os crimes de outros.

Este é o emprego sagrado dos historiadores; era mister, que aos homens estivessem presentes não só os outros, que ainda correm a mesma senda de vida, mas até, que podessem tirar das louzas de seus maiores licções para os seus erros: — á voz do escriptor uma geração sacode a poeira que a involve, e apparece ante outra que a ha-de julgar; com ella vem os seus costumes, virtudes, e crimes: seguem-na esses seres, que sahidos do pó da abjecção concorrem para as grandes revoluções, de que são as molas principaes; accordados do seu somno de ferro apresentam aos que lhe succederam o quadro natural e despido dos acontecimentos e dos factos, que estes julgarão para sempre: — á vontade da sua pena um Heroe, um Sabio ou um Politico abre o sepulcro que o cobre, trazendo a relação das suas acções na terra, e se esconde depois na noute da eternidade: os seus descendentes lhes aproveitam os rezultados dos crimes, em quanto os Povos flagelados lhes amaldiçoam a memoria.

Se ante os olhos de todos os que ahi escrevem se debuxasse este quadro dos fins sagrados do historiador, não andára tão pouco verdadeira a historia de mais modernos tempos; só do escriptor probo se devem temer os máus, que os que aviltam a magestade da sua missão ao interesse, á lisonja ou á vingança, esses mais são para despresar, do que para temer; como insensatos julgam, que os outros repousam as penas, para lhes deixarem o cuidado de narrar os acontecimentos de uma epocha; e que senhores da memoria dos homens hão de impunes esmagar com o fel da calumnia as acções do justo, e exaltar os crimes do poderoso, e satisfeitos estendem uns aos outros o mesmo manto de perfida; mas como escondido nas trevas do esquecimento lá está o homem que deve vingar com os seus escriptos os erros e vicios dos máus; esse cumprirá imparcial essa missão, que lhe não mancham as mãos os premios do interesse e da ambição em troca da verdade; e juiz severo, porque é bom, deixará exagradas as memorias dos venaes, que venderam a reputação e a honra dos homens á vingança ou ambição de outros homens.

Quando lançamos os olhos sobre a antiguidade, que devemos respeitar como mãe, vemos que os trabalhos dos primeiros historiadores foram esses annaes, que ligando só o acontecimento principal ás suas personagens, e ao logar da acção, os deixavam entretanto desligados da união principal de muitos factos formando uma epocha: — Já os Poetas haviam lançado com suas lyras sonoras algum raio de luz sobre trevas tão densas, e Homero cantando os seus heroes, é assim o primeiro dos historiadores; do seio da Grecia deviam, porem, brotar esses escriptores, que para relatarem com unidade os acontecimentos, estudaram os homens e as cousas; elles appareceram, e o segundo periodo da

Digitized by Google

historia começou então. — Mas ainda não estava entendido o seu objecto, ainda os seus fins eram de todos ignorados; e só servia aos historiadores desta segunda epocha para eloquentes declamações sobre os acontecimentos: O grande Herodoto, que como creador da historia o devemos ter, sacrificava a verdade á harmonia das palavras, e á sublime inspiração do maravilhoso; Thucidedes, mais severo em seus juizos, é tambem mais verdadeiro nas suas narrações; Xenophonte com uma eloquencia admiravel, e uma agudeza de engenhosos pensamentos, antes parece cantar as acções dos seus como poeta, do que relata-las como historiador: afóra estes erros, ha nas obras dos escriptores Gregos e Romanos uma parcialidade nascida do amor da Patria, que lhes véda o conhecimento da verdade, e os torna antes sectarios d'um partido, do que historiadores do mundo; por que a patria do escriptor é o universo, e o seu partido a verdade.

Esta epocha devia trazer apoz de si outra, em que, enteudidos já os fins e o objecto da historia, ella começasse de servir de licção aos povos e aos Reis; era chegado o tempo de voltearem na scena os escriptores philosophos: Tacito e Polybio em seus escriptos moralisaram os homens e suas acções; severos applicaram uma critica judiciosa aos acontecimentos, e orgãos da verdade; tornaram-se os vingadores da humanidade opprimida. — Em vão um Senado de adoladores abjectos sanctificava em Roma o crime; em vão com as honras insensatas da devindade illusoria de um Nero, lhe queria encobrir os attentados; e em quanto o incenço sacrilego do parrecida subia aos ares, e se perdia nas nuvens, nas trevas a mão invensivel de Tacito escrevia as acções já moralisadas do monstro, que como as palavras do festim de Balthasar, deviam espantar a lisonja: — as honras, os incenços e os triumphos seguiam os monstros, que revestidos com a purpura dos Cesares aviltavam o throno, porem lá os esperava a pena vingadora do historiador, que similhante ao furacão do deserto devia sacudir essa nevoa de impostura, e mostrar aos olhos desenganados dos homens o crime descarnado, e só revestido do seu horror; entam elles os amaldiçoaram, e nos seus restos insepultos vingaram o sangue das victimas, que elles haviam precipitado no abysmo da eternidade, como se tambem lhe podéram esconder para sempre a memoria.

Estes foram os dous principaes escriptores philophos; acompanharam-nos nesta difícil tarefa Salustio e Tito Livio, que escreveram por estes tempos; mas, estes e os outros, mais desejavam adquirir gloria de eloquentes, do que de verdadeiros, e sacrificaram os factos ao colorido de suas imaginações pomposas. *L. A.*

A MUSICA.

Na Culta Grecia, na guerreira Roma,
Endeosada a Harmonia, cultos teve;
Entre barbaros povos, Gallos, Francos,
Celtas, Bretões, a Musica divina
Os cruentos costumes adoçava.
O Genio e a Musica (Magalhães).

O amor é, sem duvida, o inventor da Musica; tal arte não poderia ser produsida por outro sentimento do coração humano. O amar inflammando as faculdades mentaes, embalsamando o futuro com desejosas esperanças, diviniza a vida, torna o homem poeta, e o desliza no vago harmoniaco de incantadoras illusões, e neste ardente turbilhão vem a Musica, como o orvalho da manhãa applacar a calidez que o devora: como o solitario, cançado dos monologos de sua imaginaçã», concentrando no fundo d'alma, canta para dilatar-se na expansão melodica; é o zephyro depois da calma; é a respiração depois da oppressão. A concentração d'idéas amontoadas no adyto d'alma pede divergencia; e o homem olha em torno a si, estende a vista pelo espaço, falla ás arvores e aos montes, ouve o echo dispertar o silencio, poetiza com as aguas, que murmurando conduzem pelas encostas das colinas a voz da solidão, e contente canta, saudando a natureza. O rouxinol, a quem mão barbara, com um ferro quente, furtou a luz da vista, isolado em trevas eviternas, canta, e innocente espera crastina aurora, que de dia em dia se prolonga, té que a morte, d'um aceno, lhe quebre a frauta, que em variadas strophes tanto amenizara a voz dos desertos, e que ora uma mão mais forte o encerra entre as grades de um aerio carcere.

Quanto attractivo, quanto balsamo não derrama no coração do peregrino cançado, que mede a duração do crepusculo, e lança os olhos no horisonte para implorar a sahida da lua, e naquella hora mysteriosa, em que a natureza cala todos os entes, para respirar na pompa de seu esmalte, cingindo-se d'ouro, e coroando-se dos arreboes, que em negligentes grinaldas vagam na amplidão do Céu! Ah! quanto é doce ao forasteiro ouvir uma voz, e o som de uma harpa, que em melodica nenia se repercute entre bosques de myrto ensanefados de flores, e, por entre o arrendado das folhas, vêr alvejar o vulto de

Digitized by Google

uma virgem, que afastada dos peristylos de marmore, sobre um saxo musgoso, e ao som do murmurio das aguas, canta seus infortunios e esperanças, confiando ás florinhas o segredo de seu coração: volvendo para o Céu dous globos de saphira, que, girando no systema de amor, attrahem os corações sencivеis; abrindo uns labios de rosa, cujo álito produz uma atmosphera elisea, que a alma só conhece, e não póde exprimir; um seio palpitante, occulto geroglifico de tantos desejos mysteriosos, que se acobertam no almejo de tantos suspiros, unicos nuncios da paixão, que o opprime: quem, escutando a cadencia melodica, que invejam dulias, vendo-a balançar a fronte em morbidas oscillações, soltar um preludio, que timido revolve-se entre soluços, e dos olhos distilla um diamante; quem não sentirá a alma expraiar-se entre angelicas delicias? E' a imagem da rosa, balançada pelo zephyro matutino, despegando dos labios embalsamado álito, que magnetisa os sentidos: thuribulo embalado pela natureza, sauda a luz, e esparge o seu perfume: pontifice dos prados, eleva a Deus nuvem odorosa, e o venera em mudo sacrificio.

No meio da escuridão de gothicas órgias, no centro do sanctuario, circulado de tumulos, como espectros espalhados em sentinella na morada dos mortos, vendo ao longe bruxulear a lampeda sagrada, que derrama pallidos raios sobre a fronte dos fieis, e os contorna em dourados perfis, contrastando com o azulado da lua, que enfia frouxas centelhas por entre o crivo dos chromaticos vidros da Cathedral:

Ouvindo sacros hymnos, que alvas virgens
Em doce accordo a Divindade sobem!
E' teu peito sencivel? dize, sentes
Vir magica saudade alma banhar-te,
Que aos olhos, percursora, traz a lagrima,
Que o peito lava, magoas disfazendo?
Então tenra alegria vem saudar-te,
Qual raio luminoso na tormenta
A furta escapa d'entre o Céu envolto
Em atras, densas, pluviosas nuvens.

Que admiravel concerto, quando a natureza em colera, solta sobre a terra os elementos; os troncos roçam-se, os canaviaes sibilam, e ao longe roncam as ondas, e o trovão inflammado sae, tingindo de sangue o Céu; como nos olhos de ciumento amante rutilam igneas orbitas, lampejando furias. Ah! é a voz da natureza, que penetrando o intimo do peito, abre em torno do homem o sepulchro da eternidade: é a voz da natureza, que rebomba no adyto d'alma, e congela o coração, que dissampasado da terra, sobe mais alto, e nas azas da religião, humilde vae voando, e deposita aos pés de Deus a esperança, e colhe a consolação.

Toda a natureza é uma orchestra, que, em variadas escalas, reproduz harmonias differentes nas fibras do homem sensivel.

E o misero proscripto, que se acoberta na solidão dos tumulos, e vê a seu lado erguerem-se flammas phosphoricas da terra accompanhadas de gemidos d'aves sinistras como para expulsa-lo de similhante logar, aterrorizado foge, tropeçando em ossos que gemem com suas pisadas, e vae buscar o peristylo de um templo onde se esconda; entorpecido da miseria, atormentado pela dôr, rodeia a mente, n'um turbilhão de idéas, vê passar a prepotencia, o cadafalço, vê a esposa e os filhinhos mendigando; treme, chora, e um deliquio de morte lavra-lhe os membros, té que o somno entre taes scenas e seus olhos deixe cahir seu véo narcotico.

A palpebra é o panno, que baixa e esconde d'alma as scenas da vida, o prazer, e a dôr se enfraquecem, e todas as scenas da humanidade disaparecem logo que ella encobre a pupilla do homem. Mas eis que o infeliz disperta, titubante foge para a praça, e esbarra n'uma fileira de luzes, que vagarozas caminham para o templo, e ao longe ouve a voz do orgão que ensinua a estrada ao cadaver: será sonho ou realidade? Chora uma familia ou repousa um povo? Será um pae ou um algoz da humanidade?

O orgão é um dispertador de lagrimas, elle se harmonisa com as fibras do coração em grande unidade, quando estas vibram na escala melancolica da saude e da dôr: mil vezes o sentimos, mas nunca com tanta potencia como quando, no dia dos mortos, oravamos a Deus, na Cathedral de Florença por alma de um pae, e de alguns amigos, que jazem na terra.

A Musica é para a sociedade o que a boa destribuição da luz é para um quadro, ambas dão vida e alma ás causas a que se applicam.

A Musica não tem corpo, é um fluido palpitante, é a imagem do espiritualismo, tem existencia, exprime paixões; e quem a nutre? As idéas, sim as idéas, que sobre as azas do pensamento vão mais longe que o sol, e que as estrellas, unicos habitantes da terra que chegam á morada do senhor, e estabelecem esta relação entre Deus e os homens.

A Musica não desceu do Céu sómente para dar-nos sons melodiosos, ou ferir-nos os sentidos com a riqueza da harmonia, não; a Musica é uma mola, que disperta no coração a innocencia, a lembrança do amigo ausente, a saudade da Patria; é uma nova força que

Digitized by Google

faz girar em nossa alma a potencia do heroismo, os incantos da religião, e as doçuras do amor e da melancolia.

Affrontada a Patria, e seus filhos armados para tomarem vingança; ponde-lhe á testa a Musica, vereis redobrar a coragem, e cheios d'heroismo, partirem precipitados para o campo da guerra, onde na urna do destino colherão a vida, ou a morte, a victoria, ou a deshonra.

Corramos um reposteiro momentaneo sobre a scena de nossos dias, cobramos os altares onde fumegam aromaticas delicias, e onde o coração angustiado acha uma aura benefica e salutar: deixemos a nossa sociedade, e, retrogradando ao passado, vejamos como a tradicção nos apresenta esta arte incantadora no meio da sociedade, e quão nobre se estendendo por todas as gerações, sempre divinizada, sempre mysteriosa, como a intermedia entre a Divindade e o homem.

Dos polos aos tropicos, e destes ao equador, do alto das montanhas ás planicies, e da terra ao mar, por onde os homens vivem e morrem, passam e repassam, a Musica existe.

Onde ha lingua ha poesia, onde ha poesia ha Musica.

No Egypto onde partia da Divindade, vê-se Isis inventando a Musica, e o seu nome proferindo-se com as sette vogaes no principio dos sacrificios.

Moisés, depois de vagar nas aguas do Nilo, foi educado entre a harmonia dos sistros que alegravam o palacio dos Pharaós: subiu a escala das sciencias, e penetrou o sanctuario de Ceres, onde a horrivel e mysteriosa harmonia do inferno soava entre o vago da escuridão do templo; passando de camera em camera, vendo sempre novos concertos de furias, chegou ao poço sagrado, onde purificado e iniciado, recebeu a chave das sciencias, para ser o primeiro Legislador. A seu lado Enos e Jubal como apparecem brilhantes, tocando a cithara e o orgão em accordo aos canticos de Jehová.

Atravessa o deserto, recebe as pragas, vaga entre a morte e a desgraça, quer escapar á furia da perseguição, mas o mar lhe antepõe barreiras; volve os olhos para o Céu, fere com a vara mysteriosa as aguas, celeste meteoro baixa á terra, e deslizando na flor do mar, abre os seus abysmos, como o arado a terra, e recua para os lados as ondas, que em cilindros rolam, patenteando aos filhos d'Israel uma nova estrada de perolas e de coraes; e elles salvos escapam do Egypcio feroz, que baqueia em vortices nas ondas, em quanto o nome Jehová se entôa na margem opposta, e o povo repete:

« Minha victoria meu canto é Jah! foi elle o meu Páe, o meu soccorro. E' o meu Deus, quero glorifica-lo; o Deus de meu Páe, quero exalta-lo. »

Em quanto o Egypcio Amphião arrola os Gregos com a harmonia da Lyra, os seus soldados levantam os muros de Thebas, e o povo ignaro crê, que as pedras se collocaram por mando da harmonia.

Achilles rouba a filha do sacerdote Briso, e a fórça a ama-lo com os sons de sua lyra; e esta lyra, que em inflammado arpejo accendêra o amor no coração de Hippodamia, e lhe dera a felicidade, outra vez desferiu sons de narcoticos accentos, para a applacar contra Agamemnon.

Ulysses espalha seus canticos no exercito, e com elles o anima a empunhar as armas; investe o mar, e os soldados o creem roubado por Neptuno, para derigir as esquadras.

O sentimento, e o arrobo musical dos antigos é demonstrado em todas as phazes de sua historia. Os prodigios d'esta arte divina, entre os humanos, não bastarão para tecer-lhe encomios: ella larga a mansão dos vivos, e penetra na escuridão da morte. Orpheu triumphou da natureza; a cascata suspendia a torrente, cessava a monotonia do murmurio, para escutar os sons da cithara do filho de Œgro, e de Calliope; as florestas balançavam-se no ar, como na estação de amor, e as campas se agitavam, para que seus sons penetrassem no reino da eternidade, e ahi dispertassem o continuo silencio companheiro dos mortos. Desce ao Tenaro, e pela primeira vez cessaram as leis infernaes que pareciam eternas, e o Rei das larvas, cujo surriso era o trovão, e uma caricia o raio, se enternece como o homem; coroa-lhe a cithara, e enxuga-lhe as lagrimas pela mão de Euridice.

Quanta potencia em louvor não tem esta fabula! Quanto exprime esta narração dos Gregos, que elevaram estatuas a seus Musicos, um templo a Lino, que o sacerdote incensava antes que visse as nove irmãs.

O canto das Sercias, entre os Gregos endeosado, não era mais do que as donzellas Egypcias, que retinham os viajantes com sua melodia, e os faziam esquecer o mundo, dormindo entre os narcoticos bravos de seu amor.

A lyra de Mercurio conservada, e respeitada pelo tempo, era considerada como uma reliquia preciosa para o genero humano; mas a prostituidora mão da adulação a descolocou de seu altar, para offerece-la a Alexandre.

Ligados á historia, caminhando no labyrintho da antiguidade, veremos sempre a Musica representando um grande papel na scena social: na infancia, na prosperidade das nações, esta arte divina sempre amiga do homem o ampara com suas azas angelicas, e o

Digitized by Google

transporta fóra da atmosphera dos males e da desgraça.

Os Toscanos, colonos da Lydia, offereciam premios ao merito da frauta; e de todas as partes vinham concorrentes a seus expectaculos, e foi então que se viu do fundo da Sicilia apparecer Poliphemo, que, destituido das bellezas physicas, tinha as intellectuaes, e nos jogos levava a palma a todos os concorrentes. O ciume dos Gregos, desatou satyras contra o pactor Siciliano, e a final os poetas o reduziram a monstro. A inveja tem olhos vesgos; nunca encara os objectos face a face.

A bella Lamia deixa Athenas, e vôa com sua formosura a Alexandria: escrava de Demetrio, tangendo a lyra, muda sua sorte, troca seus ferros com seu Senhor, adoça a sua colera contra os Athenienses, e melhora a sorte da patria, que grata elevou-lhe um templo, dedicando-o á Venus Lamia.

A Musica nasceu com a Poesia, e quando estas gemeas opperam juntas, quanta potencia não disenvolvem? Esta ultima quando disdobra as azas de fogo, sobe ás estrellas, e recebe da mão de Deus o lume da Epopea; e descendo sobre a terra, orgulhosa canta os faustos da humanidade: ah! quanto é grande, quanto é magestoso ouvir o vate:

Canto l'arme pietose, e'l capitano
Che'l gran sepolcro libero di Cristi.
La Gérusalem liberata (Tasso).

Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.
Os Lusiadas (Camões).

Platão e Pithagoras foram musicos, e não dislembraram no meio das suas altas contemplações da natureza, de espraiarem a mente nos celestes dotes da melodia; e talvez o sentimento musical fosse o creador de tão sublimes pensamentos, e sem duvida a chave que abrira a escala das harmonias celestes.

Licurgo foi musico, e suas leis postas em verso eram cantadas. Pericles mandou vir mestres de lyra para Alcibiades; e Epicuro perpido no turbilhão dos atomos, tinha na Musica a bussola de sua alma. Nos jogos pitios, Simonide, Corina, Alpheu, Sapho e Pindaro se disputavam os louros; e os Conquistadores não se menosprezavam de premiar o talento musical no meio do circo, entre os applausos de uma nação inteira.

Quão tocante não seria ver a amante de Phaon, disesperada, titubeando os passos, banhada em frigido suor, esbugalhando os olhos, e percorrendo-os em incertas ossilações sobre a cupula stellifera, onde a lua em fórma de omega marcava o termo de sua carreira, tocando com as pontas no Oceano, como uma ancora de prata que cáe de um baixel de saphira, e nas curvas das ondas discrevendo sigmas de prata, e outros mais caracteres, que pareciam lavrar sua sentença final! Quão tocante não seria ver a amorosa Lesbiana, sobre o cume da rocha, na solidão da noute, tangendo a lyra, que pela extrema voz desferia sons, e acompanhavam o canto de amor e de disesperação! Misera Sapho! ella entoa o ultimo suspiro sobre as margens do tumulo, que lhe abre as fauces em agiladoras vagas, derramando sobre a base da rocha phosphoricas luzes, quaes archotes que circulam um féretro, e abraçada com a lyra precipita-se no pelago, e entrega os delicados membros á voracidade dos monstros marinhos!

A Musica, e o somno são a compensação dos trabalhos: o escravo afadigado, e o principe agitado n'ella encontram o repouso.

Oh! meu Deus, como a vossa sabedoria é infinita, como ella acalenta todos os entes do universo, e como cada um encontra em vossa mão a parcella de conforto que lhe é mister! A Musica nas florestas da minha Patria, Brazil, fez tantas conquistas, como essas esquadras, que lá conduziram nossos maiores: a Musica recebia o filho da Zona torrida com seu coração; e as armas tomaram posse do terreno depois que sepultavam o hospitaleiro Americano! Ministros de Deus, varões sublimes, dignos filhos de Christo, Anchieta e Nobrega, como a posteridade é ingrata! Esses que cavam canaes, e discrevem estradas na terra de Santa Cruz, inda senão lembraram de elevar uma estatua ou um padrão á vossa memoria, nem ao menos se lembram, que essa terra foi conquistada por vós, e lavada com o vosso sangue!

Em todas as phazes de uma nação, quer no altar da grandeza, quer no pó da extinção, a Musica e a Poesia sempre acompanham.

Logo que as artes invadiram Roma, e a ferocidade a abandonou, a Musica subiu ao altar do enthusiasmo. Para lucto, não para gloria da Musica, Nero cantou vendo o incendio de Roma! Sim, só Neros podem cantar em taes ensejos, e harmonisarem a lyra com os suspiros, e lagrimas de um povo devorado pelas chammas.

Honte à qui peut chanter pendant que Rome brûle,
S'il n'a l'ame et la lyre et les yeux de Néron!
(M. de Lamartine).

Quando a mão da Providencia lançou o anathema sobre a sociedade antiga, e que no seu seio espalhou o germen de uma nova, que devia sentar-se sobre suas ruinas, a Musica procurou um asylo no templo, e perto do Senhor nutria sua existencia entre os votos da christandade.

Digitized by Google

Os Bardos que com seus canticos suspendiam o furor de duas armadas prestes a travarem peleja, não abandonaram a Gallia; e por toda a edade media se encontram os Trovadores com seus alaudes, vagando pela Europa, fazendo as delicias dos Duques; e os seus sons, similhantes aos das trombetas de Jerikó, abriram as portas dos castellos, e as pontes levadiças languidas cahiam do alto das muralhas, franqueando-lhes o seio dos torreões, onde em lauta mesa, rodeados de baixellas d'ouro, celebravam as armas, e o amor.

Esse Homem, que encontrou em si os destinos da humanidade, esse gigante, que pôz um pé no seculo passado, e outro no presente, e estendeu os braços para abarcar a eternidade, deixando um largo espaço para que a posteridade marche, e possa contemplar-lhe o magestoso porte em toda a extenção do enthusiasmo, esse Homem era musico, tocava a violeta logo que embainhava a espada. Ai dos Reis, e das Naçôes logo que a mão de Napoleão largava o arco para tocar no punho da espada!

O Fundador do Imperio do Brasil era musico, tocava quasi todos os instrumentos, e nos seus bellos momentos de enthuziasmo compoz hymnos, que ainda hoje se cantam.

A sociedade inteira está invadida pela Musica, e aquelle que não possue similhante predicado, julga-se menos feliz, mas não deixa de cantar.

O homem que detesta a Musica é de mau caracter, tem coração de fera, é um saxo que respira, lançado pelo ventre de uma mulher; é um aborto da natureza, onde ha falta de harmonia no systema nervoso. Triste d'aquelle que não ama a Musica!

Arte divina; quantas vezes has derramado um balsamo consolador nas feridas de um coração angustiado! quantas vezes vieste entrecortar os gemidos de um peito, exalados pela saudade, e melancolia! J. J. Rousseau substituia os encantos da natureza, nos dias tempestuosos, pelos incantos da Musica, e aos sons da melodia animava a estatua de Pigmalião; e nós peregrinando pelo mundo, conversando com as lageas e monumentos quebrados pela mão dos seculos, achamos mil vezes na Musica o antidoto do veneno, que taes dores causa; a carissima Mãe, os gratos amigos, os sitios incantados da Patria; tal é a potencia da reminiscencia disatada pela musica, que colloca nas Thermas de Nero, em Subiaço, no Palacio dos Cesares, no Palatino ou nas fauces do Vesuvio, a torrente do Carióca, o balsamo da mangueira, e o Coqueiro do Guayba.

M. A. P. A.

O ERUDITO.

(Imitado do, de La Bruyére).

O nosso erudito parece haver adoptado como base da sua erudição um sentimento antipatico para com a historia nacional, e um decidido gosto pelos acontecimentos passados em terras estranhas, e em épocas, cujas datas se perdem na profunda noite dos tempos: os arcanos da veneravel antiguidade são-lhe patentes, ao mesmo tempo que ignora os factos mais triviaes da historia contemporanea; é em summa, o homem das primeiras edades do mundo, mas não o homem do seculo em que vive.

Nunca ao seu conhecimento chegou a batalha de Montes Claros, a batalha d'Al cantra, nem os desastres de Alcacer-quibir; mas sabe perfeitamente dar noticia do combate dos Horacios e Curiacios; — faz uma discripção minuciosa do combate de Hector contra Ajax, e se instaes muito com elle, até vos dirá os dias e as horas em que tiveram logar estes combates.

Pasmaes de ver, que ignora completamente a genealogia da caza de Bragança, e que não sabe mesmo dizer ao certo a época em que teve logar a famosa revolução, que arrancou Portugal ao jugo dos Filippes; mas em compensação d'isso vereis, que conhece a fundo a dynastia dos reis do Egipto e da Assiria; — sabe, que Sesostris fez guerra á Ethiopia; e que Arbaces foi o primeiro, que levantou o grito de revolta contra Sardanapálo rei dos Assirios.

Não ha argumentos, que o convenção a visitar as pittorescas margens do Mondêgo, nem a ir a Cintra, a Mafra ou á Batalha; mas ouvir-lhe-heis dizer, que conhece as excavações do Herculanum, as ruinas da cidade de cem portas, os jardins de Babylonia, e as pyramides colossaes de Giseh, repetindo-vos a final os nomes dos architectos, que presidiram á factura d'estes monumentos.

Debalde lhe perguntareis quantos filhos teve El-Rei D. Diniz; quem foi o vencedor da batalha do Salado, e o que foi D. João de Castro. — São tudo bagatellas e insignificantes ninharias, que vexariam o nosso erudito se d'ellas se occupasse.

Se lhe perguntaes se D. Affonso 6.° foi cazado, hesitará em responder-vos; mas affirmar-vos-ha debaixo de palavra de honra, que Nino cazou com Simiramis, e se fôr preciso até vos dirá a côr do vestido, que aquella heroina trajou no dia de suas nupcias.

Digitized by Google

Se lhe pedís, que vos diga quem assassinou João Fernandes Andeiro, nem ao menos vos dará resposta;—ignora se Camões era cégo d'ambos os olhos ou de um só; mas revelar-vos-ha em tom de misterio, que Judith degollou Holofernes, que Nembrod era canhôto, e que Cézar era calvo.

Não sabe se os jesuitas estivéram em Portugal, e ignora egualmente quem foi o primeiro ministro d'El-Rei D. José; mas admira-se de não ouvir fazer menção dos ministros do rei do Congo, e até ha quem o visse duvidar, se a guerra, que tivémos em 1801 foi com os Hespanhóes ou com os Hollandezes.

Palra o inglez, o francez, o allemão, e até sabe dizer algumas palavrinhas na lingua do Tasso; finalmente faz uma misturada de todos os idiomas conhecidos, diz saber todos mas na realidade, aquelle que talvez menos conhece é o Portuguez.

Por ultimo, se lhe fallaes em a nossa litteratura. dir-vos-ha, que é a mais apoucada e mesquinha, e que o melhor dos nossos poetas não póde egualar-se ao poeta chinez Tou-Fom que escreveu no 8° seculo.

O PHILOSOPHO.

O verdadeiro philosopho, ou o homem de um caracter nobre e de vastas idéas, despreza os meios vís pelos quaes de ordinario se obteem as reputações não merecidas, e proprias de homens apoucados. Firmando-se nas qualidades que o caracterizam, nutre simplesmente em seu coração ardentes desejos de ser util ao genero humano. Lançado em profundas meditações, propõe-se a examinar o universo, os seculos passados, o seu seculo, e a posteridade. Involvido no vasto campo das sciencias, só anhela que todos o acompanhem em tão ardua empreza. Deixa a liberdade de pensar, e a possibilidade de viver em paz a todos os seus similhantes; esperando que não empreguem contra elle o punhal hervado nem a torpe calumnia, que (máu grado as suas intenções) costumam perturba-lo.

FANFARRONADA.

Um Castelhano e um Portuguez haviam-se travado de razões, mas algumas pessoas que presenciáram a questão, tratáram de os apasiguar. —Sois bem feliz, disse o Castelhano ao Portuguez; porque se me tivesseis offendido um pouco mais, atiraria com vosco tão alto, que as moscas teriam tempo de vos comer, antes que chegasseis á terra.

A TOMADA DE SANTAREM.

Anno de 1147.

(continuado de paginas 160)

IV.

GONSALO AZARCA.

Tres dias depois da partida se havia divulgado em Coimbra a certeza de ElRei se haver ido a tomar Santarem: e em quanto que os bons Portuguezes pelejavam, o dobrar dos sinos annunciava ao povo, que nas Egrejas se entoavam as preces a Deus: mas não era só aqui o fervor d'almas, e o elevar de corações ao todo poderoso; em todas as cazas se orava com fé de esperançados; e muitos de sobre as torres e eirados fixavam o lado das cerras por onde disparecera El-Rei, como crendo discortinar alguns visos da cavalgada.

Ainda não bem por sobre o horisonte a Aurora dispontava sua rubra côr; Methilde em joelhos ante um crucifixo rezava com o fervor de esposa anzente. Uma voz de homem entoava na estrada mysteriosos cantos de dôr, que a espaços decortava.

—Mafalda, minha prima, disse Methilde; que vóz tão aziaga!.... Ah! não ouves?.. Pobre de quem seja. Como parece estar magoado!.... Se soubesses que tristes pensamentos me affluem n'alma?....

=Não; disse Mafalda: não te atormente algo receio, que bem te conheço de abarroada: nem será o cantar de homem triste que assim te traga compungida: seis dias ha que partiram; e Rodrigo talvez hoje seja de volta.

Mais de perto e alto se alevantou a vóz do melancolico trovador; e estas palavras claras se lhe aperceberam:

Moura lança vara o peito
Do Cavalleiro fiel,
Que da bella espoza o nome
Gravado traz no broquel.

Ai! disse, já vacilando,
Methilde não serei teu!....
A vóz falta ao moço esbelto;
Ai, triste d'elle, morreu!....

Digitized by Google

— Ai!..... bradou Methilde, cahindo nos braços de Mafalda; que prompta lhe voltou:

= Methilde!...., que te importa?.... é uma balada, que de ha muito hei ouvido cantar.

Mafalda bem a custo poude confortar Methilde; quando assomou ao limiar da entrada um Cavalleiro de alto porte, rosto sobre negro, e olhos chamejantes.

« Seja Deus na vossa guarda, disse elle, tirando o capacete, que assentou sobre um escabello.

= Que pertendeis, senhor Cavalleiro? perguntou Mafalda.

« Nada.

= Nada?

« Nada; sim: nada que vos respeite, senhora: é a vóz, bella Methilde, que eu venho demandar. Não sejaes temerosa, que muito me pareceis; e pela minha fé vos asseguro, que não tendes de que haver receio. Sou de bom sangue Portuguez, e amigo de D. Rodrigo.

— Mas a que sois vindo aqui? lhe perguntou Methilde com uma vizivel curiosidade.

« Venho trazer-vos novas suas, que muito as dezejareis.

— Boas e em boa hora sejam vindas, disse Methilde; mas dizei-nos se é certo que ElRei se foi a tomar Santarem: fosteis vós tambem dos da cavalgada?

« Sim, Senhora: por minha fé!....

— Ah!..então vós que sois vindo só para nos dar conforto, dizei-nos, se foram libertados os nossos Portuguezes captivos; e se esse Auzechri, que tanto alardeava de seu senhorio, foi despojado, e se da peleja lhe coube em partilha morte de inimigo de Christãos, e afronta de roubador.

Aqui balbuciou o Cavalleiro, que, não se havendo ido com ElRei, não sabia que dissera: « (mas a victoria seria pelos nossos) » disse elle com sigo: e tomando um ar de arrogante, tornou com vóz firme e atroadora:

« Já hoje contamos a Santarem por subjeita a nosso Rei e Senhor; e ainda que bem a custo de sangue e vidas, que poucas foram, é nossa, pelo direito de senhorio das terras, e de conquista, que por assaz valiosos tenho a ambos. Alli verieis o frenetico vozear dos mouros, o combater de disesperados, e o supplicar de uns a outros. Todos de envolta entrámos pelas portas: e então Rodrigo se aproximou de mim e me disse = Gonsalo Azarca, meu amigo, duvidosa vae a sorte da peleja, que o frenezido guerrear dos mouros muito empenham nossas espadas, e elles ainda não são expellidos!..... E' a vida tão passageira, que de um sopro se perde..... Methilde, minha esposa..... oh!... que breve seja em seus braços!..... ella é tão joven!.... olha, Gonsalo; se eu morrer.... e permittirá Deus, que eu morra ausente?... sim: a morte não faz escolha... se eu morrer, tu lhe servirás de arrimo.... sabes como a amo, e como sou por ella amado: eu t'a deixo á tua guarda.....

— Ah!..... livrae-me deste embaraço! disse Methilde.

« E dando de espora partimos a tingir nossas lanças e espadas em sangue de infieis; continuou Gonsalo Azarca. Mais cruento se travou o lutar de uns com outros; e o echo do alarido, das gritas de victoria e de morte, e os arrancos dos moribundos, retumbavam pelos ares como se fôra no inferno. Uma chusma deu sobre Rodrigo, que só se achava.... perdoae a triste nova.... quiz soccorre-lo.... era já tarde..... e exangue cahiu por terra!....

— Morreu!..... exclamou Methilde; e soltando um ai de dôr, semi-morta cahiu nos braços de Mafalda, que lhe deu amparo.

Gonsalo Azarca pôz o seu capacete, curvou-se profundamente, e sahiu.

(Continuar-se-ha).

Um pregador disse em um discurso: senhores, no novo e velho testamento ha tres cabeças cortadas, a cabeça de Goliath, de Holofernes e a de S. João Baptista. A primeira, foi posta em uma estaca; a segunda mettida em um sacco; e a terceira n'um prato. A cabeça de Goliath collocada na estaca, significava o orgulho. A de Holoferne no sacco, é o symbolo da impureza. E a de S. João Baptista posta no prato, é a figura da Santidade. Digo pois prato, sacco, e estaca: estaca, saco, e prato; sacco, estaca e prato: são estes os tres objectos em que se vae dividir o meu discurso.

A honra é como uma ilha escarpada e sem praias, que se não póde abordar, se uma vêz se ha sahido della.

Boileau.

Ha trez couzas que o homem deve reverenciar: as leis do Ceu, os grandes homens, e a palavra da gente de bem.

Confucio.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 22) *Publica-se todos os Sabbados.* *(Maio 30, 1840.*

HISTORIA PORTUGUEZA.

NAUFRAGIO DE SEPULVEDA.

Manoel de Souza Sepulveda foi o nome d'um Portuguez, illustre assim pelo sangue nobre de que descendêra, como pelos grandiosos feitos com que se assignalára lá no Oriente, na qualidade de Governador da importante praça de Dio.

Havia elle embarcado em Cochim, no anno de 1553, com o intento de regressar á Europa, em companhia de sua Esposa, D. Leonor de Sales, filha d'um General Portuguez nas Indias, de seus filhos, de seu cunhado, e de grande numero de criados e escravos, vindo a orçar a seiscentas o numero das pessoas embarcadas; quando, oh! recordação terrivel! na altura do cabo da Boa-Esperança, assaltados de horrivel e medonha tempestade, se lhe foram de todo as esperanças de conseguir dobrar o famoso cabo tormentorio: e com effeito, depois de haverem brigado centenares de vezes com a morte, depois de a antolharem a cada momento, e como a abraçarem, naufragaram sobre a costa oriental d'Africa. — Nem eram bastas as embarcações miudas para salvar tanta gente, que, quando sobre a praia se despedaçou o navio, muitas foram as pessoas, que perecêram affogadas. Felizes na desgraça! porque não viram, como as escapadas ao naufragio, sua fatalidade prolongar-lhe a existencia para mores e ulteriores tormentos.

Sem navio, quasi sem provisões, Sepulveda e seus companheiros de infortunio achavam-se n'uma posição espinhosa e embaraçada, como a de pizarem um Paiz que desconheciam, e estar a maior parte delles ferida ou maltratada. — Sepulveda, que mostrára sempre no desempenho de seus deveres resolução e prudencia, cousas que unidas raramente se dão, Sepulveda deu as ordens que lhe pareceram appropriadas, conseguindo assim ajuntar alguns mantimentos escapados do naufragio. — Mas precarios eram esses meios, ephemero o recurso que restava, para se não sentir depressa a falta; por isso era mister buscar região habitada, ou ao menos frequentada por Europeus. — Convencionaram, pois, em fazer a derrota para o rio de Lourenço-Marques, aonde os Portuguezes de Mozambique e Sophalo costumavam ir mercadejar. No emtanto, para ahi chegar havia a devorar cento e outenta leguas, que tanta era a distancia que os separava d'aquelle logar, que esperançoso, e como de salvação que era, devêra converter-se em terra de sepultura. — Sepulveda então, endereçando-se á sua gente com palavras e maneiras, que fariam amançar a ferocidade d'um tigre, a exortava a que attentassem nas fadigas que tinham a supportar, que protegessem, em particular, a fraqueza de sua Esposa, e de seus filhos, que se compadecessem, em summa, d'aquelles entes desditosos! — E bastantes razões teve elle depois de admirar a obediencia cega, a amizade inabalavel de tantos infelizes, que no auge da desventura nunca desmereceram em se ostentar resolutos, e arrostar affoitos com a adversidade. — Lá vão, emfim, caminho do rio desejado, elles ahi vão vencendo mil difficuldades em que tropeçam; mas eis que torrentes caudelosas, despenhadas de alcantilados e innaccessiveis rochedos, quando lhes faltavam sós trinta leguas que fazer, lhes embargam os paços. — E não foi se não depois de mil rodeios, depois de haverem andado o melhor de cem leguas, que chegaram á terra que anhelantes adejavam. — No cabo de tres mezes de trabalhos e infortunios, vão parar á terra de Oinbaca, que assim se chamava um Rei que vivia perto do rio, que demandavam. — Acolheu-os o Rei benigna e hospitaleiramente; porque até havia já immensas vezes commerciado com Portuguezes, cujo caracter ca-

Digitized by Google

valleiro bem avaliava; e por isso preveniu Sepulveda: « que se não fiasse no seu vizinho, Senhor do territorio que iam attravessar; por quanto era homem indigno d'esse nome, era um monstro acostumado a armar as mais nefandas traições, a perpetrar inauditas crueldades, para saciar sua inextinguivel sêde de ouro ou cousa, que o valesse. » — Todavia os conselhos do amigo não foram ouvidos, ou se o foram, o desejo indesivel de vêr e desabafar n'um estabelecimento Europeu lhes foi superior a tudo, que elles passaram um dos braços desse rio, e para elles devêra ser de esquecimento e de morte. — Mas que desgraça os aguardava? Que ciladas, que traições o máu fado lhes preparava?! Bem não haviam dado o primeiro passo n'essa terra traiçoeira, que dozentos Cafres armados lhe saliem ao encontro, pertendendo travar inopinado combate: baldados esforços! que os Portuguezes, acabrunhados por tantas fadigas, ainda lhes palpita no peito coração de cavalleiros, e valerosos repellem a aggressão. Com o apparato que desenvolveram os Portuguezes, seus inimigos julgaram, (e bem) que o unico partido, que surtiria effeito, era o da dissimulação, para assim se assenhorearem sem combate de todo o espolio. E desta arte assentiram os Portuguezes a esperar em logar prefixo as intenções do Rei, que, affiançavam os Cafres, serem favoraveis.

Passaram alguns dias de espera, quando o Rei lhes fez dizer: « Que independente da carencia de viveres, que até alli havia obstado á sua bôa vontade, achava-se tambem embaraçado pelo terror que incutiram as armas nos animos de sua gente; que lhes promettia toda a segurança e auxilio, cazo, para prova de suas pacificas intenções, deliberassem entregar as armas. » Souza, que nunca faltára á palavra (que tal não era de Portuguezes, escravos de suas promessas) deu credito ás lisonjeiras e fraudulentas expressões do Cafre traiçoeiro. Em vão Leonor quiz dissuadilo disso, em vão ella lhe trouxe á lembrança a idéa desfavoravel, que delle lhe havia dado o Rei de Quiliaca, Sepulveda, surdo a todas as admoestações, só attendia ao seu comportamento de cavalheiresca generosidade: arrastado, como por cega fatalidade, elle e seus companheiros infelizes entenderam dever tudo arriscar, para escaparem á sua deploravel situação. Porém, no inexoravel livro do destino era escripta sua sorte malfadada, era escripto, que o Governador de Dio, e sua gente seriam victimas de sua desculpavel imprudencia: porque logo, que entregaram as armas, os Cafres os despojaram de tudo. — Leonor, stupefacta, crava-se na area, resolvida a achar alli a terra, que lhe cubriria os ossos. — Nem poude ella deixar de dirigir ternas queixas a seu marido, e seus companheiros sobre sua confiança funesta: recommendando-lhes sua memoria, se elles fossem tão ditosos, que podessem ainda vêr sua patria. — Sepulveda, entregue áquella desesperação de que é susceptivel um esposo, e um pae, no meio de tal catastrophe, ficou n'uma immobilidade estupida; e na verdade, os males, que elle soffria, eram d'aquelles que por excesso de estimulação esgotam a sensibilidade, vedam a minima expressão de dôr, convertem o homem n'uma estatua! — Depois de curto espaço de tempo, tornando a si do abatimento em que havia cahido, corre para todos os lados, a fim de que com alguns alimentos anime a triste existencia de sua Esposa, e seus filhos. Nú, desarmado, debaixo d'um Ceu abrazado, o que poderia esperar Sepulveda?! Voltou depois de mil inuteis fadigas, e achou Leonor morta de fome, assim como todos os seus filhos!!... Exasperado e enlouquecido, parte pelos aridos desertos, sem que delle houvesse mais noticia. E para maior desventura, ha quem accrescente: estes dous esposos, a que a adversidade com mão disapiedada perseguia, depois de terem diante de seus olhos o hediondo quadro da morte de seus filhos, abraçados exalaram o suspiro derradeiro.

Mas não foi só a estes dous Esposos desditosos, que a Parca impassivel cortou o fio da atribulada existencia, os Cafres assassinaram tambem covardemente aquelles que se oppuzeram a que se lhes tirasse os vestidos. — Afóra isso um grande numero expirou de fóme; e só restavam outo Portuguezes, e quatorze Escravos, quando um mercador Portuguez, vindo fortuitamente de Mozambique para comprar marfim, os resgatou, terminando-lhes assim o captiveiro. Entre esses homens, que chamariamos de infortunio, conservados como por milagre, contava-se o Irmão de Leonor.

Tão desastroso e horrivel foi este acontecimento, que excitou em Portugal geral e justa compaixão. — As desgraças e as virtudes da Esposa de Sepulveda mereceram não ficar sepultadas no esquecimento; passaram á posteridade, e occupam hoje, e occuparão sempre nas douradoras paginas da Historia, mui distincto logar. — Até o nosso Divino Poeta, o Immortal e infeliz Camões, lhe consagrou nos Lusiadas esses versos, que alli transcrevemos, sensiveis e enternecedores, como o assumpto, que lhos havia inspirado:

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,

Digitized by Google

E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um crú naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pizada longamente,
Co' os delicados pés, a area ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os duos amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

UM BRADO A FAVOR DA INSTRUCÇÃO.

Ardua é sempre a empreza de nos pronunciar-mos contra uma opinião geralmente esposada, enraizada com o tempo, e que, sem a sugeitarem á prova, ahi corre como axioma. De visionarios nos alcunhariam a nós, pobres mancebos desta éra, se ousassemos aventurar no publico, que carecemos d'instrucção, quando tudo nos grita em roda, que vamos no progresso do seculo, e breve tocaremos quasi a meta dezejada; mas sem curarmos de descer a miudo exame, para d'elle deduzir-mos com toda a luz a verdade amarga, que nos abunda no peito; sem querer-mos mesmo rasgar o véu que ainda fascina a muitos; seja-nos dado ao menos erguer nossa debil voz, embora seja ella abafada pelo afan dos enthusiastas, que nos julgam a par das nações mais cultas.

A Instrucção publica ha merecido nos paizes civilisados as attenções de seus Legisladores: é sempre para a mocidade que estes lançaram primeiro seus vistas beneficas: ninguem ousará negar este facto historico. E tem em nós succedido outro tanto? o influxo do seculo já chegou até nós? Diremos afirmativamente, se vendarmos os olhos ao que por ahi vae pelo nosso malfadado Portugal. Ainda na Côrte, e duas ou tres Cidades se accende alguma centelha desse fogo, que lavra nos outros Paizes até ao mais remoto e ermo casal; mas se correr-mos por o interior dessas Provincias, é então que pasmamos de nossa incuria; menos de meio seculo terá passado, e ahi nossos filhos já não saberão ler!!! Correi ahi, enthusiastas do dia, nós vos convidamos, e, se um coração Portuguez vos pulsa no peito, partilharois nosso pezar.

Mas donde nasce, que tanto nos extremamos dos outros? Não ha ahi o germen, não ha ahi quem prometta esperanças? Oh! não nos falecem talentos, não é tão frio o sangue que nos gira nas veias, não é tão mesquinho o genio Portuguez!! Já outr'ora o mostrámos: mas é que meio seculo de revoluções nos ha degenerado, e em nós feito arrefecer esse ardor pela sciencia que nos aquecia, quando a politica nos não havia desvairado. Resurgissem os tempos; e vós nos respeitarieis, póvos que já ensinámos, e que hoje nos desdenhaes! A estas cauzas atribuimos em grande parte o desprezo com que a instrucção ha sido tratada; e a carencia de medidas que urgem; mas nem por isso, como Portuguezes e mancebos bem-nascidos callados, antes com vivo enthusiasmo, nos dirigiremos aos Homens, a quem se confiou o destino da Nação, que acolham nossos votos; que bem merecendo da Patria, leguem á posteridade Cidadãos virtuosos; pois que uma mocidade disprezada é um cancro, que róe todo o corpo social; ao passo que a mocidade instruida é a esperança mais doce d'um porvir menos inquieto: attendei á instrucção, Commissarios do Povo, e que as bençãos desse povo chovam sobre vós.

A. da R. Gama Lobo.

AVENTURA DE UM FAKIR, OU MONGE MAHOMETANO, EXTRAHIDA DAS MEMORIAS DO PHILOSOPHO SAADI.

Um Fakir, chamado Mélick, appresentou-se na Côrte de Nouschirvan-Scha, onde tinha sido precedido pela reputação, que gozava, de saber reconhecer á primeira vista os insensatos, e de os saber curar. O monarcha quiz, que a primeira experiencia fosse feita na sua presença, e para esse effeito ordenou, que no dia seguinte trouxessem ao palacio um certo numero de doudos, escolhidos entre aquelles, cujo estado era mais desesperado. Mélick appresentou-se no divan á hora indicada, e esperando a audiencia do principe, foi introduzido em uma salla espaçosa, onde muitas pessoas se achavam já reunidas: examinou-as com escrupulosa attenção uma após d'outra, interrogou-as, tomou nota das suas respostas, e quando o Sultão appareceu, ap-

Digitized by Google

proximou-se do throno em que elle se achava, bateu com o rosto trez vezes em terra, e fallou n'estes termos: « Sol de equidade, os poucos momentos, que acabo de passar com os doudos, que por tua ordem me foram appresentados, sufficientemente me esclareceram sobre a natureza e a causa do seu mal; estou prompto a fazer sobre esta gente (continuou o Fakir, apontando para as pessoas com quem pouco antes tinha fallado) a experiencia de um tratamento, cujo resultado infallivelmente será a cura. » Nouschirvan não póde conter um movimento de cólera vendo, que o Fakir tomava por doudos muitos dos seus cortezãos, dos seus ministros, e dos principaes officiaes do palacio; mas o piedoso solitario, sem parecer admirado nem da sua inadvertencia, nem do furor do monarcha, respondeu inclinando-se com respeito: « Princepe, lembra-te d'aquelle preceito de Zoroastro, que diz: O homem que obra sem discernimento é comparavel ao bruto, e nunca terá logar no campo da luz. Digna-te escutar-me, e vê então se acaso sou esse homem, que Zoroastro condemna. — Sou chamado ao teu palacio para examinar e curar doudos: a primeira pessoa, que se appresenta é esse velho senhor, que occupa n'este momento um logar por detraz do teu throno; quebrado pelos annos e pelas enfermidades, a sua mão tremula sustenta com custo a espada com que está armada para tua defensa: ha vinte annos, que a hora da retirada soou para elle; possuidor d'uma fortuna immensa, e de um palacio delicioso nas margens do Euphrates, alli poderia encontrar o repouso, unica felicidade da velhice, e deixar a seu filho o emprego, que occupa sem preencher; mas conforme o que por sua bóca confessa, sacrifica os seus gostos, as suas necessidades, o interesse do seu Princepe, e a estima publica, a miseraveis condições dictadas por uma pueril vaidade, e ás vãas apparencias de um crédito, que não possue. Este homem é louco, e não receio confirmar o meu primeiro juiso.

Est'outro, (continuou o Fakir designando uma personagem cuja côr palida annunciava um homem fatigado pelo estudo) é um dos sabios mais célebres dos teus estados; trinta annos de assiduos trabalhos e aturadas vigilias, lhe grangearam conhecimentos immensos nas sciencias physicas; recebe da tua munificencia mil (1) bolsas por anno para applicar o fructo dos seus estudos a experiencias uteis: talvez supponhas, magnifico Sultão, que elle procura, na applicação de novos processos chymicos, meios para fazer prosperar as tuas manufacturas; no estado da anatomia, e da botanica, descobertas applicaveis á arte de curar; na astronomia, methodos para regular os calculos nauticos, para segurar a navegação e aperfeiçoar a marinha? — Não, seus trabalhos teem um fim inteiramente differente: dir-te-ha, por exemplo, a ordem em que estão collocadas as camadas de terra, de que se compoem as montanhas do Caucazo; o metal de que era revestida a bainha do sabre do conquistador Scander (Alexandre); quaes eram os animaes, que povoavam a ilha da Taprobana antes do diluvio universal; quantos tonneis de agua salgada contém o Oceano, e muitas outras verdades d'esta importancia: a ti cumpre julgar agora senhor, se fiz mal em collocar na ordem dos doudos um homem, que faz similhante uso, do seu tempo, do seu genio, e dos teus beneficios.

« Que querias tu, grande rei, que eu pensasse d'esse Houka-Berder, (1) que se julga no estado uma personagem d'alta importancia, por que a sua familia goza ha quatro seculos, do honroso privilegio de acender cachimbos? que não me fallou senão da petição, que sem demora deve appresentar-te, a fim de tomar logar no *dorbar* (2) e nas festas publicas, antes dos generaes, que commandam exercitos, e antes dos primeiros magistrados, orgãos da tua justiça.

« ¿ Não seria preciso, que eu tivesse perdido a minha razão, para não ver quanto tem soffrido a d'aquelle homem corpulento e imberbe, a quem a tua sublimidade confia a guarda do teu harem, e que se arruina a compôr um para si mesmo? No seu estado, quem seria, a não ser louco, que me fallasse das suas mulheres, dos seus eunucos, e do pavilhão misterioso, que faz construir no meio dos seus jardins?

« Quanto ao chefe dos magos, que tão cavalheiramente me entreteve com a discripção das suas correrias, da sua mesa, dos seus cavallos, e das intrigas da Côrte, no meio das quaes se sustenta á força de astucia e de impudencia, é unicamente em respeito ao caracter de que se acha revestido, que o colloco na classe dos insensatos, e é este tambem o unico, de cuja cura me não encarrego de empreender: a séde do mal está no coração; mas não lhe conheço remedio. »

Nouschirvan não julgou a proposito prolongar mais a justificação do Fakir: havia-o escutado com muita attenção; e longe de se offender com a satyra engenhosa, cuja verdade reconhecia, quiz retel-o junto de si, e eleval-o ás honras de que parecia digno. O medico dos doudos, cheio de reconhecimento, mas isento de ambição, não aceitou os beneficios do monarcha, a quem, no momento

(1) Moeda de ouro ou prata.

(1) Portador do cachimbo, que se chama houka.
(2) Sequito dos monarchas Persas e Indios.

Digitized by Google

de o deixar, proclamou o mais sabio dos homens e o maior rei do seu seculo. A historia confirmou este juizo, em appoio do qual se póde citar o testamento authentico d'este principe, que o abbade Fourmont traduziu de um manuscripto Turco. Eis as ultimas linhas, que Nouschirvan dirige a seu filho Hormizdas:

« Meu filho, vós ides reinar. ¿ Quereis ser digno do throno, que vos deixo? — fazei justiça, reprimi a insolencia, alliviae o pobre, amáe as letras, protegei as sciencias, escutae os velhos, empregae os mancebos, e não acrediteis senão os vossos olhos para procurar o mérito. Se observardes exactamente esta regra, o céu vos attenderá, os vossos inimigos vos temerão, os amigos vos serão fieis, fareis a felicidade dos vossos subditos, e estes farão a vossa.

Contornos de Napoles.

Fragmentos das notas da viagem de um Artista.

GRUTA DO CÃO.

Olhavamos para as Estufas de S. Germano, que substituem hoje os sumptuosos banhos dos Romanos, chamados *Angularum*, mediamos com a vista a dimensão de suas reliquias de construcção recticular, logo que fomos interrompidos pelo Cicerone, que nos mostrava a Gruta do Cão, onde se achava postado um individuo alto e gordo com um Cão preso por uma corda: ajustamos o preço, e o homem abriu a portinha de páu, que nos descobriu um pequeno concavo cavado no tufo de 5 palmos de largo, 8 de alto, e 14 de longo.

Entramos, e o conductor nos fez cheirar o vapor, que a terra exhalava, perguntando-nos ao que cheirava, e respondendo que a gaz acido carbonico, elle deu de cabeça que não, e disse em tom cathedratico: cheira a vinho de Champanha; e custou-nos a persuadil-o que era o mesmo gaz, mas o homem dissenos, que todos os Inglezes assim diziam, e que talvez tivessemos razão.

Acabada a chymica discussão, o homem arranca de uma bolça, pegada á chave, o seu isqueiro e mecha, feriu fogo, e accendeu um archote, que apenas aproximava da terra se apagava, e repetiu varias vezes a operação para que tivessemos idéa distincta da massa atmospherica de gaz, que cobria o terreno, a qual não excede de trez palmos na sua maior profundidade: o fumo nadava na superficie em grossos flocos, como as nuvens dos tropicos, depois rarefazendo-se, estendeu-se sobre a camada gazosa no concavo da gruta, tomando o aspecto de um véu azulado, agitando-se e dividindo-se, té que aplanado nos escondeu o terreno, rarefez-se mais, e perdeu-se.

A operação precedente incantou-nos, mas a seguinte esteve longe de produzir o mesmo effeito, qual a do Cão. Estava o triste animal com os olhos na gruta, e apenas o homem lhe tirou a coleira principiou a tremer, e a olhar para o lago, como não ousando encarar o seu supplicio; mas agarrado pelas quatro patas, e mergulhado no gaz, principiou a lançar arrancos com a lingua de fora, e os olhos esbugalhados, todo em convulções, té que a respiração faltou-lhe, e ficou immovel: a piedade nos moveu supplica em seu favor, mas o homem queria completar a sua operação; alfim o retirou, e logo que ganhou novo ar, entrou em novas convulções, procurando respirar; rolou sobre o terreno para firmar-se, té que encontrou um arbusto, que o escorou; gemendo se ergueu trémulo, titubeou alguns passos em remoinho, como se soffresse uma pancada na cabeça, melhorou, e fogiu mas o amo o chamou, e elle timido voltou; porém que expressão tinham seus olhos? que phisionomia não apresentava o mais intimo amigo do homem, comparada com a do riso grosseiro e compassivo do senhor?! Misero animal, victima sem defeza, exposto á ociosidade de um sybaritha, que vive do seu tormento, e á curiosidade de outros, como nós, que contemplamos a dôr de um ente, que tem os mesmos direitos de liberdade sobre a terra, só para contentar a vaidade de dizer; *eu vi!!!* O mundo é uma scena de destruição continua. M. Magendie tortura mil animaes no amphitheatro do Colegio de França, e entre dores e angustias eleva a sua gloria, e aperfeiçoa a phisiologia; mas o seu fim é o da conservação do homem, que mais egoista, e mais forte, sacrifica os outros animaes para seu bem: agradeçamos ao senhor de nos ter dado maior intelligencia.

O quadro das nove collinas, que circulam o lago, o jardim que rodeia o Casino gothico do Principe Carlos, a multidão de sapinhos, que saltavam na relva, vieram desfazer tão penivel sensação. Desenhamos a gruta, para lembrança. Plinio faz mensão d'esta gruta, e outros historiadores; mil sonhos fabricaram os antigos, mas a chymica moderna dissipou todas as nuvens d'hypothesis com os seus progressos. Conta-se, que Carlos VIII. Rei de França, alli fizera morrer um asno, e que D. Pedro de Toledo dous escravos.

Estufas de S. Germano.

As thermas magnificas, cujos restos inda

Digitized by Google

annunciam seu antigo esplendor, estão substituidas por uma miseravel choupana, que repartida em cameras, serve para abrigo de algum infeliz, e dar ganho a alguns sybaritas que as guardam por meio do tributo, que o estrangeiro paga, vesitando alguns quartos mal caiados, que exhalam fumo dos muros, fumo que embranquece logo que se lhe aproxima o fogo. A' proporção que se penetra o fundo da collina o calor augmenta até 40 gráus de thermometro de Reaumur. S. Gregorio Magno diz, na vida de S. Germano, que este santo indo áquelle logar recobrar a saude, encontrára a alma de Pascasius, e que por meio de suas orações o livrára do tormento.

Continuando a estrada emboccamos á esquerda por um trilho estreitissimo, gruta pittoresca escorada pos duas collinas risonhas, cheias de parreiras e pomares, até que chegamos a um logar, onde estava uma pequena casa: o sitio era terrivel, a terra parecia queimada pelo fogo, rochas desmoronadas, cobertas de mesquinhos arbustos, e variadas de côr, algumas vinhas na base, e logar solitario; entramos na casa, e vimos d'um lado dous tanques forrados d'azulejo, e por traz um buraco no chão, em cuja base fervia agua lodosa: dous Napolitanos, embrulhados de capote, dormiam a somno solto com um calor de 30 gráus de Reaumur, como outro qualquer homem á sombra d'um platano, balançado pelo zephyro matinal: no fundo havia uma gruta com fórma de carneiro, onde, disse-nos a mulher, repousavam os doentes depois do banho em cima de um sofá de palha de trigo. As paredes suavam salitre e amoniaco; e a agua logo que se tirava do seu tanque esfriava, prova que repousa sobre uma pedra inflammada, como as que vimos na Cratera do Vesuvio.

Deixando os *Pisciarelli*, nome do logar precedente, voltamos pela mesma estrada, e tomando outra, que cortava obliquamente a estrada real, principiamos a subir, não por uma estrada, mas por um fosso, feito das aguas, similhante ao do Subiaco a Gennazano, e no alto encontramos um pedaço descoberto da antiga via Puteolana, que passava perto do tumulo de Virgilio; continuando encontramos aqui e alli fragmentos da mesma estrada, poligonos de tufo em grupos, de distancia em distancia, té a uma pequena capella, que encobria o contiguo convento dos Capuchos. Grande multidão de gente estava no templo; fizemos massa, e seguimos a torrente, que acompanhava um Frade, o qual nos abriu, uma grade á direita da entrada, e nos franqueou um oratorio, onde está a pedra que serviu de cepo a S. Januario em sua degolação, e que inda conserva o sangue secco; e ao sahir outro piedoso religioso estendia um sacco para receber a offerta dos curiosos, e devotos. Na parte esquerda do altar mór está um busto de S. Januario, que é muito venerado por seus milagres; o Cicerone disse-nos: O Santo que V. Excellencia (*) aqui vê é cousa maravilhosa; cada homem que o encara, o vê de côr differente; aos bemaventurados elle mostra-se rosado e branco, mas aos incredulos, e peccadores acontece o contrario, porque elle muda de côr, torna-se livido, e algumas vezes negro. Perguntamos-lhe de que côr o via, disse-nos, que pallido; precisamente o que nos acontecia, donde concluimos possuir o mesmo estado de graça.

O convento nada nos apresentou de interessante; tomamos a estrada, que desce a Pozzuolo, e a pouca distancia do convento mostrou-nos o Cicerone uma pedra, que disse ser milagrosa, porque suava sangue nos dias, em que se opera o milagre da liquidação do sangue de S. Januario, em Napoles, e na outra pedra do convento: as manchas avermelhadas, que vimos eram do oxido de ferro, que a pedra continha, e que o canivete provou na analyse de uma raspadella.

O CIUME.

O ciume é talvez aquella paixão, que mais tormentoza torna a nossa existencia, e que mais profundamente fére o coração humano. Mas se este sentimento forte, violento, e quasi impossivel de prevenir é aquelle, que maiores e mais duradores estragos produz ás vezes em todo o nosso sêr; por uma d'aquellas contradições e incoherencias tão vulgares no genero humano, é tambem aquelle, que em todos os tempos menos compaixão tem merecido dos homens.

O ciume, sendo de alguma maneira um sentimento justo e razoavel, por isso que tende a conservar um bem que nos pertence, tem todavia sido causa das mais tremendas catastrofes, e se a espada dos conquistadores tem desde a origem dos seculos feito gemer a humanidade; o braço terivelmente armado e guiado pelo ciume, tem tambem mais de uma vez feito correr jorros de sangue sacrificando indistinctamente ao seu furor o crime e a innocencia.

Sem amor não póde haver verdadeiro ciume, diz um celebre escriptor; mas este nem sempre acaba ao mesmo tempo, que aquelle se extingue.

(*) Tratamento de todos os Estrangeiros em Napoles, pelo povo.

Digitized by Google

O ciume ataca mais ou menos todos os povos, e não respeita edade, sexo, nem gerarchia. — ¿Quem haverá ahi, que tenha amado, e que uma vez ao menos não haja sentido a violenta chamma do ciume? — ¿Que ente orgulhoso e enganador ousará negar, que em seu peito deu entrada uma vez ao menos este sentimento, esta paixão, terrivel e insondavel como os abysmos do Oceano, violenta como o furacão da tempestade, abrazadôra como a lava do Etna ou do Vesuvio? — Ninguem, e só almas de gêlo, corações de marmore, onde o dôce sentimento de amor não haja penetrado; só entes isolados do mundo e extranhos ás suaves emoções da existencia, esses só poderão com verdade lisongear-se de o não haverem conhecido.

Na juventude e na edade viril em que o sangue gira com maior velocidade, e em que as faculdades humanas se acham no seu desenvolvimento ou no seu vigor, o ciume ataca geralmente com maior força, impellido vigorosamente pela potente mola do amor proprio; mas na edade provecta em que a esféra d'actividade consideravelmente diminue, e em que as faculdades successivamente se afroxam, o ciume ainda que então torne mais raros os seus ataques, nem por isso deixa de accommetter com frenizi mui proximo da loucura.

O homem cheio de ciume apenas póde exprimir as sensações que experimenta. Luctando continuamente entre o furor e a desesperação, o seu estado simelha-se ao de um misero baixel privado de governo, e navegando incerto á mercê de um Oceano vasto e procelloso.

O ciume envenena as acções mais innocentes; converte em odio a amisade mais cordial; torna inimigas irreconciliaveis as pessoas, que entre si consagravam a maior affeição, e muitas vezes conduz-nos a crimes, que outr'ora não poderiamos encarar sem horror.

O ciume nasce do egoismo, nutre-se de duvidas, e extingue-se pela certeza, ou passa ao estado de furor; finalmente se o considerar-mos attentamente e despidos de preoupaçõ s, veremos, que elle nos obriga a mil extravagancias, e faz com que muitas vezes representemos na scena da vida os papeis mais rediculos, que a imaginação póde conceber.

Dizendo-se a certo Imperador da China, que na Europa havia casas, com quatro e cinco andares, este respondeu. — He preciso que a Europa seja bem pequena, para que os homens ahi habitem tão ao ar.

A TOMADA DE SANTAREM.

Anno de 1147.

(continuado de paginas 168)

V.

A VOLTA INESPERADA.

Dias eram passados e quotidianamente viera Gonsalo Azarca inquirir da saude de Methilde, a quem a dôr da morte de seu esposo se lhe havia evaído, como mulher que era. Já o pranto lhe não inundava as mimosas faces rozadas; já as lagrymas lhe não burbulhavam pelos olhos, que uns poucos dias trouxeram denegridos: agora a verieis manter uma practica com toda a affectação e desdem, já n'aquelles tempos conhecido das do seu sexo; e que tanto em verdade distustra a candura, e quantos outros primores, de que a natureza o dotou.

Um dia, bem pouco depois de amanhecer, entrou Gonsalo Azarca pela casa de Methilde, que então fora erma, como se della houvera o senhorio, sem cortesia, nem cumprimento: assentou-se; e por sorte ao volver os olhos deparou com um cinto de Rodrigo, que era mui bem recatado em a gaveta de um bofete que estava aberto.

« Malfadado!.... que não seguiste teu dono á terra!....» exclamou elle com um sorriso de ironía « Pobre louco!.... que é do teu amor!..... que é dessa fanthasiada paixão, que tanto te ensoberbecia!.... Vaidoso que tu eras!.... cuidavas que a mais formosa de nossas donzellas era aguarda para ti?.... Que ufano te mostravas ao vela recostada em teus braços, e imprimir-lhe osculos de amor!.... Louco!..... mil vezes louco!.... que julgavas empolgado o premio de tuas vigilias e cuidados. = Rodrigo! » acrosentou elle com um chamejar d'olhos, e atroar de vóz, como ainda não se ouvira segundo « Rodrigo!.... não me havias tu amaldiçoado?.... não tinhas tu jurado a morte ao assassino de teu páe?.... de teu páe, que se presava de leal servidor d'ElRei, e de bom Portuguez?..... pois é esse que váe colher em suas mãos a bella Methilde, como um penhor do crime de homicida. Olvidaste que o homem que lava as mãos no sangue de outro homem, só para lhe anniquilar o ser, só para derrocar um obstaculo que o separava da ilharga real, não teme de enviar a morte a um esposo apaixonado para haver de lhe roubar o alvo de suas affecções?....

Digitized by Google

Ah!.... inexperiente!.... que todo te entregaste á amisade de um homem, só por que elle se apelidava Ermingues, como teu páe; e cuidaste seria tambem de boa fé como elle; e não viste que tudo era uma trama!.... e foi elle que tingiu a sua espada no teu sangue! assim Deus ou o Demonio o ha-de de ter permitido.=Como bem te dizia este cinto « continuou elle pondo-o na cintura » como bem ataviado te vinhas ver a tua amante nas vesperas do teu consorcio!.... Mizeravel!... Infeliz!... que arrebatadamente pronunciastes votos indossuluveis, sem que me fôra disata-los nem ao menos.... Ah! Disgraçado!.... e foi mister intermediar uma traça ardilosa, uma espada, umas mãos tintas em sangue.... uma morte.... para.... oh... o remorso e mil vezes peior que o mesmo crime!....

—Como sois alboratado!, senhor Gonsalo Azarca, disse Methilde que entrava; que perturbação!.... ah... vós sois bem agoniado!.... Este cinto.... Rodrigo....

« E' dôr de amigo, » interrompeu elle de prompto « aqui hei deparado com elle... mas nada já de pranto, disse elle arremessando-o ao canto.

—Sim; nada de pranto, disse Methilde, aonde vós sejaes não pode haver pranto.

» Então, senhora, disse Gonsalo, como vades?.... sempre bella, sempre formosa!.... mas não sei que estranho parecer nos mostraes hoje: como ereis folgasãa quando hontem me disparti de vós; e hoje como sois triste!....

—E não percebeis a causa? disse ella: os corações fallam uma linguagem muda, e a sua expressão é mais viva, mais persuassiva que se fôra de profeta: e certo que vós o não tendes, pois que não entendeis o meu.

« Oh!.... não.... encantadora Methilde, accrescentou Gonsalo: não é só o coração que assim falla: os olhos tem uma linguagem ainda mais expressiva.... mas quando elles se pejam de olhar.... quando recêam que ao volver lhe fujam aquelles por que ancêam.... oh.... então é a dôr de coração, é a dôr do ciume, é a dôr da paixão, é o sentimento de uma alma disesperada.... e os labios não teem palavras a proferir; depois o amor, a raiva a paixão, o sentimento, o odio, tudo a um tempo se contrapõe e reage... ah... e então n'um acceno de frenezida loucura, de fogo, de enthusiasmo, o homem se lhe arroja aos pés e diz, como eu te digo=amote, adorote; dá-me a tua mão de desposada, e eu te darei a minha; cede-me o teu coração, e ceder-te-hei o meu.

—Vós?... amarme?.... exclamou Methilde.

« Sim; amar-vos: prosegui Gonsalo: acaso vos enojam umas segundas nupcias?.... pouco feliz fostes nas primeiras; mas nas segundas.... a experiencia vo-lo mostrará. A morte avara roubou-vos Rodrigo: mas outra cavalgada não haverá por em quanto.... e felizes seremos!....

—Ah!.... e que mais valêra negar?.... eu tambem vos amo, Gonsalo; amo-vos com todo o fervor de uma paixão.... disse Methilde, mas tendo em conta essas boccas falladoras.... a nossa união....

« Bem: verifica-lo ante o altar é tudo quanto quereis: prometeis de faze-lo?.... disse Gonsalo.

—Oh, sim: eu o prometo. E como assim não fôra; se o meu pensamento é só de ti; só de ti se occupa?....

« Ah, tu o prometes?... um osculo seja o vosso juramento, a vossa fê.

—Um osculo, e amanhãa ao altar; disse Methilde, deixando-se estreitar nos braços de Gonsalo, e imprimindo-lhe, e recebendo tambem d'elle, um beijo na face.

=Gonsalo Azarca!.... o assassino de meu páe!.... morra... (bradou enfurecido um cavalleiro, que entrava, e ao mesmo tempo levou da espada) morra a esposa adultera!.... morra Methilde!....

—Rodrigo!.... exclamou Methilde, cahindo por terra sem sentidos: Rodrigo, arremessando a espada, correu a socorre-la: e Gonsalo Azarca abrindo as rotolas galgou da adufa para a rua e dispareceu.

(Concluir-se-ha).

O meio mais eficaz de medrar no mundo e agradar aos outros homens consiste em nos identificarmos com elles, affectando o proprio esquecimento, e parecer que só nos occupamos da sua ventura, quando tudo se refere ao nosso interesse.

Quantos homens há que nos fallam rindo, desejando fazer-nos chorar!

Avisa-se aos senhores assignantes das provincias, que ainda não remeteram o importe das assignaturas, o hajam de fazer; porque do contrario se lhe suspenderá a remessa: prevenindo egualmente que para o trimestre proximo haverá correspondentes, a quem o possam entregar.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 23) Publica-se todos os Sabbados. (Junho 6, 1840.

OS INTRIGANTES.

Entre as diversas classes de que a sociedade se compõe, e que entre si differem, tanto por indole, como por usos e costumes; uma avulta com especialidade, composta essencialmente de homens, que por educação ou por caractêr, se comprazem na disharmonia e disarranjo social; e esta classe tão numerosa como terrivel, é a dos intrigantes.

Forçoso é, porém, que se não confundam os intrigantes vulgares, com os que por sua posição social, se tornam arbitros dos destinos das nações, e de cuja conducta depende muitas vezes o triunpho ou a quéda de um imperio. — Os primeiros, são entes vís e abjectos, que commerceiam com as reputações, os interesses, e o socego das familias: — e os segundos, constituem a classe de intrigantes previlegiados, denominados diplomatas, que traficam em grande com os interesses dos povos, e a quem a sociedade se tem esmerado em conferir honras e galardões. — A distancia, que separa uns dos outros é tão grande, quanto são differentes os sentimentos e as intenções, qne os movem. — Debalde procurareis discobrir um sentimento, ou um fim generoso no procedimento dos primeiros; mas na conducta dos segundos achareis não raras vezes sentimentos nada equivocos de amor de patria, e do bem publico. — Deixando a pennas mais habeis do que a nossa, a discripção do caracter dos ultimos; passaremos a descrever o dos primeiros, com a intima convicção que nos anima, de que o vicio pintado com as côres odiosas, que lhe pertencem, torna-se uma lição de virtude.

Lugubre e annosa é a arvore da intriga; venenosos são os fructos que produz; e onde quer que se estendam seus ramos macilentos, a sombra que produzem não faz medrar, nem dá ventura. — Quaes plantas parasitas, que solapam e derrocam os mais solidos e respeitaveis edificios; as raizes d'aquella arvore, transplantada das regiões infernaes, teem aluido e contaminado os fundamentos da sociedade. — A' influencia da intriga deve o mundo, em grande parte, os males e flagellos, que o opprimem: imperios destruidos; reis disthronados; deprimido o merito, e calumniada a virtude, fazendo erguer ao vicio triunphante o orgulhoso collo; eis os resultados nefandos a que teem condusido as obscuras e tortuosas sendas da intriga, em todos os tempos e em todos os povos, cuja existencia tentemos profundar.

Buliçosa e arriscada é a vida do intrigante; mas apesar d'isso, os riscos, que a cercam, apenas podem pôr-se em parallelo com os ostragos, os damnos, e os crimes de que é motora infallivel.

A boca do intrigante é um respiradouro do inferno; e se o fogo, que d'elle sahe, nem sempre produz rapida explosão; os estragos, que resultam do incendio, que lentamente se atêa, nem por isso são menos horrorosos.

Precavido e ardiloso entre os outros homens; occultando a uns o que lhes deveria revelar, e discobrindo a outros, o que conviria esconder-lhes; penetrando os mais profundos arcanos dos interesses e conveniencias domesticas; profanando os mais sagrados laços sociaes; desfigurando os factos, mutilando-os ou amplificando-os, segundo convém aos seus depravados intentos; o intrigante é incançavel na carreira da corrupção, e não duvida sacrificar até mesmo a existencia, ao complemento de perniciosos caprichos.

Debalde procurareis franqueza e lealdade no intrigante: disconhece todos os sentimentos nobres e generosos: — falsario, egoista, ou perverso; surdo á voz da natureza e da razão; — perfido, dissimulado, e inconstante, ignora os doces prazeres de uma alma virtuosa, e só folga e ri no meio do cahos,

Digitized by Google

qual espirito de trevas em Satanica folia. — Não confieis em suas fagueiras caricias; são enganadoras, e se com uma das mãos vos offerece o caliz, que encerra precioso nectar, com a outra vos imbeberá no peito o fulgente e traiçoeiro punhal.

Aos intrigantes, e ao ferino e criminoso frenesi que os domina, deve a sociedade as intestinas commoções, que a abalam, e as crueis e continuas disavenças, que a dividem e retalham, a elles, finalmente, deveram os Pachecos, os Albuquerques, e os Camões, o leito de ignominia, de miseria e de dôr em que expiraram.

LITTERATURA GREGA E ROMANA.

Os Celtas, raça mãe da mor parte das nações, foram os primeiros habitadores das deliciosas terras, que demoram entre a ponta meridional da Italia e as costas da Antiga Asia menor, formando uma peninsula, chamada Grecia. O mercantes Phenicios, os supersticiosos Egypcios, e os Licios escravos tambem enviaram a este paiz o fluxo e o refluxo de suas Colonias. Destes elementos heterogeneos nasceu a geração dos Pelasgos, homens energicos, e emprehendedores. Esta foi a primeira nação da antiguidade que abriu aulas publicas, onde se ensinaram as sciencias e as lettras, não querendo concentrar os thesouros scientificos em uma classe de membros predilectos, como as antepassadas nações, para d'elle fazerem um mysterio commercial, de que tirassem proveito para com o vulgo. Aquecidos pelo sol ardente que a prumo vibra seus raios sobre o paiz, embalados no seio dos superstições e dos mythos, amamentados pelo mel do affamado hymetto, acobertados por um Céu puro e sereno, formando a terra, que habitavam, um templo magnifico e selvagem, abitados sob as copadas arvores ás ribas de frescas torrentes rodeados de formosas ilhas, que banha o Mediterraneo, affigurando por a sua alvura aos viajantes, que de longe as descortinaram vasos de marmore branco, matisados de verdura, sentindo o suave murmurio das folhas dos velhos carvalhos do Helicon e do Parnaso, os Pelagos crearam uma litteratura mystica, e sagrada, que é a Philosophia ordinaria da infancia dos povos, primeira centelha da vida, que dá commummente sua intelligencia. Mysterios compostos e compilados pelos homens de superiores conhecimentos, acreditados pela imaginação patriotica de um povo enthusiasta, coloridos pelo genio de seus poetas, sanctificados pelos que governavam, formam uma religião allegorica e ricca. De alto sobre as cousas da vida passam os homens dotados de imaginação brilhante e variada, e tomam por verdadeiro o que ao sopro do mais pequeno exame se dismantibularia; os povos de paizes quentes adoram o que constitue o ideal, apprazem-se somente com as crenças; approfundal-as está fóra da sua esphera; e por isso as sciencias positivas, que demandam meditação, fazem mais progressos nos climas frios. A Grecia não fez excepção a esta regra, recebeu os inigmas que se lhe offereceram, e não se esforçou em decifra-los.

Em quasi todas as nações o rithmo harmonioso do verso anticipou o frio periodo da prosa; a voz melodica das paixões fez ouvir seus accentos cadenciados antes da linguagem austera da razão. Na Grecia tambem a poesia foi o primeiro ramo de Litteratura cultivado; e como a sociedade sempre começa pela theocracia, a poesia dirige seu estro a honrar as divindades patrias; o primeiro som, que desliza a lyra dos vates, é um hymno religioso, que pouco a pouco torna-se patriotico. Abre a poesia as primeiras paginas da historia da Grecia, concentrando em si todos os conhecimentos do tempo, servindo de legisladora a um povo inda no berço. E' por meio dos Poetas que chegaram té nós os nomes de Olen da Lycia, Orfeu, Museu, Herculano e Theseu, inda que o véu da obscuridade em parte esconda traços de suas existencias. A Poesia Grega é original, bebida nas crenças, habitos, e costumes do paiz, patriotica e religiosa. A grandeza, a invenção, o brilhantismo Grego acham-se em Homero, famoso creador do poema Epico, que de tal geito extasia seus contemporaneos, com a beldade de suas guerreiras pinturas, de seus desenhos fogosos, que com enthusiasmo echóam seus versos nas aulas publicas, nas ruas e praças, a bordo das barcas, sobre o cume das collinas, e nas risonhas planicies; em Pindaro, poeta popular, celebrando os jogos Olympicos, e a carreira dos carros; nos delirantes esboços de Sapho e Anacreonte; em Eschylo e Sophocles, que, quaes esculptores com motregos de marmore, produzem uma estatua maravilhosa, formam com tantos impios e desordenados um ramo de poesia, que percorrendo sua orbita, arrebatada a admiração do Universo, que nas suas differentes transformações de phisionomias mostra o resumo historico do espirito politico das nações, os sentimentos, opiniões e costumes dos povos, o typo e a expressão da nacionalidade, a Musa dramatica!....

A Philosophia deserta do Egyto, e vem aclimatisar-se na Grecia; reduzia-se ella no principio á analyse dos phenomenos celestes; e os Philosophos Gregos continuaram sua mar-

Digitized by Google

cha; Thales de Myleto annuncia os eclypse; Anaxagoras publica que o sol é um Globo de fogo maior que a Grecia; e como com facilidade accusa as epochas de supersticiosas, as opiniões novas de impiedade, e as perseguem; Anaxagoras não póde oppor-se á furia dos clamores geraes, e foi exilado. Assim no seculo 16.° Galileu foi obrigado a abjurar suas discobertas astronomicas com o medo da inquisição; escandalisa-se o vulgar todas as vezes que as opiniões dos escriptos differem do espirito dominante da epocha, por isso tambem o author da nova Heloisa passou no seculo, que nos precedeu, por um devoto fanatico. Entretanto theorias, e contemplações erroneas e improvaveis, pela mor parte acobertadas com o nome de systemas, perdiam o nobre espirito da Philosophia. Felizmente com a apparição de Socrates uma nova era para elle, se abre, elle aclarea, qual astro brilhante, seu horisonte, fixa os limites da moral, une-se com ella, e a faz servir de guia ás nossas acções; é elle o restaurador da sciencia; é d'elle que emanam todos os principios expostos por Platão, e mesmo por Aristoteles. Porém a par do seu seculo marcha o homem, n'elle tambem se introduzem os prejuizos, que entre o povo grassam logo que as crenças as mais absurdas estão enraizadas geralmente; os escriptores, por mais que appellem ás luzes da razão, não se podem despir d'ellas inteiramente, assim corrigiram os novos Philosophos os velhos erros, mas cahiram tambem em outros um sophisma do que se combateu: « Deve-se aos antigos recorrer, diz Madame de Stael, (*) por seu gosto simples e puro, para admirar-se sua energia e enthusiasmo por tudo o que é nobre e grande; porém mister é que se considere seus raciocinios em Philosophia, como o artefacto do edificio, que o espirito humano devia levantar. »

A eloquencia começa na Grecia com Pericles; esta nobre filha da liberdade encontra no Areopago approvação universal, desenvolve-se com uma rapidez espantosa, electrisando-se com o movimento das resoluções, chega ao auge da grandeza, brandida pelo inimigo de Philippe, Rei de Macedonia, pelo vencedor de Eschyno, pelo patriota Demosthenes; mas encontrando nos Atticos corações sómente frieza, enervação, corrupção, esquecimento dos passados tempos de gloria, todos tendo-se compromettido pela nimia liberdade, disapparece, similhante ao corisco, para por alguns instantes sómente pairar na guerreira Roma, inspirando seus altivos Republicanos, até que foragida de novo pelo despotismo dos tyrannos, seja obrigada, durante toda a edade media, a ocultar-se debaixo dos sanctos mantos da religião, só, fallando aos corações a linguagem mystica de Deus.

A historia na Grecia não passou de uma narração eloquente e brilhante dos factos. Alguns authores chamam Herodoto o páe, o creador da historia; porém nós apoiados nos argumentos de outros, julgamos que elle muito imitou aos Sacerdotes do Egypto; é na verdade um elegante escriptor, historiador veridico e agradavel; porém não o creador da sciencia.

Uma das maiores glorias que á Grecia cabe, é, sem contradicção alguma, a perfeição das bellas artes, o de ter legado á posteridade modelos tão acabados como o grupo de Laocoonte, o Appollo de Belvedere, o Parthenon, e o Odeo.

As guerras civis, em que se viu ingerida loucamente pela ambição dos Generaes de Alexandre, e a sua conquista por fim pelos Romanos, estenderam seu leito de morte, e a sepultaram. Ha dous mil annos, que nos ferros vergonhosos da escuridão repousa, ignorante do passado, desconhecida pelos historiadores e philologos, abaixando seu colo ao jugo de todo o insolente estrangeiro que a adula, e que cadeias lhe forja, ora ao Turco, ora ao Bavaro, sem sentimento de vida, servindo de covil a corsarios e bandidos.

(*) E' a Grecia, porém a Grecia Morta?
Amada, inda que fria, e sempre bella
Inda moribunda! Doce sombra
D'essa flamma talvez d'etherea stirpe,
Que brilha, mas que a plaga não inflamma.
(Continúa).

(*) De la Littérature considérée dans ses Rapports avec les Institutions sociales. Tome 1. L. III.

VALOR D'UM PORTUGUEZ ANTIGO.

Brilhantes e gloriosas são as paginas da nossa historia antiga. — Cheio de espanto e enthusiasmo fica o observador philosopho que, com olhos disapaixonados, attenta nas acções grandiosas de nossos maiores. — Famosas foram com effeito as edades que nos procederam; porque o verdadeiro valor, a honra, a fedelidade, e a religião eram estampados no caracter Portuguèz, conservado assim por seculos nas quatro partes do mundo sem mancha, e sem que a mais le-

(*) Lord Byron, no Poema de *Giaour:*

It is Greece, but living Greece no more,
So coldly sweet, so deadly fair!
Spark af that flame, perchance of heavenly birth,
Which gleams, hritwarms no more its cherish'd earth.

Digitized by Google

geira sombra de ignominia lhe offuscasse o brilho. — Pareçêra que um poder sobre humana cunhára com o sinete de heroismo e de virtude as nossas acções valerosas, executadas lá nessas longinquas regiões do Oriente, nesses dilatados, e nunca por outrem sulcados mares. — Aquelles tempos, porem, passaram; e d'aquella nossa edade d'Ouro só nos restam saudades, e um brasão glorioso! — Um desses grandes feitos admiraveis, de que havemos fallado, é o que vamos referir. —

Não se dá por ventura nos brilhantes fastos da historia militar valentia de tanto annojo.

Em 1569 havia levantado ferro no Porto de Lisboa o navio, que devêra levar á Ilha de Sonda Mem Lopes Carrasco. — Partira elle só com quarenta homens; que tanta era a gente, de que se cumpunha a equipagem.

Estava já proximo da terra que demandava, eis que se vê cercado da formidavel esquadra do Rei de Achem, que andava de ha muito em guerra com os Portuguezes. — Constava aquella força maritima, mui superior (é verdade) a Portugueza no numero, mas mui inferior no que era capaz de emprehender e de executar, constava, dizem todos os escriptores, de déz galéras, outros tantos juncos, e de cento e septenta embarcaçõs mais maneiras. — Carrasco tomou a immediatta resolução dos homens valentes. Deffendeu-se, pois, e, durante um dia inteiro, fêz vivo fogo d'artilheria ao inimigo, que por todos os lados o attacava. — As equipagens de trez das galeras abordaram o navio Portuguez; mas os Portuguezes, nutrindo sentimentos mais nobres do que os seus inimigos, os Portuguezes, animados de reiteradas e patheticas exortações d'um Franciscano, e um Jesuita, appossaram-se de tal enthusiasmo, (d'aquelle que só é dado nos momentos de crise e disespero) que aos abordadores lhes sahiu cara a tentativa: uns foram victimas do ferro Portuguez, briosamente dismudado, e tinto de sangue inimigo; outros engolia-os o mar, a que foram arrojados. — Nem parou aqui a valentia dos Portuguezes; que na occasião em que isto se passou, um primo de Carrasco, só saltou de abordagem em uma das galeras, aonde fêz grade carnefecina, e aonde recebeu muitas feridas antes de tornar ao seu navio. — Carrasco, ostentando valor raras vêzes imitado, dava por toda a parte ordens acertadas, com a presença d'ispirito que acompanha sempre os homens das batalhas, com o pressentimento de victoria que lhe palpitava no peito, até que foi ferido tão gravemente que o reputaram morto. — Nossa penna é sem duvida, mui tosca, para discrever neste instante solemne um rasgo d'amôr da Patria, a devoção verdadeiramente spartiata, que então succedeu a bordo. — Logo que o filho de Carrasco soube esta fatal noticia, respondeu aquem lha havia communicado: « E' um valeroso de menos; mas nós vivemos, e como elle saberemos, ou vencer, ou morrer. » — E assim foi; que este combate tão disegual se prolongou encarniçado pelo espaço de trez dias: em fim, o Rei de Achem, vendo que não tirava a melhor com taes peleijadores, havendo já perdido quarenta embarcações, mettidas a pique pela artilheria Portugueza, e um mui grande numero de seus mais valerosos combatentes, entrou no porto competente, deixando os Portuguezes continuar sua derrota. —

Os Portuguezes, cobertos de louros de vencedores, e de feridas de guerreiros; que amarga é muitas vezes a victoria; ganharam Malaca, aonde a admiração excedeu o natural, quando relataram elles um facto ao mesmo passo que verdadeiro, tão pouco verosimil, e por ventura sem par.

O Amor.

O amor, paixão universal tão antiga como o universo, e sem duvida o primeiro Deus que na terra possuiu altares, é um apetite violento, que, em todas as classes dos seres senciveis, conduz, ou para melhor dizer, atrae os dous sexos um para o outro, resultando desta união carnal e voluntaria, os certos e unicos elementos da próle animada.

O amor disenvolve-se entre todos os animaes, com o augmento e completa perfeição das suas faculdades; porém é mais constante, e duravel no homem, a quem a natureza concedeu n'um gráu mais distincto o poder de gozar. Esta faculdade, cujo exercicio nas outras especies se restringe a uma certa estação do anno, habitoal entre o homem, conservando-a desde a puberdade, até annos muito avançados.

Se o amor physico ou sexual é a violenta atracção dos corpos, que tem por fim a reprodução da especie, póde dizer-se que o amor moral ou amizade é a simpathia das almas. Os irracionaes só esperimentam o amor physico; e não sentem, pela sua familia e filhos, mais do que este sentimento de ternura e de inquietação, do qual a natureza tem feito uma lei commum a todos os entes senciveis; assim acontece com pouca diffe-

Digitized by Google

rença ao homem selvagem, e sómente ao homem civilisado e pensador lhe é dado juntar aos prazeres physicos os gosos moraes, menos vivos e temulentos é verdade; porém infinitamente mais suaves e delicados, e sobre tudo, extensivos a todo o curso da vida, ao mesmo tempo que os outros apenas gozam a vivacidade e duração do relampago.

E' desta mistura de gozos fisicos e de amizade que se compõe entre o homem civilisado a paixão do amor. Ama-se uma mulher bella á primeira vista; adora-se logo que a uma aparencia brilhante se acham reunidos talentos agradaveis, conhecimentos uteis, em fim todos os encantos do espirito e do coração juntos a maneiras nobres, meigas e polidas. E' então, que a imaginação exaltada julga gozar d'um prazer mais que divino, e que todas as faculdades da alma e do corpo, levadas ao mais alto gráu de energia, tornam o homem capaz dos maiores esforços para merecer tão nobre conquista. Mas não se ama por muito tempo uma mulher, só bella em apparencia; a simpathia que ella nos faz nascer ao primeiro encontro, não dura quando não é sustentada e reanimada por cousa alguma; em quanto que uma mulher feia ou de belleza mediocre, e que no começo inspirára pouco interesse, acaba muitas vezes por nos agradar muito, e até nos encanta, já pela elleganeia e polidez de suas maneiras, merito de sua graça, e já pelos dotes do espirito, e virtuosos sentimentos de seu coração.

A amisade entre os homens é fundada na conformidade de interesse e de sentimentos moraes, sobre a similhança dos animos; porque é sobre tudo entre os animaes homogeneos, ou formados dos mesmos elementos que esta doce attracção se faz sentir mais vivamente. O mesmo se dá na amizade das mulheres entre si; porem a amizade entre um homem e uma mulher differe destas duas, em que ella encerra, alem dos elementos moraes que são os mesmos, o prazer physico fundado na differença dos sexos; e mesmo fazendo abstracção deste ultimo motivo, ella tem um não sei que de mais terno e respeitozo; mais cheio de circunspecção e cuidados.

Estamos longe de pensar com *Buffon*, quando diz — » que o amor nada tem de bom senão o physico, e que o moral de pouco lhe aproveita. » Este erro que escapou á penna de tão grande escriptor, é uma especie de blasphemia contra a amizade: se o physico do amor é bom, o moral vale muito mais, principalmente quando é ennobrecido pela estima e confiança reciproca, livre do tormento da inveja, e de todas as piquenas paixões que lhe podem corromper a doçura; em uma palavra, formado por votos acordes, mixtos; indestructivel de sentimentos nobres e puros, que formam os verdadeiros amigos.

A MALEDICENCIA.

A maledicencia é um fogo devorador, que murcha tudo aquillo em que toca, que exerce egualmente o seu furor sobre o bom grão e sobre a palha, sobre o profano e o sagrado; que por toda a parte por onde passa só deixa ruinas e desolação; que profunda as entranhas da terra, e vae ferir os objectos mais occultos; que transforma em cinzas despreziveis o que ha pouco nos parecia precioso e brilhante; que no tempo em que parece quasi extincto, obra com mais perigo e violencia do que nunca; que tisna o que não póde consumir, e que antes de ser prejudicial apresenta algumas vezes um caracter agradavel e brilhante.

A maledicencia é um orgulho secreto, que nos occulta a trave que temos no olho, e nos faz discobrir o argreiro no olho do nosso irmão; uma baixa inveja, que ciosa dos talentos ou da prosperidade d'outrem, lhes dirige censuras, e estuda todos os meios de obscurecer o seu brilho; um odio disfarçado, que derrama sobre as palavras o azedume occulto no coração; uma duplicidade indigna, que louva em publico aquillo mesmo que secretamente disacredita; uma vergonhosa levêza, que não sabe vencer e reprimir uma palavra, e que sacrifica muitas vezes a fortuna e o repouso de uma familia inteira á imprudencia de um dito chistozo ou de uma censura que agrada; uma barbaridade por meio da qual se fere o nosso irmão ausente; um escandalo para os que nos escutam; uma injustiça com que roubais ao vosso irmão aquillo que possue de mais charo.

A maledicencia é um mal que perturba a sociedade, que espalha a dissenção nas cidades, que é origem de odios e de vinganças, que enche de disordem e de confuzão todos os logares onde penetra, e em toda a parte é inimiga da paz, da doçura, e da cortezia. Finalmente, é uma fonte plena d'um veneno mortal: tudo o que d'ella parte está infectado, e communica a sua infecção aos objectos que a cercam; os seus louvores são envenenados, malignos os seus applausos, o seu silencio criminoso, os seus gestos, movimentos, e até o seu olhar, tudo tem veneno e o espalha como bem lhe appraz.

(Massillon).

Digitized by Google

O CASTOR.

Tanto o homem se tem elevado acima de seu estado natural, quanto os outros animaes se hão abaixado redusidos á escravidão, ou tratados como rebeldes, e dispersos pela fórça, suas sociedades se teem extinguido; sua industria se tem tornado steril; seus fracos artificios teem disaparecido: cada especie tem perdido suas propriedades geraes, e todos apenas teem conservado suas qualidades individuaes, aperfeiçoadas n'uns pelo exemplo, imitação, educação; n'outros pelo modo e necessidade que tem de velar de continuo sem segurança. Que vistas, que designios, que projectos podem ter escravos banidos e desterrados sem poder?... Rastejar e fugir; sempre existir d'uma maneira solitaria, nada edificar, nada produzir, nada transmittir, e sempre tornarem-se languidos na calamidade, diclinar, perpetuar-se sem multiplicar, perder, n'uma palavra, pela duração a força d'instincto que a Natureza lhe concedera. Deste modo não ficam vestigios de sua maravilhosa industria senão n'esses paizes arredados, desertos e disconhecidos do homem, durante longos seculos, onde cada especie pode manifestar em liberdade seus talentos naturaes, e aperfeiçoa-los no repouso, seunindo-se em sociedade permanente. Os Castores são, por ventura, o unico exemplo que existe, como um antigo monumento desta especie d'intelligencia dos brutos; e posto que infinitamente inferior por seu principio á do homem, suppõe com tudo projectos communs, vistas relativas; projectos, que tendo por baze a a sociedade e por fim um dique a construir, uma povoação a formar, uma especie de republica a fundar, suppõe egualmente uma maneira qualquer de se intender e obrar de combinação.

Os Castores, esses animaes, de que tanto teem fallado os viajantes e Naturalistas, appresentam no seu exterior singularidades de estructura, que os fazem dignos de toda a consideração; accrescendo a isto a sua admiravel superioridade instinctiva a respeito de quasi todos os sons animados.

Pela sua conformação em geral, e pela maior parte de seus orgãos interiores muito se assimilham aos outros animaes, que lhe estam proximos na grande escala dos sères; com tudo seu maior tamanho e outros caracteres bem salientes, como a disposição da cauda que é larga, oval e chata no sentido horisontal, os differençam de quasi toda a sua organisação, se póde concluir, que a vida aquatica lhe é propria. Nadam e mergulham com tanta facilidade, como as phocas; e para este fim a abertura do apparelho respiratorio tem uma disposição accommodada.

As obras maravilhosas destes roedores tem attrahido a contemplação dos homens philosophos; estes descobriudo n'ellas mais alguma cousa que o producto d'um instincto brutal, bastante as hão sabido analysar, para nos advertirem de quanto a Natureza é providente em prodigalisar a todos os seres organisados meios de sua conservação, instruindo a todos nos modos d'existencia accommodados a suas circunstancias.

Nos Castores mais do que em quasi todos os outros animaes, nós vimos, no maximo gráu de desenvolvimento, esta propensão, esta força, que altamente os convida a yiverem em sociedade, com o fim de proverem á conservação de sua vida, este passageiro, e pela maior parte doloroso apparecimento, porém que demanda os maiores cuidados de quantos a possuem. Reunidos em grande numero nos bordos dos lagos, ou mesmo no meio das aguas correntes, ahi construem seus edificios. Procuram sempre um logar bastante fundo, de maneira que a agua não possa gelar até á parte mais inferior ainda com os frios mais rigorosos. Se a agua é estagnante, formam sobre as margens cabanas de quatro ou cinco pez de diametro e de fórma arredondada ou oval, cujo interior é dividido em dois andares: o superior, sempre fóra d'agoa, serve de habitação; e o inferior é destinado a conter as provisões necessarias á subsistencia dos habitantes. Estas cabanas feitas de ramos de arvores, que os Castores cortam com os dentes, de pedras por elles arrancadas da terra e condusidas a todo o custo, e de barro ou terra, que sabem empregar com a maior industria, acham-se arranjadas com tal solidez, que resistem aos attaques das maiores chuvas, ás correntes, e aos ventos mais impetuosos.

Conforme o logar, que procuram por suas construcções assim estas são mais ou menos solidas. Se por ventuta habitam as margens dos rios, sua obra é mais consideravel tractam a principio de construir no meio da corrente um dique de forma que offereça as aguas um nivel constante. Para este fim se ajuntam em grupos mui numerosos trezentos ou quatrocentos, e trabalham por fazer cahir uma arvore no rio ou ribeira, de sorte que fique attravessada. Fixam esta primeira peça, baze de todo o edificio, por meio de grossas estacas collocadas e enterradas a distancias. Enchem os intervallos d'estas estacas de ramos menores,

Digitized by Google

pedras, e uma especie d'argamassa. Por detraz d'este primeiro muro elles levantam um segundo, e ás vezes um treceiro, servindo-se do mesmo processo; e lançando nos intervallos materias analogas constituem uma especie de paredão espesso, e capaz de resistir á bravura das correntes mais rapidas. Esta obra bem longe de soffrer as deteriorações do tempo, este pelo contrario lhe traz maior firmeza e solidez; porque os troncos que fazem os alicerces, espalhando raizes, e desenvolvendo, seus ramos: formam um corpo, que só póde ser arrancado em totalidade; de sorte que para a conservar em bom estado basta de tempos a tempos applicar-lhe algum barro, afim de tapar pequenas fendas que a agua pode abrir.

Assim terminada esta abitação commum o grande grupo dos Castores se reparte em pequenas sociedades de trinta a quarenta, e se empregam na construcção de suas cazas particulares, como praticam nos bordos dos lagos. E' ordinariamente nos mezes de Junho e Julho, que se ajuntam os Castores para dar principio a seu estabalecimento commum.

A este instincto grande e maravilhoso que conduz os Castóres a unir suas forças e industria, para levar a effeito o que seus esforços esolados não poderiam executar, accresce uma outra qualidade, que lhe não é menos necessaria, isto é, a prudencia. Não se contentam a pôr-se ao abrigo das intemperies do tempo; sabem tambem que tem inimigos de cujos attaques precisam egualmente livrar-se. Para este fim, quando estam dentro de suas habitações, teem a percaução de collocar sentinellas nos pontos mais ellevados da visinhança; estas logo que dão noticia d'algum animal suspeito de se dirigir a suas moradas dão rijos golpes com a cauda, que avisam os abitantes das cabanas. Immediatamente se pôem todos em alarme; lançam-se á agua, e se apressam a refugiar-se em suas tocas com prevenção por elles feitas nas margens de rios e lagos, ficando alli escondidos até haver disaparecido o perigo. Seus inimigos mais terriveis são os glutões. O Homem tambem os persegue com o fim de se utilizar de seu pello, e d'uma especie de perfume, e medicamento chamado castoreo, que elles conservam n'uma bolça proxima á cauda.

E' de Inverno que ordinariamente se cassam estes animaes industriosos

Dos Castores que havemos mencionado, só uma especie se conhece no Canadá; porém existe na maior parte dos rios da Europa um animal quasi similhante que vive solitario sem construir habitação.

A TOMADA DE SANTAREM.

Anno de 1147.

(concluido de paginas 176)

VI.

A MORTE DO SEDUCTOR.

= Adeus, senhora: parto em serviço d'ElRei a levar ordens á Cidade de Santarem: dizia Rodrigo sahindo o limiar da porta. Methilde melancolica e cabisbaixa ficou em meio da salla, como submersa em um pensamento profundo; sem ao menos responder a seu marido.

= Mais uma vez,.... disse ella arrancando do peito um suspiro; mais uma vez.... mais um coloquio..... Ah!.... triste de mim!.... a meus pés, como abysmo cavernoso, se me antolha o adulterio; lá no fundo o perjurio.... e.... que pois me resta?... um no do destino que me sustenta, e a mão traiçoeira do crime que attenta despenhar-me nas profundezas. Que terriveis pensamentos me turvam o rasoar!.... e com elles de envolta uma noute tenebrosa, que já começa: (um pagem entrou a trazer luz, sahiu, e ella continuou aproximando-se da adufa) oh!.... que horrivel noute!.... este fuzilar dos relampagos.... este estampido dos trovões.... este negrume das nuvens, tudo em meu coração se afigura um simulacro de sangue e de vingança. E Rodrigo, caminho de Santarem.... e Gonsalo pela ultima vez a encontrar-se comigo!.... E' elle: disse ella vendo-o entrar: breve seja a nossa estada nestes logares.

« A' abastança de palavras, e á mingua de obras havemos sido tomados em nossas emprezas: disse Gonsalo titubante: eia, senhora, continuou elle com aspereza; fujamos, e em qualquer parte depararemos um abrigo contra a sorte.

— Fugir!.... exclamou Methilde horrorisada: esta idéa é só de um monstro!....

« Sim: e que tem isso?.... não é o homem feliz, onde quer abanda mais de prazeres, e menos de dissabores?....

— Ah!... e meu esposo?.... disse Methilde: em demasia hei já quebrantado os laços do consoreio, para bem me competir a alcunha do crime de adulterio: desse crime mais de pensamentos, que de obras; desse crime.... ah.... miseravel!.... dispresada de todos, aborrecida de meus parentes, odiada de meu marido.... que devia de fazer a

Digitized by Google

felicidade de meus dias; como poderei lograr vida satisfeita?.... ainda quando só a lembrança me attormentasse?.... oh!.... mas eu sou innocente. Não me havias tu, assassino de seu páe, homem maldicto.... não me havias tu certificado de presenciares a sua morte?.... e se verdade fôra que crime havia em prezar a outro?... mas tu abusaste da minha fé, abusaste.... e agora que só me resta conciliar a amizade de Rodrigo, ou correr voluntaria á morte, tu vens subornar uma fuga.... arrancar-me aos braços de meu esposo.... ah!... não... não será assim.

« Não será assim?.... interrompeu Gonsalo: que melhor ensejo póde a fortuna deparar-nos?.... Rodrigo caminho de Santarem: eu mesmo o vi partir ao pôr do sol: está ausente; e ainda que ao presente voltára, quatro dos meus mais fieis criados aguardam por minhas ordens ao portado da viela, com recommendação expressa de o agarrarem se por ventura chegasse.

— Não.... não...., replicou Methilde, não seguirei os dictames de um seductor infame para trahir os deveres de um juramento.

« Pois bem; não me quereis seguir?... pois haveis; ou de bom grado, ou a vosso pezar; que é mister que assim seja para que não haja de vir a lume um segredo que meu peito encerra. Inutil será todo o duvidar; eu vos arrastarei onde me approver: embora cem vezes me digues não.... não será assim.

— Não.... não será assim!.... bradou Rodrigo sahindo de uma porta que de um encontro se abriu de par em par; a lamina de um punhal lhe luzia empunhado na dextra; e com a esquerda afferrou Gonsalo pelo braço de feição tal, que lhe não foi mover-se.

« Soccorro!... exclamou Gonsalo; e á profia bradava por todos os seus criados: Methilde absorta em um lethargo, nem sequer podia mover-se ou proferir uma só palavra.

— Soccorro?!.. lhe voltou Rodrigo com ironia; uma vez, e pela ultima, foi vencida a tua ardileza. Mais destros que os teus criados foram os meus, que os souberam aprehender, e a seu sabor degola-los: mais astucioso que tu fui eu, que soube peitar o teu pagem confidente para haver de saber de teus intentos, e illudir-te com uma fingida partida, e agora vir surprehender-te no momento que me julgavas ausente.

— Louco! que tantos excessos por uma mulher adultera, por uma mulher, que te odêa!....

— Não vituperes a innocencia, quando um braço se esçuda para a defender, e outro se arma para a vingar!.. e disso te afanas?... pois morre vil impostor, calumniador infame!... bradou Rodrigo furioso, e cravando-lhe o punhal no peito. Methilde quiz intermediar-se, cahiu por terra com os sentidos perdidos.

« Meu irmão!.. tu... fratercida!.. exclamou Gonsalo balbuciante.

— Meu irmão?!....

« Sim: não te havia nosso páe fallado algumas vezes de Fuas Martins.... e de uma D. Brites?... ah... desses amores... eu fui o fructo... eu sou Fuas Martins, disfarçado em Gonsalo Azarca... meu irmão... ah... sou parrecida... perdão!.. morro... adeus... eu te perdo-o... disse Gonsalo soltando o ultimo suspiro.

= Meu irmão!... murmurou Rodrigo como tendo a mente perturbada. Sim meu páe fallou-me delle.... mas uma traça mais de impostura podia illudir-me... ah (disse elle recordando-se) tambem me notou que se algum dia o encontrasse, o distinguiria por um grande signal no peito; e prompto correu a abrir-lhe a vestidura. E' elle!... exclamou: uma cutilada no rosto disse meu páe ter recebido na batalha de Ourique: e logo lhe foi a vêr o rosto; e tambem a viu. E' elle!.... repetiu.

Pouco tempo depois Methilde definbada de desgosto havia descido á sepultura: e Rodrigo arroupado com o habito de Religioso entoava no coro de um mosteiro preces ao altissimo.

(A. J. da C. Salgado).

A justica é huma mulher entrevada, que sae fora poucas vezes.

A fortuna é uma velha muito calva: quem a quizer apanhar, ha-de segurala por um unico cabello.

Assim como no mundo Physico os fluidos penetram e dissolvem os solidos, egualmente no mundo moral a destreza rende e subjuga a força.

As Virtudes necessarias ao homem social são: ver e crer, ouvir e calar.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 24) *Publica-se todos os Sabbados.* *(Junho 13, 1840.*

CONTORNOS DE NAPOLES.

FRAGMENTOS DAS NOTAS DA VIAGEM DE UM ARTISTA

POZZUOLO.

Sic transit gloria mundi! *Puteoli*, d'origem grega, já levantou a fronte á face da terra, e franqueou seu porto ao Oriente: milhares de náus, vindas de mil logares, cobertas de homens variados em côr, em phisionomia assim como suas patrias, leis, e costumes formigavam no mar e na terra, e estendiam o aparato da variedade, e a riqueza do commercio. Cicero a chamava — *Roma pequena* — e com razão; basta que a historia nos mostre quão predilecta aos Imperadores e á nobreza de Roma era sua habitação, basta isto sómente, e arraiar a vista sobre o seu terreno, coberto de augustos pardieiros, para na imaginação apparecer uma cidade de maravilhas e incantos. A columna em pé, que o viajante encontra no meio do deserto circulada de fragmentos de cornija, de capteis, acanthos de marmore entre acanthos e cardos naturaes, os festões do cinzel engrinaldados com os festões das flores, este contraste da arte e da natureza, da morte e da vida escreve na imaginação com lettras indeleveis o epithaphio de uma geração extincta, que desappareceu, marcando os seus passos com seus monumentos; mas os monumentos são grãos d'areia, são combros que agglomera o sopro do tempo, e que arrasa o sopro do tempo durante a marcha do universo. A natureza e o homem levantaram a mão da devastação sobre estes logares, o mar invadiu a terra. Hoje tudo está mudado, montes surgiram da terra, encobriram planicies, aterraram lagos e canaes, estenderam as praias, e transfiguraram a topographia do terreno: o ar, que era puro, hoje é pestifero, e o que era pestifero perdeu sua damnosa influencia. Pozzuolo foi opulenta, hoje é miseravel, Cumas e Baias existiram, e hoje disappareceram, apenas se contam alguns paredões côr de ferrugem, que se mergulham na terra, e lá mais ao longe se alinham com outro; similhante ao papyro disenterrado, que mostra em seus andrajos aqui e alli uma phrase esolada, cujas lettras apagadas se disfazem mal se tocam: pedras sepulchraes sobre o nicho d'um columbrario, cujas lettras indicam o nome de homens que existiram, mas só atomos de pó s'encontram na urna, que os guardára!

Ces temples du plaisir par la mort habités,
Ces portiques, cesbains prolongés sous les ondes,
Ont vu Néron caché dans leurs voûtes profondes,
Condamner Agrippine au sein des voluptés.
Au bruit des flots roulans sur cette voûte humide,
Il veillait, agité d'un espoir parricide;
Il jetait à Narcisse um regard satisfait,
Quand, muet d'épouvante et tremblant de colére,
Il apprit que ces flots, instrumens du forfait,
Se soulevant d'horreur, lui rejetaient sa mère. (*)

Do alto da collina olhámos para Pozzuolo, e cuidámos vêr o ameno sitio do Jardim Botanico do Rio de Janeiro; e quem viu este ultimo poderá ajuisar da belleza do logar. A cidade se estendia em uma peninsula, e destacava-se em branco sobre o azul purissimo do golfo, que se arrematava á direita pelo Cabo Misseno, e Castello de Baias, as collinas de Cumas, o Monte-Novo, e a Academia de Cicero, que inda hoje chama a veneração do peregrino. Descemos á cidade, e visitámos o Templo de Seropis, que inda hoje conserva trez columnas em pé, restos escapados á barbaría dos nossos contemporaneos, que despojam as antiguidades de seus ornatos, privando o archeologo do livro que lhe mostra a pagina viva de seus estudos.

Do antigo Templo restam ainda algumas Cameras quadradas, e a base do pequeno pantheon, que era circulado de um peristylo de dezesseis columnas de marmore, que sustentavam o Zimborio; alguns restos de

(*) Casimir Delavigne: *La Sybille (Messenienne)*.

Digitized by Google

muros, nenhum vestigio das quatro escadas, e dos mais ornamentos; com tudo o plano será um tanto fácil levantar, apesar de que as aguas lavaram por muito tempo o pavimento, e o resto da ara: depois da devastação dos homens, que além de demolirem como as primeiras, transportaram os Museus o que acharam, como se o viajante não tivesse um Museu mais sublime no proprio tumulo do inanimatis.

Pozzuolo é pictoresca de todos os lados, e grata aos olhos do pintor e do archeologo, mas não aos do economistas: uma população miseravel, que vive em mesquinhas habitações substitue a opulenta sociedade de Roma, os depositos e armazens da Fenicia, de Tiro, do Egypto, e mais orientaes: população que parece surgir de suas cinzas, depois dos incendios de Alarico, e de Genserico.

O Abbade Iorio descreve em duas palavras suas vicissitudes: escutemo-lo. « Em 542 foi arrasada por Totela, e ficou abandonada dos paisanos durante dezesseis annos. Os Gregos, que moravam em Napoles, a repovoaram. Romualdo II, Duque de Benevento, a conquistou, e de novo a passou a ferro e fogo. No decimo seculo foi saqueada pelos Sarracenos. Em 1045 João, Duque de Napoles, se assenhoreou d'ella, e no seculo decimo quinto passou ao dominio de Affonso, Rei de Napoles.

Os estragos, que soffrera em diversas épocas, os incendios da solfatarra, e os terremotos horriveis de 1318, e de 1583, a reduziram ao estado presente.

O resto da cidade não contém cousa de grande interesse: na praça se veem duas estatuas, olhando uma para a outra, e separadas por uma fonte; as casas conservam o caracter que indicam em Napoles. Visitámos outros sitios, gosando do pictoresco que apresentam as vicissitudes do tempo; mas como a fome nos perseguisse, corremos a um albergue para descançar-mos, e reparar a fadiga da jornada.

Perto do porto encontrámos uma cosinha que fumegava, e nada tendo d'interesse ao padar, fomos a uma rua perto, comprar peixe e ostras, e ordenámos o jantar. Em uma camera pequena, e unica sentámo-nos a ler Vasi e Iorio, dest'arte aclarando a vista para melhor observar, té que acabámos o jantar, que foi em companhia de uma sociedade napolitana, que nos deu o expectaculo mais espantoso que se póde gosar; de certo, o que comeram aquellas almas bemditas, que não eram mais que dez, daria em outro paiz nutrição farta para quarenta pessoas de bom appetite: os pratos collossaes de macarrão, e as extensas fritadas, o repetido vinho, que não se vasava por copos, mas por picheis, parecia-nos estar vendo, em Homero, a descripção do jantar de Cyclope a quem Ulysses privou da vista.

Acabado o jantar medimos o tempo, para vêr se poderiamos fazer a viagem de Eneas aos Infernos, mas a multiplicação e distancia assás dos logares sahiram ao encontro do projecto, e transferido foi para outro dia; mas Cumas nos volvia a mente, Cumas nos reprodusia mil scenas na imaginação; consultámos a bella carta de J. H. Westphal, e com ella partimos tomando a estrada beira-mar, deixando á direita o monte Gauro, e a Academia de Cicero, retomámos a que costeia o Lago Averno; pouco a cima da casa de campo do Duque de Cassole parámos para contemplar o inimitavel quadro que a natureza offerecia, o Lago Averno, o Lucrino, o Oceano, Baias, e o Cabo Misseno.

O Averno abria-se em perspectiva oval, no primeiro plano era cortado por fresquissima verdura, que subia pela collina, que o rodeia, até esbarrar no muro, que ampara a estrada de Cumas, onde estavámos sentados: do lado direito prolongava-se um bosque por entre casas, e estacava sua verdura n'uma ribanceira árida, que se liga com o monte Crila fronteiro, em cuja base por entre o negrume dos arbustos viamos a Caverna da Sybylla: do esquerdo as ruinas de uns banhos antigos, que Lonrenzo Palatino crê ser um templo de Plutão, sobresahiam entre as arvores, ruinas respeitaveis, pois resistiram á errupção de 1538; por traz do Monte novo separando o Averno do Lucrino, e a planicie que se estendia ao mar. Ao longe a linha do Mideterranio, e o Cabo Misseno, o Castello de Baias supino á montanha: o reflexo prateado do ceu, pela abertura do lago, o vago do horisonte, a massa da verdura estavel, com o movimento ligeiro das aguas se assimilhava a uma ponte arruinada, e coberta de arbustos, tendo por baixo um rio tranquillo, á vista do qual o olho se namora n' um mystico encanto.

Outr'ora unia-se o Averno ao Lucrino por um canal, que continuava ao mar, e disembocava no porto Julio, obra tão decantada pelos antigos; mas o terremoto de 1538 apparecendo abriu a terra, que do seu seio lançou turbilhões de fumo envolvidos de pedras ardentes e areia, de maneira que submergio villa de Tripergola, e em seu logar elevou o monte, chamado o novo, que serve de mausoleo á sepultura d'aquelle logar; reconquistando d'est'arte á terra, o terreno que lhe roubára a mão do homem, e separando os dous lagos, uma milha um do outro.

Digitized by Google

Uma terra sem reminiscencias é uma mulher sem virtude: a natureza pode prodigalisar os dons da formosura, formar um todo composto das mais bellas formas; mas logo que o prestigio o disampara, esse astro, que brilhava na imaginação, esse simulacro digno de adoração transfigura-se em um esqueleto, disloca-se e perde-se no feretro escuro da habitação do crime: e, ao contrario, quando ha a graça do pudor, essa nuvem que colóra as paixões de um véu mysterioso, que espalha um diaphano vapor, e levanta uma barreira ideal á nossa alma, tecendo a incantadora cadeia das illusões, das illuções tão gratas na vida, e que formam tecido da mesma vida, renovando-se de dia em dia sobre o collo da esperança, té que a morte nos roube a luz da vida.

O Lago Averno por si só tem as bellezas da natureza, mas a mão do homem traçou n'elle saudosas reminiscencias; o passaro hoje pode pairar sobre suas aguas sem encontrar a morte. Os Cimmerianos habitam aquelle logar á sombra dos espessos bosques que o encontravam, predisendo o futuro: todo o lugubre que a antiguidade situa em tal logar, apezar do machado de Octavio Augusto, que decepára seus bosques filhos dos seculos, inda respira melancolia.

Foi naquelle lago, onde o divino Maro, depois de subir ao Olimpo, precipitou-se e desceu ao infinito fundo para temperar a lyra no escuro reino de Dites, cujas cordas inflammadas, e feridas pela mão do genio, vibravam infernal concerto, animado por phantasmas que respiravam o horror!

Continuando a estrada, vimos os restos do aqueducto que condusia a agua ás Cumas; chegámos ao *Arco felix*, porta de Cumas, veneravel ruina que se escora entre duas collinas, coberto de relva que o ampára do tempo, offerecendo por baixo restos da antiga via Domiciana.

O guia convidou-nos a tomar o trilho da direita, e atravessando uma vinha, chegámos a um ponto, onde a vista se arraiava no mais lindo horisonte, que imaginar se póde; mas o caração cobriu-se de um dó lacrimoso, e dissemos a nós mesmos; onde estamos, que logares são estes, tão bellos tão risonhos, e porque nos inspiram tanta amargura? Mas a vóz da historia nos gritou. — O Tûmulo de Cumas, que se perde no passado, como seus templos, palacios, thermas entre o pó da terra! —

Subimos ao Arco, e sentimos renovar-se a sensação que tivemos no lago de Genebra; a saudade, e a melancolia.

Perto a um paredão, que conserva um nicho arruinado, sentamo-nos, lançamos os olhos para a direita e por entre rolos de nuvens vimos o Cabo Circeu, Gaeta, e o mar povoado de Ilhas, que uma a uma nos narravam mil acontecimentos; do lado da terra o lago de Licola, que resplendia como um adereço de prata; o lago de Patria, o promontorio de Cumas com as ruinas do templo de Apollo; o cabo Misseno, onde Corina cantou sobre o tumulo de Palinuro de Encas; do lado esquerdo vinhas sobre vinhas, que se abriam, mostrando-nos Procida com suas collinas ferteis, seus banhos, e seu povo vestido á grega. Que sitios incantados! Ullyses escapando dos laços da Maga, e encontrando as sombras de Ajas Patrocolo; Dedalo consagrando as suas azas a Apollo! Misera Cumas, onde está o sepulchro de Tarquinio, a tua Sybylla, e seus livros; quantas batalhas viste, Annibal, os Lombardos, Capuanas, Totila, Norsete, e depois covil de piratas, é que os Napolitanos te redusiram a vinhas!

Jerusalem, o anathema da providencia não se estendeu ali somente, e quem sabe se a Cidade perseguidora de teus filhos, um dia verá o arado passar por cima da cupola de S. Pedro! Nós não podemos dizer — não — porque se hoje habitamos na praia, amanhã no mar, ou na região dos passaros; a terra nos dá exemplo, montes se erguem, e montanhas se submergem. Só Deos é estavel.

C. L. de Itaparica.

ANTIGUIDADES.

O signal mais evidente da antiguidade dos Theatros em Lisboa é a inscripção, que aprezentamos a nossos leitores. Com ella e o trabalho estracto da Dissertação Critico-Filologica-Historica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendiveis circunstancias da erecção do Theatro Romano em honra de Nero — por Luiz Antonio d'Azevedo, que em seguimento sob o mesmo titulo se ezara neste artigo ficará fóra de duvida o quanto está obscurecida a origem dos Theatros neste Capital; e se o acazo não permittisse que em 1798 uma escavação produzida na rua de S. Mamede proximo da Igreja de S. Martinho e defronte da torre da Sé nos esclaresse tão vetustos monumentos, podia mui bem acontecer, que estes involvidos no preterito dos seculos nos fossem ainda occultos: isto mesmo faz ver, que muitas vezes uma casualidade não importa menos que um trabalho profundo sobre qualquer ramo dos conhecimentos humanos; e assim como um acaso trouxe a Newton a posibilidade de discobrir a lei da gravita-

Digitized by Google

ção universal; assim a escavação, que notamos, fez sahir das entranhas da terra os fragmentos do Theatro Lisbonense constantes dos degraus da Platea, pavimento da orquestra, o imbazamento de marmore pertencente ao Proscenio, as estatuas de Sileno, as columnas estriadas, os capiteis da ordem Jonica, as pedras de silharia em que se não discobria o haverem sido juntas por precintas de cal ou argamaçadas, a inscripção de certos libertos, e outra em honra de Nero que em seguida se apresenta:

INSCRIPÇÃO.

NERONI. CLAVDIO. DIVI. CLAVDI. F. GER AVG, GERMANICO P Y. MAX. TRIB, POT, IIII IMP. III. COS II DESIGNATO III PP OS CAENI VM ET ORCHESTRAM CVM ORNA MENTIS AVCVS TALIS PERPE TVVS C HEIUS PRIMVS

NERoni. CLAVDIO. DIVI. CLAVDI. FILIO Germanici Caesaris. Nepoti. Tiberi. Caesaris. Augusti. Proriepoti. Divi Augusti. Abnepeti. Caelari. Augusto. Germanico. Pontifice. Maximo. Tribunitia. Potestate. Tertium. Imperatori. Tertium. Consuli. Secundum. Designato. Tertium. Proscaenium. Et. Orchestram. cum. Ornamentis. Flamen. Augustalis. Perpetuus. Caius Heius. Primus.

EM PORTUGUEZ.

A Nero Claudio, filho de Divo Claudio, neto de Germanico Cesar, bisneto de Tiberio Cesar Augusto, tresneto de Divo Augusto, Cesar Augusto, vencedor dos Germanos, Pontifece Maximo, gozando já do poder Tribunicio pela terceira vez, Sendo Capitão General a terceira, Consul a segunda, eleito para tornar a ser a terceira, Caio Heio Primo, Flamine Augustal perpetuo, fez erigir este Proscenio e Orquestra com os competentes ornamentos á sua custa.

« Quanto porem aos terremotos, que tem havido na larga carreira dos seculos, ou particulares de Lisboa, ou geraes do Reino de Portugal, cujo abalo e sacudimento poderia ser capaz não só de sumir debaixo da terra, o Theatro Lisbonnense mas de fazer derrocar até os fundamentos de todos os outros edificios da antiga Lusitania, sem mais se ver signal ou rasto delles; entre todos os de que faz chronologica menção Joaquim José Moreira de Mendonça, temos por mais provavel, que o terremoto, que sepultou debaixo da terra o mencionado Theatro, foi o do anno de Christo 382 em tempo do Imperador Valente, ou o de 446 no Imperio de Theodozio 2.°; porque alem de serem universaes, ou quasi universaes, fizeram grandes estragos nas terras maritimas de Hespanha, fundiram muitas Cidades, e causaram outros horrorosos effeitos, que no mesmo escritor se podem ler. »

« Fr. Bernardo de Brito fallando a respeito do primeiro, confessa que fazendo elle mudança n'um logar, podê-la-hia fazer noutros muitos em partes diversas do que não houvesse memoria, por ficarem as cousas que succedêram em Portugal no tempo d'aquelle Imperador, sepultadas no commum silencio dos Escriptores, que occupados nas mudanças do Imperio, em todas as mais passam por alto. E sem embargo de terem havido outros terremotos posteriores, em que tambem poderia ficar debaixo da terra o Theatro Lisbonense, como o do anno de 1356 com que cahiu a capella mór da Sé, que ao pé della estava, como ainda está; e o do anno de 1531, sem fallar no anterior de 1504 de que faz menção Ozorio; nenhum destes julgâmos que foi causa da ruina do Theatro: porque não suppomos que o primeiro, ainda quando o mesmo Theatro se conservasse a esse tempo descoberto, cousa que não parece verosimil, podesse totalmente sepultado debaixo do chão; nem é de presumir que, succedendo o segundo a tempo que Rezende contava já 36 annos de edade, ainda que estivesse fóra do Reino, deixasse de saber ou antes, ou depois de tornar a elle, a existencia do nosso Theatro, para não lançar as Inscripções do mesmo no seu Promptuario de Letreiros, que naquelles tempos andava com geral aplauso principalmente nas mãos dos Britos, dos Cunhas, dos Marinhos, dos Vasconcellos, dos Cardosos, e de todos os outros Antiquarios, que delle costumavam extrahir documentos para prova de materias concernentes ao antigo estado da Lusitania. Ora, fazendo estes escriptores menção de muitas outras memorias, Cippos, e Marmores achados em Lisboa, e perto do Theatro Lisbonnense, como, por exemplo, na esquina do bêco do bogio abaixo da Igreja de S. Martinho; junto á Igreja de S. Mamede; na porta travessa da Sé da banda de cima sobre certa sepultura que estava em um arco, junto á porta de ferro no primeiro degráu da escada que subia para Nossa Senhora da Consolação; em um degráu da escada que subia para os Paços da Alcaçova; na porta do Sol; na porta d'Alfofa; e noutros sitios

Digitized by Google

nlli vesinhos fazendo commeração, digo, de todos estes logares, nenhuma fazendo de tal Theatro; signal de que não havia noticia delle até o seu tempo; maiormente sendo certo que os taes Antiquarios de nenhum modo a omittiriam nos seus Escriptos, por ser ella de tanto maior boato, quanto excede a grandeza de um Theatro a uma Lapida muitas vezes quebrada, com duas ou tres palavras, e uma explicação divinatoria, que os mesmos Escriptores com todo o cuidado se não dignam de apontar. A' vista de taes circunstancias não nos atrevendo a fazer ponto fixo em cousa tão incerta, o que nos parece mais provavel, é, que n'um daquelles terremottos acontecidos no tempo dos Imperadores Romanos, de que acima fizemos menção, dispegaria do alto do Castello alguma grande parte do seu terreno, e correndo, sobre o Theatro Lisbonense, deixálo-hia profundamente sepultado nas suas ruinas, como depois acconteceu a Villaquente no terremotto, que assima fallámos, de 1531, segundo refere o Auctor da Historia Universal dos terremottos. »

« A causa de fazer Caio Heio a erecção do Proscenio e da Orquestra em honra de Nero, foi reconhecer no referido Imperador este Augustal uma paixão predominante pelas representações Theatraes. Sabia pois, que no principio do seu Imperio, como refere Tuctonio, logo o mesmo Nero recitava versos não só dentro em Palacio, mas ainda no Theatro com tão universal contentamento de todos: que por isso lhe foi decretada a supplicação, e dedicada uma porção de taes versos, gravados em letras de ouro, a Jupiter Capitolino. »

« Chegára-lhe mais a fresca noticia, como parece, de que o referido Imperador lá do mais alto do Proscenio, vira os jogos Scenios votados aos Deoses pela eternidade do Império, a que havia chamado Maximos. Contemplava tambem a Nero atiçando as facções, ou bandos que havia em favor dos Histriões, de maneira tal, que, não querendo castigalos, e ás vezes premiando-os, aconteciam muitas revoltas no Theatro, pondo-se elle a vêla em algum logar occulto, e muitas vezes em publico. »

« Reflectia ainda nos célebres alicerces e vigamento sobre que havia levantado o mencionado Augusto a machina do Anfitheatro, no campo de Marte, cuja relação poderia encher muitos livros, como se explica Tacito. »

« Affigurava-se-lhe estar vendo descer Nero da sua Tribuna para a Orquestra, fazendo esta honra aos senadores que nella se assentavam. »

« Por estas e outras innumeraveis razões, que omitto, abalado e comovido Caio Heio de um grande desejo de obsequiar a Nero, como a seu Imperador reinante n'uma cousa a que o via inclinado por natureza e predominante paixão; e sentindo em si fortes impulsos, para mostrar a todos da sua parte, o quanto elle aprováva tudo o que éra do seu gosto e de sua complacencia; determinou erigir posetivamente o Proscenio e a Orquestra com os mais ornamentos do Theatro em seu Obsequio, vindo assim a fazer esta dedicação um Augustal a outro Augustal. »

E taes são os motivos, que obrigáram ao Augustal Caio Heio, segundo conjecturamos, a erigir em honra de Nero o Proscenio, e Orquestra com os mais ornamentos do Theatro Lisbonnense.

MUDANÇA PRODUZIDA PELO TEMPO.

Certo sujeito mandou chamar um pintor, a fim de tirar o retrato de uma joven que requestava, e por quem attingia o cumulo da maior paixão. Concluiu o artista o retrato com tal perfeição, que deixava surprehendidos a quantos o mostrava; melhorando muito na sua obra (segundo o costume) o que a natureza negára ao original: isto é, formosura. Porém, o tal namorado cego, ou para melhor dizer, tendo nos olhos a venda que nos prohibe enxergar os defeitos das pessoas que amamos, lhe disse « — Tomae esse retrato, e disaparecei da minha presença; sim esta boca não tem a graça, que possue a da minha bella; estes olhos não gozam a viveza dos seus, com que parece fallar ao coração; as faces amortecidas não imitam a mais viva roza de que as suas são perfeita cópia: finalmente os cabellos escuros em nada se aproximam áquelles fios de ouro com que a natureza ornou sua fronte, e o buril das graças avivou a sua belleza. Ide-vos, homem barbaro, antes que vingue por outros meios a offensa que me fizestes.... » Senhor, lhe disse o pintor perito e *experimentado*, justas são todas as vossas reflexões; mas olhae que nós, os artistas, nem todos temos o mesmo clorido, os defeitos que notaes são exactos, e filhos das tintas de que costumo usar em trabalhos desta especie; guardae o retrato por um anno, que é quanto se precisa para que ellas produzam o verdadeiro effeito. O apaixonado assim o fez; e no fim de poucos mezes, quando foi ver a differença que as tintas iam sofrendo, com o correr do tempo, já achou o retrato tão favorecido, que muito

Digitized by Google

custou ao pintor para receber o premio de seu trabalho.

Qual será dos nossos leitores, a quem não tenha acontecido o mesmo?

LITTERATURA GREGA E ROMANA.

(Conclusão.)

Extasiada fica a imaginação, quando reflectimos sobre este tão pequeno povo, civilisado no meio da barbaridade da sua epocha, unica estrella no firmamento obumbrado, possuindo poucas braças de terra, porém assaz forte, assaz corajoso e bravo para pugnar por sua liberdade e independencia, respeitado por nações cem vezes mais poderosas, produzindo tantos genios em tantos differentes ramos das sciencias. E mais se deva ella ainda, quando nos lembramos que não devemos dizer Grecia, porém sim Athenas, foco e reunião de tudo o que de illustre havia nas sciencias, nas lettras, e nas artes; pequena cidade de 40 mil habitantes, contando entre elles a metade em escravos, e que devemos portanto á parte po-los, calculando tão sómente as pessoas livres, que sós constituem uma nação, e de que unicamente se podem esperar melhoramentos intellectuaes e moraes; pois que o escravo nada esperando nos descobrimentos, que estão a seu alcance, prefere deixa-los amortecer na poeira do esquecimento, ao prazer de dar a seus senhores mais dados de felicidade e de riqueza. O homem é muito egoista, todas as suas faculdades se concentram no interesse pessoal, faltando este, quasi nada se arrisca a fazer.

O mais poderoso povo da terra, Roma, que de um covil de salteadores, por um chefe barbaro reunidos, tornou-se em pouco tempo o terror, e a Senhora do Orbe inteiro, não teve litteratura propria: com a conquista das nações mais civilisadas do que ella, com o accarretamento de escravos Gregos arrancados á força de seus lares paternos, as lettras se transplantaram com os individuos, e começaram a ser imperceptivelmente ensinadas. Os nobres confiam seus filhos a Hellenicos pedagogos; estes lhes abrem os thesouros de sua patria, e assim a Litteratura Grega abandona Grecia, e se aclimatisa em Roma, sem que a mais leve modificação a encubra. — «Os Romanos foram guiados ao estudo das lettras, diz Westermann, (*) por orgulho nacional, por ostentação e utilidade, que d'ellas devia provir para o adoçamento dos costumes, em quanto que a necessidade de se divertir e de se espraiar foi o principio creador da Litteratura Grega.» — Uma imitação, pois, ou para melhor nos explicarmos, a continuação das lettras Gregas se oppera n'essa orgulhosa cidade; os destruidores de Carthago tomam por typo de suas obras as producções da Attica.

A eloquencia em Roma toca a meta do sublime, a arena Oratoria lisonjêa os corações dos Romanos, que de enthusiasmo hombream em arrancar uns aos outros a palma e o premio. E' nos ultimos tempos da Republica, quando o tinir das armas rebumba em todos os cantos, quando a liberdade manifesta o verdadeiro caracter do povo, que Cicero se eleva nas azas do genio, abattendo os seus rivaes com a força da palavra; com a morte do maior dos Romanos a eloquencia á approximação dos Imperadores, foge como o cordeiro do lobo; os despotas não necessitam de Oradores, para lhes dizer a verdade.

A Philosophia não medrou em Roma, apenas alguns Romanos d'elevado talento se erguem um pouco até ao conhecimento dos auctores Gregos, á comprehensão das obras de Socrates, Aristoteles, e Leno; porém ficar estacionarios, não fazem marchar a sciencia, e são meros representantes de antigos systemas.

A poesia, como todos os outros ramos da Litteratura, é uma imitação, nada ha, de original, nada de accommodado, proprio e peculiar ao caracter Romano; é verdade que mui pequenas modificações demarcam os limites dos caracteres, e os differenciam, pois que a religião era a mesma, e por isso de alguma sorte são desculpados. O seculo de Augusto honrou-se com Poetas dignos de emparelhar com os primeiros da Grecia; porém a gloria da invenção pertence aos ultimos, pois que os Romanos realçaram, mas em carreira já encetada. A musica tragica nunca foi conhecida em Roma; porque o republicanismo de seus habitantes não consentia que sobre a scena se mostrassem seus grandes homens, especie de disdouro, que suas intelligencias orgulhosas julgavam dever recahir sobre todos. Nas Republicas altivas, e nas Monarchias absolutas, não é permittido que se honre, ou se altive, o que de alguma sorte constitue sua grandeza publica. Ora o Theatro é um tribunal terrivel, onde os homens, cujos nomes traça a historia com caracteres indeleveis, devem apparecer com suas virtudes, e crimes, revezes, e felicidades, para receber a gloria ou o opprobrio; portanto o Poeta não póde representar diante do povo, factos de sua historia, que só com a lembrança de ter sido seus, não quer que

(*) Geschichte der Beredtsamkeit in Griechenland und Rom. Vier Buch.

Digitized by Google

se lhes toque, ou diante dos Reis, os grandes crimes politicos, que não podiam ser commettidos senão pela vontade ou influencia dos antepassados Monarchas. A comedia, cuja missão é de zombar, e de criticar para moralisar, não foi mais feliz do que o drama; foi-lhe mister recorrer a vestes e nomes de nações estrangeiras, para poder pintar o ridiculo dos Romanos.

A historia no começo em Roma segue as pisadas que na Grecia tinha traçado; Tacito julga que a penna do historiador devia marchar com a critica, apresentando lições com os acontecimentos, arrancando do meio dos factos inducções Philosophicas, não perdendo d'este modo sua essencia, discortinando e parenteando os destinos da humanidade, e analysando-a com um olho d'aguia, não dissecando o cadaver como o anatomista, mas sim revivendo-o como o physiologista.

Um dos crimes da tyrannia é a degradação dos talentos; com razão se exprime B. Const. nas suas miscellanias politico-Litterarias, constrangendo-os ao silencio, ou á lisonja, por isso os homens talentosos, que, quaes esparços faróes no meio dos mares, raiam no tempo dos Imperadores, não pudendo usar da nobre manifestação de suas faculdades, correm a procurar um refugio, para escaparem da adulação, estudo da Legislação civil; e tanto a aperfeiçoam, que inda hoje serve de fonte a todas as Legislações modernas.

Um sêr sublime levanta na Judéa o estandarte de uma nova religião, que estava destinada á governar a mór parte do mundo, prega o sustento de uma lei divina, a presença de uma influencia moral, a separação dos poderes espiritual e temporal, a abolição da escravidão, a verdadeira egualdade dos direitos dos homens, e em paga dos beneficios, que ao Universo trouxe sua doutrina, foi injuriado e martirisado! Este maior dos Philosophos e moralistas, foi Jesus Christo. Em Roma introduz-se insensivelmente sua doutrina, disamparando a terra, onde as cinzas jasiam do seu divino auctor, e com a politica de Constantino toma o logar da antiga religião, affugentando as divindades pagãas, que sobre as visinhas ficções do Polytheismo se apoiavam, qual vivificante primavera, que os gêlos derrete, que jasiam pousados sobre o cume das montanhas durante o hiverno. — «Os antigos Romanos, diz Boutterweck constituiam o principio predominante de seus habitos, no poder da alma sobre si mesmo.» — Em quanto que os subditos Imperiaes antepoem a todo o sentimento de honra o egoismo e o interesse. Com indignação lêmos nós as paginas aviltantes da historia Romana depois de Augusto; é o tempo da baixeza d'escravos, que se arrastam, quaes vermes, sob os passos dos grandes, de uma aristocracia sahida da poeira e das franjas da vileza á força de adulações, prestes a passar debaixo do jugo da ignominia, a deixar gravar sobre suas frontes a dishonra, com tanto que suas mãos recebam o premio de sua abjecção e servilismo, como todos os dias vemos cortesãos modernos aliviando seus corações de homens, enxovalhando-se com a poeira dos palacios, para obter a permissão de amarrar ao peito fitas e commendas, não se lembrando, que em vez de honra-los, servem sómente de provas de suas vergonhosas acções.

Edade media.

A base do Imperio estava solapada: uma grande convulsão no edificio inteiro presagia a destruição. A antiga civilisação tinha-se elevado ao pinaculo de sua organisação, por accessos cada vez mais terriveis; precipita-se na mais completa barbaridade. O Imperio Romano é invadido por hordas de povos do Norte; uma geração de homens disappparece, uma nova, e differente origem, marcha sobre a terra, que cobre seus cadaveres: similhante á innundação de um rio, arrasando o que se oppõe á sua correnteza, esta multidão disordenada de homens não poupa os antigos habitadores, e a ferro, e a settas, os perseguem, como animaes ferozes. Novas nações barbaras sobre estas se despenham, como as ondas no mar, e somem-se todas, umas após outras; porque suas instituições selvagens insufficientes eram para conservar a vida dos povos. Dous homens de genio tentam levantar uma nóva civilisação, Mahomet no Oriente, Carlos Magno no Occidente, fundam dous grandes Imperios, que em breve se disfizeram; porque o momento de sua reorganisação inda não era chegado; porque os costumes inda não estavam fixados. Crimes, mortes, envenenamentos preenchem as paginas da historia de dez seculos da vida da humanidade; ao bello dia de Roma succedeu uma noite opacca, eclypse longo e espantoso das revoluções do espirito humano, epopea terrivel e cheia de uteis lições nos destinos do mundo! Toda a protecção social cessa; os Reis, e os Emires lançam mão de um poder violento e temporario, senhores accidentaes de uma fracção do territorio, ao acaso circunscripta. As cidades, aldêas, proprietarios, todos se fortificam, e se armam para sua propria defensa; construem castellos rodeiados de caudalosas torrentes e de pontes levadiças, onde se fixam e se cultivam aos furores dos adversarios; guerra universal, vassallo contra vassallo, cidades contra cidades, paisanos contra paisanos, cada qual com sua espada quer dictar lei, e reconstruir á força

os elementos da sociedade. D'aqui data a origem da feudalidade da edade media.

No meio d'este cahos espantoso, uma parcella de sociedade foragida, tinha seu escondrijo na solidão e na inacção das cellulas; os poucos homens instruidos não habitavam o mundo, moravam nos conventos, porém seus espiritos vagavam e se perdiam nos seculos passados, não se importando se de alguma utilidade podiam servir ao presente, ou pairaram no circulo de uma Philosophia, chamada Escholastica, tirada das doutrinas de Aristoteles, modificada e corrigida por pequenos espiritos, de tal maneira, que não se podia n'ella reconhecer o toque do mestre, affigurando-se ao olho pensador um campo semeiado de plantas áridas, e entrecortado de precipicios. Apenas de quando em quando as vozes da religião retiniam nos ares, como no deserto, não achando quem lhes respondesse, vibrando por um São Bernardo, São Chrysostomo, São Gregorio. Apenas apparecem um Abeilard, um Phocio, um Eusebio, um Agostinho; eram como luzes perdidas nas florestas para ensinar o caminho ao peregrino affadigado, e que o leve sopro do vento apaga logo, e d'est'arte nunca cessa a escuridão. A ignorancia debruça-se sobre os Barões, que só se honravam em bater-se sobre os Barões, que só se honravam em bater-se nas lustas e torneios, em manejar as luzentes armas, em enviar *seu cartel de desafio* aos seus adversarios, não se importando de educação, nem de instrucção; pois a mór parte não sabia lêr. Ao leitor deixamos avaliar o estado da plebe. Felizmente para a humanidade nos fins do seculo XI o grito do Heremitta Pedro em Constantinopla, encontrando um echo, que com enthusiasmo lhe respondia em toda a Europa, fez levantar essa massa de homens de todas as hierarchias, ignorantes do que hiam fazer, só o brado escutando de — DEUS O QUER — fanaticos e ávidos de brilhar; as cruzadas appressavam os passos da liberdade e da civilisação moderna, creando as *communs*, e arrancando de seus ferreos Castellos tantos nobres feodaes, para defenderem o tumulo de Jesus Christo em Jerusalem, donde poucos voltaram. *S.*

INFLUENCIA DOS COMETAS.

Desde os mais remotos tempos a generalidade dos homens não viu nos cometas, senão o que lhe dictava uma imaginação exaltada, e sem freio; um pequeno numero, porém, só os encarou como objecto do estudo e de reflexão. Assim em quanto os potentados da Europa consultavam os astrologos, (1) os Chinas passavam as noites em observação. Em 837 appresentando-se o quarto cometa inscripto na cometographia, o chefe dos Normandos o toma por signal da cólera celeste, e para aplacar, funda mosteiros; por estes e outros meios disenvolve-se a lei do Celibato. Em 1456, apparecendo o cometa de Halley, o Papa Calisto II ordena preces publicas contra o cometa, e contra os Turcos, e para que não houvesse esquecimento manda, que em todos os logares, se tocassem os sinos, na passagem do Sol pelos respectivos meridianos; (2) dahi data o costume de tocar aomeio dia.

A estes e outros factos seguiram-se as memorias de Sydenham, as dissertações de Lubienietski, e de muitos outros. Em 1818 o *Magasyne* narrando os grandes feitos do cometa de 1811 acaba o seu artigo por estas palavras «o que ha, de muito notavel, é que na metropole, e em seus soburbios nasceram muitos gemios, e a mulher de um çapateiro de Whitechapel teve 4 filhos de um só parto.» Vê-se, pois, que o bello sexo não está livre da influencia dos cometas, ainda mesmo nas altas funcções da maternidade. Em 1829 M. Forster publicou uma obra sobre este objecto, segundo ella, com mui pouca differença, tudo quanto é máu é obra dos cometas; nós deixamos de parte a peste, a fome, a guerra, as tempestades etc., etc.; dous exemplos menos fatigosos nos mostraram até onde chega a influencia dada a estes astros. Em 1746 os gatos na Westphalia adoecem: a causa é um cometa, que existe no horisonte; n'America uma grande quantidade de pombas apparece no hinverno; a razão é, que um segundo cometa está submettido ás observações.

Se nós tencionassemos responder a estas exageracões, começariamos por perguntar ao auctor; que males causou o mais notavel dos cometas modernos, e um dos que, mais se aproximou da terra, isto é o cometa de 1680? qual a causa da grande e extensa tempestade de 1833, pois n'nesse anno não appareceu um cometa? mas responder seria dar peso ás extravagancias.

Quanto a nós os effeitos dos cometas serão superiores aos dos planetas n'isto = que elles nos farão melhor conhecer os espaços celestes, abrirão novo e vasto campo ao genio, avançarão as sciencias, e fornecerão sublimes imagens á poesia.

(1) A palavra Astronomia é composta de Αστηρ astro, νόμος lei; Astrologia de Α'στήρ, astro λογος, discurso. Astrologia designa hoje uma reunião de idéas supersticiosas, com a qual se pretende ler nos astros os acontecimentos que devem ter logar na superficie da terra.

(2) Merides, meio dia.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 25) Publica-se todos os Sabbados. (Junho 20, 1840.

OS TUMULOS.

Se tendes animo para abandonar por um momento os turbulentos folguêdos do grande mundo; — se vos não fallece a coragem para deixardes as brilhantes illusões que vos cercam; — se finalmente vos sobeja o valor para que possaes observar com os olhos da rasão, e isento de mundanas preocupações o quadro da humana existencia, e dos desvarios que a acompanham; deixae o estrepitoso bulicio da sociedade, concentrae todas as vossas forças e no silencio da solidão ide meditar uma vez ao menos para um d'esses logares consagrados ao ultimo repouso dos mortaes, ... para um cemiterio, ... um asylo dos nadas!

Ide perscrutar os segredos dos tumulos, escutae-lhe as misteriosas revellações, e na presença do venerando leito da eternidade, cercado de todos os tropheus mortuarios, conhecereis quanto é ephemero e fragil o periodo da vida humana, em que os mesmos prazeres trazem comsigo crueis espinhos e amarguras!

¿Que homem será tão insensivel, que á vista da urna funeraria, não sinta correr-lhe nas veias um sentimento profundo de humilhação e respeito? — ¿Que alma haverá tão dura, que não sinta apossar-se de um santo e involuntario terror ao contemplar o expectaculo do nada a que se reduzem as grandezas humanas? — Embora o ignorante e o lebertino lancem um olhar de escarneo e de dispreso sobre as geladas campas dos sepulcros; ou ousem até erguer mão sacrilega sobre as cinzas, que dormem o somno da eternidade.

Embora um systema de extravagante philosophia, nos faça vêr no tumulo, unicamente o deposito de uma materia, que o tempo corrompe e consume: — a verdadeira philosophia dando um vôo mais elevado ás nossas idéas e crenças, alli nos appresenta uma lição de pura e interessante moral: o homem verdadeiramente philosopho, alli encontra um vastissimo campo de meditação: e o homem sensivel, contemplando a incommensuravel extensão da eternidade, e penetrando-se de um sentimento religioso, sente desvanecêrem-se-lhe todas as dores, e mingoarem-lhe no peito todos os sentimentos de amargura e de pezar.

Objecto de veneração e de respeito, o tumulo é o ponto, que marca o limite dos dous mundos; é alli, que naufraga o baixel da vida combatido pelas tormentas das paixões; é alli, que successivamente vem dispedaçar-se o brilhantismo de todas as honras e dignidades do universo; alli terminam as inquietações da existencia, e começa o reinado de um eterno repouso! — Debaixo da funebre campa do sepulcro, o passado, presente, e futuro, se esvaecem; os titulos, as honras e as grandezas nivellam-se e confundem-se; e o tumulo obtem, a final, o que as instituições humanas ainda não poderam conseguir: = estabelecer a perfeita egualdade entre os homens!

Mas se á vista dos funebres monumentos da morte, não podemos deixar de sentir um estremecimento profundo, que nos abala as mais reconditas fibras do coração; a presença d'aquelles lugubres objectos não deixa todavia de ser muitas veses um balsamo salutifero, que serve para cicatrizar as feridas, que nos dilaceram a alma. Ah! quantas veses, fugindo dos homens, e recuzando confiar-lhes suas penas, o disgraçado vae disabafar sua dôr sobre o tumulo, que encerra os finados restos de um mortal?! Quantas veses, prostrado ante a funebre lapida, abraçado com o tronco do luctuoso cipreste, fiel atalaia da sepultura, entre suspiros e lamentos invoca o esposo inconsolavel a extincta consorte; chama o amigo pelo amigo; o pae desditoso pelo filho que a dura parca lhe arrebatou no verdor dos annos; e o infeliz amante pela amante, que lhe tor-

Digitized by Google

nava chara e deliciosa a existencia?! Quantas veses a vista de uma tosca louza arranca do fundo d'alma amargo pranto? Mas essa louza occulta ao mortal os despojos de um parente, de um amigo ou de um amante; ah! quanto é então aflictiva a recordação da ternura e da amisade cercada dos funebres atavios da morte! — quanto são penosas as reminiscencias de amor, pairando sobre a campa do sepulcro! — Mas o braço da providencia nem sempre abandona o desgraçado; e assim como ao indomito furor da borrasca, succede a placidez da bonança; assim tambem, á desordem produzida pela intensa amargura dos dissabores, segue-se o frio socêgo da insensiblidade, e apoz d'elle renasce ás veses a alegria. O infeliz dando livre curso a seus queixumes, e deixando espraiar toda a vehemencia da dôr que o opprime; vê a taça dos soffrimentos, que começou por trasbordar, esgotar-se a final, e a pouco e pouco sente introduzir-se-lhe na alma um sentimento puro de resignação e de confôrto.

MORTE DE D. JOÃO DE CASTRO:

ALGUNS TRAÇOS DE SUA VIDA.

Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.
Camões Cant. X. Est. LXIX.

De entre esses Varões illustres que, por seus feitos grandiosos, se immortalizaram e honraram a Patria Mãe, conta-se em subido gráu D. João de Castro; 4.° Vice-Rei das Indias. — Homem de singular valor; exemplo e victima da probidade; espelho de honradez de caracter, raras vezes imitada; objecto d'admiração, durante a vida; é impossivel deixar de contemplar este heróe Portuguez em seu leito de morte. — D. João de Castro foi com effeito o typo das almas grandes, dessas almas nobres, que são superiores ao infortunio, que zombam dos embaraços da vida, que arrostando com a adversidade, que com mão de ferro, e como por escolha, busca esmagar, legam á posteridade um padrão de virtude, e alevantam ao seu nome monumentos de gloria, que o halito destruidor dos seculos não vale anniquilar. — João de Castro reunia, em summa, as qualidades de verdadeiro Portuguez.

Havendo dado provas exuberantes de coragem, de fidelidade e rectidão ao seu Rei, e á Nação que honrava, João de Castro, ralado, não de remorsos de malvado, que esses não poderam entrar em seu coração puro; não de intrigas da Côrte, que estas mal lhe poderiam dislustrar o merito; mas de contrariedades, que sempre encontra o homem grande, e de disgostos que lhe causou principalmente a sublevação da tropa, que obstinadamente exigia sua paga, ralado (dizemos) de consumições, accommettido d'uma febre grave, desceu á sepultura, pobre como Valerio, no dia 6 de Junho de 1548; contando só quarenta e outo annos de edade. — Nem lhe serviram de lenitivo as magnificas demonstrações de jubilo do Monarcha (D. João 3.°), e do Infante D. Luiz, pela victoria alcançada no memoravel Cerco de Dio; em cuja recompensa ElRei lhe prolongava pelo o espaço de trez annos, para elle o Vice-Reinado, e para seu filho o Generalato do mar; e afora gratificações e honras, um reforço de dezenove navios. — Mas a hora derradeira ia soar, e *como contra o Ceu não valem mãos*, elle assim que observou, que a parca inexoravel abria os anneis da thesoura que lhe houvera de cortar o fio á existencia, chamou junto de si as cinco principaes pessoas do Estado, e o celebre S. Francisco Xavier. Depois, com a mão sobre o Evangelho, articulou com enfase as palavras seguintes: « Juro que » nunca em proveito meu tirei bens d'El- » Rei, ou dos particulares; nem acceitei » presente algum; que não havendo, há » tempos, recebido os meus soldos, meu pa- » trimonio está empregado em o serviço do » Estado. Vejo-me, accrescentou elle nesses » momentos solemnes, vejo-me em situação » tal, que me falta o simples necessario de » que os soldados gozam no hospital. Nem » mesmo hei tido com que comprasse um » frango, que o Medico ordenou comesse. » Nesta pobreza extrema, nesta miseria ul- » tima eu vos supplico me façaes alimentar » á custa do publico, ou da casa da Mise- » ricordia por esse pouco tempo, que me » resta viver. » — E quem era esse homem que acabrunhado pela miseria, quasi debrucado sobre a sepultura, tocando quasi os umbraes da morte, supplicava a esmola de lhe conservarem o resto da existencia?!

O Portuguez honrado que, mediante annos, havia exercido um poder illimitado no mais rico paiz do mundo, aonde até agentes subalternos amontoavam immensas vezes sommas consideraveis!! — Castro se encerrou depois com S. Francisco Xavier, curando só de sua salvação, até que entregou a Deus o espirito, que o animava.

Os bens, que elle deixou, não passaram d'um pequeno armario, em que se acharam

Digitized by Google

tres tangas lárins; que tão pouco era todo o seu dinheiro. — Ali se encontraram tambem umas disciplinas tintas de seu sangue, e a porção do cabello que empenhara pelas urgencias do Estado: successo que vamos referir. — D. João de Castro, depois de haver obrado tantas façanhas na defensa de Dio, julgando que esta fortaleza arruinada mal poderia ser reedificada, resolveu em 1547 mandar construir outra. Porém o thesouro Real achava-se exausto, e era mister que os prestadores de fundos tivessem mais do que tudo confiança no Vice-Rei. — Para triumphar d'esta difficuldade concebeu elle a idéa de enviar ao Conselho, e á Cidade de Gôa o corpo de seu filho D. Fernando, morto gloriosamente no apertado e formidavel Cerco de Dio, aonde se assignalára pela mais denodada valentia, de que foi victima. Mas falhou a Castro a lembrança; porque o cadaver já não estava em circunstancias de sêr transportado. — Então achou em si proprio recurso: enviou porção de suas barbas com uma carta obrigativa, afim de obter o dinheiro que tanto precisava. Lembrou-se elle (e lembrou-se bem), que as pessoas a quem escrevera não julgariam capaz de as enganar um homem, que não podendo empenhar o corpo de seu filho por uma divida de honra, dava em refens uma parte de si mesmo! ¿Aonde se viu tanta honradêz; quem há hoje ahi que ouse imital-o?! — Suas virtudes eram na verdade mui bem reconhecidas para se lhe não dar ouvidos, e a satisfação dos ultimos accontecimentos em Dio fôra de tanta heroicidade, que o Conselho e os habitantes de Gôa lhe mandaram quantias superiores ás que exegia, juntas a uma carta cheia de affecto e acatamento, reenviando-lhe ao mesmo tempo o penhor, que elle havia dado de sua palavra. Todavia a palavra de Castro não carecia de penhores. — As Senhoras nobres de Gôa lhe offereceram todas as suas joias, como já outrora o haviam praticado, no entanto desta vêz não foi o sacrificio considerado por Castro necessario, e por isso as recambiou taes quaes as recebera.

A cidade de Gôa não tardou muito a reembolçar-se do seu emprestimo, e Castro assim o conseguio por haver tomado um navio, em que se acharam sommas de ponderação. E d'esta arte veiu elle, não só na terra Patria, mas no Oriente adquirir jus a titulos de respeito e veneração.

Couza rara entre os miseraveis humanos, D. João de Castro deu bastas provas de recusar sempre enriquecer-se. — Depois do Cerco de Tunes foi o unico dos officiaes Portuguezes que se eximiu a acceitar os dous mil ducados, que o Imperador Carlos 5.° déra a todos. — Havia-se já pelo mesmo motivo subtrahido a Governar Ormûs, e a receber uma pensão que ElRei lhe mandara dár, quando passou ás Indias. » Nada hei feito ainda, » disse elle, para merecer recompensas. » E quando lhe offereciam presentes, que não havia recusar, metia-os no thesouro Real.

Conta-se delle, que proximo a deixar Lisboa vira em caza d'um Alfaiate um vestido algum tanto elegante, destinado para um dos seus filhos; elle immediatamente o despedaçou, e dirigindo-se ao Alfaiate. « Di- » zei a meu filho, que mande fazer armas, » e depois ainda armas. »

D. João de Castro em fim foi na sua Nação um Aristides, ou um daquelles Romanos dos primitivos tempos, que levaram a excessivo ponto o amor da simplicidade.

Castro inquestionavelmente mereceu, e merecerá sempre, bençãos e ternas da posteridade, por nunca querer locupletar-se por meios illicitos, apesar dos exemplos que via (e quantos mais não viria se existisse hoje!); Castro indubitavelmente mereceu a especie de culto que se lhe há votado; mereceu justamente que seu nome só se pronunciasse com respeito; e bastára o quadro de sua miseria traçado por elle proprio, na hora derradeira da existencia, para sensibilizar corações de marmore: mas, sem querer-mos de sorte nenhuma alterar as homenagens que lhe são devidas, póde com tudo avançar-se, que melhor fizera, recebendo elle dos soberanos que servira demonstranções de bem entendido reconhecimento do que expor-se a implorar, prestes a exalar o ultimo suspiro, o amargo e negro pão da dependencia, a charidade publica! — Tanto é verdade, que as virtudes mais appreciaveis deixam de o sêr, se peccam por excesso.

FEITOS MEMORAVEIS PRATICADOS NO PRIMEIRO CERCO DE DIO.

A historia há conservado em suas paginas muitos rasgos d'admiração: eis-aqui alguns.

João da Fonseca, ferido no braço direito, com que elle manejava diligentemente a sua meia lança, mudou-a para a outra mão, e continuou a combater. Elle patenteou o seu discontentamento a Mendes de Vasconcellos, que duas vezes o exhortara a retirar-se.

Penteado, perigosamente ferido na cabeça, fugindo do Cirurgião no meio do curativo, recebeu segundo golpe, voltou ainda ao combate, e não se retirou antes de ser ferido uma terceira vez.

Digitized by Google

João Rodrigues homem vigoroso, e de muita coragem, foi sem duvida o que, durante este Cerco memoravel, fez mais damno aos inimigos; porque, arriscando-se a morrer, lhes arrojava panelas e barris de polvora incendiados, que matavam e feriam um numero consideravel de contrarios.

A estes rasgos de bravura se reune o que praticou um soldado que, no calôr d'acção, falto de balas arrancou um dente, e com elle carregou a espingarda.

Mas tambem o que é authentico, e que não deve ficar sepultado no esquecimento, é o valor das mulheres Portuguezas, egual ao dos homens.

Uma dellas D. Isabel da Veiga era esposa d'um official que, antes de commeçar o Cerco, quiz envial-a a seu Pae, o qual existia em Ciôa. Ella jurou querer viver, ou acabar em sua companhia. Quando os attaques commeçaram, ella, Anna Fernandes, mulher do Cirurgião-Mór, reuniram todas as outras mulheres, e lhes communicaram a deliberação de que estavam animadas. Então, debaixo da conducta destas duas heroinas, a quem a antiguidade haveria elevado altares, ellas correm todos os perigos dos sitiados, envolvendo-se entre os combatentes, animando-os, e conduzindo-lhes aos logares mais arriscados as munições e as armas.

ELMANO A * * *

EPISTOLA.

Lindos olhos gentis que me enfeitição
Olhos, que adoro, o que inspirastes, lêde:

. . .

Agora que os mortaes ao somno entregues,
Seus pezares, seus gostos esquecendo,
Nos braços de Morfêo tranquillos gosão
De socego, negado aos desditosos;
Quando em torno de mim nada se escuta
Mais que o rumor das folhas agitadas
Por brandos ventos, quando só ao longe
Do mocho piador se ouvem os échos;
Ati, minha adorada, ati dirige
Meu terno coração as vozes suas
Desta alma, que he só tua, frases puras.
Em ti, na tua imagem embebido,
Do mais, e de mim mesmo, me esquecendo,
Apráz-me dedicar-te inda os momentos,
Que ao socego pertencem; porem como
Socego pode ter, quem de ti longe
Só anhéla o instante doce, e grato
De a teus lares voar, de vêr teu rosto,
D'esquecer, junto a ti, seus negros males,
Males, comque, não raros, tem juncado
Triste destino meu, meu fado escuro.

Acredita-me oh Bella! Oteu Elmano,
De fallar importuna não mauchado,
Hé sincero, meu Bem, fingir não sabe
Sensações, que só tu sentir lhe fazes.
Se outrora, antes de vêr-te, insano, e louco
Meu tributo paguei aos verdes annos,
Agora, bem differente, só aspiro
Tua posse merecer, tornar-me digno
De teu chamar-me hum dia, de, a teu lado,
Unido até p'ra sempre em laço estreito,
As delicias do céo gosar na terra. (*)
Da melhor ametade da minha alma,
Que és tu, meu doce Bem, acompanhado,
Estudar sempre em teu prazer seguir;
Tua vontade, lei p'ra mim sagrada,
Vêr-me-has sempre cumprir, regerás sempre
Qual hoje réges, a vontade minha:
De viver só p'ra ti, de consagrar-te
Minha vida, minha alma, a essencia minha,
Eis o céo aque aspiro, eis os meus votos!

Mas que tristes lembranças vem de novo
Desfazer, transtornar a idea grata
Da minha felicidade?.... Sim, querida,
Com que tristesa, com que magua o diga!
Passar-se-hão dias, mezes, talvez annos,
(Inda annos!.. ah! Que idéa!.. Eu desespero!..)
Que sem ti viverei, terei ainda
Outra vez de deixar-te, d'entregar-me
Das ondas ao furor, do mar aos perigos:
Dizer-te hum triste Adeos, oh dor! oh pena!
Pena só semilhante áquella quando
C'o a dor no coração, no rosto o pranto,
De ti me separei, quando minha alma,
Prestes a seccumbir, então parecia
Querer-me abandonar por não deixar-te,
Por não deixar aquella, aquem pertenço!
Esses momentos, que tão curtos voão.
Se ao teu lado, meu Bem, contente os passos,
Seculos parecerão ao triste Elmano,
Quando, longe de ti, volver seus dias
Na dôr, na solidão; ermos desertos
Os sitios parecerão mais populosos
A'quelle que sem ti julga vêr nada,
Aquelle que sem ti viver não póde.

Mas das minhas tristesas, meus pezares
Bem pago me darei, se ainda hum dia
Pre-enchidos chegar a vêr meus votos;
Se na posse do Bem, por quem suspiro,
Em almos, em tranquillos, e inocentes
Prazeres, quaes do Céo, passar meus dias!

Mas que terrivel, que medonha idéa
Se apodéra de mim, me despedaça!...
Do sexo, a que pertences, ah! foi sempre
Voluvel inconstancia o distinctivo!

(*) Bocage.

Digitized by Google

Que!... Far-me-as inda vêr teus olhos fitos
De hum rival no semblante? oh dor! oh raiva!
Oh desesperação peior que a morte!
Não! Nunca tal verei, trema o prevesso,
Que o meu unico Bem tentar roubar--me
Meu braço punirá o temerario,
Cahirá a meus golpes, e inda quando
Semimorto a meus pés o ultimo arranco
Exhalar, inda então será meu gosto
Seus membros lacerar, e, inda quentes,
Trincar-lhe o coração, beber-lhe o sangue!... (1)

Mas onde me arrebato? Que delirio
Se apodéra de mim? Ah! só pensa-lo
Vê, como me transtorna, e me enlouquece!
Não minha doce amada, o teu Elmano
Não te julga capaz da traição feia
D' inconstante lhe ser; tua alma pura
Resfalsada não he: já desde quanto
Amar-te comecei, não foi somente
Pelos dotes externos que te adornão,
Por tuas perfeições não foi sómente
Que tu me captivaste, inda tens outras;
N'alma tens as virtudes, e a constancia
He d'ellas o esplendor, o brilho o esmalte.

Conservando, meu Bem, em nossas almas
Pura ingenua, sem mancha, a affeição nossa
Hum do outro serêmos; sim jurêmos
De sempre fieis ser, de sempre amar-nos;
Viremos hum p'ra o outro nossos votos
Propicio escutará hum Deos que vella
Sobre a dita fazer dos que protege.
Mas se o destino meu se a lei sua
Decretado tiver que o triste Elmano
Aos seus males succumba, aos seus pezares;
Se da morte cruel o extremo golpe
De ti me separar então gravada
Na tua alma fiel; do teu Elmano
Fique a terna lembrança, e da fé pura,
Que elle te consagrou, ah! Não t'esqueças;
Lembra-te então de mim... sòmente oh Bella
Memorias minhas teus amores sejão (2)
Então eu passarei ao reino amigo
E tu irás depois lá ter comigo. (3)

CODINA.

☞ Não levamos n'este artigo a ortographia que havemos seguido, por o Author desejar, que nos seus artigos se conserve a que elle segue. (4)

(1) Bocage.
(2) Idem.
(3) Gonzaga.
(4) Nota dos RR.

O PARAISO PERDIDO,

POEMA DE MILTON,

Traduzido em verso portuguez

PELO SR. DOUTOR

Antonio José de Lima Leitão.

Entre essa multidão d'innumeros escriptos frivolos e ridiculos, que diariamente estão sahindo dos prélos fatigados; que enjoam o paladar do mais ignorante leitor, e cançam a paciencia do mais indulgente; ainda, de vez em quando, surge no horisonte, como estrella de luz, uma ou outra obra de merecimento incontestavel, que nos vem provar, não estar de todo ainda acabado o gosto pelas lettras; e são um testimunho irrefragavel da boa disposição que ha sempre em receber e apprecciar as producções mais elevadas da litteratura, e os mais sublimes vôos do espirito humano.

Entre estas, uma nos veiu á mão, que de ha muito desejaramos ver trasladada para a lingua materna — queremos fallar do Paraiso perdido de Milton. —

Milton, um dos maiores genios de que se gaba a Inglaterra, e que têem apparecido no mundo; porque pouco faltou que as suas differentes cidades não disputassem a honra de lhe darem o nascimento, como outrora na Grecia a mesma honra pleitearam as sete cidades de serem a natal de Homero: Milton é um d'aquelles poetas que exige maior erudição e muito talento para ser compreendido, e muito mais trasladado para qualquer lingua. A sua vida foi um tecido d'aventuras e infelicidades, a ponto de nos ultimos dias que passara neste valle de desterro, o fogo que lhe ardia n'alma, lhe queimar a vista com que tinha admirado e observado a natureza: sendo mais por esse lado bem comparavel ao poeta da Grecia, e ao bardo da Escossia a quem Deus cerrou os olhos, para que só podessem produzir o mundo que tinham creado em sua imaginação.

E o mundo de Milton quão grande e sublime não é!! — Apenas cada seculo conta um d'estes poetas; — são homens escolhidos por Deus, e que não sabem para que foram destinados; que executam uma missão, e não são compreendidos; que lançam os seus pensamentos divinos para o meio da multidão que os cerca, e depois disapparecem sem que se saiba o que d'elles foi feito; em que se tornou esse genio de sublimidades, esse pen-

Digitized by Google

sar tão energico, esse prophetar tão certo de poeta! — Hoje dispregados e esquecidos; amanhãa sublimados e collocados n'um throno; agora alvo do ludibrio e escarnecer das turbas; amanhãa seu amigo e seu rei; a vida d'estes homens é um tecido de incompreensões, um abysmo de duvidas, um drama de impossibilidades, uma maravilha, um fenomeno da creação. — Nascem, vivem, e morrem, sem que os sabios os definam, sem que as turbas os compreendam: mas aguardae, deixae volver os annos; e então vereis a sua memoria quebrar a lage do sepulchro, erguer-se do pó do olvido em que jasia ha tanto espaço sepultada, para se mostrar sublime, grande, immensa, e compreensivel. — E' proclamada então a sua missão pelos sabios que os não difiniram, pelas turbas que os não entenderam; e seu nome d'ahi em diante transporá os seculos, e viverá na eternidade.

Antes de Milton compôr o seu divino Poema, cegou-lhe Deus as vistas do corpo, mas aclarou-lhe as da alma; fechou-lhe e escondeu-lhe um mundo todo material, para lhe abrir e pôr patente um outro todo d'imaginação; negou-lhe as scenas desta natureza, cujos encantos já havia admirado, para lhe rasgar o veu que outra encobria mais perfeita e mais pura, e muito mais para querer e amar; e então as trevas que o rodeavam, se tornaram n'um sol formosissimo, que lhe alumiou em sua alma toda uma creação perfeitissima de verdadeiro poeta, e a que só bastou dizer o divino *fiat*, para que fosse feita, e sahisse com todo o primór que em seu espirito a concebera.

E nem cuideis, que com as forças do corpo affrouxaram, e se ennervaram as da alma, antes mór vigór tomaram e receberam com esse desar da materia. — E foi então que Milton produziu a sublime obra do Paraiso Perdido; e foi então que o mundo devia pasmar com tão divina creação! —

Já se vê do que levamos dito, que a obra do Poeta Britanico foi um pensamento de regeneração para a litteratura ingleza; e como tal o Paraiso perdido appresenta as maiores difficuldades para ser traduzido; accrescendo não ser a lingua de Pope que o traductor vae verter, senão a linguagem rude e informe que ainda se fallava e escrevia na epocha de Milton; não sendo a suavidade e pureza da dicção que o fazem recommendavel; mas antes a sublimidade dos pensamentos, a grandeza d'idéas, a energia e naturalidade das descripções, a nobreza e propriedade das imagens, e finalmente o interesse e movimento que derrama por toda a sua concepção, e o bem conduzido de tão formoso ideal.

Muitas e varias traducções têem apparecido do Paraiso Perdido: querendo todas as nações transplantar para a sua terra a bella arvore que o grande Poeta fizera florescer em Inglaterra. As mais falladas são as de Paulo Rolli, Felix Mariottini, Samuel Grootner, do Arcediago d'Alcaruz, e a de Delille. Além das grandes faltas, e numerosos erros que se encontram nas traducções destes diversos traslatores, accresceu ao ultimo o não fazer mais que uma bella parafraze do Epico inglez, uma sublime imitação; pois se cotejarmos a versão de Delille com o original, por certo que nos maravilhará o arrojo d'imitação tão elegante, mas ao mesmo tempo tão pouco fiel ao original inglez.

Conhecendo esta falta, e percebendo mais que ninguem uma tal deficiencia, o celebre Chataubriand tentou dar á sua Patria uma verdadeira traducção do Paraiso perdido; a separação, porém, que quiz fazer sem reserva, foi ainda incompleta. Traduziu palavra por palavra; e muitas vezes esta generosidade e abnegação o fizeram perder e cahir; de modo que se póde dizer, que pozera Chataubriand o texto inglez com palavras francezas, ficando muito a quem d'uma verdadeira traducção. Ultimamente appareceu a de M. de Pougerville, que se é verdade o que dizem os criticos, releva muito em valor pela fidelidade e elegancia a todas quantas têem até hoje apparecido em França.

Entre nós só de duas temos noticia; a que publicou o Sr. Dr. Lima, e a do Visconde de S. Lourenço.

A deste ultimo, não lhe negando bellezas que a adornam, e fidelidade que por vezes não é tanta como elle quer inculcar, é uma versão que bem pouco deu a conhecer o Milton. Teve a infelicidade de a traduzir em verso, e ninguem rima peior que o Visconde de S. Lourenço. Basta lêr qualquer que tenha ouvido a invocação á mosa, para lhe subir a alma ao nariz, como diziam os Gregos, ou lhe cahir aos pés, como o dizemos nós; e arrumar o livro de parte para não mais tornar a tão disafinada orquestra. Fôra melhor que fizesse em prosa, se menos que prosa deixassem de ser aquellas linhas enfileiradas. — Parodia de versificação! —

Todavia o Visconde de S. Lourenço bem mereceu da sua patria e sua gente, por ser o primeiro que se abalançou a tal empreza; e com todo o coração lhe louvamos a boa vontade, que tambem tem seu premio!

A nova traducção do Sr. Dr. Lima, em nada é comparavel áquella; e se póde affiançar que reflecte o espirito de Milton com suas côres proprias. Fiel sempre nos pontos claros e sem duvida, seguindo os melhores criticos n'aquellas passagens escuras e ambiguas, o Sr. Lima foi fazendo a sua traducção

Digitized by Google

em verso. Sem comprometter a lingua para que trasladou, sem a sacrificar, conservou-lhe o genio ahi, aonde a outros já o fôra impossivel sem a inglezarem; que não carece a nossa tão fertil e rica, e nobre, de se abaixar e bandear com frazeados barbaros das outras, e especialmente da ingleza tão contraria e opposta em genio á que fallaram os Camões, e os Barros, e Ferreiras. — Ve-la-heis na traducção matrona, grave e composta com sua riqueza e dignidade, e não dama de côrte, alindada com farrapos alheios e inculcando pobreza: mais senhora de si, e do que póde, que affectada mendiga do que não carece, nem jamais careceu.

De todas as obras em verso, que temos visto do Sr. Dr. Lima, nenhuma veiu tão apurada na rima, como o Paraiso Perdido; de modo que se podem ter as outras suas producções, como simples e meros ensaios que preparava para a grande empreza que ultimamente tentou. Mais harmonia podia derramar n'alguns de seus versos; mas ahi não culpemos o poeta, senão a escola que seguiu, e de que é um dos mais conspicuos discipulos. Não queremos nós dizer, que não gostamos de muitos poetas que seguiram e seguem Filinto; mas sim, que mais gostamos da harmonia e musica de Bocaje, que do sacrificio a que os da opposta escola se votaram, dispresando ou como esquecendo a rima e a toada.

Todavia, só podemos mandar o leitor ás duas traducções de que fallamos, para que compulsando as passagens mais notaveis dos diversos cantos, conheça a differença que vae d'uma á outra, e quanto á do Sr. Dr. Lima sobreleva em tudo á de Targini, e muito especialmente em versificação.

Remataremos, dando em nome da Patria os agradecimentos ao digno Professor, por haver enriquecido com a sua traducção a nossa dispresada litteratura; e affiançando-lhe que os louros do poeta não murcham nem secam, antes reverdecem e vigoram, quando são tocados pelo halito dos zoilos e suas creaturas; e que não será a patria injusta desta vez, negando uma pagina para o poeta no meio de tantas de sangue e destruição que deverá revelar a sua historia no futuro.

T. de C.

HESPANHOLADA.

De figura não é mau, ver-lhe-hemos o andar» dizia um Portuguez a um Hespanhol, a quem estava ajustando um cavallo.» Oh! a andar é o melhor cavallo do mundo» Pois andae no cavallo, lhe tornava o Portuguez; e o Hespanhol meteu o cavallo a trote curto » mais largo, lhe diz o comprádor, o Hespanhol fingiu que não ouvia. » Mais largo, lhe torna aquelle, e nada de alargar o passo: » a gallope, lhe diz o Portuguez» Não posso» lhe tornou o Cavalleiro = Não podes? Não, porque se o metto a gallope, em dous minutos passo o mundo todo. = Pois leva o teu cavallo, porque eu gosto de andar a gallope, e se tiver a disgraça de cahir durante a carreira, nunca mais o vejo.

SONETO.

De palida doença trabalhado,
Quazi a sentir da morte o duro effeito,
Semimorto jazia em triste leito
Elmano, já dos seus em vão chorado:

Eis de Gertruria o rosto idolatrado
Mal chega ao vistar, que já desfeito
Da doença o furor, sente no peito
Refrigerante ar, dos Céos manado.

Qual á vista do astro rutilante
Fogem as tristes sombras que enluctárão
Do orbe a face, e a deixão mais brilhante;

Tal á vista da Bella, cessão, párão
Da laça enfermidade devorante
As dores que a Elmano atormentárão.

CODINA.

» *Minha Lyra desgraçada.* »

QUADRAS IMPROVISADAS.

1.

Com maviosos accentos,
Com triste som, vóz magoada,
Accompanha meus suspiros,
Minha Lyra desgraçada.

2.

Entregue á dura saudade,
Longe da Prenda adorada,
Só entôa tristes cantos,
Minha Lyra etc.

3.

Quando ao longe surge a Aurora
Mostrando a face rosada,
Tudo exulta só he triste
Minha Lyra etc.

Digitized by Google

4.
Se assoma medonha noite
De negro manto enluctada,
Inda lhe augmenta a tristeza
Minha Lyra etc.

5.
Não prosigas, cála, oh Lyra,
Tua vóz desaffinada;
Mas Ella o quer, continúa,
Minha Lyra etc.

6.
Quer formar alegres sons
Minha mão desacertada;
Mas só tristes sons dar p*de
Minha Lyra etc.

7.
Eu ouço o rôlo innocente,
Longe da Consorte amada,
Acompanhar teus queixumes,
Minha Lyra etc.

8.
Tal, n'ausencia de quem sobes,
Em dôr minha alma engolfada,
Triste chóro, nem me lembras,
Minha Lyra etc.

9.
Em quanto existir distante
Da minha Prenda adorada,
Não darás suaves sons,
Minha Lyra etc.

10.
Na minha pobre choupana,
Esquecida, abandonada,
Jazerás de pó coberta,
Minha Lyra etc.

11.
E, só por não vêr-te mais,
N'hum ólmo dependurada,
Ficarás exposta ao tempo,
Minha Lyra etc.

12.
Mas não; tu já entoaste.
O nome da minha Amada;
Merêces ter melhor sorte,
Minha Lyra etc.

13.
Acompanhando os mensais
Com tua vóz engraçada
Mitigarás meus pezares,
Minha Lyra etc.

14.
Te que chegue o feliz dia,
Em que de flores ornada,
Só entôes sons alegres,
Minha Lyra etc.

15.
Então não mais, minha Lyra,
Te chamarei desgraçada;
Sendo eu feliz, tu serás,
Minha Lyra, affortunada!

CODINA.

SONETO ACROSTICO.

Meus amplos Cofres atulhados veja
O torpe avaro do metal fulgente;
Crasso Lauro o Capitão valente
Embora alcance em ardua peleja.

Suspire por saber o que deseja
Engrandecer seu nome eternamente;
Reine o suberbo, e sua força ingente
Embora, pelos mais temida seja.

Indifferente minha alma a taes cuidados,
Suspiro, memorando os dotes teus,
O mimo, a gentileza, os teus agrados!

Todo o mundo, os seus bens, prazêres seus,
Em nada me convidão, empregados
Unicamente em Ti os votos meus.

CODINA.

Antes ser toda a vida pobre do que ingrato um dia só.

Conhece-te bem, não zombarás dos mais.

A modestia é tão estimada, quanto a soberba dispresada.

A Civilidade é a arte de encobrir o nosso amor proprio, e lisongear o dos outros.

Trabalha em purificar teus pensamentos; porque se teus pensamentos não forem máus, tuas acções não o serão tambem.

Confucio.

O Sabio nunca se apressa em seus estudos, nem em suas palavras, até mesmo algumas vezes é mudo. Mas quando se trata de obrar e de praticar a virtude precipita, por assim dizer, tudo.

Idem.

Só o homem de bem é que póde e sabe fazer escolha, só elle é que póde amar ou aborrecer com razão.

Idem.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 26) Publica-se todos os Sabbados. (Junho 27, 1840.

HISTORIA PORTUGUEZA.

ULTIMOS INSTANTES DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE; SEU CARACTER.

Esta luz é do fogo, e das luzentes
Armas, com que o Albuquorque irá amansando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando.
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as atirou, que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

Camões. Cant. X- Est. XL.

Affonso de Albuquerque, denominado o Grande, o terror das Indias, foi um daquelles homens, a cujo nome os povos curvaram a cerviz, como em veneração; porque esse nome respeitavel significava ao mesmo tempo valor e resignação, probidade e infelicidade! Sim, Affonso de Albuquerque devêra ser um nome que nunca devêra apagar-se na memoria de todo o Portuguez, verdadeiramente amante de sua Patria; porque lhe recordaria o quanto eram, e quanto podiam nossos maiores, posto que, em recompensa, os aguardasse sempre a ingratidão, furiosamente armada pela intriga, e por uma inexplicavel fatalidade de nossas cousas.

Os derradeiros momentos do homem que adquiriu nas Indias fama eterna, que hasteou as Quinas Portuguezas nessas regiões barbaras com o heroismo, que a poucos é dado ostentar, merecem com effeito consiliar nossas attenções, perdidas no turbilhão dessas acções mesquinhas, rasteiras, e ás vezes (triste é dize-lo) indignas, e de que o mundo por ahi vae inçado.

Vice-Rei das Indias, Vencedor de Gôa, Conquistador de Malaca, de Ormuz, havendo redusido á submissão da terra patria muitos Soberanos, como o da Abyssinia, e de Cambaia, e o proprio Çamorim, havendo recebido d'outros honrosas vassalagens, havendo-se, em fim, mostrado Delegado digno d'ElRei D. Manuel; este heróe Portuguez morreu morte de amofinações, como é uso succeder aos que bem merecem da Patria. — Achava-se em Ormuz que sujeitára ao dominio Portuguez, quando foi acommettido d'uma dissenteria intensa que lhe veiu a acabar com a existencia; pois a molestia fez progressos taes, que Albuquerque dictou a vontade derradeira, e recebeu os Sacramentos da Igreja. — Por algum allivio que sentira, resolvera retirar-se a Gôa; mas apenas estava fóra do golfo de Ormuz, cartas trasidas por uma embarcação Moura, vinda de Dio lhe ajuntaram aos males physicos que o affligiam, os mais profundos disgostos. Um mouro, chamado Cide-Alle, lhe communicava, que Lopo Soares de Albergaria vinha succeder-lhe no governo da India; e que Diogo Mendes de Vasconcellos estava nomeado Governador de Cochim, e Diogo Pereira Secretario. — Outra carta recebeu elle do Embaixador de Sofi, que lhe certificava estas tristes noticias, e insistindo na ingratidão com que eram pagos os relevantes serviços que elle prestára ao Rei e á Patria, lhe offerecia, em nome de seu Senhor, e como em desforra, um muito honroso domicilio. — Albuquerque não poude conter justo resentimento: Soares era seu inimigo pessoal, e elle havia reenviado para a Côrte, a fim de serem julgados como réus Vasconcellos e Pereira; e era o primeiro quem vinha succeder-lhe! E os outros regressavam á India revestidos dos mais importantes cargos!

Ingrata Patria! Que sempre assim has affagado, não como mãe carinhosa, mas como madrasta disgenerada teus filhos benemeritos, aquelles heróes que por ti sacrificaram muitas vezes a fazenda, e a vida!! — « É pelo serviço d'ElRei, exclamava elle

Digitized by Google

« em sua dôr amarga, que fiquei mal com « os homens, e é pelos homens que soffro « a inimisade d'ElRei! Desce ao tumulo, « velho disgraçado! » Sahiram muitas vezes estas ultimas expressões da sua bocca: cedeu a final ás instancias dos que lhe aconselhavam escrevesse a ElRei. — Sua carta ha sido conservada; e com razão: é nobre e significativa. — « Senhor, escrevo pela ul- « tima vez a Vossa Alteza com um aperto « de coração, signal evidente do meu apro- « ximado fim. Tenho um filho no reino; ro- « go-vos que o engrandeçaes em proporção « dos meus serviços. — Nada vos digo da « India; por si e por mim ella vos fallará. » — Chegado perto de Gôa mandou buscar um Medico, cujos auxilios não valeram, e o Vigario Geral que lhe deu os soccorros consoladores da Religião Christã. E morreu, dando provas de grandes sentimentos de piedade, a 16 de Dezembro de 1515. — Contava então sessenta e trez annos de edade, havendo mais de dez que persistia na India. — O funeral que se lhe fez na Capella de Nossa Senhora da Serra de Gôa foi magnifico; porém a verdadeira pompa, as honras mais distinctas que elle mereceu, foram o luto profundo em que os habitantes, qualquer que fosse a Religião professada, se mostraram sepultados. — Cincoenta annos depois seus restos foram transportados ao reino. — E esses votos de tristeza, e essas demonstrações de dó e luto eram sinceros; porque se Albuquerque se mostrou severo em demasia, não olvidou jámais reconhecer os bons serviços tributados á Patria, e, cumprindo com as qualidades de Governante sabio, se algumas vezes se fez temer, muitas mais se fez amar. — E factos incontestaveis provaram a justiça, que acompanhava suas deliberações. — Mais d'uma vez, decorridos annos, Mouros e Indios levaram offerendas á lousa, em que dormia o somno do esquecimento, implorando ás suas cinzas justiça dos vexames e tyrannias, que os apoquentavam.

Para conhecer, a fundo, a inteireza de seu caracter, bastará referir dous factos. = Depois de se haver assenhoreado de Ormuz, chegaram os Embaixadores do Soberano da Persia a buscar o convencionado tributo. « Ide, disse elle ao Ministro encarregado « de lhe participar a vinda dos Embaixado- « res, e dizei-lhes, que eisaqui a moeda « (mostrando-lhe uma grande bacia cheia de « balas, de granadas, ferros de lanças e es- « padas), dos tributos que pagam os Reis « de Portugal. — Logo que a fortaleza este- « ja de todo acabada, entrarei no golfo Per- « sico, e submetterei ao Monarcha, meu « Senhor, todas as praças maritimas que « pertencem ao Soberano da Persia: se vos « lembraes pagar algum tributo, eu vos de- « porei, e vos farei severamente castigar. »

Na tomada de Gôa ao poder collossal do Hidalcão, os infortunios e as privações subiram de ponto: Affonso e sua gente viram-se obrigados a comer ratos, o couro dos bahús e dos escudos. — Sabendo o Principe Indiano o apuro em que estava Albuquerque, enviou-lhe uma embarcação cheia de mantimentos, declarando-lhe, que pertendia vencer os seus inimigos pelas armas, e não pela fome. — Mas isto, que parecera um rasgo de cavalheiresca generosidade, poderia occultar o desejo de saber exactamente se Albuquerque estava em absoluta privação. — Ao menos elle assim o entendeu: e fazendo pôr na tolda do navio o pouco vinho e biscoito que tinha para os doentes, como se cada um dos seus guerreiros tivesse abundancia de provisões, reenviou o presente com esta resposta: « Dizei a vosso amo, que « muito lhe agradeço; mas que não recebe- « rei dadivas suas em quanto não formos « amigos. »

Albuquerque foi sem duvida o que levou mais longe a gloria e o Senhorio Portuguez lá nessas distantes regiões do Oriente. — Foi um dos habeis Generaes que nos aponta a historia, e de baixo deste ponto de vista não se lhe poderá por ventura exprobar outro deffeito do que o de expor-se muitas vezes como um simples soldado. — Todavia, perguntamos nós, mais prudente haveria elle inspirado tanta confiança a guerreiros, cujo amor de gloria a quasi todos constituira heróes?!

Sua disgraça causa admiração; é mistér, porem, attentar no que lhe deu origem.

Seus emulos, ou para melhor dizer-mos, os invejosos, que abundam onde abunda o merito, fizeram persuadir ElRei, que elle se queria tornar independente, por pedir o Governar Gôa sob o titulo de Ducado. Esqueceram, que elle, em todas as suas acções e empresas, sempre se houve como vassallo fiel!

Albuquerque, é certo, adquiriu em Portugal reputação honrosa, mas tambem é certo, que as Indias foram o verdadeiro theatro de sua gloria; e que foi d'aquelles Capitães illustres, que só mui tarde ganharam a bem merecida fama.

ElRei D. Manoel patenteou o pesar de lhe não ter feito justiça; em indemnisação, prestou seus cuidados a estabelecer vantajosamente o filho de Albuquerque, recommendado á hora solemne da existencia do grande Vice-Rei das Indias.

Digitized by Google

O PAGANISMO NO SECULO XIX.

(Continuado do 16.° numero).

II.

FESTAS DE MAIO.

O Sol transpôz o equinocio.... A Primavera chegou. A Europa é então como um bello jardim; mas Portugal é o Eden da Europa.

As flores hão já brotado, e com seu perfume, embalsemando o ar tepido que então respiramos, nos estam suscitando idéas delicias, idéas de perenne felicidade, que do centro do mais profano da terra, alcançam o mais devino dos Ceus; e como vos absterieis d'elevar vosso pensamento ao Altissimo, quando ao vêr a terra coberta de tão mimosas flores dirieis, que a seu creador estava tributando nessas premicias de suas producções o penhor de sua gratidão pelos almos dons que delle ha recebido, e que toda se aprimorou a realçar o matiz dessas boninas, a lhe avivar o colorido, a lhe aromatisar o perfume, para que a grinalda sahisse digna offrenda da creatura ao creador?

É esta a quadra em que devia de ser inventada essa Mythologia Pagãa, toda respirando Amores e branduras, poesia e deleite essa Religião, em fim, em que Cupido tem aras, e cultos sua mãe Venus. Quão favoravel é esta quadra, e esta Religião, para os vôos da fantasia (1), ah! que se o destino vos fadou para as Musas, não deixareis de celebrar a quadra das flores, um fogo divino vos correrá pelas veias, vossa lyra engrinaldada com festões de rosas será mais d'um Gessner do que d'um Dante, mais d'um Thompson do que d'um Milton; vossos cantares serão simples e ingenuos, alegres e innocentes, porque serão inspirados pela natureza; e ha ahi melhor fonte para inspirações de poetas?

Bem sensiveis são os restos das festas Pagãas celebradas por este tempo, e que tem chegado até nós: de certo tereis notado que no 1.° de Maio discorrem pelas ruas creanças, ornadas de flores, rodeadas por outras, que em seus versos unisonos e compassados lhe tributam uma especie de culto que mui bem patentêa serem restos de antigas festas alteradas pelo correr de muitos seculos: qual era o Deus ou Deusa deste culto, é objecto de completa incerteza; mas parece mais verosimil serem cultos da Deusa Maia, isto é, *a terra fertil* ou a *natureza divinisada*; e se pelo culto podem conhecer-se os attributos do Nume, mui bem fundada nos parece esta opinião; os ministros são innocentes creanças; seus ornatos corôas e listões de flores; o templo prados e campinas; as victimas ainda flores; e quem senão a Natureza seria Deusa para taes cultos?

As festas da Deusa Bonna, que as matronas Romanas celebravam no 1.° de Maio, quasi estão completamente esquecidas entre nós; no entanto ha quem julgue provir destas festas o uso já quasi esquecido de ornar as portas e casas com flôres Maias.

Não concluiremos este artigo sem fallar da causa de certa especie de terror, que experimentam muitas pessoas no começo do mez de Maio; o que os faz empregar cautellas, que a muitos pareceram ridiculas; provêm isto certamente da expiação dos Lemures (2) cujas festas se celebravam neste mez.

A' meia noite do dia 13, levantava-se cada páe de familia, cheio de um santo terror, e ás escuras, e com os pés descalços, percorria toda a casa, dando estalos com os dedos, para affastar as almas que só se recreavam nos logares silenciosos; lavava depois as mãos na fonte santa, e, á volta para casa, lançava para traz para cima da cabeça favas negras que trazia na boca, pronunciando em voz baixa estas palavras: *com estas favas me resgato, e á minha familia.* Nove vezes repetia isto sem olhar para trás; finalmente depois d'um momento de silencio exclamava batendo n'um vaso de bronze: *sahi Manes paternos, e Lemures, Deuses do Inferno, sahi destes logares.* Accendiam-se logo muitas luzes, e terminava-se a cerimonia.

Eis de donde provêm esses terrores populares, e o uso de se comerem castanhas seccas em a noite do ultimo d'Abril *para* (como dizem muitos) *affugentar o Maio.*

Estes usos, quasi completamente esquecidos na Capital, continuam ainda pelas nossas provincias. Insignificantes parecerão a alguns taes recordações; mas a esses dizemos nós, que uma destas festas que por acaso presenciámos este anno nos accordou n'alma muita sensação deliciosa, que nos fez olhar a mente a idéas de tranzidas eras, e tranzidas glorias;

(1) Não obstante a opinião de Chateaubriand, julgamos que o Polytheismo longe de haver morrido com Fenelon leva a palma á nossa Religião, para servir de *maravilhoso* em a Poesia descriptiva; a este assumpto tencionamos com tudo dedicar um artigo, como o requer sua difficuldade.

(2) Os Manes quando eram chamados Lomures, julgavam-se Genios imittados, proprios unicamente a fazerem mal.

Digitized by Google

tal o caminhante, que transviando-se de noite no meio dos campos, se abriga a derrocado cemiterio, repousando de suas fadigas, novo Rei no centro da destruição; sua fantasia adeja a idéas de passados tempos, então uma lagrima de saudade vae amollecer o duro leito em que repousa; e um raio de Lua, coando atravez de negras nuvens, lhe vem então mostrar, que esse leito é a campa de seus antepassados.

O Mekias e o Reflexo.

Sem fallarmos do famoso Nilo, cujas enchentes fertilisam o bem conhecido Egipto, e que servirá de assumpto a um especial artigo, consagraremos algumas linhas a uma breve narração = do *Mekias*, instrumento empregado em medir as enchentes periodicas do Nilo, e a calcular com antecedencia a fertilidade que dellas resultará = e do *Reflexo*, phenomeno que repetidas vezes tem logar nestas regiões da Africa.

E' o *Mekias* ou Nilo-metro do Cairo um instrumento raro e digno de comemoração: avalúam, em perto de 20 os instrumentos similhantes que ha desde o Syena ou Assuan, até as grandes boccas do Nilo: todavia o Mekias, parecendo servir de regra geral, merece singular menção. Está colocado na ilha de Rudah, entre Gizeh e o Cairo. E' um pavilhão octogono, no meio do qual se acha um reservatorio largo e profundo, com uma abertura na parte inferior, para deixar á agua uma livre communicação. Ao cimo do disauguadouro ha um primeiro pavimento composto de muitos quartos ou cubiculos. Uma escada conduz a este recinto; no nivel da porta está uma columnata; e uma vasta cupola corôa o edificio. Uma columna levantada no centro, e cuja base está no nivel do Rio, marca sobre as suas outò faces de marmore branco a elevação progressiva das aguas: a sua altura total excede a 34 pés francezes. Logo que as enchentes chegam a 32 pés, é um signal evidente de uma boa colheita.

O *Reflexo*, este fenomeno, que fez admirar o exercito francez do Egipto, affigura a distancia de uma legua ou mais, aldeias, lagos e verdejantes prados ainda que estejamos a uma grande distancia do Nilo e dos logares habitados. As aldéas se nos affiguram ilhas situadas no meio de um lençol d'agua, e de que estamos separados por outra massa d'agua mais ou menos extensa. Aos pés de cada aldêa vemos a sua imagem ao envez; tal como realmente a veriamos se houvessemos fronteira uma superficie refractante. Os tractados de Physica explicam satisfatoriamente este phenomeno commum nos grandes desertos e no Oceano; e que é causado pela reflexão dos raios luminosos sobre a superficie invisivel de uma camada de ar situado perto da terra. Quanto mais nos aproximamos da aldéa, colocada na inundação, mais ella disparece com a agua aparente; e no momento em que esperavamos poder metigar a sêde, porque somos devorados, o objecto foge de novo, como para provar que perseguiamos um fantasma. Eis a posição do Tantalo da Fabula; e cada dia a sciencia demonstra com as novas discobertas que os antigos, nas suas fixões, eram mais sensatos do que julgamos.

A. J. da C. Salgado.

DIFFERENÇA MORAL DOS SEXOS.

E incontestavel, que a natureza, considerada de baixo de um ponto de vista geral, dotou mais particularmente os homens das qualidades physicas e moraes, que constituem o dominio; mas é egualmente certo, que uma organisação mais delicada, maior gráu de sensibilidade, paixões mais vivas, e uma imaginação mais ardente, dão ás mulheres, na ordem social, uma influencia, que se augmenta com a civilisação, e lhes assegura a soberania que exercem, como outr'ora a exercia o cardeal de Richelieu ou o Marquez de Pombal deixando a outros o nome de Reis.

« Ha trez cousas, dizia um bello espirito, » de que sempre gostei muito sem as com- » preender: a musica, a pintura, e as mu- » lheres. — E' verdade, que é mais facil louvar as mulheres ou critica-las, do que fallar d'ellas convenientemente.

Aristoteles cama-lhes um bello erro da natureza.

Pope julga. que a mulher é um objecto muito tenro, para conservar uma impressão duravel: são trigueiras ou louras, diz elle, e apenas por isto é que se podem distinguir.

S. Cypriano faz das mulheres um juizo mais aspero, dizendo, que são marcadas com o cunho de Satanaz.

Acreditar-se-ha, que um Bispo levou a insolencia a ponto de sustentar em máu latim no Concilio de Macon, que a mulher não fazia parte da especie humana? A questão, se acreditar-mos Saint-Foix, durou muitas sessões, e dividiu os votos; mas é forçoso acrescentar-mos, que a heresia de similhante doutrina fez tremer de horror os nossos galantes avós, e que a indignação publica forçou o concilio a declarar, que

Digitized by Google

as mulheres tinham uma alma, com pouca differença, quasi similhante á nossa.

Os panegiristas das mulheres, á testa dos quaes é preciso collocar o eloquente Thomaz, parecem ter, a seu turno, excedido a medida do elogio, dando-lhes uma alma mais perfeita do que a nossa, e honrando unicamente as suas virtudes por um ascendente, em que os seus defeitos não teem talvez menor parte.

Em todos os tempos se tem dito, que ellas devem apparecer apenas sobre o theatro do mundo para ornamento da scena; mas em muitos paizes teem-se as mulheres apoderado do direito de distribuir, e algumas vezes de representar os papeis principaes.

Não nos enganemos como alguns moralistas no numero dos quaes sentimos contar Fénélon: a ignorancia, nas mulheres principalmente, produz mais vicios, do que o abuso das luzes e das paixões.

Os homens consumem a sua mocidade em formar um espirito, que as mulheres teem apenas nascem: elle lhes vem antes da razão, percebem mais depressa; mas consideram menos tempo.

Não diremos, como Beaumarchais, que as mulheres teem sobre os homens uma grande vantagem para se tornarem politicas, graças á sua tendencia natural para a dissimulação e falsidade; mas contaremos voluntariamente a sua astucia no numero dos seus previlegios.

Sempre promptas a sacrificar a vaidade, que possuem, ao poder que exercem, permitem aos homens, que digam d'ellas o que lhes apraz, reservando para si o direito de fazer d'elles o que lhes pede a vontade: — a primeira cousa que as mulheres aprendem, é o partido, que podem tirar das suas perfeições e mesmo das suas imperfeições.

A IMPIEDADE E O AMOR MATERNO.

(Extracto de uma viagem).

São os costumes dos Nubios por si sós bastante interessantes, e mão houvera cabída discreve-los todos juntos n'um jornal: um facto digno de memoria nos trouxe a fallar destes povos e de seus costumes.

Se um Nubio, por qualquer motivo, mata outro, paga o preço de sangue á familia do morto, e ao Governador uma coima de seis camelos, uma vaca e septe carneiros. Cada ferida tem o seu preço fixo. Se um condemnado foge para se subtrair ao pagamento da coima, prendem sua mulher e seus filhos até á sua volta. As bastonadas é o castigo usado para aquelles que não podem pagar ao Governador. Um viajante conta a este respeito um facto bastante sensivel, e que muito agrada aos leitores.

« Atrahidos, diz elle, pelos encantos de uma bella noute, vagavamos casualmente pela arenosa planicie entre o Nilo e a cordilheira da Lybia; de supito avistamos ao longe o escasso clarão de uma lanterna; encaminhamos nossos passos para essa banda, e, chegando a uma cabana, deitamos-nos sobre umas esteiras para descançar um momento. Dous meninos de interessante figura entraram, e o mais moço se lançou por terra e começou de orar á maneira dos Orientaes. Por entre suas lagrimas e suspiros distingui estas palavras: « Meu páe.... Minha mãe.... piedade.... kaim-mékam. » (1) O mais velho, algum tanto desviado, parecia entregue a profundas reflexões, olhando de quando em quando para seu irmão; e ao depois começou a chorar.

« Como estavamos no canto opposto do telheiro, aonde se não extendia o palido clarão da lanterna, era-lhes impossivel ver-nos. No maior auge de curiosidade, desejando saber a causa de sua dôr, chamei o mais velho, cujas penas pareciam mais moderadas. A minha voz lhe causou a principio uma especie de surpreza; mas quando nos viu, aproximou-se; hesitando todavia por conhecer que os nossos fatos eram Turcos. Perguntei-lhe quem eram, e qual a cauza da sua afflicção. Eu soube que eram os filhos do cheik enterrado naquelle logar; e que vinham da margem Oriental do Nilo para regar o pequeno jardim situado não longe da casa paterna. Seu páe o tinha cultivado com suas proprias mãos mais de 20 annos, e lh'o havia deixado em herança; alli tinham semeado sevada e feijão, e as palmeiras que pareciam erguer-se para o ceu nas margens do Nilo tambem lhes pertenciam. Esta pequena propriedade era apenas suficiente para sustentar sua mãe; comtudo o pachá (2) exigia um imposto de 15 piastras. O impio Albanez, kaim-mekam do logar, empregava todos os meios para obrigar a mãe a pagar esta somma; acabando por metter seus filhos na prisão, aonde estiveram 15 dias, em cujo tempo a mãe inutilmente se exforçava por ajuntar o dinheiro pedido. O Albanez concedeu-lhe ainda 2 dias de demora, e a ameaçou, que, se não pagasse faria castigar seu filho mais velho com 100 bastonadas nas solas dos pés. Não podendo ella ajuntar o dinheiro necessario, o feroz kaim-mekam declarou que, se

(1) O Governador do logar a que tambem chamam *mek*.

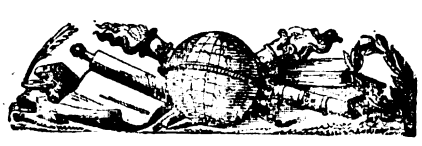
(2) Advirta-se que a Nubia paga tributo ao pachá do Egypto.

Digitized by Google

o não houvesse no dia seguinte, cada um de seus filhos levaria 80 bastonadas. Esta mãe sensivel não poude tolerar a idéa do castigo de seus filhos innocentes: as suas lagrimas, as suas suplicas e a intervenção do chefe do logar, determinaram o Turco inexoravel a prende-la em logar de seus filhos: estava disposta a soffrer todos os tromentos por salvar os infelizes que lhe deviam a existencia. O kaim-mékam concedeu ainda um mez de espera, ameaçando-a de lhe inflingir o mais rude castigo se não pagasse. «Que tencio-«naes fazer? perguntei eu a estes dous meni-«nos. —O nosso projecto, replicou o mais ve-«lho, é vender a colheita das tameras destas «palmeiras, e a da cevada deste jardim. — «Mas ao depois que havieis de fazer?—Nós... «iremos a Assuan a pé, continuou elle, e «alli viviremos de esmolas; ou procuraremos «servir nas barcas do Nilo.»

Esta narração nos commoveu. O mais joven destes Nubios, da edade sómente de 12 annos, escutava silencioso; porém as suas lagrimas nunca se estancaram. Felizes nos julgámos em poder aliviar a sorte desta familia disgraçada. Tendo reunido entre nós a pequena somma de que ella necessitava, dei-a ao mais velho, dizendo-lhe: «Leváe amanhã «este dinheiro ao kaím-mékam, e libertae «vossa mãe.» Impossivel é pintar a sensação de agradecimento que a pequena offerta fez nascer no coração destes meninos; não sabiam como explicar-se, lançaram-se a nossos pés; o mais moço levantando-se, se precipitou sobre a bandeira branca do tumulo de seu páe, cobriu-o de beijos, e exclamou com a mais sentimental e aguda emphase: «Santo «páe, que contemplas a face do Deus do «Universo, rogáe por elles, a fim que os «recompense 100 vezes, e augmente o seu «poder no seu Valle.» Esta mescla de idéas supersticiosas e de piedade filial tinha alguma couza de singular. Este menino cria, como todos os seus compatriotas, que os outros paizes da terra estão, da mesma maneira que a Nubia, devididos em valles. Quando voltámos para a nossa barraca, vimos estes dous meninos aproximarem-se do Nilo, agarrarem uma trave, e, sobre ella, atravessarem o rio a nado.

A. J. da C. Salgado.



Um Episodio da vida de NAPOLEÃO.

(Imitado de M.me Amable Tastu.)

Um desses famosos dias de Septembro, em que tudo respira prazeres, o astro do dia, dispontando no horisonte, abrilhantava com seus raios de ouro as armas polidas de alguns corpos de tropas formados em batalha junto do palacio de Schænbrunn; echoava ao longe o rufar dos tambores: o Imperador Napoleão passava revista. Chegando á frente de um dos regimentos—«Vejamos senhor Salm; estes devem conhecer-vos, mandae carregar em doze tempos»—disse elle sorrindo-se e voltando-se para um dos seus Ajudantes de Campo.

Fazendo uma profunda venia Salm corou; mas sem hesitar arrancou a espada com garbo e gentileza, commandou o movimento, que foi executado com a mais fiel precizão. Napoleão depois de haver visto desfilar as tropas junto do palacio, despediu todos quantos não eram seus Ajudantes. —Vamos, senhores, disse elle aos que ficaram, é muito cedo, e o dia está bello para passear; siga-me quem lhe approuver. E partiu a galope.

Seguia ao longo da estrada; mas a breve espaço se entranhou pelos campos que uma successão de cruentas guerras havia assolado, derrocando os edificios, incendiando as casas, obstruindo os caminhos, e produzindo todos aquelles estragos, que o furor da luta dos povos causa nos productos da arte e da natureza. Napoleão se havia successivamente entregue a profundas reflexões, e abandonado á voluntaria andadura do seu cavallo. O intelligente animal, como se advinhára os desejos de seu senhor, o conduziu para um pequeno valle, cujas habitações haviam sido preservadas dos disturbios da guerra. Ao passo que os rastos dos furores humanos disparecíam, e o bello da natureza commeçava de apparecer, os sombrios pensamentos, que annuviavam a fronte do Imperador, e impunham silencio aos que o accompanhavam, se iam dissipando, para que idéas mais risonhas lhe occupassem a mente: de repente levantou a cabeça, e olhou em torno a paizagem que o cercava: era uma passagem estreita, limitada por colinas agrestes; no fundo umas poucas habitações estavam agrupadas derredor de um moinho, que alimentava um pequeno riacho murmurante, onde velhos Salgueiros

Digitized by Google

espelhavam sua ramagem cinzenta. O Imperador atravessou lentamente o logarejo: á bulha dos cavallos os habitantes correram ás portas e ás janellas, seguindo com a vista os cavalleiros. Diante de uma habitação mais elegante e consideravel, que as outras, estava reunido um grupo de creanças, que algumas mulheres correram a trazer para casa a fim que não houvessem de ser atropeladas.

« Guilhermina! Guilhermina! » bradou um dos meninos espavorido « vem depressa ver os Francezes. »

A este bradar uma menina de uns dezeseis annos de edade appareceu ao limiar: estava simplesmente vestida; mas não trazia, como suas companheiras, o roupão curto e o barrete de veludo das Vienezas. Seus trajos, ainda que muito simplices, eram como os das senhoras da Cidade. Apenas discobriu, por entre as vestes douradas dos cavalleiros, o pequeno chapeu e o reguingote cinzento de Napoleão: = E' elle!... exclamou: e para melhor o ver correu ao meio da rua.

A esta exclamação Napoleão voltou a cabeça para ver quem delle havia feito tal reparo: não lhe foi porem dificil de advinhar; que logo deparou com dous bellos olhos azues, que nelle se fixavam attentos e cheios de enthusiasmo. Maravilhou-se Napoleão deste apparecimento, levou a mão ao chapeu, e soltando um prazenteiro sorrir saudou a joven, que supito correu, atemorizada e confusa, e esconder-se por detraz um grupo de meninos que a tinham seguido. Este incidente divertiu o passeio do Imperador, que mais de uma vez passou para ver a sua bella admiradora; e não deixou de fallar della até que entrou no Castello. Um desses homens, que, por disgraça, os Soberanos sempre acham promptos a servir os seus bons ou maus pensamentos, se abalançou a dizer que — a ella — lhe não pezaria de se haver feito notar do Imperador; e que seguramente ella só dezejara velo de mais perto, se houvera a certeza que sua Magestade o bem quizesse.

Napoleão somente respondeu com um sorrizo, que foi interpretado como um consentimento; e o officioso individuo aproveitou o tempo de tal guiza, que, poucas horas depois, veio previnir Napoleão, que a donzella, arrebatada e absorta pela idéa de se ver junto de Sua Magestade, havia sem dificuldade deixado conduzir-se de tarde ao Castello. O Imperador recebeu esta noticia quasi com a mesma frieza, como se lhe dissessem que o jantar estava prompto.

(Concluir-se-ha).

Aos annos da Illm.ª Senhor

E. A. M.

SONETO.

A Estrela de Venus, do Oriente
Já as portas risonha vem abrindo;
Que dia tão amêno, alegre e lindo
Parêce annunciar-nos docemente!

Côro das Musas, tendo Apollo á frente
Quão lêdas do Parnaso vem sahindo!
Já os Vates se juntão no aureo Pindo
Mil canções entoando alegremente!

Os Faunos, p'ra os ouvir, nem pestanejão!
Mas, que nome ouço entoar com melodia?...
Certo! He hum Natalicio, que festejão!...

He, sim de M..... o feliz dia;
E são Vates, Nimphas, Musas, que desejão
Parte tomar em tão fausta alegria!

CODINA.

SONETO ACROSTICO.

Excedêo-se em formar-te a natureza,
Unindo em Ti seus dons, seus attractivos;
Nem algum lhe escapou dos insentivos
Amor preeisos, uteis á belleza!

O genio, a graça, o modo, a gentileza,
As virtudes, que tens, são os motivos
Mais fortes, que mais podem, mais captivos
Os meus sentidos tem, minha firmeza.

A minha terna fé, minha candura,
O meu sincero amor vêr só deseja
Unir um laço só nossa ventura.

Termine a sorte, um dia bemfaseja,
Rigores, que me urdío a desventura.....
A nossa felicidade eterna seja!

CODINA.

Digitized by Google

DESPEDIDA
DA
COMMISSÃO REDACTORA.

☞ Grata para com a sociedade Escholastico-Phylomatica que a elegeu, e de que tem a honra de fazer parte, reconhecedora para com o Publico do acolhimento que o Jornal ha recebido, a Commissão Redactora do Cosmorama, havendo consummado, bem ou mal, no fim deste trimestre, a missão de que a sociedade a incumbira, não podendo dar ao Publico outra demonstração de seu reconhecimento; tributa, na sua despedida votos de agradecimento, esperando continue a prestar á nova Commissão Redactora o apoio que é mister, para a continuação do Jornal.

Os Redactores principaes
Antonio Gomes Valle.

João Maria Fradesso da Silveira.

Os Redactores Collaboradores
Manoel Francisco da Palma Aréz.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

Antonio Jozé de Sousa.

Antonio Damazo Guerreiro.

Frederico Augusto Novaes Corte Real e Lemos.

João de Seixas.

A nova Commissão Redactora avisa aos Srs. Assignantes que as faltas da entrega destes ultimos numeros tendo sido devida, parte á incuria dos distribuidores, parte a occorrencias imprevistas, vão ser completamente remediadas.

A Commissão de Redacção attendendo que uma grande parte dos Srs. Assignantes das Provincias não teem remettido o importe das suas assignaturas do 2.° trimestre, tendo mesmo por varias vezes indicado os lugares onde deviam dirigir-se, váe suspender-lhes a remessa até que tenham satisfeito as ditas quantias do 2.° trimestre.

A Commissão mais uma vez nota aos mesmos Srs. Assignantes que poderão remetter a dita quantia, e mesmo a do 3.°, querendo continuar, á Loja da Viuva Henriques e Filhos, Rua Augusta n.° 1: continuando então a remetter-se-lhes os numeros do 3.° trimestre.

Breve se annunciarão correspondentes em todas as terras centraes das provincias; e mesmo fóra do Reino.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 27) Publica-se todos os Sabbados. (Julho 4, 1840.

A MORAL.

Vasto e espinhoso é por certo o campo em que vamos entrar; todavia a nossa posição de mancebos, exige que avancemos, e sem descorçoar, vamos tratar de moral, do sentimento mais grandioso e sublime, que até hoje se conhece. É ella o nosso confôrto na afflicção, a nossa baliza no prazer, tem uma companheira inseparavel, que é a prudencia, ellas juntas dão alegria ao triste, ensinam-lhe a senda, que deve seguir, e que o conduz a um jardim aromatisado por odoriferas flores, plantado de mimosos arbustos, e este jardim é a razão. Oh! e quanto será feliz o homem, que possa e saiba colher d'esse sitio tão aprasivel a mimosa flor do juiso? — É então, que poderá gloriar-se de ter nascido; é então, que sua existencia começa, porque até ahi não conhecia senão as suas paixões, e corria desvairado por caminhos tortuosos, sem olhar mais, que á sua caprichosa vontade.

O homem immoral, é o ente mais perigoso do universo; para elle não ha deveres a cumprir, nem objectos a admirar, porque nada conhece, corre rapidamente para os precipicios, e depois de despenhado anhela precipitar os outros. Máu cidadão, ingrato esposo, terrivel páe, perfido amigo, o homem immoral é o cancro da sociedade, e mais terrivel, que esfaimado lobo em aprisco de ovelhas, entrando em casas onde reina placido socego, infecciona com o seu pestifero halito tudo o que se lhe aproxima, e faz assignalar a sua sahida com lagrimas, não de saudade, mas de disesperação e de intensa dôr pela desolação, que causou. — Vejamos porém a differença do homem immoral ao moral, e o nosso coração nos instigará a segui-lo. Chateaubriand, Massillon, Confucius, e o nosso Vieira em Portugal, todos estes homens escreveram com aprimoradas pennas; seus nomes devem estar gravados no coração dos verdadeiros homens de bem: seus escriptos, em que resplandecem as mais brilhantes côres, são monumentos tão respeitaveis, que a mão ceifadora do tempo jámais poderá derrocar: ai dos sacrilegos, que os quizerem destruir; ai d'elles, porque necessariamente sucumbirão a tão grande arrojo! — Ante as maximas d'aquelles escriptores, os impios estremecem, e a aversão ou indifferentismo ao bem, ante ellas cessa, tal é a força prodigiosa da moral. Ah! e como são bellos e risonhos os quadros, que a verdadeira moral nos apresenta! Como são dôces e maravilhosas as sensações, que ella nos derrama n'alma! Como é, por exemplo, magnifico o quadro de uma familia virtuosa, em que se vê um esposo cercado da terna consorte e dos innocentes filhinhos, retribuir caricias por caricias, meiguices por meiguices: uma lagrima se lhe escapa ás vezes pela face; mas essa lagrima é de puro prazer, e nascida de um coração sensivel e virtuoso de que o dotou a natureza. Sem moral, não poderia elle experimentar aquella sensação; sem moral, supportaria a custo a vista dos quadros mais innocentes e prasenteiros; é finalmente a moral, que o induz a plantar no coração da tenra próle a arvore veneranda da virtude, para que de seus ramos verdejantes e viçosos, a patria possa colher um dia, uteis e mimosos fructos. — ¿Quantas vezes, vemos homens carregados de soffrimentos, e acabrunhados por perdas sensiveis, avançarem corajosamente na tribulada carreira da vida, a despeito de todos os obstaculos, que se lhes oppoem? — ¿E por ventura teriam elles esse valor, a não ser a moral, que qual medico prudente lhes applica salutiferos confortos? — De certo não: a moral nos dá força na desgraça, afugenta-nos dos vicios, e nos colloca no bem viver; é ella, que nos torna humanos e caritativos; que faz com que estendamos mão amiga aos infelizes, e

Digitized by Google

que o guerreiro, que vê a seus pés o vencido exangue, seja o proprio a pensar-lhe as feridas, eclipsando-se-lhe da vista o inimigo, e curando unicamente do modo de suavisar os soffrimentos do seu similhante. Oxalá, que todos se penetrassem profundamente destas verdades, e as guardassem religiosamente, porque do momento em que isto conseguisse, uma nova e brilhante éra começaria para o genero humano.

BANDEIRA INVENTADA POR D. NUNO ALVARES PEREIRA.

Temendo os habitantes do Alem-tejo a crueza da guerra offerecida pelo Almirante Fernão Sanches de Tovar, que talava com sua cometiva aquella provincia perparando-se nas redondezas de Portalegre para hostilisar com suas acções os Portuguezes; que pelo bem da Patria e animados do brio que sempre os caractarisa se oppunham aos Castelhanos para sofocar victorias que anhelavam; trataram de pedir ao Mestre d'Aviz quem os dirigisse, para que, coadjuvados por capitão habil, conseguissem os seus intentos, os quaes só eram comparaveis á nobreza dos animos que os ornava. O Mestre que em objectos de tanta consideração desejava obrar com acerto, ordenou a D. Nuno Alvares Pereira tomasse o commando das Provincias do Alem-tejo, por conhecer que nelle se encontrava o valor preciso nos combates e a prudencia aos mesmos indespensavel.

Deu esta nomiação, logar a que o Doutor João das Regras servindo-se da malicia que podia exercitar, se oppôz á elleição que o Mestre acabava de fazer, dizendo: « Que « o desempenho da causa não se devia fiar « a tão poucos annos, e eguaes experien- « cias, necessitando-se para este cargo, de « um homem não só provecto na edade, mas « pratico na milicia: e que alem disto ti- « nha D. Nuno Alvares seus irmãos no ex- « ercito Castelhano, e poderia ser de pre- « juiso ao nosso, governa-lo quem percisa- « mente havia de pelejar contra o seu pro- « prio sangue. » Infructiferos foram os resultados d'uma eloquencia tão fecunda; porque o Mestre olhando á razão, e dispresando a intriga, não só sustentou a eleição que de moto proprio apresentou, como deu immediatas ordens para lhe ser conferida a patente de Governador das Armas daquella Provincia, determinando que todos lhe prestassem a obediencia, que requeria a dignidade da pessoa, unida com a auctoridade do cargo; assumindo D. Nuno por este modo a primeira auctoridade daquella Provincia com os poderes necessarios para castigar os culpados, premiar os justos repartindo com elles os bens confiscados sem dependencia de jurisdicção, estranha aos seus. Com a faculdade do Mestre escolheu D. Nuno quantos soldados deviam acompanha-lo nas victoriosas emprezas a que o distinavam, os quaes, ou pelo nobre sangue de suas veias, ou seu valor dismedido não dismentiram a escolha de tão grande homem. Com estes, e mais duzentos que lhe ingrossaram a cometiva, marchou para o Alem-tejo a obrar as acções proprias da sua nobre pessoas, e dignas de seus merecimentos, como guerreiro intrepido, e cavalleiro distincto.

Prevendo D. Nuno o quanto concorreria para as victorias, que estava prestes a possuir, uma bandeira mysteriosa e que illudindo por meio de arreigada superstição, fosse eficaz a seus destinos; inventou a primorosa bandeira de campo branco adornada por uma cruz vermelha, que o dividia em quatro partes. Na superior ao braço direito estava mui delicadamente pintada a Imagem de Christo crucificado entre as de sua Mãe Santissima, e do Evangellista S. João: na que lhe correspondia sobre o braço esquerdo a Imagem da mesma Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços. Nas partes inferiores estavam d'um lado a Imagem de S. Jorge, e ao outro a de Santiago o Maior, ambos de joelhos, e com as mãos erguidas, como orando a Deus, e á Virgem Senhora pelo bom exito da campanha. Nos quatro cantos se viam outros tantos escudos com as armas de sua familia, e a divisa da cruz similhante á da bandeira, só com differença nas côres, porque as cruzes das armas eram brancas em campo vermelho.

Correspondeu aos desejos de D. Nuno a bandeira que inventou, e nós podemos afirmar, que ella éra a base de suas victorias; vindo assim uma cega suprestição a angariar em favor dos Portuguezes louros taes, que jámais podem ser occultos nas paginas da Historia.

Modo de obstar á perda d'um edificio.

Dentre muitas vantagens que se podem tirar do estudo da physica, sciencia não só necessaria; mas recriativa, citaremos uma que julgamos importante.

Mr. Molard habil Architeto Francez, sendo encarregado de obstar a que se precipitassem as paredes do Conservatorio das Artes

Digitized by Google

em Pariz, que ameaçavam queda; firme no principio *que todos os corpos se dilatam pelo calor, e se contraem com o resfriamento*, mandou introduzir através das paredes fendidas algumas linhas de ferro, cujos extremos construidos em rosca, onde se adaptavam chapas, ou porcas, passavam fóra das referidas paredes. Depois applicando o fogo ás linhas conseguiu polas em braza e por isso dilatalas: neste momento fez girar as porcas até se unirem com as paredes, que obrigadas pela contracção das linhas, produsida pelo seu resfriamento consecutivo tornaram ao prumo donde se tinham afastado, repetindo para isso a operação mencionada. Assim uma idéa luminosa obvia a perda do immenso ouro gasto na construcção de similhante edificio, e as suas paredes proximas á destruição voltarão de novo a acommetter os annos, cujo alvião parecia sem demora preparar-lhe a queda. Equantos edificios se poderiam ainda conservar seguindo o exemplo de Mr. Molard?

Um Episodio da vida de NAPOLEÃO.

(Imitado de M.me Amable Tastu.)

(CONCLUIDO DE PAGINAS 203.)

Napoleão, sem ser excessivo no amor, nem todavia insensivel, tinha em mor preço a mais insignificante de suas gloriosas acções, que o maior triumpho de amor.

Chegou a tarde, e Napoleão, occupado a dictar despachos, olvidára a audiencia que tinha concedido, quando o seu mensageiro, orgulhoso do successo que havia obtido, tomou a si o cargo de abrir a porta do Gabinete. Lembrou-se então o Imperador que um negocio de maior importancia o reclamava; e para que nisso dispendesse o tempo que se gastava a sellar os pacotes, entrou no gabinete, aonde haviam introduzido Guilhermina. Este Gabinete estava illuminado com o maior brilhantismo; o clarão das vellas se reflectia nas almofadas, cujo fundo de tisso ouro-preto distacava maravilhosamente a branca figura da bella Allemãa. Trajava um vestido de cambraia de linho, aberto por detraz á maneira de avental, confórme a moda de então, e unido com laços de fita côr de rosa; um ramo de aloandro lhe ornava a cintura, e os seus cabellos castanhos-claros se espargiam em mil aneis pelas niveas faces, e pelo colo alabastrino.

Encantado o Imperador pelo seu aspecto, deteve-se um momento a considera-la, em quanto que ella fazia uma profunda venia, uma venia tímida, meiga, graciosa, e de uma suavidade cheia de decencia.

Napoleão se lhe dirigiu então com uma galante expressão.—Como vos chamaes? perguntou elle primeiro.

= Guilhermina, Senhor: lhe respondeu ella com voz tremula e fraca.

= Guilhermina! é o nome da Rainha da Prussia; parece que na Allemanha todas as meninas bonitas o adoptaram.

Fazendo este cumprimento de Cavalheiro, tomou a mão da sua bella conquista, e a conduziu para um canapé, e, tocando casoalmente o seu vestido lhe perguntou se era cambraia, estofo que, sem duvida, lhe recordava alguma doce lembrança. Guilhermina surprehendida da pergunta, lhe respondeu que não, com ar de admirada; o Imperador a fez sentar em um sofá, e colocando-se junto della, tomou-lhe as mãos em uma das suas, e volteou o outro braço em torno dos hombros; atemorisada por este gesto familiar, a pobre menina recuou precipitadamente, e começou de banhar-se em lagrimas. Este movimento, em que, depois do procedimento de Guilhermina, Napoleão não via mais que uma affectação, o enraiveceu.

— Quem sois vós?... lhe perguntou rudemente. Quem é vosso páe?

= O Barão Z....., capitão ao serviço do Imperador d'Austria. O Imperador franziu as sobracelhas.

— A filha de um fidalgo! de um militar! disse elle cheio de admiração; e sois vós que vindes de noute encontrarvos a sós com um homem!

Esta ingenua exclamação ia offender, para a tranquillisar docemente, a fibra mais delicada do orgulho imperial. A fronte de Napoleão ganhou novo brilho; e o sorrir dos seus dias de triumpho lhe assomou ao rosto. Elle não havia suspeitado este enthusiasmo puro e innocente de que era o objecto, mas acabava de o comprehender, e muis se lisonjeava que o grosseiro insenso que lhe era diariamente prodigalisado. Extraordinariamente agitado, levantou-se e deu lentamente duas ou tres voltas pela camera, com os braços crozados; parou finalmente immovel e tremulo defronte da pobre menina, que havia ficado queda.

— Era pois o Imperador Napoleão que vós querieis ver? lhe perguntou elle rindo-se com ternura.

= Sim, Senhor, respondeu ella, levantando seus bellos olhos, e sorrindo-se por entre as lagrimas.

Digitized by Google

— Pois bem, minha menina, lhe tornou elle com uma bondade, como se fôra de páe, aqui o tendes, vêde-o bem.

Guilhermina aproveitou a licença; involuntariamente as suas mãos se cruzaram, os seus joelhos curvaram-se, e nesta attitude de uma posição muda, permaneceu alguns minutos em contemplação diante do grande homem, que a isso se prestava com tanta complacencia. Uma ligeira pancada sobre o hombro a tirou da sua extasi; ella córou e estremeceu, e o Imgerador rindo se sentou outra vez a seu lado, e então lhe começou a perguntar como, ainda tão menina, as indagações do primeiro Consul lhe haviam affectado a imaginação. Como ella tinha ouvido fallar das suas victorias no Egypto e na Italia, como lhe haviam dito que em França elle tinha restabelecido a religião e punido os maus, como depois se tinha feito Imperador, coroado pelo papa. Ella sabia o terror que o seu nome inspirava na Alemanha, onde cada vez que passava obrigava todos os reis a pedir a paz, e sempre nos seus sonhos lhe apparecia o Imperador, que certa estava que um dia o havia de ver, porque tinha orado tanto a Deus para obter esta graça! Emfim, pela manhãa, ella o havia reconhecido pelos seus retratos; e todavia, accrescentou ella, creio agora que se não pareciam inteiramente.

Napoleão a escutava apertando entre as suas a mão esquerda de Guilhermina; apprazia-se em contemplar esta alma candida, como em um espelho, o reflexo da sua gloria, e a sua imagem magnificada pela admiração dos povos. De repente uma nuvem passou ante a sua fronte. Lançou sobre a joven Allemãa esse olhar d'aguia que penetra até ao fundo dos corações, e da sua voz breve e imperiosa:

— Vossa mãe, disse elle, deixou-vos vir só aqui?

= Minha mãe, respondeu ella meneando tristemente a cabeça: ai de mim!... já morreu!...

O olhar do Imperador se abrandou. — Uma orfãa! replicou elle; e quem são aquellas mulheres que eu esta manhãa vi comvosco?

= A minha ama e a minha irmãa de leite. Quando a cidade de Vienna foi ameaçada de ser bombeada pelos Francezes, mandaram para casa de seus páes todas as educandas do meu Collegio; e eu, que tinha meu páe no exercito, e não tinha parentes em Vienna, pedi para ser conduzida a casa de minha ama, esperando estar mais em segurança neste logar afastado, que mesmo na cidade. Minha pobre ama! ella estava tão contente quando este senhor veiu offerecer-se para me conduzir junto de vossa Magestade! ella me disse: váe, minha filha, váe ver o grande Imperador dos Francezes, isto te fará feliz.

O Imperador riu novamente com satisfação; mas tomando logo uma especie de grosseria debaixo da qual dissimulava ordinariamente um internecimento a que não desejava ceder:

— Sabeis vós, disse elle, mudando de practica, que fallaes o Francez maravilhosamente; nunca vos conheceriam por Austriaca.

= Eu não sou Austriaca, Senhor, replicou ella vivamente, minha mãe era Alsacia e meu páe de Pragua.

— Na verdade?... nesse caso, sois minha meia subdita, e por consequencia debaixo da minha protecção. E porque, ajuntou Napoleão, tomando um ar serio, não deveis estar aqui mais tempo. Puchou o cordão de uma campainha, e entrou o seu primeiro escudeiro.

— Constancio, disse elle, manda aprontar uma carroagem, e dispõe-te a acompanhar a senhora Z..... com todos os respeitos devidos a uma nobre e honesta donzella, a filha de um bravo official.

O primeiro escudeiro respondeu com uma inclinação respeitosa, e retirou-se para executar as ordens que havia recebido. O Imperador tornou então a aproximar-se de Guilhermina que se havia levantado ao mesmo tempo que elle, mas sem ousar deixar o seu logar, e tomando-lhe as mãos, a considerou por um momento abanando a cabeça: — Vós sois enthusiasta, disse elle, é a peior molestia das mulheres, sobre tudo, quando são jovens e bonitas, e que não teem nem mãe, nem marido para as proteger. Assim, acreditae-me, dizei a vosso páe que vos caze quanto antes.

Ao ouvir este concelho, um pouco duro, a pobre Guilhermina córou tanto, que as lagrimas lhe burbulharam nos olhos.

— Pois bem! bem! que há hi que vos deva atemorisar? replicou Napoleão com uma alegria rude. Com um rosto, como o vosso, e com um bonito dote, os esposos não devem faltar, e nada se oppõe a que vós escolhaes um ao vosso gosto.

= Meu páe não possue a menor fortuna, Senhor, disse Guilhermina, procurando esconder a sua perturbação.

— Que importa? não estou eu aqui. Esqueceisteis que a vossa visita ao Imperador Napoleão deve fazer a vossa felicidade? Ella juntou as mãos n'um movimento de gratidão. Mas um gesto de Napoleão deteve os seus agradecimentos entre os labios.

Tornou a abrir-se a porta, e Constancio annunciou que tudo estava prompto. O Imperador fez então a Guilhermina um signal com a mão; e a dispediu com estas simples palavras: — Boas noutes, minha menina, dormí bem.

Encostado ao bofete, elle a viu disparecer;

Digitized by Google

palpitava-lhe o coração, os olhos se lhe haviam humedecido, e, ainda depois, alguns instantes se conservou immovel na mesma posição. Esta conversa lhe havia feito recordar lembranças de há muito esquecidas; as puras e doces emoções de seus amores, ainda quando, simples tenente de Artilheria, obteve de uma bella menina da sua edade uma furtiva entrevista ao romper do dia, reduzindo-se toda a felicidade a comerem juntos, sentados no mesmo banco, cerejas colhidas de fresco. Ah! havia tanto tempo; e pensamentos exaltados, cuidados aterradores tinham desvanecido estas innocentes delicias. Ha muito tempo, a risonha vegetação que apareceu na encosta da montanha tinha disparecido sob as torrentes de lava successivamente arrefecidas; mas, por um momento, a briza fugitiva vinha offertar-lhe as emanações longinquas das flôres que o embalsamaram outr'ora. Isto importou todavia o espaço de alguns minutos.

— Vamos, disse elle correndo a mão pela testa, não é este o ensejo de me entregar a similhantes criancices. E, voltando ao Gabinete retomou o fio de seus despachos, alavanca poderosa que sublevava a Europa; porém todos estes despachos não foram politicos.

No dia seguinte, ao alvorecer, uma ordenança chegou a galope á pequena aldêa de ...., apeou-se diante da casa de Guilhermina, e a ella pessoalmente entregou um volumoso pacote sellado com as armas imperiaes. O pacote encerrava trezentos mil francos em billhetes do banco, e uma carta dirigida, não a Guilhermina, mas a seu páe.

« Sr. Barão Z.....

« S. M. o Imperador havendo tido occasião de ver a Guilhermina de Z..... vossa filha, me ordena de dizer-vos que o interesse que lhe ha inspirado, como filha de um Francez e de um bravo militar, o obrigou a offerecer-lhe uma somma de 300 mil francos destinados a facilitar o seu casamento, no qual S. M. vos convida a cuidardes com a possivel brevidade, pois que a isolação é tanto mais perigosa para uma donzella, quanto ella tem mais innocencia, belleza e candura. »

A' hora a que os cortezãos se reuniam ao que chamavam — *o levantar do Imperador* — ainda que sempre estivesse levantado de ha muito, o officioso mercurio da vespera se apresentou a Napoleão com o rosto mais prasenteiro. Não fez porém reparo no franzir das sobrancelhas que acolheu as suas saudações; e, abarroando em se achar sempre na passagem de Napoleão, atrahiu sobre si uma tempestade, que teria quiçá podido evitar.

— Desde quando, Senhor, exclamou o Imperador, tomando o que elle mesmo chamava *sua figura de furação*, desde quando me julgaes capaz de levar o disasocego ao centro de uma familia honrada, e de abusar da ignorancia de uma menina honesta? Serei por ventura Luiz XV? e tão mal me conheceis?

A esta apostrophe, o individuo espavorido, confuso, balbuciou, perdeu a cabeça, e não sabia como haver-se; antes que achasse termos com que responder, o Imperador lhe havia voltado as costas, e dirigia ao resto da assembléa uma especie de allocução sobre a necessidade dos bons costumes e a união das familias. Era o seu thema deste dia. Todas as vozes foram unissonas: a anecdota da vespera se havia já divulgado, e um dos cortezãos aventurou, como por allusão, algumas palavras sobre a continencia de Scipião.

— Oh! disse o Imperador com impaciencia, a continencia de Scipião! é um desses disparates historicos que estou cançado de ouvir repetir. O grande merito = respeitar uma mulher que não fazia caso d'elle, quando tinha tantas outras á sua disposição.

« Certamente, lhe tornou o interlocutor sorrindo, se a conquista do grande Scipião fosse mais bem disposta em seu favor, duvido que o elogio da sua continencia houvesse chegado a Vossa Magestade; pois que ha superior á posse de uma bella dama? »

— Meu charo, replicou Napoleão agarrando-lhe na orelha meio a rir, meio pensativo, é muitas vezes mais doce o renunciar.

O CHAH NAMÉ,

Poema persa por Ferdouci.

O Poema de que offerecemos um extracto é celebre em todo o Oriente; foi composto no 4.° seculo da hegyra, 10.° da nossa éra, por petição do celebre imperador Mahmoud o Chaznévide. O Chah Namé é uma historia em verso persa, desde os tempos mais antigos até á morte de Yezdedjerd III, ultimo principe da familia dos Sassanidas. O auctor deste poema chamava-se Abou'l Kaçem Mançour, mas, desde que isto chegou ao conhecimento de todos os poetas orientaes, não é conhecido senão pelo sobrenome de Ferdouci; a obra é composta de sessenta mil distichos ou cento e vinte mil versos, e, como se julga, a imaginação do auctor accrescentou ainda tradições, muito pouco historicas, aos factos que servem de fundamento. O successo de que se tracta passou-se durante o reinado de Minotcheher, sexto rei da dynastia dos Pichdadianos: Sam era seu primei-

Digitized by Google

ro ministro, e principe hereditario do Sejestan.

Primeiros annos de Zal-zer filho de Sam.

Estiveram septe dias sem ousar annunciar a Sam o nascimento deste filho, e todo o gyneceu chorava defronte do berço do menino. Ninguem ousava dizer a Sam que sua esposa lhe tinha dado um filho, trazendo o caracter da velhice. Emfim uma ama, atrevida como um leão, se dirigiu corajosamente ao heroe, e lhe deu a conhecer n'estas palavras que era pae.

« Felicidade e gloria a Sam, o heroe! « Que se arranque o coração áquelles que « formam contra elle criminosos desejos! « Deus te concedeu o que lhe pedias, o que « era o objecto de todos os desejos de tua « alma. O principe! avido de gloria, atraz « da cortina do gyneceu, te nasceu um fi« lho, bello como a lua, um joven heroe « com coração de leão, que, tão pequeno « como é, mostra já uma alma corajosa. O « corpo é como a prata sem liga, a face é « brilhante como um paraiso. Não acharás « em algum de seus membros o menor de« feito, sómente o cabello é o de um velho. « Tal é o presente que a fortuna te fez; É « necessario contenta-la, e mostrar-te digno « de seus dons: que tua alma não seja in« grata, nem teu coração esteja afflicto. »

O heroe desceu do throno, e correu ao gyneceu para ver o recem-nascido. Á vista dos cabellos brancos que cobriam a cabeça de seu filho, seu coração não teve mais esperança no mundo, seu orgulho ferido, o lançou n'uma violenta colera, e sahiu arrebatadamente do caminho da justiça e da verdadeira sciencia. Dirigiu sua furia implacavel contra o ceu, e pediu um desafio ao Todo-Poderoso.

« Ó tu! diz elle, que não conheces deca« dencia nem mudança, que bem me póde « resultar deste terrivel golpe que tua von« tade discarrega sobre mim? Quando mes« mo tivesse commettido algum grande cri« me, quando tivesse seguido a religião de « Ahriman, o Creador podia, cedendo ás « minhas suplicas, fazer-mo expiar secreta« mente, sem publicar minha vergonha. »

Soffrendo este sentimento, sua alma vacilava, e o sangue incendiado lhe fervia nas vejas.

« Que responderei aos meus inimigos quan« do virem este triste descendente, e que « virão perguntar-me? É o filho d'algum « demonio malfasejo, um leopardo de duas « côres, algum Péri? Em particular, em « publico, os grandes do mundo sorrir-se« hão de mim; este opprobrio me fará fu« gir da terra d'Iran, direi adeus a este paiz. »

Tendo assim exalado sua colera, retirou-se acusando e amaldiçoando seu destino.

Por sua ordem o menino foi tirado do palacio, e abandonado n'um paiz afastado, onde se acha uma montanha chamada Albourz, montanha que está visinha do sol, e mui afastada dos homens.

Um simourgh tinha alli o ninho, porque era um logar incognito aos humanos: lá abandonaram o menino. Tornaram, e longo tempo decorreu.

Este pobre innocente, que um cruel pae rejeita assim como um vil objecto, sabia sómente o que era branco e preto? Ainda de leite era já o objecto do furor de seu pae; e conta-se que uma velha leôa dizia a seu filho já crescido: « Não te houvesse eu da« do o sangue de meu peito, não te pedi« ria algum agradecimento; porque tua vi« da é meu coração, e mo arrancarias se te « separasses de mim. »

Assim desamparado, o pobre menino não tinha outro recurso senão chupar nas pontas dos dedos, ou atroar os ares com seus clamores.

Como o simourgh tinha filhos, voôu do ninho, e do alto viu um joven menino que chorava, porque a terra não lhe offerecia mais segurança e soccorro que uma mãe brutal e ardente. Uma rocha dura por berço, a terra por sustento, nú, os beiços privados do leite; tal era o estado deste menino, em torno do qual se ouvia uma natureza triste e esolada, e que o sol queimava com seus raios. Provera a Deus que seu pae e mãe fossem tigres; poderia achar um abrigo contra o sol!

Deus emanou um rasgo de piedade ao coração do simourgh, e não lhe inspirou vontade de nelle sevar sua ferocidade. O passaro desceu da nuvem, tomou-o nas garras, e, arrebatando-o de cima deste rochedo ardente, o levou para sobre o monte Albourz, onde se achava seu ninho. Collocou o menino diante de seus filhos, para que, sem attenção aos choros e gritos, o conhessem. Mas Deus lhe inspirou a misericordia, porque este menino tinha uma existencia marcada nos decretos do destino. Ouviu-se uma voz: « Ob simourgh! ditoso passaro, toma cuidado d'esse tenro menino: porque d'elle devem sahir heroes bravos, e fortes como leões furiosos. Nós o depositámos n'esta montanha, espera os successos que o tempo trouxer. »

O simourgh e seus filhos consideraram este menino que vertia lagrymas de sangue. Cousa prodigiosa! Foram tocados da maior compaixão, e ficaram estupefactos ante a

Digitized by Google

bellesa de seu rosto. O passaro toma a presa que julga mais delicada, afim de que, em falta de leite, seu novo hospede possa chupar o sangue. Foi assim durante um longo espaço de tempo que o menino esteve escondido. Apenas o correr dos annos passou sobre sua cabeça, tornou-se um homem similhante ao cypreste; emblema da liberdade; o peito parecia uma montanha de prata, e o dorso flexivel. As caravanas passavam perto desta montanha, pelo signal particular que o destinguia foi conhecido no mundo, porque jámais o bem ou o mal fica occulto. Um boato chegou a Sam, filho de Neriman, a respeito deste mancebo glorioso e feliz.

Sonho de Sam. — Uma noite que as dores da chaga do seu coração estavam mais moderadas, os successos da fortuna vieram perturbar seu somno. Figurava-se-lhes vir, a toda a pressa, dos climas da India um homem montado sobre um cavallo arabe; este firme cavalleiro, este heroe perfeito, approximava-se de Sam, dava-lhe noticia de seu filho, e lhe revelava a grandeza deste poderoso descendente. Apenas acordado, Sam fez chamar os *mouheds* (padres), e lhes arengou sobre este objecto. Fallou-lhes da visão que havia tido, e tambem do que tinha obtido das caravanas. « Que dizeis d'estas cou-« sas? lhes diz elle; vosso espirito póde sa-« ber se este menino vive ainda, se morreu « de frio ou pelo ardente sol de Tamouz? » Todos, jovens e velhos, fallaram, e disseram ao heroe:

« Todo o homem que se mostrou ingrato « para com o Todo-Poderoso jamais deve « conhecer o que ha melhor no Universo. « Na terra e nos rochedos, os tigres e leões, « no fundo das aguas, os peixes, os croco-« dilos, todos tomam cuidado de seus fi-« lhos, todos tributam a Deus a homena-« gem de seu reconhecimento. Mas, tu, tu « quebrastes os laços que te unem para com « Deus, dando-te um dom precioso; e abor-« reces, e affastas de ti este menino inno-« cente. Mas seus cabellos brancos, que te « opprimiram o coração, com que dishonra, « com que opprobrio mancharam um corpo « já outr'ora tão perfeito? Cohibe-te de di-« zer que este menino não vive; mas levan-« ta-te, prepara-te para correr em sua pro-« cura, porque nem o frio nem o calor po-« dem nada contra aquelle que Deus toma « debaixo da sua protecção. Ora ao Senhor « com humildes escusas, porque é elle que « distribue o bem, e guia os homens. » No dia seguinte o heroe correu chorando para a montanha d'Albourz; quando a noite se approximou, invocou o somno que correu mais veloz que o pensamento....

(Concluir-se-ha).

MORTE DO MAJOR LAING E DO CAPITÃO CLAPERTON.

Laing depois de tão difficultosamente ter penetrado pela Guiné ao seio de Timani, de Mandingue, de Kuranko e de Solimana, lançou-se a todo o risco a atravessar os estados de Tripoli, de Gadames e o Sahara, para hir a Tombutu.

Exhausto de forças, e milagrosamente livre das cadêas dos barbaros assassinos, que assolam todo o deserto, despojando as caravanas, e estrangulando, ou deixando a ponto de perecer os viajantes, chegara emfim a esta cidade de pretos situada sobre as praias do Dialibia, ao principio do anno de 1827, quando um bando de Fellanos ou Fellatahs levados de seu carnivoro furor contra os brancos o estrangularam. Eis-ahi provavelmente perdidas todas as suas discobertas e manuscriptos, e sem que jámais se possam alcançar (como os de Mungo-Park); e tambem como este aquelle foi victima da sua coragem e amor da sciencia.

Seu digno rival, o intrepido Claperton, que em 1823 com o major Dixon Denham, nos tinham revelado as ricas populações de Sudan, quiz ahi voltar em 1825 por a Guiné e a ribeira de Benin. Exposto a mil perigos, depois de ter atravessado altas montanhas, e estados ainda disconhecidos, emfim, depois de uma jornada de mais de 1500 milhas em o interior, tinha, com effeito, chegado a Sakatu, capital do sultão Bello.

Mas a cubiçosa inveja dos mouros, ou o temor dos soberanos destes paizes remotos, que imaginam que os europeus enviam espiões para em algum tempo os poderem subjugar, abandonava este aos alfanges dos assassinos, quasi ao mesmo tempo que o infortunado Laing fôra ferido de um golpe similhante, achando-se a trinta ou quarenta dias de jornada distante de seu companheiro que esperava bem depressa ver.

Elles se verão sem duvida, mas em um mundo melhor, que os recompensará dos seus excessivos esforços pela causa da civilisação.

E' aos Clapertons, aos Laings e Denhams, mui excellentes argonautas da geographia, a quem é devido o estarem em parte dissipados os tenebrosos perigos do centro da Africa: quanto reconhecimento lhes não é devido! Não são pois dignas suas admiraveis indagações de se compararem ás de Colombo? e o anno de 1823 não merece egualar-se ao anno de 1492? Se este mudou a face ao Universo, aquelle acaba de mudar a face á geographia e mesmo á posição relativa dos africanos para com o resto do mundo.

Digitized by Google

Mas o desejo de embellesar este jornal, e de offerecer as relações possiveis o mais concisa e claramente nos obriga a dar a seguinte noticia sobre a morte do capitão Claperton; a qual se julga ser a mais verdadeira. Ella foi natural e não effeito de um assassinio; uma evacuação contínua o levou para a eternidade a 13 de Abril de 1823, em a capital do sultão Bello, aonde elle se achava algum tempo depois de volta, e aonde o soberano o tinha de novo recebido. Eis o que narrou o seu criado, Ricardo Lander, que acompanhado de tres pretos voltou de Sakatu a Benin com todos os papeis de seu amo. Este Lander tinha sabido em Sudan que o major Laing estava em Tombutu no mez de Março de 1827, mas não tinha ouvido dizer que elle havia sido assassinado. A carta que encerra os particulares deste acontecimento é escripta de Acra, bahia de Benin, com a data de 16 de Janeiro de 1828, pelo capitão Laing, homonymo do major; que, embolçou uma somma consideravel de que o rei de Bagrady tinha feito o adiantamento ao criado do disgraçado Claperton, fallecido aos 30 annos de edade.

No tempo d'ElRei D. Sabastião havia em Lamego, na celebração dos cazamentos, um costume tão célebre como ridiculo. Depois de recebidos os noivos, e que os convidados vinham assistir ao banquete findo este, era o noivo levado a uma caza interior, e pondo as mãos no chão, á maneira de besta, os hospedes lhe punham uma albarda e um cabresto, e montando n'elle o traziam onde estava a outra gente, e se mostrava a cada um d'esta forma. Todos entam lhe offereciam dádivas rusticas, e carregádo com ellas cengiam-o com uma cilha e tornava a hir para dentro.

O célebre Diogo de Paiva d'Andrade, bem conhecido n'este Reino, e um dos maiores theologos, que appareceu no concilio Tridentino, viu uma vez esta ridicularia, e a escreveu em uma carta, dizendo, que a observára com bem rizo; — e tinha razão.

Luto. — O que se usou em Portugal, até ao reinado d'ElRei D. Manoel, era de burél branco, e o primeiro que houve negro, foi por morte da Sr.ª Dona Fillipa tia de aquelle Rei. Conta-se, que vindo a Santarem, assistir ás exequias d'ElRei D. Fernando, o Conde d'Ourem seu cunhado vestido de prêto, lhe estranhou tanto aquella novidade o Marechal Gonçallo Vasques de Azevedo, que obrigou este fidalgo a vestir-se de burél, na forma dos mais, que assistiram áquelle funebre acto.

João de Sá foi um preto criôlo de quem gostava muito ElRei D. João 3.º, e os fidalgos, por obsequio a elle o estimavam e visitavam. Deu-lhe ElRei o Habito de S. Thiago, e a primeira vez que entrava no Paço com este distinctivo, se achava presente D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, a quem Sua Alteza perguntou o que lhe parecia João de Sá; a que o Conde respondeu, que lhe parecia uma saca de carvão com a marca da cidade. Morreu este preto na flor da edade, e sendo visitado do mesmo Conde, quiz ElRei saber d'elle como se achava o doente, e logo o Conde respondeu, = mosca em leito meu senhor; = alludindo a ser o cobertor da cama e a armação de pano branco, e só lhe apparecer a cabeça.

AVISO AOS SOCIOS.

O Conselho Administrativo da Sociedade Escholastica-Philomatica avisa aos membros da mesma Sociedade que esta mudou a sua residencia da Rua da Atalaia n.º 178 1.º andar, para o Largo da Trindade n.º 27 B 1.º andar: egualmente previne aos mesmos Socios, que as sessões ordinarias continuam ás Quartas-feiras; esperando que hajam de concorrer ao debate do ponto actualmente em discussão = *Influencia das Crusadas sobre a Civilisação.*

O Archivista da Sociedade participa aos Socios que teem em seu poder livros pertencentes á Bibliotheca da mesma Sociedade, ou objectos do Gabinete de Historia Natural, os hajam de entregar no praso de outo dias; ou aliás fará constar seus nomes ao Conselho Administractivo.

A Commissão da Redacção convida os Srs. Assignantes a que hajam de fazer a reclamação de qualquer numero que lhes não fosse entregue no precedente trimestre, na loja da Viuva Henriques e Filho, Rua Augusta n.º 1.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 23) Publica-se todos os Sabbados. (Julho 11, 1840.

A VIRTUDE E O VICIO.

Nos logares salutiferos para a sociedade, onde ha instrucção bem applicada; onde sem custo brotam as flores da razão, como a aromatica rosa brota nos jardins amenos, em que se conhecem só encantos e delicias; n'esses logares, dizemos, se alça o estandarte da virtude, ao passo, que nos campos venenosos em que as letras não teem moralisado os costumes dos homens, e onde o germen do vicio é superior ao da virtude, se alça a bandeira d'aquelle, como baliza, que determina o centro a que os viciosos devem reunir-se. A virtude, sentimento incomparavel, e tão sublime como maravilhoso, propõe-se a derrocar o vicio, e se muitas vezes não satisfaz os seus intentos, aquelle que a emprega tem a gloria de procurar fins licitos, e obras meritorias: e o que arreigado ao vicio, não cede ás instigações do virtuoso, soffre além dos remorsos, que sobre elle se precipitam, um definhamento cruel, pelo encontro d'elles com os fins que tem em vista, e que deseja conseguir.

A virtude e o vicio, lançam o germen, que lhes é proprio no coração de todos os homens. A felicidade consiste em tornar aquella superior a este; os meios que se empregam são de ordinario os conselhos e preceitos; porém os costumes, são os que produzem melhor effeito; porque o habito de obrar imprime-se, e é difficil depois destruir o systema das acções, que pomos em practica.

Lancemos a vista sobre a educação, que o pae virtuoso appresenta a seu filho, como vereda, que deve seguir, e conheceremos, que este anhela, como seu pae, o caminho da virtude, e quando os costumes fortificam as instigações do terno mentor, é difficil que um joven tão bem guiado ceda ás forças que o impellem para o lado do vicio: porém infelizmente, acontece ás vezes não serem sufficientes os meios, que o carinhoso pae emprega com todo o disvello a pró do filho que educa, e este se precipita no seio do vicio. Ah! quanto é terrivel colher fructos contrarios a nossos desejos; e quantas vezes um pae, que assim lhe aconteça, lamentará o ter dado o sêr a quem lhe foi tão ingrato! São estes os casos em que o pae afflicto, escurecendo o ar risonho com que ia levando o tenro filho pelo verdadeiro caminho, vem a cahir em desgosto sem egual, e torna-se victima d'aquelle a quem deu a existencia; vendo assim, aproximar-se passo a passo do tumulo, que lhe deve suffocar seus ais, e seu coração enternecido esmorecer em trevas. — ¡ E quantas familias se tornam desgraçadas por estes motivos? Ah! tremam os viciosos perante os males que produzem; o castigo irá procura-los nos logares mais reconditos; tremam, que os males que produzem, lhes acarretaram sobre si mil outros cuja duração será eterna!

Não acontece o mesmo aonde preside o pae vicioso: este lança sobre seus filhos o germen de suas acções abominaveis, e é mui raro, que estes não tomem os costumes, que para sempre os tornam indignos da sociedade bem formada.

Os governos virtuosos, fundam as regras da sua administração nos principios da virtude; e a nação que os chega a possuir, ainda que com difficuldade, vem a conhecer as vantagens, que lhe provém d'um governo tão bem fundamentado. Esta difficuldade provém da ambição e inveja, dos que desejam abraçar o poder; porém, se a instrucção preside nos homens, que além deste bem, se acham fortes nas virtudes contrarias a taes vicios; a tarefa dos ambiciosos e invejosos, só tende a procurar-lhes os abysmos, que merecem; e a sepultura os espera para legitimar o termo de suas acções indignas.

A Nação em que a virtude serve de guia, é feliz, e n'ella se desenvolvem o amor pa-

Digitized by Google

trio, o amor do proximo, a esperança de prosperar, a caridade com o nosso similhante, a humildade, a castidade, e outras muitas qualidades, que caracterisam a nação bem formada, e a fazem resplandecer tanto, quanto os raios do sol fazem brilhar os objectos, que nos circundam.

Pelo contrario, a nação viciosa, servindo-se dos terriveis meios de que póde dispôr, segue de perigo em perigo, sugeita a lançar-se em algum tão eminente, que nunca mais d'elle se possa disembaraçar.

A virtude é a practica constante das maximas, que a sabedoria faz conhecer: — o vicio, é a violação d'estas mesmas maximas. — Assim, primeiro que tudo, devemos instruir-nos para poder-mos seguir a estrada virtuosa, que todos devem anhelar; porque além d'este bem sem egual, partilhamos da gloria e interesse, de que partecipam os homens instraidos.

Novo Sol das Regiões Polares. (*)

Os viajantes, que teem visitado as Regiões Polares, os habitantes do norte da Escossia, Noruega, e outros paizes teem trazido até nós a noticia do phenomeno denominado aurora boreal.

Pouco depois de fugir o dia, começa a apparecer um clarão confuso para o lado do norte: largas fachas de luz se elevam irregulares acima do horizonte. Estes são os preludios do grande phenomeno, e se variam de mil maneiras. A grandes distancias se observam depois subindo, lentas e incertas, duas grossas columnas de fogo, uma do Oriente, outra do Occidente. Em quanto ascendem, mudam successivamente de côr e aspecto. Ao longo dellas, ou por mil voltas as circundam raios de fogo de differente intensidade e côr variada. Os cumes das duas columnas se inclinam e se encontram, como que para formar uma abobada de fogo d'uma extenção immensa. O espaço abraçado por este arco é quasi sempre escuro, e apenas por instantes attravessado por clarões mais ou menos intensos. Do arco sahem depois raios de fogo, que vão concentrar-se n'um pequeno espaço quasi circular, a que chamam a corôa da aurora boreal. É então que a aurora se ostenta com todo o seu esplendor: assim se conserva por muitas horas e mesmo pelas tardas noutes daquelles paizes. Quando a aurora vae terminar, começa a luz a desmaiar, o fogo amortece, a corôa desvanecida disparece em fim; e já não ha mais que o clarão incerto que se dissipa nas trevas.

A aurora boreal nem sempre se atavía com toda a sua pompa magestosa: umas vezes é o arco que se não completa; outras é a corôa mal disenvolvida; veem ainda as nuvens, interceptando a luz, apresenta-la mais variavel.

Ainda que já no hemispherio austral se tenham observado phenomenos similhantes, e que por isso a aurora boreal se não devêra denominar exclusivamente assim; todavia, porque nos paizes do norte foi primeiramente observada, se lhe reserva ainda o nome que tem. Nestes povos ella apparece tantas vezes, e com tanta regularidade, e permanencia, que com rasão a denominam tambem = o novo Sol das Regiões Polares =.

A Physica marcha vacillante, e incerta na explicação deste phenomeno; carece de mais observações, para se pronunciar: ainda os genios se enredam no labyrintho das hypotheses; ainda o bello do imaginario não cedeu o passo ao rigor da verdade. Sabe-se apenas que existe um laço estreito entre a aurora boreal e o magnetismo; além d'outros factos, que teem levado os Physicos a assim se decidirem; ha um constante: a agulha magnetica em presença da aurora perde sua posição; nem mesmo é perciso que ella appareça, para que a agulha seja fortemente agitada.

Mr. Arago em Paris a observou bastante perturbada n'um dia, em que depois constou apparecera uma brilhante aurora boreal no norte da Escossia.

Ainda é questão se ella se passa na nossa athmosphera: os viajantes não teem ouvido estrondo algum, ainda nas mais pomposas; mas alguns habitantes daquelles climas não duvidam asseverar te-lo já ouvido: se este facto é certo, é fora de duvida que a aurora boreal se passa na nossa athmosphera. Despretz assim o affirma; e diz que tal se prova por ser aquella levada com a athmosphera no movimento de rotação do globo: mas o illustre Physico não diz, que observações provam aquelle facto. — Alguns observadores teem tentado resolver o problema medindo a altura das auroras boreaes; mas os resultados sahem bem discordes. Esperemos pois por novas observações. — Talvez o estudo aturado deste objecto nos revelle verdades importantes sobre o magnetismo; e, pelo nexo que este já apresenta

(*) Na descripção deste phenomeno seguimos Mr. Pouillet. Qualquer pode vêr que em muitas partes elle foi litteralmente traduzido.

Digitized by Google

com a electricidade, esta consiga novas discobertas: é assim que muitas vezes por caminhos indirectos a sciencia progride.

A. da R. Gama Lobo.

O Campo de batalha.

Grandioso e infinitamente variado, é o expectaculo, que as scenas do mundo de continuo nos offerecem! — Pomposos quadros se disenvolvem aos olhos do attento observador, que ora tem, que curvar a altiva fronte aos estupendos prodigios da omnipotencia; ora se extasia ante as sublimes maravilhas da arte, cujos vôos atrevidos e elevados, parecem querer disputar á natureza a palma da primazia. A existencia humana lhe appresenta tambem uma série de variados successos, em cujo exame, como em confuso labyrintho, muitas vezes se perde; e cheio de espanto ou de enthusiasmo, de receio ou de ousadia, de dispreso ou de veneração; abysmada a alma em um pélago de diversas e oppostas commoções, deslumbrada pela natureza dos objectos ou dos acontecimentos, mal póde ás vezes em sua extasi exprimir a custo o tropel de sensações, que experimenta. Mas entre tantas e tão variadas perspectivas, que mesmo a despeito de todas as prevenções, lhe arrebatam e absorvem os sentidos, algumas apparecem todavia, que mais sériamente lhe fixam a attenção, excitando-o a meditar e reflectir sobre a infeliz condição da existencia humana, e entre ellas não póde deixar de distinguir-se o expectaculo, que nos offerece um campo de batalha, expectaculo estupendamente terrivel, em que o homem recorrendo a todos os ardís, que uma imaginação ardente, e um espirito ousado e emprehendedor lhe suggerem, disenvolve todos os meios possiveis de abater e aniquilar o seu similhante!

¿Na verdade, que maior espaço para observação se offerecerá aos olhos do homem philosopho, que despido de prejuisos e preconceitos pretende attentar e reflectir, nas scenas de horror e carnagem, de que é theatro um campo de batalha? ¿Que logar mais proprio, do que esse mesmo campo, para conhecer e axaliar o caracter humano, e o pouco de que depende ás vezes a sorte de um povo inteiro? — É alli, que de ordinario os reis e os principes vingam suas injurias, e satisfazem seus caprichos e ambições, fazendo correr a jôrros o sangue dos vassallos: dispovoam-se villas e cidades; o habitante dos campos vê-se forçado a trocar por uma espingarda o arado com que abria as entranhas da terra, e por um impulso electrico, milhares de homens marcham para o combate, arrostar a morte por uma causa, a maior parte das vezes injusta, e pagar com seu sangue no campo de batalha o desvario de um chefe, ou servir de victimas expiatorias da perfida e nebulosa politica dos governantes. Miseravel condição humana! Quantas existencias se sacrificam aos interesses de um punhado d'homens, avidos de poder, mas prodigos de sangue! Quantos destroços, quantas calamidades e vexações, acarretadas muitas vezes sobre um paiz, pela inépcia, pela ambição, ou pela perfidia dos que dirigem, o baixel do Estado! Embora se diga, que a guerra é uma das necessidades das sociedades humanas; mas essa necessidade, que os homens crearam para sua vergonha e indelevel opprobrio, póde não raras vezes prevenir-se, e aos governantes incumbe faze-lo, ou tratar de a suavisar quando inteiramente lhes não seja possivel evita-la: execração eterna, aos que renegando d'estes principios prodigalisam a seu talante o sangue das nações, e parecem folgar no meio das lagrimas e desolação de familias inteiras.

Lancemos porém os olhos sobre um campo de batalha: que alma haverá tão estoica, que não sinta profundo abalo á vista da tumultuosa confusão de tantas scenas de horror que alli se succedem? — É alli, que os exercitos pleiteam as causas em cuja defeza se armaram: homens, que nunca se haviam conhecido, e que talvez se se conhecessem houvessem entre si estabelecido os mais estreitos laços d'amisade; homens, que nenhuma offensa particular teem entre si a vingar, nenhum capricho proprio a satisfazer, alli vão avistar-se, e discarregar reciprocamente terriveis e mortiferos golpes: uma multidão de sentimentos diversos lhe gira nos peitos; mas esses sentimentos callam ante o desejo commum de vencer, e todas as ambições emmudecem ante os fumos de uma lisongeira gloria!

A morte paira sobre a cabeça dos combatentes, e o grito penetrante das batalhas os convida a um banquete de sangue. O canhão rebomba com estrondo similhante ao de uma erupção volcanica e os projectis, que arremeça, atravessando as columnas de combatentes, deixam após de si uma senda de destruição e de dôr. Mãos terrivelmente armadas de bayoneta, de espada, ou de lança, semeam por toda a parte a morte e dezolação; a cada golpe fatal, fileiras inteiras de heróes cahem, quaes espigas de louro trigo, sôb a fouce do segador; as corne-

Digitized by Google

tas e clarins atroam os ares com seus asperos e agudos sons; os esquadrões carregam; os clamores de guerra confundem-se com os gemidos dos feridos, e os ultimos suspiros dos moribundos; á furia dos combatentes reune-se ás vezes a furia dos elementos; tudo é horror, confusão e carnagem.

Os batalhões formam-se e avançam sobre os cadaveres palpitantes de vencidos e vencedores; o campo de batalha serve de leito de repouso a amigos e inimigos, que alli dormem em commum o somno da eternidade: — alli, o soldado apenas sahido da casa paterna, prostrado por terra e esvaído em sangue, balbucia a custo, o nome de uma mãe, que lhe não pode valer; ao lado d'elle, o veterano experimentado, cujas faces se crestaram ao calor das batalhas ferido mortalmente, aguarda com resignação o termo proximo de uma existencia, que toda consagrou ao serviço da patria; mais adiante, um individuo horrivelmente mutilado, revolvendo-se no pó, e aguilhoádo pela intensidade do soffrimento, implora como uma graça o fim de uma vida, que lhe é pesada; junto do pae de familia, que não volverá a estreitar em seus braços a consorte querida e os innocentes filhos, jaz o amante desditoso, que trocou a aureola de um futuro rico de esperanças, por uma corôa de rigoroso martirio; mas ao lado d'estas scenas de luto, os combatentes a quem a morte ainda poupou duplicam de furor, perseguem-se, chocam-se, aniquilam-se, de envolta com o fumo, que os cerca, milhares d'existencias vôam ao seio da eternidade! — ¿O que resta depois de tanta carnificina, e de tão grande numero de sanguinolentos sacrificios? — Uma terra sulcada de balas, regada de sangue, juncada de destroços d'armas, d'utencilios militares, de equipagens destruidas, craneos dispersos, e cadaveres horrivelmente dispedaçados. Taes são os tropheos infalliveis da guerra! — Tal é a belleza de um campo de batalha! — Tal é a pompa de um campo de victoria! — ¿Mas tirará sempre o vencedor um resultado verdadeiramente util do seu triumfo? — ¿Não será, a maior parte das vezes, efémera uma victoria alcançada a custo de tantas victimas, e de tão grande numero de desastres e assolações, consequencias inevitaveis de uma batalha? — A historia responda por nós.

Agua fornecida pelos vegetaes.

Tem-se reconhecido que as plantas lançam pelos seus poros uma quantidade de agua consideravel: e podemos olhar esta excreção como a mais abundante. Os calculos que Hales executou, fizeram conhecer, que a transpiração d'uma planta adulta, durante o verão, éra superior dezasete vezes á do homem.

As Observações de Guettard, conduziram-no a affirmar, que esta excreção éra proporcional á intencidade da luz, e não á do calor; demaneira, que durante a noute se tornava quasi nulla. O mesmo Physico observou, que a transpiração aquosa se fazia pela parte superior da folha. A agua que se exala dos vegetaes, não se appresenta no estado de pureza, serve de vehiculo ao aroma, e conduz comsigo parte do principio extractivo, que a faz corromper com muita facilidade.

O effeito immediato da evaporisação aquosa, é sustentar um gráu de frescura na planta, o que faz, que ella não siga rigorosamente as variações da temperatura da athmosphera.

A GRECIA.

APONTAMENTOS HISTORICOS.

A Grecia fazia outr'ora parte da Turquia Européa, mas depois de ter gemido, por espaço de tres seculos, debaixo do jugo dos Turcos, os gregos revoltáram-se, e sustentados pelos socorros da França, Inglaterra, e Russia, que principalmente se manifestaram na batalha de Navarino, reconquistaram a sua independencia, depois de longos annos de uma luta cruel e sanguinolenta.

Este novo Estado, que tomou logar entre as nações, compõe-se hoje de trez partes distinctas: ao norte, a antiga Helladia, actualmente Livadia; ao sul, o Peloponeso dos antigos, chamado Moréa pelos modernos; finalmente, a léste da Moréa, as ilhas do Archipelago.

A Grecia assim limitada occupa do norte ao sul, desde as margens do rio Hellada ou Sperchius, até ao cabo Matapan, uma extensão pouco mais ou menos de sessenta leguas; e de léste a oeste, desde o cabo de Marathona até ao de Tanesio, atravessando o isthmo de Corintho, uma largura de cincoenta e seis leguas. Confina pelo norte com a Turquia Européa, pelo sul com o mar de Candia, a oeste com as ilhas Jonias, e a leste com o Archipelago.

O solo do reino da Grecia, possue minas de ferro, chumbo, zinco, cobre, mercurio

Digitized by Google

e cobalto; mas, á excepção dos dous primeiros metaes, estas substancias parecem ser mais abundantes.

Apesar da doçura e belleza do clima, a Grecia não é um paiz geralmente sadio; e é á influencia dos terrenos humidos, que certas provincias devem a sua insalubidade.

As virtudes dos gregos modernos teem sido muito celebradas por cégos enthusiastas, e os seus vicios exagerádos por injustos detractores. Um povo embrutecido pela ignorancia e escravidão, não é facil de regenerar em poucos annos. Os gregos teem disgraçadamente conservado de seus paes, a vaidade, a inconstancia, e talvez tambem a má fé; mas a natureza não lhes recusa os duos espirito; ainda nascem oradores e poétas; e só a falta de instrucção suffoca seus talentos. O sarcasmo e a zombaria, formam ainda, como entre os antigos gregos, os principaes ornamentos do discurso. No meio dos objectos os mais sérios, um gesto, uma palavra, um nada, bastam para lhes fazer esquecer os negocios mais importantes. Os Athenienses conservam ainda alguns vestigios da sua antiga cortezia. O idioma alli é mais mellifluo, que em qualquer outra parte; acha-se-lhe um não sei que, de mais animado nos sons, e mais perciso na expressão.

Os gregos conservam com a sua fé, a sua egreja, e o seu clero. O clero grego forneceu, durante a ultima guerra, martyres á causa da religião e da liberdade; oxalá que elle se colloque á frente da parte da nação, que deseja conhecimentos; e que possa em fim, reunir-se á egreja catholica cuja gravidade e unidade corrigeriam a sua inconstancia, e disenvolveriam o germen de todas as suas virtudes! Os gregos fazem cinco quaresmas todos os annos, durante as quaes só lhes é permittido alimentarem-se com peixes secos ou salgados, unicamente temperados com azeite: é assim, que guardam todas as sextas-feiras do anno, e com tanto rigor, que difficilmente perdoam áquelle, que infringe a quaresma ou a sexta-feira.

Uma tribu dos camponezes da Laconia, refugiados nos montes Taygétes, conservou sempre, mesmo debaixo do jugo dos Turcos, uma sombra da liberdade tão chara a seus antepassados. Os Mainotes, costumados desde a infancia ao manejo das armas, estavam sempre promptos a medi-las com os Turcos: o seu valor, que degenera em temeridade, partecipa ainda da força de um conhecimento perfeito das posições vantajosas dos seus desfiladeiros. Muitas vezes, as dissenções ensanguentam suas cabanas; implacaveis tanto nos odios como nas vinganças, só a voz dos velhos mais respeitaveis do cantão consegue abranda-los; porque as advertencias destes velhos, são reputadas como oraculos. Sobrios, e valentes como os Espartanos, de que são descendentes, os Mainotes contribuiram poderosamente para a conquista da independencia da Grecia. Os Turcos nunca penetraram nas suas montanhas.

Os Cacovonniotes, piratas sanguinarios, que habitam junto do cabo Matapan, não devem ser confundidos com os Mainotes. Inimigos do genero humano, só respiram morte e pilhagem.

¿ Qual será o viajante, que atravessando o paiz grego, tão cheio de recordações, não medite nos differentes destinos dos povos, que o habitam? — Grandeza e humilhação, força e fraqueza, sublimidade nos sentimentos e corrupção do coração, barbaridade e civilisação; estes povos têem successivamente tocado todos os extremos, e têem sempre egualmente enchido de assombro todos os espiritos.

Na época do seu poder, a Grecia se assinala pela destruição de Troia, que a Azia quasi inteira, se exforçava por defender contra a sua invencivel bravura; com um punhado de heróes, ousa resistir ao grande rei da Persia, cujas tropas cobriam a Grecia, e destrue suas frotas e seus exercitos de terra; debaixo do commando de Alexandre o Grande, ella submette a Azia inteira.

A Grecia, do mesmo modo que na guerra, distingue-se na legislação, a poesia, a historia, a medicina, a philosophia, a pintura, a escultura; em tudo finalmente, offerece modélos e guias á posteridade; e foi esforçando-se por imita-los e segui-los, que o seculo de Augusto e o de Luiz 14 mereceram o sobrenome de Grande.

Na fraqueza, e nos ferros da escravidão, a Grecia sustenta ainda um sceptro temivel; ella commanda aos senhores do mundo, e as suas doutrinas sophisticas solapam os fundamentos do imperio romano; alguns seculos depois, essas mesmas doutrinas, rompem a unidade da egreja christã.

As astucias, a perfidia, e a má fé da Grecia, fazem malograr as Cruzadas. Proxima a cahir debaixo do pezado jugo dos discipulos de Mahomet, só, abandonada pelas nações européas, que apenas lhe lançam um olhar de disprezo, ella se ergue e luta com uma constancia heroica contra o Crescente. Os seus esforços para repellir o jugo Ottomano lhe fazem em fim merecer a nacionalidade. Na historia dos povos, se exceptuarmos os Judeus, a Grecia merece o primeiro logar, por isso que offerece o que ha de mais variado e espantoso. Não procuraremos explicar o

Digitized by Google

segredo dos destinos d'este paiz; muitos têem já, mas debalde, feito esforços para o conseguir; mas os destinos de um povo, bem como os de um homem, são muitas vezes um misterio absolutamente impenetravel á fraqueza.

D. AFFONSO SANCHES.

ROMANCE HISTORICO.

I.

Já Mavorte desperta em toda a parte
Das guerras o furor; os sons horrendos
Da bellica trombeta tudo atroam.

Fr. J. Valla. Elysabetha Trianfante.

O Sol já se escondendo no horisonte; e a agradavel briza da tarde vinha refrescar a natureza cançada e esgotada por calóres intensos; os ultimos raios do disco abrazeado se reflectiam nas summidades d'um Castello, sobre cujas Torres se desfraldava a bandeira de Portugal; situado sobre um morro, erguia a sua frente carregada e orgulhosa no meio das humildes e pacificas habitações dos vassallos, que dominava; uma vereda sufficiente para caminharem por ella homens de pé, e de cavallo, conduzia diante da porta principal defendida por um largo fosso, sobre o qual então estava cahida uma ponte levadiça, em quanto, apezar da ausencia do inimigo uma fortissima porta de ferro vedava a passagem, duas Torres guardavam esta entrada, e bem difficultosa e arriscada a tornavam ás armas de inimigos; fortes muralhas, e as fortificações exteriores rematavam esta Cidadella inexpugnavel.

Juntos no eirado do Castello os homens d'armas praticavam diversamente sobre varios pontos: era no tempo do Reinado de ElRei D. Diniz em que os costumes, usos, e modos começavam de se adoçar, em quanto ás letras, e artes uteis e liberaes eram cultivadas e apreciadas; sabio e justiceiro, D. Diniz havia punido os crimes com justiça egual; ajudado a Agricultura, e feito renascer o estudo e tracto das sciencias e letras conhecidas em seus tempos, fundando o *Estudo* de Coimbra; as riquezas e a abundancia renasciam, e os povos viviam satisfeitos.

—Por Santiago dizia um dos homens d'armas, dos que estavam no eirado, que se agora começamos de novo a guerrear será mister dizer adeus a nossas terras cultivadas, e a nossas habitações, que não mui afastado vae o dia em que as vejamos queimadas e razas com o chão; e bem é isto de arreceiar, que segundo nos agora conta Thomé Fernandes, e o eu já sabia, é partido um Capitão do Infante com sua gente, e com recado de se apossar do Castello, que por ser sobre as margens do Téjo, e não mui afastado de Santarem lhe faz a elle bom geito; assim pois, bom será proverimos no que importa á salvação de nossas vidas e familias, que do que é nosso, breve veremos o fim: não vos parece assim Thomé Fernandes?

— Que quereis que eu diga! Se elles ahi vierem será bom, que na defeza deste Castello lhe mostremos o quanto valem em nós a lealdade, que devemos a ElRei, e o amor e fidelidade, que juráimos ao nosso valeroso Alcaide D. Martino Telles, senhor desta Terra: e com quanto não deixe de sobejar o perigo, em segredo vos assevero eu, que do successo da peleja me não arreceio, nem duvido seja nosso, visto o Santo Papa haver já de Roma mandado a sua excomunhão ás *quadrilhas*, e reprehender o Infante por se rebellar com tal gente e contra tal Páe.

— Bom! bom! bradou Antão Pires, o primeiro que fallára; não sabeis vós tambem o que ElRei disse aos Ricos-homens, e Cavalleiros, quando houve noticia da facção revoltosa do Infante?

— Dizei! dizei! esclamaram os outros, cercando-o com grande curiosidade; e entre elles se destinguia a figura estravagante de Thomé Fernandes com o pescoço debruçado, e os olhos postos no rosto do Orador, em quanto a sua corpulencia se estribava só em uma perna, que a outra estava levantada por necessidade do logar preeminente, que esta digna personagem havia de preferencia escolhido.

— Assim pois ElRei, estando mui agastado, continuou Antão Pires, volvendo-se a seus Cavalleiros disse « — Pelo Santo Sepulcro, Senhores, que se tal revolta não houver termo mui breve, e meu filho não tornar á obediencia, que me deve como a Senhor, e Páe, protesto fazer n'elle tal exemplo e castigo, que lhe pezará o acontecido » — E continuou por diante com palavras mui pezadas contra o Infante, e n'este humor se partiu com sua tropa caminho de Lisboa, por tolher a seu Filho a entrada desta Cidade....

— A' Cidade de Lisboa!! disse o escudeiro do Alcaide, que acaso viera a tomar o fresco, e ouvira as ultimas palavras de Antão Pires; quem vos deu taes novas?

— A' fé de Christão, Senhor Affonso Gomes, bradou Antão com uma risada intermi-

Digitized by Google

tente e rustica, que tinha eu para mim, que mais do que estas devieis-vós saber, quando a todos estaes sempre dizendo, que em novas de Côrte andaes corrente e em dia; porém já que estas ignoraes sabei, que Pedro Carrancudo, meu cunhado, vindo saber novas minhas me deu as de vir aqui de hoje para amanhã um Capitão do Infante com sua *quadrilha;* e de como ElRei era partido mui sanhudo, vindo em busca do Filho, que lhe queria á traição, e com enganos tomar a sua boa Cidade de Lisboa; e agora já vedes, que hoje ao menos sei mais do que vós, e bom seria nos mandasseis dar algum vinho, com que nos refresquemos para a peleja.

— Por vida d'ElRei, disse o Escudeiro pasmado, que taes tão essas novas, que já as vou levar ao nobre Alcaide para elle nisto fazer o que lhe melhor convier; e quanto ao vinho, que pedis tê-lo-heis, com tanto, que guardeis silencio sobre o que me dissesteis, e não andeis a dizer a todos os que no Castello habitam, que seremos atacados, que será o meio de nos vermos leves de gente; e quando tratar com o valeroso Alcaide sobre a defeza não sereis esquecidos para as recompensas: assim, bocca fechada, e tereis bom recado meu.

O velho Escudeiro deixou os homens d'armas com um ar de importancia, que tomava sempre com os inferiores em arremêdo ao do Alcaide seu amo: de seu lado os vassallos começaram de beber, e se refrescarem com o vinho, fazendo alegremente saúdes ao velho Cavalleiro, a seu filho, a sua sobrinha, e até ao Escudeiro.

Antão Pires, que tinha os olhos pregados na vereda, que vinha da Terra ao Castello viu um Cavalleiro trotando veloz como se a sorte da guerra dependesse da ligeireza do seu ginete: — Viva! viva! bradou o homem d'armas, que se a vista me não engana é chegado o nobre Cavalleiro Sancho Telles, o filho do nosso Castellão; e certo terei eu as alviçaras da nova, que primeiro o descobri!...

— Não! não! retrocou Thomé Fernandes, nenhum de nós as haverá; que tão longe está aquelle, que acolá vem, de ser o Cavalleiro, como eu o Apostolo S. Thomé meu glorioso patrono; assim vejamos o que manda e busca, que máu agouro é a tal hora tal hospede; e o velho Soldado abanava a cabeça com um tom profetico, que muito ajudavam as suas repetidas libações.

Neste tempo o viajante era chegado ante a porta do Castello, e tocava uma bozina, que alli pendia á maneira d'Aldraba; (lembrança engenhosa do velho porteiro, e mui conveniente ao seu descanço); vinha envolto em uma capa escura, e trazia na cabeça um capacete de figura de barrete, que chamavam capéllo; o seu calçado e vestidos estavam cobertos de pó; e o seu ginete estava banhado em suor. Thomé Fernandes tendo-lhe procurado o que buscava, o mancebo respondeu, que vinha de mandado d'ElRei trazer recado mui importante ao Alcaide; a porta então se abriu, e o viajante fatigado entrou no interior da Cidadella; porém attentando em um servo, que lhe conduzia o ginete, disse: — tomae tento, amigo, como trataes o pobre *Trotão*, que no estado em que o vêdes pouco basta para lhe fazer deixar a vida, o que certo me faria grande dôr.

— Sois humano, Senhor, lhe disse logo o curioso Thomé, e certo é de brioso e excellente guerreiro ter em estima o fiel ginete que o traz salvo das pelejas onde outros ficaram: eu ha bem pouco perdi o meu bom *Atrevido*, que uma maldita constipação afastou da terra! pobre besta! era mesmo um Salomão na intelligencia.

O Mancebo sorriu, e não respondeu ás queixas do Soldado senão abaixando a cabeça em signal de assentimento; e os olhos de Thomé só poderam discobrir-lhe por debaixo da capa um gibanete, especie de armadura ligeira de ferro de feitio de um gibão, e uma adaga, que parecia de boa obra; logo que passaram os intrincados rodeios e caracoes que a arte d'então fazia para demorar o inimigo se forçasse a entrada, e destrui-lo a seu salvo, sendo estas voltas dominadas por fortes posições; o homem d'armas entregou o viajante ao velho Escudeiro, que já o esperava na porta da entrada para as habitações interiores, onde o conduziu depois de repetidas cortezias e cerimonias, em quanto Thomé voltava para junto de seus camaradas, e enchugando o restante vinho tomava parte na discussão encetada sobre o viajante, e o misterio da sua chegada. (*)

Continuar-se-ha.

É mui facil obedecer ao Sabio, porque as suas ordens não teem impossiveis; assim como mui difficil diverti-lo por quanto o que muitas vezes, regozija os outros, a elle o faz suspirar, e derramar lagrimas,

Confucius.

(*) A causa da lucta sanguinosa que assolou no reinado de D. Diniz estes reinos foi a inveja e odio, que o Infante D. Affonso, depois ElRei D. Affonso IV. nutria contra seu irmão D. Affonso Sanches, filho natural de D. Diniz, por seu páe o ter em grande estima, e o haver elevado aos maiores cargos do reino: — o Infante depois de empregar de balde todas as traças imaginaveis para fazer perder a seu irmão a amisade do Rei tomou as armas, e teve algumas pelejas com seu páe; a final a guerra terminou a rogos de Isabel d'Aragão esposa d'ElRei, e pela sahida de Affonso Sanches para Castella.

Digitized by Google

O TEMPO.

Quem ha hi que te difina? Quem ha hi que possa comprehender os teus limites?... Sabios da luminosa Grecia; Sabios da Imperiosa Roma; Sabios do Universo; vós, cujas cinzas jazem no olvido do sepulchro; vós, que hoje viveis; vós, que ainda haveis de sahir do nada, para virdes abrilhantar o mundo da sciencia; vinde todos, se a tanto se avantaja vosso saber, vinde todos annunciar-nos o que seja o *Tempo*.

Qual magico fantasma, o *Tempo* se antolha ao homem simllhante a uma visão aerea. Ora turbido e medonho, como a fronte do furioso assassino; ora rizonho e prazenteiro, como o dia de primavera: ora longo e immenso como o espaço; ora diminuto e apoucado como um ai soltado a furto: ora... ah!... não mais, ó homem, não mais de acovardar-te a arrogante impostura desse ignoto Gigante, que indomavel se te afigura. Tu, que Rei dos animaes te ostentas soberbo, tu, que sabes conhecer o que a vista não alcança, que sabes conhecer o que mesmo não comprehendes, e comprehender o que não conheces, concentra-te em ti, medita e dize = o que seja o Tempo. Mas longo e inutil será o teu lutar.

Que frenetica loucura atormenta aquelles que hão pertendido difinir o Tempo?... Pobres loucos!... Tantos que são; e um só merece commiseração; porque denotou ao menos a maior de suas qualidades: *O Tempo*, diz elle, *é um Fantasma enorme e gigantesco, immenso e incompreensivel, que o leve sopro da morte immerge nos cavernosos abysmos do nada.*

Medos de Santo Antão. — Adagio com que se queria expressar alguma cousa medonha. Hoje é menos conhecido, que outros da nação, mas no penultimo seculo era muito usádo nas conversações, e ainda em obras poeticas. O célebre D. Thomas de Noronha, na critica, que escreveu, e começa = Escuta ó Sara; pois te falta espelho = querendo encarecer a fealdade da dama, a quem dirigiu aquella obra, diz, que ella podia causar medo aos medos de Santo Antão. Teve este adagio origem de uma grande procissão, que se celebrou em Lisboa no 3.° Domingo d'Agosto de 1577, e sahiu da antiga Freguesia de S. Julião, na qual entre varias figuras e carros triumfaes, ia um homem representando a Santo Antão no deserto, e outros representando os demonios em figuras de monos e serpentes para atemorisarem o Santo, tudo tanto ao natural, que assustava a muitos e mereceu na tradição esta memoria.

O grande Luiz de Camões tendo dezoito annos, namorou D. Catherina de Athaide, e principiou a inclinação em 19 ou 20 de Abril de 1542, em Sesta-feira da Semana Santa, hindo ella á Egreja das Chagas de Lisboa, onde o Poéta se achava para assistir aos Officios Divinos. A esta senhora, que foi depois Dama da Rainha D. Catherina, dedicou o Poeta muitas das suas obras; e em consequencia d'estes amores quatro veses foi desterrado; uma de Coimbra, estando lá a Corte, para Lisboa; outra de Lisboa para Santarem; outra de Lisboa para a Africa; e finalmente de Lisboa para a India.

O Povo é o grande mestre da lingua, dizia um sabio Grego; mas era o povo Grego. Oxalá outro tanto poderamos dizer do nosso malfadado Portugal, em que nem povo, nem nobres, nem alguem se pode extimar em mestre do nosso bello e menospresado edioma.

Combate de noite e dia os teus vicios, e se por teus cuidados e tua vigilancia alcançares sobre ti a victoria, attaca fortemente os alheios; mas nunca antes, porque não ha nada mais ridiculo que querer, destruir nos outros os defeitos que nós posuimos.

Aquelle que de manhãa escuta a vóz da virtude pode morrer de tarde; elle não se arrependerá de ter vivido, e a morte não lhe fará pena alguma.

Confucius.

Os Habitantes das Grandes Cidades carecem de Theatros, e os Povos dismoralisados de Novellas.

J. J. Rosseau.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 29) Publica-se todos os Sabbados. (Julho 18, 1840

AMOR PATERNAL.

Lançados no vasto campo da observação; examinando as bellezas, que a natureza nos appresenta, como mimo de sua grande obra; marchamos de logar em logar, repousamos ora n'um, ora n'outro sitio, e admirando as maravilhas, que a Omnipotencia nos dispensa com mão prodiga; só temos a lamentar o curto espaço da nossa existencia, que nos não permitte gosar todas as delicias, que se acham espargidas pelo universo. Felizes aquelles, que dádos á observação chegam a conhecer algumas da aquellas maravilhas; e muito mais felizes, os que meditando sobre ellas, sabem colher vantagens a favor da sociedade a que estão ligados.

Um dos factos brilhantes; uma das bellezas, que a natureza nos appresenta no immenso campo das observações, é o amor paternal; e consestindo este, na tendencia, que teem todos os seres viventes para aquelles a quem déram a existencia, ninguem ousará por certo, negar-lhe a importancia.

Repousando á sombra do fresco bosque, cujos ramos verdejantes e viçosos, entrelaçados de jasmins, embalsamam o ar de odoriferos perfumes; escutando o suave gorgeio das aves, fugindo do ardor do sol, se abrigam na espessa ramagem da floresta, ligeiramente agitada pelo brando sôpro dos zephiros; enlevado com o doce murmurio das aguas da ribeira, que deslisando-se mansamente por entre pedrinhas se precipitam depois em cascata, atravez de encantadores rochedos; o observador acha-se cercado de mil encantadoras delicias; e é então, que separado do estrepitoso bulicio do grande mundo, e fóra da abominavel intriga da sociedade, o seu espirito tranquillo, póde dignamente occupar-se em contemplar a natureza. — No meio da solidão dos bosques, e separado do resto dos humanos, a providencia lhe depara scenas de interessante sensibilidade, que o extasiam, ou commovem. Alli, elle observa os fagueiros animaes, que pascendo na fresca relva, e acariciando os tenros filhos, os pensam com disvello, ministram-lhes o alimento necessario para a conservação da existencia; e tratando de os abrigar do animal devorador, se expõem aos maiores perigos, e chegam muitas veses a sacrificar a propria vida. Ah! como é puro o sentimento de amor paternal, que aquelle risonho e interessante quadro nos appresenta! Como é bella a acção da natureza contemplada em toda a sua nudez! Mas oh felicidade! — sentimento doce e mavioso, que se divisa no triste animal, a quem a natureza recusou o dom do raciocinio, brota cheio de viço e de força nos peitos dos humanos a quem ennobrece: e o observador, que abandonando o silencio e solidão dos bosques, penetra nas habitações dos homens, alli vê o pae extremoso, que exulta de prazer á vista de um filho idolatrado, e que no auge do sentimento de ternura, que o domina, não há fortuna, que lhe não anhele, nem meiguice, que lhe não faça. — A terna e carinhosa mãe, reparte com seu filho a substancia, que lhe dá a natureza, e a sua sollicitude augmenta de continuo, em quanto o esposo incansavel procura e excogita os meios, de proporcionar dias de ventura á chara próle, dando-lhe uma educação adequada ao talento e disposições, que os annos disenvolvem e patenteiam. — Ditosos os paes, cujos esforços e disvellos, conseguem dar á patria, cidadãos uteis e virtuosos, porque é então, que o amor paternal póde devidamente ser coroado de uma aureóla immortal, de gloria e de triunpho: é então, que o bom pae, o cidadão virtuoso recebe o premio de seus cuidados e sacrificios; e contemplando as obras de um sabio, a quem deu nascença, ou os tropheus de um guerreiro a quem deu o ser, e que

Digitized by Google

se immortalisou na defensa do seu paiz, um sentimento de felicidade e gozo, se lhe derrama no peito, suave e doce, como o nectar dos Deuses.

LUIZ DE CAMÕES.

I.

A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia;
Ar para respirar se me negava;
E faltava-me emfim, o tempo e o Mundo.

Camões. Canção XI.

Taes eram os lamentos, que solitario e esquecido fazia levantar de sua lyra melancolica o Auctor dos Luziadas! E esta expressão da agonia e do abandono é bem maviosa, quando attentâmos, que é o brado de disesperação do Genio opprimido de trabalhos, e acommettido de ingratos e invejosos! — Quando enojados do presente volvemos os olhos sobre as nossas antigas recordações só vemos repetidas as paixões, e os acontecimentos se nos mostram os mesmos na sua natureza, só revestidos de diversos incidentes; o nosso pensamento penetrando no maravilhoso heroismo das acções de nossos passados se exalta, o coração nos pulsa arrebatado, e o orgulho de sermos descendentes de taes homens nos ensoberbece, e deixamos cahir em ruinas, ou destruir ás mãos de mercenarios os monumentos, que nos recordam tantas victorias e gloria, contentes com querermos transportar a linguagem dos Castros e dos Albuquerques para o Seculo 19, sem curarmos de lhe emitar os feitos; e de que teremos hoje orgulho? De nossas Conquistas? — Lá estão ellas em mãos de estranhos, ou no abandono! De nossas victorias? — Estereis se tornaram ellas para a patria! De nossos homens grandes? — Lá dormem elles o somno dos heróes em sua ultima habitação, victimas do esquecimento dos Reis, e da inveja dos cortezãos; e na solidão se definharam derramando essa lagrima solitaria, ultimo rasgo do genio dispresado!

Em nossa historia do passado, e mesmo do presente ha victorias e gloria; em nossos antigos feitos ha heroismos, e grandeza; e em corações desses Portuguezes houve sempre lealdade, estremado arrojo guerreiro, e amor da patria; e entretanto nessas antigas memorias tão ricas de gloria, e de feitos illustres existe uma pagina, que poderia ennegrecer essas obras tão extremadas se o seu lustre não fôra tão luminoso; e nessa pagina com tudo só ha uma palavra, mas terrivel e vergonhosa: — a Ingratidão!

Entre essa variedade de homens excellentes, que honraram e extremaram a sua patria, tanto nas armas, como nas lettras teria havido um vacuo impossivel de se preencher se faltasse um homem, que dotado d'um genio egual, senão superior ao do Poeta do Imperio Romano, ou ao do Cantor melodioso de Godefredo compreendesse a sua missão, e inspirado de um só pensamento, e de um só desejo cantasse em sua lyra sonorosa o Povo de heróes, a que pertencia; e embora o seu seculo o não compreendesse tivesse nesta obra immortal por divisa o amor da Patria; e por guias a alma arrebatada, e o genio inspirado do Poeta! Esse homem appareceu, cometeu e levou a cabo a sua empreza, e depois finou-se no abandono e amargura do esquecimento, deixando com o seu Poema famosa nas letras, a sua patria! — Esse homem foi Luiz de Camões!

Uma frota luzida se aparelhava para deixar a patria, e atravez de perigos e tormentos hir demandar essas regiões afamadas por victorias e conquistas de heróes Portuguezes: — era no anno de 1553, que esta armada, em que ia por Capitão Fernando Alvares Cabral, se aprestava a seguir a viagem da India; muitos cavalleiros e escudeiros nobres e extremados a ella se haviam unido, cubiçosos de ganharem gloria e louros colhidos em tão remotas regiões; e o arrojo valoroso d'esses homens era animado por victorias repetidas, que todos os dias os Capitães da India alcançavam sobre os descridos seus inimigos.

Era já chegado o dia da partida; e sobre o convéz da náu passeavam os guerreiros alegres d'esperanças, e impacientes de victorias; entre elles estava um, que melancolico no parecer tinha as vistas pregadas ora na Cidade de Lisboa, que deixava, ora nas aguas do Tejo, que corriam mansamente; e parecia estranho ao arruido, que em torno delle se fazia. — O seu rosto inculcava apenas 28 annos, (*) mas era serio e pali-

(*) Esta era a edade do poeta, quando partiu para a India; como consta d'um assento achado por Faria e Souza no registo das gentes de guerra, que no anno de 1553 fizeram viagem na armada em que hia por Capitão Fernando Alvares Cabral; e do dito assento se vê, que o poeta tinha 28 annos, colligindo-se assim a era do seu nascimento, que foi em 1524; sendo filho de Simão Vaz de Camões, e de Anna de Sá e Macedo, moradores no bairro da Mouraria, Freguezia de S. Sebastião; familia nobre e distincta.

Digitized by Google

do; a sua fronte levantada e nobre; as suas feições interessantes exprimiam todo o ardor da sua alma; a sua barba era ruiva, e as vistas penetrantes e vivas que sahiam d'um de seus olhos, que o outro estava cerrado por ferida recebida, bem mostravam um homem de raro engenho: — um suspiro de angustia lhe sahiu do peito, e uma lagrima correu solitaria ao longo de suas faces, em quanto fitava a vista no Ceu puro e sereno, e nas velas, que um sopro de vento favoravel começava a inchar. Seria a saudade da patria que ia deixar, e de algum objecto de sua affeição, que lhe movia a dor? ou seria a disventura, e o abandono que lhe torturavam a existencia? era uma e outra cousa! — depois elle olhou em torno de si, e fitou a vista em um rosto conhecido; um grito de prazer sahiu de seus labios, que um sorriso melancolico deslisou.

— Camões! disse um individuo lançando-se-lhe nos braços, em quanto o poeta o apertava nos seus, dizendo: — Amigo, bem longe desta dita de te ver me julgava eu, que tão mofina me corre a sorte, que a troco de uma hora de ventura me dá largos dias de desdita!.... mas espero, que não é perseguido da disventura, ou para buscar fortuna, que vaes empreender tão perigosa viagem? e outro suspiro lhe sahiu do peito.

— Não, pela minha fé! mas não tendo cousa melhor em que me empregasse, resolvi gastar a vida no serviço d'ElRei, para ver mais de perto as pelejas e o furor dos inimigos! mas como estás mudado, desde que deixastes o estudo de Coimbra (*) que tanto tempo ha que nos não vemos; tens o gesto sombrio, o parecer abatido, e o humor triste! e esse olho cerrado mostra, que de perto te viste com Marte! pela minha vida! é mister que agora mesmo saiba os teus successos; e pelo que vejo julgo, que poderás como Eneas começar pelo: — *Infandem Regina jubes renovare dolorem:* vamos, nada de delongas!

— Tens rasão sobeja de me inculcares esse verso sublime, expressão verdadeira de uma dolorosa recordação! mas que te deve a ti ditoso dar cuidado, ou mover a piedade do que outros soffrem? tudo saberás, e ao menos servir-me-ha de alivio esta narração! — Desde que deixei o estudo de Coimbra parti logo para a Côrte, e ahi passei algum ocio, que me deixava a falta de cuidados em que me empregasse: o amor, que só hei nutrido para minha disventura, e nunca para lograr prazer ou esperança, fez, que homens poderosos me tomassem em odio, e o desterro de Santarem foi o galardão de meus disvellos! — Lá, sentado junto das margens viçosas do Tejo via as barcas cortarem as doces aguas do riu, e partirem-se para a terra onde ficara a minha esperança, e onde de continuo me leva o pensamento! em meus desvarios de mancebo invejava a sorte desses, que corriam livres apoz de suas affeições, em quanto a mim malfadado, me era vedado ter alma para sentir, e coração para amar!.... oh! então, como hoje, tudo me havia abandonado, e no mundo só me restava este corpo de terra para soffrer, e o pensamento; que é divino para crear sonhos efemeros de ventura!.... Uma tarde, que eu assim estava, o meu pensamento se alongava no passado, e me punha ante os olhos nossas antigas victorias, e nossos heróes; um lethargo me entorpecia os membros; os sentidos estavam como mortos, e do meu ser parecia restar-me só essa parte pura e maravilhosa, essa obra da creação a mais sublime, essa emanação da Devindade: — a alma! neste estado uma voz me parecia fallar no peito, e a seu som vibrarem-se-me as fibras todas com notavel tremor; e essa voz me dizia: — os teus ascendentes foram excellentes nas armas, e em teus annos já tinham as armaduras avermelhadas de seu sangue! e tu gastas a vida em prantos, entregue a uma paixão desvairada? Dous meios ha na terra para ser excellente eternamente, ou a espada da victoria, ou a penna do poeta, e essas ambas empregarás, se quizeres entre todos ser celebrado!

— E tu déste credito a essa voz? lhe disse o seu amigo; á fé que te julgo tão louco como Horacio, quando julgava ser Bacho!

— Não! sahi do lethargo da meditação, ergui-me, e logo conheci, que fôra um desvio da fantezia; mas desses desvios, que mudam para sempre a sorte dos homens! Desde logo contei aproveita-lo, e sem demora me passei a Africa, e ahi na praça de Ceuta tão rica de victorias pelejei alguns tempos, e de meus trabalhos n'essa terra ardente só trouxe por galardão a perda deste olho, que cerrado ficou á luz do dia. — Depois voltei a Lisboa, onde uma louca e vãa esperança me afigurava honras e venturas! oh! mas essas esperanças se desvaneceram, e de meus trabalhos só terei no Ceu o galardão, que para os da terra nada valem! — O amor se me mostrou mais affavel, e só elle me podia adoçar a vida!.... oh! sim; é em Deus, na patria, e no amor da minha dama, que repouzam idéas e esperanças tão gigantescas, como o mosteiro,

(*) Logo que teve completos os 13 annos passou Luiz de Camões a seguir o estudo das letras na Universidade, que D. João III. mudara de novo de Lisboa para Coimbra; e ahi fez o seu curso com notavel destincção leccionado pelos homens mais sabios tanto do Reino, como estrangeiros, que ElRei havia chamado para regerem os estudos.

Digitized by Google

que além se ergue! e elle mostrava com o dedo o Convento de Belem fundado por D. Manoel. — Sim! nesta viagem ponho toda a confiança da vida, porque no presente esta adaga me ganhará honra e gloria, e para o futuro tenho no pensamento empreza, que se fôr como espero, me ganhará fama eternamente! e o seu rosto estava animado por uma expressão sublime; era a ultima esperança da vida estribada nas inspirações do seu genio!

— A fé, disse o outro, que fertil ha sido a tua vida em dores, e soffrimentos! mas lá levam os marinheiros as ancoras, e vamos partir; deixando talvez para sempre a terra de nossos paes! oh! *insania hominum!* e afastou-se assoviando.

Sim! disse o Poeta suspirando, talvez a deixe para sempre! e quem sabe se voltarei a ella tão falto de prazer, e soccorro como hoje? não importa o amor no presente me dará valor!.... e ao menos o futuro me vingará!!

Continuar-se-ha.

Os fógos fátuos.

Certos phenomenos ha, por natureza, simplices, que por ventura, causam o espanto do publico, e que fazem com que, não raras vezes, se dê o nome de milagres a apparecimentos filhos da ordem natural das cousas. Assim aconteceu com o phenómeno dos fogos fátuos de que agora vamos a tratar. — Em o principio do seculo passádo, aos fracos, e superstiósos causáva medo, e espanto aos mesmos sabios a apparição de pequenas luzes em os cemiterios; e os Padres ignorantes poderam persuadir a seus devotos que as almas de nossos maiores abandonavam, em o Estio, em fórma de globulos de fogo o local em que de conjuncto e com os corpos, haviam sido depositados. Pessoas, que por curiosidade observavam o phenomeno, viam mais, que não só aquelles globulos appareciam, mas mesmo, que corriam apoz o individuo até grandes distancias, e attribuiam isto a alguma exigencia, que o morto havia a fazer. Reconhecido como mysterio e milagre, os espiritos fracos não ousáram levantar o véu, e algumas hypotheses não destituidas de fundamento, foram dispresadas, porque ao povo agrada ás vezes a cegueira, e aprazlhe ver extincto o facho da verdade que a seu pesar o esclarece. — Mais destimido, e mais convencido da verdade de suas experiencias Gengembre, quasi, no fim do passado seculo, publicou, que o resultado de seus estudos havia sido achar, que os fogos fátuos não eram mais, que uma combinação de Phosphoro, e de Hydrogenio, resultantes de decomposição dos corpos. Algumas questões o relevaram a este respeito porque os chymicos admittiam, nos animaes, a existencia de quatro principios, mas Gengembre mostrou, que não só por sua analyse, como por discobertas anteriores, o Phosphoro entrava na composição d'alguns compostos animaes, e foi geralmente reconhecido, que os fogos fátuos, outr'ora reputados como milagres não eram mais, que o Sesqui-phosphureto de Hydrogenio, que se pode obter artificialmente por um processo mui galante de que vamos a dar conta.

Introduz-se em um matraz exposto a um brando calor, uma porção de cal humida, junta-se-lhe o phosphoro, e acaba de encher-se o matraz com cal seca. — O gaz começa, depois, d'algum tempo, a disenvolver-se, e passando pelo tubo (que deve haver sido adaptado ao matraz, communicando com o mercurio ou a agua), assim que se acha em contacto com o ar faz uma pequena explosão e encendeia-se expontaneamente; uma serie de detonaçoes tem, assim, logar, o que torna a experiencia mui divertida.

Tal é a explicação de um phenómeno, que a superstição havia já caracterisado como um mysterio.

Os Carceres.

Sombrio e humilhante é o aspecto de um carcere! O vicio e a innocencia alli jazem não raras vezes d'envolta, assombrados de se verem reunidos: as cadêas, que algemam o crime, prestam-se insensiveis ao agrilhoamento da virtude; e a mesma grade, que guarda o facinoroso, cujas mãos terriveis se banharam em sangue humano, véda a liberdade ao innocente, a quem muitas vezes um indicio fatal, ou uma funesta casualidade, arrastaram á habitação dos delinquentes! — Terriveis consequencias da fragilidade humana! Funesto disacerto dos humanos juisos; disacerto tanto mais lamentavel, quanto é certo, que a impericia, o orgulho, ou um espirito de execravel vingança, de ordinario o originam.

Triste, na verdade, é a situação d'um encarcerado! As recordações do passado lhe pesam no coração; o presente se lhe mostra carregado e tristonho; e o futuro, envolvido

Digitized by Google

na espessa nuvem do mysterio, apenas lhe deixa ás vezes divisar por entre as trevas, o funebre fantasma do cadafalso! — Separado de um mundo, de que lhe não é dado gozar; encerrado entre fortes e sombrias muralhas, testimunhas impassiveis de seus pezares e sofrimentos; atormentado de continuo, pela presença de um carcereiro brutal e arrogante; cercado de ferros, e de vigilantes guardas, que lhe médem e espiam os passos; a natureza debalde disenvolve suas pomposas galas, um denso véu as occulta aos olhos do infeliz captivo, as estações passam, os dias volvem monótonos e amargurados; e os brilhantes raios do astro creador vivificando a natureza inteira, apenas penétram furtivos e a custo no fundo do hediondo calabouço, onde o condemnado chora a perdida liberdade e se arrepende de um crime commettido em um momento de estravio; ou endurecido pelo rigor dos homens, e corrompido pela dismoralisação, contempla com estólida indifferença as férreas cadêas que o agrilhoam, e parece mesmo escarnecer em seu delirio, do cutelo, que sobre a cabeça lhe está propinquo. — Oh! e quanto são repugnantes as scenas passadas no recinto, que encerra essa parte da sociedade, a quem o vicio contaminou e arrojou ao crime! Varias, como as figuras, que n'ellas representam; terriveis, como o genio do mal, que as preside e anima, ellas patenteiam claramente até que ponto póde chegar a prevaricação e perversidade dos homens, e bastariam por si sós, para cobrir de ignominia e eterno opprobrio os governantes, que abandonando os interesses publicos, disprezando a instrucção dos povos, e o seu aperfeiçoamento moral, só cuidam em satisfazer ambições, e levar a effeito seus loucos e damnosos caprichos. — Sim; quantas victimas se pouparíam; quantos crimes seriam prevenidos, se por meio da instrucção e da moralidade, se procurasse tornar suave e amena a indole dos humanos?! Como então seria bello o expectaculo de um povo virtuoso, onde a vara da justiça raras vezes tivesse que pezar sobre a cabeça dos delinquentes?! Como seria risonho e agradavel ver minguar com os crimes, a extensa lista dos condemnados?! Mas oh baldados desejos! oh infructuosas esperanças! esse quadro famoso, que o bello ideal nos appresenta, não passa de ser uma sombra, e uma sombra vãa: a immoralidade cresce e propaga-se de dia em dia; os delictos duplicando de horror succedem-se com rapidez espantosa; os carceres e masmorras atulham-se d'infelizes; trata-se com mais affinco de punir o crime, do que de evita-lo; publicam-se em fim leis escriptas com caracteres de sangue para punição dos culpados; mas deixam-se jazer no dispreso ou nos abysmos do esquecimento, os preceitos e doutrinas, que desviariam os povos do caminho do erro, e os conduziriam ao templo da virtude!

E a mágoa nos punge o coração cada vez, que n'isto meditamos: e quando ao passarmos por uma d'essas mansões destinadas pelos homens para expiação de erro, vemos assomar ás estreitas grades os macilentos e desfigurados rostos de tantos disditosos, sepultados em vida nos antros de pestilentes masmorras; e ouvimos as sacrilegas imprecações, os gritos de disesperação, e espantoso blasfemar d'essa multidão de miseraveis, que a sociedade parece haver separado do seu seio; quando, finalmente, attentamos com seriedade em um d'esses azylos de dôr e de remorsos, e vemos, que ebrias de estupidez e depravação, as turbas apenas ousam lançar um olhar de indifferença sobre a sorte dos captivos, que alli gemem sob um jugo de ferro; e que um punhado de homens, que se inculcam bons e illustrados se comprazem em escutar os gemidos da natureza opprimida, e ousam até, oh infamia! insultar a humanidade, na escura habitação da desgraça, sem que a mais ligeira sombra de sentimento elevado e generoso lhe assome ao peito; o coração se nos dispedaça, sentimo-nos feridos no intimo d'alma, estremecemos de dôr e espanto, e temos horror de nós mesmos! — Que! e é este o estado a que nos deve ter condusido, uma civilisação adiantada e progressiva?! — Serão estes os fructos produsidos pelas sevéras lições dos moralistas, que tanto se hão esforçado pelo aperfeiçoamento do espirito humano?! — Terá a civilisação moderna o funesto poder, de nos tornar insensiveis ás alheias penas e disventuras?! Ou será isto o resultado de uma indole terrivelmente depravada, que a occultas domina um tão grande numero de entes?! — Respondei, homens orgulhosos; respondei, vís impostores; mas olhae, que a resposta, não venha sellar a sentença da vossa condemnação.

Ah! e quanto não deve gemer de dor o homem virtuoso e sensivel, ao meditar no estado de indifferentismo e de brutal insensibilidade, que tão geralmente infecciona a raça humana? Qual deve ser a sua mágua ao contemplar o estolido egoismo a que nos tem conduzido um espirito de errada e estravagante philosophia, ... um espirito emanado das regiões infernaes?!

Pretexta-se a atrocidade dos crimes; pretende-se lançar uma barreira insuperavel entre a sociedade e o criminoso: diz-se, que elle não pertence á raça humana, porque d'ella o degradou a enormidade do delicto;

Digitized by Google

chegam a compara-lo á féra mais indomavel; buscam-se finalmente as razões ainda as mais futeis para justificar uma indifferença cruel, uma injuria de lésa-humanidade, um dispreso mil vezes mais pungente do que a morte: — e os que isto fazem, são homens: — e os que isto dizem e sustentam, blasonam de humanos deprimindo a humanidade: — e os que appresentam tantas rasões frivolas, e tão dispresiveis argumentos, gira-lhes nas veias um sangue egual ao dos infelizes, sobre quem lançam por labios impuros a escuma fétida da ignominia e do opprobrio! — Mas ah! ¿ quantos d'esses, que cegos de soberba e vaidade, se julgam superiores aos outros homens e com direito de os julgar, exaltados por uma ardente e caprichosa imaginação, cahem depois nos abysmos do anniquilamento?! — Quantos, dos que hoje zombam e riem da sorte do disgraçado, a quem a ignorancia, a má educação, ou uma propensão tal conduziu ao crime, se vêem amanhã confundidos e aterrádos no meio dos miseraveis a quem insultavam, e debaixo dos mesmos grilhões de que ainda ha pouco escarneciam?! — Terrivel é para esses a hora do disengano; apóz do reinado das illusões e dos caprichos, que baquêa e disapparece, vem então o remorso roedor das consciencias; mas remorso tardio, e que só serve para augmentar o amargor do captiveiro.

Mas os ignorantes não compreendem estas verdades; e os homens do orgulho e da vaidade, soltando um sorriso de infernal ironia ao contempla-las, nos apodorão de pusillanimes e tresloucados; a nós, que lhes fazemos ver a verdade em toda a sua nudez, a nós, que nos sobeja a coragem para lhes appresentar em toda a hediondez, o curso de seu desvairado procedimento. — Arguam-nos pois embora, esses, que blasonam de impeccabilidade, e que em sua vaidosa e tresloucada mente, só dictam leis de sangue para fazer expiar o menor desvio da razão humana; esses, que á vista dos forros, que roxêam os pulsos do infeliz, dizem, com abominavel estoicismo, = sôffra, já que delinquiu; derramem sobre nós todo o fel da sua mordacidade: nós dispresamos as suas offensas, lisongeamo-nos com o seu dispreso, e não lhes invejamos nem a sombra da gloria, que lhes couber de suas doutrinas. Não a invejamos, porque os principios, que professam, nos repugnam; — não a invejamos porque nas veias nos gira um sentimento de humanidade, que só a morte poderá extinguir; — não a invejamos em fim, porque somos homens, e como taes devemos verter lagrimas sobre infortunios dos nossos similhantes, e procurar derramar-lhes n'alma o balsamo sublime do allivio e do confôrto.

Ai dos que acabrunham de zombaria e disprezo as humanas miserias! — Ai dos que cheios de ufania, se acham sempre promptos a lançar um estigma terrivel sobre as acções, que não são as suas!... Ai dos maus, porque os olhos do Todo-poderoso, lhes veem a nu os corações em toda a hediondez da sua perversidade! — A justiça celeste nunca dorme, como n'alma do criminoso nunca se calla o remorso: e mesmo d'entre os homens, talvez, tarde ou cedo se solte um grito unisono de anathema, que os fulmine e lhes annuncie a hora extrema, como o medonho e rouquenho som do estertor annuncia a derradeira agonia do moribundo.

Vantagens da liberdade d'industria, ou utilidade do trabalho.

Entre as Faculdades do homem é a intelligencia e a força, as que occupam o principal logar; mas nem todos nós s'omos egualmente dotados d'estas faculdades no mesmo grau; e demais, segundo as nossas inclinações, boas ou más, assim dellas fazemos differente uzo. Daqui provem a dizegualdade de fortuda, e de condição, desegualdade, que não é possivel remediar senão por meio d'egualdade perante a lei, isto é pela prohibição dos privilegios, e dos monopolios

O Trabalho, que é incontestavelmente o verdadeiro talento disenvolvendo nossa intelligencia, e nossa força, dá a estas faculdades direcção conveniente, e nos desvia da intenção do nos servimos d'estas para satisfazer nossas paixões disregradas, malfazer aos nossos similhantes, e levar sizania ao meio da Sociedade de que somos Membros. Mas o trabalho, manancial perenne dos bons costumes, e das riquezas, não disenvolve completamente seus salutares effeitos, senão quando é livre; então uma emulação, fecunda em proveitozos rezultados, anima os cidadãos, mormente áquelles, que dezejam, e teem a seu alcance, os meios de se equipararem a seus superiores.

A inferioridade de condição não os discorcôa; podendo livremente dar ás suas faculdades intellectuaes, e physicas um completo disenvolvimento, elles veem abrir diante si a gloriosa estrada, que os deve conduzir ao triumpho, por ella se dirigem prestes, e chegam a seu termo com prospero rezultado.

É desta arte, que o trabalho, proprie-

Digitized by Google

dade natural do homem, chega a ser o reparador do infortunio, o correctivo da disegualdade das condições, e o meio de estabelecer a ordem publica.

Animemos por tanto a industria nas artes, e em tudo donde possa rezultar utilidade, a gloria e felicidade ao genero humano: sejamos indifferentes para o que só produz rezultados frivolos; mas votemos ao desprezo os homens, que consagrando-se ao ocio e á intriga, estabelecem uma sede de dismoralisação, onde não raras vezes a honra e fortuna dos cidadãos, se vão para sempre abysmar.

D. AFFONSO SANCHES.

ROMANCE HISTORICO.

II.

Se é offensa
Ter olhos para vêr a formosura
Coração para amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faiscas d'esse amor; .....
Garret. Camões.

Em uma espaçosa sala no interior do Castello, fracamente alumiada pelo clarão baço d'uma alampada estavam dous vultos praticando em voz baixa, mas com interesse e vehemencia; roupas alvejantes, o brilho d'um colar de ouro pendente, e longas madeixas negras cahindo em graciosos anneis sobre um collo um pouco trigueiro, mas de pelle assetinada davam a conhecer em um delles uma mulher; os seus olhos negros eram penetrantes e vivos; a sua bella fronte era levantada, e cheia de altivez; feições regulares, que comtudo indicavam algum orgulho, sensibilidade, e malicia feminina remataram esta bella pessoa. — O outro era um homem envolto em uma capa escura, e cuja gorra preta não estava adornada de plumas, ornato de que os nobres e cavalleiros não eram avaros; uma adaga lhe pendia da cinta; as suas feições ainda que irregulares eram interessantes e varonís, e em seus olhos brilhantes e ousados, assim como no todo de sua presença se liam os caracteres da ambição; os seus cabellos eram longos, e um pequeno bigode lhe escurecia o labio superior.

— Não, não, dizia elle, desde que cheguei o meu fim tem sido observar-vos; e com penoso sentimento conheço, que a ausencia, ou novas inclinações fizeram esquecer o pobre orfão disvalído! Sim! o amor jurado nas margens do Mondego devia terminar nas do Tejo; e com elle summir-se a luz da esperança e da felicidade, que só raiára um momento, para depois lhe succederem as trevas e os horrores da disesperação; na terra só desde a infancia um pensamento me ligou ao Ceu dos Justos, e era a esperança! mulher altiva, tu dispresastes o amor do orfão sem nome; mas esse amor será bem depressa um rochedo que te pizará! tu repellistes para sempre a minha ventura, e a minha disesperação te seguirá, tu me desprezas, e o remorso dos teus desdens me vingará! Maria, adeus, até ao dia do teu arrependimento!

— Henriques, houve um tempo em que o teu arrojo no meio da consternação e do abatimento de tantos cavalleiros, que covardes temiam o furor das ondas, me fez olhar-te como o mais nobre e brioso dos homens; mas agora, e ella se demorou como indecisa, agora tudo terminou; e o nosso amor, que começou de todos ignorado, deve tambem terminar no silencio e nas trevas; assim Henriques sê ditoso! e se me poderes olhar como irmã, a minha amizade será eterna; e ...

— Basta, Senhora, disse o mancebo com voz sombria, não vedes, que o homem a quem soltaes essas palavras orgulhosas teve os ensinos da adversidade logo no berço da infancia? não sabeis que seus cabellos ainda de mancebo cobrem a longa e amargosa experiencia da disgraça? em todas as vossas palavras só ha um pensamento; oh! mas um pensamento que vae fazer da minha vida um vasto montão de ruinas! e esse pensamento é o orgulho! é a ambição! é o dispreso!

— O desprezo! não Henriques, nunca te disprezei, e.... mas adeus!

— Não, Senhora; é mister ouvir-me antes que nos separemos até a eternidade! orgulhosa, porque uma longa serie de avoengos vos douram a nobreza, calcasteis aos pés o primeiro amor do malfadado orfão, e o escarnecesteis; mas esse orfão disvalido ainda cinge adaga, e ainda lhe pulsa no peito um coração de bravo; e no momento augusto em que a espada do castigo estiver erguida sobre a cabeça dos vossos, elle a deixará cahir, e verá com sorriso de dispreso desmoronar-se em ruinas, e disaparecer o vosso nome, a vossa nobreza, e os vossos brazões! Sêr impassivel entre os outros, só será um instrumento de vingança; e similhante ao rochedo verá o vosso baixel dispedaçar-se com um gesto frio e indifferente! uma palavra vossa nos separou, mas ai de ti, que essa palavra pezará breve sobre a tua sorte como um anathema de condemnação! assim pois, nobre Maria, repousa a tua orgulhosa fronte

Digitized by Google

na nuvem ephemera de tuas esperanças, que em pouco terminará a illusão, e virá a realidade medonha e ferrenha ostentar-se-te como um espectro; e agora orgulhosa Maria eu te direi tambem — olha o futuro, e treme!

— Meu Deus, exclamou a donzela trémula. Serás tão cruel, que te satisfaças com os meus tormentos? oh! não, tu és bom, e breve te esquecerá o teu disventurado amor! e quando a desgraça me siga na terra o Deus de nossos paes não nos abandonará, e no Ceu ponho a vontade e a esperança, já que os homens me repellem e ameaçam!.... Henriques, adeus ainda uma vez, e possa a tua ventura ser mais esperançosa, do que a minha!

A donzella sahiu; uma lagrima lhe escapara dos olhos como solitaria; e na sua retirada só havia lançado uma vista ao mancebo; mas era uma daquellas vistas, que deixam largos vestigios, e profundam a sua expressão pura e innocente até ao mais intimo seio da alma, e que magoam mais, do que longos discursos: — O Mancebo se sentou diante da meza, e encostando a cabeça pareceu meditar; depois erguendo-se com força, disse:

— Não; o amor até hoje era o unico élo que me prendia á longa cadêa dos Jêres: elle acabou, e d'ora em diante o mundo é para mim um vasto deserto! mas offende-la, vingar a minha disventura em um ser tão bello, tão innocente, oh! seria a maior das infamias! Orfão de parentes, confiado á caridade d'um bom religioso, protegido por um dos mais nobres homens da Corte, eu tenho deveres sagrados a cumprir na terra! e entretanto se eu podesse terminar os meus soffrimentos bemdiria a sorte, e a morte! desde o mais tenro da infancia, escarnecido por todos, porque me não douravam grandezas ou nome rico d'antepassados eu fugi dos homens para os tumulos, e é ante o pó e a egualdade da morte, que eu aliviava a minha disesperação! então só tinha um sentimento, era o da gratidão; uma sensação, era a da dor; um pensamento, era o de Deus! os annos foram cahindo sobre mim pezados como o bronze, e cada anno me trazia uma nova idéa, e uma nova disesperação; e dos meus males buscava só o linitivo na sciencia, pomo divino, arvore de vida e de consolação! mas ai de mim! tudo era inutil, e então como hoje um só desejo me atormentava, me dispedaçava e me consumia, e este dezejo é o de ter um nome, uma existencia, oh! e um pae! sim! um pae, em cujo seio pela primeira vez derrame uma lagrima de amizade! oh! o meu coração se dissecou e murchou com este longo tormento; o meu ser se tem consumido; e de tudo só me resta alma e coração para sentir, e memoria para reverdecer a dor! oh! meu Deos! já é tempo de terminar a maldição! oh tudo por um pae, por um nome! possa eu calcar os que me disprezam, e depois embora venha a morte!... e Maria! oh! eu a amo mais do que tudo! O Amor tormento, que me fallava, e que chega como um dragão dos infernos! oh! pelo amor!... eu daria tudo!, tudo só por lhe ouvir dizer ainda uma vez, eu te amo! oh sim tudo, o meu nome, o meu prazer, o meu futuro, e a eternidade. Neste tempo o som de uma trombeta retinio aos ouvidos do mancebo, e o fez voltar em si do longo monologo como sobresaltado; era o signal da chegada do inimigo; elle então se aproximou vagaroso da porta com a mão no punho da sua espada; neste tempo a bella Maria entrou trémula e delirante, e vendo a figura magestosa do mancebo lhe disse soluçando: — Henriques elles chegaram! oh! sim, não ouves o som das trombetas e atabales retumbar como um chamamento funebre? oh! hoje!.... agora, que tudo está acabado, e em que a mesma morte nos vae egualar as condições, eu te direi pela ultima vez: Henriques eu te amo, e só ati! tu que honrarias o elmo e a coroa d'um Conde se a pozesses na fronte; tu que tornarias celebre a adaga de um Rei se a empunharas, e farias voar triumphante o dragão de Portugal até ao seio das alas inimigas vaes tambem morrer ignorado e disconhecido! e eu? oh! eu te disprezei, porque sou obrigada a disposar D. Affonso Sanches filho d'ElRei, e Conde! amanhã todos dormiremos o somno da eternidade, e lá.... seremos inseparaveis! Ella correu como louca por um longo corredor, e disaparecen aos olhos do mancebo.

— Pela morte de Christo! bradou elle, amanhã, ou este Castello será salvo, ou eu um cadaver! e depois?.... sahirei daqui, e desta terra e cederei a ventura a D. Affonso Sanches meu bemfeitor, em quanto solitario, e disventurado fugirei dos homens e do mundo, e no desterro e solidão terminarei esta existencia, que tem sido uma longa tortura de disesperação! assim pois; adeus Maria, e para sempre!.... terra de meus paes até á morte!

Segundo toque se ouviu, e elle se retirou da salla.

(Continúar-se-ha).

Prefiro a minha consciencia a todos os conselhos que me podem dar.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 30) *Publica-se todos os Sabbados.* *(Julho 25, 1840.*

O LUXO.

IMITAÇÃO DE J. J. ROUSSEAU.

Similhante aos ventos calmosos do Meio dia, que cubrindo as hervas, e a verdura com insectos devoradores tiram a substancia aos animaes mais uteis, espalhando a fome, e a morte por toda a parte; assim o luxo em um Estado, qualquer que seja, quer grande, quer pequeno, acabrunha o trabalhador, e o cidadão laborioso para nutrir os occiosos; empobrece todo o resto, e cêdo, ou tarde despovoa o Estado.

A medida, que a industria e as artes lucrativas se propagam e florescem, as artes mais necessarias, como a agricultura, jazem no abandono; e por isso o colono opprimido, e carregado de impostos necessarios á manutenção do luxo, acabrunhado pelo trabalho, e pela fome, larga os campos para vir procurar nas cidades o pão, que elles lhe deveriam trazer.

As estradas enchem-se de cidadãos infelizes, que se tornam mendigos ou ladrões, e são destinados a acabar um dia a sua miseria, ou expostos aos rigores das estações, ou sobre um patibulo.

Tal é o effeito resultante do luxo, taes são as causas sensiveis de todas as miserias em que a opulencia precipita a final, até mesmo as nações as mais admiradas. *Sed videor meliora, proboque, deteriora sequor.*

A tomar-se em vista a impressão mais natural, pareceria, que a moderação se faz menos precisa do que o gosto para banir o luxo. A simetría, e a regularidade agradam a todos: a imagem do bem e da felicidade tocam o avido coração do homem; mas um vão aparato, que não tem relação com a ordem, nem com a felicidade, e não tem por objecto senão attrahir os olhos, que idéa poderá suscitar no animo do espectador, que possa ser favoravel a tal ostentação? Por ventura a idéa do gosto? não sem duvida; o gosto percebe-se cem vezes mais nas cousas simples, do que nas offuscadas de riqueza. Será a idéa de commodidade? Por acaso pode haver maior incommodo do que o fausto? Será em fim a idéa de grandeza? É exactamente o contrario: quando vemos, que se pertende fazer um grande palacio, immediatamente dizemos a nós mesmos, porque razão não se fez maior? Quem tem cincoenta domesticos, porque motivo não tem cem? etc. Aquelles que pertenderam edificar uma alta torre, faziam bem de a querer levantar até ao Ceu, de outro modo cançar-se-hião de elevala sem proveito: o ponto onde parassem serviria só para mostrar de mais longe a sua impossibilidade. Oh homem, pequeno, e vaidoso, mostra-nos o teu poder, que nós te mostraremos a tua miseria!

AEROLITHES.

Um dos fenomenos mui estraordinarios, que appresenta a natureza é o das pedras, a que os phylosophos chamam aerolithes; as quaes desde ha muito teem cahido na superficie da terra, sem até hoje poder-mos determinar-lhe a causa. Tempos houveram, em que se julgava impossivel, que se desse tal phenomeno; querendo alguem duvidar delle firmando-se em que os homens supersticiosos o appresentavam para fundamentar os principios de sua stulta crença, porém chegou-se a conhecer a verocidade do facho, e os phylosophos lançados no campo das hypotheses, tractaram de lhe explicar as cousas.

M. Haward chymico Inglez, em quanto a Europa soppunha, que os aerolithes ca-

Digitized by Google

hiam do céu, seguia em silencio a unica estrada, que devia conduzir á resolução do problema; e ainda que não explicasse a causa d'este phenomeno, com tudo muitos nos esclareceu. — Reunindo muitas das pedras, que tinham cahido em differentes épocas e procurando ser informado das circunstancias, que tiveram logar pela occasião da sua queda, tratou de comparar os caracteres physicos destes corpos, e submetendo-os á analyze Chymica por meios engenhosos pôde concluir: 1.° Que as pedras cahidas em Inglaterra, na Alemanha, na Italia, nas Indias Orientaes, e em outros logares, são tão similhantes entre si, que é impossivel distingui-las umas das outras — 2.° Que as differentes pedras se compõem dos mesmos principios, e com pouca differença nas mesmas proporções. Isto mesmo tem sido confirmado por muitos sabios.

Ordinariamente os aerolithes precipitam-se em tempos serenos, e os observadores attestam, que globos de fogo, correm com grande velocidade através do espaço, que nos circunda, sem com tudo seguirem uma direcção determinada; que uma detonação violenta se percebe, seguida d'um sibilo similhante áquelle, que ouvimos quando se lança um corpo pezado por meio d'uma funda; que as pedras quando chegam á superficie da terra se acham quentes, e que os seus volumes variam consideravelmente, porém o pezo expecifico é proximamente o mesmo, podendo-se avaliar em 3,591, sendo a agua tomada por unidade. Os aerolithes são massas pyritosas em que brilham alguns grãos metalicos; a superficie exterior é negra, e o interior branco amarelado. A analyse chymica mostra que são compostos de *silica*, *magnezia*, *enxofre*, *ferro no estado metalico*, *nickel*, *chronico*, *alumina*, *cal*, e uma mui limitada porção de *carbonio*.

Trez hypothezes se teem apprezentado para explicar este phenomeno; a devida a Mr. de Laplace, suppõe, que na lua existem volcões, e que uma explosão é capaz de levar estas pedras á esphéra de actividade da atracção terrestre, o que faz que ellas se precipitem sobre a terra. O calculo demonstra, que a velocidade inicial, que estas massas deviam adquirir para poderem entrar na esphéra de atracção terrestre é quatro e meio vezes aquella, que douze libras de polvora dariam a uma bala de vinte e quatro lançada pela peça do mesmo calibre; velocidade esta, que não tem nada de extraordinaria comparando-a com a que adquirem os corpos, que são lançados pelos volcões terrestres — Esta hypothese dando aos aerolithes uma origem commum, póde explicar a identidade da sua composição.

A segunda hypothese suppõe, que as substancias metalicas, que compõem estes meteóros, se acham espalhadas pela athmosphera em estado de gaz, até que uma causa propria lhe determina a condensação subita, e as faz precipitar. Porém temos de encontro a esta hypothese a analysa chymica feita sobre o ár tomado a grandes alturas, aqual nos mostra, que na sua composição não entram as materias de que são formados os aerólithes.

A terceira hypothese, de Mr. Gay-Lussac, considera os aerolithes, como fragmentos dos planetas, girando em torno da terra, n'uma altura tal, que se acham fóra da esphéra de atracção terrestre, e que um acidente desorganiza a sua marcha, e os determina a precipitarem-se sobre a terra: porém esta hypothese é mais difficil de conceber de que a de Mr. de Laplace, e não explica com tanta facilidade serem todos os aerolithes compostos das mesmas materias.

As reflexões que temos apresentado, levam-nos a concluir, que a hypothese do immortal Mr. de Laplace é a mais verosimil; — que a questão, que nos occupa, ainda não está resolvida completamente; e que só aturadas experiencias debaixo da direcção d'um genio celebre, nos poderão pôr em estado de conhecer a verdadeira origem deste phenomeno.

LUIZ DE CAMÕES.

II.

Eis a noite com nuvens se escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano se embravece.
A machina do Mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo:
Em serras todo o mar se convertia.

Camões. Elegia I.

Estes eram os pensamentos sublimes, que á vista da temerosa magestada dos elementos embravecidos voavam da alma arrebatada do Poeta! No meio d'esses guerreiros famosos, d'esses homens grandes, que haviam volteado nas scenas do Mundo, a mão de Deus havia repousado só um momento sobre a fronte de dous homens egualmente sublimes, e estes ajudados do genio maravilhoso da inspiração, que em torno delles esvoaçava radiante e diáfano haviam commettido essa obra afamada e pasmosa, que só passados largos seculos é dado ao homem emprender, e que desde o Poeta Grego e

Digitized by Google

Romano inda não fôra tentada! O Camões cantou em versos numerosos a gloria dos seus, e do Christo redemptor, que os ajudára; o Tasso celebrou a empreza santa dos primeiros Cruzados; — e entre tanto a arvore da desventura os cubrio com seus ramos lugubres a ambos na terra! — Já a náu, que conduzia o Poeta havia com magestosa ufania cortado largos mares, e com as brancas velas desfraldadas, similhante ao gracioso Cisne abria as suas azas de tela para transpor o afamado Cabo das Tormentas, onde sepultados no profundo Oceano haviam achado a morte tantos bravos: — alli os mares se engrossaram, e ora cavados, ora levantando-se como serras espumantes levavam o espanto ao coração dos ousados navegantes; a noute estava cerrada e medonha, e só quando o Ceu toldado de nuvens grossas vomita-va do seu seio as chamas da destruição é que se divisava o Cabo estendido ao longe como gigante fantastico dos mares, coroado d'espuma, e de ruinas: — no meio da grita, e do horror um só homem tinha as vistas pregadas n'essa scena temerosa, e a expressão de uma meditação profunda se lhe revelava nas feições! A sua alma sublime havia-se apartado da terra por um pouco, para voar ao assento diáfano e maravilhoso da creação ideal, e uzurpando em imitação fantastica a grandeza dos attributos do Creador, fazer apparecer a nossos olhos com o vibrar sonóro da sua lyra inspirada novos seres, e novas terras; e similhante ao Anjo de Josaphat fazer com a sua penna magica erguer das louzas, e do pó da destruição os Reis, e os Vassallos para com as frontes submissas receberem na immortalidade da fama o seu galardão!

Este era certamente o pensamento d'esse homem; e penetrando na noite do passado, e nos mysterios do tumulo, parecia insensivel ás sensações humanas; e parecia conhecer, que em quanto a sua missão não fosse cumprida não seria dado aos elementos o poder de o destruir! um sorriso de prazer onde se revelava toda a grandeza do seu genio lhe animava o rosto, e uma idéa sublime o comprazia! ¿Quem sabe, se foi ante a luta dos elementos, e a resistencia dos homens, que o Episodio d'Adamastor foi concebido? — O genio do homem tem, como a natureza, mysterios impossiveis de compreender; a sua existencia, e a sua carreira na terra, não são mais do que um pensamento acabado, ou uma idéa desenvolvida, e a corôa do Poeta está traçada no Céu e só desce á terra passados tempos a vingar o Genio, e esmagar ingratos!

A náu venceu as ondas, e chegou ás praias de Goa; o coração do Poeta pulsou rapido, quando saudou esta terra, munumento do valor d'Albuquerque, e onde uma luz de esperança, que se lhe mostrava ao longe o trouxera! — Logo que chegou foi pôr á disposição do Vise-Rei a sua espada, e o seu sangue a prol da patria; e as trombetas e atabales soáram em quanto as náus prenhes de destruição iam com as velas desfraldadas demandar ousados inimigos! — a victoria as seguiu, e a corôa do Guerreiro cahiu sobre a fronte, que já ornava a inspiração de Poeta! (*)

VIDA DE CLAUDIO LORRAIN.

Claudio Gelée, filho de paes apoucados, nasceu em 1600 em Chamagne perto de Mirecourt, na diocese de Toul na Lorena, donde lhe vem o sobre-nome de Lorrain, que immortalisou. Depois de haver deixado a eschola, em que nada aprendeu, para seguir o officio de Pasteleiro, em que obteve eguaes vantagens, e achando-se orfão de edade de doze annos empreendeu dirigir-se a pé para Fribourg com o fim de encontrar seu irmão mais velho, João Gelée, gravador em madeira, para que lhe ensinasse o desenho. Condusido a Roma por um parente, e sendo por elle abandonado, sem dinheiro, e sem occupação, prestou-se a servir um pintor chamado *Augustinhe Tassi;* tendo por obrigação fazer-lhe a comida, e moer-lhe as tintas. Foi então, que adquiriu gosto pela pintura, para cuja arte, a falta de instrucção, e intelligencia limitada, pareciam prohibir-lhe felizes resultados, até que algumas paizagens de *Goffredi Wals* discipulo de *Tassi*, excitaram a sua imaginação, e lhe revelaram a carreira a que se devia votar.

Partindo para Napoles, aonde rezidia Goffredi, passados dons annos de estudos com este mestre tornou para Roma, effectuando uma viagem pela Lorena; e voltando para a Italia, na edade de 30 annos, alli se aperfeiçou. Seus progressos ao principio foram lentos, e não annunciavam os felizes resultados, que obteve depois na carreira, que tinha empreendido. Privado da educação primaria, a sua intelligencia, e mais particularmente a sua pouca capacidade, con-

(*) No mez de Setembro de 1553 chegou o Poeta a Goa, e achou de partida com uma poderosa armada o Viso-Rei D. Affonso de Noronha para defender o Rei de Porca e Coxim da guerra que lhe movia o de Pimenta inimigo deste nosso alliado. — Na qual sahiu o Viso-Rei com a victoria, e se destinguiu Luiz de Camões com grande estimação de todos.

Digitized by Google

correram por muito tempo para o impedir de levar nos seus estudos o seguimento, e methodo conveniente para obter resultados satisfatorios; mas o habito de contemplar a natureza, uma especie de instincto na boa escolha, a perseverança em comparar com attenção os diversos effeitos da luz segundo as differentes horas do dia, lhe abriram insensivelmente os olhos, e familiarisados com os fenomenos periodicos, que lhe feriam a vista, chegou a iniciar-se nos segredos de sua magia pictoresca, desenvolveu de repente a intelligencia, engrandeceu a imaginação, e suas obras desde então captivaram a admiração geral. Claudio Lorrain a pezar do preço elevado, que não exitou em taxar aos seus quadros, apenas podia satisfazer ao empenho dos amadores, de sorte, que em pouco tempo a juntou uma fortuna consideravel, a qual dezejou (não se cazando) empregar d'uma maneira digna de seu coração, naturalmente bom e generoso, no sustento de toda a sua familia. Obteve a protecção do Papa Urbano VIII, e depois de ter seguido uma carreira laboriosa, egualmente util á sua gloria e á sua fortuna, morreu de gota, da edade de 82 annos.

Este grande paisista deixou além de seus quadros, um numero prodigioso de bellos desenhos; uma collecção de paizagens por elle gravados a agua forte, e differentes discipulos, dos quaes o mais conhecido era *Herman Swanevelt*. As paizagens de Claudio Lorrain, são modelos de perfeição, e nellas se vê reunido a belleza dos logares á verdade do colorido. Inferior a Roussin pela riqueza da composição, excedeu-o porém na variedade dos effeitos da luz; foi superior a *Carrache*, a *Dominiquin* e todos os paisistas da eschola Italiana, exceptuando Ticiano, cuja nobreza de colorido ninguem lhe pode disputar. Alguns mestres Flamengos são superiores a Claudio pela delicadeza dos contornos e graça do pincel, mas elle representa com o maior gosto a folhagem das arvores, e o caracter de suas differentes especies.

Não deveu a habilidade, nem aos mestres de quem recebeu as primeiras lições, nem á vivacidade d'um genio facil; seu espirito se tinha recusado desde a infancia ás noções mais simples. Nascido de parentes obscuros, privado da educação, e estupido na apparencia, apenas sabia escrever o seu nome. As regras da perspectiva, que lhe ensinou Goffredo, em Napoles, pareciam superiores á sua intelligencia, e inutilmente se applicou ao estudo do desenho de figura. As que introduziu nos seus quadros são menos que mediocres, e elle não deixava de se conhecer neste ponto, porque as mais das vezes confiava a mão estranha, o cuidado de animar as figuras que appareciam em suas paisagens. Algumas das figuras que se vêem em seus quadros são atribuidas a *João Miel*, mas é reconhecido, que são pela maior parte da mão de Jacques Courtois, e de Filippe Louri, pintor de historia, que parece ter egualmente cultivado a paisagem.

Quanto ás figuras, que Claudio pintou, é facil distingui-las pela sua incorrecção, e longe de se illudir com ellas, tinha o costume de dizer gracejando, que elle vendia a paisagem e dava as figuras por acrescimos ao contracto.

Não foi devedor de seus talentos extraordinarios se não a longas meditações e a um trabalho pertinaz. Passou uma parte de tempo a comtemplar nas campinas e sobre a praia do mar, os effeitos da luz do Sol nas differentes horas do dia; observava as montanhas, o horisonte, as nuvens, e as tempestades. Recolhido a sua casa, tendo na lembrança os objectos que tinha visto, tomava seus pinceis, e não os deixava senão quando tinha chegado a produsir sobre o panno os objectos, que o tinham tocado. — Tambem se póde dizer, que seus trabalhos rivalisão com a natureza; e na verdade quanto mais se olham, mais perfeita se acha a imitação. É principalmente nos effeitos da manhã, e da tarde, que brilham a regra e a formosura da palheta de Claudio Lorrain, que não temia chegar ás maiores difficuldades do colorido. A luz sahia de seus pinceis sem violencia, sem contraste, e sempre com a sublime harmonia da natureza. Se pintava o nascer da aurora, o dia se abria apenas para esclarecer uma bella manhã de outono, e a noite acompanhada de suas sombras parecia fugir deante do Sol, do qual o disco magestoso se escapa das nuvens descobrindo o eterno Soberano da natureza. Nuvens de purpura scintilantes de luz, se destacam sobre o azul do Ceu, a abobada parece abrir-se, e mostrar a Divindade derramando seus beneficios sobre os mortaes; milhares de plantas e flores erguem pouco a pouco seus verdejantes collos humidecidos pelo orvalho; as arvores são agitadas d'um doce tremor e a luz deixa vêr a travéz da folhagem o brilho das gotas transparentes do orvalho. Julga-se ouvir confundir n'uma harmonia solemne a bulha das aguas e da folhagem, o canto dos passaros, o balir dos rebanhos, e os gritos d'aquelles que os conduzem aos trabalhos camprestres; e entretanto se respiram exalações embalsemadas, que do fundo dos valles e de cima das montanhas a terra envia ao Sol, este immudavel regulador da natureza. Qualquer que seja o objecto, de que elle trate, Claudio Lor-

Digitized by Google

rain não é menos admiravel pelo brilho do Ceu, que pela escolha e a ordem dos logares, que reproduziu.

Amigo de Poussin, que o amava e que fazia grande caso de suas obras, Claudio Lorrain seguindo um outro systema provou, que dous caminhos absolutamente distinctos na mesma carreira, podem egualmente conduzir ao mesmo fim.

Ambos constantes na sua applicação ao estudo da natureza, perseverantes nos seus esforços, apezar dos obstaculos que encontravam, não se sujeitaram nunca a imitar servilmente, e foram a gloria e o ornamento da eschola franceza.

OS ANABAPTISTAS.

Bem universalmente conhecida é a famosa reforma do culto da Igreja Romana, empreendida e executada por um celebre monge Allemão, o ousado Luthero. Nenhum dos nossos leitores ignora por certo os abusos, que cimentaram esta reforma, e os acontecimentos, que destinados a empecê-la, serviram maravilhosamente para a sua consolidação; diremos pois duas palavras sobre uma seita, que teve por objecto principal a reforma das duas communhões Romana e Lutherana, e que se torna notavel pelos excessos a que foi levada pelo furor do fanatismo.

Dous fanaticos chamados Storck e Muncer, nascidos ambos na Saxonia, serviram-se de algumas passagens da Escriptura, que insinuam, que se não póde ser discipulo de Christo sem ser inspirado; prégando esta doutrina, diziam-se elles mesmos inspirados; e enviados para reformar a communhão Romana e Lutherana, e para fazer perecer todo aquelle, que se oppozesse a seu Evangelho, fundado n'estas palavras: = Não vim trazer a paz, mas sim o ferro. (*)

Luthero tinha conseguido fazer sublevar os Principes, os senhores feudaes, e os magistrados contra o Papa e os Bispos. Muncer sublevou os camponezes e aldeões contra todos elles. Tanto elle como os seus discipulos, dirigiram-se aos habitantes dos campos na Suabia, na Misnia, na Thuringía, na Franconia, desenvolvendo esta verdade perigoza, que está em todos os corações, = os homens nascéram eguaes = e que se os Papas tinham tratádo os Princepes, como subditos, os senhores feudaes tratavam os camponezes como animaes de especie differente da raça humana. Na verdade, o manifesto d'estes selvagens em nome dos homens, que cultivam a terra seria assignado até mesmo por Licurgo; pediam, que só se levantasse sobre elles o dizimo dos grãos, que uma parte fosse applicada para allivio dos pobres, que se lhes permittisse a caça e a pesca para se nutrirem, que se moderassem trabalhos a que eram obrigados, e que se lhes deixasse lenha para se aquentarem. Finalmente, reclamavam os direitos do genero humano, mas sustentaram-os como animaes ferozes.

As crueldades exercidas pelas Communs em França e em Inglaterra nos tempos dos Reis Carlos 6.° e Henrique 5.°, renovaram-se na Allemanha, e fôram ainda mais violentas pelo espirito de fanatismo. Muncer apodera-se de Mülhauseu na Thuringia prégando a egualdade; e prégando o desinteresse, faz depór a seus péz todas as riquezas dos habitantes.

Os camponezes se sublevam desde a Saxonia até á Alsacia, massácram todos os nobres, que encontram, dególlam uma filha do Imperador Maximiliano 1.°; mas o que se torna notavel é, que a exemplo dos antigos escravos revoltados, que sentindo-se incapazes de governar, escolheram para seu Rei o unico dos seus senhores, que havia escapado da carnagem, estes camponezes pozeram á sua frente um Gentilhomem.

Todos os logares em que penetraram, desde a Saxonia até á Lorena, foram destruidos; mas os destruidores tiveram em breve a sorte reservada a todos os sublevados, que não teem um chefe habil: depois de haverem feito males horrorosos, foram exterminados por tropas regulares. Muncer, que tinha querido erigir-se em Mahomet, pereceu sobre um cadafalso em Mulhauseu. Luthero, que não tinha tido parte nestes excessos, mas que apesar d'isso era a causa primordial, por isso que tinha sido o primeiro a franquear a barreira da submissão, não só não perdeu cousa alguma do seu credito, nem tão pouco deixou de ser o propheta da sua patria.

A morte de Muncer não foi porém um exemplo sufficiente para intimidar os Anabaptistas, que transportados de uma cega raiva desolaram a Allemanha em nome de Deus. O fanatismo ainda não havia produzido no mundo um furor similhante; todos estes camponezes, que se julgávam prophetas, e que nada sabiam da Escritura senão, que é preciso mascarar sem piedade os inimigos do Senhor, tornaram-se fortes na Westphalia, que então era a patria da estupidez: apossáram-se da Cidade de Munster e expulsáram o Bispo. Ao principio queriam estabelecer a theocracia dos Judeus, e serem governados só por Deus; mas tendo sido

(*) O nome de Anabaptista provem-lhes de pretenderem, que as creanças fossem rebaptisadas; por isso, que Christo foi baptisado sendo adulto.

Digitized by Google

morto o seu propheta principal, chamado Matheus, um rapaz cujo officio era o de Alfaiate, e que se chamava João de Leide nascido em Leide na Hollanda, assegurou, que Deus lhe tinha apparecido, e o tinha nomeado Rei: assim o disse e o fez acreditar.

A pompa do seu coroamento foi magnifica. Ainda se encontram moedas que mandou cunhar; e seu brazão eram duas espadas na mesma posição, que as chaves do Papa. Simultaneamente Monarcha e Propheta, fez com que doze Apostolos fossem annunciar o seu reinado em toda a baixa Allemanha. A exemplo dos Reis de Israel, quiz ter muitas mulheres, e chegou a ser cazado com dez ao mesmo tempo. Tendo uma dellas fallado contra a sua authoridade, cortou-lhe a cabeça na presença das outras, que ou por medo, ou por fanatismo, dançaram com elle ao redor do ensanguentado cadaver da sua companheira.

Este Rei propheta foi valoroso, virtude, que não é rara nos bandidos e nos tyrannos: defendeu Munster com animo intrepido por espaço de um anno contra o seu Bispo Valdec; e reduzido pela fome ao ultimo apuro, recusou capitular. Finalmente foi tomado com as armas na mão em consequencia de uma traição dos seus; mas o captiveiro em nada diminuiu o seu inabalavel orgulho. — Tendo-lhe perguntado o Bispo, como tinha ousado fazer-se Rei, o prisioneiro perguntou-lhe depois, com que direito o Bispo ousava ser o Senhor temporal: fui eleito pelo meu Capitulo, disse o Prelado: e eu fui eleito pelo proprio Deus, respondeu João de Leide.

O Bispo depois de o ter mostrado algum tempo de cidade em cidade, do mesmo modo, que se mostram as féras, fez-lo atanazar com tanazes ardentes. O enthusiasmo Anabaptista não se extinguiu com o supplicio, que soffreram o Rei e os seus cumplices. Os seus irmãos dos Paizes-Baixos estiveram a ponto de surpreender Amstardam.

Os conjurados que se encontraram, foram exterminados: e n'estes tempos, todos os Anabaptistas, que se encontravam nas provincias unidas, eram tratados como os Hollandezes o tinham sido pelos Hespanhoes, affogavam-os, estrangulavam-os, ou queimavam-os; conjurados ou não, tumultuosos ou socegados, em toda a parte se corria sobre elles na baixa Allemanha, como sobre monstros de que era preciso purgar a terra.

Não obstante todas estas perseguições, a seita subsiste assás numerosa, cimentada pelo sangue dos prosélitos a quem chamavam Martyres, mas inteiramente differente do que era na sua origem: os successores d'aquelles fanaticos sanguinarios são os mais socegados de todos os homens, laboriosos, caritativos, e occupados nas suas manufacturas e no seu negocio. Não ha nenhum exemplo de tão grande mudança; mas como hoje, mui pouca ou nenhuma figura fazem no mundo, ninguem lhe importa se elles mudaram ou não, se são máus ou virtuosos.

O que mudou os seus costumes, foi o haverem-se unido ao partido dos Unitarios, isto é, dos que só reconhecem um Deus, e que reverenciando a Christo vivem sem muitos dogmas, e sem nenhuma disputa; homens condemnados em todas as outras communhões, e vivendo em paz no meio dellas.

D. AFFONSO SANCHES.

ROMANCE HISTORICO.

III.

Oh quantos sob os lenços
Do fulminado muro
De sange em lago impuro
Nadar se vem janizaros immensos.

Diniz. Odes Pindaricas.

Reunidos estavam os defensores do Castello; e de sobre as muralhas procuravam conhecer as forças dos inimigos; commeçava de despontar a aurora mimosa de bellezas, e o crepusculo da manhã ainda embargava os olhos de poderem bem enxergar os movimentos dos rebeldes: — estava á frente dos seus o velho Alcaide D. Martim Telles, cuberto de uma boa e vistosa armadura, e com a viseira do elmo levantada; as suas feições eram respeitaveis, e um sorriso de prazer guerreiro exprimia a bondade do seu caracter; — junto d'elle estava um monge da ordem de S. Bento; pálido, extenuado, e comtudo os seus olhos vivos, quando se animavam nas contemplações devinas brilhavam com um enthusiasmo religioso; a expressão do soffrimento estava gravada no seu rosto; mas a penitencia e as meditações santas haviam triunfado das suas paixões.

— Pelo que os olhos podem enxergar, dizia o Alcaide, não são elles tão poucos, nem tão faltos d'armas, como nos queria parecer, e mais d'um bravo dormirá hoje sobre o seu leito de terra; mas o que é a morte para o guerreiro, quando chega no meio da ira da peleja, ou nos braços da victoria? da minha parte, quando visto este trem de guerra, e

Digitized by Google

sempre com a esperança de que ella seja a minha ultima mortalha; e quando o Soldado põe a sua confiança em Deus, e a esperança na victoria o seu braço torna-se pezado como ferro; assim pois, meus amigos, avante Santiago! por ElRei de Portugal! E Deus defenda a boa causa!

Avante! avante! bradaram os homens d'armas e vassallos brandindo as suas espadas, e encurvando os seus arcos e bestas: — neste tempo chegou junto do Alcaide e do Religioso o jovem Henriques, que viera com a mensagem de D. Diniz, ou antes de D. Affonso Sanches; estava pálido e desfeito; mas os seus olhos brilhavam d'enthusiasmo guerreiro; e as suas feições interessantes só expremiam o amor da gloria, e o despreso do perigo: o padre o olhou com interesse, o Alcaide com prazer.

— Assim pois, mancebo, lhe disse elle, tambem vindes tomar vossa parte na festa, que não se mostra das mais jocosas; e se quereis trocar bons golpes á fé que vos não faltará com quem! vêde pois o que é ser homem, e vestir armas! minha Sobrinha desde que soou o toque de rebate da chegada dos rebeldes, que Deus confunda nos infernos, peço perdão de praguejar a Vossa Reverendissima, logo começou a correr pelas sallas como louca, ou enfeitiçada! mas em verdade é bem de lastimar uma tal guerra em que degolamos os nossos compatriotas como se foram perros infieis!

— E Deus perdoe aos que promovem taes guerras! disse o religioso, ambiciosos crueis, que não duvidam fazer correr o sangue para com as mãos manchadas delle, e calcando aos pés as cabeças das suas victimas subirem mais um degráu na escada do poder! e os seus instrumentos, insensatos, autómatos escravos, que não duvidam dar o corpo, e alma a um homem com tanto, que lhes prometta thesouros, e honras!.... e nesta nossa terra abençoada de Deus á voz do herdeiro dos Reis de Portugal salíram logo das suas bainhas as adagas dos máus, e jorrou o sangue innocente dos bons e leaes!.... e elles se hirão depois de concluida a obra da destruição cantar hymnos de victoria sobre as ruinas fumegantes dos templos do Deus d'Affonso Henriques!.... detende insensatos! que a bandeira das Luas voará talvez das terras infieis d'Africa para cahir similhante ao milhafre sobre a preza abatida e exgotada! oh! *não!* e os seus olhos brilharam e a sua voz se levantou mais, não! é mister separa-los, e affastar a morte, que com elles vôa!.... nobre Alcaide, fazei-me abrir estas portas, e verei se em nome do Deus das victorias faço retirar os rebeldes!

— Tal não conseguireis, disse o velho abanando a cabeça, ouvime Fr. Estevão, não é só o espirito da revolta, que faz tão ousados estes marotos, é sobre tudo a cubiça do saque; assim se lhe desseis ouro elles sahiriam, mas de palavras zombam! portanto deixai-vos ficar; e não vos arrisqueis inutilimente; não sabeis vós que elles déram a morte ao Bispo d'Evora, e saqueáram um Mosteiro? — Meu padre, disse o Mancebo; esqueceis vós, que sois preciso no mundo a tantos desgraçados! deixai tal intento, e não vos exponhaes á morte inutilmente.

— Meus filhos, disse Estevão, a minha vida, e a minha alma são de Deus, e assim por elle as darei de bom grado; e contente expiraria se com o meu sangue terminasse esta luta criminosa! assim cumprirei o meu dever, e se secumbir terei a coróa do martirio! D. Martim, Deus vos proteja! e vós Henriques tende n'elle a esperança, que sua mão velará piedoza sobre o orfão abandonado! adeus! E o santo homem se encaminhou para a porta do Castello.

— Fr. Estevão! deixai-vos estar, disse o Alcaide, aterrado, elles vos matarão; mas ei-lo já fóra das portas; e agora? é mister salva-lo; Affonso Gomes fazei aprestar o meu ginete, Thomé Fernandes, Antão Pires, e vós outros, disse elle a mais seis, segui-me; e tu, apontando para o escudeiro, se eu morrer defenderás Maria e o Castello em quanto houver um homem, e uma adaga! animo, e até á volta!

Henriques fez um movimento para o seguir, mas susteve-se. — Ella ficará sem protecção, e daqui eu o vingarei! disse elle, e tomando a sua besta, a encurvou e se dispoz para a peleja.

O Mancebo viu bem depressa encaminhar-se o religioso para o lado onde estavam os inimigos; dous homens d'entre elles sahiram a trote ao seu encontro: depois de fallarem algum tempo, os seus gestos começaram a animar-se, e Fr. Estevão erguendo um braço ao Ceu, quiz adiantar-se para os outros; então um delles lhe deu com a espada um golpe pela cabeça, que o lançou por terra: um grito de horror se levantou no Castello; neste tempo se viu o Alcaide meter a trote contra os assassinos; mas Henriques apontou a sua besta, e o virote voou, e se foi cravar no lado esquerdo do malvado, que cahiu por terra; o seu camarada quiz ergue-lo, mas um segundo lhe varou o pescoço, e cahiu tambem: — Fr. Estevão estava vingado.

— Fazei conduzir esse santo padre a logar recatado, disse o Alcaide logo que voltou, e chamae o perito, que talvez não seja de morte o golpe! infames covardes! mas tu Henriques bem o has vingado, e o nobre

Digitized by Google

Conde Affonso Sanches saberá teus feitos para.... oh! mas elles lá se vem aproximando, e será de razão recebellos com grandeza; Affonso Gomes dae-me uma besta; e vós fazei boas pontarias, que seria damno perder ferro com ruins marotos! Esta primeira salva fez grande estrago nos contrarios, e elles se retiraram fóra d'alcance de tiro: animo filhos, bradou o Alcaide, boas pontarias, e avante por ElRei de Portugal! — Avante! avante! repetiram os seus animados.

Entretanto os inimigos voltaram e fizeram uma descarga de arremeços contra os defensores, em quanto a coberto della acommettiam a porta, e escallavam os muros; — avante! avante! pelo infante, bradou um guerreiro colossal abatendo com um golpe a ponte levadiça sobre o fosso, pois lhe cortou a cadêa, que a sustinha levantada; — avante! bradaram os seus acommettendo a porta, que os de dentro defendiam animosos; muitos cadaveres já estavam cahidos por terra.

— Santa Mae de Deus! disse Thomé Fernandes e Henriques, este collosso, que ha pouco com o seu machado abaixou a ponte é um rijo pelejador; e os que guardam a porta breve a verão britada; oh! se lhe podera enviar uma boa setta, bem faria para nos descançar-mos um pouco; e de mais elle parece o cabeça deste troço de gente, e morto o pastor foge o rebanho.

— Não tenhaes cuidado, disse Henriques, e encurvando a besta desparou um virote que fez cahir traspassado o guerreiro no meio dos seus, quando os ia de novo conduzir ao ataque; Santo Deus! bradaram elles vendo-o cahir, avante! avante! a vingar o nosso Capitão!

E elles enfurecidos se lançaram de novo contra a porta, e a quebraram, penetrando em multidão no interior em despeito da estremada valentia dos de dentro; animo amigos! e viva ElRei, bradava o velho Affonso Gomes acudindo com alguns dos seus ao logar da peleja, e repellindo os contrarios das posições, que já levavam vencidas; porém o numero crescia e o escudeiro se via cada vez em maior aperto. — Os que escallaram os muros tambem haviam depois de porfiada peleja saltado dentro, e com difficuldade podiam o Alcaide e os seus impedilos de ganharem o interior da praça; os defensores iam diminuindo gradualmente em quanto o numero dos contrarios crescia a cada instante.

— Que Deus nos soccorra com sua ajuda, disse Henriques ao Alcaide, porque na terra pouca esperança já podemos ter de auxilio! e elle rangia os dentes brandindo a sua adaga sanguenta.

— Olhae para o norte, respondeu o Alcaide sobresaltado, não vedes descer daquelle cerro uma numerosa e bem luzida tropa de Cavalleiros?

— Oh! sim! sim! disse Henriques, e são de D. Affonso Sanches; não vedes no seu pendão as armas reaes com a banda de bastardia? assim mais alguns minutos, e estes miseraveis estão vencidos: amigos eis soccoro! animo! avante por ElRei!

Então uma scena de carnagem começou; os inimigos arrojados do castello iam cahir no meio das lanças dos cavalleiros de D. Affonso; em breve o campo ficou coberto de cadaveres, e fugitivos perseguidos pelos vencedores.

Entretanto o Conde D. Affonso Sanches havia-se descido do cavallo, e chegou deante do Alcaide, que sahiu a recebello, e lhe disse:

— Certo, nobre Cavalleiro, muito vos deve ElRei meu pae e Senhor pela bella e estremada defeza, que deste seu Castello haveis feito; e de tal façanha se não esquecerá elle para ter seu galardão; e assim tambem todos os que se houveram como leaes e animosos pelejadores; disse elle olhando em roda de si, e fitando as vistas em Henriques coberto de sangue, e pó e com as armas desfeitas de golpes; e agora aqui ficarei até de todo me repousar da presteza da jornada; assim entremos.

— Deus tenha misericordia comigo! disse Henriques levando a mão á fronte com gesto desesperado; — o leão vae devorar a mansa ovelha, e os ferros da gratidão e da amizade me prendem o braço!.... oh! meu pae! que só me deste o ser para teus prazeres, e me deixaste por legado na terra a infamia e a desesperação, e na eternidade.... oh! o inferno! e agora?.... ella era toda a minha existencia!.... assim pois.... Maria será sua, e eu do tumulo!....

Continuar-se-ha.

Os homens passam como as flores, que desabróchам pela manhã, e que á noite murchам e são calcadas aos pés. As gerações humanas correm e desapparecem, como as ondas de um rio impetuoso e rapido; nada póde deter o tempo, que arrasta apóz de si tudo o que mais immovel parece.

Fénélon.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.° 31) Publica-se todos os Sabbados. (Agosto 1, 1840.

A HYPOCRISIA.

« O Século em que vivemos, disse-o « Lord Byron, é o seculo da hypocrisia, « isto é, o do maior gráu de corrupção hu« mana; porque a imitação da virtude, é o « refinamento do vicio. » — E esta verdade, realmente sevéra, e proferida sem duvida em um dos momentos solemnes, do genio contemplativo do Poeta, de dia em dia toma novo incremento, e se torna mais evidente e palpavel.

Prenhe d'exemplos, d'enganos e falsidades, vae a historia de nossos dias, os Tartufos e impostores, demasiadamente teem avultado nos ultimos tempos; e o espirito de dissimulação e de hypocrisia, de tal modo se acha diffundido pela sociedade, que para qualquer lado que lancemos os olhos, e que fixemos a attenção sobre alguma das facções em que os differentes povos se dividem e retalham, raro é descobrir-lhe lealdade e boa fé. — Forcejando todos os partidos por engrandecerem-se; desenvolvendo effectivamente os meios ao seu alcance, para satisfazerem estólidos caprichos, espantosas e desvairadas ambições, um espirito de céga cobiça os anima; mas a capa do desinteresse e do bem publico, lhes encobre de ordinario os designios. Ao escutar suas expressões, e acreditar a pureza de sentimentos e intenções, que cuidadosos alardeam, afiguram-se á imaginação como modelos de virtude e innocencia, os seus votos parecem justos e rasoaveis, e a mais ligeira sombra de suspeita se desvanece da mente; mas apenas hão conseguido tocar o ponto culminante de seus occultos intentos, a mascara lhes cahe por terra, a nuvem da illusão dissipa-se ao luzeiro da verdade, os homens largando as enganadoras apparencias, que os encubriam deixam conhecer a nú o verdadeiro fundo das intenções que os movem, e é então, que em toda a luz póde contemplar-se a obra da dissimulação e da hypocrisia.

Ninguem ha, que ouse por certo negar as reconhecidas e multiplicadas vantagens, que a civilisação tem produzido: a industria e o commercio a ella devem o auge de grandeza a que hão chegado, e em milhares de outros ramos se sentem consideravelmente seus beneficios; mas a par de tantos bens, a civilisação avezando-nos muitas vezes a occultar ou desfigurar os nossos sentimentos, não terá franqueado o passo á nefanda hypocrisia! não ousamos affirma-lo; mas as vantagens produzidas pela civilisação, tambem nos não deslumbram assás, para que inteiramente nos atrevamos a nega-lo. A época em que nos achamos, é de inquietação e movimento, os espiritos acham-se impellidos por uma força poderosa, que de continuo os faz avançar para o aperfeiçoamento; mas, a nosso ver, tempo virá em que o impulso ministrado por essa força diminua de vigor, e em que o genio do homem, havendo chegado a um elevado gráu de perfeição encurte seus vôos, e tenda a repousar: será então, que os espiritos, fóra já da confusa agitação produzida por um movimento espantosamente rapido, poderão a salvo, e devidamente conhecer as vantagens e prejuisos, que a civilisação tem acarretado sobre a sociedade.

A hypocrisia, disse-o um sevéro julgador das acções humanas, é uma homenagem, que o vicio presta á virtude: nós acrescentaremos, a hypocrisia é um arremêdo abominavel, um estratagema satanico, um monstro terrivel, que revestindo-se com os trajos da virtude, imitando-lhe as maneiras e visagens, tem ligado tráfego com os differentes povos da terra, e com tal arte se tem estabelecido e propagado entre elles, por tal modo lhes ha estudado a linguagem e ademanes, que difficil empreza é pretender descubrir-lhe a origem. — Inimiga da luz e da verdade, só a escuridão das trevas, e o den-

Digitized by Google

so véu do erro e da illusão convém aos designios da astuta hypocrisia, a cujo aspecto enganador, a moralidade foge espavorida.

Hypocrita, é o que prostrando-se em publico e reverenciando a imagem do Redemptor; despedaça occultamente essa mesma imagem, calca-a aos pés, e a conspurca de lôdo e de infamia.

Hypocrita, é em summa, o que alardeando innocencia e virtude, occulta ás vezes n'alma, sentimentos de perversidade e corrupção. Os seus carinhos são perigosos, o seu halito é lethargico, as suas palavras atraiçoam; = acautelae-vos d'elle.

LUIZ DE CAMÕES.

III.

Sobre os rios que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nella passei.
Ahi o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado. (1)

Estes versos lastimosos recitava com voz triste um homem desditoso, que havia naufragado nú, e desvalido junto das praias do Rio Macon, onde a sua lyra melancolica elevava, como o Profeta choroso de Jerusalem, o seu pensamento ás recordações do passado para melhor reverdecer a agonia do presente! — Elle que saltára nas praias de Goa com o coração tão esperançoso de venturas, viu de subito desaparecer esta luz enganadora, como véu de nevoa, que o sopro dos tufões rasga, e que entretanto lhe encubria o passado, e o presente! — depois de vêr correr, em pelejas coroadas de victoria, o seu sangue; depois de extremar entre muitas esforçadas a sua adaga de cavalleiro; depois finalmente de soffrer no mar, e na terra trabalhos excessivos (2), esperou confiado em seus feitos o galardão merecido: — e esse foi o desprezo, e o odio invejoso de ingratos; porque a sua lyra era afamada; a sua nobreza, e suas prendas invejadas; e seus serviços mui relevantes para não haverem a sorte dos de muitos dos mais afamados Capitães da India.

O tormento da vida, e a longa desesperação da desgraça lhe cançaram o animo, e a sua penna vingando a virtude, revelou severa a hypocrisia, e os vicios desses poderosos, a quem fingidos feitos, e lisonjas ganhavam, o que se negava ao amor da patria puro, e verdadeiro: então a guerra tornou-se aberta, e os máus rangendo os dentes armaram-se raivosos de suas traças conhecidas, e saboriaram o prazer vil da vingança: — Luiz de Camões foi desterrado de novo para mais remotas terras! (3) e quando d'ahi voltava atrahido de novas esperanças, que quasi sempre enganam o malfadado, uma tempestade o lançou nú e miseravel sobre as praias do Rio Macon, onde a sua voz triste e chorosa se erguia agora ao Ceu, como admirado de tanto soffrer! — Elle estava de pé, e na mão tinha um papel onde escrevia os versos, que o pensamento triste lhe inspirava, em quanto o manuscrito das Luziadas, unica cousa que salvou, estava sobre uma pedra proxima; e a sua vista se fitava alternativamente nelle, e nas aguas do rio: — era que na sua obra estava gravado todo o pensamento de sua vida, a sua esperança no futuro, e a sua gloria na posteridade; e no rio viu elle uma barreira, que lhe demorava a vista da patria, de quem a saudade o consumia! as lagrimas lhe escaparam uma a uma sobre as faces, em quanto a sua mão pousava sôbre a fronte ardente, como para affugentar lembranças tristes; e depois cruzando os braços, deixou cahir com gesto abatido a cabeça sobre o peito:

— Sim! disse elle, não sem razão comparo esta vida tão cançada de soffrer, com a sorte triste de Sião! solitaria! desde o berço uma fatalidade terrivel pousou a sua mão de ruinas sobre a minha cabeça, e depois caminhando de soffrimento em mágoa, e de agonia em desesperação cheguei a esse estado em que a alma se entorpece, o genio se murcha, e consume, e a vida se torna uma vasta extensão de ruinas fumegantes, e ardentes!.... oh! então a ultima esperança nos foge, como o luzir rapido do corisco; a existencia se torna a morte do pensamento; e o homem só é um vão fantasma, que obedece a qualquer impulso, ou a novas illu-

(1) Redondilhas compostas pelo Poeta nas margens do Rio Macon onde naufragou.

(2) Quando passou no anno de 1555, na armada de Mancel de Vasconcellos, ao Estreito de Meca, e demorando-se ahi algum tempo soffreu trabalhos excessivos, como elle conta na sua Canção X escripta em Goa.

(3) Por causa de duas Satyras escriptas contra homens principaes de Goa, foi Luiz de Camões desterrado para Macáo, onde serviu o officio de Provedor de defuntos e auzentes; e dahi se partiu logo, que soube da chegada do novo Viso-Rei D. Constantino de Bragança; sendo nesta viagem para Goa, que perdendo-se a náu, elle salvou uú com o seu Poema, sobre as praias do Rio Macon.

Digitized by Google

sões!..... o tempo que tudo gasta, que consumiu o passado, e hade devorar o presente, só a mim reverdece a memoria do que passei, para reduzir a cinzas esse resto de esperança, que me anima! oh! mas é vãa! .... quando o homem deu á patria a sua vida e o seu sangue, e ella o repelle; quando põe a esperança e a vontade no amor, e elle foge; quando vê erguida sobre si, ente tão fragil e pequeno, a mão de Deus, e vê fugir ante si os homens, os elementos, a terra e o Ceu! oh! então o presente e o passado se tocam, e a morte chega desejada para terminar a agonia, e para dar a Deus a alma, que é divina, e á terra o corpo, que é de pó!..... mas antes, quero ainda ver a patria, chorar pela ultima vez sobre os ossos dos meus, e mostrar esta obra acabada aos homens ingratos! e depois ao Ceu entrego a vida, e aos homens lego a vingança do meu nome, e da minha gloria!!

OS FALSOS AMIGOS.

Collocado o homem no vasto labyrintho do Universo, aonde a cada momento encontra um abysmo, em que se precipita, ou um elevado rochedo, ao pincaro do qual deseja chegar, para alcançar honras, e encher-se de gloria; forçoso lhe é n'este mar de angustias e prazeres, tomar conhecimento de todos os pontos, para seguro e conhecedor dos perigos, poder atodo o panno dar largas ás suas idéas, e transitar tranquillo por entre os precipicios, que o rodeam, e embaraços, que o cercam!

O homem tem n'este valle de soffrimentos de lutar com os vicios, e as paixões; ganhar o diario pão, que com as lagrimas de outros ha sido amassado; resistir ao rigor das estações, supportar as doenças, arrostar os trabalhos, soffrer os perigos... finalmente tem, que temer, e vencer a maior das difficuldades, e esta é, conhecer os outros homens! E poderá o homem deixar de entrar no conhecimento profundo daquelles com quem convive? Não... porque elle tem milhares de occaziões em que preciza d'um guia, que o dirija na estrada, que tem de trilhar, em quanto desterrado n'este campo de degredo; necessita de quem lhe enxugue as lagrimas, que á força d'afflições hão sido vertidas; exige quem o ampare, quando se acha desfalecido; torna-se-lhe mister um cofre aonde deposite os seus segredos; finalmente o homem sobre a terra he-lhe indespensavel um amigo! Sim, um amigo, aquelle a quem damos tão doce nome, tão suave na pronuncia quanto grato ao coração, é sobre elle, que todo o meditar é pouco; para não sermos illudidos! Um amigo, que sendo verdadeiro, é um companheiro inseparavel, quer nos lances da tristeza, quer nos momentos de prazer; duas almas n'um só corpo; duas vontades unanimes, dois pensamentos eguaes, dois sentimentos conformes, duas acções constantes; um amigo finalmente um outro eu!... É este o maior bem, que podemos encontrar sobre a terra, é esta a maior fortuna, que podemos anhelar! E quem ousará dizer o contrario? O amigo, em nossa juventude nos aconselha para o bem, nos precipicios minora as asperezas, que devemos anniquilar; e nos momentos da tristeza suavisa nossas angustias.

Mas quanta differença ha do verdadeiro amigo; a essa alluvião de enganadores, que a época actual nos appresenta, e a quem damos este nome tão caro por todos os titulos, sem que no-lo mereçam pela mais pequena de sûas acções?

Homens ha, que depositam o sagrado nome d'amigo, nos altares da perfidia, da traição, e do interesse; esses são os que ao encontrar-vos em qualquer assembléa, passeio, e em outros logares destinados aos divertimentos, vos ironicamente presentêam com o nome de amigo; são esses os entes mais abominaveis, que se acham espalhados pelo universo, e que por vós devem ser mais timidos, que o animal devorador. Assim como a serpente occulta o veneno, que guarda para derramar quando julga a proposito; assim esses entes abjectos occultam seu coração perfido, para nas occaziões opportunas nos tornarem victimas de suas falsidades e hypocrisia. — Olhae, que um falso amigo é um constante precipicio, que nos acompanha; é o cancro, que róe o nosso coração; a peste da sociedade, um espião de nossos passos; atraça da nossa vida; e finalmente o maior mal, que se pode soffrer sobre a terra.

Observae o horroroso quadro, que vos appresento, cópia fiel d'uma dessas companhias em que vos achaes, e vêde se no numero dos que a compõe está algum, que se diga vosso amigo. O primeiro que aqui vedes é um mancebo a quem certo sujeito suppunha amigo; porem bem depressa conheceu o contrario, porque lhe illudiu a consorte. Aquelle roubou a filha d'um outro, que muito confiava nelle. Aqui está um, que por ter entrada em certa caza, desairou a habitação daquelle a quem chamava amigo. Alli se vê outro, que fez com que certo joven fosse degradado, somente porque amava uma dama a quem elle requestava. A quem um, que

Digitized by Google

tendo em seu poder os titulos da propriedade d'um outro, o deixou reduzido á miseria. Alem reposa um, que por delapidador da fazenda publica, perdeu certo emprego, que occupava, malquistando para com seus superiores aquelle, que o estimava. O outro é um mancebo, que na primavera da vida se tem dado a todo o genero de embriaguez. Est'outro, de tal sorte se entregou ao jogo, que em pouco perdeu uma boa fortuna, que herdou, occultando seus teres áquelle que appelidava amigo. Aquel'-outro perdeu a sua saude nessas cazas de prazeres, que a boa moral, e a relegião condemnam. Cá está um, que estando sempre prompto para acompanhar com outro de quem dependia, nunca esteve para o defender. Lá se vè aquelle, que desamparou um de quem se dizia amigo, só porque delle já não dependia. Acolá se acha um, que depois de deixar os estudos já não conhece aquelle de quem muito amigo se confessava. Eis alli outro, que depois que mudou de emprego não conhece seu companheiro, porque a sorte lhe foi mais propricia. Olhae para esse, que ainda ha poucos dias dizia, que muito vos estimava, e se fatigava em tecer-vos encomios; porem hoje, que lhe convem, trocou todos esses elogios em descreditos, e lá foi incensar áquelle, de quem dantes dizia mal. Esquecia-me mostrar-vos aquelle, que tambem se faz muito notavel, por ser vizita constante d'um, que hoje não o conhece, somente por haver alcançado alguns postos e condecorações!! — Mancebos, que entraes agora na estrada do grande mundo, tende presente o forte quadro que vos appresento, inferior ainda áquelle, que na verdade tem lugar; mas que minha acanhada penna não permitte traçar com todas as cores, que lhe são proprias, e que o tornariam ainda mais horroroso: conservae-o em vossa lembrança fazei por conhecer os falsos amigos abandonae-os, votae-os ao desprezo; porque elles são capazes de manchar vosso caracter ainda alem da sepultura.

* *

Os Tartaros.

Se os Chinezes duas vezes subjugados, a primeira por Gengis-Kan em o decimo terceiro século, e a segunda em o século decimo septimo, teem sido sempre o primeiro povo da Azia no que diz respeito ás artes e ás leis, os Tartaros teem sido o primeiro povo no que diz respeito ás armas. Humilhante é na verdade, que o dominio da força haja quasi sempre prevalescido sobre o da sabedoria, e que estes Barbaros hajam subjugado quasi todo o nosso hemisfério até ao monte Atlas. — Foram elles, que destruiram o imperio Romano no quinto seculo, que conquistaram a Hespanha e tudo o que os Romanos possuiam na Africa, e que depois subjugaram os Califas de Babylonia.

Mamouel, que conquistou a Persia e a India no fim do decimo seculo, era um Tartaro. Os povos Occidentaes quasi que o não conhecem hoje senão pela resposta de uma pobre mulher, que nas Indias lhe pediu justiça pelo homicidio de seu filho roubado e assassinado na provincia de Yrac na Persia: como quereis, que faça justiça de tão longe, disse o Sultão?— E para que nos haveis conquistado, não podendo governar-nos, respondeu a mãe?

Foi do fundo da Tartaria, que partiu Gengis-Kan no fim do duodecimo seculo, para conquistar a India, a China, a Persia, e a Russia. Batoucar um dos seus filhos assollou tudo até ás fronteiras da Allamanha: e do vasto imperio de Capshac, que lhe coube em partilha, só resta a Criméa possuida pelos seus descendentes debaixo da protecção dos Turcos.

Tamerlan, que subjugou uma tão grande parte da Asia; era um Tartaro e da mesma raça de Gengis.

Ussum Cassan, que reinou na Persia, nasceu tambem na Tartaria.

Finalmente, se olhaes de onde partiram os Ottomanos, vê-los-heis sair da margem Oriental do mar Caspio, para vir snbmetter ao jugo da Asia menor, a Arabia, o Egypto, Constantinopla, e a Grecia.

Vejamos agora o que restava nos vastos desertos da Tartaria no decimo sexto seculo depois de tantas emigrações de conquistadores. Ao norte da China estavam esses mesmos Mongules e Mantchous, que a conquistaram no tempo de Gengis-Kan, e que ainda ha pouco mais de um seculo a retomáram. A sua religião era aquella de que Dalai Lama é chefe no pequeno Tibet. Os seus desertos confinam com os da Russia: d'alli até ao mar Caspio habitam os Elhutes, os Calcas, os Calmucos, e cem hordas de Tartaros vagabundos. Os Usbeques estavam e ainda estam no paiz de Samarcandia; vivem todos pobremente, e apenas sabem, que do seu paiz sairam varios bandos, que conquistaram os mais ricos paizes da terra.

A curiosidade não é um gosto para o que é bom ou bello; mas sim para o que é raro, unico; para o que possue, e os outros não possuem. *(La Bruyére).*

Digitized by Google

A AUZENCIA.

Variados e inconstantes são os successos da vida: se em disco abrazado hoje nos despontou o sol; amanhãa por ventura não susgirá elle d'um mar de nuvens: ao prazer succedem penas; e mil vezes d'envolta com estas se nos antolham os gozos mais doces: assim se escoam os tempos; assim se desenrolam os aneis da cadêa da vida; até que d'um sopro se extingue o lume, que nos vivifica, e anima, por a lousa fria pezar sobre nós por seculos, que não são a contar. Mas por entre causas tão diversas, de dor, com uma deparamos, que é, em quanto a nós, superior ás demais = a ausencia do objecto caro é o peior, o mais cruel de todos os males = O coração mais ferrenho não bate pausado se abandona-mos o torrão natal: esses logares respiram muita amenidade e brandura, tenhamos embora a alma fria do Estoico; nesses instantes anima-nos uma outra existencia; alma mais poetica, um coração macio nos esvoaça no peito.

As saudade desses dias da innocencia, que fugiram nas azas do tempo, se nutrem e pascem na presença dos lares; mas quando a fortuna caprichosa nos arroja para longe da patria; quando só barbaros, e inhospitos nos circundam, quaes ao desterrado d'Ovidio; é então que sós no meio da multidão, vivendo nas cidades como n'um ermo e solitario deserto; isolados do mundo no bulicio das turbas; é então, dizia-mos, que vacuo horrivel se nos profunda no peito; e não ha ahi com que enche-lo: mas este estado, com quanto penoso seja, o é ainda bem pouco, se só deixámos a patria, os parentes, e amigos: mas se ahi nos ficou afogada no pranto a amante desolada; se nossas lagrimas se misturaram no ultimo adeus... oh! é então que a desesperação vibrou a corda mais sensivel da alma, que só respirava ternura e amor.

Ah com que magico poder nos pulsava o sangue apressado! e como podemos nós balbuciar um adeus! mas em fim partimos... cada passo, cada instante são milhões de leguas e seculos, que se nos vêem interpor!! nossos suspiros já não encontram um echo! não ha aqui um coração compassado com o nosso! este ceu não é tão bello! não é tão puro o ar, que respiramos! havia alem um não sei que de delicioso, que docemente se nos infiltrava cá dentro; cada hora, cada instante desperta ao amante uma lembrança de um bem que passou.

Quando ás fadigas do dia tardio succede a noite, desdobrando um manto d'estrellas; se corremos á praia a gozar da briza, que mollemente se agita; a lua prateada, reflectindo-se sobre o cristal das ondas, nos vem avivar saudades, e exaltar a dor que nos punge: talvez neste instante... quem o sabe!? talvez a lua brilhe a seus olhos!!... talvez os mesmos delirios nos agitem a ambos!!... Quando as estrellas buliçosas se multiplicam uma por mil no liquido espelho, seguindo-a, nossos olhos se perdem alem da margem opposta: tudo é mysterio ao amante; tudo lhe reflecte imagens do bem que idolatra um oceano de crueis incertezas o cerca e lhe revolve a alma; os espinhos da ausencia lhe pungem o coração, sobre o qual a saudade, vibra repetidos e lethaes golpes: e luctando por decifrar no livro mysterioso dos destinos, o termo marcado a uma penosa separação; esforçando-se em profundar, os arcanos impenetraveis do provir, a imaginação lhe estremece, vacilla, e se perde em um labyrintho immenso de esperanças e conjecturas.

* * *

A Honra.

Para a maior parte dos homens a honra é um termo vago e muitas vezes uma quimera. No principio da sociedade os selvagens ocupados em defender, ou em atacar seus visinhos ligavam a idéa d'honra á do valor, que era a qualidade que então lhes parecia mais util e importante. Esta idéa está hoje evidentemente perpetuada, e acha-se ainda nas Nações mais civilisadas. Em consequencia disto, nós vemos Principes que por pouca actividade, e energia que desenvolvam, entregar-se á guerra e fazer consistir a sua honra o gloria em perturbar a tranquillidade dos outros, a despeito da felicidade de seus subditos, assim debaixo d'um prejuiso tão funesto; a maior honra de um Monarcha consiste em ser injusto, deshumano, e vingativo; em derramar sem escrupulo, e sob os mais ligeiros pertextos, o sangue dos homens, e finalmente em ser o flagello do seu povo.

Para serem favorecidos em seus projectos, os Principes e conquistadores communicam os seus perjuisos aos subditos que julgam mais proprios para satisfazer suas paixões. É desta maneira que as falsas idéas d'honra tem infestado os povos. A Profissão d'Armas éra considerada como a mais honrosa, e qualquer julgava ser honrado quando tinha coragem; porém elle não attentava, que não fazia mais do que ser um instrumento desprezivel, e a victima das paixões de Senhor

Digitized by Google

injusto, que prodigalisava barbaramente o sangue dos seus. Em consequencia dos perjuisos desta natureza, todo o homem honrado tinha por obrigação de ser deshumano, vingativo, e implacavel, sempre que elle julgava a sua honra atacada. Mantido na sua ferocidade pela opinião publica, julgava dever lavar no sangue de seus irmãos, os menores insultos que se fizessem a sua vaidade. A rasão reduzida a calar-se diante deste perjuiso, não podia fazer-lhe sentir a injustiça e atrocidade de punir com a morte uma injuria ligeira, que a verdadeira magnanimidade devia desprezar assim as falsas idéas d'honra fazem indignamente calcar aos pés os deveres mais sagrados, deveres de justiça, de humanidade, da amizade, e impedir que se considere que o perdão de injuria suppõe mais nobreza e força, que uma vingança abjecta e cruel!

Não será pois mais honroso conservar o cidadão, do que immola-lo ao furor momentaneo da vaidade resentida?

Daqui se collige qne os homens não precisam de uma revelação celeste, para perceber que o perdão da injuria é um sentimento nobre, grande e digno do homem honrado. Com que direito uma religião que crê em um Deus cuja vingança é implacavel e sem lemites pertende obrigar os homens a perdoar as injurias? Como se poderá inspirar grandeza d'alma e generosidade aos adoradores de um Deus tão cruel que se vinga das faltas demimutas de suas fracas creaturas?

A vingança bem como a crueldade indiciam uma alma fraca e feroz: deshonram não só os Deuzes mas tambem os homens; são indignas de um coração elevado, humano e magnanimo.

Aquelle que paga com o bem o mal que lhe fizeram, adquire por isso uma superioridade reconhecida sobre aquelle que lhe fez a injuria; e o offensor é muitas vezes punido pela vergonha que lhe causa o que lhe perdoou. É necessario pois ser justo para saborear a satisfação intima que nos ministra a grandeza d'alma. Cleomenes disse que um bom rei deve fazer bem a seus amigos e mal a seus inimigos, ao que Ariston respondeu. Que seria mais nobre fazer bem a seus amigos e fazer amigos de seus inimigos.

O PARRECIDIO.

O Parricidio cuja idéa revoltante attera o coração humano está ainda em uso entre algumas nações errantes e selvagens, onde os filhos matam violentamente e até estrangulam seus decrepitos pais quando não podem accompanhar as hordas vagabundas. Um uso tão barbaro parece desligar inteiramente a santidade dos laços que unem o pai ao filho. E o filho que fôr mais humano, justo e generoso que os outros não exclamará no meio destas cohortes estupidas! « O uso me ordena de levantar a mão sacrilega sobre o author de meus dias! arrancarei a vida áquelle que m'a deu! recusarei sustentar aquelle que me nutriu na minha infancia debil! Oh! pereça o costume com que meu coração sensivel não póde conformar-se! Minha alma grata se enternecerá sempre em face do homem que curou de minha fraqueza. Trabalharei para aquelle que sempre trabalhou para mim. Pecarei, combatterei pelo ente que se occupou tantas vezes de minha subsistencia e segurança; carregarei sobre o meu dorso com o que me conduziu nos seus braços. Eu aliviarei e consolarei o velho que tomou cuidado de divertir e formar a minha infancia; obrando assim, faço jús a que meus filhos me ajudem a supportar o fardo dos annos, e a que não cortem minha vida como a membro inutil da sociedade.

— Talvez desprezeis meus sentimentos, julgando-os fraquezas; porém curae em vossos proprios interesses, porque isto vos deve ser charo. Vós sois paes, ou contaes sê-lo um dia; desejaes viver muito tempo, e por consequencia envelhicer; abolí pois para sempre este uso, de que algum dia sereis victima.

D. AFFONSO SANCHES.

ROMANCE HISTORICO.

IV.

Mas já no leito o adormecido accorda.
.....
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o involto cerebro
A desligar idéas mal distinctas.

Garret. Camões.

Uma luz baça de alampada aclarava dois vultos; um jazia deitado em um catre; tinha as feições alteradas pela dôr; uma pallidez segura mensageira da morte lhe cubria o rosto; os seus labios estavam descorados, e se moviam como em oração de moribundo ao Senhor; os seus olhos meio cerrados fitavam os objectos com a immobilidade fria

Digitized by Google

e horrivel da morte: — Henriques era o outro vulto.

— Meu padre, disse elle, comprimindo o pranto, vós me fizesteis chamar, e eu corri para junto de vós a saber os vossos desejos, e cumpri-los inda á custa do meu sangue e da minha vida!

— Henriques! és tu? exclamou o moribundo erguendo um pouco o seu rosto desfigurado pela visinhança da morte; oh! eu te esperava! ouve-me com attenção; mas que lhe queria eu dizer? — e elle passou a mão pela sua frente ensanguentada, ah! sim; e tomou um ar solemne, a sua voz se animou, os seus olhos brilharam, e os seus gestos pediam attenção e respeito: — era o ultimo laço que prendia a alma á terra, que se hia desligar na derradeira hora da agonia; era uma voz já quasi sahida da eternidade, que revelava os misterios da morte, e os segredos do tumulo; era finalmenfe o ultimo adeus do amigo ao amigo, em que as suas almas só se uniam para se separarem, e em que um suspiro arrebata da terra a creatura soffredora para a unir lá na morada dos justos ao seu Creador.

— Henriques! continuou Fr. Estevão, quando a espada da morte cahiu sobre mim, eu tremi, o coração se me comprimiu, e um só pensamento foi desde então o unico laço que ligou á terra esta creatura fragil e abatida!.... eu que pedia a Deus a coróa do martyrio, tremi como um roprobo ante a morte!....oh! mas era por amor de ti!.... Henriques! a minha existencia é de instantes, e o tempo que deve mediar entre o ultimo adeus da vida á terra, é curto e penoso! ouve-me pois! — Uma tarde eu me levantava de orar, quando uma aldrabada na porta da cella me espantou; eu abri, e só vi uma criança recemnascida, e um cofre pequeno e fechado; as lagrimas do soffrimento brilhavam em teus olhos, e o teu rosto era o d'um anjo de innocencia! uma carta estava sobre o cofre, e n'ella se me pedia, que criasse aquelle menino malfadado até á edade de vinte annos, e se então não fosse reclamado lhe entregasse aquelle cofre que podia abrir, e dentro do qual estavam as provas do seu nascimento!.... eu te criei, velei, e orei por ti como por um filho; é que na terra só tu me restavas!.... e os remorsos!.... ah!.... dentro da carta estava a metade d'um anel prezo em um grilhão d'ouro, e tambem se me dizia: — quem tiver a outra metade é seu pae: o cofre está no interior da arca collocada na minha cella, e o anel aqui to entrego! e agora Henriques sê abençoado de Deus, e ditoso!... a morte me chama, e já vejo a eternidade onde nos espera o castigo e o premio!.... meu Deus perdão! e possa o arrependimento do velho resgatar os crimes do mancebo! Henriques eu te vejo pela ultima vez!.... e adeus para sempre!.... — E um suspiro lhe separou docemente a alma da terra; — era a morte repousada e pacifica do justo: o mancebo cahiu em uma dôr desesperada: — Meu Deus, disse elle, eu julgava ter esgotado na terra os tormentos todos do soffrimento! mas não! oh! ha pouco eu pedia um nome, um pae, e uma patria! e hoje? oh! hoje só quero o amor. por quem esqueci tudo! o amor que me dilacera o coração, que me rouba todos os pensamentos, todas as sensações, toda a minha existencia!!.... frio e impassivel pela continuação das adversidades, eu vejo agora terminar na terra tudo o que me prendia ao mundo: alli está um cadaver!.... é o do pae da minha infancia, é o do velador caridoso da minha mocidade malfada! e eu porque defendi o peito do ferro sedento de sangue que me avesinhava a morte?.... ah! eu era um louco! ainda tinha *esperança*, ainda *cria!* Maria! .... oh! meu Deus! perde-la, e isto quando ella me ama!.... cede-la a outro!.... suster-me o braço um fantasma vão inventado pelos homens!.... oh! a gratidão é que me prende a vingança? Não! mas é mister que assim seja! uma fatalidade me segue desde a infancia, e tem pesado sobre mim como o anathema de maldição eterna! a desesperação e a desventura tem-me tornado cruel, egoista, e impassivel!.... elle jaz além morto, e os meus olhos estão secos!... eu perdi um amor tão rico d'esperanças, e a minha alma está fria, e só o coração pulsa mais arquejante! e quando toda a ventura me foge só tenho um pensamento e um desejo — é o da morte!.... mas não! primeiro, cahirão a meu pés em ruinas os poderosos e suas grandezas, e a bandeira horrivel da destruição se erguerá acima do pendão dos Reis da terra! e coroado de incendios, sentado sobre um throno de ruinas, e com a espada da morte por sceptro, direi — sou ditoso!.... oh! Maria!.... eu te perdi! e comtigo a bemaventurança dos anjos no Ceu e o poder, a ambição, e.... a existencia na terra!.... e elle cahiu debruços chorando sobre o catre do finado.

Passado algum tempo uma porta rangeu e se abriu, e vozes soaram da camara visinha; elle prestou o ouvido, e o som meigo das palavras de Maria o despertou do espasmo da desesperação, para o chamar de novo á vida do amor: — elle se ergueu, e se collocou unido com a porta pequena de communicação, que se abria sobre a salla onde se fallava; assim não perdia palavra alguma do que se dizia.

Digitized by Google

— Nobre Alcaide, dizia a voz de D. Affonso Sanches, se *Ella* me podesse amar, eu me olharia como o mais ditoso dos homens! e contente poria a seus pés a minha corôa de Conde, os meus castellos, e os thesouros e poder da terra! mas nunca abusarei da posição, que o acaso do nascimento me deu para forçar as affeições de uma dama tão bella e innocente!.... não! nunca farei da sua vida de felicidade um purgatorio d'agonias!

— Senhor Conde, respondeu com voz sombria o Alcaide, a minha fé vos foi dada; e pela Cruz da Redempção, ou ella em trez dias será a esposa do homem mais illustre e estremado destes Reinos, ou as grades de ferro d'um mosteiro em terra d'estranhos fecharam para sempre a sua louca presumpção: eu a amei como filha, velei sobre a sua infancia com o desvello de mãe; e só desejei vê-l'a ditosa e honrada! mas se persiste em sua audaciosa repulsa.... então a que recusa a mão de esposa ao Conde d'Albuquerque só a deve dar a Deus! assim Maria escolhei: — ou a ventura e a honra; — ou o castigo e a solidão.

— Meu Tio, disse a donzella com tom solemne e resoluto, houve um momento em que julguei poder obedecer-vos; mas era uma illusão; agora, quando me daes a escolha entre o Ceu e a terra; eu vos direi: quero a liberdade de chorar na solidão, porque o meu pranto não será um crime; quero ter um pensamento d'amor, e esse ser livre; quero nutrir-me de saudades e memorias, e esse nutrimento ser innocente; assim aceito o mosteiro, e a sepultura da vida na solidão das abobadas funebres das virgens do Senhor; e só me resta agradecer-vos os beneficios, que comigo sempre houvesteis; e vós nobre Conde, se o meu amor se podesse desarraigar seria vosso; mas tendes a mizade e respeito: e voltando-se para o Alcaide, disse = para a partida só espero as vossas ordens.

— Senhora, disse Affonso Sanches, eu aceito a vossa amizade com reconhecimento, e quanto á partida confio, que o Alcaide mudará de parecer, e....

— Não! pela salvação da minha alma! o meu juramento está dado; ella fez a sua escolha, e será satisfeita; amanhã partirá com boa escolta guiada por Affonso Gomes meu escudeiro; e só a si deve accusar do meu rigor!

— O sacrificio é grande, disse a virgem, más é pelo amor! O Alcaide sahiu com ar de indignação. Então o Conde avançando para a virgem, disse com magestade, e graça.

Senhora, com pesar hei sido causa de vossos tormentos; mas ficae mui segura, que não sereis barbaramente condemnada a esconder a vossa vida, e a vossa belleza no rigoroso desterro do mosteiro! e eu vos dou a minha fé de Cavalleiro, que embora me não acceitasseis por Esposo, tereis sempre em mim um amigo respeitoso, e um cavalleiro protector: assim, eu vos cedo ao amor de outro, com quanto o coração se me magoe porque sempre fiz calar as paixões ante o meu dever de nobre, e cavalleiro! e D. Affonso Sanches lhe beijou a mão com ar abatido, mas com a dignidade, que revelava nelle o decendente de tantos Reis illustres.

— Senhor Conde, eu vos agradeço, mas a minha sorte está gravada; ou serei esposa de Henriques.... ou de Deus! — De Henriques! disse o Conde admirado! neste tempo o mancebo tinha aberto a porta, e estava na salla firme, mas pallido e consternado.

— Maria tu és minha, e eu teu até á morte! disse elle com voz triste.

— Henriques, disse o Conde, eu esperava de ti gratidão, e amizade, e.....

— Conde, ha pouco fallasteis como nobre filho dos reis, disse o mancebo, ha pouco ereis generoso, e occultaveis a propria magoa para não exacerbar as de Maria! e agora.? accusaes-me porque o orfão ama a donzella nobre, e porque o seu coração não se tornou de rocha ante o vosso amor! e entretanto, quando soube, que a hieis desposar cedia ao meu bemfeitor a ventura na terra, e a salvação na eternidade!.... oh! todos são orgulhosos e egoistas!....

— Henriques tu és bom, e leal; o meu amor era um sentimento doce, e não uma paixão de fogo; talvez delle com o tempo só me reste melancolia e saudade! não importa! oh! sêde felizes! e lembrae-vos de mim como d'um amigo, victima delle? eu velarei sobre vos como um pae sobre seus filhos!.... adeus! e elle sahiu.

Conde, bradou o mancebo arrastado pela admiração, o meu sangue e a minha vida serão teus, e a minha alma, disse elle a Maria beijando-a, será tua. E sahiu arrebatadamente.

Continuar-se-ha.

Guardae-vos de confundir o sagrádo nome da honra, com feroz prejuizo, que põe todas as virtudes na ponta da espada, e que só é proprio para fazer bravos scelerados.

J. J. Rosseau.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 32) *Publica-se todos os Sabbados.* *(Agosto 8, 1840.*

A GLORIA.

Gloria! palavra electrisadora e sublime! sentimento aereo e maravilhoso, formado, como diz a célebre Stael, da differença entre os pensamentos do Ceu e da terra! alvo estupendo e deslumbrante, a que quasi todas as vistas dos humanos se dirigem! quanto é grande a tua influencia sobre os destinos dos miseros mortaes! quanto são prodigiosos os effeitos do teu magico poderio sobre os habitantes d'esta terra de desterro e de angustias! — Ao teu aspecto, os obstaculos que outr'ora pareciam insuperaveis, minguam e se aniquilam; os soffrimentos tornam-se suaves e chegam a esvaecer-se; e a mesma morte, cuja mão descarnada e funebre nos enchia de terror, se appresenta ataviada de ornamentos brilhantes, que occultando-lhe a fealdade a tornam appetecida!

A mão da Omnipotencia, tirou do nada, um mundo rico de bellezas e maravilhas; o enthusiasmo e amor da gloria, tem feito, que o homem tornando-se superior a si mesmo haja obrado prodigios, que deslumbram e assombram.

Por te alcançar, ó gloria, o litterato véla noutes em aturadas meditações, perscruta os segredos da sciencia, e ancioso procura os meios de dilatar a esféra dos conhecimentos humanos. — O artista no seio da sua habitação excogita os meios de distinguir-se, a imaginação se lhe exalta e um raio de lisongeira esperança o instiga e anima, do mesmo modo que um sol radioso vivifica a planta, e a faz pullular. — O militar intrepido arrosta a morte em mil combates, e cheio de nobre enthusiasmo, não hesita em derramar a ultima gota de sangue a prol da causa que defende; guiado pela honra, e excitado de continuo por um sonho rico de esperanças; brandindo a espada ou manejando o fusil, com uma das mãos, e com a outra erguendo o véu mysterioso do porvir, á imaginação se lhe offerece uma aureóla de gloria, que deve ornar-lhe a fronte triumphante, ou servir de brazão ao funebre asylo, que occultar seus despojos. — O nauta ousado, unicamente por alcançarte, despresa muitas vezes as tormentas, desafia a terrivel furia dos elementos, e cercado por todos os lados de morte e destruição, encara o abysmo, não desfalece, e sulca animoso um vasto tumulo, que a cada momento parece abrir-se para traga-lo. — Apenas teu sopro animador consegue penetrar no coração de um mortal, o mundo se lhe appresenta diverso do que d'antes era, novas scenas, brilhantes perspectivas, um espaço resplandecente e immenso se lhe desemvolvem á vista; tudo muda em torno delle, poder-se-hia dizer, que uma nova existencia o anima: e até o infeliz, que opprimido pela injustiça dos homens, e luctando em um pélago de soffrimentos se vê proximo a soçobrar, sente ao comtemplar-te um sentimento de confôrto, similhante áquelle que anima o navegante, que em noute escura e tormentosa, luctando com as procellas, e proximo do naufragio, descobre o farol protector, que lhe serve de guia, e lhe faz evitar os escolhos em que hia despedaçar-se.

¿O que seria a vida, se o nobre pensamento da gloria a não animasse? — a que se reduziria a existencia, sem esse meteôro brilhante atraz do qual corremos continuamente, sem muitas vezes chegar-mos a conhece-lo? que outra ambição, a não ser a de uma gloria immortal, seria capaz de fazer com que os homens obrassem tantas acções sublimes, tantos rasgos d'esplendor, e tão grandiosos sacrificios? — O que seria de tantos sabios, de tantos guerreiros, e de tantos homens virtuosos, se a recordação gloriosa de suas obras e façanhas os não arrancasse do mofino leito do esquecimento, e os mostrasse como invulneraveis gigantes

Digitized by Google

em pé sobre as ruinas dos séculos, que os viram nascer? — De que serviriam ao mundo os exemplos dos Socrates, Thrasibulos, Virginius, e Catões, se o rutilante astro da gloria, lhes não aformoseasse ás acções, e nos não transmittisse seu brilhantismo por entre a profunda immensidade dos tempos? — O universo jazeria em lethal entorpecimento; as lições do passado cahiriam nas trevas, e de nenhuma utilidade seriam para os tempos que vão correndo; as almas ver-se-hiam privadas de incentivos que as guiassem, e de lisongeiros futuros em que podessem arremeçar-se; o circulo da existencia humana estreitar-se-hia, e as paginas da historia talvez se se vissem ermas de acções d'enthusiasmo, d'heroismo, e de virtude.

LUIZ DE CAMÕES.

IV.

Oh como se alonga de anno em anno
A perigrinação cançada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve, e vão discurso humano!

Camões. Sonetos.

Lançado em um catre, abandonado estava um moribundo com a cabeça reclinada no seio d'outro homem, cujas feições exprimiam uma consternação extrema; os suspiros lhe embargavam a voz, em quanto as lagrimas cahiam amiudadas sobre as suas faces; — o moribundo era Luiz de Camões; e o outro era o seu Escravo unico amigo, que lhe restava na terra!

— Antonio! disse o Poeta com voz fraca, hoje acaba esta vida tão triste, para lá na eternidade começar o galardão do que soffri!... sim! quando na terra a esperança acaba, e a ventura foge, então a vontade do homem se confia em Deus, que estende a sua mão compassiva sobre o malfadado, e lá no Ceu lhe esquece os erros!... oh! esta morte, que hoje chega, eu a tenho implorado muitas vezes, e não é senão o termo d'uma lucta terrivel entre o passado e o presente, que a louza do tumulo cobrirá para sempre com o esquecimento profundo do nada!... morte! fantasma horroroso para o máu, porque lhe descobres o que teme; illuzão vãa para o forte, porque não és senão o caminho momentaneo da terra á eternidade!... Antonio! á tua amisade devi esse resto de vida, que tenho passado, se morrer todos os momentos se podem chamar vida, e em Deus ponho o teu premio, que na terra só possuo este corpo, que em breve será tornado ao nada!... oh! mas a benção de Deus cahirá sobre ti, e te retribuirá a piedade!... patria! palavra tão santa, quando sahida de labios puros, e corações leaes, palavra vãa e hypocrita, quando profanada pela bocca infame do ambicioso egoista, é a ti, que deixo o longo pensamento da minha vida, esse Poema que celebra teus heroes e tua gloria!... e agora o meu ultimo adeus!... Antonio! a morte nos separa, mas um dia a eternidade nos unirá! o arfar do seu peito se havia augmentado muito, e elle só póde estender a mão ao escravo, que a beijou chorando, e com o silencio lugubre da desesperação; os labios do moribundo murmuraram algumas rezas, e dando um suspiro fez um esforço para levantar um pouco a cabeça, e disse: — a esperança da patria acabou! e agora deixo a terra para sempre!... mas o meu nome nella viverá eternamente! e expirou. — Estas ultimas palavras eram a profecia, que o tumulo proferia, e ella foi certa: — elle que havia voado saudoso á patria, (1) só nella achou desdens e desprezo! o amor, que lhe adoçara um pouco a existencia, esse lho cortou a morte da amante; (2) e de todos os seus longos e tormentosos trabalhos só colheu esquecimento! andrajos o cubriram; esmolas o alimentaram; e n'essa hora solemne em que Deus termina a missão do homem na terra, e o chama á eternidade viu o seu leito abandonado, e as suas faces geladas só regadas pelo pranto sincero d'um escravo! — O Vate Portuguez expirou só, e esquecido; uma campa humilde cahiu com seu arruido sinistro sobre os seus restos; sobre essa campa estava só um nome, porém eterno e glorioso, e esse nome era o de Luiz de Camões, que viveu pobre, e morreu esquecido de ingratos, mas a quem os seculos vingaram!

Quando a providencia tem algum designio a preencher, não lhe importa os instrumen-

(1) Depois do seu naufragio o Poeta chegou a Goa, onde apezar da amisade do Viso-Rei foi sepultado em uma prizão por falsas accusações das couzas, que diziam respeito ao Officio, que servíra; e quando hia ser solto foi embargado por Miguel Rodrigues Fios Secos, por algum dinheiro que lhe devia: — a final foi mandado soltar pelo Conde do Redondo, Viso-Rei. — Dahi foi a Sofála com Pedro Barreto, e quando se queria partir para a patria foi tambem por este embargado; mas alguns Cavalleiros pagaram a divida, e o trouxeram: e na patria viveu despresado, e pobre devendo a vida ás esmolas que pedia o seu escravo Antonio, até que morreu de todos esquecido no anno de 1575 com 55 de edade.

(2) Era ella D. Catharina d'Ataide, Dama do Paço, de cuja morte se lamenta o Poeta na sua Ecloga XV. sómente impressa no anno de 1779.

Digitized by Google

tos nem os meios de que tem a servir-se: entre suas mãos, tudo é raio, tempestade, e diluvio, tudo é Alexandre ou Cezar.

(Balzac).

A Providencia.

Que de maravilhas se acham espalhadas pelo universo! quanto é admiravel e portentosa a sua regularidade! Os planetas, subordinados ao sol, que como centro dos movimentos, e corpo attrahente, os sustenta na orbita, que descrevem, vão regulares em seus differentes transitos; e dotados do movimento, que lhes é proprio deixam ao Astrónomo a possibilidade de determinar as suas posições, as quaes sem serem casuaes, se acham de tal maneira estabelecidas pela providencia, que na verdade admiram o genero humano. — A terra, este planeta, que foi destinado para asylo do homem e de todos os outros animaes, contêm em si todos os meios de os nutrir, e alimentar, e de tal maneira exparzidos, que conforme os differentes habitantes do nosso globo carecem de uns ou de outros, assim os encontram apropriados ás suas necessidades. A Providencia ainda nos depara mais obras de seu extraordinario podêr, digno sem duvida, de séria e aturada meditação: ella permitte os Reis sabios, e os apoucados de genio, appresenta os bons e os máus governos, dá a guerra e a paz, sempre conforme a seus altos designios, abraça tudo debaixo das leis proprias de sua elevada sabedoria, benificia a uns com os dons do genio, e marca a outros limites mui estreitos a seus talentos; dirige o curso das paixões humanas, e por cauzas inexplicaveis, faz que os pensamentos dos homens sirvam para os regular!! Ah! quanto é bella a ordem do universo! que de encantos se encontram na Providencia! e em que extase se acha collocado aquelle, que contempla sua harmoniosa magnificencia!!!

Mas este quadro foge a nossos olhos, logo que a esquecemos; todas as bellezas que appresentamos perdem seus encantos, e lançadas em um cáhos de immensa profundidade só nos appresentam multiplicadas paixões, que nos governam, aonde o vicio recebe o premio da virtude, aonde a innocencia é subjugada pela perversidade, aonde só regulam os interesses proprios, e o acaso parece que tudo governa, aonde as boas obras raras vezes recebem o premio que lhes é proprio, aonde o merito não se attende, aonde a regularidade não existe, porque só a desordem se appresenta, e aonde finalmente a ambição e a temeridade se elevam ao mais alto gráu. = Tal é pois o mundo separado da Providencia.

A Polvora.

I.

A historia da polvora, d'esse composto importante, que ha sido o motor de tantas, e tão grandes alterações na ordem social, jaz obumbrada pela espessa nuvem do esquecimento, e abysmáda em um oceano de hypótheses, e de duvidas.

Consta que os Chineses começáram a empregar este misto como motor de projecção, na guerra, em o anno de 1232, sendo este uso muito posterior ao conhecimento do composto. Attribue-se geralmente, na Europa, a invenção da Polvora, a o monge Schwartx que deveu o descobrimento, d'este misto importante, á explosão espontanea de uma mistura de Nitro, Enxofre, e Carvão, pisádos em um geral. Com tudo ha fundamento para crer que em 1294, Rogério Bácon conhecia os effeitos d'esta composição, e que, mesmo em o seculo 12.° havia sido empregáda nos trabalhos das minas. Pode-se presumir, tambem, que os Arabes a conhecêram antes dos Europeus, e que a receberam dos Chineses por intervenção dos Tartaros. — Seja, embora, como fôr, de que não ha duvida, é que em 1341 a Polvora foi empregáda pelos Mouros, na batalha d'Aljesirot, e em 1346 pelos Inglezes, na bathalha de Créci.

A descoberta da Polvora, ou antes a sua applicação á arte da guerra ha sido causadora, d'innumeraveis alterações na politica governativa dos estados. Altas questões se hão elevado acerca das vantagens ou desvantagens que, do descobrimento da Polvora, teem resultado. Pró, ou contra os mais abalisádos engenhos teem opinádo, e co' a equilibrada força de suas razões, nos hão deixádo no mesmo labyrintho d'incertezas — A nós pobres mancebos, não compete decidir questão de tão alta monta, faça-o mais sublimádo talento, que nós satisfaremos a os desejos, que nos animam, indicando a opinião de um dos mais célebres escriptores do *paiz da Civilisação*.

« A época, diz Mr. Martin, da descober-
« ta da Polvora, occupa na historia, e na
« sciencia, um logar bem funesto. Parece
« que o seu apparecimento baniu, da terra
« as antigas virtudes, e a verdadeira corá-

Digitized by Google

« gem ; e que fez perecer o espirito cavalhei-
« resco, que havia povoádo o mundo de
« heróes

Outros authores, ao contrario, sustentam a utilidade deste descobrimento, e o querem provar com razões, que ao primeiro intuito parecem, não menos convincentes. — Nas antigas batalhas peleijando braço a braço, era maior por certo a carniceria feita nos combatentes: nas batalhas modernas, é menor. Porem se olharmos com vistas de razão acharemos qne estes argumentos perdem um tanto de sua força, porque lá se nos appresentam as minas com todos os seus horrores, lá se nos appresentam nos ares pelo effeito do terrivel motor, esses baluartes que a ponta da espada não podéra jamais destruir — Os combatentes navaes nos provam ainda contra esta asserção; outr'ora estes combates só tinham logar a abordágens; agora os mares hão sido, e serão testemunhas das mais sanguinolentas batalhas, combatidas a grandes distancias. Muitas mais razões nos occorrem alem d'estas, mas é mister não nos estendermos mais em discorrer sobre um objécto cuja discussão, a genios mais transcendentes, cedemos.

(Continuar-se-ha).

A FELICIDADE.

Ouvis esses gemidos, esses suspiros amiudados, que em torno de vós echoam?.... Pois esses gemidos, esses suspiros são a expressão do tormento, que soffrem todos aquelles homens, que impellidos pela necessidade de ser felizes, e não o podendo conseguir, desabafam assim o seu coração! — Desgraçados no centro dos prazeres que com tanta avidez procuravam, anhelam ainda outros; e seus desejos sempre nascentes não podendo ser satisfeitos porque isso seria alterar a ordem natural das couzas — eilos ahi ainda mais desventurados. — Sem força bastante para vencer as suas paixões, julgando seguir o verdadeiro caminho da felicidade, só gosam prazeres passageiros; unico fructo que elles podem outorgar-lhe: e uma vez rasgado o véu da illusão, o seu coração fica vasio, e a desesperação d'elle se apodera! — É então, que elles accusam o auctor da natureza dos males, que unicamente são feitura sua; é então, que não se horrorisam de alevantar imprecações contra o Ceu, e de pronunciar blasfemias!.... — ¿ Mas porque assim corre o homem cego no caminho da vida? — Qual será a causa, que o arrasta a tão grandes excessos? — A idéa falsa que elle forma da verdadeira felicidade.

Enganados pelas apparencias fazem consistir a felicidade, uns no goso de todos os prazeres, outros nas immensas riquezas, outros na belleza, outros finalmente na reunião de todas estas couzas; mas como o homem pode ser infeliz possuindo mesmo tudo isto, segue-se, que não é esta ainda a verdadeira felicidade.

Insensato é todo aquelle que deseja uma felicidade absoluta; porque deseja um impossivel. Os bens, e os males inalteravelmente se succedem na ordem geral da natureza, e querer o homem uma pequena porção dessa natureza, somente gosar, e não soffrer, sómente ter praseres e não ter dores, é querer mudar a ordem universal, é querer para si uma lei exclusiva, é querer privar-se do unico meio que a provida natureza poz ao seu alcance para devidamente apreciar os seus gosos, finalmente é querer um impossivel.

Aonde existe pois essa felicidade, aonde poderemos nós depara-la, perguntarão agora os que errados andam no seu caminho!

Homens insensatos, que a vida passaes sem uma só vez descer ao fundo do vosso coração; quereis ser felizes, quereis achar a verdadeira felicidade? — pois não precisaes hir mais longe, alli mesmo a encontrareis. — A humanidade, esse sentimento inseparavel do coração do homem, esse sentimento que nos inspira a necessidade de amor, a humanidade torno a dizer eis ahi a primeira origem da verdadeira felicidade. — Empregai pois este sentimento, segui os seus impulsos; e dirigindo os pela razão, colhereis em resultado que a vossa felicidade crescerá na porporção da vossa benevolencia para com os outros homens. — E longe de nós a idéa de que a ingratidão pagará os nossos beneficios, pois que a sua recompensa está na pratica desses mesmos beneficios. Regulae os vossos prazeres pela razão, moderae as vossas paixões, conservae-vos em paz com a vossa consciencia, e as vossas acções serão justas, e a vossa vida se passará tranquilla, quanto o pode ser, sobre a terra: a esperança, que no meio das desgraças se desliza em o nosso coração, nunca vos abandonará, e vos dará a sufficiente força para supportar os males inherentes á condição humana.

Silva.

O clasico rabugento é um velho teimoso de cabelleira e povilhos, que embirra em ser taful, e cuida, que morrem por elle as

Digitized by Google

meninas. O romantico desvairádo, é um peralvilho ridiculo, que dança o galope pelas ruas, toma por surrisos de namorada o supercilioso olhar de senhora honesta, que se riu de pasmo de o ver tão doudo e tão presumido — mas tão sem sabor.

Garrett.

OS DEVERES DO HOMEM.

REFLEXÃO.

Entra ó homem, em ti mesmo, considera o fim para que foste creado.

Reflecte sobre as tuas precisões, e sobre as tuas diversas relações; deste modo aprenderás a conhecer os teus deveres, e colherás por fructo abundante, regras para dirigir-te em todas as emprezas.

Não te exponhas a fallar, sem que primeiro tenhas pesado as palavras; nem te exponhas obrar, sem que tenhas primeiro examinado qual poderá ser o resultado de qualquer procedimento que tenhas, desta sorte, examinando todos os teus passos, a deshonra fugirá para longe de ti, a ignominia será estranha á tua pessoa, não serás assaltado pelo arrependimento, nem a tristeza habitará na tua alma.

O homem sem reflexão tem a lingua sempre desenfreada, falla ao acaso, e quando mal o pensa, acha-se enredado pela imprudencia das suas proprias palavras.

Assim como o homem, que correndo velozmente sem olhar aos perigos chega a borda do abysmo e se despenha; assim tambem se precipita aquelle que pratica acções, sem que haja meditado nas suas consequencias.

Présta pois os ouvidos á voz da reflexão: as suas palavras, são as da sabedoria, e os seus conselhos te conduzirão ao caminho da verdade e da felicidade.

ANTIGUIDADES PORTUGUEZAS.

A VILLA D'ALEMQUER.

É esta villa uma das mais ricas em antigos feitos e gloria; houve em tempos mais remotos o nome de *Chapins da Rainha*, porque um de nossos Reis a deu á Rainha para seus chapins; do tempo dos Romanos ha em Alemquer algumas memorias; de outras só se sabe terem sido despresadas, e destruidas pelos moradores, que é sina nossa este espirito de ruina, inda que seja á custa de trabalhos, e mesmo de sangue.

— Está o Alemquer assentado a uma legoa de distancia do Tejo, que lhe corre ao nascente, e que pela extensão das suas correntes offerece á terra dilatada e alegre vista; um pequeno rio lhe passa pelo meio, e vae a villa subindo por um empinado monte até se corôar com o seu Castello; padecêu, como todas as terras de Hespanha a sujeição ferrea dos Sarracenos, que nella se fecháram e fortaleceram com bons muros, reparados varias vezes por causa dos acontecimentos da guerra, se acham hoje em ruinas. — No anno de 1148 veio ElRei D. Affonso Henriques sobre ella com grande peso de gente, e a teve cercada por espaço de dois mezes, obrando-se tanto pelo lado dos infieis, como dos Christãos muitas acções e feitos guerreiros, até que os Cavalleiros d'ElRei fiseram a sua ultima investida pela parte mais escabrosa, e pela porta mais arriscada, e a venceram com grande gloria, e perda de vidas destes Mouros em memoria deste feito levantaram os Fieis uma Igreja a S. Thiago Maior como signal de sua devoção e fé e nunca depois os Sarracenos, por mais que nisso se empenhassem, a poderam levar, sendo sempre vencidos e escarmentados, como succedeu ao exercito do Miramolim de Marrocos, que depois de perder a famosa batalha, de que fazem menção as nossas Chronicas, foi assolando a Estremadura toda, e chegando à villa d'Alemquer a cercou e combateu com terrivel furia sem que o seu denodo arrojado podesse vencer a fortaleza dos Catholicos; e assim desesperados deste máu successo se foi vingar na villa d'Arruda, que destruio inteiramente.

Esteve desde então Alemquer na vassallagem de D. Affonso Henriques, e de D. Sancho I seu filho; o qual por sua morte a deixou a sua filha D. Sancha, como consta da verba do seu Testamento, de que as nossas historias fazem menção. — Deste legado se queixou muito D. Affonso II dizendo, que seu pae não podia desanexar da Corôa esta villa; e tomou as armas para a arrancar do podêr de sua irmã; suscitando-se por isto muitas inquietações, guerras, e discordias entre estes irmãos, em cujos conflictos sempre os d'Alemquer, fieis á Infanta, se houveram com valor, e ganharam victorias; durando esta lucta até que por meio de Juizes Apostolicos se concertaram entre si; porém foi tanta a demora da demanda, que corria em justiça, que só depois da morte de D. Affonso II em vinte e cinco de Março de 1223 é que findaram os litigios, e se fizeram as composições e Escripturas já no reinado de D. Sancho II; e uma das clausulas era: = que

Digitized by Google

ella Infanta não alienaria cousa alguma da villa d'Alemquer, excepto um reguengo, e trez azenhas, que havia dado ao Mosteiro de Cellas de Coimbra, ficando toda a mais villa por sua morte á Corôa: depois desta composição passou a Infanta D. Sancha um foral muito honroso aos moradores d'Alemquer.

Pelo fallecimento de D. Sancha tornou a villa d'Alemquer á Corôa, e ficou para sempre no Senhorio das Rainhas Portuguezas, que d'ella faziam muita estimação; e por gostarem de viver na Terra tiveram nella longa assistencia, deixando-lhe muitas provas da sua piedade, principalmente a Rainha D. Brites, mulher D'ElRei D. Affonso III, que fundou a Igreja de S. Francisco, ainda existente, que foi acabada por D. Diniz.

— Teve em fim esta villa voto em Côrtes com assento no banco sexto; e sempre em todos os tempos foi mui considerada, e attendida de nossos Reis.

D. AFFONSO SANCHES.

ROMANCE HISTORICO.

V.

Passa a mão pela fronte duvidosa
D'um sonho do inferno; a arteria pulsa
E nos ouvidos, que lhe zunem, brama-lhe
Uma sombria voz: — Realidade!

Lacerda. D. Sebastião Encoberto.

— Assim, a cavalgada está prostrada; e agora saberá o Alcaide D. Martim Telles o que ganhou com sua impertinente e desesperada defeza do Castello contra Fernão Pires, cabeça do troço de gente da facção do Infante, e que lá deixou a vida e o corpo; e a donsella, Murilho, mostra-se triste no parecer? oh! quanto áquelle joven louco, que quando o chefe da tropa estava por terra, e os seus de fugida se lançou sobre nós é mister tractar de o ligar aos meus soldados, ou pólo em estado de não tolher mais facções de guerra!... e onde jaz elle? acaso o terias mettido na masmorra de D. Christovão? E o homem que assim fallava estendeu a cabeça coberta de uma gorra de veludo com plumas; tinha feições severas, rudes, e repugnantes; sobrancelhas grisalhas e carregadas; olhos traiçoeiros, e uma barba hirsuta lhe cahia sobre o peito; estava envolvido em uma capa de tela rica, bordada a ouro, e o collar de Cavalleiro lhe pendia desleixadamente sobre o peito; estava sentado diante d'uma mêsa de páu escuro massiça, e de primorosos lavores; a arquitectura da salla com suas janellas estreitas e altas, e seus lavores fazia, que a claridade da tarde, que já hia bem adiantada, penetrasse pouco; outro homem o ouvia só.

— Não Senhor, por Santiago! elle foi encerrado na abobada, mas bem distante da masmorra do Conde, quero dizer, do Senhor D. Christovão vosso irmão; é um mancebo féro e estremado, e na peleja se houve como um leão; assim bom será faze-lo dos nossos!... e quanto á donzella, como á troca deste Castello pelo mosteiro onde a levavam não é muito para sentir, breve deixará suas melancolias; mas que quereis vós fazer della? se é licito pergunta-lo?!

— Oh! por certo; ella será nas minhas mãos o meio da entrega do Castello, ou a amizade nada póde no coração dos homens.

— Deus o queira; mas duvido! o Alcaide é rijo em seu dever como o diamante! e se não quereis mais nada vou-me repousar da jornada.

— Podes faze-lo; o escudeiro sahiu; e elle continuou: — Oh! este meio não me enganará! já o poder do amor de pae obrigou um homem a separar-se do mundo, e das grandezas para gemer vinte annos sepultado nas abobadas de uma prizão!... oh! e esse homem era um irmão!... o punhal da morte só o afastou do seu seio a consideração do segredo de seu filho!... oh! eu dera dez annos da minha vida pelo descobrir!... sim se eu o achasse, se soubera onde esse filho se esconde e com elle esses pergaminhos dos titulos da sua grandeza!... então tudo estava acabado!... elles morreriam!!... oh! mas eu seria um Caim, um fratrecida!... vans illusões dos homens!... o acaso o fez meu irmão, e esse acaso lhe deu nome, poder, e grandeza!! em quanto eu tive só por herança a espada de aventureiro!... um instante, uma gota de sangue, um cadaver me darão tudo quanto desejo na terra!! hoje elle *morrerá!*... e depois o tumulo é fiel, e saberá guardar os meus segredos! oh! mas é horrivel! matar um irmão!! o inferno já se abre!... e Deus me fulmina!... ah! ah! Deus, e o inferno são outros fantasmas vãos dos homens! no mundo só ha uma lei: é a da fatalidade; e a minha pede sangue, e uma vida!... e depois? sou *grande*, *nobre*, e *poderoso!* Mas vamos vêr o mancebo, será um novo instrumento! e talvez!... quem sabe? — E elle chamou Murilho, que tomando uma alampada o precedeu atravez dos corredores e escadarias, que hiam rematar em uma casa de abobada escura e humida: o escudeiro correu os ferrolhos de uma porta, e o Cavalleiro entrou: — um mancebo estava

Digitized by Google

lançado sobre um catre; ao clarão da luz ergueu-se, e parou no meio da prizão lugubre: — era Henriques. O velho recuou; mas depois olhando-o com attenção perguntou-lhe o nome.

— E que te importa?

— Insolente! disse o Cavalleiro; ouve-me, e responde sincero ao que te vou dizer! e se chegou para junto delle. — Agora! bradou Murilho cerrando a porta; um punhal luzio na mão do Mancebo, que se lançou sobre o velho, tirou-lhe uma adaga, que trazia, e o deitou por terra.

— Deixemo-lo aqui, disse Murilho, e vamos libertar o Conde; — e voltando-se ao velho: — Nobre Conde de Vilhena a fatalidade, dizieis, julgando-vos só, pedia sangue! pois bem elle correrá; mas ai de ti, que será o teu! e fechou a porta deixando preso o malvado.

Elles andaram ainda um pouco pela abobeda; Murilho abriu outra porta, e um velho respeitavel sahiu coberto de andrajos: — era o Conde de Vilhena.

— Nobre Conde, disse Murilho inclinando-se, soou hoje a hora da vossa liberdade; foi mister o poder da ambição e da esperança para arrancar o milhafre da sua preza! e o sobresalto dos remorsos para sosterem durante vinte annos o punhal do assassino!... Elle ousou roubar uma virgem nobre, e algemar este mancebo, e este arrojo terminou os seus crimes! Aquelle que elle julgava sem armas tinha um punhal, e foi elle que ficou encerrado: a maior parte dos homens d'armas deste Castello são leaes, e sabem os seus crimes; breve mandareis como Senhor; assim vamos, e viva o Conde de Vilhena!

Murilho eu te agradeço, disse o Conde, vamos!

Na mesma sala onde ha pouco estivera o malvado Cavalleiro de Vilhena, se achava o Conde seu irmão; um vestido decente o cobria; a sua fronte estava cheia de rugas; a sua magreza era espantosa, e uma pallidez de morte o fazia similhante a um cadaver. — Junto delle se achavam Henriques e a bella Maria. — Só a presença do Conde bastára para fazer cahir por terra o poder de seu irmão, a quem os seus satellites abandonaram na desventura como sempre acontece.

— Sim, dizia D. Christovão, durante vinte annos os soffrimentos se accumularam sobre a minha cabeça; o odio d'um irmão me perseguia desde a infancia, porque a sorte me fizera o primogenito! — depois da morte de nosso pae a sua raiva brilhou clara, e eu vi o horisonte da minha vida carregar-se de tempestades! — eu amava uma donzella linda como os anjos, e um filho veio encher-me de prazer; oh! mas a mãe morreu dando-o á luz!... desde então afastei-me do mundo, e quiz só dar-me ao amor paternal; mas as guerras civis, e os partidos haviam tornado forte meu irmão, e eu sabia que elle queria destruir em meu filho o obstaculo, que lhe vedava o poder! assim entreguei o menino a Murilho, para o levar para fóra de Castella, e elle assim o fez!... algum tempo depois meu irmão me surpreendeu de noite, e me sepultou nos carceres do Castello de Vilhena, onde elle ficou; só Murilho o sabia, e fingindo-se todo seu, illudiu a sua desconfiança.

— Oh! vós soffrestes muito alli, solitario e abandonado, não é assim? disse Maria.

— Alli, vi a morte caminhar vagarosa, mas segura; e filtrar-se gota a gota das abobadas que me fechavam a vida, e o mundo! a esperança fugiu então; a minha fronte se enrugou com a dór, o coração se tornou frio, e a existencia só era um tormento mais! oh! era mancebo quando alli entrei, e a desesperação me tornou um cadaver antes d'um anno! Então eu déra tudo, nome, honras, poder, e a propria vida por vêr meu filho, e depositar em seus labios um beijo de pae, unico legado de um infeliz!.... as trevas me cercavam, e a luz baça do tumulo só aclarava a minha agonia! o frio me gelava, e o fogo, que é de todos, me foi negado! a febre da desesperação me seccava os labios, e uma sede infernal me devorava, a agua me faltou; tive fome e elle riu!.... oh! no delirio da dôr amaldiçoei a natureza!.... e agora eu trocaria a luz do dia pela escuridão do tumulo, o repouso da vida pelos horrores passados; eu dormiria sobre a terra, vestiria os andrajos da mendicidade! oh! soffreria tudo só por vêr meu filho! oh! um momento, só um instante, e depois venha a morte!.... O velho chorou: e Henriques cahiu em uma profunda meditação.

— E a quem entregou Murilho o menino? disse Maria, que nome tinha elle?

— Murilho me disse, que o levára á cella d'um monge virtuoso, em Portugal, e alli o deixara com uma carta minha; quando a ambição arrastou meu irmão a este Reino, e o temor de se descobrir o seu crime o obrigou a trazer-me comsigo, o meu coração se alegrou!.... mas era impossivel vê-lo!... o nome do Religioso era? ah! o soffrimento me tirou até a memoria!... ah! sim; era Fr. Estevão, e o menino devia chamar-se Henriques, como eu dizia na carta...

— Meu pae!... oh! vós sois meu pae! disse Henriques cahindo a seus pés, oh! eu vos encontrei! vedes vós, eu tambem soffri, e agora a vossa vista me faz ditoso!!... um annel devia ser o signal de reconhecimento

Digitized by Google

do filho, e do pae!... é este, e vós deveis ter a outra parte! dizei, não é assim?...

— E' elle! meu filho!... disse o velho abraçando-o, e cubrindo-lhe o rosto de beijos, em quanto as suas lagrimas se misturavam com as do mancebo; e com a sua vista enfraquecida lhe seguia as linhas do semblante, oh! é elle! estas são as feições de sua mãe... Meu Deus eu vos agradeço!! Henriques agora quero viver! oh! sim para te amar!! muito hei soffrido oh! mas tudo esqueço! agora!... sabes tu? hoje acabou o nome de Henriques! agora chamaste D. Gutterres de Vilhena, Conde Vilhena!... e tu tambem soffreste e choraste!! oh! meu bem amado o prazer mata como a dôr!... ah! eu morro!! Gutterres, eu t'abençô-o, e... O velho desmaiou vencido pelas suas emoções.

— Meu pae! oh! mas elle respira! está salvo! dizia Henriques esfregando-lhe as fontes, em quanto o velho pouco a pouco tornava em si, e alliviava a sua paixão chorando nos braços de seu filho. — N'este tempo a porta se abriu, e Murilho appareceu:

— Senhor Conde, disse elle, vosso irmão foi solto por um dos seus, que o havia seguido á abobada, e nella se escondêra; e está á frente dos seus! poucos dos Castelhanos resistem, e só a vossa presença poderá salvar a vida, e a liberdade de todos nós.

— Meu irmão livre! oh! então eu te sigo; não vês tu que achei meu filho?... oh! agora o pae vai pelejar pela vida do filho, e o seu braço terá a força de o salvar!... ai delle! eu não queria o seu sangue!... mas agora... em que ou a sua cabeça, ou a de meu filho hão de cahir!... então morra elle!... vamos!

— Vamos! bradou Henriques, e agora minha boa adaga em ti repousam a vida de meu pae, o meu nome, e o meu amor! assim ou a victoria!... ou a morte dos bravos!... Maria adeus! e elle sahiu.

— Deus o proteja!... e tenha piedade de mim! exclamou a donzella desmaiando.

(Concluir-se-ha).

Podem-se classificar os ambiciosos em trez secções: uns só pensam em elevar-se, especie commum e despresivel; outros, com as mesmas vistas, fazem entrar, em seus meios, a elevação da patria, ambição mais nobre, mais apurada, e talvez mais violenta; outros, finalmente, na immensidade de seus projectos abraçam a felicidade, e gloria de todos os homens; é a ambição de filosofo, que quer esclarecer o espirito ou corrigir os costumes. Por consequencia a ambição póde ser considerada, ora como um vicio, ora como uma virtude.

A modestia de muitos homens póde ser considerada como o charlatanismo do talento.

¿ Quereis saber o que póde o sentimento da gloria? — Tirae-o da terra, e vereis, que tudo muda; o olhar do homem já não anima o homem; o passado nada é; o presente limita-se; o futuro desapparece; e o instante, que passou, pareceu eternamente, sem ser d'utilidade alguma para o instante, que deve seguir.

(Mr. Thomas.)

Ha mulheres em quem a arte supéra a natureza, e que se podem chamar = bellas mentiras.

O mundo é uma servidão eterna, onde ninguem vive para si, e onde para viver feliz, é preciso poder beijar os ferros, e amar a escravidão. O mundo é uma revolução diaria de accontecimentos, e que despertam successivamente no coração dos seus partidistas, paixões violentas e tristes, odios crueis perplexidades odiosas, amargurados receios, ciumes devoradores, e acabrunhadores pezares. O mundo é uma terra de maldição, onde os mesmos prazeres trazem comsigo espinhos e amarguras. O mundo finalmente paixão tão suave, torna todos os homens desgraçados.

(Massillon.)

Que importantissimo thesouro é a memoria! Dá existencia aos seculos, que já não existem; dá novo corpo aos objectos que hão desapparecido, reanima seus fantasmas, faz passar pela imaginação as côres e a vida do objecto, e revela finalmente, ao presente os destinos do passado. — Desappareça o Universo, e fique o homem só n'um espaço deserto; pela força d'esta maravilhosa faculdade poderá tirar o Universo da noite dos tempos, e do abysmo do nada.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

COSMORAMA LITTERARIO

Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica.

N.º 33) Publica-se todos os Sabbados. (Agosto 15, 1840.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CRUZADAS.

I.

No seculo das Cruzadas, dois principios egualmente anarquicos e subversivos dominavam a Europa: de um lado o systema feudal cubria com seus ramos carregados de façções sanguinosas, e de tyrannia, a terra do Occidente tão bella e rica de memorias; e a excessiva importancia temporal e espiritual dos Bispos, Abbades, e das Ordens religiosas, que uniam os Senhorios feudaes á jurisdição da Igreja tão timída e despotica nestes seculos ignorantes e supersticiosos, acabava de rematar este quadro lugubre da edade media: — de outro lado o abuso, e usurpações de authoridades, que os Successores de S. Pedro faziam do seu caracter espiritual, para augmentarem o dominio temporal do pontificado, tiravam todos os dias consideração e força real ao poder monarchico, e erguiam dois gigantes collossaes — a Nobreza, e o Clero, que disputavam entre si o poder dos estados exgotados: — O Povo, que depois das Cruzadas começou de ser olhado como alguma cousa no governo dos reinos, era então uma sombra ligeira e fraca, que se esvaecia ante os opressores armados; mas o seu dia chegou tambem, e foi terrivel! — Assim de uma parte os orgulhosos Senhores e Barões, cujos feudos dependiam da Corôa, sacudiam o freio da Vassallagem, que deviam a seu Senhor Soberano, e se faziam independentes: de outra, os Senhores Eclesiasticos servindo-se dos seus poderes contra producentes queriam governar os Reis, humilhar os nobres seculares, e angmentarem as riquezas do clero, defendendo como sagrado o seu poder temporal, e prohibindo a cobrança de tributos nestes feudos que não eram da Igreja, como elles queriam confundir; e em fim os Papas fulminavam anathemas contra os Reis, Bispos, e Nobres, segundo convinha ás suas vistas politicas, e ao objecto unico, e sempre frustrado dos chefes da Igreja Latina: — o dominio absoluto!

Á maneira, que os abusos cresciam a superstição ia tambem em augmento; e uma perigrinação á terra onde se havia representado a tragedia sublime e sagrada da redempção, era uma penitencia que lavava os mais negros crimes. — A Palestina depois de uma longa serie de vicissitudes, politicas e guerreiras, havia cahido debaixo do poder do Califa Omar um dos primeiros Successores de Mahomet, que uniu ás suas outras conquistas os Logares Santos, como terra de veneração para os sectarios do Alcorão; e ahi deu provas da sua munificencia, e zelo pela Lei do Profeta. — Quando depois os Turcos Seljoucidas se elevaram sobre as ruinas do antigo imperio dos Califas, a Palestina foi tambem conquistada no anno 1055 pelos vencedores; e as perigrinações, que os Arabes permittiam aos homens do Occidente, e aos Gregos, tornaram-se perigosas, e mesmo foram ensanguentadas pelos Turcos mais ferozes: — e este foi o motivo primeiro das Cruzadas.

O Papa Urbano II. recebeu tambem nesse tempo uma mensagem do Imperador de Constantinopla Aleixo Comneno pedindo-lhe soccorro contra estes Turcos, que tendo despojado o Imperio de suas provincias da Asia Menor, ameaçavam já orgulhosos a Cidade de Constantinopla; e foi mister a urgencia do perigo, para obrigar os Gregos ensoberbecidos pelo nome fantastico de *Romanos* a implorarem a ajuda dos Barbaros do Occidente, ou dos Latinos como elles diziam. — Urbano, de ha muito desejava armar o guerreiro Occidente, contra o Oriente ja mui temeroso; e o zelo fanatico de um homem, veio apressar a lucta gigantesca, que se preparava. — Pedro o Hermita foi esse homem. — « dotado de uma eloquencia

Digitized by Google

singela, mas vehemente, porque era inspirada pela sua convicção; enthusiasta; animada pelo zelo supersticioso da epoca, arrebatou os animos, e conseguiu communicar o seu pensamento, e o seu desejo aos homens que o ouviam; e o Oriente tremeu, quando viu avançar ferrenho e irado o Occidente tão guerreiro, a depor na balança da sorte o seu sangue e a sua vida, e a cubrir a Palestina de seus cadaveres antes de a vencer; — as pregações do Hermita, os discursos, as indulgencias, e remissões dadas pelo Papa aos, que partissem para os Logares Santos, e sobre tudo o espirito guerreiro, e supersticioso do Seculo fizeram decidir a primeira Crusada, a quem só o Ceu concedeu victorias, e a gloria da Conquista; e preparáram as outras expedições malfadadas, que levaram á Palestina tantos infelizes, para acharem o seu tumulo nas areas do deserto!

Sendo nosso intento, mostrar neste artigo as consequencias politicas e philosophicas das Crozadas, deixaremos de parte a historia destas guerras por ventura bem extensa, e entraremos no objecto especial, que nos propozemos.

Os Barões deixavam satisfeitos os seus Senhorios para hirem buscar novos dominios, e plantarem na Palestina o systema feudal com seus vicios, e seus rasgos d'heroismo cavalheiresco; e para, entregando-se á guerra sua paixão ordinaria e dominante, alcançarem a remissão geral de seus crimes e attentados. — Os Soberanos viam na sua partida o enfraquecimento, mesmo em parte a *alienação* do poder dos Vassallos, e esperavam que por este motivo a authoridade real mais desafrontada, renasceria poderosa das suas ruinas, para sanar as chagas profundas e os abuzos, que os erros e excessos do feudalismo haviam causado aos seus reinos: e assim se preparavam, para lutar mais vantajosamente com os Senhores e Clero feudal, e conte-los em seus limites. — O Papa e seus Sucessores, esperavam aproveitar-se da conquista do Oriente, para derribarem o Scisma da Igreja Grega, e estenderem a sua supremacia espiritual no Occidente e Oriente; e estribavam na fraqueza em que estas emigrações deixavam os reinos, novos meios de grandeza; offerecendo-lhe ao mesmo tempo a partida de muitos Bispos poderosos, a occasião de chamarem a si grande parte das atribuições do poder episcopal das Dioceses, pertendendo fazer os julgamentos por legados seus, para assim abraçarem o todo do poder religioso, e angmentarem a sua influencia sobre os povos.

Porem estes desejos foram frustrados, já pela ambição propria dos Crusados, já pelos máus resultados, que tiveram as expedições que se seguiram á primeira cruzada: o valor arrojado, e a vantagem das armas deram a victoria no principio aos Francos, mas quando as dissenções dos Infieis, que o perigo unia acabaram, e quando elles oppozeram aos collossos de ferro do Occidente, seus cavallos e armaduras ligeiras, seu numero, sua destreza; quando em fim o clima começou a enfraquecer os Crusados, que facções e guerras feudaes desuniam nestas terras inimigas; então os revezes se succederam e remataram na tomada da Palestina pelo celebre Saladino. Dos conquistos, só ficaram por então bem poucas em mãos de Christãos; em quanto as Ordens do Templo, e dos Hospitaleiros disputavam ainda alguns restos no Oriente, formando entretanto no Occidente o poderio collossal da sua grandeza.

II.

Com a partida dos Barões ficou a authoridade real, como dissemos, mais forte e desafrontada; muitos delles, tendo consumido em guerras; e em vicios os seus cabedaes, se viram obrigados, para poderem apparecer com o esplendor que o seu orgulho desejava a venderem as suas terras, e os seus direitos feudaes aos Soberanos; e a concederem as Cidades, que sua auzencia deixava sem soccorro, o direito de defensão, ou para melhor dizer a liberdade; e alcançando assim thesouros partiram satisfeitos para deixarem na Syria o seu sangue, a sua vida, e o seu ouro: — e este foi o começo das municipalidades, erguido sobre o velho e cadaco edificio do feudalismo.

Quando voltaram da Palestina, alguns delles, acháram as suas terras arruinadas, as Cidades constituidas em municipios com seus magistrados electivos, e os Cidadãos a quem o amor da sua liberdade excitava, armados, e dispostos a defende-la á custa do seu sangue, e da sua vida. — Este era o primeiro esforço do povo escravisado, e foi já temido e respeitado: outras Cidades aproveitando a fraqueza, e mesquinhez de recursos dos Senhores, lhes compraram o direito de defensão, ou de municipalidade; algumas houveram em fim, que mais fortes, lhes recusáram obedecer, e fecharam as suas portas. — O feudalismo tremeu, e não era sem razão; uma grande lucta se preparava, e esta aparecia não era ainda senão o presagio d'uma reacção mais terrivel e aparatosa!

Muitos destes Senhores, mais fracos, e sordidos, quiseram arrogar de novo a si os direitos que haviam cedido para lhe serem comprados; então a desconfiança fez com

Digitized by Google

que as municipalidades buscassem o apoio e garantia d'um Protector poderoso, e este foi o Rei; — assim estas dissenções abriam caminho ao poder exclusivo da Corôa sobre os Vassallos e as Cidades; e a authoridade real se tornava insensivelmente o centro, da força, e protecção de todos os subditos.

De seu lado os Reis protegendo as municipalidades, ganhavam dois grandes esteios para o dominio Monarquico: — Soldados resolutos nos Cidadãos destes municipios, sempre dispostos a fazer guerra aos Senhores; — e cabedaes resultantes dos tributos, que ellas pagavam pela protecção, para poderem assoldadar tropas, e assim fazer temer e respeitar a sua authoridade pelo direito do mais forte, unico em tempos de ignorancia: ajudados desta força forão reparando a admministração da justiça, e preparando pouco a pouco o outro ponto d'excesso governativo, isto é o despotismo.

Das Crusadas nasceu tambem o tracto commercial, regulado por alguns principios mercantis, e o gosto de viajar se introduzio; os Venesianos, e depois os Genoveses faziam o trafico, quasi exclusivamente, aproveitando-se da ignorancia, e desleixo do resto da Europa, para exportarem para todo o mundo os seus generos, adquirindo riquezas immensas, que juntas á sua altivez e ambição, e ao dominio absoluto dos mares, que estas republicas orgulhosas queriam tomar forão causa da sua inteira ruina.

Quanto ás artes e sciencias, que muitos dizem teram começado a despontar de novo durante as Cruzadas do Oriente, e ás quaes attribuem o renascimento das letras; entendemos nós, e não sem alguma razão, que esta Aurora da Sciencia foi devida, — aos Gregos, onde ainda existiam, e se cultivavam as letras antigas, posto que em grande parte adulteradas; — aos Arabes, que trouxeram á Europa o amor e cultura das artes e letras aperfeiçoadas e protegidas pelos antigos Califas Abassides, successores dos Califas Ommiades; e foi do imperio Grego, e mesmo empregando os conhecimentos dos Judeus, que elles tiravam os principios de Medicina, Physica, Astronomia, Mathematica, e Philosophia, que cultivaram, e transmittiram á Europa: — finalmente foi depois da tomada de Constantinopla por Mahomet II., que os Medices chamando á Italia os Sabios e Artistas, que fugiam da crueldade dos Turcos, inimigos das sciencias, fizeram renascer mais puros e perfeitos os principios das letras e artes, e prepararam a litteratura do Seculo 18.° com seus erros e primores, e a do Seculo 19.° com suas formas mais attractivas, senão tão profunda e collossal.

Portanto foi ás Cruzadas, que se deves o primeiro golpe no systema feudal, e a formação das municipalidades; d'ahi resultou a centralisação dos poderes, a authoridade, e a força dos Reis superior á dos Vassallos, a moderação e reforma dos Ecclesiasticos, que se seguiram. A agricultura, e o commercio fizeram jorrar novas fontes de prosperidade e riqueza commum; e em fim fizeram ellas despontar ao horisonte dos Seculos, essa lucta sublime entre o povo, e os Grandes, lucta prolongada e tensivel, que terminou com o baquear estrondoso das velhas instituições, e que trouxe após de longas tempestades, o Sol puro e brilhante da liberdade, que reduzio a cinzas o dominio e a consideração dos barões, e só estremou dentre as nações: — O Genio, e a Virtude!

RUBENS E TORQUATO TASSO.

(Continuado de paginas 145.)

II.

Depois de tão estranho acontecimento, apenas Torquato Tasso tinha sahido do leito, em que jazia, quando poude allivar com seus queixumes o desespero que o opprimia: no meio de suas dores não deixava de invocar o nome de sua amante, e continuamente perguntava por elle. Onde está ella, dizia elle, já não existe, não é assim? oh! dizei-mo por piedade, ou então deixai-me tambem morrer. Oh! como poderei eu viver sem ella, morreu, ah! sim, comprehendo agora, que a Virgem desceu do Ceu para me consolar. Morreu! Morreu! Meu Deus deixae-me morrer juntamente com Leonor. Leonor! delicias de minha alma, já se consumiram os dias de minha felicidade, os dias em que gozava da expressão serena de teus olhos, do sorriso de teus labios, e do teu amor, já estão passados, e já não voltam; e agora depois de tantos soffrimentos, só me posso juntar comtigo além dos limites do sepulchro. Quem sabe! Talvez o mesmo Deus se tenha conspirado contra mim; porém eu agora só tenho inveja do tumulo, que encerra teus angelicos despojos. Nunca se viu egual desesperação, nunca um sentimento penetrou tão forte e violento o coração de algum ente na terra.

A vista d'esta paixão impetuosa de Tasso, á vista deste vaguear apaixonado de sua alma, dir-se-hia que isto era uma alienação de espirito; mas não, era uma paixão frenetica, era um enthusiasmo de amor, sim aquelle ama-

Digitized by Google

sensivel e poetica, que predominava tão forte em suas desesperadas faculdades.

Entretanto, depois d'esta inesperada catastrofe, era mister partir, era precizo conduzir o fugitivo para fóra de Ferrara, ou entrega-lo a seus perseguidores. Montaigne percebendo, que a consolação não podia extinguir uma tão violenta paixão, preparou uma bebida soporifera, e conseguiu deste modo fazer cahir Torquato Tasso em um somno lethargico. Conduziram-no a Mantua; porém infelizmente o desgraçado tinha ficado mergulhado em um torpor estupido sem proferir uma só palavra, sem abrir os olhos, sem curar até dos que o cercavam, nem mesmo do logar onde estava. Rubens procurava anima-lo, mostrando-lhe a imagem, e repetindo-lhe o nome de Leonor; baldados exforços, o poeta parecia ter caminhado para melhor vida.

Apenas o Principe de Mantua soube da chegada de Torquato e do seu comportamento, para logo o fez chamar, e perante a sua Côrte, lhe tributou grandes elogios, approvando altamente a magnanimidade do seu enviado e mostrando-lhe quanto estava penhorado do seu procedimento. Depois foi elle mesmo ter com Tasso, para lhe assegurar a sua protecção e fazer-lhe os mais brilhantes offerecimentos, a fim de conseguir que elle ficasse em Mantua.

A vista do maior genio d'Italia n'um tão deploravel estado de espirito e de corpo, não poude conter as lagrimas; porém nem a sua voz, nem as palavras d'affeição e amizade que dirigiu ao infeliz poderam excitar o tresloucado genio. Os mesmos Medicos já tinham declado, que se o estado de doença de Tasso se prolongasse, tudo havia a temer da razão, e até mesmo da vida do poeta.

Rubens depois de ter reflectido alguns instantes, declarou ter achado o meio de produzir uma viva commoção no espirito de Tasso, e retirou-se com Montaigne para os preparativos do projecto. No dia seguinte ao alvorecer do dia, o Duque de Mantua e os principaes senhores de sua Côrte, ávidos de conhecer os projectos de Rubens, foram procura-lo. Quando estavam juntos em uma sala, que precedia a camara de Torquato Tasso ouviram uma suave e melancolica musica, sem duvida para excitar o doente; pouco depois um grito penetrante se percutiu no fundo de todos os corações. Leonor, dizia Tasso, tu me chamas, tu me estás mostrando os Ceus em que me esperas. Muito te agradeço. Oh! vem quebrar os laços que me unem a esta terra de dores: leva-me comtigo para o Ceu. Apesar de estares já morta, ainda te amo tanto... Sim, amo-te tanto, que quando pronuncio o teu nome não posso conter minhas lagrimas, e choro porque esta vida é civada de males bem cruentos.

Está salvo, disse um dos Medicos em vós baixa, e é a Rubens e não á nossa sciencia que se deve a salvação de Torquato.

O Duque de Mantua tinha sido testimunha da surpreza exaltada de Tasso, á vista do grande quadro que Rubens tinha esboçado na vespera, e que tinha collocado debaixo da influencia dos raios do sol diante de Torquato Tasso. Assim esclarecido de um modo que parecia prodigio, este quadro offerecia alguma cousa de celeste, e representava Leonor cercada do explendor dos bem aventurados, e levada pelos anjos ao Ceu, que ella mostrava com o dedo ao seu amante. Foi deste esboço, que Rubens tirou depois uma das suas primeiras e a mais sublime de suas composições, a *Assumpção da Virgem*.

A Polvora. (1)

II.

A Polvora é uma mistura de Azotáto de Potassa (Nitro), Enxofre, e Carvão.

Exprimiam, os antigos, as dózes dos ingredientes por meio da seguinte formula = sex, unus, et unus. =

As dózes empregadas actualmente, na preparação da Polvora de guerra são as seguintes = 75 de Carvão, 12,5 de Enxofre, e 12,5 de Nitro. — Estes os corpos, e estas as dózes, de cuja alteração jamais se ha tirado vantagem. Houve quem quizesse substituir o Chlorato de Potassa ao Nitro; porém a Polvora resultante, sendo de grande força, era, com tudo, detonante ao menor choque, e por isso de perigosa arrecadação, e difficil transporte. Tem-se tambem ensaiado a preparação da Polvora com o Nitro e o Enxofre, com o Nitro e o Carvão; porém tem-se reconhecido que o Carvão, e o Enxofre são indispensaveis: o primeiro, para produzir muitos gazes: o segundo, para tornar a combustão rapida, condições necessarias no uso da Polvora.

(1) Ainda que as idéas emittidas na primeira parte d'este artigo, impressa no numero anterior, não coincidam perfeitamente com aquellas que professamos, sobre o objecto em questão; todavia, não hesitámos em dar-lhes cabimento nas columnas do Jornal, por isso que o joven author do artigo, nada mais fez do que expor a sua opinião, não insistindo em que ella seja a melhor, nem querendo embrenhar-se nos difficeis e escabrosos rodeios da controversia; mas deixando a genios mais transcendentes, o cuidado de decidirem a questão.

Os R. R.

Digitized by Google

Qualidades dos ingredientes, para preparação da boa Polvora.

Enxofre. — Deve ser claro, nem duro, nem compacto, poróso e friavel; (2) leve, e ardendo com facilidade, deixando mui pouco residuo. — Para que tenha estas qualidades deve ser obtido pela destilação &c.

Carvão. — Deve ser ligeiro, sem ser molle; sonóro, homogeneo, de fractura lusidia, negro, liso, sujando muito, ardendo com facilidade, e deixando pouco residuo; preparado de fresco &c. Para ter estas qualidades póde ser carbonisado em cóvas, em fornos, ou por destillação. Deve ser extrahido das madeiras leves, de choupo, bordo, ou melhor de canhamo, vides, pinheiro, ou zaragato.

Nitro. — O Nitro proprio para esta operação, ou seja natural ou artificial, deve ser sobre tudo isento de saes deliquescentes. Regras ha mui difficeis para o obter artificialmente; e a sua extracção do natural envolve tambem grandes trabalhos. No entanto, como quer que seja obtido, deve sempre soffrer a refinação, lavagens, e mais operações indispensaveis para obter no maior grau de pureza.

Se em outro logar escrevessemos *(como haviamos tencionado)*, mais algum desenvolvimento dariamos á maneira de obter estes ingredientes, e dariamos exacta idéa da preparação da Polvora, e das suas arrecadações; mas os estreitos limites, de um Jornal, não nos permittem levarmos a effeito essa empreza, e por isso apenas daremos ligeiros esclarecimentos sobre objecto de tão alta monta.

Não attendendo ás circumstancias mais particulares, a fabricação da Polvora reduz-se a alguns processos mui simples. A primeira operação que ha a fazer, consiste em pulverisar bem os tres ingredientes, no maior estado de pureza possivel: segue-se depois, mistura-los, formar com agua uma massa consistente, reduzir esta a grãos de egual grossura, secca-los, e alisa-los. Varios processos ha para a producção da boa Polvora; e os que mais brilham entre elles são os de M. M. Berne, e Champy, o antigo processo dos pisões, e das mós, o methodo revolucionario &c.

Depois de obtida, deve ser secca pelo processo de Mr. Champy, filho, que parece ser o preferivel, para a Polvora não soffrer avaria.

As arrecadações da Polvora exigem as maiores cautelas, e parece que os payoes subterraneos são preferiveis, em parte, aos outros. Sua construcção deve ser tal, que a humidade alli não possa penetrar. O deposito da Polvora deve ser feito em barriz forrados interiormente de panos, ou papeis. Os armazens d'arrecadação devem estar distantes dos sitios em que o fogo n'elles podesse penetrar, e acautelados com taes precauções, que não possam os descuidos dar logar a damnos. A electricidade, esse agente tão temivel por seus effeitos, exerce a mais perigosa influencia sobre a Polvora, e é por isso, que todas as arrecadações devem ser munidas de pára-raios. É forçoso nas conducções da Polvora, de um para outro sitio, evitar o choque continuo, ou a quéda de corpos duros sobre a Polvora, porque aliàs, sua inflamação seria instantanea.

Este composto importante exige as maiores cautelas da parte dos governos, para evitar funestos resultados; muito satisfeitos estamos de ver que o nosso deu as mais positivas ordens contra certos abusos que, quiçá, trariam a perdição d'alguma das terras de Portugal. (3) Oxalá que tão philantropicas medidas continuem a ser empregadas, em favor da humanidade!

Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.

(2) Referimo-nos á Portaria do Governo, de 7 de Julho de 1840.

(3) Que se quebra com facilidade.

LUIZ 14 E UM HABITANTE D'OUILLE.

Passava um dia Luiz 14 revista ás Guardas Francezas e Suissas na planice d'Ouille; um habitante d'esta aldéa, havia semeado ervilhas em um bocado de terreno que lhe pertencia, e movido pela curiosidade de ver o seu Monarcha dirigiu-se ao logar onde devia ter logar a parada. Grande foi porem a sua admiração, quando viu um batalhão de Suissos, formado sobre o terreno, que á custa de fadigas tinha cultivado; mas sem desanimar, occorreu-lhe immediatamente á edéa uma velhacaria, para se ressarcir da perda que experimentava, e começou a gritar, milagre!.... milagre!

Todos lhe perguntavam o que era; porem elle nada respondia; até que chegando este caso ao conhecimento do Rei, mandou chamar o paisano á sua presença, e lhe perguntou a causa de taes gritos. — Senhor, lhe respondeu elle, aquelle pedaço de terreno que alli vedes é meu; ora, como eu lhe semeasse ervilhas, e me nasceram Suissos, eis o motivo porque julgo, que tudo isto é milagre. — O Rei gostou tanto da lembrança, que o indemnisou do que havia perdido, e lhe deu ainda alguma cousa mais.

Digitized by Google

Pensamentos de D. João de Castro,

Extrahidos das suas cartas ao Senhor Rei D. João 3.º, e ao Senhor Infante D. Luiz.

> .....; Castro, o forte,
> O honrado, o vencedor, o triumphante,
> ..... Maior nome em gloria
> Em virtude, intereza e amor de patria
> Jamais pronunciarão homens na terra.
>
> *Garrett. Camões.*

1.º

O desconcerto dos Portuguezes, e o pouco que cuidam do futuro, estorvam o bem da sua patria.

2.º

Em espaço de 40 annos pode a espantosa desprevidencia dos Portuguezes esgotar as riquezas innumeraveis da India, as quaes pareciam sobrepujar as forças dos humanos em muitos mundos.

3.º

Quanta fazenda vem de Portugal se consome nas fortalezas, e Castellos da India; mas d'esta não se tiram outros fructos, senão oppressões e trabalhos.

4.º

É tal o somno e relaxamento do serviço Real, que ha muitos annos que paga ElRei 17 mil homens, não tendo em serviço dois mil.

5.º

Não sei quem se atrevera a arrancar as profundas raizes dos abusos, e a soffrer martirio — e mais em terra, onde o credito, e valor se ganham com deslealdades, e maus serviços.

6.º

Servir o seu Rei com amor, trabalhar por lhe aproveitar a Fazenda, e fazer justiça imparcial; são trez cousas bastantissimas para ser malquisto e capitulado.

7.º

Ser justiçoso e amado do povo; são duas qualidades, que raras vezes vemos juntas.

8.º

Parece que a verdadeira justiça fugiu da terra para o Ceu; e creio que para mais longe, e afastado d'ella.

9.º

Os litteratos que vem á India por Dezembargadores, entram mortos de fome, e vivos na cobiça de enriquecer, que nenhuma outra tenção, nem a outro fim atiram.

10.º

Para segurança d'esta terra, dizem cá na India, que cumpre mandar ElRei muita gente, e dinheiro; mas a mim parece-me, que com um só homem arremediaria, o qual fizesse justiça, e castigasse sem nenhum respeito os fidalgos; assim como fazia D. Henrique, grande e singular varão, o maior dos nossos tempos. (*)

11.º

Não achei em toda a India, Fidalgo, que quizesse aceitar o commando da Praça de Dio, por estar de guerra.

12.º

A virtude quer-se muitas vezes buscada, e ajudada para que não enfraqueça, e cance.

13.º

Em uma das suas cartas, disse D. João de Castro a ElRei. — Eu, Senhor, vim rico, e estou pobre, — de 18 annos tomei as armas em seu serviço, — seis vezes passei em Africa, e lá me nasceram as barbas. Nunca a honra e opinião dos Portuguezes foi por mim diminuida, nem maculada.

Vinte annos tenho gastado em seu serviço, os melhores, e mais estimados da vida. Por amor de Deus, e em paga d'estes trabalhos, peço a V. A. que me dê licença para me hir caminho de Portugal a fazer vida com minha mulher e filhos, e acabar estes breves, e perturbados dias, que me fiquem por passar, na Serra de Cintra.

D. AFFONSO SANCHES.

ROMANCE HISTORICO.

VI.

> Oh! grão fidelidade Portugueza.
> Do vassallo que tanto se obrigava!
> .....
> Mas o Rei vendo a estranha lealdade
> Mais póde em fim que a ira a piedade.
>
> *Camões. Luziadas.*

Quando já as imprecações, e os brados de guerra venciam as tentativas de paz; quando as adagas sedentas de sangue, brilhavam já sinistras em mãos de malvados; quando finalmente o sangue d'um irmão, hia correr ás mãos d'outro irmão, o trote de cavallos soou, e as fileiras brilhantes d'uma luzida cavalgada se avistaram ao longe reluzentes: — uma nuvem de pó as cubria; mas atravez della Hen-

(*) Henrique de Menezes, o — Roxo — que no anno de 1523 succedeu á Vasco da Gama, governou até fim de Fevereiro de 1526, que falleceu em Cananor.

Digitized by Google

riques viu tremular o pendão de D. Affonso Sanches, Conde d'Albuquerque: — a alegria appareceu no seu rosto, o terror anauviou o do feroz Pedro de Vilhena.

— Amigos! disse o Mancebo, o Ceu veio com este auxilio inesperado pôr termo a uma luta horrivel e sanguenta, e salvar das garras do crime a virtude, e a innocencia!! O Conde de Vilhena podia agora castigar a vossa traição; mas em logar de castigo, dá-vos o perdão: assim, acabe-se a guerra, e deponde as armas. — Vassallos, é vosso Senhor quem o ordena! E fallando assim elle avançava para o lado onde se haviam postado os vassallos rebeldes com o seu proverso cabeça.

— Não! bradou D. Pedro de Vilhena; a minha adaga não entrará na bainha, nem á tua voz, nem á de homem algum: valerosos amigos, um falso embusteiro ousou chamar-se Conde de Vilhena, para me disputar os titulos, e o poder!... e este Mancebo é um misero vassallo aventureiro; que cahirá debaixo do imperio da verdade!... e voltando-se a Henriques disse: — Vassallo! tirá do elmo essa coróa de Conde, que usurpas, arranca do peito esse collar de Cavalleiro, que infames, e lança a meus pés essa adaga, que desdouras; ou á fé de Cavalleiro morerás morte de infame!! obedece!

— Homem de sangue, disse Henriques, debalde intentas suster o véu de teus crimes, que patentes estão elles; — amigos! eu não quero sangue, mas ai d'aquelle que ousar erguer o braço armado contra o seu Senhor, porque então a sua cabeça cahirá, e com sua morte de traidor servirá d'exemplo aos vassallos rebeldes! e tu D. Pedro de Vilhena, ousas tratar de embusteiro o homem, de cuja herança te has apossado, e sobre cuja cabeça fizeste accumular durante vinte annos todos os soffrimentos e agonias da desesperação!! oh! se te não correra nas veias o sangue dos Vilhenas, entre as tuas palavras traiçoeiras, e a morte só mediára um momento!... mas foge desta terra, que envenenas com teus crimes, e vae occultar em outras regiões os teus remorsos; senão... treme, porque a espada de justiça está alçada, e a tua vida depende de uma palavra! é ainda uma vez, vassallos! deponde as armas! e sereis perdoados! — O malvado opprimido de remorsos havia curvado a cabeça ante a verdade; mas os gritos de viva o Conde de Vilhena, o despertaram.

— Nunca! bradou elle furioso, acomettendo com a adaga feita, Henriques; o fogo das paixões, que ardêra occulto rompeu furioso, e uma lucta desesperada começou.

Porém no meio do tinir das adagas, que se cruzavam, dos brados de guerra, e dos arrancos de moribundos se levantou uma voz severa, e ousada; e ante ella os pelejadores suspenderam os golpes, olharam-se uns aos outros pasmados, e o furor de homens exasperados se sopeou em um momento. Abaixo as armas, vassallos, em nome d'ElRei! ou sereis castigados de vosso arrojo!

Quem era o homem, que assim fallava seguro e magestoso no meio da destruição, da morte, e do sangue? um elmo dourado lhe cubria a fronte; a sua viseira estava descida; na mão luzia-lhe a adaga; e no broquel estavam as armas do reino com a barra de bastardia! — á sua voz, e á vista dos seus homens d'armas, e besteiros os rebeldes obedeceram, e conhecendo que toda a resistencia era inutil, curvando as frontes meteram nas baínhas as adagas sanguentas.

Um homem só ousou resistir, e furioso commetteu o filho de D. Diniz! — Conde de Albuquerque, de ha muito te desejava encontrar! bradou elle rangendo os dentes, e agora deixarei a vida satisfeito, se te vir cahir!... ah! não! desta vez a minha vingança está no gume da minha adaga, e ..... a sua espada quebrou-se no elmo de fina tempera, e elle cahiu por terra de um golpe que o Conde lhe acenou sobre a cabeça: — prendei-o, mas não o mateis! bradou Affonso Sanches; mas o malvado, antes que o Conde acabasse, expirou traspassado de golpes ás mãos dos Cavalleiros.

— Fazei alçar a bandeira de Portugal sobre estas torres, disse o vencedor, e repouzae-vos um pouco antes de nos pormos de novo a caminho; e nós, Henriques, entremos!

— Nobre Conde, disse o Mancebo logo que chegaram á sala, segunda vez vos devo a vida, e a liberdade; oh! e sobre tudo a existencia de um pae! mas agora o Orfão já não é um ser abandonado, e mesquinho, e o Conde de Vilhena pagará a divida de gratidão ao seu bemfeitor. Ha pouco, só vos podia dar o meu sangue, e a minha vida, mas hoje deponho a vossos pés o meu nome, os meus vassallos, e os meus Castellos... e faria voar o meu pendão a par do vosso, atravez dos inimigos, que vos cercam. — Conde de Albuquerque, na boa ou má sorte vos seguirei sempre, e ou vencerei comvosco, ou a vosso lado terei morte de Cavalleiro!

— Senhor Conde, disse o velho D. Christovão, vós nos arrancaste de uma morte certa; e salvastes a vida do filho de minhas esperanças, que a minha bem curta será, e não me custaria perde-la! oh! séde um dia amado como pae pelos vossos filhos! como guerreiro sêde sempre victorioso e estremado! e como filho, querido de vosso pae, como hoje sois!... e agora eu me unirei a meu filho, e á frente dos meus vassallos vos seguirei ás pelejas! e a fortuna e o pendão dos Vilhenas, ou se erguerá avante com o vosso, ou cahirá

Digitized by Google

se a sorte nos fôr contraria, e as mesmas ruinas o cubrirão.

—Meus amigos, disse o Conde, nada me deveis; quando vinha já caminho destes logares, houve noticia do assalto e vencida que tivera a cavalgada do Alcaide, e logo me avancei para arrancar das mãos do Castellão, Henriques, e a nobre donzella; a victoria coroou os meus desejos. —Vossas offertas agradeço eu, mas a minha adaga não mais sahirá da bainha em guerras de partidos; a paz voltou a estes reinos, e não serei eu quem faça correr de novo o sangue dos meus. —Um só homem, dizia meu irmão, era causa desta lucta desastrosa!... e esse homem proferindo a paz sagrada dos povos, e o repouso de seu Rei, ao egoismo de seus interesses, jurou deixar para sempre a terra illustre de seus antepassados! sim, disse elle suspirando, arranquei-me dos braços de um pae que adoro; e orei pela ultima vez sobre o tumulo onde jazem os ossos de uma mãe querida, e longe da patria exalarei o ultimo arranco affastado das vistas dos meus!! mas o que é a sorte do malfadado proscripto, ante as lagrimas de um povo consternado!... morrerei sim esquecido, mas sobre os meus despojos não cahirá o anathema d'uma nação desesperada!... e agora Henriques, ou antes Conde de Villhena, disse elle com um sorriso melancolico, espero em pouco ver-vos disposado com a bella Maria, e á fé que serei por alguns dias vosso hospede no noivado!... se não receiais que o pobre Proscripto seja um convidado de máu agouro!

—Conde, na boa, ou má fortuna, serei vosso,... e com dôr vos vejo abandonar uma causa justa!... mas já que assim o quereis o Castello de Villhena será o vosso retiro até que cheguem tempos mais ditosos; e como com o vosso desterro acabou tudo o que me ligava a esta terra, vamos-nos todos caminho de Castella, e lá, disse elle olhando D. Affonso com hesitação, recebereis se o Alcaide consentir, e vos aprouver a minha desposada e a ventura!

—Sim! respondeu o Conde, e será a minha ultima acção de Principe,... e agora, disse elle suspirando de novo, partamos, que já é tempo!

Alguns tempos depois o pendão de Villhena se desfraldava avante nas altas torres do Castello, no meio das pompas e regozijos dos nobres, e vassallos; e na capella gothica onde repouzavam os seus antepassados recebia Henriques, ou antes D. Guiterres de Villhena a bella Maria das mãos do nobre Proscripto; e em quanto o velho Conde chorava de prazer, um suspiro de amargura sahia occulto do seio do Cavalleiro, que havia cedido honrosse poder aos interesses do seu povo, e o amor primeiro do seu coração, ao repouso e ventura d'um amigo!

Bernardim Ribeiro Pacheco, moço Fidalgo d'El-Rei D. Manoel, teve paixão pela Infanta D. Brites, filha do mesmo Rei; porem, como as virtudes d'esta Princeza, e o seu alto nascimento, constituiam impossivel a correspondencia, entrou em grandes sentimentos de tristeza, e querendo de alguma sorte aliviar a pena que o opprimia, escreveu muitos versos ás margens de ribeiros, e entre arvoredos copados, sendo argumentos d'elles a Infanta, ainda que com nome disfarçado. —No dia em que partiu a Armada, que conduzia esta Senhora para Saboya, foi elle para a Serra de Cintra, e no mais alto penedo, observou a sahida d'aquella esquadra.

O seu exaltado amor, o levou disfarçado a Turin, e em habito de mendicante, se declarou á Infanta, n'um dia em que ella repartia esmollas aos pobres, como costumava; porem ella com senceridade o reprehendeu mandando que sahisse da Corte, para o que lhe fez um donativo generoso, o qual não foi aceito. Voltando para Lisboa, foi morto de um tiro, e suspeitou-se, que poder mais alto, castigara d'esta sorte a sua inconsiderada paixão. —É célebre o livro que corre impresso, intitulado = *Saudades de Bernardim Ribeiro* =; porem esta obra, é hoje muito rara.

D. Jorge de Mello, Bispo da Guarda, amancebou-se com uma mulher chamada Anna de Mesquita, e d'ella teve filhos: isto deu causa, a que escrevessem na porta da Sé, em cuja Igreja dizem que nunca entrou em todo o tempo que foi Bispo, a seguinte quadra

Abbade, que deixa a Sé
Por se meter na Mesquita,
Mouro foi, e Mouro é,
Pois d'ella se não desquita.

A boa educação é a origem, e a raiz de uma vida virtuosa.

Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

b89008582512a
Digitized by Google

Digitized by Google

b89008582512

Digitized by Google